Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Romana Fonseca Alves de Andrade Xavier

Participação estudantil no Facebook: processos, modalidades e motivações

Janeiro de 2016

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Romana Fonseca Alves de Andrade Xavier

Participação estudantil no *Facebook*: processos, modalidades e motivações

Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Joaquim Silva Pinto
Professora Doutora Francisca Elisa de Lima Pereira

Janeiro de 2016

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 15 de janeiro de 2016

Romana F. Alves de Andrade Xavier

Romana Fonseca Alves de Andrade Xavier

Este trabalho foi apoiado pela Pro-Reitoria de Pesquisa e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em programa de cooperação internacional com a Universidade do Minho, custeado conforme a Resolução N° 67/2011-CONSUP/IFRN, atualizada pela Resolução n° 31/2014-CONSUP/IFRN.



“A alegria não chega apenas no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca."

Paulo Freire,
Pedagogia de Autonomia

Dedico aos meus pais, marido e filhos, com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado o caminho da minha vida em direção a realização deste sonho.

Aos meus pais, Elisabete e Francisco, ao meu marido Ricardo e aos meus filhos Fernando, Isabel e Maria, amores que me inspiram, fortalecem e dão sentido a quem sou e a tudo que faço.

Ao meu professor Dr. Manuel Pinto, pelos constantes ensinamentos, tranquilidade, confiança e encorajamento, além dos laços de amizade tão fundamentais a este trabalho.

À professora Dra. Francisca Elisa pela disponibilidade, afeto e apoio preciosos.

À minha amada vovó Nazaré pela lição de que "a vida é bela" sempre, mesmo nas dificuldades.

Aos meus sogros Leila e Luiz Antônio pelo carinho e apoio essenciais, em todos os momentos.

Aos meus irmãos e cunhados pelos exemplos e incentivo tão inspiradores nesta trajetória.

Às queridas Cássia, Carolina e Manuela, pelas cuidadosas revisão, tradução e formatação.

Minha gratidão aos amigos do IFRN, em especial a Tânia, pelo estímulo e compreensão que nunca faltaram.

Participação estudantil no *Facebook*: processos, modalidades e motivações

RESUMO

No presente estudo, buscou-se entender a participação estudantil na plataforma do *Facebook,* a partir das motivações dos partícipes e de como se configura o processo participativo no ambiente digital. Para tal, foi necessária a adoção de técnicas qualitativas como grupo focal e análise exploratória da conversação. Nesse sentido, as técnicas se fizeram complementares, para o alcance de uma compreensão ampliada do contexto.

O quadro teórico desta tese tem como referencial o contexto digital, tal como configurado pelo desenvolvimento da internet e pelas redes sociais, e as transformações relativas às formas de participação, comunicação e socialização entre as pessoas, nesse contexto desenvolvidas. Assim, na primeira parte, a pesquisa procedeu à revisão de literatura em torno de conceitos como participação, culturas juvenis e redes sociais, apoiada em autores como Henry Jenkins, Jurgen Habermas, Manuel Castells, Raquel Recuero, Paulo Freire, entre outros.

A componente empírica da investigação centrou-se na análise da participação em torno de movimentações estudantis no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, tomando como base os reflexos destes processos numa página interna do *Facebook*. A metodologia incidiu sobre as diferentes modalidades de conversação e participação naquela rede social e, recorrendo a grupos de foco, aos factores motivacionais associados a essas modalidades.

A conclusão desta investigação ressalta a importância das relações sociais e do protagonismo juvenil como norteadores dos processos participativos. Mais ainda, esses aspectos direcionam as conversações em rede, a partir dos laços sociais e do desejo de exercer o protagonismo em sua própria rede social.

Palavras-chave: participação; redes sociais; culturas juvenis, conversação

Student participation on *Facebook*: processes, methods and motivations

ABSTRACT

In the present study, we sought to understand student participation in the *Facebook* platform, from the participant motives and of the participatory process in the digital environment configuration. For such, it was necessary to adopt qualitative techniques such as focus groups and conversation exploratory analysis. In this sense, the techniques became complementary to achieve a broader understanding of the context.

The theoretical framework of this thesis has reference in the digital environment, as configured by the development of the Internet and the social networks, and the changes relating to the forms of participation, communication and socialization among people in this context developed. Thus, in the first part, the research proceeds a review of the literature around concepts such as participation, youth cultures and social networks, based on authors such as Henry Jenkins, Jurgen Habermas, Manuel Castells, Raquel Recuero, Paulo Freire, among others.

The empirical component of the research focused on the analysis of participation around student movements at the Federal Institute of Rio Grande do Norte, based on the reflections of these processes in an internal *Facebook* page. The methodology focused on the different forms of conversation and interest in that social network, using focus groups, the motivational factors associated with these modalities.

The conclusion of this research underscores the importance of social relationships and youth participation as guiding participatory processes. Moreover, these aspects direct the networked conversations from social ties and the desire to be a protagonist in your own social network.

Keywords: participation, social networks, communication, youth culture, conversation

ÍNDICE

Introdução 1

1. Comunicação, participação e democracia 5

1.1 Introdução 5

1.2 Diversas formas de participação 6

1.3 Mídias de massa e as relações sócio-participativas com o público 7

1.4 Comunicação e a reciprocidade: um fluxo de via dupla 10

1.5 Comunicação democrática versus comunicação dominadora 13

1.6 Participação e democracia: uma relação comunicativa 15

1.7 Participação em rede: uma comunicação entre pessoas através da tecnologia 17

1.8 Democracia, participação, cidadania e comunicação: pilares convergentes ... 20

1.9 Redes sociais digitais e suas ferramentas participativas: uma ponte para cidadania 23

1.10 Conclusão 25

2. Jovem: da busca pela identidade ao protagonismo social 27

2.1 Juventudes: uma definição em debate 27

2.2 As culturas juvenis 30

2.3 Breve histórico da juventude 32

2.4 Paradigmas das juventudes 34

2.5 Outras formas de participação juvenil 41

2.6 Os jovens e a escola 41

2.7 Jovens, a mídia e a tecnologia 47

2.9 Conclusão 54

3. Redes sociais: da cultura da convergência às mobilizações sociais 57

3.1 As mídias e a sociedade: um panorama geral 57

3.2 Redes sociais em ambiente digital: uma realidade omnipresente 58

3.3 Público em rede: participações plurais e sentimentos diversificados 60

3.4 Tempo e espaço: mudanças sócio culturais, questões de contexto 64

3.5 Cultura colaborativa, autorrepresentação, relação e sociabilidade e vigilância em rede 67

3.6 Conversações em rede: riscos e contextos fora do controle 71

3.7 Sociedade em rede: cidadania digital, problemas comunicativos e demanda por criticidade coletiva 76

3.8 Cultura em rede: iguais oportunidades e contextos assimétricos 82

3.9 Das habilidades ao capital social 83
3.10 Do desenvolvimento do senso crítico à capacidade de mobilização..... 87
3.11 Conclusão..... 93

4. Percurso metodológico: um caminho de escolhas estratégicas..... 95
4.1 Contextualização: o IFRN e seus estudantes 96
4.2 Metodologia: dos temas geradores aos critérios de escolhas técnicas 96
4.3 Grupo focal: uma técnica apropriada às motivações 100
4.4 Conversação em rede: análise exploratória da conversação 106
4.5 Conclusão..... 112

5. Marcas da participação estudantil no *Facebook*: uma conversação pública 115
5.1 Plataforma e ferramentas: a importância delas para a participação 117
5.2 A análise das postagens do grupo do IFRN: uma investigação exploratória cruzada 119
5.3 Contexto participativo: um panorama da frequência de utilização das ferramentas..... 120
5.3.1 Curtir: o mais usado e o menos expressivo..... 120
5.3.2 Compartilhar: uma utilização direcionada à coletividade..... 122
5.3.3 Comentar: uma frequência em debate..... 123
5.3.4 Publicar: o começo de uma conversação..... 125
5.4 Conversação em curso: um ambiente de assimetrias 126
5.5 Ferramentas participativas e sua utilização no grupo do IFRN 131
5.6 Curtir, Compartilhar, Comentar e Publicar..... 145

6. Análise dos grupos focais: fatores condicionantes..... 151
6.1 Introdução 151
6.2 Falta de acessibilidade: a distância que pode estar perto 161
6.3 Acessibilidade e representatividade: outras abordagens..... 163
6.4 Cultura de repressão: a hierarquia que (im)põe o medo 166
6.5 Cultura da passividade e falta de tempo: a acomodação dos incomodados.. 168
6.6 Cultura de desmobilização: quando a inércia de muitos desmotiva a maioria 168
6.7 Identificação e inserção em grupos autônomos: uma combinação favorável 169
6.8 Vontade: um desejo por fazer parte 170
6.9 Problemática: quanto mais próxima, maior a sensibilização 170
6.10 Efeito viral: a união de muitos 172
6.11 Cidadania: um bem que faz bem..... 173

6.12 Responsabilidade social: um compromisso coletivo 174
6.13 A participação e o uso das ferramentas no *Facebook*: modalidades e significados diferentes..... 175
6.14 Curtir: a mais usada e menos expressiva das ferramentas 178
6.15 Compartilhar: uma partilha que viraliza 181
6.16 Comentar: muito além do disse-me-disse 184
6.17 Publicar: o começo do processo conversacional..... 186

7. Conclusão..... 191

Referências bibliográficas 197

Anexos 1
Anexo 1 – Postagens *Facebook* – grupo IFRN..... 1
1.1 Postagem #1 – 31 de julho de 2013..... 1
1.2 Postagem #2 – 22 de agosto de 2013 4
1.3 Postagem #3 – 03 de setembro de 2013 7
1.4 Postagem #4 – 26 de setembro de 2013 8
1.5 Postagem #5 – 26 de setembro de 2013 15
1.6 Postagem #6 – 24 de setembro de 2013 17
Anexo 2 – Transcrição dos grupos focais 19
Grupo focal 1 – tempo de gravação: 2:13:13 19
Grupo focal 2 – tempo de gravação: 2:28:10 63
Grupo focal 3 – tempo de gravação: 1:36:04 126
Grupo focal 4 – tempo de gravação: 0:37:01 172
Grupo focal 5 – tempo de gravação: 1:27:57 200

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 3. 1 – Valores indicados por Recuero (2009, p.114) 87

Tabela 6. 1 – Orientação para transcrição de textos falados, proposta por Preti 157

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 5. 1 – Quantidade de Ações realizadas no Grupo do *Facebook*, por tipo ... 121

Gráfico 5. 2 – Interagentes: a quantidade de participantes em cada postagem 129

Gráfico 5. 3 – Participação: os mais engajados representam a maioria participante ou não..... 130

Gráfico 6. 1 – Perfil dos participantes dos grupos focais 152

Gráfico 6. 2 – Presença de amigos no mesmo grupo focal..... 153

Gráfico 6. 3 – Faixas etárias dos grupos focais 154

Gráfico 6. 4 – Escolaridade dos participantes no momento do estudo..... 154

Gráfico 6. 5 – Distribuição por Campus e ex-alunos..... 155

Gráfico 6. 6 – Participação em coletivos e associações estudantis..... 155

Gráfico 6. 7 – Participantes do grupo IFRN no *Facebook* 156

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 5. 1 – Publicação #4 do Grupo no *Facebook* 137

Figura 5. 2 – Publicação #6 do Grupo no *Facebook* 138

Figura 5. 3 – Comentários das diversas postagens do Grupo no *Facebook* 138

Figura 5. 4 – Postagem #5 do Grupo do *Facebook* 140

Figura 5. 5 – Postagem #3 do Grupo no *Facebook* 142

Figura 5. 6 – Postagem #1 do Grupo no *Facebook* 143

Figura 5. 7 – Exemplos do uso da ferramenta Comentário 145

Figura 5. 8 – Exemplo do uso da ferramenta Publicação 146

Figura 5. 9 – Exemplos do uso da ferramenta Publicação..... 147

Figura 5. 10 – Exemplos do uso da Ferramenta Comentário..... 148

INTRODUÇÃO

A presente tese trata a respeito da participação estudantil no âmbito das redes sociais, mais especificamente na plataforma do *Facebook*. A pesquisa em questão surgiu a partir do interesse por entender as motivações e os fatores intervenientes no processo participativo conversacional o qual os alunos e ex-alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) vivenciam em rede.

O objeto de pesquisa da tese, uma página coletiva criada espontaneamente por alunos do IFRN, com objetivo de debater e divulgar à comunidade escolar assuntos relacionados à escola e as demandas dos estudantes, congrega discentes, ex-discentes, docentes e funcionários administrativos que foram convidados a fazer parte do grupo exatamente por terem vínculos com a Instituição.

Na página, mantida pelo grupo, é notória a frequência de participação do público estudantil, através das diversas modalidades ofertadas na plataforma: Postar, Curtir, Comentar e Compartilhar. No entanto, não se observa a mesma realidade contextual quando se refere aos funcionários e professores que, em sua quase totalidade, permanece em uma participação silenciosa, apenas na condição de membros do grupo.

É importante ressaltar que os alunos e ex-alunos debatem temas internos e exterrnos referentes a cultura, esporte, lazer, eventos científicos, economia, política e especialmente trazem à tona relatos a respeito do cotidiano escolar sejam elogiosos ou com críticas negativas. Com constância, eles se utilizam da página para, a partir dos problemas relatados, debatidos e compartilhados uns com os outros, propor soluções que se manifestam muitas vezes através de reuniões, abaixo-assinados, boicotes, assembleias, greves, manifestações, eventos. Em outras palavras, as participações, de maneira geral, especialmente aquelas relacionadas ao cotidiano escolar, ou seja, aquelas que os afetam diretamente, não permanecem exclusivamente na fase do debate e das reclamações migram, muitas vezes, para a busca por soluções, numa espécie de cultura participativa coletiva que gera mobilizações práticas.

Nesse contexto escolar diversificado e multifacetado, no qual convergem a vida *offline e online*, com partícipes mais e menos envolvidos, surgiu o interesse por entender os processos conversacionais e participativos em rede, nos quais há riscos

relacionais envolvidos. Além das motivações, o foco da pesquisa também procura entender como ocorrem as conversações participativas, através de quais modalidades elas se concretizam e em que medida elas expressam menos ou mais envolvimento dos intervenientes e importância valorativa das participações relativamente aos conteúdos em pauta. Assim, se objetiva conseguir delinear um panorama mais profundo e abrangente para compreender a participação estudantil do IFRN no *Facebook*, partindo da sua engrenagem (motivações) ao processo participativo em si.

Com esses objetivos delineados, se optou por uma pesquisa de caráter qualitativo, a partir de uma análise exploratória do conteúdo publicado na plataforma. Dessa forma, serão investigados os dados na constituição do próprio corpus e as nuances contextuais dessa composição. Assim, será mais possível compreender as motivações, o processo participativo e como ele se configura.

Para enquadrar e fundamentar teoricamente esta pesquisa, buscou-se levar em consideração estudos centrados nos conceitos de participação e na fenomenologia das redes sociais, considerando particularmente os segmentos juvenis e a fase formativa e de socialização em que se encontram. Nesse sentido, foram especialmente relevantes para o estudo autores como: Henry Jenkins, Jurgen Habermas, Manuel Castells, Raquel Recuero, Paulo Freire, Mário Kaplun, Catherine Kerbrat-Orechionni, André Lemos, Alex Primo, Manuel Pinto, Helena Abramo, José Machado Pais, Ismar de Oliveira Soares, entre outros.

Desse modo, a tese se apresenta estruturada em duas partes: a primeira abarca três capítulos de natureza predominantemente teórica e a segunda se constitui essencialmente de matéria empírica, formada por três outros capítulos: o primeiro deles aborda as escolhas metodológicas e os dois últimos são dedicados às análises do material coletado, com suas respectivas conclusões.

Na parte inicial, como exposto, o estudo se desenvolve a partir de reflexões teóricas, inicialmente sobre os contextos participativos na sociedade, com foco direcionado para suas relações com a comunicação e as diferentes mídias que podem compor os processos relativos à participação. Nesse sentido, são trazidos à tona conceitos contextuais importantes que estão diretamente interligados às relações sociais,

econômicas e de poder, assim como as transformações tecnológicas e as mudanças culturais referentes aos processos participativos.

Em sequência, são abordadas as especificidades que envolvem as culturas juvenis, com desdobramentos teóricos que vão desde a concepção de juventudes até as formas de socialização que envolvem esses públicos. Nessa linha de pensamento, são trazidos à tona estudos sobre os diversos tópicos que remetem a esse universo como: a polêmica definição de juventudes, as diversas formas de participação juvenil, o contexto escolar e a relação dos jovens com a tecnologia, além da formação e socialização do público alvo dessa pesquisa.

Em continuidade à parte teórica, o último dos três primeiros capítulos é dedicado às redes sociais para que sejam contextualizadas as transformações sócio-culturais e tecnológicas referentes às novas mídias. As mudanças dessa natureza têm relevância extrema para o entendimento dos novos paradigmas participativos que emergem a partir dos processos conversacionais em rede. Assim, nesse capítulo, são abordados temas contributivos para a construção do panorama em que o objeto desse estudo se enquadra, como os seguintes: a onipresença da rede, as novas relações de tempo e espaço, as participações plurais e os elos sociais a partir dos sentimentos diversificados, a cultura colaborativa, a autorepresentação, as conversações em rede, os riscos e as novas demandas conversacionais, o desenvolvimento do senso crítico e o potencial de mobilização das pessoas, entre outros.

Após essa parte teórica, estruturada em três capítulos, segue a parte empírica, que é construída pelo capítulo metodológico e mais dois dedicados às análises e suas conclusões. No primeiro capítulo dessa segunda etapa, são apresentadas as direções tomadas e as razões dessas escolhas metodológicas para o alcance dos objetivos planejados na pesquisa. Assim, como detalhado nesse capítulo, o estudo é de aspecto qualitativo e as técnicas eleitas como mais apropriadas foram as de grupo focal e de análise exploratória da conversação. A primeira teve como foco principal compreender as percepções e sentimentos dos partícipes sobre as motivações associadas às participações em rede no grupo estudado, enquanto a segunda técnica propiciou a compreensão analítica da configuração do processo participativo em sua própria plataforma digital. Nesse capítulo, portanto, foi possível compreender melhor as escolhas técnicas e as razões pelas quais elas foram feitas.

Na sequência, estão os capítulos analíticos. O primeiro deles refere-se à análise das postagens e de como se configura o processo conversacional e participativo entre os atores envolvidos no processo. Nesse sentido, foram analisados os possíveis significados referentes ao uso das ferramentas participativas disponíveis, a intensidade dessa utilização, os valores contributivos e a repercussão dessas participações em rede assim como os contextos que suscitam tais intervenções e a importância das relações sociais para a expressão dessas conversações.

É importante ressaltar que a análise das postagens antecedeu a dos grupos focais propositalmente para que a compreensão sobre como se configura o processo participativo, mediante a análise exploratória na plataforma, fosse realizada sem influências das percepções dos partícipes. Dessa forma, a segunda análise, mais precisamente relativa à técnica dos grupos focais, foi realizada, de maneira a complementar o entendimento sobre o processo participativo estudantil, sem o risco de direcionar a primeira análise.

O segundo capítulo analítico relaciona-se, como enfatizado, à compreensão das motivações que levam ou não os partícipes a expressarem-se nos contextos conversacionais investigados. Para tal, foram considerados os fatores propulsores e bloqueadores expressos, a partir das participações dos atores nos grupos focais. Nesse sentido, através da análise de conversações nos grupos, foram sistematizados alguns pontos-chave que podem vir a influenciar no processo de promoção e de inibição dos contextos sócio-participativos em rede, mais especificamente no *Facebook.*

1. COMUNICAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, será feita uma reflexão sobre as modalidades participativas, inclusive nas redes sociais e os contextos sociais que se estabelecem em decorrência delas. Para isso, serão tratados desdobramentos a respeito dos seguintes subtemas: comunicação, participação, democracia, cidadania e educação.

Nesse direcionamento, serão discutidas algumas perspectivas sobre os processos participativos nos meios de comunicação, tanto nas mídias de massa quanto nos sites de redes sociais, mais especificamente o *Facebook*. Assim, serão analisados alguns tipos de ferramentas disponíveis os contextos em que elas viabilizam participações comunicativas, dos usuários em rede como também as mudanças culturais associadas a essas.

Como a problemática da participação fundamenta os capítulos posteriores, além de particularmente amplo e que envolve diversos contributos teóricos, é o primeiro, pois constituirá a base para que possam ser estruturadas as reflexões subsequentes, tanto no tocante às culturas juvenis como às próprias redes sociais.

Esse capítulo tem como foco as modalidades participativas midiáticas, mais enfaticamente aquelas que se configuram no ambiente *online*, especificamente no site de rede social *Facebook*. Esse recorte dá-se no sentido de tornar mais objetiva a discussão, de forma a não perder o direcionamento teórico sobre o objeto de pesquisa. Assim, as perspetivas teóricas utilizadas foram escolhidas para contribuir com um melhor entendimento de como se estrutura o processo participativo em rede e quais fatores que podem vir a influenciar a concretização dessa participação comunicativa. Para isso, fez-se necessário também realizar, em alguns momentos, associações com realidades mais ampliadas e complementares que envolvem o panorama contextual da participação em sociedade.

Objetiva-se, assim, compreender melhor o ecossistema participativo nas esferas comunicativas e assim perceber as relações sociais que se estabelecem e os fatores condicionantes delas. Para isso, um dos caminhos pode ser conhecer as formas nas quais as pessoas se organizam coletivamente, mediadas pelos meios de comunicação,

e verificar como ocorrem os processos de participação nesses espaços. Em outras palavras, é a partir dos conceitos de participação e comunicação social que assentamos essa investigação. Diante de tais discussões iniciais, pode ser possível visualizar as relações participativas, comunicativas, sociais e políticas que se entrelaçam nos processos sociais.

1.2 DIVERSAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO

Para se compreender o significado de algum conceito, muitas vezes, é necessário recorrer não apenas à definição teórica dele, mas fazer referência ao seu oposto, explicitando o que ele não significa. Nesse tipo de abordagem, dá-se uma perspectiva mais completa do panorama que se relaciona diretamente com a temática. Assim, são pertinentes, para um melhor entendimento, reflexões teóricas a respeito de modalidades participativas, relacionados e não à comunicação, e de contextos comunicativos integrados e não à participação. Dessa forma, será mais possível ampliar os desdobramentos a respeito do assunto central da tese e assim pensar sobre como se configura a participação nos sites de redes sociais e quais fatores motivacionais associados a essas modalidades participativas expressas nas novas mídias.

Nesse sentido, é preciso dizer que os verbos *"participar"* e *"comunicar"* guardam em si um elo constitutivo essencial: a comunhão. Dependendo dos contextos em que se instauram, ambos podem contribuir e convergir para esse ponto em comum, que remete a contextos de compartilhamento. Situações tanto de participação comunicativa quanto de comunicação participativa são estruturadas na interação com o outro, portanto, nesses contextos existe um caminho de via dupla no qual o fluxo de conteúdo acontece no espaço *"entre",* em que a comunhão de um com o outro torna-se peça-chave.

Porém, é preciso clarificar também que tanto podem ocorrer modalidades de participação não comunicativas, como pode haver comunicações não participativas. Quando se pensa, por exemplo, no próprio ambiente dos sites de redes sociais, em princípio mais facilmente interativo, mas no qual os usuários podem participar, acessando e visualizando os conteúdos publicados pelos demais partícipes sem necessariamente comunicarem-se para isso. Trata-se de uma participação silenciosa e

que pode ser até bem mais frequente do que aquelas comunicadas, que são passíveis de visualização para as pessoas. Nesse contexto, segundo Recuero (2014), muitos internautas inclusive se sentem inibidos a participar publicamente nos grupos desses sites, por receio de riscos à face, conceito apresentado por Goffman (1993). Esse tipo de ameaça, que se relaciona diretamente às imagens que os outros constroem a respeito de alguém, pode pôr em risco não necessariamente o processo participativo, mas a manifestação dele na modalidade comunicativa. Ou seja, os riscos referem-se à participação comunicativa pública nesses sites, concretizada através das ferramentas participativas que se encontram disponíveis aos usuários.

1.3 MÍDIAS DE MASSA E AS RELAÇÕES SÓCIO-PARTICIPATIVAS COM O PÚBLICO

Da mesma maneira, a comunicação também pode acontecer de diferentes formas e não exclusivamente de maneira participativa. A prática comunicativa, muitas vezes, se opõe à natureza participativa do outro enquanto sujeito ativo, a exemplo da comunicação dominadora referendada por Kaplún (1998). Na sociedade, as mídias de massa, enquanto suportes de mediação social, estão associadas às esferas comunicativas da coletividade. Porém, por mais paradoxal que possa parecer, à medida que esses meios de comunicação aumentavam sua abrangência comunicativa, enviando conteúdos para muitos ao mesmo tempo, menor configurava-se o potencial participativo das pessoas para as quais eram direcionadas as mensagens. Há então uma relação inversamente proporcional entre uma participação comunicativa dos cidadãos e o alcance comunicacional das mídias de massa. Esses meios direcionam seus conteúdos às pessoas, porém elas pouco tomam parte dos contextos participativos enquanto sujeitos comunicadores ativos e autônomos.

Donas (2010) afirma que as mídias de massa, antes do advento da Internet, são caracterizadas por natureza profundamente assimétrica: um fala e muitos escutam; um aparece e diversos observam, com fluxos de conhecimentos hierarquicamente movimentados do centro para a periferia. O conteúdo surge pronto, o que acentua as desigualdades de participação e comunicação. Nesse sentido, poucas são as oportunidades de participação comunicativa ofertadas às pessoas pelas mídias tradicionais e as que existem são moldadas a agendadas, criadas por minorias. Percebe-se, portanto, que, embora haja episódios de participação como fóruns,

enquetes, participações ao vivo ou entrevistas em que as pessoas têm um certo potencial participativo, dificilmente essa participação comunicativa é pautada pela autonomia e liberdade de expressão. É importante enfatizar que, durante algum tempo, no início do surgimento da internet, essas relações comunicativas assimétricas ainda predominavam no ambiente *online*, época em que ainda havia pouca participação comunicativa das pessoas na rede.

A comunicação dominadora, pensada por Kaplún (1998), constitui-se então estruturalmente com a mesma lógica apresentada pela proposição de educação bancária identificada por Freire (1974), na qual o professor é o detentor único do conhecimento e, durante o processo de ensino-aprendizagem, *"deposita"* o conteúdo nos alunos através de uma transferência vertical. Segundo a classificação de comunicação dominadora kapluniana, enquanto cumpre a função de emissores da dita verdade aos que *"não sabem",* os meios de comunicação de massa seguem entregando respostas e ideias prontas ao público, por mais libertadoras e progressistas que possam ser seus conteúdos. Assim, colaboram para uma comunicação não participativa, vertical e unidirecional. No entanto, é preciso ressaltar que as próprias pessoas são corresponsáveis pela perpetuação dessa cultura de não participação social comunicativa, na medida em que uma cultura não é resultado exclusivo de processos tecnológicos midiáticos e sim é também fruto de um processo social das pessoas.

De acordo com Briggs e Burke (2004), cada vez mais, estabelecia-se assim uma relação de dependência, intimidade e proteção entre as pessoas e as mídias de massa, e esses meios passavam a ser utilizados sistematicamente durante atividades de trabalho, lazer, informação e educação. As mídias de comunicação de massa, no decorrer das gerações, parecem ter colaborado para reforçar em parte das pessoas uma certa desintegração social, em que a participação e a comunicação acontecem de forma dissociadas. Em outras palavras, embora parcialmente conectados, os cidadãos se associam a processos comunicativos pouco participativos e a contextos participativos onde a comunicação é deficitária. Assim muitas pessoas se habituam a delegar às instituições, sejam aos poderes legalmente instituídos ou às grandes mídias de massa, a maior parte do fazer sócio-cultural e político, tanto no que se refere à deliberação sobre assuntos de interesse coletivo quanto às ações decorrentes dela.

Segundo Sala (2011), os meios de comunicação de massa reconfiguraram, em diversas culturas, o sentido que é remetido à família, à questão laboral, ao tempo livre, à identidade nacional e ao próprio significado que se tem da vida. Dessa forma, é possível perceber que a presença desses meios massivos de comunicação na sociedade ganhou dimensões muito além daquelas esperadas por seus inventores. Ou seja, por um lado, a evolução das mídias de massa se deu para agilizar e servir às relações sociais entre as pessoas, facilitando a integração entre os povos de diferentes nações e prestando serviços importantes a esses, inclusive a própria divulgação de informações públicas, por outro, paradoxalmente, no decorrer dos anos, essas mesmas mídias contribuíram para um processo de isolamento e dissociação social, mais especificamente no tocante aos processos participativos comunicacionais. Gradativamente, a intensificação da integração das pessoas com esses sistemas midiáticos colaborou para a redução da cultura social participativa e do potencial comunicativo entre os cidadãos.

No entanto, é preciso considerar que os fatores que influenciam os contextos participativos estão além da esfera referente aos meios de comunicação, tanto sobre a existência de uma postura participativa inativa, de algumas pessoas, quanto também no que diz respeito a uma cultura participativa comunicativa, em parte dos cidadãos. Os processos participativos comunicativos, da maneira como eles se configuram atualmente, dizem respeito também à tecnologia, sem a qual não seriam da forma como são, porém, não se restringem a ela. Comunicar-se socialmente implica interagir com os demais, transmitindo a essas pessoas valores, desejos, pensamentos, experiências, reflexões, sentimentos e razões que povoam o repertório particular de cada cidadão enquanto indivíduo único e idiossincrático. Dessas relações ambivalentes e complementares (indivíduo *versus* sociedade e mundo real *versus* mundo virtual), segundo Recuero (2014) podem nascer as concordâncias e também os essenciais conflitos, latentes e explícitos, que permeiam a arena das ideias no processo deliberativo entre os partícipes. De acordo com Primo (2007), as divergências, além de naturais, alimentam um processo vital ao organismo social para que ele se renove e evolua. Assim, os conflitos são necessários às transformações e melhoria social, por isso a capacidade de superação dos mesmos está diretamente relacionada à construção de uma democracia.

Nesse fazer democrático, instauram-se dinâmicas sociais de interação. Segundo Elias (1994), é na relação humana de reciprocidade que reside um sistema social de construção argumentativa. A relação participativa e mútua acontece diariamente e, de acordo com Habermas (2012), dá-se através de uma ação de racionalidade comunicativa entre as partes, propiciada por um debate argumentativo e deliberativo das manifestações de cada interlocutor. Os sujeitos sociais podem se inserir na construção do mundo em que vivem, na medida em que participam do processo deliberativo sobre os temas de interesse coletivo. De acordo com o autor, é essa agenda pública que precisa ser construída e debatida socialmente, através da participação dos cidadãos na *"esfera pública".* Segundo Habermas (1984, p. 16), essa esfera surgiu a partir do momento em que houve uma distinção entre os conceitos de público e privado, ocorrida em função da evolução e da pressão exercida pelo capitalismo burguês sobre as monarquias e parlamentos:

> "Contraposta à esfera privada, destaca-se a esfera pública como um reino da liberdade e da continuidade. Só a luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas se verbalizam e se configuram; na disputa dos pares entre si, os melhores se destacam e conquistam a sua essência: a imortalidade da fama".

1.4 COMUNICAÇÃO E A RECIPROCIDADE: UM FLUXO DE VIA DUPLA

Na visão de Habermas (2012), o agir comunicativo seria assim uma relação interativa de via dupla em que os partícipes expressam seus posicionamentos, mediante uma exposição pública para que, após uma deliberação, busque-se um consenso, legitimado racionalmente pelos partícipes. Em outras palavras, é no confronto dos diferentes pensamentos que, após argumentações e contestações, pode vir a ocorrer a consolidação de uma opinião pública, validada socialmente. No entanto, conforme o autor, para essa deliberação, faz-se necessário haver acessibilidade a conteúdo informativo por partes dos envolvidos.

A deliberação, inserida no contexto argumentativo, traz à tona um conceito de racionalidade comunicativa, necessária aos partícipes que interagem na construção de um desenvolvimento crítico comunicacional. É preciso que haja uma efetiva

capacidade de convencimento daquilo que é expresso por um sujeito social aos demais e esse processo relaciona-se à legitimação do conteúdo pelo grupo, de acordo com Habermas (2012).

No ato deliberativo, a busca pelo consenso se dá imprescindivelmente através de um agir comunicativo racional, mesmo que não se alcance o entendimento entre as partes. Habermas (2012) ainda afirma que, para ser racional, uma comunicação precisa ser bem fundamentada, com pretensões de validade em sua expressão e passível de crítica pelo outro partícipe. Ou seja, é necessário pensar que cada sujeito social, numa ação comunicativa ou mesmo numa ação prática no mundo objetivo, terá mais êxito na sua meta quanto mais acreditar e manifestar essa credibilidade de que há, em suas atitudes, uma intenção de validade. Isto é, existe uma relação direta entre a fundamentação das ações, as proposições de validade e as razões comunicadas.

No que se refere à exteriorização do saber racional diante do grupo, há, na visão do autor, três esferas: o mundo objetivo, o subjetivo e o intersubjetivo. Esses três mundos se interligam. O primeiro diz respeito aos aspectos da natureza, o segundo à esfera intrínseca de cada indivíduo e o terceiro ao *mundo da vida.* Esse último é partilhado simbolicamente e vivenciado culturalmente pelo grupo. Para deliberar-se sobre o mundo objetivo, passa-se pelo subjetivo, inerente à especificidade de cada um fazendo uma migração para o mundo intersubjetivo vivenciado pela coletividade. Por isso, paradoxalmente, segundo Habermas (2012, p. 10) para se atingir o mundo objetivo, através do agir comunicacional, é preciso que o conceito dele seja abstrato:

> "O conceito abstrato de mundo é condição necessária para que os sujeitos que agem comunicativamente possam chegar um entendimento mútuo sobre o que acontece no mundo ou sobre o que se deve fazer nele. Com essa prática comunicativa, eles ao mesmo tempo se asseguram do contexto vital que têm em comum, isto é, de seu mundo da vida intersubjetivamente partilhado. Esse mundo se vê limitado pelo conjunto das interpretações pressupostas pelos integrantes, que consistem em um saber fundamental".

Assim, na ação racional comunicativa entre os mundos, o intento de legitimação da comunicação proposta é fundamental. É essa intenção que está no cerne da deliberação e contribui para instaurar uma construção de consenso entre os partícipes,

mediante a superação dos entraves comunicativos e dos embates de pensamento. Segundo Toro (2005), esses conflitos não caracterizam relações negativas e sim de pluralidade e oposição, na medida em que pessoas diversas, com interesses divergentes buscam atingir sua própria meta. Então, segundo o autor, a paz não seria a inexistência de entraves entre as partes, mas sim o reflexo da habilidade que a sociedade adquire continuamente no processo de criação e submissão às próprias regras, para aprender a lidar com as diferenças. Olhando para essas perspectivas, pode-se afirmar que, apesar de haver uma cultura comunicativa horizontalizada, em curso nas novas mídias, ela não exclui a existência de polêmicas, divergências e mesmo relações verticalizadas, em dados momentos, entre os cidadãos. É preciso ressaltar que as participações comunicativas construídas continuamente nos sites de redes sociais são resultado das relações sociais e expressões subjetivas de indivíduos da própria sociedade e, por isso mesmo, plurais e constituídas de contrastes. Esses sites, por sua vez, remetem para ambientes em que facilmente ocorrem conflitos e a existência deles é necessária para a própria evolução social, enquanto caminho de aprendizagem e superação de entraves para saber lidar com as diferenças.

De acordo com Freire (1974), o caminho para o desenvolvimento da criticidade aponta para a inserção dialógica com o outro, na realidade problematizadora, aquela que desafia o homem a pensar sobre o mundo no qual vive. A comunicação participativa, pressupõe, então, a existência de uma comunicação dialogal, em que há um fazer comunicacional coletivo e reflexivo, no qual a todos é dado o direito à voz, reflexão e argumentação. O aprendizado coletivo de uma organização social, alcançado mediante o diálogo racional entre os sujeitos sociais, pode ocorrer por intermédio da educação libertadora apontada por Freire (1974), aquela em que o indivíduo pode ser considerado participante ativo, protagonista de uma transformação coletiva e também individual, capaz de ensinar e também de aprender a pensar e a agir sobre o mundo. É nesse tipo de relação dialógica que a racionalidade comunicativa pode vir a acontecer diariamente. Dessa forma, a visão freiriana sobre o pensar crítico reforça o pensamento de Habermas (2012), que vê no agir comunicativo a engrenagem para a racionalidade, a participação e as interações sociais.

Na visão de Freire (1974), o diálogo é condição da existência humana, e é a partir dele que os sujeitos agem e refletem, para transformar e humanizar esse mundo, em um processo que vai muito além de um fornecimento ou mesmo troca de conteúdo. Trata-se, então, da comunicação entre sujeitos que desenvolvem e protagonizam uma relação dialógica entre si acerca do mundo, em busca da concretização de uma sociedade democrática.

1.5 COMUNICAÇÃO DEMOCRÁTICA VERSUS COMUNICAÇÃO DOMINADORA

Segundo Kaplún (1998), a construção do mundo democrático pode se dar entre as pessoas, em um processo criado coletivamente por e para eles, alimentado por uma comunicação em que predominam a participação e a deliberação. Assim, há dois tipos divergentes de comunicação: a dominadora e a democrática. As caraterísticas da primeira são monólogo, poder, verticalidade, unidirecionalidade, monopólio e concentração em minorias. Já a segunda tem como fatores principais constituintes o diálogo, a comunidade, a horizontalidade, a via dupla, a participação e estar a serviço das maiorias. Portanto, a democrática caracteriza-se pela participação ativa das pessoas, na qual lhes é dada por princípio uma equiparação de oportunidades comunicativas, por isso mesmo associada ao conceito de democracia.

Para compreender melhor o contexto das comunicações democrática e dominadora e de suas relações com a organização sócio-política, pode ser necessário pensar sobre o significado da palavra "democracia" que, segundo Toro (2005), é uma forma de construção cotidiana de relacionamentos, na qual depreende-se uma vivência social, construída diariamente por todos os que nela convivem e, para tal, há de se aceitar o outro na sua diferença, tratando-o paradoxalmente como igual no que se refere aos direitos e oportunidades individuais de livre participação nos mais diversos âmbitos da sociedade: economia, política, cultura, entre outros. Dessa forma, há de se analisar que pode ser difícil pensar então em democracia sem associá-la a contextos participativos sócio-comunicativos, em condições equiparadas de acessibilidade, para manifestação de conteúdos colaborativos, em busca do bem comum.

Ainda de acordo com Toro (2005), em relação aos processos participativos sociais, é na convivência heterogênea e dialógica que um tecido social é costurado cotidianamente, através da comunicação interativa dos indivíduos em agrupamentos

sociais, seja em associações, conselhos, entidades de classe assim como em grupos dos quais os usuários fazem parte. Nesse tecer contínuo do mundo, são costuradas transformações coletivas, mediante concordâncias ou conflitos, à procura de soluções para desafios e obstáculos de pautas coletivas. Esse conceito de tecido social leva em conta desde reuniões entre amigos até aquelas mais formais.

Assim, uma espécie de colcha de retalhos passa a ser tecida de forma grupal, conforme Elias (1994). Nela, cada indivíduo é um artesão particular que modifica e sofre alterações, a partir das interações com o outro. Na visão do autor, há uma rede de fios que se ligam uns aos outros e essa integração altera a constituição de cada um de tal forma que só é possível compreender o contexto a partir da relação de reciprocidade e interação que se estabelece entre os fios. Dessa forma, pode ser no emaranhado desse tecido social de sujeitos interrelacionados que a democracia encontra o fio condutor: a comunicação participativa.

Por isso, é preciso perceber que os modelos participativos, embora diversificados, assim como os comunicativos, quando são aproximados de uma ideia de democracia, em busca de um consenso deliberativo coletivo, ainda que não o alcance, devem relacionar-se com um agir comunicativo participativo, racional e coletivo. A comunicação participativa pode promover, segundo Servaes e Malikhao (2010), uma mudança social. Para isso, há a necessidade de tomar as pessoas como um núcleo de desenvolvimento, dotando a comunidade local de instrumentos que a façam se sentir orgulhosa de sua própria cultura, comunicação, e por fim, de sua participação. Dessa forma, uma comunicação participativa requer uma transformação no pensamento dos "comunicadores", pois exige que se escute e que se tenha confiança. Isso poderia reduzir a distância social entre os interlocutores, sejam professores e alunos ou líderes e seguidores, proporcionando assim uma partilha equilibrada de ideias, conhecimentos e experiências. A necessidade de ouvir deve envolver ambos os lados, governos e cidadãos, ricos e pobres. Essa capacidade de escuta é tão ou mais importante do que a da fala, embora seja por muitos ignorada. De Corte (2008) completa esta visão, pois afirma que, em termos práticos, a comunicação participativa é entendida como uma ação que facilita o diálogo entre os envolvidos, em torno de um problema ou de um objetivo comum, a fim de identificar e implementar uma

iniciativa para solucionar algo ou atingir uma meta e, em seguida, apoiar e promover as ações pensadas coletivamente.

Porém, faz-se necessário ponderar que, no tocante à configuração dos contextos participativos e comunicacionais, para além de critérios como tecnologia, acessibilidade, igualdade de oportunidades, interação, construção argumentativa e racional de conteúdos, deliberação, há ainda outras especificidades. Dentre esses fatores, pode-se destacar: os aspectos motivacionais, a capacidade cognitiva de cada potencial partícipe, o nível de senso crítico individual, de acordo com Jenkins (2012), as relações interpessoais de hierarquia, segundo Kerbrat-Orechionne (2006) e os riscos à face, relacionados à exposição pública das pessoas, Recuero (2014) e Goffman (1993).

Para Carpentier (2012), o modelo participativo é formado pela tríade: acesso, interação e participação. Em primeiro lugar, o acesso é representado por formas como tecnologia, conteúdo, pessoas e organizações. Por exemplo, no caso das redes sociais, o foco é colocado sobre o acesso que se tem a essas mídias as quais, por sua vez, permitem que as pessoas compartilhem o conteúdo veiculado nelas. Nesse caso, o acesso implica em estar presente na mídia, o que gera a oportunidade para que as pessoas tenham suas vozes ouvidas. A interação, por sua vez, refere-se ao estabelecimento de relações sócio comunicativas subjetivas que destacam a importância das linguagens para expressão e concretização dessas relações. Finalmente, a participação em si atribui poder à igualdade nas relações e em processos de tomadas de decisão. Assim, pode-se perceber o entrelaçamento entre fatores como acessibilidade, as relações interativas e a participação em si. Esse tipo de definição para participação se constitui, portanto, de um agir partilhado e interdependente, no qual os partícipes possuem posições equiparadas nas relações, sendo ambos ativos, com acesso ao conteúdo e com uma cultura de interação e participação associadas, de maneira que, pela linguagem, participam da construção coletiva dos conteúdos e ações, expressando suas próprias subjetividades.

1.6 PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA: UMA RELAÇÃO COMUNICATIVA

Padilla, Cabero, Parejo e Gonzalez (2007) acrescenta que a participação é um requisito para a vida democrática e que esta consiste em espaços nos quais as pessoas

possam exercer seu poder, além disso, afirmam tratar-se de uma ferramenta gerencial sem hierarquia. Dizem ainda que a participação pode ser uma maneira para aumentar e melhorar o processo da tomada de decisão, ou seja, um método de aprimoramento da democracia. Nesse sentido, trazendo essas reflexões para o ambiente em que se instauram as dinâmicas participativas e comunicativas nos grupos das redes sociais, mais especificamente o *Facebook*, a possibilidade de muitas pessoas se manifestarem e interagirem, de forma pública, a respeito de assuntos coletivos e importantes para a sociedade, traz à tona um empoderamento disponível aos cidadãos, muito embora o exercício desse poder envolva peculiaridades que tornam os processos participativos mais complexos do que parecem ser.

Para entender melhor o conceito apresentado, faz-se necessário destacar que a palavra *apoderamento* significa a ação ou efeito de apoderar, de tomar posse de alguma coisa, que não se deve confundir com *empoderamento* que quer dizer ação ou efeito de empoderar, de conseguir ou obter poder. Segundo Baquero (2012), deve-se trabalhar com o conceito de empoderamento. Na visão do autor, a dominação está presente na sociedade ao longo da história sob diferentes formas e seu foco está nas dimensões educativa e política. Um tema central na discussão sobre emancipação é aquele que se refere ao *empowerment* ou apoderamento de sujeitos, individuais e coletivos. Assim, pode depreender-se que, quanto mais dialógico e horizontalizado é o processo comunicativo que existe entre as pessoas, mais democrática e participativa poderá se tornar a relação sócio-política que se estrutura no contexto em questão. Ou seja, referendando Freire (1974) e Kaplún (1998), em uma organização social, tanto mais democrática poderá ser a estruturação política quanto mais dialógica, participativa, deliberativa e plural vier a ser a prática comunicativa e cultural vigente.

Nesses contextos, por um lado é preciso ter cautela e ressaltar que a cultura de dominação, nas esferas midiática, social, política, econômica ou educacional, não predominava absoluta. Ela coexistia com realidades diversas, inclusive contrastantes e plurais, como a própria sociedade que as constrói. Por isso mesmo, não se deve considerar a comunicação democrática e a dominadora, assim como as culturas que as permeiam, exclusivamente constituintes de características democráticas e dominadoras, na medida em que a sociedade é multifacetada e mutante, assim como os homens e mulheres que fazem parte dela. Então, de fato, assim como afirmou

Kaplún (1998), as comunicações classificadas como democrática e dominadoras possuem marcas específicas e preponderantes. Porém isso implica que elas sejam divergentes e não excludentes. Ou seja, o fato de serem contrastantes não quer dizer que elas não possam contemplar, em determinados momentos dos processos participativos sociais, marcas plurais e até mesmo ambivalentes. Isso porque há uma diversidade cultural e relacional que constitui a sociedade e por isso mesmo, ela reflete-se nos próprios processos participativos comunicacionais e nos partícipes deles.

Assim, longe de visões absolutistas e idealizadoras, é preciso reconhecer que há uma cultura colaborativa em processo que se manifesta especialmente através da postura comportamental dos usuários e dos diversificados modos de utilização das ferramentas participativas nas novas mídias, expressando assim um certo empoderamento e um favorecimento de oportunidades para um protagonismo social a ser exercido, por parte dos cidadãos. De acordo com Gabriel (2010), o modo de portar-se tem a ver com as pessoas e a maneira como elas utilizam a tecnologia de forma a agilizar e potencializar a partilha comunicacional. Dessa maneira, a integração social, nos dias atuais, passa a se estruturar não apenas no nível de representação do poder, mas também de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, em rede. Dito de outra forma, para reunir não é preciso mais estar junto nem ao mesmo tempo e, para participar dos assuntos de interesse geral, não é necessário mais delegar exclusivamente aos gestores da coisa pública o debate e as decisões que interessam a todos. Um número crescente de pessoas, antes com participação e potencial comunicativo parcialmente limitados por elementos como tempo, espaço, recursos culturais e acessibilidade a espaços públicos de deliberação, entre outros aspectos, começa, paulatinamente, a cultivar o hábito de participar comunicativamente.

1.7 PARTICIPAÇÃO EM REDE: UMA COMUNICAÇÃO ENTRE PESSOAS ATRAVÉS DA TECNOLOGIA

Em outra perspectiva, Castells (2013a), em entrevista para a revista Época ressalta a importância de utilização das mídias para a transformação e desenvolvimento da sociedade. As interações sociais e o processo de entrelaçamento das pessoas garantem as conexões de sociabilidade, porém sem a tecnologia eletrônica elas não teriam como acompanhar as exigências de rapidez e elaboração social. Dessa forma, não

seria possível a estruturação coletiva de maneira organizada para os cidadãos se adaptarem às novas necessidades. De acordo com o autor, a tecnologia não determina o agir social, mas propicia uma forma organizacional que sem ela não haveria como.

Segundo Amaral e Sousa (2012, p. 150):

> "A lógica da Internet como plataforma de rede social oferece às pessoas a oportunidade de se associarem a pessoas com quem partilhem interesses, encontrar novas fontes de informação e publicação de conteúdo e opinião. A Web 2.0 está a dar a todos a possibilidade de ter uma voz. *Facebook*, YouTube, Flickr e Twitter são a "nova ágora", que combina o poder do capital humano e capital social, com o potencial de comunicação global da web social."

Nesse sentido, a evolução tecnológica, especialmente no que se refere às novas mídias, favorece e viabiliza, embora não seja responsável pelas mudanças culturais em curso, os processos participativos comunicativos entre as pessoas.

Para a geração web 2.0, termo difundido por O'Reilly (2006) para designar o novo perfil de comportamento dessa geração, não basta mais receber conteúdo, e sim, criá-lo e compartilhá-lo. Participar na cultura digital pode implicar em um campo de possibilidades como, por exemplo, produzir e divulgar a sua própria expressão a respeito do mundo e se integrar a ele mediante uma criação de elos com os demais usuários, sejam eles conhecidos ou desconhecidos, conforme afirmação de Sala (2012). Segundo Sala (2012), a inserção participativa dos cidadãos nas novas mídias possibilita a fiel representação de suas demandas e necessidades, a liberdade de expressão, a deliberação, a autogestão, a mobilização e o acesso ilimitado à esfera pública. Então, passa a haver, com mais destaque social, um fluxo comunicacional de via dupla, pois a participação das pessoas em rede tende a gerar uma agenda no sentido inverso. Atualmente, os cidadãos podem mais expressivamente agendar os políticos eleitos e os próprios meios de comunicação de massa, através dos sites de redes sociais, por exemplo. Dessa forma, pode-se entender as novas mídias como meios capazes de facilitar o exercício de uma cultura social participativa. Assim, essas mídias não são apenas espaços públicos de repercussão das expressões

subjetivas das pessoas, mas também ambientes que favorecem a atuação delas enquanto protagonistas sociais.

De acordo com Amaral e Sousa (2012, p. 152):

> “A web é social: as novas plataformas permitem que os utilizadores se tornem "prosumers". O conceito chave que descreve a mudança promovida pela web social é simples: conteúdo criado pelo utilizador”.

Na visão de Sala (2012), esse paradigma que começa a ser delineado possibilita mais facilmente ao indivíduo deixar a condição privada e exercer o papel de sujeito social. Esse cidadão midiático digital pode apropriar-se dos novos espaços públicos para discutir as demandas da sociedade a qual pertence, exigindo seus direitos e cobrando os deveres éticos de atuação para mudança não apenas dos políticos, mas também da mídia tradicional e dos próprios cidadãos com os quais se interliga em rede. No entanto, é preciso ressaltar que a configuração do processo participativo em rede, nas mídias sociais, é multifacetada e não se restringe a participações e comunicações em que as pessoas se expressam sobre os assuntos de interesse coletivo ou mesmo de forma ética e associada à busca do bem comum.

Embora inserida em contexto plural e diversificado, essa cultura colaborativa, que emerge em rede nos sites das redes sociais, pode refletir o interesse sobre assuntos públicos e emitir sinais de desenvolvimento de um senso participativo e de responsabilidade social do público, segundo Recuero (2014). Mesmo restrito ainda à parte da grande massa, esse tipo de tendência traz consigo a necessidade de reflexão sobre os debates instaurados nos grupos e os desdobramentos dessa participação social comunicativa coletiva. Nesse sentido, a liberdade que se instaura nas redes é monitorada, não apenas pelo governo, instituições, representantes políticos e meios de comunicação de massa, mas também pelos próprios cidadãos. Dito de outra maneira, para ser possível essa convivência e congruência de demandas em uma massa tão heterogênea, o respeito aos valores e princípios comungados entre os cidadãos é fator primordial.

Ao passo que se aumenta a liberdade, segundo Colombo (2011a), pode haver um crescimento também da responsabilidade social e de um controle ético que é compactuado por todos os sujeitos que partilham a construção da cidadania. Trata-se

de uma espécie de autovigilância em que a liberdade de cada um termina no limite do respeito ao outro. A auto regulação social funciona como protetora dos direitos individuais e coletivos, já que, segundo Toro (2005), quando os indivíduos não estão organizados socialmente, não se sentem na obrigatoriedade de respeitar as regras de convivência social, o que os deixa em situação de vulnerabilidade quanto à garantia dos seus próprios direitos. Por isso, a inserção do cidadão enquanto sujeito social participativo traz uma linha de responsabilidade compartilhada que é inerente ao processo. Assim, pode-se afirmar, paradoxalmente, que a liberdade deve vir acompanhada do controle, para o próprio bem social. Porém, é preciso ter claro que esse controle só é benéfico se for exercido pelos próprios partícipes da sociedade, em condições equiparadas de acesso a esses mecanismos de vigilância e legitimação.

1.8 DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO, CIDADANIA E COMUNICAÇÃO: PILARES CONVERGENTES

Assim, um regime considerado democrático, segundo Marques (2010), pressupõe, em seu fazer cotidiano, outros critérios em sua constituição como, por exemplo, condições de transparência, direitos, igualdade, comunicação, deliberação e participação, além da liberdade. De acordo com Barreiros (2012), a democracia pode demandar a liberdade na qualidade de propriedade pública. Isto é, aquela que liberta para o crescimento de virtudes e habilidades individuais, que só florescem através de uma inserção em um conjunto diverso e enriquecedor com os demais. Para ele, tão imprescindível quanto a liberdade é a publicidade, pois torna o conteúdo visível e acessível a todos, para que haja, assim, ações dos interessados em intervir nas decisões públicas. Dessa forma, estão preservados os valores que são as colunas de sustentação da democracia como liberdade, igualdade e participação. E essa liberdade de participação unida à publicidade e a praticidade de acesso nas mídias sociais fomentam uma cultura colaborativa social. Dessa maneira, parece estar em processo uma cidadania comunicativa em que o indivíduo comum pode atuar enquanto sujeito social, protagonista do fazer público participativo, para reivindicar benefícios para a sua comunidade local como também regional e nacional.

Nesse contexto, muitas pessoas, com o acesso às múltiplas linguagens midiáticas convergentes, segundo Jenkins (2009), possuem condições que favorecem a atuação enquanto sujeitos sociais que se encontram no palco das ideias. Nesse aspecto, é

preciso ressaltar a importância dos meios de comunicação de massa que antecederam às novas mídias. Afinal de contas, se atualmente os sites de redes sociais podem ofertar aos seus usuários linguagens midiáticas diversificadas e convergentes, potencializando as possibilidades criativas de participação comunicativa, através de recursos como texto, imagem e audiovisual, é também em decorrência do surgimento e evolução tecnológica histórica dos meios de comunicação de massa É através dessa diversificada possibilidades de linguagens midiáticas convergentes que as pessoas podem expressar a sua cidadania.

Conforme Mata (2006), é preciso clarificar a noção de cidadania comunicativa, que se relaciona diretamente com direitos civis, de liberdade de expressão e de acesso à informação pública. Ou seja, a cidadania comunicativa representa o limiar entre o Estado e o cidadão, de maneira a garantir ao segundo os direitos específicos da ação comunicativa. Entre os tipos de cidadania comunicativa apontados pela autora, destacam-se a exercida e a ideal. Nesse sentido, a "cidadania comunicativa exercida" seria o desenvolvimento de atitudes sociais de reivindicação, por parte dos indivíduos, de maneira a exigir os seus direitos e garantir a manutenção dos mesmos. No exercício dessa cidadania, almeja-se alcançar a "cidadania comunicativa ideal" ou "utópica", cujas expectativas se concentram em uma participação nos processos de democratização da sociedade. Dessa forma, pode-se dizer que as cidadanias classificadas como exercida e ideal possivelmente caminham juntas e são interdependentes, na medida em que a busca pela utópica pode fomentar uma participação cidadã por parte do indivíduo, que passa a exercer a cidadania como instrumento para alcançar direitos novos desejados e garantir a manutenção e prática daqueles já legitimados pela lei.

O exercício da cidadania, os contextos participativos e de comunicação social assim como os hábitos culturais das pessoas podem haver começado a sofrer mutações muito além da tecnologia que as possibilita. Segundo Kotilainen (2009), surge um espaço público, *online* e sem fronteiras, para interação entre os usuários, de maneira a dar visibilidade às perspectivas individuais e coletivas dos cidadãos sobre diversos assuntos. Serviços digitais como Youtube, Wikipedia entre outros, envolvem a produção coletiva de um "conhecimento público e social". Essas modalidades de mídias atraem especialmente as culturas juvenis. Ainda assim, segundo o autor, a

importância dos meios de comunicação pública nas culturas juvenis é subestimada, especialmente quando se trata da relevância deles para a promover a cidadania de jovens. No tocante a esse aspecto, não é por acaso que há uma visível identificação dos jovens com as novas mídias e, por consequência, as inserção e atuação deles nesses ambientes facilmente interativos e nos quais eles podem exercer uma participação comunicativa mais autônoma e criativa.

Donas (2010) divide os caminhos em duas vertentes possíveis, *"*hipocidadania", ou seja, a eliminação gradual da conscientização pública e o aumento da indiferença para com a afirmação de novos direitos, através de várias dinâmicas políticas, tais como: o aumento do controle social, a expansão da informática com padrões determinados pelos proprietários, a monopolização das normas e de controles de comunicação. Na outra ponta, está a *"*hipercidadania*",* considerada um exercício de participação, que se pode chamar de "cidadania digital". Através dela, afasta-se a atitude cética e aproxima-se mais de uma possibilidade de exercício da cidadania prática, para alguns autores, utópica. Nesse sentido, pode-se perceber mais especificamente os sites de redes sociais como espaços que possibilitam a busca de uma cidadania, na medida em que favorecem acessibilidade, comunicação participativa, participação pública e liberdade, ainda que vigiada coletivamente, na busca por direitos e reivindicações sociais.

Segundo Meijer, Burger e Ebbers (2009), as interações tipo "cidadão-cidadão" são formas de participação pública, realizadas por intermédio da internet para facilitar a participação política e social, assim, o aumento do uso dessas modalidades participativas coincide com a ascensão da web 2.0. De acordo com classificação proposta, entre as participações que podem ser exercidas pelos cidadãos encontra-se a social. Essa modalidade não se refere apenas às relações entre cidadãos e governo, mas inclui as relações entre os próprios cidadãos. O conceito central é a ideia de que os cidadãos variam sua atitude na medida em que estão envolvidos na sociedade e, portanto, mudam também os sistemas de apoio. São exemplos dessa participação: ações organizadas através dos contatos nas redes sociais, aconselhamento mútuo ou troca de bens e serviços digitais.

1.9 REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUAS FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS: UMA PONTE PARA CIDADANIA

Balkin (2004) afirma que as tecnologias digitais podem transformar e facilitar os contextos sociais de estruturação dos discursos, de forma a oportunizar a liberdade de expressão que passa a uma situação de destaque na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, de acordo com Jenkins (2009), a revolução tecnológica pode ter propiciado a base para transformações culturais no comportamento dos usuários. É preciso esclarecer que as mídias sociais, embora essenciais a esses processos participativos sociais, não são capazes de transformar culturalmente as pessoas e por isso mesmo, a existência delas, ainda que signifique novas oportunidades de participação comunicativa, não garante que essas venham a acontecer. Mais ainda, a acessibilidade aos sites de redes sociais e mesmo a participação comunicativa nesses não confirmam um protagonismo social dos usuários em assuntos de interesse coletivo, já que os partícipes podem atuar silenciosamente ou mesmo comunicativamente não na condição de sujeitos sociais interessados no bem comum mas na condição de pessoas que manifestam expressões subjetivas sobre aspectos privados de suas vidas. É inclusive frequente a utilização desses espaços para publicações de fotos em momentos de lazer e expressões particulares que em nada se relacionam com as pautas de assuntos coletivos.

Segundo Recuero (2014), os sites de redes sociais na Internet são meios de comunicação emergentes capazes de viabilizar a difusão de conteúdo em uma escala global. Assim, o usuário, ao enviar uma mensagem para a rede, consegue alcançar os nós das conexões e, em alguns casos, mesmo aqueles indiretamente interligados a eles relacionados (amigos dos amigos). Dessa forma, é importante refletir que a maioria dos elos receberão o conteúdo quando se conectarem, independentemente do tempo em que ocorrer a conexão, na medida em que há o armazenamento dos dados. No entanto, faz-se necessário lembrar que, mesmo com essas condições, não há garantias que o conteúdo será visualizado pelos demais. Mas, de maneira geral, a informação construída por um ator pode rapidamente impactar e circular no grupo como um todo. Para isso, segundo a autora, faz-se necessário o uso de ferramentas que permitem a circulação das informações, porém com diferentes funcionalidades. Na visão de Castells (2013b), essas ferramentas participativas podem viabilizar aos usuários, através da visualização do quantitativo de repercussão pelos demais

(número de curtidas, comentários e compartilhamentos), a promoção de processos de viralidade nas novas mídias.

Recuero (2014, p. 119-120) afirma que os usuários fazem uso das ferramentas através dos botões "Curtir", "Compartilhar" e "Comentar" como forma de tomar parte na conversação *online*:

> "A ação 'curtir' pode ser considerada uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta. Envolve-se e está visível a sua participação, mas com um investimento mínimo. É mais uma forma de participar sinalizando que a mensagem foi recebida. A ação "compartilhar", por outro lado, tem outras funções e valores associados. Sua principal função parece ser a de dar visibilidade para a conversação ou da mensagem, ampliando o alcance dela. Os comentários, por sua vez, são as práticas mais evidentemente conversacionais. Trata-se de uma mensagem que é agregada à postagem original e é visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas. É uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação".

Nesse sentido, os modos de utilização das diferentes ferramentas participativas no *Facebook* remetem a significados específicos e, portanto, a tipos de funcionalidade próprios, caracterizando, assim, modalidades distintas de participação, embora sejam concretizadas na mesma mídia social. Apesar de não explicitada por Recuero (2014), a publicação é uma ferramenta participativa específica, distinta do comentário, na medida em que inaugura um debate e direciona a agenda conversacional dos usuários sobre aquela temática. Ainda mais, essa ferramenta de publicação pode orientar o tipo de abordagem do assunto em questão, influenciando diretamente os aspectos que serão discutidos nos comentários subsequentes. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), as atitudes de iniciativa, em contextos participativos de relações interpessoais, revelam uma certa verticalidade perante os demais, na medida em que permite que o interlocutor assuma uma posição "alta" perante os demais partícipes.

Na visão de Recuero (2014), as três ferramentas participativas (Curtir, Compartilhar e Comentar) expressam objetivos distintos e envolvem fatores condicionantes, entre os quais, metas, nível de dedicação do usuário e riscos à manutenção da "face", conceito

apresentado por Goffman (1993). Assim, segundo Recuero (2014) os partícipes podem optar por uma modalidade em detrimento da outra e, dependendo da escolha, é possível reduzir os riscos à "face", em virtude da diminuição da exposição. A ferramenta participativa também pode ser usada em virtude de um maior nível de motivação, envolvimento e reflexão do usuário, demandando assim mais tempo e comprometimento dele na conversação grupal.

Dessa forma, percebe-se que, muito embora existam contextos participativos silenciosos nas novas mídias, caso dos usuários que acessam os conteúdos, mas não se manifestam a respeito deles, há nos sites de redes sociais uma cultura de comunicação participativa expressiva. Ou seja, quando o interlocutor comunica algo para os demais nas novas mídias, a esses seus elos sociais é permitida a participação nessa comunicação e, portanto, ficam disponíveis para eles ferramentas participativas, com funcionalidades interativas distintas. Nesse sentido, as novas mídias possibilitam uma participação comunicativa da sociedade mais ativa, criativa e diversificada, mediante o uso de linguagens midiáticas convergentes.

1.10 CONCLUSÃO

Assim, a partir das reflexões feitas sobre as diferentes abordagens, percebe-se que é preciso desvincular-se das visões mais céticas e também das mais utópicas, no que diz respeito aos processos participativos nas novas mídias, mais especificamente nas redes sociais, caso do *Facebook.*

Como a sociedade, esses contextos são plurais e multifacetados e por isso mesmo envolvem em sua configuração modalidades participativas silenciosas, comunicativas, promotoras da cidadania como também perpetuadoras de preconceitos ou apenas expressivas das subjetividades, sem nada acrescentar ao bem comum, entre outras.

Portanto, as afirmações absolutistas são equivocadas e reproduzem pensamentos deterministas e com perspectivas simplificadas sobre os complexos contextos que envolvem os fatores motivacionais e a configuração da participação social nos sites de redes sociais.

Nesse sentido, pode-se compreender que se faz necessário o aprofundamento em realidades plurais para entender melhor a multiplicidade de aspectos que envolvem as modalidades participativas, especialmente no tocante às expressões das culturas juvenis nessas novas mídias.

Deve-se ressaltar, portanto, que há um ecossistema comunicativo, baseado em processos de relação social entre as pessoas, através de contextos participativos, coletivos e culturais na sociedade. Nele, uma cultura colaborativa é construída coletivamente em rede e pode favorecer mudanças comportamentais na esfera social. Transformações essas que, pouco a pouco, podem vir a reconfigurar conceitos, trazendo à tona realidades convergentes, embora às vezes conflitantes como participação, comunicação, democracia, cidadania, educação, entre outras.

Dessa forma, pode-se afirmar que a relação da sociedade com os novos meios de comunicação, nos quais ela passa a ter acesso, pode vir a revelar consequências diretas nas formas de participação e comunicação.

Assim, surgem novas formas de pensar esses contextos plurais, o que demanda a necessidade de refletir mais profundamente, nos capítulos subsequentes, as realidades das culturas juvenis e suas relações com a escola, assim como as especificidades das redes sociais enquanto novas mídias sociais cada vez mais utilizadas pelas pessoas e entre elas, em um contexto em que a relação social se torna cada vez mais decisiva.

2. JOVEM: DA BUSCA PELA IDENTIDADE AO PROTAGONISMO SOCIAL

Entender melhor os fatores que perfazem a motivação para participação cidadã dos jovens estudantes, a partir dos modos como eles atuam, convivem e se expressam socialmente é o foco deste capítulo. Para tal, faz-se pertinente desvendar a multiplicidade de características desses jovens e, assim, compreender mais profundamente os gostos, as formas de expressão, as relações com a arte e o entretenimento, os conflitos familiares, as crises de identidade, o hábito de se agrupar, a transitoriedade de suas convicções ou não, o possível nomadismo, o apreço pela tecnologia, a comunicabilidade, o potencial participativo e a capacidade de mobilização, entre outras características que os podem constituir.

Dessa forma, poderá entender-se mais a respeito dos estudantes jovens, dos modos idiossincráticos de ser e atuar no mundo social para, então, delinear-se uma possível relação entre o protagonismo juvenil e as formas de participação. Para isso, faz-se pertinente um olhar direcionado a suas habilidades em manifestar-se publicamente e seus chamamentos a manifestações sociais, em prol de conquistas e lutas coletivas.

Ao final deste capítulo, objetiva-se haver construído um quadro que projete luz sobre o protagonismo juvenil no mundo da atualidade, refletindo especialmente o papel dos jovens enquanto sujeitos sociais em formação. A meta é trazer à tona a relação entre juventude e participação social nos nossos dias para, assim, suscitar novas reflexões, a fim de pensar com mais propriedade as motivações para a participação juvenil dos alunos nos assuntos de interesse social.

2.1 JUVENTUDES: UMA DEFINIÇÃO EM DEBATE

Como já foi dito no capítulo anterior, viver em sociedade implica administrar conflitos e conviver com as diferenças, seja na esfera política, econômica, social ou cultural. Porém, em um país de dimensões continentais como o Brasil, onde há uma pluralidade étnica, cultural e geracional, proporcional ao tamanho geográfico da nação, a convivência democrática entre os cidadãos pode passar por desafios ainda maiores. Assim, superar o abismo das divergências individuais pode tornar-se uma tarefa árdua para a sociedade.

A definição de juventude é controversa e, dependendo do olhar, os critérios que a determinam podem ir desde os biológicos, passando por limites de faixa etária, maturidade psicológica, fatores identitários, culturais e sociais. Por isso, no decorrer de muitas gerações, as dificuldades em definir essa fase da vida continuam, mesmo porque trata-se de uma etapa que se situa entre a infância e a maturidade e, por essa razão, um período marcado por transformações em todos os aspectos, inclusive condicionado por diferentes referenciais como região, etnia, classe social, gênero, entre outros.

Segundo Freitas, Abramo e León (2005), os conceitos de adolescência e juventude podem corresponder a uma construção social, cultural, histórica e relacional que, através de diferentes épocas, transformarem-se e diversificaram seus critérios de definição. Convencionalmente, tem-se utilizado a faixa etária entre os 12 e 18 anos para delimitar a adolescência e, para a juventude, aproximadamente entre os 15 e 29 anos de idade. Esses intervalos cronológicos podem alargar-se para baixo e/ou para cima, compreendendo uma faixa que pode ir dos 12 aos 35 anos, como se constata em algumas políticas públicas dirigidas ao setor juvenil. As Nações Unidas[1] categorizam o grupo juvenil como composto por indivíduos entre 15 e 24 anos.

Porém, simplificar um assunto complexo dessa natureza e restringi-lo à faixa etária é ignorar os fatores que o constituem. Na visão de Abramo (1994), há um entendimento geral de acordo com o qual juventude diz respeito a uma faixa de idade, uma fase da vida, em que se completa o desenvolvimento físico em meio ao acontecimento de diversas mudanças psicológicas e sociais. Nesse período, deixa-se a infância para ingressar no mundo adulto. No entanto, essa noção é socialmente variável. Para a autora, ratificando o conceito defendido por Dayrell e Carrano (2002), os referenciais de tempo de duração, conteúdos e valores sociais dos processos se transformam de uma sociedade para outra.

Por isso mesmo, a juventude não pode ser percebida distante do contexto em que se encontra, mais precisamente no que diz respeito ao panorama cultural e social, no qual vivencia experiências e relacionamentos sociais que a constroem. Dessa forma,

[1] Dados colhidos de informe oficial das Nações Unidades em notícia para celebração do Dia Internacional da Juventude. Acesso em 24/03/2015. http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/08/onu-comemora-dia-internacional-da-juventude-nesta-terca-12

reforçando esse raciocínio social que se associa ao tecimento da juventude, Melucci (1997, p. 09) afirma:

> "Na opinião que prevalece nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação. Esse excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se *ter* e mais algo para se *fazer*. "

Nesse aspecto, a fase da vida denominada juventude é um período de transição fortemente marcada por paradoxos, na medida em que congrega em suas vivências uma pluralidade de fatores e possibilidades, flutuando inclusive entre dois períodos da vida tradicionalmente opostos: infância e maturidade. Assim, é preciso perceber que dentro desse contexto dinâmico não há margens absolutas, pois, em vez disso, existe uma realidade multifacetada e mutante, em que os atores sociais constroem suas variadas identidades, a partir, dentre outros aspectos, dos relacionamentos sociais que experimentam.

Assim, esses jovens, em diferentes contextos sociais, culturais e geográficos, vivenciam, de modo generalista, o mesmo dilema pois, segundo Dayrell e Carrano (2002), estão inseridos em uma realidade conflituosa e até mesmo paradoxal, já que, situados entre duas extremidades opostas de períodos da vida, enquanto almejam alcançar a maturidade e terem autonomia, ainda anseiam por encontrar suas próprias identidades em construção.

Nessa abordagem, a juventude é formada por indivíduos distintos que expressam variedades em diversos aspectos que dizem respeito à vida social: preferências,

aptidões, habilidades, ideais, conhecimentos, valores, formas de participação, comunicação e relações sociais e por isso mesmo a faixa etária e as transformações de caráter biológico, por si só, são insuficientes para compreender e mesmo definir a complexidade dessa fase.

Então, é preciso clarificar que reduzir a juventude, de forma generalista, a uma categoria social marcada por uma visão estereotipada significa não dar conta de sua pluralidade ignorando, portanto, os contextos e elementos próprios de sua constituição e natureza. Por isso, o uso da expressão "juventudes" no plural tem sido uma forma encontrada para expressar mais respeito e fidelidade à diversidade que caracteriza essa fase da vida tão heterogênea, constituída por uma pluralidade que inclui um leque amplo e mutante de pessoas, dos mais diversificados gêneros, composições familiares, classes sócio-econômicas, regiões, religiões e etnias. Ou seja, é a pluralidade o principal marcador que constitui e estrutura as culturas juvenis.

2.2 AS CULTURAS JUVENIS

De acordo com Abramo (1997), existem duas formas distintas através das quais as culturas juvenis são trazidas ao público pelas mídias. Quando o assunto é direcionado especificamente a esse público alvo, a pauta oscila entre temas leves que vão desde moda à esporte, por exemplo. Porém, quando o destinatário final são os adultos, os jovens são frequentemente retratados como problemáticas para a sociedade, em contextos que se situam como protagonistas de assuntos graves como vandalismo, drogas, violência, evasão escolar, comércio sexual, gravidez na adolescência, entre outros, que vão desde drogas ao comércio sexual. É interessante perceber que dificilmente as juventudes são apresentadas publicamente e enxergadas pela sociedade adulta como protagonistas de ações que remetam a soluções ou construções benéficas para a própria população. O que prevalece, de forma geral, é uma visão estereotipada, em que ou são associados a temas amenos e sem relevância social, ou são relacionados a problemas sérios que preocupam a sociedade. Ou seja, a maior parte dos jovens não é percebida como protagonistas sociais tampouco como responsáveis e capazes de exercer esse protagonismo cidadão.

Segundo Carrano e Sposito (2003, p. 20), há fatores que podem contribuir para enfatizar essa visão social deturpada ou mesmo negativa das culturas juvenis entre os

quais a falta de políticas públicas de sucesso nessa área, o contexto de fragilidade e descrença em que se encontram instituições formadoras dos jovens como escola e família, além da própria dominação cultural midiática dos meios de comunicação de massa:

> "As consequências da falência do Estado como promotor de direitos; a força avassaladora dos mercados na produção de necessidades e sentidos culturais; o declínio das instituições socializadoras e de apoio societário, como a família e a escola; o predomínio dos meios de comunicação e dos mercados com suas verdades e valores individualistas; as conexões perversas promovidas pelas redes do crime e das drogas; e o constante fantasma do desemprego e da falta de perspectiva profissional para uma imensa maioria".

Assim, as culturas juvenis são encaradas por grande parte da sociedade de uma forma infantilizada, problematizada e rotulada por padrões culturais dominantes que a as mídias de massa contribuem por reproduzir no imaginário social, pasteurizando essa categoria juvenil. Porém, a despeito dos papeis reservados aos jovens, não condizentes com o desenvolvimento, o potencial e as habilidades das multifacetadas de muitos deles, boa parte do público juvenil se une àqueles com quem compartilham afinidades e metas e criam seus próprios caminhos participativos, fomentando a autenticidade, pluralidade e autonomia das culturas juvenis.

De acordo com Castro e Abramovay (2009, p. 30), o que ocorre não é um isolamento, como muitas vezes se preconiza entre os adultos, mas uma busca por alternativas próprias que garantam aos jovens o exercício de um protagonismo com autonomia:

> "Não se trata simplesmente de "apatia juvenil" como se supõe muitas vezes. São essas as abordagens que ressaltam uma preferência dos jovens por campos identitários como gênero, raça, ecologia, direitos sexuais e digitais e o movimento Hip-Hop. Esses, assim como redes virtuais, grupos de estudos, fóruns mundiais e ONGs, para muitos têm representado uma nova configuração da prática política juvenil. Mas, ao um juízo consciente, o tema participação é mais complexo do que políticas de classe x políticas de identidade, tendo outras formas de debater trânsitos entre o publico e o

privado ou entre temas ligados ao reconhecimento e à estruturação da distribuição de bens e serviços".

Percebe-se, portanto, que grande parte dos jovens criam seus próprios mecanismos de participação social, sejam em tempo livre ou não. Nesse sentido, segundo Castro e Abramovay (2009), o conceito de culturas juvenis diz respeito aos processos sociais construídos pelos atores coletivamente, mediante a interação e modalidades participativas que muitos jovens realizam entre si. Essas vivências se tornam cada vez mais frequentes e colaboram por desenvolver em muitos jovens o potencial participativo que ainda não é enxergado por grande parte das pessoas adultas. Dessa maneira, mesmo subestimados ou relegados a contextos de não participação ou de pseudo-participação por boa parte do mundo adulto e institucionalizado, muitos desses jovens encontram na vivência das próprias culturas plurais rotas alternativas para fugir dessa exclusão de cidadania.

2.3 BREVE HISTÓRICO DA JUVENTUDE

Abramo (1997) realiza uma retrospectiva histórica das Juventudes, no Brasil, a partir dos paradigmas compartilhados socialmente. Nos anos 50, a percepção do problema social das juventudes era a predisposição generalizada para a transgressão e a delinquência, quase que inerente à condição juvenil, personificados pelos rebeldes sem causa. Assim, a juventude teria assumido uma dimensão social de fase turbulenta e difícil, demandando cuidados por parte dos adultos. Cautelas essas que remetem a atitude de *conduzir* os jovens para um lugar seguro, de integração normal e sadia à sociedade. Nos anos 60 e parte dos 70, os jovens surgem como problema que ameaça a ordem social, nos planos cultural, político e moral. Esses questionamentos ocorreram através de movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação. Eram mobilizações pacifistas com as proposições de contracultura, incluindo o movimento *hippie*. A juventude apareceu, então, como a categoria protagonista de possíveis transformações sociais significativas.

No Brasil, é particularmente neste momento que a questão das juventudes ganha maior visibilidade, exatamente pelo engajamento de jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário, através de

mobilizações de entidades estudantis e de filiados a partidos de esquerda. Mas também os jovens emergiram mediante movimentos culturais que questionavam padrões de comportamento - sexuais, morais, e nas relações de propriedade e consumo. É pertinente ressaltar que o choque cultural entre as gerações sociais pode ter colaborado para as respostas violentas em defesa da dita ordem. No entanto, mesmo para os setores que apoiavam as demandas juvenis, os jovens eram considerados mais como utópicos do que propriamente capazes de efetivar as transformações que propunham.

Foi somente depois, segundo Abramo (1997), que a imagem dessa juventude dos anos 60 foi reelaborada e assimilada de forma positiva, passando a ser disseminada como idealista, generosa e criativa. Dessa maneira, consagrou-se culturalmente o símbolo de uma geração que teria ousado sonhar e comprometer-se com uma mudança social coletiva. Essa reelaboração de valor pode ter contribuído para estereotipar, assim, um modelo ideal de juventude no qual a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia seriam características inerentes a esse público.

É em contraste com essa imagem que a juventude dos anos 80 vai surgir socialmente tipificada como oposta: individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos. De acordo com Abramo (1997), seria uma geração que se recusa a assumir o papel de inovadora cultural. O problema relativo à juventude passa então a ser a sua incapacidade de resistir ou oferecer alternativas às tendências padronizadas pelo sistema social: o individualismo, o conservadorismo moral, o pragmatismo, a falta de idealismo e de compromisso político.

Por fim, na visão da autora, nos anos 90, a visibilidade social dos jovens muda um pouco em relação aos anos 80, ou seja, já não são mais a apatia e desmobilização que chamam a atenção, pelo contrário, é a presença de figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas. No entanto, a maior parte dessas ações continua sendo relacionada aos traços do individualismo, mas, nesse momento, associados à violência. Como exemplo, se poderia referir os meninos de rua, os arrastões, o surf ferroviário, as gangues, as galeras, os atos de vandalismo. De certa forma, há uma retomada de elementos característicos dos anos 50, na concentração da atenção a problemas de comportamento que levam a situações de desvio no processo de integração social dos adolescentes (drogas, violência,

envolvimento com a criminalidade e comportamentos antissociais). Fruto de uma situação de crise de falências das instituições de socialização, de cisão entre integrados e excluídos, de uma cultura que estimula o individualismo, os jovens aparecem como vítimas e promotores de uma fragmentação da sociedade. E, nessa formulação, eles podem não ser entendidos como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças de outros. Permanecem, assim, quase invisíveis, apesar da aparente visibilidade que a juventude parece ter alcançado na sociedade no decorrer dos anos.

2.4 PARADIGMAS DAS JUVENTUDES

Faz-se necessário enfatizar, como foi dito, como as culturas juvenis são perpetuadas socialmente em duas vertentes. Uma delas está associada diretamente aos problemas sociais do mundo contemporâneo (violência urbana, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, desemprego, etc.) enquanto a outra se encontra na posição oposta: a de perspectiva futura (participação, comunicação, redes sociais, voluntariado, educação, cidadania). Entre elas, a construção e a busca da própria identidade juvenil que é plural, complexa e conflituante, mas que constantemente é padronizada e rotulada pelas mídias de massa e do mercado, através da propagação de objetos de consumo como expressão identitária, em detrimento da atuação dos jovens enquanto sujeitos sociais.

De acordo com Melucci (1997, p. 11), o conceito de tempo em que as juventudes se situam passa a ter como ponto central a vivência de contínuas mudanças, em que não há realidades pré-estabelecidas, mas sim experiências que se constroem e modificam constantemente:

> “Nomadismo e metamorfose parecem constituir respostas para essa necessidade de continuidade através da mudança. A unidade e continuidade da experiência individual não podem ser encontradas em uma identificação fixa com um modelo, grupo ou cultura definidos. Deve ao invés disto ser baseado na capacidade interior de ‘mudar a forma’ de se redefinir repetidas vezes no presente, revertendo decisões e escolhas. Isso também significa acalentar o presente como experiência única, que não pode ser reproduzida, e no interior da qual cada um se realiza”.

Dessa forma, a partir de experiências com os demais em que mudanças e transformações são marcadores permanentes dessas culturas, muitos jovens, para se expressarem, tomam parte em grupos que se alinham às suas convicções e valores comuns, assim, fortalecem-se coletivamente. Nesse sentido, para serem aceitos socialmente e sedimentarem-se entre os demais jovens, é frequente o agrupamento, naturalmente, perto daqueles com os quais mais encontram afinidades. Esses agrupamentos acontecem de acordo com os mais diversos critérios, associados a gostos, modismos, ou causas sociais, preferências musicais, torcidas por times de futebol, paixão por esportes radicais, interesse em viagens, prazer no aprendizado de novos idiomas, envolvimento com grupos escoteiros, ações de voluntariado, associações de causas socio ambientais, entre outros.

No sentido oposto, de acordo com Raggi (2010), para além dos laços sociais nos grupos, cada membro do coletivo enquanto ser jovem vivencia diariamente a incoerência existencial. Na verdade, identificando-se como semelhante aos rótulos impostos verticalmente pela mídia do consumo ou enxergando-se como "igual" ao outro do seu grupo com o qual criou elos de pertencimento, ao mesmo tempo em que se identifica, deseja ser reconhecido socialmente como diferente e único.

Assim, a sensação de pertencer ao grupo duela, paradoxalmente, com o seu eu interior, na luta por um encontro particular consigo mesmo, para a descoberta de si próprio enquanto jovem singular, diverso de todos os demais e muito além dos padrões midiáticos. Na visão de uma aluna do IFRN, participante de um grupo focal constituído no âmbito desta pesquisa, a singularidade é uma realidade*: "A única coisa em que somos iguais é sermos diferentes"*.

Segundo Lemus (2002, p. 43), as identidades juvenis se formam no sentido oposto ao da cultura social dominante, na medida em que a maior parte desse público se reconhece como divergente na construção de sua própria personalidade:

> "Se divulga que se chega à identidade juvenil através de uma nova teoria, e que ao diferenciar-se dos demais gera processos de integração e afinidade. Por isso, se propõe uma categoria de *teoria divergente* para conceituar o processo de construção das identidades juvenis a partir da não identificação com os grandes objetivos e valores dominantes. Os jovens têm seu reconhecimento

> social no momento em que sua conduta se diferencia de maneira coletiva e particular do resto da sociedade. A teoria divergente juvenil permite identificar uma diferenciação que vá mais além do que a idade ou a maturação biológica na construção das identidades juvenis. A diferenciação cultural através desta teoria, permite repensar também a importância de sua força de trabalho. A teoria divergente permite o aparecimento do *sujeito juvenil*. Através dela, ocorrem processos de aproximação existencial e de identidade coletiva. ”

Conforme Raggi (2010), instaura-se um contexto dialético no qual há uma subdivisão dentro do próprio grupo juvenil, à medida que expressões de diferenciações emergem, permitindo até mesmo a geração do *“grupo do eu sozinho”.* Complementando essa perspectiva, Lopes (1997, p. 46) alerta para uma “*ilusão da homogeneidade*”, que se depara com a pluralidade cultural que resulta em diferenças substanciais entre os jovens:

> “De facto, poderíamos recuar ou parar neste momento o percurso que temos vindo a prosseguir na nossa argumentação, considerando apesar (e na consequência) de tudo o que foi anteriormente dito, que a juventude como um todo se encontra estilhaçada e fragmentada, mas que no seu seio coexistem pequenos glóbulos mais ou menos consistentes que formam subculturas relativamente homogéneas. Não será esse, todavia, o nosso caminho. De facto, adiantamos como linha de investigação, que a juventude estudantil é ela própria um mosaico de diferenças e que não constitui, por si só, uma condição social”.

Faz-se pertinente ressaltar que cada jovem, apesar de estar inserido na mesma etapa cronológica da vida humana, ser rotulado por padrões midiáticos e propostas institucionalizadas escolares, tem, na sua formação de identidade, uma história de vida exclusiva que vai além da própria diversidade já evidente aos olhos sociais, como gênero, cor da pele ou crença religiosa. Nela, estão inseridos culturalmente valores de família, dos amigos de infância, das relações e vínculos afetivos que se estabeleceram além dos fatores genéticos que os constituem como seres únicos. Isto é, os jovens possuem em sua constituição uma diversidade de características que são resultado especialmente de suas relações sociais com os outros, de suas trocas ou

interações participativas e comunicativas, sejam elas afetivas ou racionais. Nesse sentido, as culturas juvenis são, na realidade, *um patchwork* de diversas identidades costuradas por fios de semelhanças e diferenças, inseridas em um ecossistema de pluralidades, em que a convivência com os demais e o fluxo que os interliga se configura como fatores determinantes na construção e mutação das identidades juvenis.

Dessa maneira, na ambivalência entre pertencer a um grupo e diferenciar-se dele como pessoa única no mundo, muitos jovens, de acordo cm Schmidt (2010), vivenciam e reforçam o termo *"ter atitude"*. Esse comportamento caracteriza-se por expressar uma postura de autenticidade, inclusive na apresentação visual, que é reforçada por *piercing*, cabelos coloridos, *dreadlocs*, tatuagem, alargadores de orelha, entre outros acessórios. No entanto, é preciso atentar para o fato de que essa postura pode ir além do âmbito estético, refletindo a atitude como atuação e exercício de um provável protagonismo juvenil, seja na escola, nos grupos aos quais pertencem ou nas novas mídias, por exemplo. Esse posicionamento reitera que entender os jovens pode significar ir além das referências cronológicas passando por uma busca de suas identidades. Na visão do autor, essas expressões diferentes, no que se refere ao visual, enfatizam a complexidade e os paradoxos contextuais, ao passo que se por um lado os adornos estéticos e o comportamento diverso diferenciam, por outro reforçam estereótipos sociais e reproduzem padrões culturais estigmatizados pela cultura midiática e social do mundo adulto.

Complementando a ideia proposta acima, Cardoza (2003) afirma que o fenômeno das tribos pode não ser observado apenas no universo juvenil, porém é neste contexto em que ele mais se apresenta. As tribos seriam mais do que uma simples estruturação juvenil, pois inserem-se como uma mudança na formação da subjetividade, na construção dos relacionamentos, o que exige novas maneiras de se pensar as juventudes.

Dessa forma, refletir sobre as juventudes pode implicar em mergulhar numa esfera social complexa e marcada por heterogeneidade, uma vez que são diversas as variáveis que interagem na constituição dos seres humanos e dos grupos de pares nessa etapa de transformações da vida. Vivenciar essa fase da vida pode significar estar em um período no qual coexistem imaturidade e maturidade, fluxos de

afirmação e negação identitária, similaridades e diferenciações com as tribos juvenis, autonomia e dependência familiar, encontros e desencontros com os valores morais individuais e coletivos, omissão e participação, alienação e desenvolvimento de senso crítico, elementos contrastantes e complementares entre si.

Assim, é válido ressaltar que as juventudes, de acordo com Machado Pais (2005), podem ser definidas sob a perspectiva de uma fase temporal da vida humana, característica essa que teceria uma espécie de liga unificadora dos jovens, levando-os a uma sistematização a partir das relações participativas nos grupos. Então, emergem os *"paradoxos da juventude"* que tornam a compreensão desse período difícil de ser realizada de maneira simplificada. Assim, é essencial entender as lutas e anseios juvenis por espaços constantes de representação, através de uma postura ativa no ambiente social em que se concretiza o *"mundo dos adultos"*, do qual eles também são partícipes.

Na visão de Cruz (2000, p. 03), as formas estruturais alternativas de organização criadas por boa parte dos jovens ao mesmo tempo que promovem autonomia e construção de elos identitários, também se tornam formas de reagir à marginalização dos processos participativos do mundo adulto, gerando mecanismos de proteção:

> "É neste contexto que torna-se relevante a pergunta acerca das formas de organização juvenil, por seus modos de compreensão e interação do mundo para as várias maneiras em que os cidadãos são assumidos. Os jovens têm assumido formas organizacionais que atuam com o exterior - em suas relações com os outros como uma forma de proteção e segurança para uma ordem que exclui e, no interior, tem funcionado como espaços de pertencimento e de identidade, a partir das quais é possível gerar um bom senso de um mundo incerto. Anarquia, grafitti urbano, ritmos tribais, costumes culturais, a busca de alternativas e compromissos itinerantes deve ser lido como uma forma de ação política não institucionalizada, em vez que são vistas como práticas mais ou menos inofensivas de um bando de desajustados".

Na busca por expressar-se como diferente dos demais, em um movimento contrário à sociedade adulta que os rotula e procura enquadrar, o ímpeto dos jovens por participar e ter atitude não apenas nasce como também pode aumentar, à medida que

suas opiniões, expressas especialmente nas novas mídias, suscitam repercussões no mundo social. Durante a Copa do Mundo de Futebol no Brasil, quando houve altos investimentos realizados para a construção de estádios, em contraposição com a ausência de políticas públicas para a solução de problemas sociais, o país vivenciou manifestações contrárias à realização do evento. Em uma delas, os meios de comunicação registraram a tentativa de um pai em levar para casa seu filho que participava da mobilização nas ruas do Rio de Janeiro. A ação foi noticiada por muitas mídias de massa nacionais, que inclusive filmaram o diálogo ocorrido em 13/06/2014, entre pai e filho[2]:

Renan - Deixa eu protestar. Eu não quero isso. Esse governo é errado - dizia o rapaz.
PAI - Você vai ter o seu direito quando trabalhar e ganhar o seu dinheiro, tá? Eu sou seu pai, escuta o seu pai - falou o pai logo na chegada. - Ele é meu filho.

Então o pai tirou a camiseta do rosto do filho, dizendo "Você não é criado para isso. Eu trabalho para te sustentar, não é para você esconder a cara".

Renan - Eu quero escola, eu quero saúde. Deixa eu protestar. Minha avó quase morreu num hospital público. Você acha certo isso? Pelo amor de Deus, deixa eu correr atrás. Tanta gente morrendo. Deixa eu fazer a minha parte, ajudar um pouco. Eu sei que eu tenho 16 anos. Eu não vou me machucar, relaxa.
PAI - Eu pago a sua escola. Eu e sua mãe trabalhamos para te sustentar. Vamos para casa, por favor, Renan. Você não vai mudar o mundo. Meu filho, você tem 16 anos, não é a hora agora. Eu te amo, cara. Você é meu filho. Eu estou pedindo demais? Renan, um passo de cada vez - implorava o pai, na presença de câmeras da imprensa.

No fim, o jovem foi convencido a voltar para casa.

O caso de Renan ilustra bem o choque cultural familiar, especialmente quando os jovens deixam a condição de acomodação social, saindo da zona de passividade para a qual é sistematicamente levado, por diferentes razões, pelas instituições sociais, entre as quais, a própria família. No caso específico, ficam evidentes os conflitos geracionais que permeiam as relações entre filhos e pais. Estes, por temerem pela

[2]Dados coletados em matéria jornalística do Diário de SP *online*, acesso em 15/02/2015. http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/68659/pai-busca-filho-em-manifestacao-contra-a-copa e também http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/preocupacao-era-integridade-fisica-diz-pai-que-buscou-filho-em-protesto.html

vida e segurança dos filhos, além de terem receio do risco de perda da autoridade e do controle da situação, tentam podar o ímpeto de participação juvenil.

É possível perceber, também, a descrença do adulto (pai) na transformação coletiva do mundo, além da preocupação com a segurança e integridade física do filho (que é enxergado como criança pelos familiares), frente à esperança de mudança que o jovem fomenta.

Assim, há um descompasso entre o espaço participativo que o mundo social reserva aos jovens e o que de fato eles anseiam, configurando, então, um provável abismo entre os papéis desejados pelos jovens e aqueles legitimados para eles pelos adultos.

É interessante observar ainda que esses conflitos de valores nos processos participativos não se restringem às relações entre os jovens e os adultos. No que concerne a essa atuação e à sensação de pertencimento dentro das tribos juvenis, segundo Raggi (2010), perpetua-se um mito nos agrupamentos, de que não há discordâncias ou mesmo preconceitos sociais, na medida em que os jovens supostamente aceitam-se mutuamente. Essa visão deturpada pode acontecer porque os jovens são vistos possivelmente de forma estereotipada como *"descolados"* e abertos às diferenças individuais de cada ser humano. No entanto, ao contrário do que se preconiza socialmente, pode-se perceber a presença de contextos tensores e de relações polarizadas, de acordo com Pereira (2013). Sob essa ótica, faz-se necessário refletir sobre os jovens menos pelo viés da representação social, que é culturalmente compartilhada**,** e mais pelo aprofundamento das relações sociais e motivações que os constituem, sejam de concordância, discordâncias, tensões ou não; entre eles com os próprios amigos, familiares, professores, gestores, autoridades religiosas representantes políticos, governistas ou não. Assim, a compreensão das relações sociais, sejam conflitantes ou não colaboram por entender melhor as juventudes. Na visão de Raggi (2010), a tentativa de compreensão dos pormenores dessas relações com o outro permite um recorte mais fiel ao retrato das culturas juvenis.

Em resumo e segundo Bennett (2008), o paradigma da juventude engajada implicitamente enfatiza mudanças geracionais na identidade social que resultaram na crescente importância das redes de pares, relacionamentos e comunidades *online.* Neste sentido, este paradigma enfatiza o empoderamento da juventude como

indivíduos expressivos e libera simbolicamente os jovens a fazer a sua própria forma de cidadania nos mundos real e digital.

2.5 OUTRAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO JUVENIL

O protagonismo juvenil, aquele que se concretiza na forma de participação social, a organização dos mesmos em grupos e a relação deles com as novas mídias, permitem que haja uma resistência à tentativa de exclusão dos jovens do cenário sócio participativo. Paralelamente, segundo Brenner e Carrano (2008), a falta de identificação com os tipos de participações institucionalizadas, que são ofertadas aos jovens pela sociedade adulta, faz com que eles criem seus próprios caminhos, que dão sentido a sua sociabilidade e identidade em curso. Trajetórias essas não necessariamente atreladas à representação formal dos estudantes, mas à criação de coletivos e grupos nos quais confiam e dos quais participam, sem perder o controle da situação social na qual atuam. De acordo com Abramo (1997, p. 28), apesar da resistência juvenil e das novas formas participativas que eles exercem, a sociedade adulta tende a negar a sua existência enquanto promotora de um exercício cidadão:

> "(...) o foco central do debate concentra-se na denúncia dos direitos negados (a partir da ótica dos adultos), assim como a questão da participação só aparece pela constatação da ausência. Ou seja, os jovens só estão relacionados ao tema da cidadania enquanto privação e mote de denúncia, e nunca — ou quase nunca — como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos. "

A atuação estudantil não se limita às organizações estudantis formais, mas se manifesta na própria dinâmica de criação de pautas que são transformadas diariamente pelas realidades escolares, relações juvenis e sociedade civil. Portanto, não se pode dizer que haja um movimento estudantil unificado, porém vários que se inter-relacionam, visto que eles agregam uma pluralidade de tribos e grupos, com interesses distintos.

2.6 OS JOVENS E A ESCOLA

Respirando uma atmosfera de questionamentos e inquietude, a juventude de sucessivas gerações tornou-se a engrenagem para muitas mudanças que se instauram

na vida comum. Por ser esse um dos públicos que, historicamente, no decorrer dos anos, em diferentes nações do mundo, envolveu-se, participou e mobilizou-se em relação a assuntos coletivos, os jovens estudantes podem ser considerados peças-chave aos processos sócio-participativos. Na agenda das culturas juvenis, muitas são as temáticas que permeiam o palco das ideias, desde aquelas relacionadas à subjetividade a outras que se ramificam para as problemáticas sociais, tornando-se temas de interesse coletivo.

É relevante clarificar que um dos principais problemas associado às culturas juvenis no Brasil está relacionado à evasão escolar. Por vários fatores, esse índice torna-se cada vez mais preocupante, entre os quais: o início precoce no mundo do trabalho, as desfasagens de aprendizagem e os conflitos familiares. Dessa forma, gradualmente muitos jovens se desinteressam pelo ambiente escolar que, para agravar, possui evidentes falhas no fazer pedagógico, especialmente no que se refere às escolas públicas. Para ilustrar, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), resumidos pela ONG Todos pela Educação, em 2012, somente 51,8% dos jovens até 19 anos haviam concluído os últimos anos da Educação Básica, de um total de 9 anos.

Na visão de especialistas, o percentual baixo se deve especialmente a somatória entre haver pouco estímulo aos estudos desses adolescentes aliado a um currículo escolar extenso e sem sintonia com a realidade, por isso mesmo desmotivador.

Segundo informações do governo federal, relativo ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para o ensino médio, numa escala de 0 a 10, essa fase escolar pública obteve 3,7 pontos, o que reafirma a baixa qualidade e decadência do ensino público no Brasil para os adolescentes. Muito em decorrência desse contexto, 12% dos alunos são reprovados e 30% dos matriculados estão em séries com desfasagem de mais de dois anos na trajetória escolar.

As informações do Ministério da Educação (MEC) revelam um panorama grave a respeito do ensino médio brasileiro, mais ainda quando se considera que as juventudes, público estudantil alvo dessa fase educativa, se mostra cada vez mais pendente a optar pelo trabalho em vez do estudo ou não desejar nem um nem outro – por isso denominada geração “nem-nem”. A estimativa é que um em cada cinco

jovens brasileiros de 15 a 29 anos, segundo dados do IBGE (1999), se situem nessa geração. Nesse sentido, dá-se a urgência de uma transformação no sistema educacional brasileiro, para evitar os graves reflexos desse cenário para o futuro das gerações no Brasil.

Embora exista um descompasso entre a escola que muitos jovens estudantes almejam e aquela que, de forma geral, está ao alcance da maioria deles, as juventudes seguem criando seus próprios caminhos. Mesmo com a necessidade de muitos, especialmente os mais carentes, conciliarem trabalho com escola, tantas vezes noturna inclusive, a participação estudantil não deixou de existir. Em vez disso, grande parte dos jovens estudantes criaram mecanismos sócio-participativos próprios, mesmo no ambiente escolar. Segundo Castro e Abramovay (2009), paradoxalmente ao aumento de obstáculos à participação juvenil, ocorre um mecanismo inverso, devido à peculiaridade do público jovem de ter a capacidade de reinventar-se e, assim, transpor as barreiras de um tempo livre significativamente menor no decorrer dos anos.

Assim é através de processos participativos livres e criativos que os sujeitos sociais emergem nos jovens estudantes, podendo cimentar nessas práticas um protagonismo juvenil, a partir das relações de trocas com os outros. De acordo com Rosaldo (1994, p. 402), o protagonismo desses jovens está associado ao conceito de cultura cidadã:

> "O termo cultura cidadã é um conjunto de palavras que não andam juntas confortavelmente. A cultura cidadã refere-se ao direito de ser diferente e pertencer a um sentido democrático participativo. A justiça social exige a equidade entre todos os cidadãos, mesmo quando tais diferenças como raça, religião, classe, gênero ou orientação sexual podem potencialmente ser usadas para fazer certas pessoas menos iguais ou inferiores aos outros. A noção de pertencimento significa a plena adesão em um grupo e a capacidade de influenciar seu destino por ter voz ativa nas decisões básicas."

A respeito da cultura da participação dos jovens, Costa (2000) entende que a participação das juventudes reflete autonomia e autoconfiança. É através da existência comunicativa com os demais que a atitude de protagonismo pode ganhar fôlego, e levar a caminhos promotores para o desenvolvimento do senso crítico. Nele, o envolvimento e a habilidade analítica individuais possivelmente se intensificam, a

partir das interações sociais coletivas. Ou seja, é embasado na corrente dialógica de Freire (1974), que os estudantes podem vir a emancipar-se gradativamente dos estereótipos juvenis perpetuados pela mídia, da manipulação por parte de meios de comunicação verticalizados do tipo de cultura pedagógica repressora ainda existente (*"bancária"),* que visa exclusivamente o *"depósito"* de conteúdo.

Sobre o assunto, Rosaldo (1994, p. 410), enfatiza que as mudanças nos processos educativos não acontecem em curto espaço de tempo e demandam a participação de toda a sociedade:

> "Alterações na educação precisam ser entendidos como partes de um processo de mudança de longo prazo. Essas mudanças têm envolvido esforços para emancipar totalmente todos os cidadãos em acordo com os ideais democráticos de cada nação. O ideal de cultura cidadã cresce apesar da convicção de que, em uma sociedade plural, um grupo deve não ditar a noção de um outro grupo de dignidade, prosperidade e bem-estar. A cultura cidadã implica também uma noção do cidadão poliglota. Debates acadêmicos levantam questões como "Quem somos nós?" Em uma sociedade plural a oferecer esperança de trazer uma descolonização cultural ao reconhecer o valor da vida cultural. Alterar a composição da participação em instituições de ensino levanta questões como ao tipo de admissões, a retenção, a capacidade de resposta institucional, a ação afirmativa, e obter diversidade na tomada de decisões. "

Fanfani (2000) reforça esta linha de pensamento, ao destacar que no relacionamento entre aluno e professor deve haver reciprocidade e respeito, diferentemente da tradicional cultura de autoritarismo que, muitas vezes, ainda predomina na estrutura organizacional de muitas escolas. Neste sentido, muitos jovens projetam que "ser estudante" vai além dos mecanismos automáticos de reprodução cultural. Em vez disso, é necessário conviver estrategicamente com os adultos para exercer um protagonismo juvenil.

Na visão de parte da sociedade, alguns jovens estudantes podem ser infantilizados, fazendo com que a ação deles enquanto sujeito social seja projetada para o futuro, especialmente quando se chega a época da conclusão da graduação. Nesse sentido,

somente com os estudos concluídos, os jovens passariam a ser encarados pelos adultos como cidadãos de fato e de direito, aptos a participar do mundo adulto. Com relação ao ensino nas escolas atuais, Fanfani (2000) enfatiza que a problemática educacional juvenil se centra na perpetuação da cultura escolar própria da educação infantil. Isto é, há um direcionamento educativo no qual as juventudes recebem, no geral, um tratamento inapropriado a sua faixa etária.

Além disso, Fanfani (2000) afirma que não se pode separar a escola da vida cotidiana, já que os jovens têm suas próprias vivências culturais participativas, através das quais expressam nas mais diferentes linguagens, suas significações. Nesse sentido, a escola perde o antigo espaço de monopolizadora, na medida em que as juventudes são multifacetadas, dinâmicas e mutantes.

Desta forma, segundo o autor, a escola deve desejavelmente refletir um espaço de valorização dos saberes, motivações e desejos de suas juventudes; promovendo o protagonismo juvenil mediante práticas de participação comunicativas e expressões criativas, não se limitando ao conteúdo programático educativo. Mais do que isso, a nova escola precisa não apenas ensinar, mas estimular e promover o desenvolvimento de capacidades imprescindíveis na vida social. Além do quesito sociabilidade, é necessário que as instituições escolares visualizem seus jovens na condição de cidadãos em processo de formação nas mais diversas áreas da vida. Por fim, Fanfani (2000) sugere, que as instituições necessitam fazer convergir para a educação as dimensões cognitiva, emocional e física, compreendendo que o desenvolvimento das identidades une, em seu processo, razão e sensibilidade.

A cultura de exclusão dos jovens estudantes dos processos sócioparticipativos, por parte de muitos adultos, deve-se, provavelmente, a vários motivos, entre os quais: dependência financeira dos familiares, receio de perda do controle da situação por parte dos pais, protecionismo e medo de exposição dos filhos jovens aos problemas sociais como drogas e violência urbana, interesses mercadológicos e de manutenção do poder, no que se refere às grandes mídias e seus pequenos grupos detentores de controle político e econômico, além de uma cultura pedagógica ultrapassada, muitas vezes, ainda ancorada em um sistema de ensino repressor por parte de alguns docentes e gestores escolares. Segundo Castro e Abramovay (2009), há duas razões que dificultam a maior participação dos jovens atualmente em organizações sociais. A

primeira razão vem a ser o contexto socioeconômico, que faz com que os jovens, cada vez mais cedo, necessitem se inserir ao mercado de trabalho, reduzindo, assim, o tempo livre para integrar grupos e participar de ações concretas de mobilização. A segunda razão está na manipulação social da mídia de massa, que tende a negar e deturpar as modalidades alternativas de participação que são criadas pelas juventudes.

No ecossistema educacional, grande parte dos jovens estudantes, ao mesmo tempo, que se sentem parte, pela sociabilidade que constroem com os colegas, percebem-se à parte pelo distanciamento que há entre eles e as instituições escolares. Para aumentar a distância entre adultos educadores e jovens estudantes, há conflitos que vão além dos geracionais, pois os estudantes podem não ser enxergados pelos educadores como sujeitos sociais, capazes de construir, junto ao professor, caminhos para a educação, mediante diálogos inclusivos. Muitos jovens estudantes, então, mesmo quando dispostos a participar e contribuir com questionamentos e propostas, são subestimados, manipulados ou relegados à condição de coadjuvantes, até mesmo nas escolas, espaços onde deveriam ser protagonistas, desde o ingresso. O estímulo ao desenvolvimento da autonomia e do senso crítico juvenil possivelmente exige dos educadores e da sociedade um nível de cultura colaborativa e horizontalizada que eles ainda não possuem.

Conforme Raggi (2010), a escola deveria ser o lugar primeiro de prática e experimentação da formação cidadã e sócio-democrática desses jovens estudantes, e essa construção deveria se dar através de relações sociais horizontalizadas, de uma cultura colaborativa juvenil, mediante a atuação deles enquanto sujeitos sociais no ambiente escolar, tanto com seus pares quanto com os cidadãos adultos, fossem professores ou administrativos. Porém, cotidianamente, vivencia-se exatamente a realidade contrária. Percebe-se que a cultura escolar predominante não aponta caminhos pedagógicos construtivos para lidar com a diversidade, menos ainda para desenvolver o potencial criativo dos alunos. Assim, as instituições de ensino parecem enveredar por práticas que levam à falta de identificação dos alunos, distanciamento na relação aluno-professor, desmotivação na questão ensino-aprendizagem, além da exclusão que possivelmente marginaliza os estudantes que se recusam a submeter-se a tal cultura verticalizada. Completando o pensamento proposto pela autora, de acordo com Castro e Abramovay (2006, p. 24):

> "(...) a escola não é, em muitos casos, um espaço democrático e igualitário, tal como concebido pela nossa sociedade. Embora se espere que ela funcione como um lugar de inclusão, de convivência das diversidades, a escola possui seus próprios mecanismos de exclusão e seleção social, escolhendo alguns indivíduos e colocando outros para fora. Estes outros, em geral, são os que não conseguem responder às expectativas quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar".

O distanciamento dos alunos das escolas pode ser percebido não apenas pelos índices de evasão escolar, mas também pela crescente construção de caminhos próprios e alternativos de participação, tantas vezes inseridos no próprio ambiente educativo, porém como apêndices autônomos, exclusivamente criados pelos estudantes. Se antes era notória somente a participação tradicional dos jovens (aquela ofertada pelas instituições formais), nos tempos atuais, percebe-se a mesma diversidade que constitui as identidades juvenis também refletida nas formas de participação. De acordo com Carrano e Sposito (2003), a linha da participação corre além da esfera institucionalizada e se torna paulatinamente diferenciada, associada a valores dos jovens partícipes, sejam de caráter cultural, solidário, religioso ou voluntário.

2.7 JOVENS, A MÍDIA E A TECNOLOGIA

No que concerte à evolução tecnológica, Barcellos (2011, p. 806) afirma que foi após a unificação da economia internacional que houve o maior desenvolvimento da informatização social:

> "A interação entre os meios audiovisuais e as tecnologias de informação possibilitou uma nova relação do consumidor com a mídia. A generalização do uso do cabo de fibra óptica e das antenas parabólicas digitais, a multiplicação de canais e de estilos de programas de televisão, a utilização do *compact disc* interativo (cd-rom) etc. mudaram a relação de passividade do consumidor com a indústria cultural".

De acordo com a pesquisa TIC Kids *online* Brasil[3], 90% dos jovens de 9 a 17 anos possui no mínimo um perfil em rede social, sendo a plataforma do *Facebook* a mais popular entre esse público. Segundo a Cetic.br[4] (Comitê Gestor da Internet no Brasil), os jovens dessa mesma faixa etária acessam a internet, pelo dispositivo móvel, quase diariamente. Em 2013, no Brasil, os aparelhos de celular correspondiam a 53% dos acessos, atingindo a 82% em 2014.

No entanto, é importante ressaltar que a afinidade dos jovens com a tecnologia não é um contexto atual. Diferentemente dos adultos, eles parecem ser mais abertos a novas experimentações e não costumam expressar medo por mudanças, ao contrário, demonstram, em sua maioria, um fascínio por vivências diversificadas, especialmente àquelas relacionadas a inovações.

Sobre a personalidade dos internautas, Pereira (2013) sugere que nas redes sociais digitais, emergem novas *"socialidades"*, outras formas de estar junto, de ser parte, estruturadas não mais no contato social e sim "pacto emocional". Dessa forma, a horizontalidade encontra nas redes sociais um ambiente que favorece a disseminação dessa cultura nas relações. O autor ressalta que nessas relações sócias comunicativas, pode existir uma ampliação do sensorial e das subjetividades, assim as relações entre as pessoas e as emoções envolvidas nelas ganham uma proporção maior na sociedade.

De acordo com o Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição da UFF (Universidade Federal Fluminense)[5], a participação dos jovens *online* é focalizada nas relações de sociabilidade para diversos fins entre os quais paquerar, se divertir, fortalecer elos de amizade, jogar, expressar criatividade através de produções artísticas, entre outros interesses plurais. Entre esse público, segundo a pesquisa, as redes sociais digitais mais acessadas são MySpace e o *Facebook* e parte dele as utiliza para as mais diversas modalidades participativas e distintos objetivos:

---

[3] Dados coletados da Revista Exame *online* em 02 de dezembro de 2015 no link: http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/90-dos-jovens-brasileiros-possuem-pelo-menos-um-perfil-proprio-em-rede-social

[4] Dados coletados no Portal UOL em 02 de dezembro de 2015 no link: http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/07/28/80-dos-jovens-e-criancas-acessam-a-internet-pelo-celular-todos-os-dias.htm

[5] Pesquisa divulgada on-line em http://www.proppi.uff.br/leeccc/como-os-jovens-vivem-e-aprendem-com-novas-m%C3%ADdias, acessado em 02 de dezembro de 2015.

> “Um número menor de jovens também usa suas conexões para encontrar a informação ou para explorar os seus centros de interesses que vão além do que eles têm acesso à escola ou o que eles encontram em sua comunidade local. Grupos on-line permitem aos jovens de se conectar com colegas que partilham interesses comuns, trata-se de jogos *online*, escrita criativa, edição de vídeo ou outras atividades artísticas. Nessas redes motivadas por interesse, os jovens encontram novos colegas fora de suas comunidades locais. Eles também podem encontrar oportunidades para compartilhar e divulgar seu trabalho *online* para aprender novas formas de visibilidade e reputação. ”

Com a Internet, ficou mais fácil encontrar informações relevantes e acessar o conhecimento. Já faz algum tempo que a juventude passou a envolver-se cada vez mais com os meios de comunicação e seus dispositivos tecnológicos, por vários motivos, entre os quais: identificação, e facilidade de sociabilizar-se em redes de relacionamento, além de produção de conteúdos autorais e criativos e possibilidade de exercer um protagonismo juvenil, por intermédio das novas mídias, por exemplo. Provavelmente, os jovens encontraram nos sites de redes sociais um espaço público acessível para inserirem-se em contextos participativos e exercerem um protagonismo que almejavam e lhes era negado pela sociedade, em sua maioria. Em outras palavras, além dos fatores tecnológicos que naturalmente atraem os jovens, as novas mídias congregam a possibilidade de contemplar a pluralidade que as culturas juvenis expressam e a viabilização do exercício de um protagonismo juvenil, na esfera social.

Esse protagonismo juvenil relaciona-se diretamente com uma Cultura Participativa que emerge das redes sociais. De acordo com Jenkins (2009, p. 06-07), trata-se de uma cultura de colaboração coletiva em que os jovens cada vez mais tornam-se a engrenagem desse processo:

> "Os jovens estão se envolvendo, de forma ativa, em o que chamamos de Culturas de Participação. Uma cultura de participação é uma forma de participação com relativamente poucas barreiras para a expressão artística e o engajamento cívico, suporte para a inovação e seu compartilhamento, e alguns tipos de aconselhamento informal, onde os mais experientes repassam o conhecimento aos novatos. Em uma cultura de participação, os membros devem acreditar que suas contribuições fazem a diferença e também que

> sintam que suas conexões sociais sejam fortes. (...) uma crescente quantidade de membros acadêmicos apontam benefícios a estas formas de cultura participativa, incluindo oportunidades para aprendizado passo a passo, mudança de atitude acerca da sua propriedade intelectual, a diversificação da expressão cultural, desenvolvimento de habilidades valorizadas nos locais de trabalho e mais apoderamento da sua participação cidadã. Ter acesso a este tipo de cultura participativa funciona como adicional a formação dos jovens, moldando-os para ter sucesso na escola e nos seus locais de trabalho."

Esses contextos sócios participativos de manifestações sociais, a exemplo da de 2013, devem-se não apenas às transformações culturais da sociedade, mas também à revolução tecnológica dos últimos tempos. A evolução tecnológica da telefonia móvel possibilitou ao usuário de um aparelho *smartphone* ferramentas com as quais ele passa a ser protagonista social do mundo em que vive. Com câmeras filmadoras e fotográficas de alta resolução, embutidas ao celular, e conectados à internet em tempo real, inclusive também às novas mídias, os usuários, muitos deles jovens estudantes, passam a ser personagens principais dos contextos que vivenciam. Nessa inserção, eles compartilham suas vivências e a dos demais, em processos que podem vir a gerar questionamentos, demandas, reflexões, indignações e mobilizações com os quais eles se relacionam nas redes.

Assim, as redes sociais no ambiente digital se tornam espaços públicos que vão além da expressão de subjetividades e sociabilização. É através desses ambientes que as juventudes têm encontrado a viabilidade de exercer uma cultura participativa em que possam finalmente exercer o protagonismo juvenil que tanto almejam. Mediante esse exercício, segundo Jenkins (2009), eles passam a promover uma transformação cultural na sociedade, em que a as mídias e a tecnologia que ela congrega, possibilitando a convergência de múltiplas linguagens midiáticas, passam a ser usadas para expressão de criatividade, desenvolvimento de senso crítico, produção de conteúdo próprio, acesso a diversas fontes de informação, tornando-se um meio possível para uma formação educativa através da comunicação.

Jenkins (2009, p. 08) reforça que, para além da evolução tecnológica, os contextos sócio-participativos são resultado de uma transformação cultural, a partir dos usuários:

> "A discussão sobre participação fazendo uso das novas mídias têm-se centrado em tecnologias - de ferramentas e suas aplicações. O computador é discutido como uma caixa preta mágica com o potencial de criar uma revolução de aprendizado (na versão positiva) ou um buraco negro que consome recursos que poderiam melhorar as atividades tradicionais de sala de aula (na versão mais crítica). Mesmo assim, como sugerido, a mídia opera em contextos culturais e institucionais específicos que determinam como e por que elas são usadas. Nós podemos saber se uma árvore faz algum som quando cai em uma floresta sem ninguém por perto. Mas claramente, um computador não faz nada na ausência de um usuário".

A utilização das redes sociais pelos jovens estudantes possibilita que eles estejam atualizados sobre os acontecimentos mundiais, devido à rapidez de propagação das notícias e o "feedback" imediato dos usuários dessas redes. Donas (2010) confirma essa atualização instantânea, ressaltando as facilidades de acesso às informações, através do compartilhamento de conhecimento, inclusive para promoção de direitos, o que potencializa a cidadania.

Nessa perspectiva, cidadania digital implica na utilização responsável da tecnologia por parte dos cidadãos. Seria assim um direito e uma obrigação de todos conhecer como fazer o uso ético e correto das inovações proporcionadas pela tecnologia. Outra forma de entendimento do conceito refere-se à maneira como os usuários se socializam e compartilham conteúdo *online* entre si. Para Ribble (2011), Cidadania Digital é constituída por usuários tecnológicos (cidadãos digitais), responsáveis pelo uso adequado ou não da tecnologia, cabendo aos professores e líderes de tecnologia conscientizá-los para o uso das tecnologias de forma segura. Nessa perspectiva, apesar das interações as redes sociais se tornaram espaços de importância para o exercício da cidadania, através da sociabilização e do debate entre os partícipes para que os jovens possam refletir sobre política, economia, cultura, além de interagir com os próprios representantes políticos, por exemplo, através de suas páginas, perfis em blogs e sites.

No contraponto do acesso às novas mídias, Castro e Abramovay (2009) afirmam que há uma prática abusiva por parte das mídias de massa que, rotineiramente, tentam manipular esses jovens. Nesse contexto, instaura-se estrategicamente uma cultura

impulsiva do consumo que, de forma sistemática, seduz os jovens da atualidade. Assim, alguns deles são levados a crer que bens mercadológicos são pilares de suas próprias identidades, gerando neles uma artificial sensação de plenitude e uma consequente condição de passividade na vida sócio-política. Os jovens estudantes, quando carentes de um nível de criticidade mais elevado, tornam-se alvo fácil para o mascaramento da minoria detentora do poder.

Park (2012, p. 09) complementa que, no que concerne ao engajamento dos jovens, através da mídia, há visões contrastantes para os diferentes contextos:

> "Comportamento participativo no mundo digital é entendido de forma diferente em diferentes contextos. Por exemplo, atividades criativas e participação política são dois comportamentos muito diferentes. Observa-se dois diferentes paradigmas no tocante a juventude digital: seja ativo ou passivo. Os engajados ou ativos vem o empoderamento da juventude como indivíduos expressivos. Mesmo que eles não participem de atividades tradicionais lideradas pelo governo, eles ainda estão tomando parte em ações em suas comunidades como cidadãos. A visão oposta é a dos não engajados ou passivos, onde os jovens são descritos como uma geração desligada da política e assuntos públicos. Engajamento de mídia não é sinônimo de engajamento cívico".

No Brasil, especialmente, dentre os ecossistemas virtuais utilizados como plataformas de interação e participação dos jovens estão: *Facebook*, *instagram*, *twitter*, além de blogs e sites de compartilhamento de fotos e também de vídeos, caso do *youtube.* É interessante observar que cada uma dessas plataformas se constitui de especificidades e objetivos próprios e essas características colaboram para o melhor entendimento dos públicos que as utilizam assim como das motivações que os movem para participar delas.

Nas novas mídias, os usuários passam a interagir em fluxos de participação de via dupla, levando contribuições referentes a pautas coletivas e individuais, suscitando debates e mobilizando ações objetivas como também levando à esfera pública conteúdos que dizem respeito exclusivamente ao contexto privado do indivíduo. É pertinente observar que em redes sociais multifacetadas como o *Facebook* coexistem

relações entre o usuário e seus amigos (uma das redes), e entre eles e os grupos dos quais ele participa, sejam da escola, do condomínio, da época da infância, da faculdade, da família, entre outros. Cada um desses agrupamentos congrega atributos peculiares que, por sua vez, influenciam diretamente no tipo de participação, no movimento interativo entre os partícipes, na atitude dos usuários, nos elos de pertencimento ao grupo, sejam eles fortes e/ou fracos, nas regras implícitas de organização e na deliberação, como também nas motivações que incentivam o envolvimento do usuário com seu grupo.

No caso específico do grupo do IFRN, objeto da pesquisa em curso, inserido contextualmente na rede social *Facebook*, depreende-se explicitamente que, segundo os administradores do agrupamento, trata-se de um "Grupo destinado a alunos, ex-alunos, servidores e ex-servidores do IFRN para discussões relacionadas à Instituição. É recomendável ler as regras do grupo antes de participar e é recomendável sair do grupo caso não concorde, ou deve solicitar mudança que poderá ser avaliada".

O grupo funciona como plataforma de atuação social entre os sujeitos que interagem a respeito dos assuntos relativos à escola, embora não somente a ela. É essencial perceber que a formação representativa do ecossistema institucional, como espaço alternativo de comunicação entre alunos, ex-alunos, servidores administrativos e professores, foi uma iniciativa do público discente e, embora ela tenha sido legitimada pela adesão de muitos servidores, inclusive do próprio Reitor, a construção deu-se de maneira não institucionalizada e tem a sua maioria atuante a massa de estudantes e ex-alunos.

Por diferentes razões, entre as quais a da evidente exposição pública, com riscos óbvios de repercussão negativa e constrangimento, a participação dos alunos é notoriamente mais expressiva que a dos atores gestores, sejam eles professores e/ou administrativos da Instituição. Assim, o grupo configura-se diariamente como um espaço autônomo de participação do aluno e ex-aluno, de maneira que, na plataforma, são publicados questionamentos, atitudes, reflexões, críticas, sugestões, chamamento a mobilizações e organizações para ações coletivas.

Nesse fluxo de comunicação participativa, jovens estudantes saem da condição de anonimato, muitos deles com personalidade marcada pela timidez em sala de aula,

para o exercício da cidadania, em que tornam-se sujeitos sociais, com capacidade para argumentar, articular e deliberar a respeito das temáticas comuns. Algumas vezes, a participação fica restrita ao grupo, não gerando ações objetivas decorrentes das reflexões instauradas na plataforma. Já em outras, a participação se limita à divulgação de amenidades da vida individual e/ou divulgação de *links* ou comentários que podem ou não interessar aos demais partícipes da comunidade.

Embora ainda em experimentação e passível de críticas e questionamentos, o grupo criado pelos jovens estudantes no *Facebook* passa a configurar-se como um novo espaço para expressão pública, convivência com a diferença, com a politização do outro ou mesmo com alienação política, além da busca por soluções que colaborem, no sentido de encontrar soluções para as problemáticas sociais, sejam elas referentes à comunidade escolar ou à sociedade em geral. É nesse protagonismo juvenil, vivenciado através da participação e comunicação, que os jovens estudantes podem vir a desenvolver o senso crítico, para, assim, amadurecer, aprender a pensar na comunidade, descobrindo o outro e se auto-conhecendo enquanto ser singular, porém vinculado à sociedade em que está inserido.

2.9 CONCLUSÃO

Nesse capítulo, foi possível perceber que os contextos juvenis são mais complexos do que as visões estereotipadas que sobre eles se difundem. Dessa maneira, o entendimento acerca dos jovens estudantes é um processo desafiador, na medida em que coexistem realidades estudantis ambivalentes, implicando na compreensão de uma cultura escolar diversificada. Esse contexto plural, por sua vez, pode vir a interferir diretamente no processo de motivações e na construção de práticas participativas dos jovens em alunos, na sociedade em que vivem, a começar pela própria escola.

Esses paradigmas refletem as próprias culturas juvenis, diversas entre si e em si mesmas, expressando jovens que se descobrem com convicções tantas vezes contrárias ao que há pouco pensavam sobre o mundo. Assim, foi possível refletir melhor sobre as culturas juvenis na contemporaneidade, desvinculando-se dos chavões perpetuados socialmente e passando a enxergar os jovens como seres humanos únicos na vida. Embora inseridos em uma época da vida específica e

marcada por algumas características comuns, as culturas juvenis não são padronizadas e, ao contrário, congregam reflexos da diversidade de jovens.

Pode-se, então, concluir que os jovens estudantes do IFRN são sujeitos sociais em formação, fora dos padrões compartilhados culturalmente pela sociedade, em busca do encontro consigo mesmo, com os demais de sua geração e, especialmente, com o mundo em que vivem, o mesmo dos adultos. Nessa busca, há processos dialógicos e participativos que instauram ações sociais de transformação ou não, referentes às comunidades interna e externa. Nelas, os jovens alunos podem se omitir e também expressarem-se, em movimentos de retrocesso e avanço, referentes às temáticas de interesse coletivo.

Assim, é importante destacar que os processos participativos protagonizados pelos jovens estudantes do IFRN, mais especificamente no que concerne ao ambiente das redes sociais, em especial à Plataforma do *Facebook*, são complexificados pela natureza mutante e ambivalente desses partícipes. Nesse sentido, os processos participativos tornam-se ainda mais plurais, demandando portanto análises mais apuradas, na medida em que para além das relações sociais e das necessárias habilidades educomunicativas emergentes, é preciso que se leve em conta os multifacetados processos de formação e socialização das juventudes.

3. REDES SOCIAIS: DA CULTURA DA CONVERGÊNCIA ÀS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo, serão inicialmente apresentados o contexto de mudanças na evolução da sociedade em rede e o viés comunicativo que nutre as relações humanas. Esse se torna peça chave das diversas transformações nas várias esferas da vida em comunidade.

Para um melhor entendimento do tema, primeiramente será apresentado um panorama geral do assunto e gradativamente, de forma a estabelecer conexões entre os assuntos, serão tratados subtemas como cultura colaborativa, redes sociais, virtualidade real, horizontalidade e verticalidade, habilidades emergentes, mobilizações, entre outros. A estrutura do capítulo foi planejada de maneira que seja possível a compreensão macro dos diversos aspectos que envolvem a temática central e, assim, paulatinamente, chegue-se a perspectivas mais específicas e aprofundadas das transformações que estão acontecendo nos contextos comunicativos e de como elas afetam diretamente a cultura participativa dos cidadãos na vida social.

3.1 AS MÍDIAS E A SOCIEDADE: UM PANORAMA GERAL

Como já foi visto no capítulo anterior, a comunicação social pode se configurar como motor do processo de sociabilidade humana, inclusive na viabilização de processos participativos e nos mecanismos de expressão das culturas juvenis. Essa relação comunicativa entre pessoas e grupos foi transformando-se, ao longo da história humana. No entanto, não é possível compreender mudanças nas relações conversacionais sem o entendimento de como as mídias interferem nas suas esferas política, econômica, social e cultural, conforme indica McLuhan (1967). Esferas que se estruturam a partir da conexão de famílias, amigos, instituições, grupos, comunidades, cidades, estados, regiões e nações, viabilizando a ramificação das relações interpessoais que, juntas, colaboram para o tecimento da sociedade em geral. O entrelaçamento dessas conexões, cada vez mais, assim como o fluxo de conteúdo que as perpassa, passou a se dar, através dos tempos, mediadas pelos meios de comunicação social.

No sentido de interligar a sociedade, podemos destacar a importância histórica do surgimento de vários meios de comunicação como, por exemplo, os jornais, o rádio, a

televisão e, posteriormente, a internet, divisora de águas no que se refere a paradigmas comunicacionais. Retomando o que já foi explanado em outro capítulo e reforçando a teoria de Levy (1999), foram as novas tecnologias, relacionadas às próprias atividades multifacetadas dos indivíduos que, mediadas por *dispositivos de comunicação*, modificaram as rotinas das pessoas e, consequentemente, das redes de relação interpessoal já existentes, impactando positivamente e negativamente o cotidiano do público.

Segundo Jenkins (2009), com a disponibilização e adoção dos sucessivos meios de comunicação no cotidiano da sociedade, vieram também as especulações sobre os benefícios e os malefícios causados a esta e a respeito dos caminhos futuros. No entanto, apesar da polêmica sobre a dependência dos meios de comunicação social, a presença deles enquanto dispositivos tecnológicos de mediação se mostrou historicamente incontornável.

Com o avanço da tecnologia e a constante busca por otimização do tempo, novos meios de comunicação foram surgindo e, com eles, muitas ideias correntes ganharam força na sociedade, entre eles o de que uma mídia poderia vir a substituir a sua antecessora. De acordo com Jenkins (2009), os anos têm mostrado que, ao contrário do que se propagava, a mídia sucessora não necessariamente substitui sua precursora, como, muitas vezes, incorpora características dela. Dessa forma, os jornais continuam existindo e a televisão não extinguiu o rádio, muito embora as relações contextuais entre eles possam ter-se modificado e o comportamento comunicativo do público que os utiliza também possa ter-se alterado no contexto.

3.2 REDES SOCIAIS EM AMBIENTE DIGITAL: UMA REALIDADE OMNIPRESENTE

Nesse contexto diversificado, de acordo com Jenkins (2009), havia especulações de que a internet substituiria as mídias antigas, porém o novo paradigma comunicacional aponta não para esse horizonte, mas para a convergência das mídias, na qual novas e tradicionais coexistem e interagem de maneira cada vez mais complexa, permitindo aos usuários formas criativas de expressão e utilização inovadora das ferramentas em rede. Esse fluxo de mudança pode gerar e ser gerado por uma mutação cultural no comportamento dos usuários.

Outra questão pertinente abordada por Jenkins (2009) foi a desmistificação da *caixa preta*, pois se pensava que as inovações tecnológicas caminhariam para a existência de um aparelho único na sala de televisão de casa que congregaria todas as linguagens midiáticas. No entanto, progressivamente, a população passou a inserir-se na realidade da conexão móvel e onipresente, desconstruindo-se, portanto, mais um discurso midiático. Assim, na visão do autor, a sociedade contemporânea passou a expressar na sua cultura um comportamento plural, interligado a experiências e modos de utilização multifacetados de plataformas na internet.

Dessa forma, segundo Goode (2010, p. 01), gradualmente, a sociedade passou a vivenciar a participação a partir das redes sociais em ambientes digitais, para discutir e direcionar encaminhamentos coletivos relacionados às próprias vidas:

> "Quando a participação social toma os ambientes digitais fica claro que a comunidade onde cada um vive no senso físico se torna menos importante. No lugar, podemos aprender mais a entender a participação na sociedade como um processo de engajamento com decisões que afetam a vida de cada um e dos demais".

Após a adoção cotidiana dos sites de redes sociais, pelas pessoas, mais especificamente através de processos de interatividade e colaboração, realizados pela geração de usuários desses sites, iniciou-se uma transformação na comunicação social. Nesse panorama tecnológico e cultural, as redes sociais tornaram-se peças-chave de um contexto mutante e progressivo, em que as pessoas gradativamente se tornam protagonistas dos processos sócio comunicativos da mídia, deixando de lado o tradicional modelo midiático de uma comunicação de massa sem massa. Ou seja, o engessado sistema em que a comunicação midiática acontece para as pessoas sem a participação ativa delas, paulatinamente, tem-se tornado insuficiente e obsoleto. Nesse sentido, segundo Recuero (2009), as redes sociais em ambiente digital atuam como motor que favorece e viabiliza essa transformação cultural humana, pois apesar de serem antes de tudo constituídas a partir de laços relacionais entre pessoas, instituições e ou grupos, é a mediação por computador que torna possível a expressão e o surgimento delas, com todas as potencialidades comunicacionais atuais.

Recuero (2009, p. 18) refere que

> "Eis a comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador".

Ainda nas palavras da autora (2009, p. 24):

> "Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões".

De acordo com Jenkins (2009), as novas mídias e as possibilidades ofertadas aos usuários delas, em decorrência das inovações tecnológicas que elas congregam, no decorrer do tempo, começam a permitir a construção de novos contextos. Nesse aspecto, o que difere é o modo de atuar dos usuários que se diversifica e torna-se mais criativo. Assim, gradativamente, surgem novas formas de participação, fomentando uma cultura colaborativa em rede. Após o surgimento dos sites de redes sociais, mais especificamente, os usuários passam a conectar-se publicamente uns com os outros e a interagir em um fazer conversacional, diversificado, viral e contínuo.

3.3 PÚBLICO EM REDE: PARTICIPAÇÕES PLURAIS E SENTIMENTOS DIVERSIFICADOS

É preciso clarificar que essa pluralidade participativa se dar como resultado não apenas das condições socioculturais e econômicas bastante desiguais dos partícipes que compõem as redes sociais, mas também em virtude do aspecto heterogêneo que se constitui como característica predominante de uma população.

De acordo com Silveira (2010, p. 65)

> "A comunicação em redes digitais distribuídas coloca culturas muito distintas em contato cotidiano. As grandes diferenças do mundo presencial, as diversas

> perspectivas étnicas e os distintos olhares das classes sociais não desapareceram no ciberespaço. Apesar de as tecnologias da informação darem a impressão de homogeneizar os comportamentos, as atitudes e as finalidades, a comunicação em redes digitais não dissolveu nem aplacou as diferenças".

Essa pluralidade cultural da população persiste, a despeito da falsa impressão que, num primeiro olhar, as tecnologias da informação possam padronizar as pessoas. Ao contrário, as redes sociais em ambiente digital permitem ainda mais a expressão da diversidade de uma população, na medida em que possibilitam a pessoas de diferentes culturas, realidades sociais e econômicas, antes sem acesso a espaços públicos de comunicação midiática, assumirem a condição de protagonistas comunicacionais, manifestando suas ideias e pensamentos, através do compartilhamento de conteúdo em perspectivas autorais plurais. Por isso mesmo, é possível perceber nas redes sociais em ambiente digital modos multifacetados de uso de uso e expressão conteudística conversacional.

Nesse contexto plural, segundo Recuero (2014), as práticas conversacionais possuem então lugar de destaque nos contextos de utilização dos sites assim como no surgimento do *público em rede*. Esses sites possibilitam a criação de perfis personalizados, reflexos das representações de cada um nesses espaços. De acordo com a autora, o impacto dessas plataformas está justamente no fato de permitir a própria reconstrução de redes de relacionamento, possibilitando inclusive também diferentes formas de conexão, das mais diversificadas possíveis, até mesmo aquelas tidas como associativas, ou seja, frágeis elos entre os atores sociais envolvidos. Isto é, embora os mundos real e virtual não sejam contextos paralelos e sim entrelaçados, configurando-se, portanto, um como representação do outro, as características peculiares dos meios em que as realidades se dão permitem especificidades que remetem a diferenciações entre eles. Por exemplo, a representação no ambiente digital abre um leque de particularidades para as relações interpessoais, a exemplo de alguns amigos virtuais que tantas vezes não fazem parte da convivência um do outro ou sequer já se encontraram alguma vez no mundo real, o que não acontece com as relações sociais na vida *offline.*

É importante perceber que as redes sociais se constituem a partir da sociabilidade das pessoas e essa por sua vez é conduzida através dos laços sociais que são construídos

por aspectos como: identificação, interação e presença. Assim, segundo Amaral (2012, p. 99):

> "A cultura participativa e coletiva da Internet, como defendemos anteriormente nesta secção, é baseada na agregação de indivíduos. Neste sentido, a construção da identidade individual e a criação de sentimentos de pertença e presença nos ambientes sociais são elementos centrais na abordagem das comunidades virtuais e redes sociais na Internet como veículos potenciadores de sociabilidade e conhecimento".

Nesse contexto, a dinâmica das relações sociais, portanto também é diferente, por isso mesmo, embora a rede social no ambiente digital seja a representação da vida *offline* e essas realidades sofram influências mútuas em seus processos sociais, em um contexto *híbrido* e não paralelo, como trouxe à tona Castells (2013b) com o conceito de "*Virtualidade Real",* esses ambientes não são reflexos puros entre si. Em outras palavras, a representação não implica em uma réplica absoluta do contexto original e sim, como o próprio nome já remete, a uma forma de representar um determinado contexto. Nesse sentido, a maneira como as relações acontecem em cada meio, em certa medida, expressa diferenças importantes. Torna-se mais evidente, quando se pensa na rede social no ambiente digital, mais precisamente na situação frequente de exposição dos conteúdos conversacionais a um número grande de pessoas, contexto que potencializa riscos e emoções, além de trazer à tona um nível de repercussão social do conteúdo conversacional, em largo alcance. Por isso mesmo, por vezes, alguns conflitos ou mal-entendidos relacionais que seriam facilmente resolvidos na vida *offline* tornam-se problemáticos e de difíceis soluções, gerando danos às relações e às imagens sociais das pessoas envolvidas nas conversações coletivas.

Goffman (1993, p. 20) refere que a projeção que fazemos a respeito da interação conversacional com os outros nem sempre corresponde ao que irá ocorrer, clarificando assim a falta de controle de um ator no processo interativo:

> "(...) dado o fato do indivíduo efetivamente projetar uma definição de situação quando chega à presença dos outros, podemos supor que venham a ocorrer, durante a interação, fatos que contradigam, desacreditem ou lancem dúvidas

> sobre esta projeção. Quando estes fatos perturbadores ocorrem, a própria interação pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa".

Pode-se perceber, portanto que as participações comunicativas não estão sob o controle de um ou de outro, isso porque elas são construídas no espaço entre os partícipes, ou seja, através do fluxo de conteúdo que os perpassa e que é continuamente alimentado por todos os envolvidos. Assim, apesar das mídias sociais viabilizarem a promoção de relações mais horizontais entre os indivíduos, não significa dizer que essas relações, em princípio equiparadas, sejam sempre previsíveis e estáveis. Muito pelo contrário, mesmo porque não há sociedade sem conflitos, como a própria população diversificada que é nesse tipo de ambiente representada. Ou seja, como acontece na sociedade que a constituí, existe nas redes sociais em ambientes digitais uma diversidade de possibilidades e modalidades sócio participativas e essas acontecem influenciadas por uma cultura, que, no caso, é específica da internet e permeia as vivências comunicativas entre os partícipes das novas mídias. Assim, como visto, essas práticas conversacionais em rede, embora associadas a crescentes facilidades de acesso e mais possibilidades de inclusão participativa das pessoas do que outras modalidades midiáticas, envolvem riscos perenes às faces que, embora invisíveis em um olhar mais superficial, podem inibir e até impedir a participação conversacional de alguns atores.

É importante ressaltar que a situação de virtualidade em que os partícipes se encontram encoraja alguns a expressar conteúdos polêmicos, desrespeitosos, inclusive com palavras de baixo calão. Esses contextos tornam o terreno mais propício a conflitos e a impasses relacionais, o que é agravado pela característica peculiar da própria linguagem escrita que dá margem a interpretações equivocadas da intencionalidade que autor do conteúdo teve o objetivo de expressar. Essa cultura de participação em rede apesar de ser em parte facilitadora das modalidades participativas pode assim paradoxalmente funcionar como agente bloqueadora dos mesmos processos, na medida em que os torna mais arriscados, em termos relacionais. Ou seja, as supostas facilidade e livre participação na conversação grupal traz o contraponto de que a liberdade permite também a publicação de conteúdos que podem degradar e ferir os partícipes, gerando danos difíceis de reparar, no decorrer do tempo. Dessa forma, percebe-se que os novos sistemas midiáticos trazem para

reflexão transformações que modificam o cotidiano e o comportamento cultural da sociedade.

3.4 TEMPO E ESPAÇO: MUDANÇAS SÓCIO CULTURAIS, QUESTÕES DE CONTEXTO

De acordo com Lemos (2002), dentre as muitas mudanças possibilitadas pela tecnologia em progresso na cultura de um público em rede, está a vivência de um tempo e espaço com conceitos inovadores em sua configuração de instantaneidade e ambientes de convivência daqueles compartilhados tradicionalmente na esfera social comum. A partir da democratização progressiva em curso da internet, em vários países, inclusive no Brasil, com crescente acesso à modalidade de alta velocidade, além do uso dos versáteis aparelhos *smartphones,* instaura-se uma realidade de ubiquidade *online*.

De acordo com Bustamante (2010, p. 23):

> "(...) o fenômeno mais relevante não é a possibilidade de que todo mundo saiba o que ocorre do outro lado do planeta. A novidade é que os acontecimentos acontecem em lugar e em tempo real. O feito de que a informação sobre o que está acontecendo se propague instantaneamente converte os receptores em protagonistas. Como tais, cobram um papel na hora de definir ou modificar o curso dos acontecimentos".

Segundo o IBOPE Media[6], o total de pessoas com acesso à internet chegou a 102,3 milhões no final do ano de 2013, ou seja 52% da população. Outro estudo do Instituto revela que aproximadamente 20 milhões de pessoas, no Brasil, tinha acesso à internet através de celulares. No ano de 2014, os dados da pesquisa TIC Domicílios do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação[7] divulgou os dados de que o número de brasileiros que acessavam a internet por meio de

6 Dados coletados no portal do IBOPE (www.ibope.com.br). Pesquisa feita em 13 de março de 2015. http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/52-milhoes-de-pessoas-tem-acesso-a-web-pelo-celular-aponta-IBOPE-Media.aspx
http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-passa-de-100-milhoes.aspx

7 Dados coletados no caderno de Tecnologia do Jornal A Folha de São Paulo. Pesquisa feita em 19 de novembro de 2015. http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/06/1476690-numero-de-brasileiros-que-usa-a-internet-pelo-celular-mais-que-dobra-em-dois-anos-diz-pesquisa.shtml

telefone celular atingiu a marca dos 52 milhões, representando 31% da população do país.

Além disso, o Comitê Gestor da Internet no Brasil, por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação divulgou em setembro de 2015[8] que o número de estudantes e professores que acessam a internet pelo celular cresceu nos últimos anos no Brasil. Segundo a pesquisa Tecnologia da Informação e da Comunicação, entre alunos de escolas públicas, o percentual chega a 79%, enquanto em colégios particulares 84% acessam. Entre os professores, o percentual passou de 36%, em 2013, para 64%.

Conforme afirma Lemos (2002), a rede mundial passa a ser onipresente, possibilitando ao indivíduo uma conexão ininterrupta, independente do lugar onde ele se encontre. Dessa forma, a internet passa a acompanhar o usuário, que tem a possibilidade então de inserir-se no *ciberespaço* todo o tempo para, assim, acessar e transmitir conteúdo instantaneamente. Em outras palavras, os conceitos antes estabelecidos de tempo e espaço são desconstruídos e reinventados, em função da nova realidade que se configura.

Segundo Coelho (2010, p. 201) há mudanças espaço-temporais que se remodelam constantemente, em virtude dos novos contextos que surgem, em função das transformações tecnológicas e sociais:

> "A cidade persiste e resiste, produzindo novas energias utópicas, só que desta vez pensada a partir de novos sujeitos coletivos que interferem na produção do espaço através de redes locais e globais nas quais o território confronta o mundo e o lugar confronta o território. A cidade se reorganiza tendo uma materialidade técnica e informacional que articula lugares, que cria identidades territoriais na articulação de lugares, como obra de relações humanas".

Assim, há limitações de tempo e espaço, como também para as possibilidades referentes à participação e modos de concretização delas. Nesse contexto, há um

[8] Dados coletados no portal do Ministério da Educação. Pesquisa feita em 19 de novembro de 2015. http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/09/acesso-a-internet-via-celular-cresce-entre-alunos-e-professores

movimento de desencaixe e mutação no qual se instauram dinâmicas de desterritorialização, conforme Lemos (2007, p. 03)

> "A compressão do espaço-tempo institui o *tempo real* e a possibilidade de acesso a informações em todos os espaços do globo. O desencaixe nos permite vivenciar processos globais não enraizados na nossa tradição cultural. As mídias eletrônicas criam assim processos desterritorializados em níveis políticos, econômico, social, cultural e subjetivo".

O conceito de território, segundo Lemos (2007), vai além do lugar físico delimitado, referindo-se ao poder sobre fronteiras, sejam elas físicas, culturais, sociais, simbólicas ou subjetivas. Então, se por um lado criar territórios implica em deter o controle dentro dessas fronteiras sobre as diversas dimensões da vida, por outro desterritorializar significa inventar trajetos de fuga e ressignificação dos contextos dominantes. Assim, se sob uma ótica, o mundo da vida, compartilhado socialmente, pode ser construído mediante a criação de territórios de diversas naturezas, possivelmente, também, precisa ser alimentado por uma desconstrução permanente dessas fronteiras para assim ser perpetuado no tecido social. Dessa maneira, a vitalidade de criação desses territórios pode depender da existência paradoxal de mecanismos que os desconstruam para, assim, recriá-los e permitirem sua criação ininterrupta. Nessa perspectiva, a territorialização e desterritorização, possivelmente, constituem-se enquanto processos interdependentes.

Giddens (1991, p. 60) reforça a transformação dos processos sociais em virtude do tempo-espaço e da globalização:

> "Na era moderna, o nível de distanciamento tempo-espaço é muito maior do que em qualquer período precedente, e as relações entre formas sociais e eventos locais e distantes se tornam correspondentemente *alongadas*. A globalização se refere essencialmente a este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através da superfície da Terra como um todo. A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas

> de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço".

A vida social e a relação com a internet podem se caracterizar mais por processos de desterritorialização do que de prevalência dos territórios. Segundo Lemos (2007), nessa reinvenção, que vai muito além da inovação tecnológica, embora seja impulsionada especialmente por ela, o tempo e o espaço são fatores mutantes e catalisadores para novos processos, tanto de desconstrução como de criação de novos significados. A população, antes restrita às limitações de tempo e espaço, segundo Mafessoli (2005), insere-se em uma atmosfera de novas perspectivas e vivencia uma cultura de nomadismo. Metaforicamente, é como se o ser humano voltasse à época tribal do *homo sapiens* em que, para sua própria sobrevivência, convivia socialmente em agrupamentos nômades, com constante mudança territorial.

Segundo Lemos (2002), se por uma perspectiva o indivíduo deixa o seu espaço particular, sem sair de casa, e atravessa o mundo virtualmente, mediado pelo computador, criando laços com grupos e usuários novos e distantes, por vezes, efêmeros e vulneráveis, por outra, ele também realiza movimento diverso, saindo de casa fisicamente, sem desprender-se de seus vínculos antigos e locais, através do monitoramento do *smarthphone* via satélite ou mesmo ao efetuar o login nos sites de redes sociais dos quais faz parte como membro, por exemplo. A era da sociedade em rede é, assim, uma época marcada por ambivalências e fortalecimento do cimento social, ainda que ele se constitua de ligações fortes e fracas, de acordo com Recuero (2009).

3.5 CULTURA COLABORATIVA, AUTORREPRESENTAÇÃO, RELAÇÃO E SOCIABILIDADE E VIGILÂNCIA EM REDE

Pode-se perceber então que, na esfera virtual, as relações e os vínculos entre as pessoas caracterizam-se por uma certa volatilidade, com oscilações frequentes, expressas por fluxos de entrada e saídas dos partícipes nos grupos e nos próprios sites de redes sociais. Isso possivelmente acontece por se tratar de um ambiente no qual os

sentimentos podem ser intensificados e superdimensionados, condição em parte gerada e potencializada pelos riscos à face, relatados anteriormente.

No entanto, apesar dos riscos e ruídos que essas conversacionais coletivas envolvem, é a partir delas que uma nova cultura colaborativa começa a emergir entre as pessoas, permitindo que elas se empoderem de uma mídia social e expressem sua cidadania adormecida, segundo Coelho (2010, p.185) refere que

> "A compreensão de que o processo de inclusão digital faz parte de uma construção da cidadania nos coloca no campo do direito à informação, ao conhecimento e à comunicação. O acesso à informação é um direito fundamental de qualquer sociedade democrática baseada no pluralismo, na tolerância, na justiça e no respeito mútuo. Sem informação não temos conhecimento dos nossos direitos e não temos como assegurá-los. Ao falarmos de inclusão digital estamos nos referindo a uma nova cultura de direito, não apenas o direito genérico à internet, mas ao acesso à informação enquanto um bem público".

De acordo com Gabriel (2010), as redes que formam o tecido social entre os cidadãos já estavam presentes na estrutura organizacional da sociedade desde a antiguidade e dizem respeito às pessoas e o modo como elas usam a tecnologia para facilitar as suas próprias relações sociais. Assim, segundo Pinto (2008), enquanto *projeto de sociedade*, as redes não se referem a algo atual, porém às ferramentas tecnológicas e plataformas disponíveis à população tem contribuído para incrementar o potencial colaborativo e participativo entre os atores sociais. É possível perceber, portanto, que a tecnologia viabiliza gradativamente uma transformação cultural na sociedade que é protagonizada por pessoas e não por máquinas, embora seja a existência delas e de suas plataformas digitais que possibilitaram essas mudanças.

Segundo Recuero (2009), os sites de redes sociais, então, seriam os espaços nos quais estas se expressam no ambiente da internet. As ações mais relevantes da internet, conforme Castells (2013b), se concretizam, na atualidade, através dos sites de rede social (SNS, de Social Networking Sites), pois esse ambiente vivo serve de plataforma para uma diversidade de expressões como conversas entre amigos e familiares, comércio virtual, marketing, ações educativas e de saúde, atividades de

lazer e culturais, além de iniciativas sociopolíticas. De acordo com o autor, os sites de redes sociais permitem às pessoas perpassarem as dimensões de tempo e espaço e produzirem laços sociais que se misturam integralmente, desenvolvendo uma cultura de conexão e partilha social, cujo fator essencial é o entrelaçamento do mundo real ao virtual, de forma que não haja mais dois, e sim um novo, unificado, híbrido.

Ainda na visão Castells (2013a), a amálgama estruturante desse mundo hibrido não é o anonimato, mas uma força oposta, na medida em que se concentra na *autorepresentação de uma pessoa real*, interligada a outras, também reais, sejam as já conhecidas ou aquelas com as quais se desejar relacionar. Nesse sentido, pode se estabelecer, uma conexão permanente, responsável por um estreitamento dos laços entre as redes sociais. Nessa perspectiva, pode haver uma sensação de proximidade relacional, a partir de identificações, interesses e afinidades, mesmo com pessoas que não se conhece pessoalmente. Assim, como já foi dito, não é incomum a existência de amigos virtuais, que se tratam de maneira próxima, mesmo sem ter havido qualquer encontro presencial. É interessante observar que casos assim ocorrem inclusive com indivíduos que residem na mesma cidade. Dessa forma, pode-se perceber que a sociedade em rede traz à tona novas dinâmicas de sociabilidade, participação e interação, diversas da realidade *offline*. De acordo com Amaral e Sousa (2012, p. 152):

> "A implementação da web social pode ter um impacto multifacetado na sociedade. Os media digital estão agora integrados na vida quotidiana e as formas de participação da produção digitalmente mediada estão a transformar os ambientes sociais, pois permitem novas formas de participação que são socialmente intervencionistas. Os serviços de social media têm transformado a forma como as pessoas comunicam e interagem uns com os outros online. A web é social: as novas plataformas permitem que os utilizadores se tornem "prosumers". O conceito chave que descreve a mudança promovida pela web social é simples: conteúdo criado pelo utilizador."

Assim, há uma nova cultura que permeia as relações sócio comunicativas e de participação entre pessoas com seus pares, em seus grupos, comunidades, com as mídias e mesmo com as instituições formais ou representativas de poder. Essa cultura, através dos dispositivos tecnológicos, ao mesmo tempo que empodera os

cidadãos comuns e permite a eles um leque amplo de atuação comunicativa nos espaços públicos, deixa-os expostos à vigilância uns dos outros, mas acima de tudo os coloca na condição de criadores de conteúdo e protagonistas dos processos em rede.

Então, segundo Silveira (2010, p. 77), nessas redes sociais em ambiente digital, liberdade e vigilância caminham juntas, congregando em um mesmo processo riscos e potencialidades relacionais:

> "Grande parte da nossa sociabilidade está sendo realizada a partir das redes informacionais. (...) Assim, é possível observar claramente que a mesma rede que garante nossa liberdade comunicativa é a que nos controla".

É preciso clarificar que, na realidade *online*, há um processo de socialização permanente, conforme afirma Castells (2013b). Estabelece-se então perenemente um acordo implícito de responsabilidade e fiscalização conjugadas em que não apenas as instituições formais, o mercado e o governo se tornam vigilantes das atitudes do cidadão, mas, segundo Colombo (2011b), os próprios usuários tornam-se fiscalizadores uns dos outros. Assim, a cultura participativa, caracterizada por processos multifacetados está acompanhada de uma responsabilidade social contínua, gerando, assim, o que o autor chama de vigilância horizontal. Dessa maneira, é preciso perceber também que essas vertentes opostas, liberdade e vigilância, são complementares. A coexistência delas no mesmo ambiente permite que, por um lado, os indivíduos exponham-se, o que pode implicar riscos de perda da privacidade, por outro, possivelmente é essa vigilância conjugada que garante os ganhos de mais proteção e transparência aos direitos de todos. Assim, uma espécie de liberdade vigiada passa a permitir visibilidade aos cidadãos comuns, acompanhada, consequentemente, de uma responsabilidade social de seus atos, necessária à própria organização da sociedade.

É preciso refletir que essa liberdade vigiada colabora intensamente para que a dinâmica das relações entre as pessoas, na forma *online*, seja diversa, em parte, da que acontece *offline*, embora representativa dessas mesmas. Ou seja, é exatamente a liberdade vigiada que, através do processo de exposição conversacional a um número maior de pessoas, pode vir a intensificar conflitos relacionais e danos às imagens sociais das pessoas que têm seus perfis representados nas mídias sociais. Em outras

palavras, a repercussão social alcançada e o julgamento moral, propiciados pela vigilância que as pessoas fazem umas das outras, em um ambiente desse tipo, favorece ao aumento de riscos à face, assim como a rupturas de elos sociais, muitas vezes, preexistentes.

Nesse sentido então, por um lado, a mídia social ser constantemente vigiada por muitos favorece a proteção dos direitos sociais da população o exercício da cidadania participativa, a visibilidade pública para a conquista de novos direitos, além de uma sensação de sociabilidade, por outro, paradoxalmente também pode gerar retração dos processos participativos, na medida em que as pessoas sentem receio dos riscos sociais associados às modalidades participativas disponíveis. Riscos esses paradoxalmente potencializados pela constante cultura de sociabilidade atrelada à curiosidade, vigilância e regulação moral que as pessoas cultivam umas com as outras, especialmente nas redes sociais. Ou seja, a liberdade precisa da vigilância para que possa haver um exercício social e respeitoso da mesma, por parte das pessoas, contudo o julgamento e a relação moral associada a ela, ao passo que protegem a população também podem aprisioná-la, podando em muitos o ímpeto participativo, como forma de prevenção aos possíveis danos à imagem social. Por isso mesmo, para entender melhor as razões que tornam as participações e as relações nas redes sociais em ambientes digitais mais arriscadas, embora, para muitos, mais atraentes, é preciso refletir a respeito das relações ambivalentes que envolvem a liberdade e a vigilância entre as pessoas.

3.6 CONVERSAÇÕES EM REDE: RISCOS E CONTEXTOS FORA DO CONTROLE

Faz-se relevante ressaltar que o registro público das atitudes comunicacionais, seja através de postagens, publicação de *links*, vídeos, memes e fotos, curtidas, comentários ou compartilhamentos permite que o site da rede social em questão armazene, no decorrer dessas participações do usuário, uma linha de tempo que trace o perfil do usuário. Dessa forma, as participações comunicativas registradas e públicas podem repercutir diretamente na vida em sociedade. Isso porque, como foi ressaltado, segundo Castells (2013b), vivencia-se uma *Virtualidade Real*, em que não há mais contextos paralelos *off-line* e *on-line*, e sim uma esfera mista. Nessa perspectiva, assim como as atitudes conversacionais, as repercussões originárias delas

possivelmente resvalam na vida social, que é resultado do trânsito entre os dois tipos de realidade, agora fundidos.

Assim, de acordo com Habermas (2012), a mesma rede de atores entrelaçada que pode concordar, legitimar, colaborar e aplaudir o agir comunicativo do outro, também pode recriminar atitudes consideradas reprováveis sob aspecto ético e moral, de acordo com o senso comum socialmente estabelecido. Dessa maneira, segundo os autores Traquina (2000), Tavares (2010), a publicação de manifestações consideradas pelo grupo reprováveis ou em desacordo com as regras sociais podem gerar uma agenda de julgamento e repercutirem negativamente, não apenas nos sites de redes sociais, mas também nas próprias mídias de comunicação tradicional, atualmente agendadas também pelo público em rede. Além do mais, conforme Recuero (2009), como já enfatizado, mesmo a cultura participativa pode vir a ser ameaçada pelos danos que a repercussão negativa de uma conversação em rede pode causar à face, como apontou Goffman (1993), inibindo o indivíduo a se expor, ou seja, a participar. Em outras palavras, como ressaltado, os riscos que a exposição na rede pode gerar à imagem que os outros constroem a respeito de alguém, ou seja, à face, podem desmotivar a cultura de participação.

Porém, de acordo com Pinto (2008), o entrelaçamento das ferramentas e plataformas tecnológicas com a diversidade de modos de uso pelos usuários leva a um contexto multifacetado de possibilidades que congrega um ponto comum: o desejo dos cidadãos de fazer parte da sociedade. Diante desse contexto transformador dos diversos terrenos da vida em sociedade, as conversações do público em rede, agora públicas e com capacidade de serem recuperadas devido ao arquivamento, ganham uma importância maior. De acordo com Recuero (2014), as conversações pressupõem camadas estruturais de ordem, no que se refere a metas, normas e validação discursiva. São essas regras subjacentes que estão associadas aos aspectos positivos e negativos gerados. Em outras palavras, nas conversações *online*, existem intencionalidades, assim como níveis de importância e riscos associados às modalidades participativas e aos conteúdos publicados por cada um na conversação. A repercussão e legitimação desses conteúdos discursivos que precisam ser validados pelos atores do grupo, por sua vez, estão condicionadas diretamente às relações sociais existentes entre eles assim como aos valores sociais normativos que

subliminarmente regem essa comunidade específica. Assim, portanto, é esse conjunto de fatores e regras que influencia diretamente a geração de valores sociais, sejam esses positivos ou negativos.

No ano de 2014, um professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, da cidade de Natal, publicou na página do seu perfil do site de Rede Social "*Facebook*", mensagens consideradas agressivas e com palavras de baixo calão para referir-se à qualidade de vida da cidade de Pau dos Ferros, onde ele atuava, na época, como educador[9]. Sua publicação gerou tantas críticas negativas que os alunos do Campus daquela cidade fizeram uma campanha cobrando a exoneração do profissional ao Reitor, fato que não veio a se concretizar. O caso em questão foi divulgado nos principais meios de comunicação do Rio Grande do Norte, e a exposição social gerou uma necessidade de retratação pública e explicações do professor, em sua página no mesmo site de rede social, na tentativa de amenizar os transtornos. Além disso, foi instaurado um processo administrativo institucional para apurar a postura do docente.

De acordo com Goffman (1993, p. 22), quando uma pessoa se encontra em uma situação constrangedora perante a plateia, ela pode adotar estratégias defensivas, nesse caso especificamente, configurou-se como uma retratação pública:

> "Quando um indivíduo empresa estratégias para proteger suas próprias projeções, podemos referir-nos a elas como práticas defensivas. Quando o emprega para salvaguardar a situação projetada por outro, se fala em prática protetora ou diplomacia".

Outro caso, também na cidade Natal, deu-se quando uma jornalista do Rio Grande do Norte comparou as médicas cubanas, vindas para o programa do Governo Federal "Mais Médicos", a empregadas domésticas, em um comentário em que a usuária se referia ao desleixo com a aparência e à apresentação das profissionais estrangeiras[10]. A mensagem pública no site de rede social "*Facebook*" causou uma onda de

[9] Informações coletadas em reportagem do Jornal a Tribuna do Norte visualizada em 3 de março de 2015: http://tribunadonorte.com.br/noticia/pau-dos-ferros-alunos-do-ifrn-cobram-demissao-de-professor/273129

[10] Informações coletadas em reportagem veiculada no portal Globo.com, visualizada em 13 de março de 2015: http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/08/jornalista-diz-que-medicas-cubanas-parecem-empregadas-domesticas.html

reprovação em massa, além de acusações de preconceito social e racial. Na época, houve tanta repercussão que o caso pautou matérias em meios de comunicação nacional e gerou processos judiciais para a jornalista, que optou por sair do site de rede social.

Nesse sentido, segundo Goffman (1993), a conversação entre atores sociais envolve discursos estrategicamente pensados pelo sujeito que interage, de forma a agregar à apresentação de sua *face* à construção e à preservação de valores sociais considerados positivos e legitimados pelo grupo. Porém, nessa apresentação social, de acordo com o autor, a situação não está sob controle dos partícipes e a interação conversacional envolve, assim, ameaças reais a esses mesmos valores almejados. Goffman (1993, p. 09) refere que:

> "Devemos considerar a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas. Presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, vêm ensaiadas. Mas importante é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. Então, o papel que o indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e ainda esses outros também constituem a plateia".

Os exemplos citados nos parágrafos anteriores ilustram ameaças que fugiram ao controle do ator que iniciou a conversação, na esfera da comunicação em rede. Isso porque como visto acima há vários envolvidos no processo e cada "papel" está condicionado aos demais que também são a própria "plateia". Assim, na conversação não há como haver controle da situação nem mesmo existem garantias de que as projeções realizadas serão as que acontecerão durante a interação com os demais. Nesse sentido, se por um lado, de acordo com Recuero (2009), constrói-se articulação e manutenção de elos com uma rede desejável de atores, que sem o site de rede social talvez não fosse alcançável, por outro há riscos de desconstrução dessas conquistas e de outros vínculos já sedimentados previamente, inclusive com possibilidades de ruptura e/ou com elos fortes e prévios da rede social da vida cotidiana. Ou seja, de acordo com a autora, embora os atores possam, através das redes sociais no ambiente

digital, construir conexões interessantes com outras pessoas e estrategicamente promover valores sociais desejáveis, sem as quais talvez não fosse possível, existem ameaças com danos difíceis de se contornar que podem destruir valores e elos sociais já preexistentes. Para agravar, essas ameaças, como visto, fogem ao controle dos partícipes e ganham proporções superdimensionadas, devido a cultura de vigilância e julgamento moral que as pessoas habitualmente cultivam umas das outras em uma sociedade em rede.

É preciso enfatizar que uma sociedade, seja ela qual for e esteja em que ambiente estiver representada ou não invariavelmente ela se constitui a partir de a existência e do tipo de comunicação que interliga as pessoas que dela fazem parte. Segundo Kaplún (1998) a comunicação classifica-se em dois tipos: dominadora e democrática. De acordo com o autor, a primeira é marcada pelo monólogo, poder, pela verticalidade, comunicação unidirecional, forma monopolizada e concentrada nas minorias. Em contrapartida, a democrática tem como características o diálogo, a comunidade, a horizontalidade, o fluxo de mão dupla, a cultura participativa e está a serviço das maiorias. Nesse sentido, como aponta O'Reilly (2006), há um processo cultural em curso e ele se refere ao modo de comportamento das pessoas e a forma como ela se comunica em rede. Mais do que o progresso nos modos de utilização das novas possibilidades tecnológicas, o autor destaca uma configuração participativa que canaliza uma multiplicidade de conexão e compartilhamento. Segundo o autor, em relação ao conceito operativo criado para designar um novo período da web, ou seja, especificamente a web 2.0, quanto mais usuários aderirem aos serviços e ferramentas dela, melhores esses tendem a se tornar. Dessa forma, há uma relação estrutural entre o uso e a qualidade das plataformas, o que vem a gerar uma relevância à cultura da participação. Conforme Pinto (2008), a web 2.0 está relacionada, antes de tudo, às pessoas, seja através das comunidades ou grupos, que recusa a postura passiva da mera observação dos fatos como também não aceita a condição de consumidora de conteúdo do que terceiros lhe fornecem. Em vez disso, segundo o autor, exige o direito à voz e à vez, passando a exercer ativamente papel no contexto social.

3.7 SOCIEDADE EM REDE: CIDADANIA DIGITAL, PROBLEMAS COMUNICATIVOS E DEMANDA POR CRITICIDADE COLETIVA

No entanto, no ambiente do público em rede, Jenkins (2009) adverte que não há uma realidade livre de problemas comunicacionais. Nos sites das redes sociais, coexistem fontes confiáveis e inconfiáveis de conteúdo, algumas das quais marcadas por posturas antiéticas e, nesse sentido, existe a possibilidade de perpetuação de preconceitos, por isso mesmo, na visão do autor há a necessidade de desenvolvimento do senso crítico e de certas habilidades dos usuários para a sua própria sobrevivência nesse espaço. Nesse sentido, existe uma demanda que se intensifica pelo progresso da literacia mediática e digital. É preciso perceber essa demanda, na medida em que, em outras palavras, o autor ressaltou que as pessoas se encontram gradualmente mais envolvidas com as mídias sociais, e essa nova realidade contextual, ao passo que empodera e dá visibilidade social a elas também exige delas capacidade de busca, consulta, entendimento e desenvolvimento de um nível crítico apurado, para que assim possam formar sua própria opinião. Somente dessa maneira, com uma opinião autônoma, a partir da leitura crítica de fontes diversificadas sobre o mesmo assunto, poderão exercer a cidadania, em busca dos seus direitos, inclusive o de se comunicar publicamente, sem que, contaminem-se durante o fazer conversacional mediático e tornem-se reféns de pessoas e ou instituições mal-intencionadas cujos conteúdos são estrategicamente publicados com o objetivo de manipular.

Segundo Park (2012, p. 10), há, portanto, a necessidade de que as pessoas percebam a importância da cidadania digital:

> "Para atingir o nível de alfabetização, os usuários devem estar cientes não só dos riscos e ética, mas também o valor de se comunicar e participar no discurso. Em outras palavras, as pessoas têm que aprender a ser *cidadãos digitais*".

Nessa cultura participativa que emerge, o uso bem direcionado das novas mídias sociais pode ajudar promover o desenvolvimento do senso crítico do usuário. De acordo com Brites, Santos, Jorge e Navio (2014, p. 3):

> "Embora tenham no horizonte a educação para a cidadania, os programas de educação para os media nem sempre garantem a inclusão, que é condição

> essencial para potenciar a participação. De todo o modo, os media têm sido, em algumas destas situações, olhados como uma forma de construir capacidades e de estabelecer confiança junto dos jovens com vista a esse desenvolvimento".

Nessa perspectiva, Jenkins (2009) aponta que contexto requer que os cidadãos tenham discernimento para navegar por diferentes sistemas de mídias, nas muitas comunidades presentes nas quais terão contato com diferentes pontos de vista, muitas vezes opostos sobre o mesmo assunto, sem perder, todavia, o direito a argumentarem e exporem as suas próprias perspectivas sobre os temas.

Assim, os jovens são convidados a refletir sobre as diversas realidades, exercitando a prática da escuta e do respeito ao outro. Tanto eles têm a oportunidade de desmistificar como também de perpetuar estereótipos e preconceitos. Dessa maneira, na visão de Jenkins (2009), é preciso cautela e se faz necessário possuir a capacidade de reconhecer quando uma informação é confiável ou não, devido ao elevado número de fontes disponíveis, muitas das quais não merecedoras da credibilidade, por não atuarem baseadas na ética e no compromisso com a verdade.

Faz-se necessário ponderar que o contexto atual demanda certas habilidades específicas dos usuários e, sendo assim, a cultura participativa do público em rede não diz respeito exclusivamente à acessibilidade, mas envolve outras questões, para além da potencialidade tecnológica, como a própria capacidade de escolha e o senso crítico de cada sujeito social isoladamente.

Segundo Park (2012, p. 09), é um engano pensar que o acesso às redes sociais garante a capacidade de uma participação efetiva:

> "Otimistas tecnológicos podem afirmar que garantir o acesso a uma nova tecnologia é a solução para diminuir a lacuna social e econômica existente na sociedade, e que a concessão de acesso acabará por fazer com que as pessoas usam a tecnologia de forma que os beneficie. Não obstante a importância da concessão de todos a oportunidade de acesso a tecnologias digitais, não é uma condição suficiente. Estudos relataram repetidamente que a forma como as pessoas usam as tecnologias varia muito, e que não podemos colocá-los todos na mesma categoria dos "que tem acesso à informação"; ou que nem eles,

> naturalmente, adquirem habilidades para usar as tecnologias em mais sofisticados níveis de alfabetização de mídia digital. A aquisição da literacia mediática digital é um processo aprendido, como acontece com qualquer tipo de alfabetização. Preparar cidadãos digitais com a alfabetização de mídia digital é o caminho para garantir que pessoas estejam equipadas com ferramentas para fazer escolhas informadas sobre mídia e comunicações serviços, e capacitar as pessoas a participar efetivamente na economia digital".

De acordo com Freire (1974), o diálogo exige do participante um pensamento crítico que é gerador desse mesmo tipo de pensamento. Sem o diálogo inexiste comunicação e, por consequência, um processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criticidade. Nessa perspectiva, conforme Soares (2011), os usuários, mais especificamente os jovens, em contato com os sites de redes sociais, inserem-se numa realidade em que são chamados a ser protagonistas comunicacionais.

É preciso perceber que poder participar vai, portanto além das condições de acesso, da capacidade técnica de utilização, dos riscos relacionais que envolvem as pessoas entrelaçadas nas redes, mas também diz respeito ao potencial cognitivo e de senso crítico de cada partícipe. Faz-se necessário reconhecer que para participar não basta fazer parte e sim é necessário que a pessoa seja capaz de entender, compreender e dar uma contribuição valorosa à conversação. Contribuir, nesse sentido, não se refere à mera presença vazia de significado ou mesmo remete à reprodução automática da opinião de outro alguém.

Sobre esse processo formativo, Soares (2011, p. 45) esclarece:

> " Nesse contexto, a questão da relação entre o ensino, a juventude e o mundo da comunicação encontra-se no centro deste processo formativo, por natureza transformador, bem como no centro dos sonhos dele decorrentes, entre os quais o pleno acesso das novas gerações ao mundo da comunicação de suas tecnologias, colocado a serviço do bem comum e da prática da cidadania"

Nesse exercício de participação, em busca de uma possível vivência democrática, o novo paradigma solicita, segundo Jenkins (2009), o desenvolvimento de certas habilidades específicas no sujeito social que está em processo construtivo. Essas habilidades são muitas entre as quais, segundo Jenkins (2009, p. 63) a *"capacidade*

de experimentar o entorno para resolver problemas, de avaliar a credibilidade e confiabilidade de diferentes fontes de informação", de navegar por diversas comunidades, respeitando as múltiplas perspectivas e as normas alternativas de interagir significativamente para ter suas capacidades mentais expandidas, entre outras. Essa linha de pensamento do autor apresenta-se em consonância com a teoria dialógica de Freire (1974), pois reforça a educação libertadora mediante o contato com o mundo e com o outro, através dos processos comunicativos.

Nesse aspecto, segundo Perez-Tornero (2008) a Educomunicação constituí um papel urgente e decisivo para o desenvolvimento de um exercício de cidadania, a partir da relação participativa das pessoas com as novas mídias. Não se trata apenas de participar, através da utilização das mídias sociais, mas sim de aprender a fazer o uso crítico delas, através do acesso, leitura, apreensão e compreensão de conteúdos para, em sequência, realizar a expressão de opinião com autonomia, fundamentação e capacidade de argumentação.

Ainda de acordo com Pérez-Tornero (2008, p. 102), a Educomunicação define-se como:

> "Campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude".

Assim, nas relações conversacionais em rede, é preciso que as pessoas desenvolvam a capacidade de apurar o senso crítico individual, a fim de perceberem discursos não ditos, intencionalidades mascaradas, argumentos falhos e fatos deturpados, assim como identificar e diferenciar as fontes confiáveis das inconfiáveis. Essa aprendizagem, a partir do uso consciente e transformador das mídias sociais, emerge como necessidade diante dos contextos que permeiam as relações e as interações comunicacionais entre as pessoas em ambientes digitais.

De acordo com Rossini (2010, p. 213), o novo contexto social e tecnológico demanda mudanças na sociedade e nas obrigações dos poderes legalmente constituídos:

> "Torna-se fundamental, portanto, compreender, a partir da perspectiva de um país em desenvolvimento, como as tecnologias de informação e de comunicação (TIC), principalmente a internet e as redes de relacionamento e de comunicação, possibilitadas pela web 2.02, criam novos direitos e deveres ao cidadão. Esse processo de aprendizagem conectado, que pode contribuir para a formação do cidadão, também cria novas obrigações e diretrizes para instituições e para governos. Em países muito desenvolvidos, mandatos para acesso aberto e políticas públicas que incentivem recursos educacionais abertos fazem parte da nova gama de deveres do estado e de direitos do cidadão".

Dessa forma, para além da revolução tecnológica, a transformação cultural que está em curso na sociedade precisa vir acompanhada também de uma guinada na área educativa. Isso porque as juventudes necessitam desenvolver suas habilidades e seu potencial crítico, a partir de suas vivências cotidianas. Assim, não há como separar as redes sociais em ambientes digitais das experiências juvenis que, a cada dia, acontecem e viralizam no mundo *online*. De acordo com Brites, Santos, Jorge e Navio (2014, p. 02), a educação para os media está fortemente relacionada ao exercício da cidadania, especialmente no tocante as estudantes, revelando a importância também do papel dos professores:

> "A associação entre educação para os media e a esfera da cidadania é, portanto, um vinco forte, impresso também sob impulso das entidades internacionais, como o Conselho da Europa e a UNESCO, com as sucessivas Recomendações e Declarações. Esta agência das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura designa atualmente esta área como Media and Information Literacy (MIL), e atribui-lhe um papel importante para alimentar o acesso equitativo à informação e conhecimento e promover sistemas de media e informação livres, independentes e pluralistas".

Nesse sentido, os educadores precisam se reeducar para, enxergando as mídias, fora das visões absolutistas, para o bem ou para o mal, possam eles próprios vivenciá-las juntamente com seus jovens alunos para então melhor compreendê-las e assim utilizá-las para o desenvolvimento de seus estudantes. Negar a importância das novas mídias é como viver no mundo à parte dos contextos sócio-participativos, porém isso seria o

mesmo que vivenciá-lo isoladamente, forma que a sociedade por sua natureza existencial não concebe.

Assim, urge de muitos educadores ainda resistentes a encarar e tirar bom proveito das mudanças midiáticas. Grande parte desses profissionais permanecem como jurássicos educativos, ignorando o cotidiano de uma sociedade em que a virtualidade deixou de ser um ambiente paralelo, muitos por medo, preconceito, desconhecimento ou tradicionalismo. Como refere Boyd (2007, p. 05)

> "Adolescentes de hoje estão sendo inseridos em uma sociedade em constante mudança, seja no sentido público ou privado. Novas tecnologias sociais alteraram a arquitetura dessa coesão e de interação social, além da distribuição de informação. Os jovens estão abraçando essa mudança, embora muitas vezes com a candura desajeitada de um elefante numa loja de porcelana. Enquanto isso, a maioria dos adultos estão em pânico. Eles não entendem as mudanças que estão ocorrendo e, independentemente disso, eles não gostam o que estão vendo. (...) Isso deixa os educadores em uma situação peculiar. Mais educadores conservadores veem as novas tecnologias como um produto do diabo, obrigado a fazer nada além de corromper e destruir juventude de hoje. Totalmente confuso, a grande maioria dos educadores estão jogando avestruz, enterrando suas cabeças na areia na esperança de que os pânicos morais e caos que cercam as tecnologias sociais irão simplesmente desaparecer. Lentamente, um terceiro grupo de educadores está surgindo - aqueles que acreditam que é essencial para entender e abraçar as novas tecnologias de forma a orientar os jovens através das águas turvas que eles apresentam. Este caminho é complicado, porque ele exige que os educadores abandonem seus pressupostos pré-existentes sobre como o mundo funciona. Além disso, como os jovens são muito mais hábeis em navegar nas tecnologias através do qual essas mudanças estão ocorrendo, os educadores devem aprender com seus alunos a fim de ajudá-los a trabalhar com os desafios que eles enfrentam".

3.8 CULTURA EM REDE: IGUAIS OPORTUNIDADES E CONTEXTOS ASSIMÉTRICOS

É preciso ressaltar ainda que, nesse mesmo ambiente digital, em que há problemas comunicacionais de diferente natureza e novas demandas em curso, coexistem momentos de horizontalidade e verticalidade na conversação coletiva, ao contrário da suposta impressão de uma participação constantemente equilibrada, decorrente do discurso prevalente de uma cultura horizontal dominante. De fato, há nesse ambiente, uma relação participativa menos desigual, marcada, portanto por uma cultura horizontalizada de participação, o que não significa que ela não coexista com situações de verticalidade.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 70), mesmo nas trocas conversacionais em que há como princípio participativo é a igualdade entre os partícipes, as desigualdades podem surgir no decorrer do processo interativo:

> "Por outro lado, nem todas as trocas se dão em um contexto de desigualdade, a "conversação" se caracteriza, nesse caso, por uma igualdade de princípio entre os participantes. Ora, mesmo nesses casos, as desigualdades marcadas podem se constituir ao longo da troca. O que prova, ainda que o sistema dos lugares não se reduz aos dados contextuais, mas que ele também depende do que fazem os interactantes e do que se passa ao longo da interação".

Dessa maneira, marcas como interrupção, intrusão ou iniciativa entre outras, caracterizam momentos de verticalidade nas relações conversacionais. Em outras palavras, a atitude de realizar, por exemplo, uma publicação nos sites de redes sociais, abrindo um possível diálogo público e pautando essa conversação, inclusive no que se refere à abordagem do assunto, segundo a autora, pode vir a configurar-se enquanto posição alta de verticalidade, na medida em que pontua uma iniciativa desse interlocutor diante dos demais do grupo.

Assim, apesar de em curso, a comunicação democrática, citada por Kaplún (1998), não congrega exclusivamente características democráticas, podendo expressar paradoxos, tais como: horizontalidade e verticalidade, liberdade e vigilância, senso crítico e manipulação, emancipação e dominação, confiabilidade e não confiabilidade, legitimação e tensões, valores sociais positivos e negativos, afinidades e divergências,

participação ativa, passiva e não participação. O'Reilly (2006) reforça essa ideia pois afirma que as redes sociais são um ambiente misto, de múltiplas vozes e imperfeito. Para ele, essas ditas "imperfeições" são necessárias para se pensar no melhor caminho para aperfeiçoar as ferramentas e tornar as formas de comunicação mais democráticas e participativas. Nessa linha de pensamento, Pinto (2008) ressalta que, na relação entre web 2.0 e os media, existe uma reconfiguração em processo entre dois modelos comunicacionais tradicionalmente polarizados. Metaforicamente, o autor compara o contexto comunicativo a um arco tenso no qual num dos lados estaria a alocução e no outro a conversação, podendo o ponto de equilíbrio estar a movimentar-se no sentido de um maior acolhimento da conversação.

3.9 DAS HABILIDADES AO CAPITAL SOCIAL

Sob o reflexo da virtualidade real em que a sociedade se autorrepresenta no ecossistema cibernético, Castells (2013b) afirma que os usuários reconfiguram a história da comunicação social, remodelando-a através de uma nova cultura, que emerge no berço da participação social, no novo espaço público dos sites de redes sociais.

De acordo com Park (2012, p. 10), os recursos tecnológicos oferecem benefícios à geração de usuários que os utiliza:

> "A tecnologia digital é essencial na nossa vida quotidiana. Entre muitas tecnologias que as pessoas usam durante todo o dia, a mídia digital é o que conecta as pessoas com os outros. Viver em uma sociedade da informação significa, essencialmente, que aqueles que estão ligados à rede de informação tem os meios e recursos para prosperar no mundo em constante mudança das tecnologias digitais, e tem vantagens sobre aqueles que não usam essa informação".

Assim, apesar de essencial, a revolução tecnológica é apenas o trampolim para outro salto que é o da revolução participativa. Essa sim ocorre a partir da transformação cultural no comportamento das pessoas, viabilizada em decorrência dos avanços tecnológicos que sucessivamente alcançam novos contextos. Segundo Jenkins (2009), trata-se de uma cultura participativa que diz respeito não ao *hardware*, mas sim a uma mudança no comportamento social. Nesse sentido, é preciso perceber que, embora a

tecnologia seja essencial, a mudança mais significativa está acontecendo com as pessoas e entre elas. Mais ainda na forma de pensar e agir da população, o que implica em desafios novos como: melhorar a capacidade de conviver respeitosamente com as divergências de pensamento, utilizar as mídias sociais para exercer a cidadania e assim lutar pelo alcance de direitos novos assim como pelo cumprimento daqueles já garantidos por lei, desenvolver habilidades para apurar o senso crítico e aprender a discernir as fontes confiáveis das inconfiáveis, encontrar caminhos para superar os obstáculos à participação e fazer com que sua participação específica seja valorosa à comunidade e não meramente uma forma de fazer parte do contexto.

Ainda de acordo como Jenkins (2009), com um leque de ferramentas possíveis para trabalhar, entre as quais texto, som, imagem, vídeos e *links*, os usuários passam a usar intensamente as mídias para manifestar suas impressões, sejam elas afetivas ou racionais, a respeito das temáticas de interesses particular e público. Assim, usuários de várias etnias, gêneros, linguagens, princípios, objetivos, classes sociais, naturalidades e nacionalidades juntam-se em plataformas sociais marcadas pela fusão de publicações de caráter privado e coletivo.

Dessa forma, nesse mundo híbrido, segundo Castells (2013b), as redes se aglomeram e se interligam, umas maiores, outras menores, tecendo conexões entre si. Cria-se, metaforicamente um conjunto neural de mentes por trás das máquinas nas quais as *sinapses* seriam as ligações que constroem a inteligência coletiva. De acordo com Levy (1999), descobre-se um conhecimento coletivo, alterado pela contribuição dos outros. Dessa forma, essa realidade pode ser ampliada devido à cultura participativa que as novas mídias enquanto meios sociais podem vir a favorecer.

Nessa esfera contextual de interação, possibilidades de aprendizado e desenvolvimento, a mesma dinâmica comunicativa que, segundo Jenkins (2009), demanda do usuário habilidades importantes para sua atuação enquanto sujeito social, também, possibilita a construção de valores sociais, alguns dos quais, de outro modo teriam seu processo de aquisição dificultado. Em outras palavras, as redes tecidas e o conjunto de nós que constituem os elos formados dentro das redes, e entre as redes abertas e fechadas, agregam uma espécie de valor social, segundo Recuero (2009), estrutura em que são construídas valorações relacionais, como por exemplo, a visibilidade.

Outra questão a esse respeito, apontada por Ellison, Steinfield & Lampe (2007), refere-se ao fato de que a visibilidade também se relaciona com a manutenção da própria rede social, inclusive a *off-line*, na medida em que pode auxiliar a permanência de laços sociais de pessoas que estão distantes fisicamente. Na opinião de Recuero (2009), a visibilidade, enquanto capital social, pode agregar nós e gerar efeitos diferentes, de acordo com o movimento do ator social envolvido. Dessa forma, ser visto pode alavancar a quantidade de seguidores de um *twitter* ou de um *blog*, intencionalmente ou não, provocando aumento de popularidade, adquirindo outros valores decorrentes como é o caso da reputação.

Na perspectiva da autora, a reputação, enquanto valor social, está diretamente associada a uma essência qualitativa. Isto é, seria uma espécie de juízo de valor, o qual outros membros da rede atribuem ao ator social envolvido. Nesse sentido, Goffman (1993) revela que na relação cotidiana do eu com os outros, pode haver uma exposição intencional do indivíduo com o objetivo deliberado de construção de valores, de modo a criar uma imagem social ideal que se deseja alcançar. Assim, a reputação não necessariamente reproduz a realidade, mas ela é objetivamente resultado de conjunto de impressões que são passadas para os outros pelo sujeito, seja através do seu discurso como de suas ações, planejadas ou não, conscientes ou inconscientes.

Porém, Goffman (1993) também ressalta que o discurso e/ou ação objetiva, quando bem-intencionado, traduz a diretriz que o interlocutor almeja alcançar. Nessa perspectiva, como ressaltou o autor, a máscara é moldada como parâmetro ideal para o próprio eu e, por assim ser, é o que se deseja viver, tornando-se então constitutivo do próprio ser de cada indivíduo. Goffman (1993, p. 27-28) refere que

> "Não é meramente um acidente histórico que a palavra "pessoa" em sua concepção primeira, queira dizer "mascara". Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre em todo lugar representando um papel. É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros. É nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (...) Não é provavelmente por um simples acaso histórico que a palavra "pessoa", na sua acepção de origem, designa uma máscara. Trata-se antes do reconhecimento do facto de toda a gente estar sempre e em toda parte, com maior ou menor consciência, a representar um

> papel...É nestes papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nestes papéis que nos conhecemos a nós próprios. Em certo sentido, e na medida em que a máscara representa a concepção que formámos de nós próprios – o papel que nos esforçamos por viver - ela é o nosso eu mais verdadeiro, o eu com que gostaríamos de nos parecer."

Goffman (1993, p.31) ainda completa:

> "É preciso enfatizar que nessa espécie de encenação referendada pelo autor, em que pessoas assumem papeis e máscaras de quem almejam ser também há ainda a existência de estratégias conversacionais voltadas para alcançar determinados objetivos específicos. Como no ambiente em que as redes sociais digitais existem, há uma força imensa das relações sociais que dá vida e conduz os processos sócio-participativos, a partir da comunicação, há também valores almejados que são socialmente construídos, isto é, surgem como resultado dessas interações comunicativas e da maneira como elas moldam as emoções envolvidas."

Nesse aspecto, um valor apontado por Recuero (2009) é a popularidade, que é fruto da audiência, de acordo com o número de conexões, seguidores, comentários, curtidas, visitas, quantidade de *links*, entre outros. Quanto mais o ator social conseguir manter seus elos ativos, maior será sua popularidade, por isso é um valor associado à força ou fraqueza dos elos na rede. Ainda nessa esfera de debate, outro componente que envolve as relações do sujeito social nas redes: a autoridade. Segundo ela, embora atrelado também à reputação, trata-se de um tipo diferente, porque, apesar de estar ligado às percepções que os outros fazem de si, na relação que se constrói intencionalmente, tem foco específico no nível de influência que o ator consegue exercer nos demais. Um exemplo claro é a habilidade de despertar discussões a partir de um *twitter* ou quando algum blog se torna referência em determinado assunto (moda, culinária, viagem, entre outros. Assim, é possível perceber que nas relações interpessoais em rede, há uma construção de impressões emocionais e ou racionais que, pouco a pouco, tecem a imagem da própria face e das que imaginasse dos outros. Esse tear compartilhado, a partir de processos interativos, acontece consciente ou inconscientemente, em um agir comunicacional que, mesmo quando planejado para agregar valor à face, pode ocorrer fora do controle. A

imprevisibilidade das conversações dá-se em razão de serem resultados de relações humanas e por isso mesmo, complexas e diversificadas, em sua natureza.

Tabela 3. 1 – Valores indicados por Recuero (2009, p.114)[11]

Valores indicados por Recuero	Definição
Visibilidade	Permite que os partícipes ampliem suas conexões e apresentem seus valores na rede, dando visibilidade às informações.
Reputação	Relaciona-se as ações dos usuários baseadas nas informações e comportamentos dos demais partícipes.
Popularidade	Relaciona-se a audiência de um usuário dentro de sua rede.
Autoridade	Refere-se a medida da influência de um ator na sua rede.

Sobre esse assunto, Boyd (2014, p. 11) ressalta que há os seguintes valores:

> "Como a tecnologia está envolvida, redes públicas têm características diferentes dos espaços públicos físicos tradicionais. Quatro valores, em particular, moldam muitos dos ambientes mediados que são criadas pelos meios de comunicação social. Embora estes valores não sejam novos, sua relação com o outro, quando em rede cria novas oportunidades e desafios. Eles são:
>
> - persistência: a durabilidade das expressões on-line e de conteúdo;
> - visibilidade: o público potencial que pode dar testemunho;
> - popularidade: a facilidade com que o conteúdo pode ser compartilhado; e
> - autoridade: a capacidade de ter/encontrar conteúdo".

3.10 DO DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO À CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO

A despeito desses diferentes valores possivelmente disponíveis em rede para serem construídos, agregados e percebidos socialmente, o indivíduo não deve valer-se desses indicativos para guiar-se nas suas decisões, segundo Jenkins (2009), muito embora seja influenciado por eles, já que está inserido na rede de conexões. Assim, de acordo com proposta defendida por Freire (1974), intensifica-se a demanda em rede

[11] Descritivo resumido dos valores baseado nas definições apresentadas por Recuero (2009, p.114-121).

pela educação emancipadora e dialógica. Em uma vertente convergente e também por um protagonismo juvenil, como afirma Soares (2011), as culturas juvenis exercem papeis de protagonistas sociais nas relações comunicativas, através do contato com as mídias, dispositivos importantes no contexto desse desenvolvimento.

No exercício desse protagonismo, os jovens cidadãos precisam aprender a discernir o conteúdo que agrega, quais são as informações úteis e verdadeiras e qual é o melhor caminho a seguir, apurando o próprio senso crítico individual e atuando enquanto sujeito social na coletividade. Assim, a educomunicação, conforme o autor, principalmente para as culturas juvenis, é um dos caminhos de renovação de práticas sociais e educativas que alia os campos da educação e da comunicação com objetivo de ampliar o engajamento desses jovens em seu processo educativo. No mesmo caminho, Jenkins (2009) aponta que os estudantes não devem mais esperar por seleções de especialistas que os informem sobre determinado conhecimento, em vez disso, devem ser capazes de identificar as melhores comunidades a navegar.

Portanto, a complexidade das relações sociais que são construídas em rede se aprofunda na medida em que o contexto exige que os usuários se tornem mais perspicazes, criativos, críticos e reflexivos. Num ecossistema como o ciberespaço, com acesso a um número crescente de informações, sem fronteiras, de boa e má qualidade, tornar-se crítico emerge como uma condição de sobrevivência, como foi ressaltado por Jenkins (2009). Recuero (2009) afirma o mesmo, isto é, que o usuário da geração web 2.0 precisa adaptar-se aos novos tempos, em luta contra a sua própria natureza da rede *off-line*, já que o ser humano deixa-se, com frequência, acomodar pela atitude da maioria, especialmente para mostrar-se em consonância com os valores defendidos por amigos e conhecidos, às vezes como mecanismos de evitar conflitos diretos que possam atrapalhar essas relações.

Nesse ambiente das redes sociais, segundo Castells (2013b), a comunicação em larga escala insere-se em um processo de transformações tecnológicas e estruturais, com a *emergência* do que o autor denominou de *autocomunicação de massa*. Na visão de Castells (2013b, p. 158), esta é estruturada em uma comunicação multidirecional, apoiada em redes horizontais, interativas e onipresentes, devido à mobilidade das redes sem fio:

> "Nos últimos anos, a comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência do que denominei autocomunicação de massa, baseada em redes h, nas horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet, e, mais ainda nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda parte. Esse é o novo contexto, no cerne da sociedade em rede como nova estrutura social, em que os movimentos sociais do século XXI se constituem".

Os estudos do autor, a respeito dos movimentos sociais e de suas especificidades relativas à organização e mobilização dos partícipes que se deram por intermédio por intermédio das redes sociais em ambiente digital, basearam-se em movimento dessa natureza que aconteceram em vários países do mundo: no Egito, na Tunísia *A revolução da liberdade e da dignidade*, na Islândia *A revolução das Panelas*, no Egito*(A revolução egípcia*, na Espanha *Os indignados da Espanha* nos Estados Unidos, *Occupy Wall Street* e no Brasil *Passe Livre*.

Castells (2013b, p. 162-163) refere que

> "Os movimentos são virais seguindo a lógica das redes da internet. (...) E as redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano criam companheirismo. Essa é a questão fundamental para o movimento, porque é pelo companheirismo que as pessoas superam o medo e descobrem a esperança. (...) A horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal".

Conforme os estudos de Castells (2013b), os movimentos sociais que eclodiram no mundo atual comungam determinadas características, entre as quais: conexão em rede multifacetada de formas, ocupação do espaço urbano, espaço da autonomia, mobilizações globais e locais, tempo atemporal, espontaneidade, viralidade, deliberação no espaço da autonomia, solidariedade, ausência de liderança formal, companheirismo entre outras.

Segundo explica o autor, os movimentos sociais não surgem em decorrência das redes, mas quando a indignação em comunidade atinge seu ápice, nessa fase, as redes intervêm fortemente, propiciando uma agilidade na estruturação de uma cultura

participativa coletiva. Dessa forma, o público em rede encontra a possibilidade de, conectado em diversas modalidades (redes *online*, *offline* e aquelas que surgem durante a própria mobilização), espontaneamente alimentado pela indignação, começar o movimento. Inicialmente em contextos locais, as mobilizações vão construindo especificidades e ocupando seus espaços, conectados às redes da internet. E, assim, seguem uma tendência de viralidade**,** tanto no tocante à replicação de conteúdo como também à reprodução de movimentos semelhantes em outras cidades, transformando-se concomitantemente em contextos locais e globais. Assim, na perspectiva de Castells (2013b), os espaços locais e globais, de certa forma, ultrapassam os limites das divisões que os constituem simbolicamente enquanto opostos.

Ainda sobre os movimentos, o autor observa que, além da ocupação dos sites de redes sociais, há um fluxo de ocupação dos espaços públicos das cidades, inclusive prédios simbolicamente importantes. Esse híbrido de ocupação que congrega o espaço cibernético e o urbano é chamado de *espaço da autonomia*, o qual só se conquista na medida em que há uma organização nas redes de comunicação, de forma a desafiar a ordem disciplinar, para conquistar o espaço urbano para os próprios cidadãos.

Nessa busca, de acordo com Castells (2013b, p. 178-179), há uma passagem dos movimentos, da *indignação à esperança* refere que

> "Aconteceu no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades".

Essas ocupações se concretizam através de uma estrutura específica de tempo, que seria um *tempo atemporal*. Enquanto ocupantes dos espaços urbanos, os partícipes vivenciam o dia a dia, ignorando quando virá a intervenção do Estado para pôr fim a ocupação. Na outra vertente, experimentam projeções de seu tempo em mudanças históricas futuras, de forma antecipada. Assim, submersos nessas vivências temporais específicos, eles negam o tempo cronológico culturalmente imposto. Segundo o autor,

essa experimentação temporal distinta é um misto do instante que se passa com o eterno, não menos concreto que o tempo criado culturalmente pelos homens para reger as dinâmicas sociais.

Mobilizações como essas referidas pelo autor ganharam as ruas do Brasil, em junho de 2013[12]. Partindo das conexões em rede *online*, elas surgiram por causa da indignação com o aumento anunciado da tarifa das passagens de ônibus. Então, o movimento começou mediante o entrelaçamento das redes *online, offline* e de outras construídas por intermédio desses nós. Posteriormente, as mobilizações ganharam as ruas que, viralmente, foram ocupadas nas mais diversas cidades do país, e até em outros países. Nesse movimento, diversos prédios que representam os poderes e instituições simbólicas do país foram ocupados, inclusive no Distrito Federal.

É interessante observar que, inicialmente movidas pela indignação com a questão do transporte público, as mobilizações ganharam também outras demandas como melhoria na saúde, educação, segurança, exatamente por não se constituir enquanto movimento com liderança e sim autônomo, em que o processo se desenvolve de forma horizontalizada. Outro aspecto foi o envolvimento de famílias e o sentimento de esperança que contagiava a sociedade naquele momento, na busca por mudanças de um país melhor para todos.

Percebe-se que é através das relações tecidas nas redes sociais *online*, devido especificamente à experiência vivenciada interativamente com os diferentes pontos de vista, que pode ocorrer uma nova demanda, *quiçá* até um favorecimento, para um apuramento da conscientização individual que, posteriormente, reflete-se na coletividade. Assim, ainda de acordo com Castells (2013b), as redes *online* se caracterizam especialmente por uma cultura participativa horizontal, com fluxos de via dupla, que podem movimentar processos de viralidade e criatividade individual e coletivos.

Neles, pode haver uma linha que costura valores democráticos como presença da diversidade (gênero, etnias, classe social, nacionalidades, faixas etárias); diminuição

[12] Informações coletadas em reportagem no NY Times, visualizada em 04 de setembro de 2014: http://www.nytimes.com/2013/06/18/world/americas/thousands-gather-for-protests-in-brazils-largest-cities.html?smid=fb-share&_r=0

de distâncias (físicas e relativas à hierarquias da rede *off-line*); inclusão de agendas locais e globais; incentivo à transparência e publicação de pontos de vista; estimulo à liberdade de participação nas realidades deliberativas e uma espécie da cidadania emancipadora, construída a partir de observações individuais que, quando em rede, suscitam uma corrente maior. Conforme Pérez-Tornero (2008), o que começa como uma conversação e justaposição de *hiperlinks* refletindo uma ideia individual leva a um engajamento coletivo. Outras ideias, observações e questionamentos são levados ao *grande público* através das redes a que esses jovens pertencem para dialogar diretamente com *a sua comunidade*.

Nessa inserção do indivíduo em seu conjunto social, segundo Pérez-Tornero (2008), a comunidade começa a refletir coletivamente sobre a realidade em que vive e isso gera uma busca por soluções, no tocante às problemáticas comuns ao corpo social. O agendamento das pautas começa a se dar pela própria sociedade, ao contrário do que predominantemente acontecia quando somente as mídias tradicionais colocavam em público assuntos para serem discutidos. Mais ainda, a discussão sobre eles pode encontrar nas redes a agilidade necessária para reunir, sem precisar estar junto, já que, segundo Recuero (2009), esses sites valem-se de um tempo síncrono e assíncrono e de um encontro diversificado, devido a aproximação e o entrelaçamento das muitas redes (*online* e *offline* também). Dessa maneira, os indivíduos encontram nas novas mídias um ambiente público possível que, constituído por nós sociais, oferta novas dimensões de tempo e espaço e, através da convergência de linguagens midiáticas, permite a construção de uma cultura participativa, cultivada no exercício do fazer comunicativo.

É necessário ressaltar que as mobilizações não acontecem em razão da existência dos sites de redes sociais e sim de fatores sociais específicos, muitos dos quais perduram no mundo como problemáticas há anos, especialmente em países com alta desigualdade social (caso do Brasil). No entanto, segundo Castells (2013b), a evolução da tecnologia e o surgimento das novas mídias são condições essenciais para que seja viável a estruturação dos movimentos sociais, na dimensão que ocorrem atualmente.

3.11 CONCLUSÃO

Neste capítulo, foi possível contextualizar as mudanças ocorridas nas esferas tecnológica, cultural, comunicacional e participativa. Nesse sentido, delineou-se um panorama mutante tanto no que se refere ao contexto macrossocial quanto àquele cotidiano do indivíduo.

Através das reflexões apresentadas, percebeu-se um cenário global e local de transformações nas relações sócio comunicativas, através de possibilidades de mais inserção do cidadão em todos os níveis. Ou seja, possivelmente, há uma percepção de um crescente compartilhamento de conteúdo, desde os individuais e emotivos àqueles relacionados às agendas social, política, cultural e econômica. Em outras palavras, os usuários da web 2.0, embora estejam imersos em uma atmosfera ambivalente e plural, marcada por fatores diversos, inclusive riscos a uma cultura participativa emergente, expressam uma possível postura comportamental mais interativa e propensa à participação.

No próximo capítulo, será introduzido o caminho metodológico planejado para a experimentação dos métodos escolhidos que respaldarão as análises desta pesquisa.

4. PERCURSO METODOLÓGICO: UM CAMINHO DE ESCOLHAS ESTRATÉGICAS

O capítulo que se inicia tem como objetivo central apresentar ao leitor o contexto em que as escolhas metodológicas se deram assim como as razões delas terem sido tomadas, para então justificadas, possam vir a ser racionalmente compreendidas. Os escritos também visam a referência teórico-metodológica das técnicas de pesquisas eleitas, para que seja viável a compreensão minuciosa dos procedimentos adotados e em que medida eles foram ou não bem-sucedidos. Dessa maneira, serão relatadas detalhadamente as etapas referentes à aplicação técnica dos instrumentos de pesquisa e as dificuldades encontradas no processo, assim como as especificidades relativas ao mesmo.

A esfera metodológica é essencial para que o leitor visualize o percurso construtivo da tese e os motivos que explicam as direções tomadas para que se chegasse aos objetivos centrais e específicos da pesquisa. Inicialmente, o capítulo será estruturado da seguinte forma: na abertura, haverá o resgate do panorama contextual com o qual o objeto de pesquisa se relaciona diretamente, para que seja possível a percepção dos múltiplos fatores que revestem as peculiaridades do objeto investigado. É importante que seja nessa ordem e não em outra, pois sem o conhecimento do contexto prévio, as diretrizes tomadas, ainda que justificadas e metodologicamente fundamentadas, podem não ser suficientemente clarificadas para o entendimento do panorama geral do capítulo e por consequência, da contribuição dele para a própria tese.

Passada a fase contextual de caracterização do objeto de pesquisa, será realizada uma abordagem empírica, na tentativa de que se compreenda o desenvolvimento metodológico da pesquisa, desde os seus primórdios, partindo dos temas fomentadores dos questionamentos centrais aos critérios relativos às opções de método realizadas, além das realidades que se configuraram durante todo o processo metodológico em si. Ou seja, os entraves, os contrastes, os conflitos, os contextos inesperados não serão excluídos do relato como também mudanças e complementações (e as razões delas), no que diz respeito ao plano metodológico traçado inicialmente.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: O IFRN E SEUS ESTUDANTES

O IFRN é um instituto técnico de ensino público brasileiro, vinculado ao governo federal. A escola, que tem estudantes com escolaridade de nível médio técnico (na modalidade Técnico Integrado), oferta também à sociedade potiguar cursos técnicos destinados àqueles que já concluíram o ensino médio, nomeadamente os Técnicos Subsequentes, os Tecnólogos (cursos superiores de curta duração), as Licenciaturas e ainda os de Pós-graduação (tanto *Lato Sensu* quanto *Stricto Sensu*).

Com 106 anos de atividades educacionais, o Instituto Federal, começou sua trajetória com cursos que na atualidade já não existem mais como alfaiataria e marcenaria entre outros, e ingressou recentemente em um projeto de expansão do governo federal, passando a atuar em 21 *campi*, distribuídos em 18 municípios (sendo 3 *campi* na cidade de Natal) do Rio Grande do Norte (RN) e mais dois em fase de projeto que serão localizados no interior do RN[13].

A Instituição, que historicamente já havia implementado o sistema de cotas sociais, aderiu também às cotas raciais. Somadas, elas destinam metade das vagas ofertadas a públicos específicos, reservando, portanto, esse percentual (50%) exclusivamente para estudantes de baixa renda, além de pardos, índios e negros. Dessa maneira, o IFRN congrega, há muitos anos, alunos oriundos de escolas públicas e particulares do RN[14]. Assim, o corpo discente do Instituto é de natureza plural, formado por estudantes dos centros urbanos e do interior, de classes sociais abastadas, carentes e das mais diferentes etnias.

É importante clarificar que muitos estudantes da Instituição são jovens, entre 14 e 25 anos, são membros de redes sociais, inclusive do *Facebook* e do grupo criado por alunos para discutir assuntos de interesse coletivo relativo ao IFRN.

4.2 METODOLOGIA: DOS TEMAS GERADORES AOS CRITÉRIOS DE ESCOLHAS TÉCNICAS

É relevante esclarecer que a pergunta central que despertou este estudo surgiu a partir de observações feitas a respeito da participação de estudantes, dentro do grupo criado

[13] Dados coletados no Portal do IFRN, acessado em 20 de novembro de 2015 em http://portal.ifrn.edu.br/institucional/historico

[14] Informações fornecidas pelo Histórico do Portal do IFRN, acessado em 20 de novembro de 2015 em http://portal.ifrn.edu.br/institucional/historico

espontaneamente por alunos do IFRN, na plataforma virtual *Facebook*. No ambiente grupal, instauravam-se debates polêmicos com participação de alunos e ex-alunos, tanto relacionada a assuntos internos relativos à comunidade escolar como direcionada a temáticas externas, referentes a temas de interesse da sociedade em geral.

Apesar de haver alunos atuantes, há também aqueles que somente fazem parte do grupo, mas não interagem, enquanto outros participam publicamente de forma bastante pontual. Assim, é notável que a intensidade e as modalidades de participação são diversificadas e isso gerou uma multiplicação de porquês na busca por entender as razões que conduziam uns, em detrimento de outros, ao processo participativo. O desejo de desvendar as motivações que levam os estudantes à participação (como também nuances da não participação) trouxe a inspiração necessária para que fossem feitas as primeiras escolhas em relação ao caminho metodológico que se delineava.

Tornava-se cada vez mais evidente que era exatamente o foco motivacional que impulsionava a caminhada que estava por vir. No entanto, como investigar os motivos e abrir mão do processo em si? Como entender plenamente o contexto participativo dos jovens estudantes, nas redes sociais, se restringi-lo aos fatores-chave associados às motivações que fomentam a participação no grupo? A reflexão levou a concluir que haveria necessidade de um aprofundamento em torno das dinâmicas sociais envolvidas. A investigação dos fatores motivacionais, exclusivamente, não seria suficiente para compreender a complexidade da esfera participativa dos jovens alunos do IFRN, no grupo do *Facebook*. Nesse sentido, percebeu-se que seria preciso investigar além das motivações que levam à participação: o próprio processo participativo conversacional em rede. Dessa forma, poderia se compreender como se configura a participação estudantil no *Facebook*, a que ela se condiciona, com que fatores se relaciona, o que a motiva e o que pode bloqueá-la, entre outros aspectos.

Torna-se necessário recordar que o objeto de pesquisa é, no caso específico, o grupo existente dentro da rede social *Facebook*, que, embora tenha como membros também muitos funcionários da Instituição, foi criado espontaneamente por alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e serão eles, além de ex-alunos (também membros do grupo), o público alvo da pesquisa. Para a investigação, há um corpus textual constituído pelos *posts*, comentários e

manifestações conexas, na página do grupo, no *Facebook*, que permite responder, mediante uma análise exploratória, a determinados tipos de perguntas, como por exemplo: como acontece o processo participativo? Através de que modalidades ele se manifesta? Que tipos de participação podem ser observados no processo? Em que medida uma ferramenta participativa é mais intensa do que a outra? Em que sentido o conteúdo é mais valorativo à conversação do que outro? Em que medida a conversação é assimétrica ou não?

Pretende-se, através da análise exploratória do corpus, compreender a configuração do processo participativo estudantil e as especificidades interativas referentes ao uso das ferramentas disponíveis na plataforma. Em outras palavras, de forma analítica, serão investigadas as modalidades participativas em que os usuários se inserem e os contextos em que elas se instauram. A partir desse olhar, serão levantados os significados que podem ser remetidos à cultura participativa estudantil em rede e as peculiaridades que esta cultura reveste.

É importante enfatizar que as imagens, embora importantes ao conteúdo comunicado, não serão objeto da análise desta tese, sendo caracterizadas, quando forem, mais superficialmente no contexto, pois o foco dessa investigação será o conteúdo participativo conversacional, em que os partícipes efetivamente interagem através do diálogo linguístico mais explícito, no caso específico mediante a linguagem textual e não imagética. Assim, as imagens que existirem (sejam fotos ou vídeos) só virão a ser exploradas se forem tema específico da conversação entre os partícipes e, mesmo nesse caso, esse direcionamento analítico será complementar à do conteúdo textual, não o contrário. Portanto, não serão utilizadas técnicas especializadas em análise de imagens.

Assim, fez-se necessário entender o fator motivacional (seja ele de caráter afetivo ou racional), sem abdicar do processo comunicativo em si, que é o encontro interacional com os outros partícipes, enquanto sujeitos sociais, na esfera pública. Não seria possível analisar em profundidade, portanto, se o foco permanecesse recluso às lentes das razões individuais que fazem cada um sair da comodidade da vida particular para assumir o papel de sujeito social e deixar-se expor aos holofotes, por vezes, castigantes, da sociedade. Em outras palavras, foi imprescindível que o olhar investigativo também se voltasse ao processo interacional instaurado em rede, através

da análise qualitativa e exploratória da conversação, mais especificamente no tocante às postagens, mediante à análise sobre o uso dos recursos disponíveis e os consequentes desdobramentos, através da utilização das ferramentas participativas para realizar postagens, curtidas, comentários e compartilhamentos.

Desde o princípio das escolhas para abordagem da pesquisa, tornava-se paulatinamente mais notório que ela era de essência qualitativa, pois o objetivo principal da investigação não é realizar levantamento de frequência ou mesmo interpretar dados que se repetem, mas sim analisar em profundidade aspectos que certamente em números volumosos não seria viável. Obviamente que, dados percentuais serão necessários para contextualizar as inserções participativas do público investigado e ajudar assim na compreensão do terreno, todavia os dados quantitativos vão se configurar como complementos à análise principal, que é uma investigação exploratória da participação em si e dos fatores motivacionais que estão associados a ela. Fatores intrínsecos que estão no cerne do conteúdo, tanto no que se refere ao indivíduo particularmente (motivações de cada um a participar ou não), quanto ao processo participativo propriamente dito, de comunicação em rede, que perfaz o encontro de um sujeito social com os outros nas novas mídias.

É, para analisar em profundidade especificamente esse contexto colaborativo, no qual se configura uma realidade sócio interativa nas redes sociais, que a abordagem precisa ser focada em determinados aspectos. Segundo Bardin (2013, p. 141), a abordagem qualitativa deve ser utilizada para inferências específicas e não generalistas:

> "A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis".

Ainda segundo a autora, em um primeiro momento, a análise do conteúdo foi marcada pela rigidez e, por assim ser, restringia seu campo de atuação às pesquisas

quantitativas. No entanto, no decorrer dos anos, reconheceu-se que o principal marcador dos estudos de análise do conteúdo são as inferências, no que se refere à mensagem, independente delas serem ou não associadas a números. Bardin (2013, p. 142) refere que:

> "Em conclusão, pode dizer-se que o que caracteriza a análise qualitativa é o facto de a inferência - sempre que é realizada- ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência de sua aparição, em cada comunicação individual".

4.3 GRUPO FOCAL: UMA TÉCNICA APROPRIADA ÀS MOTIVAÇÕES

No tocante às técnicas disponíveis para a pesquisa qualitativa, havia diversas opções. Por isso, foi preciso refletir previamente a respeito dos objetivos almejados para decidir qual ou quais delas seriam mais adequadas ao que se pretendia alcançar. Nessa linha de pensamento, um dos pontos cruciais da pesquisa é buscar as motivações que fomentam a participação estudantil. Dessa forma, havia a necessidade clara de buscar percepções sobre fatores-chave associados à participação estudantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), tomando como campo de análise as dinâmicas na e a partir da página no *Facebook*. Assim, após as orientações e leituras direcionadas a respeito das técnicas disponíveis, uma das opções consideradas mais ajustadas foi a de grupo focal ou *focus group*. Essa escolha deu-se exatamente porque a melhor forma de encontrar percepções dos partícipes sobre motivações, muitas vezes relacionadas à subjetividade de cada um, é através de uma técnica susceptível de estimular a expressão de manifestações espontâneas e livres sobre o tema, da maneira mais aproximada possível da naturalidade.

Assim, através de uma conversação grupal sobre o assunto, ainda que, em um encontro promovido artificialmente para a pesquisa, seria possível, mediante um debate moderado e direcionado, permitindo flexibilidade e fluidez aos partícipes, alcançar os objetivos específicos.

Essa técnica, que consiste em promover uma conversa grupal para suscitar um diálogo aberto a respeito de temáticas propostas por um mediador, foi escolhida para tentar apontar caminhos sobre as motivações dos estudantes a participar dos contextos

sociais, no âmbito das conversações em rede. De acordo com Costa (2006, p. 181), os grupos focais colaboram para a compreensão dos contextos mais complexos:

> “Grupos Focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. A maior busca é a de compreender e não inferir nem generalizar”.

Dessa forma, através dos grupos focais, foi mais possível captar percepções enraizadas das pessoas, aquelas que dificilmente seriam conseguidas através da aplicação de uma entrevista ou questionário. Segundo Costa (2006), pesquisadores da área de ciências sociais passaram a utilizar a técnica para abordagens em profundidade, com o objetivo de captar sentimentos, motivações, impressões e expressões de traços sutis que constituem o modo de ser e de atuar do indivíduo ou grupo.

De acordo com Liamputtong (2011), a metodologia do grupo focal permite explorar e examinar o que as pessoas pensam, como elas pensam e a razão desses pensamentos se estabelecerem da forma como são, sem que haja pressão no sentido de consenso ou decisão. Assim, permite aos pesquisadores buscar razões para determinados pontos de vista individuais ou de grupo. Liamputtong (2011, p. 06) refere que

> "Os grupos focais são valiosos para obter uma profunda compreensão das inúmeras interpretações de uma determinada questão dos participantes de uma pesquisa. Os grupos focais permitem aos pesquisadores procurar as razões pelas quais determinados pontos de vista são defendidos por indivíduos e grupos. O método também fornece o conhecimento sobre as semelhanças e diferenças de entendimento de cada pessoa".

Para a adequada aplicabilidade da técnica qualitativa dos grupos focais, é preciso que haja planejamento em todas as fases, por isso, um dos primeiros critérios a ser considerado deve ser analisar cuidadosamente os objetivos da pesquisa, para direcionar o foco dos grupos para alcance deles. Segundo Costa (2006, p. 184), um outro quesito essencial é a elaboração de um roteiro para uma conversa induzida, que precisa ser dinâmica e flexível, para não podar ou engessar a espontaneidade do grupo, respeitando, assim, a fluidez dos diálogos e o tempo das participações:

> “O roteiro funciona como um prompter para que o moderador se guie durante a entrevista. (...) O roteiro não deve funcionar como uma camisa-de-força; há ocasiões em que os participantes respondem, com uma pergunta, duas ou três questões programadas para mais adiante. Ou algumas respostas podem suscitar perguntas de desdobramento, e cabe ao moderador flexibilizar o roteiro para atender ao movimento do grupo. Deve-se ter flexibilidade para mudar a ordem das perguntas/temas propostos e mesmo para introduzir novos temas, de acordo com a fala dos participantes”.

Ainda de acordo com Costa (2006), recomenda-se que o roteiro inclua perguntas quer abrangentes e amplas, quer direcionadas ou focais. A multiplicidade dos tipos de perguntas enriquece a discussão, pois permite a observação dos tipos de repostas e comentários, quer sejam padrões ou que remetam a divergências e convergências, a respeito dos assuntos mais gerais, como também nos específicos.

Segundo Bader e Rossi (2002), é preciso que haja uma coordenação previamente definida entre o mediador e o observador (es) para que fiquem claros os problemas pertinentes à pesquisa, à agenda programada e o contexto macro do grupo focal em questão, já que o correto entendimento da situação favorece a coleta de conteúdo enriquecedor e focado.

No tocante à preparação para os grupos focais, foi elaborado um roteiro relativamente curto, com temas abrangentes e, também, direcionados aos problemas investigados, e sua condução foi pensada, para que ele servisse de guia ao fluxo do grupo. Ou seja, a formulação do roteiro foi essencial para orientar os caminhos e, assim, manter o foco dos objetivos investigados, mas não para ser um pré-moldado que impossibilita o movimento natural do diálogo e as novas formas de perceber a realidade que se configura.

Outro quesito fundamental é a definição do público alvo que, na visão de Costa (2006, p. 185), precisa ser feita de acordo com a demanda do pesquisador:

> “O público-alvo de um Grupo Focal é definido de acordo com a necessidade do pesquisador. Por exemplo, usuários e não usuários de um programa, ou usuários de níveis educacionais distintos. O grupo deve ter nível socioeconômico e acadêmico semelhante, para evitar inibições e

> constrangimentos. Não se recomenda a inclusão de chefia e subordinado no mesmo grupo. A diversidade de perfis enriquece o grupo focal, mas exige mais do facilitador".

Em relação à determinação do público alvo da técnica qualitativa Grupo Focal, a escolha da amostra não precisa ser ao acaso. Segundo Bader e Rossi (2002), a amostra deve ser restrita aos participantes diretamente afetados pelo contexto com o qual a investigação se propõe a trabalhar, sem perder de vista o foco dos objetivos inicialmente planejados. As autoras referem ainda que o processo de seleção dos participantes deve ser flexível. Mesmo assim, não deve incluir voluntários sem o devido recrutamento.

No que concerne ao público alvo da tese em curso, a amostra foi constituída por estudantes e ex-alunos do IFRN, a maioria formada por participantes do grupo virtual da Instituição, na rede social *Facebook*. No recorte definido para análise, excluíram-se os professores e funcionários administrativos, uma vez que o objetivo é entender as motivações que levam os estudantes e ex-alunos a participar do grupo do IFRN no *Facebook*, como também perceber como acontece o processo participativo. Portanto, nesse caso específico, o foco diz respeito ao corpo discente e não aos demais membros da comunidade escolar.

Inicialmente, houve um planejamento para formar os grupos focais com um público alvo heterogêneo, agrupado da seguinte forma: alunos e ex-alunos que participam pouco, junto a outros que atuam moderadamente e aos que são partícipes mais engajados, avaliando para isso, além da frequência participativa na rede social, critérios de intensidade relativos ao uso das ferramentas como: Curtir (exige um menor nível de envolvimento, com menos tempo dispensado); Postar ou Comentar (requer um maior nível participativo, com mais tempo dedicado); e Compartilhar (exige nível moderado de participação, com tempo moderado utilizado).

Porém, durante a fase de recrutamento dos voluntários, diante das diversas tentativas fracassadas de conseguir estudantes para participar dos grupos, avaliou-se que seria inviável o uso dos critérios para agrupamento previamente pensados. Diante do novo contexto, foi preciso flexibilizar o planejamento inicial e adaptar a pesquisa à realidade, tentando apenas formar os grupos, de acordo com a conveniência dos

horários dos convidados, e mesclando, sempre que possível, alunos e ex-alunos, de nível médio e superior.

Foi evidente uma certa resistência inicial por parte de alguns estudantes recrutados em participar dos grupos focais. Aqueles que recusavam o convite, em sua maioria, alegavam falta de tempo disponível, pois tinham, segundo eles, uma rotina repleta de aulas, projetos de pesquisa, estágios e esportes. Houve ainda quem dissesse que realmente não poderia participar, embora preferisse não explicitar o motivo. Mesmo dentre os que confirmaram presença, houve desistências sem justificativa prévia, embora tivessem confirmado por telefone poucas horas antes do encontro, o que, inclusive, inviabilizou, por dois dias consecutivos, a formação de um grupo focal agendado, já que o número de voluntários foi insuficiente para realizá-lo. Nesse sentido, houve a necessidade de uma dedicação intensa e persistente na fase de recrutamento, para conseguir mais voluntários na etapa de aplicação da técnica. Interessante observar que muitos dos jovens recrutados, quando souberam que poderiam participar junto com seus amigos no mesmo grupo, aceitaram fazer parte dos grupos focais, contexto que antes dessa aceitação explicitada não parecia caminhar para esse desfecho.

O lugar onde acontecem os grupos focais é outro ponto crucial, pois ele deve ser um ambiente neutro e, de preferência, de fácil acesso a todos os participantes. Se for possível, o local deve permitir que os voluntários se sintam à vontade e familiarizados ao contexto, para que tudo transcorra da maneira mais próxima do natural. Segundo Costa (2006), é importante a neutralidade para que não haja inibição dos partícipes e nem ruídos, especialmente para não prejudicar os conteúdos gravados. De acordo com Bader e Rossi (2002) o local deve ser conveniente para todos os participantes envolvidos, considerando inclusive o tempo de deslocamento até a chegada dos partícipes.

Nessa perspectiva, o lugar escolhido para a realização dos Grupos Focais foi a Sala de Reuniões do próprio Campus Natal Central do IFRN. Por estar sediado no ponto mais estratégico da cidade, perto de paradas de ônibus, inclusive, o que facilita o acesso dos mais diversos alunos e ex-alunos, sejam eles do próprio Campus ou de outros, como os da Zona Norte (dentro da cidade de Natal), Cidade Alta (dentro da cidade de Natal), Parnamirim (município vizinho) ou de São Gonçalo (município vizinho), por

exemplo. Outro ponto positivo relacionado ao local foi que a opção da escola como ambiente para a realização dos grupos permitiu a familiarização dos alunos com o lugar, o que possibilitou aos estudantes e aos ex-alunos se sentirem mais confortáveis à situação proposta.

Uma precaução tomada em relação à sala foi no que se refere aos ruídos. Principalmente, porque as discussões seriam gravadas para posterior transcrição. A opção por restringir a gravação ao áudio em detrimento do audiovisual deu-se no sentido de evitar uma eventual inibição dos partícipes, deixando-os à vontade, em um ambiente mais descontraído e natural, facilitando a fluidez da conversação.

A distribuição dos lugares ao redor da mesa foi realizada de forma que o barulho do ar-condicionado não comprometesse a gravação dos áudios e a qualidade do som fosse, assim, preservada. Outra cautela tomada se referiu à disposição das cadeiras no local, feita de modo que ficassem distribuídas à mesa com relativa proximidade para criar um contexto informal, a fim de estimular o diálogo entre os membros do grupo e permitir que houvesse uma interação direta entre eles, inclusive no que se refere ao campo visual. De acordo com Bader e Rossi (2002), o uso adequado do espaço e a distribuição eficaz dos assentos pode fomentar ou estimular a discussão, por isso é preciso que seja feito de maneira ordenada, inclusive para facilitar a visualização dos membros.

Após as fases de planejamento, recrutamento e de preparação do ambiente, foram realizados cinco grupos focais com a média de seis a nove participantes em cada um deles. As conversações grupais, de maneira geral, se prolongaram por um período de três horas. Em cada grupo focal havia, além dos participantes, a figura do mediador, responsável por conduzir e fomentar temas de debate, direcionados de acordo com o objetivos, e do observador, cujo papel foi o de fazer anotações a partir das observações contextuais da conversação, que vão desde o conteúdo em si até peculiaridades como intromissão, aumento de tom de voz, repetição das falas, eventual monopólio de alguns falantes, discordâncias, convergências e mudanças de opinião no decorrer do diálogo, entre outros.

Durante a apresentação dos grupos focais, o mediador identificou-se como também apresentou o observador, relembrou aos partícipes a temática da pesquisa e os

objetivos da aplicação da técnica escolhida. Feito isso, foi preciso explicar a necessidade da gravação dos áudios, explicitando que o processo facilita a coleta e a fidelidade aos dados posteriormente. Nesse momento, também se ressaltou, que sob hipótese alguma, os participantes envolvidos terão sua identidade revelada.

No caso específico dessa tese, o cuidado em informar aos participantes sobre a garantia do anonimato foi uma constante, com reiteradas comunicações sobre a temática e espaço para eventuais dúvidas a respeito do assunto. Com as informações expressas, um clima de confiança e conforto foi estabelecido para que se pudesse ter início o diálogo propriamente dito.

Após a fase de coleta de dados, foi possível perceber que o conteúdo colhido foi bem enriquecedor, inclusive com opiniões contrastantes tanto entre grupos distintos, como dentro de um mesmo grupo, a respeito de tópicos determinados. Durante as conversações vieram à tona temas subjacentes que não estavam previstos nos tópicos, mas que de alguma forma, por serem indiretamente relacionados, afloraram no decorrer dos diálogos.

Posteriormente à realização dos grupos, foi feito o *backup* dos áudios e iniciou-se o processo de transcrição do diálogo de cada grupo focal. Nas falas transcritas, como previsto, a identidade dos interlocutores foi preservada, conforme antecipadamente acordado com os voluntários.

4.4 CONVERSAÇÃO EM REDE: ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA CONVERSAÇÃO

Aliada à técnica de grupo focal, que foi escolhida com o objetivo de captar impressões sobre quais são as motivações dos jovens estudantes para participar do grupo do IFRN, dentro do *Facebook,* foi realizada também a opção pela aplicação da técnica de Análise da Conversação dos *posts,* de um assunto previamente escolhido, relacionado a publicações na página da rede social investigada.

Para isso, foi definido um tema central, a partir de observação e pesquisa no grupo do virtual, considerando critérios de repercussão e envolvimento dos alunos com o assunto. Neste sentido, percebeu-se que o tema da qualidade dos serviços prestados pelas cantinas do IFRN era um tópico comum a vários *campi* que, possivelmente por

referir-se ao cotidiano dos alunos, motivava uma participação mais volumosa e rica para análise.

Como os *posts* caracterizam-se por uma interação direta entre os interlocutores do grupo, seja ela instantânea ou não (em tempo real ou diferido), a análise exploratória da conversação, foi a técnica qualitativa considerada mais adequada para investigar o processo participativo configurado na plataforma.

No tocante à metodologia, referente às análises conversacionais de posts nas redes sociais, mais especificamente no *Facebook*, serão utilizados contributos de vários autores, entre os quais: Primo (2007), Recuero (2014) e Orecchione (2006). Por tratar-se de um contexto recente, inclusive no tocante aos estudos da comunicação, a conversação do público em rede inclui em sua esfera fatores do ambiente em que se concretiza a ação comunicativa entre os usuários.

Diante dessas perpectivas, faz-se necessário uma análise sob um viés multifacetado, de forma a buscar a compreensão dos diferentes componentes relativos à cultura participativa na conversação. É preciso direcionar o olhar aos seguintes critérios: os fatores motivacionais (mediante análise dos grupos focais), as ferramentas participativas e o sentido atribuído ao uso delas (análise de utilização das ferramentas disponíveis no *Facebook*), além da análise sobre a configuração do próprio processo conversacional em si, que está diretamente associado aos contextos de relação social que conectam as pessoas.

Assim, diante da multiplicidade de fatores e da importância de cada um deles para entender a motivação e a estruturação do processo participativo, a opção metodológica escolhida foi a análise do tipo exploratória, como ressaltado acima, com contribuições de diversos autores, de maneira a extrair o mais significativo de cada uma. Em outras palavras, objetiva-se um modelo analítico múltiplo, convergente e complementar, para entender o panorama geral e aprofundado da participação do público em rede.

Nesse sentido, Primo (2007), Recuero (2014) e Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta que uma rede social *online* não é resultado exclusivamente de uma interligação informática, pois refere-se a um processo que centra sua existência nas relações entre pessoas. Segundo Primo (2007), as linhas metodológicas que polarizam o processo

conversacional remetem-se a perspectivas isoladas da comunicação. Nesse contexto, de acordo com o autor, emissor e receptor teriam papeis engessados e opostos no processo, por isso mesmo um viés insuficiente para explicar a complexidade de uma rede social nos tempos atuais.

Diante desse contexto, ele propõe um caminho para análise que leve em conta especialmente as relações em processo, com foco no fluxo de espaço "entre", ambiente situado no intercâmbio que interliga os sujeitos sociais, durante o fazer conversacional. Para isso, chama os partícipes de "interagentes". Nessa vertente, o autor considera a plataforma tecnológica como um outro componente interagente, mesmo que este tipo de interação seja, na prática, diverso daquela classificada como social.

Considerando que, referente ao *Facebook* especificamente, ocorrem situações em que a própria plataforma tecnológica ativa recursos propulsores de mecanismos interacionistas, entre os quais: marcações em fotos postadas, publicações automaticamente expostas aos amigos dos amigos, sugestões de grupos novos dentro do próprio grupo, publicidades direcionadas, listagens de opções de comunidades temáticas para seguir, apresentação do número de visualizações, curtidas, comentários ou compartilhamento, entre outros. Assim, o aparato tecnológico, a depender de sua atuação, pode sim influenciar no processo conversacional. Ilustrativamente, a própria apresentação de uma repercussão (quantitativo de curtidas, comentários e compartilhamentos de uma postagem) pode se configurar em um fator indutor à participação de um novo ator, seja de forma ativa ou passiva. Isso porque pode vir a gerar no sujeito social a curiosidade natural de perceber qual é a temática que obteve maior repercussão e, dependendo desse primeiro olhar, o interagente pode sentir o desejo de participar mais ativamente da própria conversação.

Essa plataforma, que engloba a coletividade e é parte constituinte dela, dispõe de ferramentas participativas aos "interagentes". Segundo Recuero (2014), o uso delas remete significados diversos. De acordo com a autora, a opção por um botão, em detrimento de outro, reflete uma intencionalidade intrínseca ao contexto em que a participação do membro se dá. Ilustrativamente, o botão "Curtir", por exemplo, segundo ela, pode ser entendido como um mecanismo para tomar parte de uma conversação sem a necessidade de uma elaboração conversacional e ele comunica aos

demais que a mensagem chegou. Assim, concretiza-se a participação, através da visualização da curtida, com um nível de dedicação baixa do ator envolvido.

Recuero (2014) ainda acrescenta que o uso do Curtir pode significar gratidão pela mensagem, pois as pessoas estariam assim agradecendo a informação vista por eles como importante, isso de acordo com 32% da amostra de sua pesquisa. Um elemento que a autora considerou valoroso foi o fato do curtir remeter a concordância em 80% das respostas, e que pode funcionar como dado para comunicar que o comentário foi lido, de acordo com 38%.

Em outro sentido, o "botão Compartilhar" refere-se a funcionalidades e valorações distintas. Então, segundo Recuero (2014), a utilização dessa ferramenta pode ter como função central tornar visível o conteúdo, de maneira a aumentar o alcance da mensagem. Nas entrevistas, a função foi relatada principalmente como a difusão de algo relevante, segundo 81% dos usuários. A percepção da relevância do conteúdo é realizada de acordo com o que pode ser "interessante" para a rede social de quem vai compartilhar, segundo 73% dos entrevistados. Por fim, a autora refere-se ao uso da ferramenta "Comentar" como atitude mais conversacional. Segundo ela, "*trata-se de uma mensagem que é agregada através do botão da postagem original*", e que demanda mais dedicação e energia do usuário para a participação. Assim, de acordo com 84% dos entrevistados, o comentário demanda esforço e ocorre quando se tem alguma informação a ser dita sobre o tema. Nessa pesquisa, serão analisadas as mesmas ferramentas participativas estudadas por Recuero (2014: "Curtir", "Compartilhar" e "Comentar"), porém, diferentemente da proposta da autora, será considerado também o botão "Publicar", pois embora possa parecer similar à ferramenta "Comentar", as duas refletem propostas distintas. Enquanto "Comentar" refere-se ao contributo que pode vir a ser dado em reação a um assunto já posto por outro usuário, o botão "Publicar" possibilita ao indivíduo a abertura de um debate, assumindo uma capacidade de agendamento da sua própria rede social. Mais ainda, ao "Publicar" uma mensagem, o emissor pode direcionar a abordagem do assunto, focando em um aspecto do tema em detrimento de outro, podendo, dessa forma, influenciar o olhar dos seus pares. Por essas razões, nessa pesquisa, serão analisadas as seguintes ferramentas participativas: "Publicar ou Postar", "Curtir", "Compartilhar" e "Comentar".

É interessante perceber que o uso da ferramenta "Publicar" pode diferenciar-se das demais, também em nível de investimento do ator, já que demanda do sujeito social mais tempo, dedicação e investimento para elaboração de uma mensagem. Isso também porque esse tipo de modalidade participativa expõe mais o emissor e o coloca no centro das atenções. Sua publicação, quando positiva, pode gerar um "capital de prestígio e reconhecimento", porém tal proatividade também pode envolver riscos. Esse posicionamento de destaque, através da iniciativa de publicar e iniciar uma discussão configura um movimento de "posição alta", conforme Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 70). De acordo com a autora, a conversação, mesmo em ambientes horizontais de participação, se caracteriza por assimetrias:

> "Por outro lado, nem todas as trocas se dão em um contexto de desigualdade, a "conversação" se caracteriza, nesse caso, por uma igualdade de princípio entre os participantes. Ora, mesmo nesses casos, as desigualdades marcadas podem se constituir ao longo da troca. O que prova, ainda que o sistema dos lugares não se reduz aos dados contextuais, mas que ele também depende do que fazem os interactantes e do que se passa ao longo da interação. "

Kerbrat-Orecchioni (2006) chama a atenção para os "relacionemas verticais", o que ela designa como "taxemas", podendo se classificar como "taxemas de posição alta" e "taxemas de posição baixa". Na visão da autora, há vários marcadores, tanto da relação vertical quanto da horizontal, e eles envolvem contextos verbais, não verbais e paraverbais. Em se tratando de redes sociais, especificamente o *Facebook*, por motivos relacionados ao próprio contexto, no qual a conversação ocorre em um grupo grande, de natureza virtual e não necessariamente simultânea, só será possível, nessa pesquisa, considerar os verbais (marcadores das mensagens expostas) e paraverbais.

Enquanto os verbais referem-se à mensagem textual exposta, os paraverbais, na visão da autora, estão relacionados ao "tom" do que está sendo comunicado, por exemplo, mediante o uso da exclamação ou do *emoticon*. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a estruturação das vezes de fala de cada participante, com momentos considerados como interrupção ou mesmo intrusão podem ser classificados como "taxemas de posição alta". A autora ressalta a importância da iniciativa, na medida em que responsabiliza alguém pelo início de um debate, como também tem destaque aquele

que dá o fechamento ou a conclusão de uma conversação. Segundo ela, estes atores exercem uma "posição alta" diante dos demais interlocutores.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a conversação se estrutura no decorrer do curso, moldando-se a novos caminhos, a partir de negociações que se inter-relacionam com alternância de falas, escolha estratégica de temáticas, utilização de signos, emissão de opiniões convergentes e divergentes, no espaço que se configura entre os interlocutores. As negociações oscilam com momentos de fracasso, êxito, retomadas e mudanças de direção, de acordo com a legitimação ou não dos partícipes envolvidos. É importante enfatizar que tanto a divergência quanto o consenso são os pilares vitais de uma conversação, como refere Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 140-141):

> "Essa é, aliás, a condição da existência de uma interação, que a morte toque seus dois flancos: por um lado, o fracasso exageradamente radical de uma negociação pode acarretar o fim da interação (e até mesmo dos interactantes, quando a conversa dá lugar aos golpes, e a polêmica, literalmente, à guerra). Mas, por outro lado, seu sucesso exageradamente perfeito torna vã qualquer comunicação, porque a troca pressupõe a diferença, e o excesso de consenso só conduz ao silêncio".

De acordo com a autora, a relação interpessoal se classifica como horizontal ou vertical, dependendo dos dados contextuais interiores ou exteriores ao processo comunicativo em que a interação é construída. Segundo ela, a relação do tipo horizontal se expressa especialmente pela familiaridade e paridade de posições, durante a deliberação. Nela, é possível perceber, também na visão de Kerbrat-Orecchioni (2006), um tratamento informal, com a utilização de pronomes de tratamento como "você", de ambos os lados, o que remete à proximidade e igualdade de condições, garantindo, portanto, liberdade essencial para a simetria que se desenvolve entre as partes.

Contrastando com o ambiente horizontalizado, na visão da autora, pode se configurar também a relação verticalizada, em que predomina uma diferença hierárquica entre os partícipes. Em relações desse tipo, o uso de pronomes de tratamento como "senhor", que remete ao distanciamento, à formalidade e à desigualdade nessa utilização, de um

lado para outro, “senhor” versus “você”, expressam assimetria na relação e hierarquia de poder, configurando assim uma relação de dominação.

No entanto, o processo comunicativo é negociável e mesmo num tipo ou no outro, há momentos em que a natureza dessa relação muda durante o desenvolvimento da conversação. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), além dos dados linguísticos internos ao discurso, que podem expressar a distância, a hierarquia e a possível dominação da relação vertical, caracterizada pela desigualdade e a presença de posições “alta” e “baixa”, há também dados externos que remetem a contextos relacionais, de cunho social, específicos como, por exemplo, a relação médico x paciente, professor x aluno, patrão x empregado, pai x filho.

Porém, de acordo com a autora, ainda em contextos assim, o desenvolvimento do processo deliberativo e as posturas dos interactantes, além da força argumentativa racional de um ou de outro, legitimada pelo senso comum, pode levar a reversão desse quadro inicial, provocando um desequilíbrio exterior e uma quebra do paradigma social tradicionalmente sedimentado.

Nesse sentido, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a partir da análise de “relacionemas”, no caso da relação horizontal, e “taxemas”, no que se refere à vertical, será possível entender em que contexto se dá o processo comunicativo investigado. É importante atentar, também, para outras nuances do conteúdo interativo, como consistência, força e racionalidade dos argumentos expostos, além da validade e legitimação deles no grupo. Segundo a autora, o tempo de participação do interlocutor (relação de dominância do mais falante), desconstrução da fala do outro, a intromissão em uma fala direcionada especificamente a alguém, além de dados da deliberação que compõe o fluxo da negociação como autorização, argumento de autoridade, crítica, condenação, julgamento de valor (posição alta) ou pedido de desculpas, confissão de erro, retratação pública são elementos essenciais para o entendimento do tipo de relação que se configura e suas possíveis flutuações.

4.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo, procurou-se apresentar e justificar a adoção de metodologias qualitativas na pesquisa mediante o recurso a duas técnicas metodológicas. A primeira delas para investigar os fatores motivacionais que levam os estudantes ao

processo participativo nas redes sociais, mais precisamente no grupo do IFRN no *Facebook*. A segunda, para analisar o desenvolvimento do próprio processo participativo em sua plenitude, como forma de entender o percurso deliberativo e a dialogicidade que interliga os partícipes.

As duas etapas metodológicas se complementam, de maneira que uma vem agregar conteúdo qualitativo, em profundidade, sobre a relação interpessoal que se configura no grupo e assim colabora significativamente para o delinear de um panorama completo, no qual de um lado estão os fatores motivacionais e do outro o percurso dialógico de participação interativa. Somente assim, será possível compreender a participação dos jovens estudantes do IFRN, em sua plenitude.

5. MARCAS DA PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL NO *FACEBOOK*: UMA CONVERSAÇÃO PÚBLICA

A participação comunicativa cidadã refere-se a um tipo de atuação social, em que os sujeitos assumem o papel de protagonistas, refletindo conjuntamente e ou agindo sobre o mundo partilhado em que vivem. Através dela, as pessoas deixam a postura da indiferença ou mesmo do acompanhamento (participação silenciosa) e constroem uma conexão de mão dupla com o (s) outro (s) partícipes, na intenção de transformar uma realidade problemática que se refere ao interesse comum.

Assim, as pessoas que vivenciam esse tipo de participação, em maior ou menor intensidade, tomam parte de contextos conversacionais públicos sobre assuntos que dizem respeito à coletividade. Em outras palavras, os partícipes instauram uma conversação coletiva para deliberar sobre uma problemática comum a todos, visando, muitas vezes, alcançar uma discussão propositiva de melhorias sobre os aspectos considerados negativos. Isto é, a cidadania passa a ser construída cotidianamente, por vários sujeitos sociais.

Atualmente, esses processos participativos, entre outras modalidades de participação, passaram a ocorrer de modo saliente na internet, especialmente através das novas mídias. Especificamente no caso do *Facebook*, os usuários, conectados em rede a seus amigos, têm, dentre outras possibilidades interativas, a de exercer um agir comunicativo racional para garantir direitos legitimados socialmente e alcançar novos, na busca por melhorar condições de dignidade social: saúde, educação, segurança, respeito, entre outros.

Dentro desse contexto apresentado, no capítulo quarto, referente às análises conversacionais de posts nas redes sociais, mais especificamente no grupo do IFRN do *Facebook*, será realizado uma análise qualitativa da conversação, do tipo exploratória, com contributos de vários autores, entre os quais conceitos relacionais de Primo (2007), percepções sobre o uso de ferramentas participativas no *Facebook*, de Recuero (2014), concepções a respeito dos riscos à face de Goffman (1993) e compreensões a respeito das hierarquias assumidas durante uma conversação, na visão de Kerbrat-Orecchioni (2006). É importante ressaltar que não se pode deixar de lado a tecnologia e a base estruturante na qual a conversação se concretiza, contudo, é preciso ter em mente que, para além da tecnologia que dinamiza e viabiliza o

processo, a participação comunicativa coletiva ocorre entre pessoas e, por isso mesmo, é resultado e agente de uma relação social, em sua essência.

Dentro desse contexto tecnológico, é preciso relembrar que foi criado, no *Facebook*, o grupo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, que é o objeto de pesquisa dessa tese. O grupo surgiu espontaneamente, a partir da iniciativa dos alunos da Instituição, tendo como missão: *"destinado a alunos, ex-alunos, funcionários e ex-funcionários do IFRN para discussões relacionadas à Instituição"*, como explicitado no próprio perfil da comunidade.

A comunidade que, em 22 de julho de 2015, contabiliza 11.414 membros, constitui-se na prática enquanto plataforma coletiva para deliberação de assuntos relativos à escola, divulgação de eventos acadêmicos e culturais, compartilhamento de informações sobre temas diversificados, considerados relevantes pelos partícipes, entre outros assuntos. É muito comum a utilização do grupo para discussão de temas relacionados ao Instituto. Nesse sentido, eles utilizam as ferramentas participativas para interagir entre si e se expressarem sobre os assuntos, posicionando-se, dialogando e inclusive propondo ações, mobilizações e lançamento de campanhas, em prol de mudanças relacionadas aos temas coletivos.

Sobre esse contexto, Primo (2007) aponta que uma rede social *online* não é resultado exclusivamente de uma interligação informática, pois refere-se a um processo que centra sua existência nas relações entre pessoas. Percebe-se que, no grupo do IFRN, as conversações são construídas "entre" os partícipes, em um fluxo no qual existem alternância de posições, pontos altos e baixos, peripécias e mudança de curso conversacional. Ou seja, a participação é construída e modificada no decorrer do fluxo, em um caminho mutante que adquire formas, repercussões e novas abordagens, a todo momento, em um percurso conversacional que ocorre "entre" as partes envolvidas, em que pesa a relação social que conecta essas partes.

No entanto, de maneira geral, é comum que o evento participativo se desenvolva da seguinte forma: primeiramente haja a publicação de um estopim (evento que desencadeia o processo interativo, ou seja a primeira publicação, geralmente em tom de indignação ou que gera incômodo aos partícipes), depois costumam vir os desdobramentos (em comentários e até em novas postagens) sobre o assunto. Nessas

participações, associadas à repercussão temática, é comum que surjam outros subtemas e assim reflexões que apontam a problemática central. Ou seja, é a partir dos relatos das vivências de cada partícipe que o quadro problemático começa a ser construído. Depois disso ou concomitante a esses aspectos, surgem as proposições para mudanças, seja através de reflexões de teor geral ou de ações mais voltadas para a prática como: reuniões, campanhas, abaixo-assinados, boicotes, greves, passeatas, mobilizações, entre outros. Diante desse panorama, pode-se perceber que, com frequência, um acontecimento específico apresentado publicamente pode ser apenas um fragmento que vai desencadear a conversação pública sobre um contexto problemático mais amplo.

É preciso enfatizar que, embora haja fatores claramente percebidos que influenciam diretamente no processo participativo, há outros que estão no cerne da relação social que existe entre os partícipes e que não podem ser detectados no primeiro olhar. Por isso, não é possível compreender a participação sem enxergá-la como um processo entrelaçado à relação existente entre as pessoas.

5.1 PLATAFORMA E FERRAMENTAS: A IMPORTÂNCIA DELAS PARA A PARTICIPAÇÃO

Diante desse panorama, Primo (2007) ressalta que deve-se focar a atenção nas relações em processo, com ênfase para o fluxo de espaço "entre", ambiente que conecta os atores sociais, no decorrer da conversação. Nessa proposição, o autor considera a plataforma tecnológica como um outro componente interagente. Considerando que, referente ao *Facebook* especificamente, ocorrem situações em que a própria plataforma tecnológica ativa recursos propulsores de mecanismos interacionistas, entre os quais: marcações em fotos postadas, publicações automaticamente expostas aos amigos dos amigos, sugestões de grupos novos dentro do próprio grupo, publicidades direcionadas, listagens de opções de comunidades temáticas para seguir, apresentação do número de visualizações, curtidas, comentários ou compartilhamento, entre outros. Assim, o aparato tecnológico, a depender de sua atuação, pode sim influenciar no processo conversacional. Ilustrativamente, a própria apresentação de uma repercussão (quantitativo de curtidas, comentários e compartilhamentos de uma postagem) pode se configurar em um fator indutor à participação de um novo ator, seja de forma ativa ou passiva. Isso porque pode vir a

gerar no sujeito social a curiosidade natural de perceber qual é a temática que obteve maior repercussão e, dependendo desse primeiro olhar, o interagente pode sentir o desejo de participar mais ativamente da própria conversação.

É nessa multiplicidade de possibilidades que Primo (2007) sugere especial atenção à relação social durante o processo conversacional, com o foco no fluxo que se movimenta entre os atores e que comunica especificidades sobre as relações que são tecidas continuamente entre os "interagentes". Para Primo, faz-se necessário considerar a web 2.0, além de sua forma e conteúdo, ressaltando a importância das relações interpessoais no decorrer dos processos de interação.

É interessante perceber, na plataforma, o uso frequente de "hashtags", no tocante à participação estudantil nas redes sociais, como forma de incentivar os demais membros do grupo a envolverem-se nas questões, pois esses recursos estão associados a mobilizações coletivas. Como enfatizado por Castells (2013b), as participações comunicativas de mobilização, de maneira geral, explicitam indignação, porém habitualmente alimentam a esperança de mudança e visam fomentar mais participação de seus pares para transformação dos contextos comuns. Essa espécie de viralização social, em que a participação de muitos estimula a inserção de mais partícipes é perceptível em ambientes de novas mídias, caso do *Facebook*.

Para se inserirem nos processos participativos relacionados à coletividade e à cidadania, os usuários têm a seu dispor ferramentas participativas como Curtir, Compartilhar, Comentar e Publicar. Como enfatizado no capítulo metodológico, a análise dessa tese irá considerar a ferramenta "Publicar" como uma modalidade específica, que merece ser investigada como recurso único e distinto dos demais, diferentemente da abordagem feita por Recuero (2014) que levou em conta exclusivamente as ferramentas "Curtir", "Compartilhar" e "Comentar". A abordagem, nesse aspecto, distinta daquela adotada por aquela autora se deve ao fato de a ferramenta "Publicar" remeter a processos participativos próprios em que o autor da publicação tem a seu alcance a possibilidade de assumir uma posição de destaque, promovendo o início de um debate, isto é, agendando os demais partícipes de sua rede social. Essa posição de iniciativa, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), revela uma postura diferenciada que conduz o partícipe a uma posição alta perante os demais com que interage. A publicação possibilita, por um lado, que o seu autor fique

em destaque, escolha o tema e possa promover um debate público, mas por outro, gera mais riscos, segundo Goffman (1993).

5.2 A ANÁLISE DAS POSTAGENS DO GRUPO DO IFRN: UMA INVESTIGAÇÃO EXPLORATÓRIA CRUZADA

Dentro desse contexto, o presente capítulo, que se refere à análise do material postado no grupo do IFRN no *Facebook*, vai apresentar o conteúdo expresso pelos partícipes, através das ferramentas Publicar, Curtir, Compartilhar e Comentar. Esses dados serão examinados, mediante uma análise exploratória da conversação, que será conduzida de forma interrelacionada, cruzando conteúdos relevantes de diferentes postagens, para assim compreender na sua constituição cotidiana como se configura o processo participativo estudantil no *Facebook*. Assim, a participação dos estudantes será analisada qualitativamente, mediante a exploração conteudística na base em que os processos se estruturam, com o olhar voltado para o uso das ferramentas participativas disponíveis aos usuários e os desdobramentos que essas modalidades geram. Nessa abordagem, haverá o cruzamento de diversos conteúdos, de diferentes postagens, para que seja feita uma análise integrada, com objetivo de não fazer conclusões isoladas e sim compreender o contexto geral.

As postagens analisadas referem-se ao período de julho de 2013 a setembro do mesmo ano, e foram coletadas através do sistema de busca interno da própria ferramenta do *Facebook*, em uma pesquisa realizada por intermédio da palavra chave "cantina". Essa palavra foi escolhida para a busca do material, em virtude da observação de diversas postagens no grupo sobre esse assunto. A delimitação do período cronológico do material coletado teve como critério o desencadeamento de três fases: o levantamento da problemática pelos usuários (exposição da situação e enunciação da problemática); os desdobramentos (tomada de ações); e as resoluções alcançadas (decorrentes das ações coletivas). Em outras palavras, a delimitação do período escolhido referente às ocorrências das postagens levou em conta a linha de uma narrativa natural, marcada por eclosão do problema, desenvolvimentos com pontos altos e, baixos, ações e peripécias várias, e desfechos.

É importante ressaltar que, em todos os campi do IFRN, existem cantinas que são administradas por empresas externas contempladas em um processo de licitação

pública. Essas empresas contratadas para prestar serviço à instituição pública passam então a vender produtos alimentícios para a comunidade interna, sendo obrigadas, por contrato, a cumprir determinadas cláusulas e requisitos estabelecidos.

O objetivo da pesquisa interna, com a escolha desse tema específico, foi coletar material referente ao respectivo assunto, já que se trata de um tema que tornou-se polêmico e conflituoso, suscitando participações de vários alunos da Instituição. Para além disso, o assunto foi escolhido, levando-se em conta a diversidade de atores que participaram, já que em diferentes *campi* do IFRN, o tema repercutiu bastante.

Antes de iniciar a análise propriamente, é preciso contextualizar especificidades a respeito dos percentuais participativos, relativos ao uso das ferramentas disponíveis na plataforma. Embora quantitativos, esses dados servem para situar e contextualizar o panorama geral sobre o qual será feita a análise qualitativa.

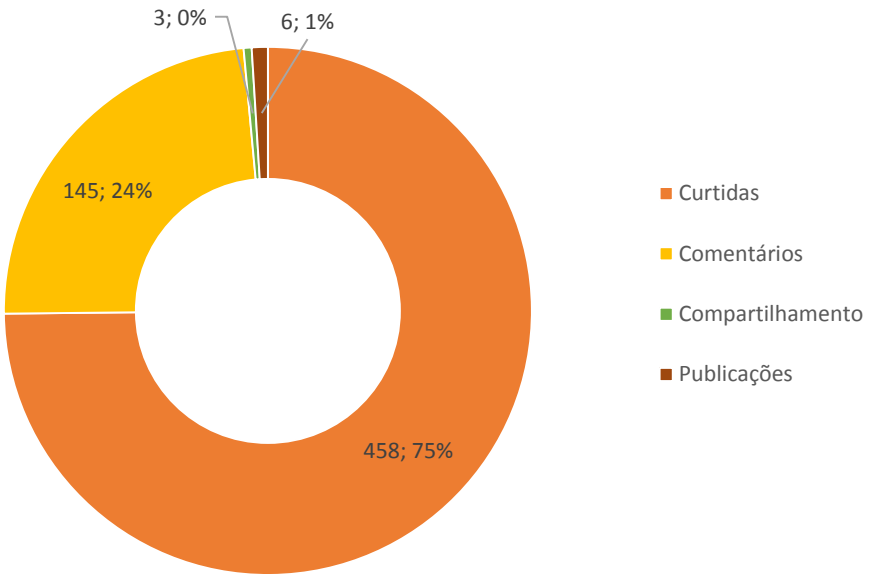
5.3 CONTEXTO PARTICIPATIVO: UM PANORAMA DA FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS

5.3.1 Curtir: o mais usado e o menos expressivo

Primeiramente, é preciso contextualizar que a plataforma do *Facebook*, ambiente digital em que o grupo estudado se encontra, disponibiliza ferramentas participativas. Segundo Recuero (2014), o uso delas remete a significados diversos. De acordo com a autora, a escolha de uma funcionalidade, em lugar de outra, revela uma intenção do autor indiciadora de especificidades decorrentes das relações sociais que estruturam os contextos nos quais os processos de comunicação participativa ocorrem.

De modo geral, percebe-se que a ferramenta “Curtir” é mais frequente que as demais, alcançando 75% de uso quando comparada às demais ferramentas participativas:

Gráfico 5. 1 – Quantidade de Ações realizadas no Grupo do *Facebook*, por tipo



Pode-se perceber, no Gráfico 5. 1, que os participantes do grupo do IFRN no *Facebook*, em sua maioria (75%), optam pela ferramenta "Curtir" para inserirem-se no processo participativo em rede. Possivelmente, essa preferência seja reflexo do baixo investimento do ator para o uso. Em outras palavras, a modalidade exige menos tempo de dedicação e elaboração como também envolve menos riscos, na medida em que a sua expressão não coloca em evidência o partícipe, exatamente porque não manifesta contribuições autorais de quem a utiliza. Aliado a isso, sua utilização é mais prática e de fácil acesso.

Ilustrativamente, o botão "Curtir", por exemplo, segundo Recuero (2014), pode ser entendido como estratégia promotora da participação, sem que isso exija do autor uma elaboração conversacional. Mesmo assim, através dessa modalidade, e ainda de acordo com a autora, a expressão de "curtir" comunica aos demais sobre o recebimento da mensagem e efetiva sua participação mediante a visualização da curtida, envolvendo para isso um nível elementar de investimento. Em casos assim, a autora enfatiza que o partícipe não precisa necessariamente ler o conteúdo na totalidade.

Dessa forma, conforme enfatiza Recuero (2014), ao utilizar a ferramenta "Curtir", o usuário participa, certamente, mas com uma exposição mínima, que demanda pouca energia e emite sinal de "apoio" e "visibilidade", agregando, nesse sentido, em termos de "capital social", a propagação da informação e de "reforço". Possivelmente, em

decorrência de demandar pouco investimento do ator e gerar baixa exposição, é uma das ferramentas mais utilizadas, como ressaltado acima e demostrado através dos dados quantitativos. Contudo, também por esses mesmos componentes, a força dessa expressividade participativa é relativa, na medida em que contribui infimamente aos processos conversacionais. Nesse sentido, o uso do Curtir expressa uma grande força numérica e uma débil força participativa. Ou seja, o fato de ter uma constância participativa forte não implica em uma força conteudística no processo conversacional.

5.3.2 Compartilhar: uma utilização direcionada à coletividade

Sobre o uso do botão "Compartilhar", é possível perceber um percentual muito menor de utilização do recurso, somente 0,5% das ações participativas utilizadas, conforme podemos verificar no gráfico acima.

No que se refere à ferramenta Compartilhar, observa-se que a frequência de seu uso é bem mais rara entre os usuários do que a Curtir. Geralmente, a sua utilização está associada a uma multiplicação de conteúdo considerado relevante para a rede de amigos de determinado partícipe. Assim, na visão de Recuero (2014), o compartilhamento "de algo que seja valorizado pela rede é um valor positivo". A autora acrescenta ainda que o ato de compartilhar também remete à participação conversacional, pois possibilita que os envolvidos tenham contato com um conteúdo que pode vir a ser objeto de debate, já que se trata de tema supostamente "interessante" para a rede social em questão. O uso dessa ferramenta também implica na legitimação e apoio à "face", pois colabora com a reputação do compartilhado e reconhece o valor da informação originalmente difundida. De forma geral, afirma Recuero (2014), a exceção de alguns casos, o compartilhamento de mensagem é mais utilizado para valorizar, salientar e reforçar alguma mensagem do que para críticas.

Nesse sentido, apesar de bem menos frequente do que o uso do botão Curtir, sua utilização, a depender da importância que costuma ter o compartilhamento de algumas informações para a sociedade, é considerada mais valorosa. Assim, a quantidade de participações, através do uso desse tipo de botão, é numericamente menor, porém a força potencial de sua expressividade participativa é bem maior, já que a partir dessa modalidade de participação, uma publicação pode ser visualizada

em diferentes redes, rompendo as barreiras que delimitam as conexões do primeiro emissor com os demais atores e gerando um efeito multiplicador de largo alcance na sociedade. É preciso dizer também que a baixa frequência de uso deve estar associada ao fato de que o conteúdo compartilhado precisa gerar bastante impacto no ator, de forma que ele julgue muito interessante o conteúdo e se sinta motivado a compartilhar com os seus amigos da rede.

É importante esclarecer que o uso da ferramenta Compartilhar é mais autoral do que o Curtir pois revela características específicas do perfil do compartilhador, já que o autor habitualmente compartilha um conteúdo com o qual se identifica e considera de relevância para maior divulgação. Por isso mesmo, também colabora na explicação da baixa frequência, já que envolve exposição da imagem social de quem compartilha. Embora mais raro, também pode haver o compartilhamento de algo com o objetivo de expor e fazer críticas negativas ao conteúdo. De uma forma ou de outra, o uso da ferramenta Compartilhar traz à tona nuances do perfil de cada compartilhador como pensamentos e subjetividades e, por isso mesmo, a exposição maior está atrelada a mais riscos no processo participativo, segundo Goffman (1993) e reforçado por Recuero (2014), em seu estudo sobre o uso dessas mesmas ferramentas.

5.3.3 Comentar: uma frequência em debate

Quanto ao uso da ferramenta "Comentar" no grupo do IFRN, no *Facebook*, os dados revelam uma participação moderada representado 24% do total de utilizações das ferramentas participativas disponíveis.

Como vê-se, os números revelam que o índice participativo referente à ferramenta Curtir é mais expressivo, no grupo do IFRN, do que o percentual relativo à utilização do botão Comentar. Porém, é preciso considerar, nesse caso que, embora menor quantitativamente, a expressividade dessa ferramenta é bem maior que a Curtir. Por ser mais autoral, a botão comentário também afasta muitos partícipes, pois expõe o autor a riscos e isso explica o percentual numericamente menor. Além do mais, a ferramenta Comentar exige do ator mais elaboração do conteúdo, tempo de dedicação e revela publicamente mais características autorais, o que põe o ator em destaque. Essa evidência, como visto, acarreta riscos e, por isso mesmo, inibe muitas vezes o uso desta ferramenta.

Recurero (2014) refere-se ao uso da ferramenta "Comentar" como atitude mais conversacional. Segundo ela, "trata-se de uma mensagem que é agregada através do botão da postagem original", e que demanda mais dedicação e energia do usuário para a participação. Na visão da autora, por assim ser, não apenas emite participação, mas traz à tona contributos mais efetivos para a conversação em si. De acordo com Recuero (2014), o comentário aconteceria assim quando "os usuários têm algo a dizer sobre o assunto", o que sinaliza uma "participação mais efetiva".

Porém, faz-se importante ressaltar que o significado de participação mais efetiva pode vir a ser, em certa medida, complexificado pelo contexto conversacional. Assim, nem sempre o uso do botão Comentar remete ao significado atribuído por Recuero (2014). A atitude de comentar, por vezes, a depender do nível de contribuição do que foi difundido, pode se tornar menos relevante para a conversação do que um compartilhamento, por exemplo. Isso porque há casos em que o responsável pelo comentário participa com contribuições pouco relevantes para a conversação, do tipo "valeu", "tá ligado", "isso", ou mesmo um *emoticon*. Em casos como esses, a atitude de comentar possivelmente revela mais uma estratégia para tomar parte e, apoiar ou não, do que especificamente é valorosa para a conversação em si. Assim, pode aproximar-se mais do botão "Curtir" do que da significação que mais comumente está associada ao botão "Comentar".

No caso específico do grupo do IFRN, percebe-se que o uso do botão Compartilhar, observa-se que a utilização da ferramenta Comentário é mais frequente e possivelmente uma das razões seja porque os comentários são mais efetivamente conversacionais enquanto que os compartilhamentos estão mais associados a uma espécie de prestação de serviços, a um tipo de divulgação conteudística direcionada à massa, à comunidade ou a uma coletividade de qual não se obtém, muitas vezes, um *feedback* no processo. Assim, embora também de caráter conversacional, na medida em que pode pautar um debate, a partir do interesse das pessoas pelo tema compartilhado supostamente relevante para a comunidade, o botão Compartilhar possui uma resposta interativa imediata menos explícita que a do Comentar assim como menos pessoal, pois se trata de uma conversação com a coletividade e não com uma pessoa determinada. Ou seja, enquanto o comentário imprime mais personalização ao conteúdo e intimidade relacional com os interagentes, o

compartilhamento é mais formal, direcionado à viralização de informações, sem que necessariamente haja uma reciprocidade perceptível ou mesmo uma valorização imediata do partícipe que interagiu. Assim, o uso do comentário remete a uma atmosfera mais conversacional e de cumplicidade entre os envolvidos, o que pode explicar seu uso mais frequente (24%) do que o do botão Compartilhar (0,5%).

É preciso observar que, por tratar-se de uma conversação entre pessoas, resultado de uma relação social que as interliga, o processo conversacional em rede envolve, mesmo que de forma implícita, fatores relacionais decisivos como: motivadores e inibidores à participação pública, mecanismos de reciprocidade, riscos de relacionamento, construção e desconstrução de imagem social e hierarquias perenes (como o elo entre professor e aluno, por exemplo). Ou seja, o uso das ferramentas, ainda que de forma menos explícita, está condicionado também a subjetividades dos partícipes, decorrentes dos sentimentos gerados a partir das relações sociais que unem os pares em questão. Assim, constrangimentos, medo, vaidade, popularidade, dominação, entre outros aspectos que caracterizam as relações interpessoais condicionam o processo participativo e, por sua vez, a escolha das ferramentas que serão utilizadas nele.

5.3.4 Publicar: o começo de uma conversação

É interessante perceber que o uso da ferramenta "Publicar" pode diferenciar-se das demais, também em nível de investimento do ator, já que demanda do sujeito social mais tempo, dedicação e investimento para elaboração de uma mensagem. Isso também porque esse tipo de modalidade participativa expõe mais o emissor e o coloca no centro das atenções. Nota-se que o percentual é somente de 1%. Uma publicação, quando positiva, pode gerar uma contribuição valorativa à face, conceito revelado por Goffman (1993). Porém esse agir participativo envolve mais riscos.

O uso do botão Publicar, embora muito menor percentualmente que o do Curtir e Comentar, por exemplo, expressa uma força participativa de relevância ao processo conversacional. Isso, porque, diferentemente da ferramenta Curtir, ele revela conteúdo autoral e imprime no processo informações importantes que vão, potencialmente, pautar e inaugurar um debate coletivo. Também em relação ao uso do botão Comentar, o recurso Publicar se destaca, embora o seu percentual de utilização

se revele numericamente menor. Isso porque enquanto se constata a incidência de alguns comentários que mais se aproximam da ferramenta Curtir, devido ao seu conteúdo vazio de significado, com participações do tipo "valeu", "ok" ou um *emotion*, através de atores que utilizam o comentário como estratégia para fazer parte, mesmo que a participação não seja valorosa ao processo, a publicação exibe um conteúdo de extremo destaque à conversação. O conteúdo exposto, por intermédio da ferramenta Publicar, agenda o grupo, direciona a abordagem do assunto e coloca o partícipe que utilizou a ferramenta em posição de destaque, pela iniciativa de começar uma conversação. Observa-se, na utilização desse tipo de botão, marcas autorais, exposição de um contexto específico, frequentemente acompanhado de argumentação e chamamento a participação dos demais sobre o assunto abordado. Por ainda que numericamente bem menor que as ferramentas Curtir e Comentar, a força de expressão do botão Publicar é bem maior. Algumas razões que, como dito, podem justificar o baixo índice de utilização são: alta exposição do partícipe com riscos trazidos à face, maior tempo de dedicação, necessidade de elaboração e desenvolvimento de conteúdo, o que, por sua vez, exige capacidade e habilidades cognitivas complexas nem sempre presentes nos partícipes.

5.4 CONVERSAÇÃO EM CURSO: UM AMBIENTE DE ASSIMETRIAS

Esse posicionamento de destaque, através da postura de ter iniciativa e inaugurar uma discussão configura um movimento de "posição alta", conforme Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 70). De acordo com a autora, a conversação, mesmo em ambientes horizontais de participação, se caracteriza por assimetrias:

> "Por outro lado, nem todas as trocas se dão em um contexto de desigualdade, a "conversação" se caracteriza, nesse caso, por uma igualdade de princípio entre os participantes. Ora, mesmo nesses casos, as desigualdades marcadas podem se constituir ao longo da troca. O que prova, ainda que o sistema dos lugares não se reduz aos dados contextuais, mas que ele também depende do que fazem os interactantes e do que se passa ao longo da interação".

Kerbrat-Orecchioni (2006) chama a atenção para aos "relacionemas verticais", o que ela designa como "taxemas", os quais podem se classificar como " posição alta" e "posição baixa". Na visão da autora, há vários marcadores, tanto da relação vertical

quanto da horizontal, e eles envolvem contextos verbais, não verbais e paraverbais. Em se tratando de sites de redes sociais, especificamente o *Facebook*, por motivos relacionadas ao próprio contexto, no qual a conversação ocorre em um grupo grande, de natureza virtual e não necessariamente simultânea, só será possível, nessa pesquisa, considerar os verbais (marcadores das mensagens expostas) e paraverbais.

Enquanto os verbais referem-se à mensagem textual exposta, os paraverbais, na visão da autora, estão relacionados ao "tom" do que está sendo comunicado, por exemplo, mediante o uso da exclamação. Assim, no caso específico do *Facebook*, o próprio uso do *emotion* pode ser considerado. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a estruturação das vezes de fala de cada participante, com momentos considerados como interrupção ou mesmo intrusão podem ser classificados como "taxemas de posição alta". A autora ressalta a importância da iniciativa, na medida em que responsabiliza alguém pelo início de um debate, como também tem destaque aquele que dá o fechamento ou a conclusão de uma conversação. Segundo ela, estes atores exercem uma "posição alta" diante dos demais interlocutores. É importante frisar que nas conversações que ocorrem no *Facebook*, nem sempre há a figura daquele que tem a palavra final, pois muitas vezes ocorre uma espécie de evaporação súbita do contexto conversacional.

Diferentemente das conversações que ocorrem em ambientes fora do contexto digital, as participações comunicativas nos sites de redes sociais possivelmente se configuram com mais volatilidade e por isso mesmo, mais efêmeras. Assim, com o mesmo entusiasmo que surgem e despertam a participação compromissada de muitos ou não, podem simplesmente desaparecer sem qualquer necessidade de que haja, para isso, uma palavra final ou uma conclusão do assunto que foi debatido. Então, embora haja necessariamente o papel de quem inicia o debate nem sempre existe a figura daquele que conclui ou dá o fechamento do tema, como costuma acontecer nas conversações presenciais.

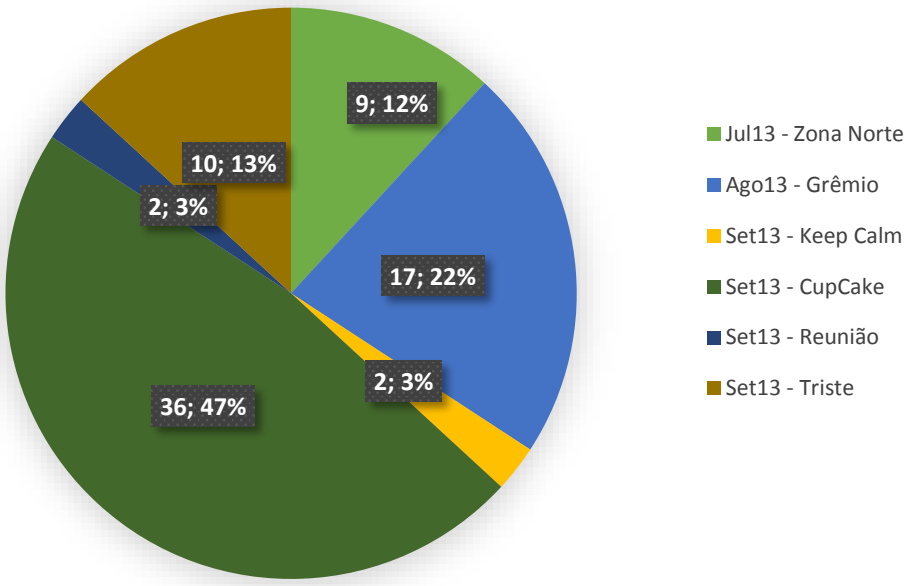
É preciso destacar que na comunicação participativa, no tocante à plataforma do *Facebook*, nem sempre há curtidas, comentários ou compartilhamentos. Dessa forma, embora haja, inicialmente, a publicação ou postagem pública, a interação com os demais, a existir, pode limitar-se ao acompanhamento silencioso. Em outras palavras, não há garantias de que demais usuários vão envolver-se com o assunto, a ponto de sentirem-se motivados a comentar, compartilhar ou mesmo curtir, embora essa

última, segundo Recuero (2014) demande menor investimento dos usuários. É preciso recordar que esses indicativos quantitativos não traduzem necessariamente o teor contributivo dessa participação isolada, que tanto pode ser mais-valia à conversação como pouco agregar ao debate. Faz-se necessário ainda ressaltar que mesmo nos casos de não interação explícita, exemplo das postagens nas quais não houve quaisquer "curtidas", "compartilhamentos" ou "comentários", pode existir uma participação. Nesse caso, possivelmente há uma participação dos demais atores, de forma silenciosa ou passiva, na medida em que eles podem visualizar o conteúdo, que permanece disponível na rede, refletir a respeito dele, mudar ou não sua própria opinião sobre o assunto em pauta, sem ter que, para isso, necessariamente interagir.

Apresentado esse primeiro panorama introdutório, é preciso clarificar que pode ocorrer um leque diversificado e gradativo de situações e modalidades de participação. Tais situações podem ir da não participação (indiferença: os que não fazem parte ou que, estando registrados, não acompanham); o acompanhamento (participação silenciosa: aqueles que fazem parte do grupo, mas somente acompanham sem intervir); a participação pontual (aqueles que participam pouco); a participação sistemática (os que participam com frequência) e a participação engajada (os que estão a frente sistematicamente das interações participativas).

Através do panorama apresentado, foi possível perceber que o uso sistemático de uma ferramenta não significa que ela expresse necessariamente força participativa. De igual modo, é importante ressaltar que a participação de um determinado ator pode ser sistemática, sem ser intensa, como pode haver uma de outro partícipe, que seja pontual, porém forte e valorosa. Ou seja, a frequência de participação de um ator não garante que sua contribuição seja valorosa o suficiente para torná-la contributiva ao processo nem mesmo revela mais intensidade que outra modalidade participativa menos constante. Na outra ponta, uma participação de determinado ator pode se mostrar rara e bastante valiosa expressivamente, a depender do teor conteudístico que o autor acrescentou ao processo participativo e de como ele repercute na conversação. Em outras palavras, uma participação, ainda que única e esporádica, pode mudar o curso do processo participativo, enquanto que uma outra, constante, pode não se configurar como relevante.

Gráfico 5. 2 – Interagentes: a quantidade de participantes em cada postagem



O Gráfico 5. 2 retrata o número de interagentes em cada postagem investigada e o percentual que esse valor representa diante do total de interagentes, quando consideradas todas postagens. As publicações foram selecionadas, pois todas elas têm relação com o assunto central ("insatisfação com os serviços da cantina"). No Gráfico 5. 2, elas foram nomeadas de acordo com o teor de seu conteúdo: Zona Norte (refere-se ao Campus do IFRN que recebe esse nome e onde houve uma manifestação dos alunos por causa da insatisfação com a alimentação), Grêmio (relativo a uma publicação realizada pelo integrante da agremiação escolar que posicionou-se sobre o assunto), Keep Calm (Postagem recebe esse nome pois expressa o título da campanha lançada por um coletivo de alunos: "Keep Calma, a merenda é nossa!), Cupcake (refere-se a uma publicação em que a autora reclama da proibição de venda dos *cupcakes* na escola, alegando que a cantina tem exclusividade na venda dos alimentos, mas não presta um serviço de qualidade aos alunos), Reunião (publicação que revela aos alunos a reunião do coletivo de estudantes com a Diretoria do campus Natal Central para tratar o assunto da insatisfação) e Triste (postagem que revela o sentimento de tristeza de um estudante pela ausência de qualidade tanto dos produtos alimentícios vendidos como no atendimento prestado ao público).

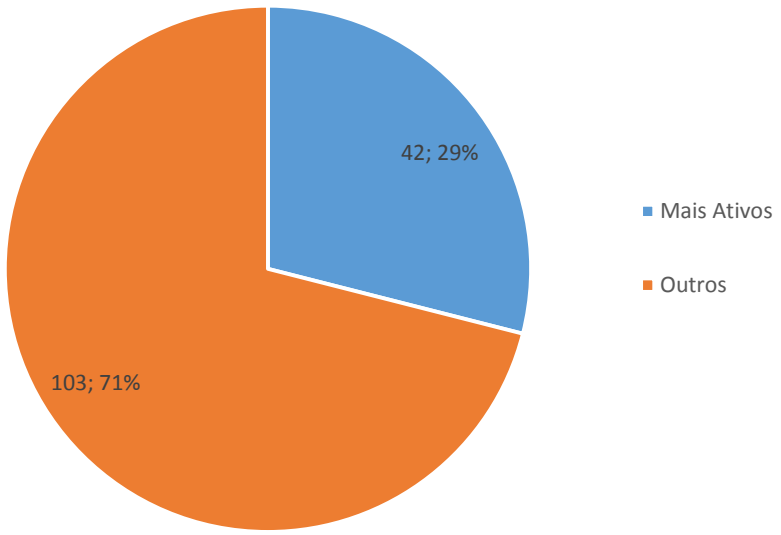
É possível observar que dependendo da publicação, do teor conteudístico que ela expressa e da forma que ela é conduzida pelo seu autor, a sua capacidade de chamamento a participações de diferentes interagentes é distinta. Ou seja, de acordo com a temática em destaque, a abordagem feita pelo partícipe e o direcionamento

dado aos demais interagentes, o número de atores envolvidos na repercussão e nos sucessivos desdobramentos varia bastante.

Embora tratem sobre o mesmo assunto central, que é a insatisfação com os serviços prestados pelas cantinas do IFRN, as publicações analisadas tiveram uma quantidade diferente de interagentes envolvidos. Enquanto a publicação do CupCake mobilizou 36 interagentes diferentes, o que representa 47% do total de atores nas seis postagens, a da reunião alavancou a participação somente de dois partícipes distintos nos comentários, com um percentual de 3%, com a agravante de que um dos atores responsáveis por um dos poucos comentários é exatamente o autor da publicação. Assim, vê-se que o potencial de mobilização das postagens é bastante variável e está condicionado a diversos fatores específicos.

Contudo, é preciso ter claro que a quantidade de interagentes distintos, embora reflita o alto índice de repercussão de determinada postagem no grupo, não garante que essas participações foram expressivas ou acrescentaram conteúdo valoroso ao debate.

Gráfico 5. 3 – Participação: os mais engajados representam a maioria participante ou não



No Gráfico 5. 3, percebe-se que o percentual participativo dos atores mais engajados (aqueles que comentam com mais frequência – considerados assim os que participam a partir de 3 vezes), representa 29% do total, com um quantitativo de 42 comentários. Na outra ponta, vê-se que os comentários referentes aos atores não engajados expressam a maioria das participações, com um percentual de 71% e um total de 103 comentários, nas diferentes postagens analisadas.

Assim, a participação engajada associada à ferramenta Comentário, ainda que relevante, representa, no contexto analisado, a minoria das inserções participativas. Portanto, ao contrário do que poderia se imaginar inicialmente os atores mais engajados não são os responsáveis pelo maior índice participativo, nesse caso especificamente. E a constância dessas participações (de 3 comentários em diante) não garante a relevância de suas contribuições, pois, como já enfatizado anteriormente, é possível que um mesmo ator comente várias vezes apenas como estratégia para tomar parte do processo conversacional e garantir assim a sua presença do que propriamente acrescentar informação importante ao debate.

Não foi possível visualizar quais atores foram os responsáveis pelas curtidas e compartilhamentos nas postagens analisadas do grupo. Assim, somente na ferramenta Comentário, foi possível essa análise.

5.5 FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS E SUA UTILIZAÇÃO NO GRUPO DO IFRN

As participações no *Facebook* ocorrem através de ferramentas, disponíveis na plataforma. Cada um desses recursos (Curtir, Compartilhar, Comentar e Publicar) está associado a uma funcionalidade, no entanto o seu uso pode variar, de acordo com a intencionalidade do partícipe e da significação que ele remete ao seu uso.

No material publicado no Grupo do IFRN no *Facebook*, em um dos comentários, referente à postagem #4, tem-se o seguinte conteúdo:

> Falante 57: “Se essa galera toda se unisse para reivindicar a qualidade e o preço dos produtos que são vendidos na cantina, garanto que as coisas melhorariam bastante. Afinal, a merenda não é só minha, nem só de vocês, #AMERENDAÉNOSSA e a responsabilidade de pensar num if melhor também é nossa! \o/”. (26 de setembro de 2013 às 23:23)

Nota-se explicitamente acima uma reflexão social, através do uso da ferramenta comentário, sobre a própria importância da participação e assim um senso de responsabilidade coletiva de parte dos membros para com as mudanças objetivadas. Nesse aspecto, percebe-se nas postagens uma certa consciência do empoderamento que a participação cidadã, quando exercida coletivamente nas mídias sociais, pode vir a gerar aos cidadãos comuns. O comentário postado revela um senso de cidadania e uma preocupação com a união dos partícipes. É interessante perceber o uso da hastag,

caso da "#AMERENDAÉNOSSA", expressa no exemplo acima, como artificio para mobilização dos interagentes do processo conversacional.

O debate a respeito das cantinas do IFRN surgiu a partir da insatisfação dos estudantes que as utilizam cotidianamente. Dessa forma, indignados com alguns fatores, considerados por eles problemáticos, os alunos utilizaram o grupo para publicar *posts* relatando a baixa qualidade dos serviços prestados, em contraponto aos valores cobrados que, na visão deles, são inadequados por serem muito altos e incompatíveis com os alimentos vendidos. É interessante pontuar que a tecnologia da mídia social, no caso, o *Facebook*, isoladamente não é responsável pelo desencadeamento do processo, pois são as motivações (indignação e esperança de mudança, entre outros fatores), conforme enfatizou Castells (2013b), que podem alavancar o processo. No entanto, ainda segundo o autor, a agilidade que acompanha o processo e a forma como ele se estrutura só é possível, devido à evolução tecnológica das mídias. Porém, é pertinente ressaltar que tanto as motivações quanto a própria maneira que se concretiza o uso dos recursos tecnológicos disponíveis estão relacionadas diretamente à configuração da relação social dos envolvidos.

O tema relativo à cantina repercutiu bastante no grupo, gerando participações nas diversas modalidades da plataforma, seja através de curtidas, compartilhamentos, postagens e comentários, na rede de relacionamentos. A publicação de comunicações, no *Facebook*, em torno da cantina deu-se na busca por benefícios em prol do bem-estar comum, e, por isso mesmo, reflete um tipo de intervenção participativa categorizada como cidadã, na medida em que as pessoas se envolvem com os demais da comunidade para pensar formas de tornar a realidade melhor a todos. Ou seja, esses atores, em vez de restringirem-se a delegar aos gestores as questões que afetam diretamente o dia a dia deles, deliberam publicamente sobre o tema e buscam em conjunto pensar as soluções para fatores que consideram problemas comunitários.

Seguem abaixo participações realizadas, por diferentes atores, em diversas postagens, a respeito do tema comum "cantina":

> Post #1 – Falante 03: "Ta na hora de fazermos isso para todos os campus. " (31 de julho de 2013 às 21:31)

> Post #5 – Falante 64: “Essa ideia deveria circular também pelo Campus Cidade Alta. A cantina de lá... misericórdia! #oremos!” (1 de outubro de 2013 às 19:05)

A participação cidadã, no nível conversacional, pode ser percebida acima também, para além da abordagem temática que é foco dos conteúdos publicados, por marcas textuais, através do uso da primeira pessoa do plural na conjugação dos verbos e de pronomes possessivos como no caso do termo “nossa cantina”, associando o assunto ao bem comum, à coletividade e à natureza compartilhada do tema deliberado. Assim, percebe-se a existência de um assunto convergente entre os sujeitos sociais de diversos *campi* do IFRN: a insatisfação de muitos com os serviços prestados pelas cantinas. Pode-se exemplificar essa participação cidadã integrada entre alguns estudantes, através dos trechos acima, em negrito.

A modalidade de participação comunicativa cidadã também nos aspectos considerados problemáticos e que preocupam os partícipes, motiva-os a envolverem-se com o tema em debate. Assim, deixando de lado o mérito de se são ou não verídicos, os critérios levantados pelos interlocutores e classificados por eles como problemas expressam preocupação com a coletividade. Ou seja, supostamente verdadeiros, os aspectos que envolvem falta de higiene, preços elevados de produtos e mal atendimento ao público, revelam pontos diretamente associados ao senso de cidadania, na medida em que os supostos problemas estão relacionados a condições que podem envolver saúde pública, acessibilidade econômica da população e aspectos que possivelmente remetem à dignidade das pessoas usuárias da cantina.

Em outras palavras, os relatos dos estudantes revelam questões relacionadas ao bem-estar social, por isso mesmo caracterizam a participação comunicativa como cidadã, o que se percebe nos exemplos abaixo:

> Post #4 – Falante 38: “Afffff, a lanchonete é explora nossos bolsos” (26 de setembro de 2013 às 16:23)
>
> Post #4 – Falante 43: “Aquela cantina só vende porcaria. Nem o café presta. Eu tive que almoçar uma vez um PF[15] e passei 15 dias com infecção intestinal. Os salgados são vendidos quase crus. E a atendimento nem se fala.” (26 de setembro de 2013 às 20:24)

[15] PF quer dizer prato feito.

> Post #4 – Falante 35: “Devido a inúmeros defeitos daquele estabelecimento, decidi não mais ser consumidora de lá, raras as vezes vou lá gastar minha grana com o "ouro" que eles vendem. #VOLTAYOKO” (26 de setembro de 2013 às 20:31)
>
> Post #4 - Falante 47: “Como assim não pode? a unica coisa que eles poderiam proibir a venda seria a questão da higiene, nunca vi uma mosca se quer sobre os *cupcakes*! Já não posso falar da higiene da cantina, é a abelha, é mosca, mas não vejo em nenhum momento a diretoria dizendo que vai interditar a cantina pela falta de HIGIENE E PREÇOS ABSURDOS! #VOLTAYOKO” (26 de setembro de 2013 às 20:41)
>
> Post #4 - Falante 51: “Além de tudo que foi citado, tem o PF que vem com comida praticamente crua (Hamburguer e outros).” (26 de setembro de 2013 às 21:47)
>
> Post #4 – Falante 29: “Eu mesmo também deixei de comer muita coisa lá depois que eu achei um pedaço de plástico no salgado que eu comprei. ” (26 de setembro de 2013 às 22:11)
>
> Post #4 – Falante 56: “ #AMERENDAÉNOSSA por menos batgut[16] aguado e mais higiêne na cantina o/” (26 de setembro de 2013 às 23:12)
>
> Post #6 – Falante 71: “Trazendo de casa, por que do jeito que tá ou eu morro de infecção intestinal ou fico pobre de vez!” (24 de setembro de 2013 às 17:39)
>
> Post #6 – Falante 72: “Também acho, servem comidas de péssima qualidade, algumas vezes até estragada estão, certa vez comprei um pão de queijo recheado e o frango estava VERDE. Só vejo reclamações e abaixo assinados, mas pelo preço do aluguel que pagam a escola não toma nenhuma decisão, colocando a saúde dos alunos em risco, e isto também é trabalho das nutricionistas do IF que deveriam fiscalizar o que está disposto para os alunos comerem dentro da instituição.” (24 de setembro de 2013 às 18:06)
>
> Post #2 – Falante 20: “Péssimo atendimento, os caras ignoram na hora de receber o cupom fiscal e mandar fazer o pedido” (22 de agosto de 2013 às 23:57)

Nos trechos acima, os partícipes compartilham a insatisfação sobre a realidade comum que vivenciam e, a partir dela, pensam e argumentam seus pontos de vista. Através de relatos de experiências vivenciadas, eles trazem à tona aspectos sobre a realidade em foco. É possível perceber, no uso dos comentários, bastante expressividade autoral no conteúdo. Nota-se que eles, na exposição dos relatos

[16] Batgut é o nome de uma marca de iogurte.

pessoais, pouco a pouco, vão construindo um mosaico da realidade supostamente problemática que compartilham no cotidiano. Como se cada um individualmente fosse um artesão e contribuísse na composição de um panorama coletivo, através da expressão de suas vivências, e a partir dessas várias partes, será formado o contexto sobre o qual a conversação se instaura. Ou seja, mesmo expostos a riscos, por serem participações que naturalmente demandam mais investimento do autor, os alunos sentem-se motivados a realizar os comentários e dividir com a comunidade suas experiências.

De maneira a legitimar formas para transformar a situação, sugerindo diversas ações como manifestações pacíficas, convocações, projetos, abaixo assinado, boicote e reunião da comunidade com a direção, entre outras. A elaboração e a expressão de propostas para mudanças também revelam sinais de uma participação comunicativa cidadã, já que os alunos se dedicam a pensar em soluções para transformar o contexto que julgam problemático. A proposição de ações requer tempo e investimento dos partícipes para deliberação das ideias e chamamento dos demais para efetivação do que foi legitimado no grupo, como pode-se perceber nos trechos abaixo:

> Post #4 - Falante 39: “Boicote a lanchonete :)” (26 de setembro de 2013 às 17:25)
>
> Post #4 – Falante 18: “É, por essas e outras, muitas outras...que estamos tocando o projeto #MerendaÉNossa!” (26 de setembro de 2013 às 23:29)
>
> Post #4 – Falante 27: “O Coletivo Ambientalista ta analisando o contrato da catina e a licitação que esta por vir”. (26 de setembro de 2013 às 22:09)

É preciso compreender que a participação, inclusive a caracterizada como cidadã, está associada a fatores como tempo, interesse, exposição, riscos, relações de poder, proatividade, capacidade cognitiva e argumentativa, identificação, senso crítico, fatores motivacionais individuais, entre outros. Assim, esse tipo de participação pode variar em graus de intensidade, revelando atores com diferentes perfis participativos, que agregam menos ou mais valor conteudístico à conversação e ou às ações decorrentes dessas deliberações.

A participação cidadã varia de acordo com diversos critérios, inclusive no tocante à intensidade, na medida em que, em qualquer contexto social, seja nas novas mídias ou não, há os que não participam (indiferença), os que somente acompanham, aqueles

que participam pontualmente, outros que participam sistematicamente até os que revelam uma participação classificada como engajada. Nesse sentido, a participação comunicativa cidadã pode então ser expressa de diferentes formas, dependendo do nível de comprometimento e dedicação do partícipe para com a causa coletiva em foco. No entanto, a frequência participativa tem seu peso relativizado, na medida em que a sua importância depende mais da importância do teor participativo em relação ao processo e aos demais partícipes, do que propriamente da tipificação expressa. Assim, uma participação pode revelar menos contributos do que outra, ainda que inicialmente sua modalidade participativa e sua frequência pareça expressar mais importância. Ilustrativamente, um comentário pode ser tão banal quanto o curtir, a depender do contributo que ele efetivamente revela ou não.

Pode-se observar abaixo exemplos de participações pontuais, em que os partícipes se expressaram sobre o assunto de interesse coletivo, ilustrativamente através da ferramenta comentário da plataforma *Facebook*, mas limitaram-se a exposições únicas, sem dar continuidade à conversação posteriormente. Essas inserções comunicativas, limitadas a uma única vez, também não demandaram dos seus interlocutores tanto tempo, capacidade argumentativa e comprometimento com a causa:

> Post #4 – Falante 32: "Concordo plenamente!!!!!!!!!!!!" (26 de setembro de 2013 às 15:06)
>
> Post #4 – Falante 14: "Mais que curtido!" (26 de setembro de 2013 às 18:13)
>
> Post #4 – Falante 45 – "Geente, isso não pode!! #VOLTAYOKO" (26 de setembro de 2013 às 20:32)
>
> Post #4 – Falante 49: "Queremos cupcake ..." (26 de setembro de 2013 às 21:26)

A participação cidadã, nas novas mídias, também pode acontecer de forma sistemática, através da atuação de sujeitos sociais que participam constantemente dos debates, tanto no que concerne à deliberação sobre o assunto quanto a respeito dos desdobramentos mais práticos, referentes à proposição de soluções e à execução de ações para resolver os problemas apontados pela comunidade durante a conversação.

Na participação sistemática, especificamente no grupo do IFRN no *Facebook*, os estudantes mostram-se mais envolvidos com a temática em debate do que aquelas que

participam pontualmente. Assim, dedicam mais tempo, investimento e comprometimento, por isso, de maneira geral, suas expressões costumam ser mais elaboradas. Nesse sentido, as participações dessa natureza comumente são fundamentadas, com grande potencial argumentativo racional e por isso mesmo geralmente agregam valor à conversação em curso. Porém, a frequência dessa participação, critério que a categoriza como sistemática pode também, em alguns casos, deve ser relativizada, na medida em que, a depender do teor contributivo, essas modalidades também podem configurar-se como de menor importância.

São exemplos de participação sistemática e relevantes, expressas através das ferramentas comentário e publicação:

Figura 5. 1 – Publicação #4 do Grupo no *Facebook*



Figura 5. 2 – Publicação #6 do Grupo no *Facebook*

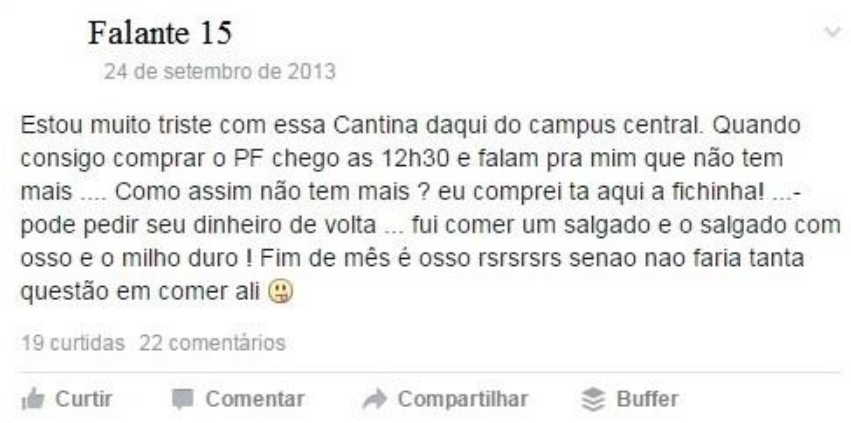


Figura 5. 3 – Comentários das diversas postagens do Grupo no *Facebook*



É possível perceber que, mesmo quando os atores utilizam o mesmo tipo de ferramenta participativa, caso de comentários expressos nas participações do tipo pontuais e dos comentários sistemáticos exemplificados, os níveis participativos são diferenciados. Essa discrepância acontece porque esse tipo de recurso, disponível para

uso na plataforma do *Facebook*, demanda dos usuários mais marcas autorais do que outras ferramentas ofertadas, como Curtir e Compartilhar. Assim, os sujeitos participativos, plurais e únicos, expressam participações diversas, menos ou mais elaboradas, menos ou mais comprometidas, menos ou mais racionalmente construídas e propositadas. Em outras palavras, a participação reflete a personalidade do partícipe conversacional e também o viés relacional que há entre eles e os demais atores da rede.

Assim, um comentário pode agregar valor à conversação ou não. Isto é, ainda que, de maneira geral, os comentários se configurem como ferramenta com grande potencial participativo, o uso dela não garante a qualidade do conteúdo e nem a intensidade de envolvimento do autor com a questão em pauta.

Sobre o nível participativo dos atores sociais com os temas de interesse coletivo, a participação cidadã também pode ser expressa em outro tipo de classificação: a engajada. Dessa forma, os partícipes, mais do que pontuais e sistemáticos, expressam engajamento com a causa e despontam dentre os demais como aqueles sujeitos que costumam estar à frente das demandas coletivas. Geralmente, esses partícipes são líderes de sala e ou envolvem-se em representação estudantis formais como Diretórios Centrais de Estudantes e Grêmios de estudantes. Porém, há ainda aqueles que, não identificam-se com as representações formais já existentes e criam os próprios grupos usualmente conhecidos como coletivos.

Assim, a participação cidadã, mais do que manifestar-se de forma sistemática, precisa do engajamento como engrenagem para movimentar os partícipes e concretizar a construção das propostas de solução para os problemas comuns à coletividade. Esse tipo de participação cidadã pode ser percebido através da dedicação dos atores na organização de projetos, campanhas, manifestos, reuniões, convocações e assembleias, entre outros.

No que se refere ao grupo do IFRN, é possível perceber expressões de participação engajada nas seguintes publicações, comentários e compartilhamentos:

Figura 5. 4 – Postagem #5 do Grupo do *Facebook*



Falante 18 compartilhou a foto de Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto.
26 de setembro de 2013

Pra você que é boe revolts com a Cantina...

Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto

O COLETIVO NÃO PARA!

Sexta rolou mais um reunião, dessa vez com e o pessoal do CA de TADS. Depois de uma longa conversa encaminhamos algumas coisas sobre o MERENDA É NOSSA e outros projetos. Resolvemos dividir o pessoal em equipes e cada equipe ir tocando uma parte do MERENDA É NOSSA. Se interessem pelo projeto! Irá mudar em muita coisa a sua vida no IF!! Coloque seu nome em alguma equipe e mãos a obra!

- Equipe 01 (Revisão de contratos): Essa equipe fica responsável por revisar os contratos da cantina e refeitório e analisar quais pontos devem ser melhorados, adicionados ou retirados.

. (Col. Ambientalista)
. (CAADS)
. (Col. Ambientalista)

- Equipe 02 (Discutir com nutricionistas opções saudáveis e viáveis para o cardápio): Pessoal que ficar nessa equipe fica com a função de se reunir com as nutricionistas do IF para discutirem opções saudáveis que possam de adicionadas ao cardápio da cantina, de uma forma que não tire o lucro da empresa.
. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)
. Algum membro do CAADS

. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)
. Algum membro do CAADS
. Algum membro do CAADS

- Equipe 03 (Conscientização ambiental): Iniciativa muito importante! Já tá hora de parar o desperdício de energia, água e alimentação, né? Pois então, a galera que ficar nessa equipe trabalhará na construção de ideias para intervenções em torno da conscientização ambiental dos alunos do IF.

. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)

- Equipe 04 (Levantamento de Cooperativas/ Criação de projeto de Produção nos campi): Vimos que é necessário o levantamento de cooperativas que possam fornecer uma comida orgânica para o IF e que um projeto de produção alimentar entre os campi não seria uma má ideia. Pq não o campus de Ipanguaçu, maior campus no estado, produzir algum tipo de alimento e repassar para os demais campi? Galera dessa equipe fica responsável por fazer um levantamento de cooperativas que vendam comida orgânica no estado e pensar em um meio para que esse projeto de produção/venda entre os campi dê certo!

. (Col. Ambientalista)

LEMBRANDO QUE NOS REUNIMOS TODA SEMANA ÀS 12H NA SALA 67 DO NIT! SE CHEGUEM E VENHAM TAMBÉM CONSTRUIR ESSE COLETIVO!!

Curtir · Comentar · Compartilhar · 13 2

13 pessoas curtiram isso.

Falante 64 Essa ideia deveria circular também pelo Campus Cidade Alta. A cantina de lá... misericórdia! #oremos!
1 de outubro de 2013 às 19:05 · Curtir

Falante 18 Kkkk, a ideia é essa! O projeto foi feito pra funcionar em conjunto com outros campi. Só precisamos consolidar mais
1 de outubro de 2013 às 19:26 · Curtir · 1

Escreva um comentário...

Figura 5. 5 – Postagem #3 do Grupo no *Facebook*

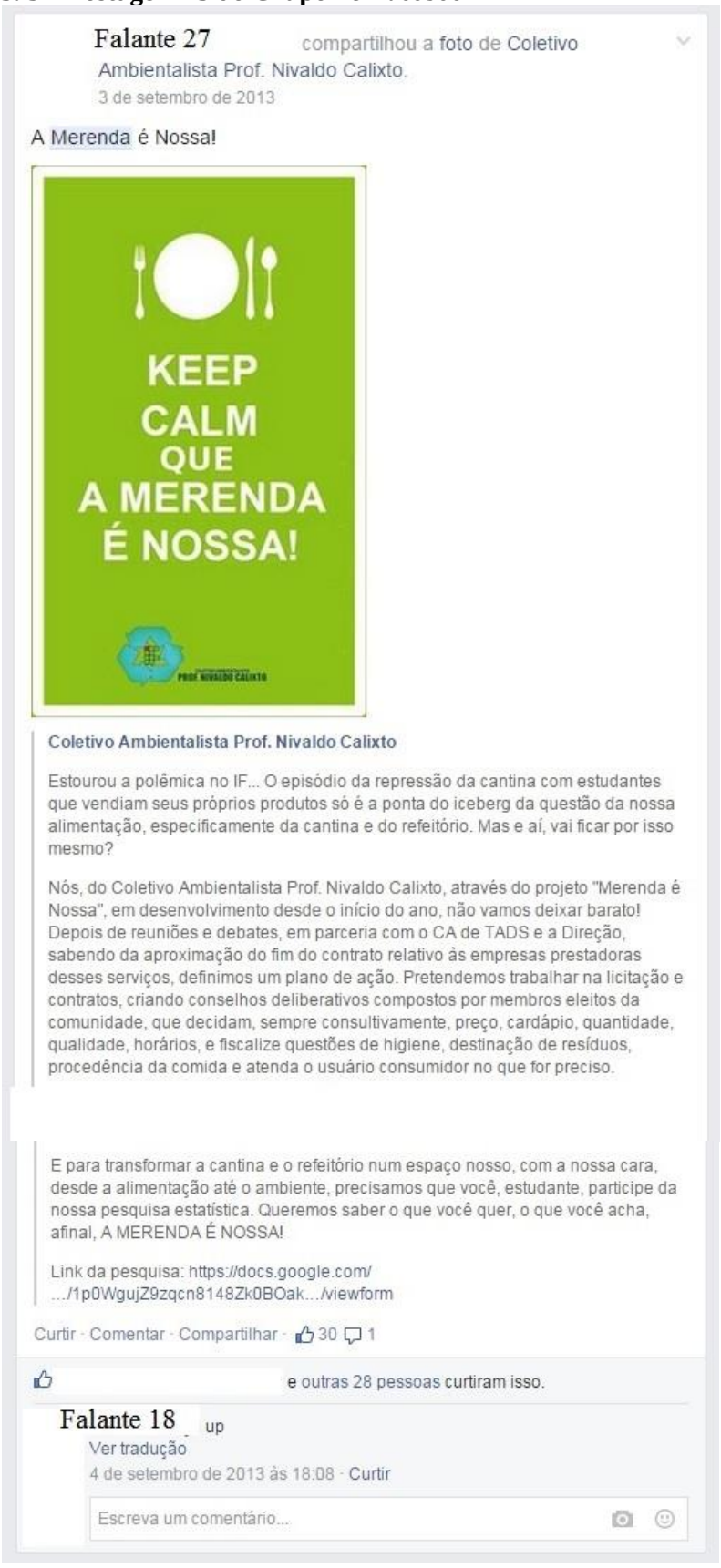


Figura 5. 6 – Postagem #1 do Grupo no *Facebook*

Falante 01
31 de Julho de 2013

Há alguns anos os alunos do IFRN ZN convivem diariamente "reféns" da mesma empresa que tem o direito de explorar a venda de alimentos no campus, que além de atender com certa ignorância os alunos, não cumpre algumas cláusulas contratuais. Dia 22 de julho o IFZN sediou o 1º Encontro de Dirigentes do IFRN, onde estavam presentes o reitor, os pró-reitores, diretores gerais e acadêmicos. O que não esperávamos, era que teríamos que passar, posteriormente, por um momento de constrangimento e falta de consideração por parte da administração da cantina: fomos contrariados e instruídos a nos retirarmos das mesas, enquanto ainda almoçávamos. Motivo: deixar metade do espaço da área de convivência reservados para as autoridades acadêmicas que estavam prestes a chegar, assim, garantindo potencialmente sua expectativa de vendas para aquela tarde.
Pois bem, isso foi o estopim para nos organizarmos e montarmos um movimento pacífico, que ocorreu hoje(31) e se estenderá até amanhã(01). Abaixo temos fotos, vídeo e o link do evento, lá tem todas as nossas reivindicações. Evento: https://www.facebook.com/events/503669383034771/ Vídeo: https://www.facebook.com/photo.php?v=536773046372074





A divulgação de eventos na plataforma é usual entre os jovens usuários do *Facebook* e costuma contribuir para adesão de mais partícipes às manifestações organizadas. Por isso, é comum a publicação de fotos e vídeos nas postagens, além de *links* para sites específicos das mobilizações, antes, durante e depois da realização dos manifestos, como forma de viralizar os processos participativos. O apelo visual, proporcionado pela convergência das linguagens midiáticas, contribui para complementar as informações textuais e muitas vezes pode tornar o conteúdo mais atrativo, estimulando a participação mais intensa de atores que ainda não estavam inseridos.

5.6 CURTIR, COMPARTILHAR, COMENTAR E PUBLICAR

Nas conversações das diferentes publicações que compõem o corpus, há níveis distintos de participação, com atores mais e menos envolvidos, revelados por não participação (caso das participações silenciosas daqueles membros do grupo que só acessam ou nem isso), participações pontuais, sistemáticas e engajamentos. Percebe-se que há uma certa padronização quanto à postura comportamental dos usuários, no tocante à utilização das ferramentas participativas especificamente da plataforma *Facebook*. Assim, de maneira geral, o botão Curtir revela-se menos intenso que o Compartilhar que, por sua vez, com frequência exige menor investimento do partícipe que o Comentar que usualmente demanda menor grau de participação que a ferramenta Publicar. Por isso mesmo, a ferramenta Curtir expõe menos o sujeito que, por sua vez, no uso da ferramenta Compartilhar, coloca-se em menor destaque do que na utilização do recurso Comentar que traz menos riscos ao ator do que o botão Publicar. Ou seja, há uma relação direta entre o grau participativo do ator, a ferramenta escolhida para utilização e os riscos que envolvem essa inserção participativa na conversação.

Nota-se um nível participativo mais intenso no uso da ferramenta Publicar do que na Comentar, caso do exemplo abaixo, extraídos de uma mesma conversação:

Figura 5. 7 – Exemplos do uso da ferramenta Comentário



Figura 5. 8 – Exemplo do uso da ferramenta Publicação



Mas, é preciso enfatizar que há exceções. Então, nem sempre o uso da ferramenta Comentário implicará num nível participativo menor que a Publicar ou a utilização do recurso Compartilhar será menos participativa que a Comentar, porque há conteúdos, oriundos dos diversos tipos de modalidades participativas do *Facebook*, que são do tipo pouco contributivos à conversação, como foi visto anteriormente. Assim, há casos em que o compartilhamento de determinadas informações pode agregar valor

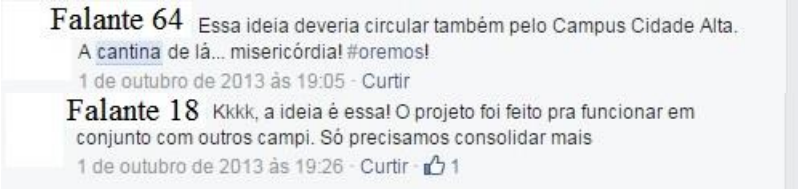
para discussão do assunto que está em debate e até mesmo mudar o curso da conversação. A ferramenta Compartilhar também pode ser utilizada acompanhada de um comentário sobre ele, o que acaba por configurar a modalidade como autoral, aumentando assim o grau de investimento do partícipe na medida em que ele faz reflexões sobre o conteúdo compartilhado, explicando, por exemplo, aos demais a pertinência e o valor desse conteúdo para o grupo. Além disso, também é possível haver um compartilhamento de conteúdo próprio, isto é a partilha de uma mensagem autoral do partícipe em questão.

Nota-se essa variação participativa, quanto à padronização no uso das ferramentas, em algumas situações, como as participações abaixo, retiradas de uma mesma conversação:

Figura 5. 9 – Exemplos do uso da ferramenta Publicação



Figura 5. 10 – Exemplos do uso da Ferramenta Comentário



Quando se direciona o olhar para o uso de ferramentas iguais por diferentes sujeitos, vê-se que ocorre, mais recorrentemente, essa variação na padronização do comportamento participativo do usuário, especialmente no caso da utilização das ferramentas comentários e publicações. Ou seja, muito embora, seja igual o recurso utilizado pelos membros, dependendo do conteúdo expresso por cada um deles, a intensidade de participação pode ser completamente divergente. Isso acontece exatamente porque os comentários e publicações, por exemplo, rotineiramente demandam mais conteúdo autoral dos atores do que as outras ferramentas (Curtir e Compartilhar). Assim, sendo os sujeitos sociais plurais e únicos, as expressões de suas subjetividades são igualmente diversificadas. Portanto, o senso crítico, a capacidade de argumentação, o potencial cognitivo, o tempo, o entusiasmo, a identificação com o tema, os fatores motivacionais, entre outros critérios influenciam e contribuem para que uma variação participativa significativa, com possibilidades de que se agregue menos ou mais valor a uma conversação, por exemplo.

É também importante destacar que a exposição inaugural (Figura 5. 9), no caso da publicação, destaca o ator perante os demais e revela uma atitude de iniciativa e agendamento do debate. Nesse agir conversacional, o sujeito se empodera da capacidade de direcionar o assunto que será discutido pela comunidade e também de orientar a abordagem que será dada a esse tema e aos subtemas. Ou seja, a publicação coloca o sujeito em uma posição de liderança perante os demais, atitude essa que comporta risco, seja de que aqueles a quem se dirigem não reajam, reajam debilmente ou mesmo até se oponham ao posicionamento assumido por quem inaugura uma conversação no grupo. Essa liderança pode caracterizar a posição daquele que inaugura a conversação como vertical perante os outros partícipes, muito embora nesse tipo de mídia social a cultura que prevalece seja a de horizontalidade, com iguais oportunidades de participação.

Embora haja diversificação de nível participativo no uso das diferentes ferramentas (por atores distintos) e mesmo quando se analisa a utilização de ferramentas iguais, por sujeitos diferentes, pode-se perceber uma relação direta entre o nível criativo e autoral com o grau participativo. Nesse sentido, quanto mais autoral for o uso da ferramenta em questão, seja ela Compartilhar, Comentar ou Publicar, mais intenso será o nível de participação desse ator para com essa participação. Isso acontece porque a participação categorizada como autoral demanda do seu autor envolvimento, motivação, elaboração de um pensamento, reflexão ou proposta e geralmente revela uma capacidade argumentativa, na busca por convencer os demais da legitimação e racionalidade do conteúdo criado. Por isso, embora possa se delinear uma escala geral de participação (Curtir<Compartilhar<Comentar<Publicar), levando-se em conta criação, exposição, riscos e grau de demanda do partícipe para com a ferramenta, há vários casos em que a lógica não se aplica, exatamente pelo fato das participações serem resultados da relação social que existe entre as pessoas, por isso mesmo condicionados por fatores diversos, plurais e complexos.

No período de tempo analisado no corpus, que corresponde a postagens desde o dia 31 de julho até a data 26 de setembro de 2013, houve o desenvolvimento de uma narrativa temática em que, a partir de um estopim colocado em pauta por um dos partícipes do grupo, desenvolveu-se uma discussão sobre uma problemática comum a vários campi do IFRN. Nesse contexto, houve fatores desencadeadores do processo comunicacional, caso do remanejamento dos alunos durante a refeição no Campus da Zona Norte e também da proibição de venda dos *cupcakes* no Campus Natal Central, por exemplo.

No decorrer do percurso conversacional, existiram também os momentos altos, como o debate acalorado em que se multiplicaram os relatos de insatisfação dos estudantes a respeito dos serviços da cantina. Nesses momentos, os partícipes puderam perceber que comungavam, em sua maioria, de opiniões e vivências parecidas, aproximando-se assim de um consenso sobre a sensação de insatisfação generalizada com os serviços prestados pelas cantinas da Instituição.

Assim, com a evolução do processo comunicacional, vieram as peripécias da estória, expressas através da participação cidadã engajada de jovens estudantes, mediante a

concretização de ações deliberadas publicamente como convocação para reuniões, mobilizações, campanhas e projetos desenvolvidos para solucionar a questão.

É interessante ressaltar que quando a narrativa parece apontar encaminhamentos possivelmente solucionadores sobre a questão, caso da postagem sobre a reunião que o coletivo teve com a direção ou mesmo da publicação sobre a campanha do projeto desenvolvido pelos alunos mais engajados, o índice de participação, através da ferramenta comentário, por exemplo, sofre uma queda significativa. Nesse sentido, percebe-se que as pessoas se sentem mais motivadas a participar quando estão diante de uma problemática do que quando lhe apresentam soluções sobre o assunto.

Percebe-se então que a indignação, causada pela vivência do problema no cotidiano, configura-se como um fator propulsor da participação, especialmente quando esse problema tem uma relação próxima com o dia a dia do ator e por isso mesmo o afeta diretamente. Porém, quando o cenário parece transparecer ações mais concretas de estabilização do contexto problemático, há uma certa dispersão participativa em que os partícipes se dissipam do espaço público. Pode-se notar que a realidade problemática surge como um fator fomentador do processo participativo.

É interessante destacar também que a frequência do uso das modalidades participativas não garante o peso de sua importância. Esse contraste entre a importância do teor participativo, a frequência participativa daquele ator e o peso do uso da ferramenta escolhida dá-se exatamente porque existem atores que ao mesmo tempo que não querem deixar de tomar parte do processo também não desejam se expor ou mesmo dedicar tempo para elaboração de um conteúdo argumentativo.

Há ainda um outro viés, na medida em que as participações, especialmente as mais autorais exigem do sujeito senso crítico e capacidade intelectual e pressupor que todos os jovens estudantes têm o mesmo potencial crítico é ignorar a diversidade própria das culturas juvenis. Assim, a discrepância entre participações, sejam elas equiparadas em frequência e no mesmo tipo de ferramenta ou não, ocorre por vários fatores e um deles é exatamente a diferenciação de potencial das habilidades específicas de cada um. Por isso mesmo, o acesso às redes sociais digitais não garante que se possa participar. Poder efetivamente participar, do ponto de vista contributivo, exige capacidades cognitivas emergentes e está condicionado a diversos elementos.

6. ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS: FATORES CONDICIONANTES

6.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, de análise da expressão de uma movimentação estudantil no *Facebook*, ficaram aspectos em aberto, que serão examinados no presente capítulo. A razão de se ter dividido a análise exploratória, em dois capítulos, ficou a dever-se ao fato de haver dimensões e fatores relacionados à participação de estudantes que não podem ser captados apenas através do material publicado no *Facebook.*

Esses fatores condicionantes estão relacionados especialmente aos significados, perspectivas e motivações particulares de cada partícipe, seja no tocante àquilo que entrava como também àquilo que estimula à participação nos contextos investigados.

É importante clarificar que a participação no *Facebook* que se busca compreender é aquela que se centra em processos vinculados à vida da Instituição e que afetam a vivência cotidiana dos estudantes. Inclusive porque o grupo do IFRN no *Facebook* foi criado com o objetivo de discutir na esfera digital os contextos relacionados à Instituição e ao seu cotidiano. Nesse sentido, é importante enfatizar que, de acordo com Castells (2013), os ambientes *offline e online* não são paralelos e sim unificados, constituindo uma estrutura híbrida, por isso o autor fala sobre "Virtualidade Real". Assim sendo, portanto, uma esfera reflexo da outra, embora cada qual possua especificidades próprias da dimensão em que existe.

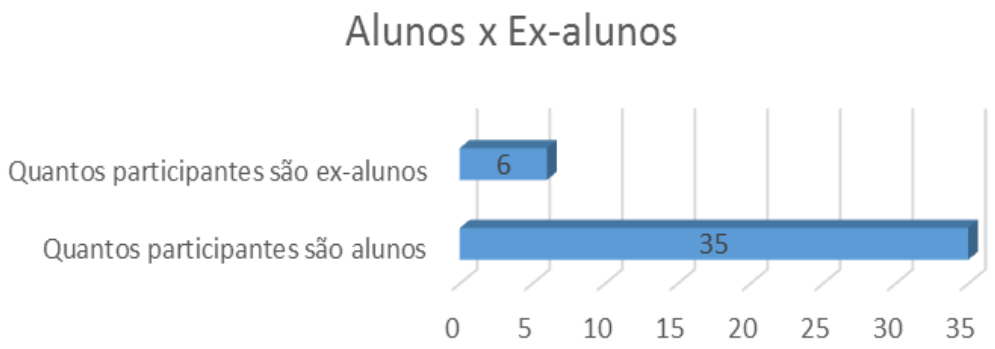
Do ponto de vista da participação estudantil e seus fatores-chave, era inevitável questionar e refletir sobre as motivações, sentido e alcance das questões vividas no *Facebook*, o que levou os alunos a falar de sua vida estudantil e dos problemas, dificuldades e sonhos que vivenciam relativamente à condição de jovens e de alunos, à margem de ação e de intervenção de que são capazes.

Para esse fim, como já justificado no capítulo metodológico, foram realizados cinco grupos focais, com os estudantes e ex-alunos do IFRN. Inicialmente, foi realizado um recrutamento, por intermédio da própria plataforma investigada com vários discentes e ex-alunos da Instituição que são membros do grupo. Porém não houve o retorno esperado. Além disso, nos dias marcados para a realização dos grupos, alguns dos que estavam confirmados, através da mídia social e, posteriormente, por telefone, não

compareceram, o que inviabilizou aos convites a realização das conversações grupais em um dos dias agendados.

Diante desse contexto, para sanar as ausências, foram realizadas abordagens presenciais a alunos, de forma aleatória, durante o intervalo da escola e, através dessa modalidade de convite, obteve-se mais êxito. Diante desse contexto, para sanar as ausências, foram realizadas abordagens presenciais a alunos, de forma aleatória, durante o intervalo da escola e, através dessa modalidade de convite, obteve-se mais êxito. No recrutamento como um todo, entre convites realizados através do *Facebook* e pessoalmente, foram convidados 203 foram jovens, desses 79 responderam ao convite, seja positivamente ou negativamente. Dos 79 que responderam, 41 aceitaram participar dos grupos focais, entre alunos e ex-alunos. A respeito do perfil dos partícipes que formaram os grupos focais, pode-se observar que a maioria deles é de alunos do IFRN enquanto a minoria é de ex-alunos da Instituição:

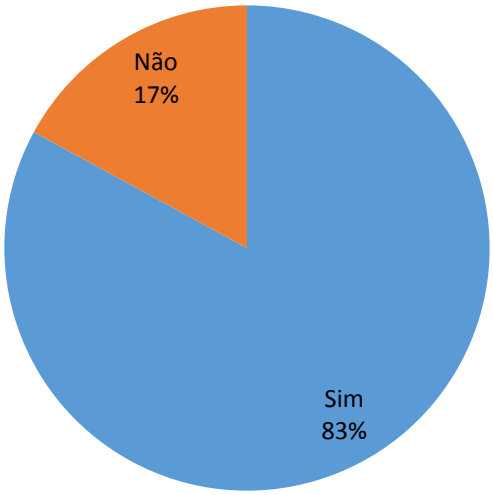
Gráfico 6. 1 – Perfil dos participantes dos grupos focais



Assim, em todos os grupos, foram formados conjuntos mistos, com participantes previamente convidados pelo *Facebook* e com outros recrutados no mesmo dia, no próprio Campus Natal Central do IFRN, local onde se reuniram os grupos. Esses últimos recrutados compareceram, em sua maioria, acompanhados de amigos com os quais estavam no momento em que foram abordados, no colégio. É pertinente ressaltar que a condição de virem acompanhados de seus colegas explicitamente os encorajou a participar da pesquisa que, por ser desconhecida e gravada, havia causado receio visível em parte dos convidados. Diante da situação, foi explicado que a gravação seria para fins acadêmicos e que, sob hipótese alguma, seria revelada a identidade dos partícipes.

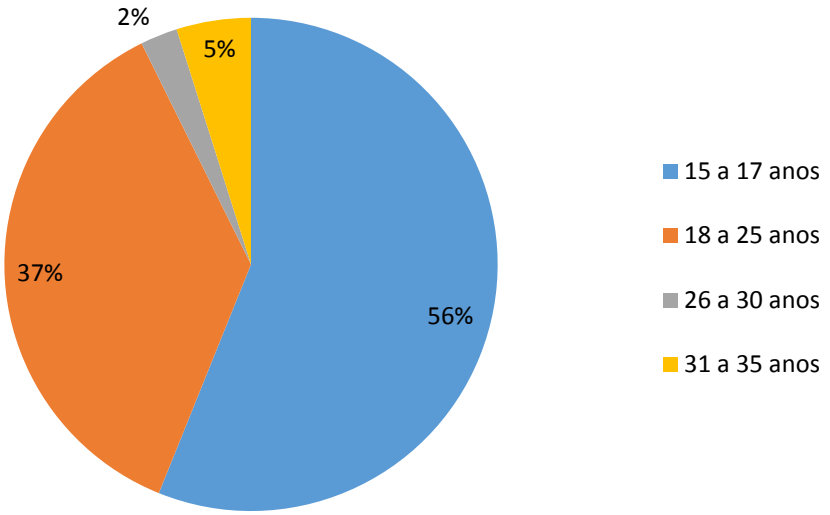
Assim, foram constituídos 5 grupos, com alunos e ex-alunos, de idades entre 15 e 35 anos. Neles, a maioria era formada por alunos do Campus Natal Central, com apenas 3 partícipes pertencentes a outro campus do IFRN, mais especificamente ao Campus Cidade Alta, localizado no mesmo município, em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Um dos motivos para essa concentração de alunos do Campus Central é que os grupos focais foram realizados na sala de reuniões do referido campus, exatamente por possuir uma localização mais central, em relação aos demais campi, próximo inclusive de paradas de ônibus e do maior centro comercial da cidade. Através dos gráficos, é possível perceber melhor o contexto referente aos partícipes dos grupos:

Gráfico 6. 2 – Presença de amigos no mesmo grupo focal



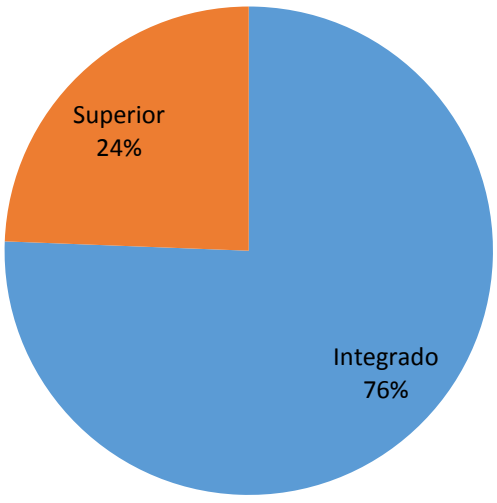
De acordo com o Gráfico 6. 2, percebe-se que a maioria dos partícipes dos grupos focais integrou as discussões junto com seus amigos. Esses percentuais inclusive reforçam a cultura de agrupamento que existe entre eles e a influência que uns exercem sob os outros. Notou-se, durante o recrutamento, que muitos só aceitaram o convite para participar da pesquisa, após a confirmação de que um ou mais de seus amigos estaria no mesmo grupo.

Gráfico 6. 3 – Faixas etárias dos grupos focais



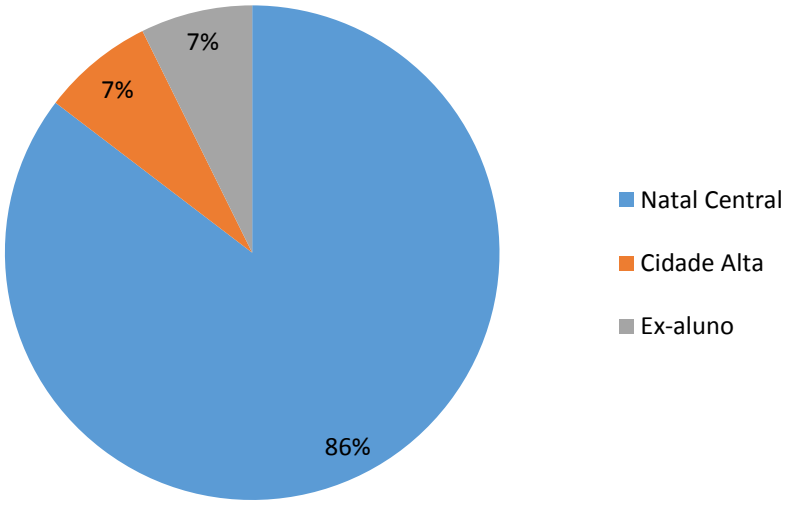
Segundo os percentuais referentes às faixas etárias dos partícipes, expressos no Gráfico 6. 3, mais da metade dos alunos voluntários foi de adolescentes, de 15 a 17 anos (56%), com um percentual expressivo (37%) também para jovens de 18 a 25 anos e parcelas menos representativas de participação para os estudantes mais maduros, divididos em intervalos etários de 26 a 30 anos (2%) e 31 a 35 anos (5%).

Gráfico 6. 4 – Escolaridade dos participantes no momento do estudo



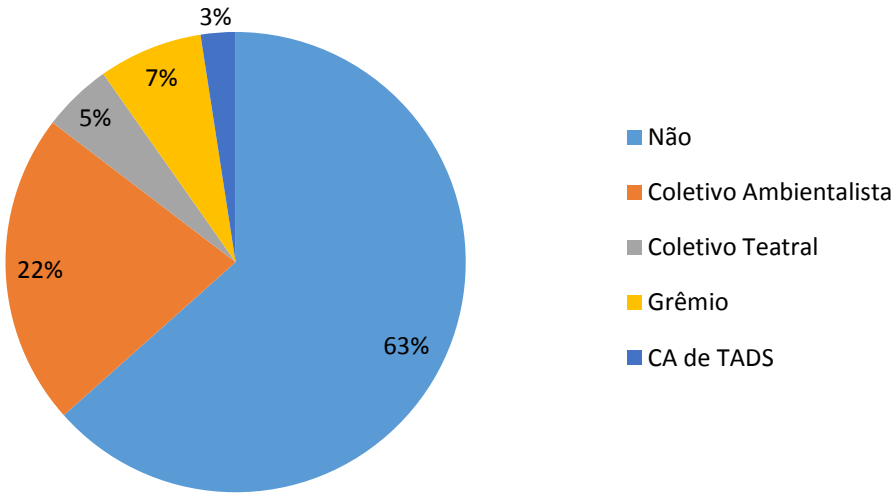
Desses estudantes que integraram os grupos focais da pesquisa, 24% estavam cursando o Ensino Superior, durante a época de realização das discussões, enquanto 76% da amostra era composta por alunos do Ensino Integrado, que, no IFRN, equivale ao Ensino Médio no Brasil, composto por estudantes que estão nos últimos anos de ensino na escola, etapa final antes de ingressar no Ensino Superior.

Gráfico 6. 5 – Distribuição por Campus e ex-alunos



Desses estudantes que fizeram parte da investigação, 7% eram ex-alunos e 93% eram alunos. Dos alunos, 7% eram lotados no Campus Cidade Alta, enquanto 86% eram alunos do Campus Natal Central, local onde foram realizados os grupos focais.

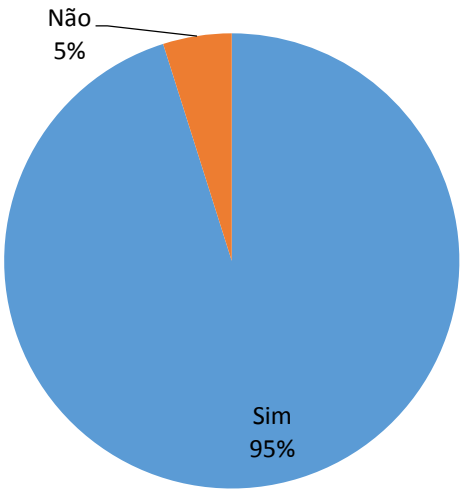
Gráfico 6. 6 – Participação em coletivos e associações estudantis



Dos partícipes da pesquisa, a maioria, especificamente 63%, não integra nenhum tipo de grupo fora da internet. Ou seja, a maior parte dos estudantes entrevistados não se envolve habitualmente em contextos participativos *off line*, o que pode relacionar-se com o fato de a maioria dos participantes nos grupos de foco serem adolescentes. Porém, há estudantes mais engajados, desses, 22% pertencem ao Coletivo Ambientalista, 5% integram o Coletivo Teatral, 7% fazem parte do Grêmio do IFRN e outros 3% são de membros do Centro Acadêmico do curso de TADS (Curso

Superior em Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas). É interessante perceber que, dos que podem ser categorizados como alunos mais engajados, a maior parte (22%) integra um coletivo próprio, criado pelos alunos, o que reforça a busca por modalidades participativas autônomas e não institucionalizadas.

Gráfico 6. 7 – Participantes do grupo IFRN no *Facebook*



Do total de integrantes dos grupos focais, 95% são membros do grupo do IFRN no *Facebook*, ambiente que é foco de análise dessa pesquisa. E há 5% dos integrantes que não são vinculados ao grupo virtual.

Apesar da diversidade, de acordo com os gráficos, percebe-se que o universo geral possui características predominantes. Nesse contexto, nota-se que os grupos focais foram formados com 93% de alunos, dos quais 86 % eram do Campus Natal Central e 93% dos participantes estavam nas faixas etárias de 15 a 17 e 18 a 25 anos. A maior parte dos partícipes, mais precisamente 83%, participou dos grupos focais acompanhada de amigos. Ainda relativo aos membros, 76% estavam cursando o Ensino Médio e 63% declararam não participar de nenhum tipo de coletivo ou agrupamento fora da internet, mas a grande maioria participa do grupo *online* do IFRN, no *Facebook*, com um percentual bastante expressivo, de 95%.

Essa breve contextualização realizada a respeito dos partícipes membros dos grupos focais teve o objetivo de clarificar o panorama estudantil em que foram realizadas as discussões qualitativas.

Sobre a transcrição dos dados coletados nos encontros focais, a partir da realização de cinco grupos, foram adotadas as convenções do Projeto de estudo da norma linguística urbana culta, Projeto NURC (1990). Durante a transcrição, para preservar a identidade dos participantes, os membros do grupo foram nomeados de A1 do grupo 1 (Primeiro membro a falar do grupo 1), A2 do grupo 5 (segundo membro a falar do grupo 5) e assim sucessivamente.

Durante a transcrição dos textos orais, foi necessário recorrer à representação escrita, utilizando, para isso, algumas normas de transcrição características da oralidade. A importância desse procedimento concentra-se na necessidade de reproduzir o texto falado da forma mais fiel possível, já que durante o processo da escrita, alguns elementos da linguagem são perdidos entre os quais gestos, olhares, expressões corporais.

Em um texto falado, deve haver a presença de pelo menos dois locutores que tomam a palavra alternadamente, transformando cada intervenção em turno de fala, que é o equivalente ao que, no texto escrito, chamamos de frase Preti (1990).

Vemos abaixo a tabela de orientação proposta por Preti (1990) para transcrição de textos falados.

Tabela 6. 1 – Orientação para transcrição de textos falados, proposta por Preti

Ocorrências	**Sinais**	**Exemplificação**
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	pode ligar brigada... então... é::... ( ) já já... é boa tarde
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	e (praticamente) isso ocorre como se fosse uma obrigação
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	falar sobre justamente a/ a participação no/ no sistema democrático
Entoação enfática	Maiúscula	eu:: SOU tesoureiro do centro acadêmico
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	é::: quando começam a tratar de política partidos políticos é:: movimento estudantil a participação é pequena
Silabação	-	depois de Mer-CE-DES
Interrogação	?	M – unrum... e vocês que não falaram?

Ocorrências	**Sinais**	**Exemplificação**
Qualquer pausa	...	tomar as melhores decisões... pra todo mundo
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((risos))
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	M – Sim:: pronto... [A3 – política
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	""	você é obrigado "não eu vou fazer porque é obrigado... e lá vou participar"

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, IFRN, etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, ta* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento* e *pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Na condução dos grupos focais, foi utilizado um roteiro previamente planejado. Os temas geradores desse planejamento foram "participação democrática", "protagonismo juvenil na escola", "cidadania e voluntariado", "comunicação e redes sociais" e "manifestações sociais". Em cada um desses temas, foram debatidos subtemas, entre os quais: conceituação de democracia, participação nos diversos eixos da sociedade, representação participativa, protagonista versus coadjuvante, relação aluno-professor, hierarquia versus liberdade, participação estudantil no planejamento e administração escolar, preocupação com os outros, envolvimento com problemas coletivos, busca por soluções de problemáticas sociais, interesse por problemas contextuais próximos ou da realidade macro, inserção em grupos diversos, relação com as mídias, participação nas mídias sociais, criticidade e autonomia, criatividade, exposição pública e vida privada, uso das ferramentas do *Facebook*, motivações que levam à participação e uso desses recursos, manifestações sociais, ativismo virtual e físico, motivações que levam às manifestações, entre outros subtemas.

Durante as conversações, surgiram espontaneamente outros tópicos levantados pelos próprios estudantes, e o fluxo desses caminhos foi respeitado, na medida em que ele agregava informações correlatas e valorosas para a pesquisa. Quando havia dispersão dos assuntos centrais da pesquisa, procurava-se reconduzir a conversa às pautas planejadas.

É importante destacar que as conversações fluíram, de maneira a que, naturalmente, os partícipes trouxessem à tona temas que seriam abordados posteriormente. Por se tratar de assuntos associados, muitas temáticas anteciparam-se à ordem pensada ou mesmo voltaram a ser temas de debate, em momentos intercalados.

Apesar de os grupos focais guardarem características comuns (o fato de serem constituídos por jovens alunos e ex-alunos, muitos dos quais amigos entre si), em algumas discussões, os relatos revelam peculiaridades que expressam a diversidade de vivências específicas.

A análise desses grupos focais foi realizada levando em conta as temáticas mais relevantes para a pesquisa, na busca por encontrar impressões que levem a motivações tanto para o estímulo quanto para o entrave à participação estudantil. Para além disso, os grupos focais contribuíram com a compreensão contextual de como acontece o processo de participação dos estudantes no *Facebook*, com a elucidação sobre o uso das ferramentas na plataforma e as circunstâncias relativas a ele.

É importante ressaltar que, durante a análise, foram considerados os trechos mais relevantes e representativos e, para que fossem melhor compreendidos, realizou-se uma adaptação das transcrições. Essa adaptação das falas foi escrita em linguagem semi-formal, de maneira a tornar a compreensão dos relatos possível, sem contudo distanciar-se demasiado das especificidades da língua oral. No processo de adaptação, algumas expressões linguísticas, marcas textuais típicas da oralidade, que foram utilizadas de forma equivocada, foram desconsideradas, sem prejuízo ao conteúdo.

No decorrer da análise, portanto, foram colocados primeiramente os relatos adaptados e em seguida as transcrições linguísticas, referentes às falas dos atores, que surgem numerados, de acordo com as ordens de fala nas conversações e associados aos seus respectivos grupos focais.

Os estudantes, em sua maioria, participam da sociedade em diversas modalidades como também com níveis distintos de intensidade. Essas participações na vida comum são influenciadas por fatores condicionantes diversos. Durante as conversas, um dos assuntos abordados foi a participação dos jovens na escola, os seguintes extratos exemplificam reflexões, dos partícipes:

> A3 do Grupo Focal #5: "Eu acredito que FALTA representatividade ao jovem"[17];
>
> A1 do Grupo Focal #2: "Quando é algo mais cotidiano do estudante, você consegue ver uma classe maior aparecendo. Mas quando é aquele movimento estudantil que sempre existiu, há uma crença de que não vai dar em nada, pois há pessoas nele que são mais vinculadas às políticas tradicionais das quais participam do que às demandas da gente"[18].

Pode-se perceber, portanto, nas afirmações de alguns alunos, que um dos fatores de entrave à participação estudantil é a ausência de identificação com as modalidades de participação que lhes são ofertadas oficialmente. Segundo os relatos, parte dos estudantes não sente-se representada na escola e considera o movimento estudantil tradicional partidarista e compromissado exclusivamente com os próprios partidos políticos com os quais mantém vínculos. De acordo com os trechos acima, uma parcela dos jovens desacredita do movimento estudantil tradicional e, por isso mesmo, não participa de discussões que envolvem esses representantes. No entanto, de acordo com alguns dos partícipes, quando são debates referentes ao cotidiano dos estudantes, sem interferência de lideranças estudantis oficiais, passa a haver uma participação e uma credibilidade de que o pleito possa resultar em benefícios. Assim, para parte dos partícipes, essa falta de identidade entre representantes e representados funciona como fator bloqueador à participação de alguns alunos.

No relato do partícipe A3 do Grupo Focal #5, percebe-se explicitamente que há uma crise de representação, exatamente pela falta de identidade que existe entre alguns jovens e seus representantes oficiais. Interessante notar a ênfase dada oralmente pelo

[17] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #5: "Eu acredito que falta: rep/ pelo contrário eu acredito que FALTA representatividade ao jovem.../"

[18] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #2: " - É::... eu num acho que/ do jeito que eu falei quando é uma coisa mais cotidiana assim do estudante... aí cê vê uma classe maior ela... aparecendo... mas quando é:: aquele movimento estudantil que é aquela coisa que sempre existiu:: a muito te::mpo... e aí todo mundo fala "ah:: esse aqui sempre votou nessa discussão... isso num vai levar em nada" e acaba que:: as pessoas que tão mais vinculadas a política que participam"

membro quando expressa a palavra "FALTA", o que reforça a intensidade dessa ausência de representatividade.

No entanto, houve uma abordagem divergente sobre esse mesmo aspecto, no trecho:

> A2 do Grupo Focal #5: "Essa questão, também, de se sentir mais representado por grupos coletivos do que por grupos como associações e sindicatos é um pouco tabu, já que os governos estão cada vez mais desvalorizados, no decorrer do tempo, por não cumprirem as promessas que fazem às pessoas. Assim, as pessoas costumam não se sentirem representadas por grupos estudantis ligados a partidos políticos. Muitas se sentem incomodadas e dizem: "eu não participo desse grupo porque é ligado ao PT, ao PSOL". No entanto, esses grupos, embora vinculados a partidos políticos, também lutam por direitos da juventude e da população de forma geral"[19].

Embora tenha sido uma expressão minoritária, uma parcela de estudantes diz que o vínculo com partidos políticos não interfere na luta pelas demandas juvenis e credita essa crise de identificação de muitos com a política à questão cultural de que os políticos só atuam segundo os seus próprios interesses, fruto da descrença das pessoas para com a classe política, no decorrer de anos. Assim, segundo esses, prevalece uma visão equivocada e essa leva à ausência de identificação com as associações estudantis atreladas a partidos políticos.

6.2 FALTA DE ACESSIBILIDADE: A DISTÂNCIA QUE PODE ESTAR PERTO

Uma problemática idêntica emergiu quando, no quadro dos grupos de foco, se conversou acerca, do tópico do protagonismo juvenil. Sobre esta matéria, retomam-se aqui apontamentos e observações expressas pelos alunos:

> A1 do Grupo Focal #2: "Há um gabinete itinerante no qual o reitor pergunta aos alunos o que estão pensando sobre o campus, o que pode ser melhor e o que já teve melhora. A gente expõe a reclamação, mas ele nos diz uma desculpa qualquer, nós não temos o direito à tréplica, somente ocorre a réplica dele. Por exemplo, sobre a questão da comida, a gente fala: "reitor, a comida

[19] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #5 – "É:::... como eles falaram essa questão de também se sentir/ de se sentir mais representado pelos coletivos grupos sindicatos talvez... é meio também por uma fase uma questão tabu que vem se criando aí no decorrer do tempo... a questão é::: de governos serem a cada gestão mais desvalorizados... mais é::: não cumprir as promessas... é:: eu já cansei de ver pessoas que:: já deixaram de participar do movimento estudantil por dizer que esse movimento era interligado a tal partido.. é::: eu fiz uma viagem recente e lá era o que mais se comentava em relação a "eu não participo do grupo de fulano por que é ligado ao PT é ligado ao PSol"... grupos também de juventude ligado aos partidos como tem aqui no estado o Junts Kizomba sei lá:: é::: Anel... e esses grupos são de forma direta e indireta ligados a partidos e muitas pessoas se sentem incomodadas com isso... mas também são grupos que lutam por direitos dos jovens da::/ da população de forma geral"

está ruim" e ele responde: "eu comi nos outros *campi* e estava tudo uma delícia!" Ou ele tem o paladar muito ruim ou fazem comida boa somente no dia que ele vai. E então, ficamos sem diálogo, porque somente vamos ter a nossa tréplica no próximo gabinete itinerante"[20];

A6 do Grupo Focal #1: "No Gabinete Itinerante, fui lá e perguntei ao professor Belchior duas vezes e ele não me respondeu, ficou enrolando, ele simplesmente não responde. E o diretor ficou apreensivo diante da situação"[21];

A1 do Grupo Focal #2: "Todo mundo vê a obra da transposição do rio São Francisco parada há anos e acho que é um absurdo. Ainda mais, parada por má gestão, porém nem todos têm acesso para protestar sobre isso, em compensação todo mundo também vê, acha que é um absurdo o aumento da passagem de ônibus e vai participar do protesto. Essa diferença tem muito a ver com o acesso para resolver o problema. Ou seja, se você possui acesso para solucionar uma questão grande, você vai tentar. O jovem tenta. Porém, se ele tem acesso para solucionar um problema pequeno, ele vai fazer porque está ao seu alcance, é mais fácil"[22];

A4 do Grupo Focal #4: "É porque a gente busca melhorar aquilo que está mais perto ou então o que é mais fácil"[23].

Assim, nos contextos interno e externo, percebe-se que parte dos alunos também apontou a falta de acesso aos gestores institucionais públicos como um bloqueador à participação estudantil. Tanto em relação à atuação na escola quanto em ambientes sociais externos, alguns estudantes demonstraram em suas falas que o acesso à participação destinado a eles, por parte de quem administra as instituições públicas, é restrito e, em outras vezes, explicitamente inalcançável. Assim, segundo alguns

[20] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #2: "Num sei se vocês sabem mas tem um gabinete itinerante que ele pergunta pros alunos quê que eles tão achando do campus quê que pode melhorar e quê que já teve melhora... a gente expõe reclamação pro reitor ele dá uma desculpa esfarrapada e aí a gente não tem o direito de tréplica... ele só tem a réplica dele... a gente fala assim 'reitor a comida está ruim...' aí ele vira e fala 'não... não é isso eu fui nos outros campus durante essa semana comi lá e a comida tava hum::: uma delícia a comida do refeitório...' ou eles fazem a comida muito boa no dia que o reitor vai ou ele não come nada... ou/ ou o paladar dele é muito ruim... e aí toda vez é isso...a gente expõe pra eles... eles dizem que nada disso acontece no IFRN e pronto e aí morre... e aí a gente só vai poder dar a nossa tréplica quando chegar o próximo gabinete itinerante"

[21] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #1: "– É:: o Gabinete Itinerante mesmo quando foi lá eu perguntei a Belchior duas vezes ele não me respondeu ele tá me enrolando acho que vai até a terceira ( ) ele num me responde... aí o diretor ficou se coçando todinho né?"

[22] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #2: "Por exemplo ( ) que todo mundo fica indignado com o problema da seca num é? É::: que todo mundo vê a obra do:: da transposição do rio são francisco parada há anos e acho que é um absurdo... e é parado por má gestão... só que nem todo mundo tem acesso pra protestar em relação a isso... em compensação todo mundo aqui também vê e:: e acha que é um absurdo o aumento da passagem de ônibus e todo mundo aqui vai lá e vai protestar... tem muito a ver com o acesso que é o que ele falou... o acesso a/ a/ que você tem pra resolver aquele problema... se você tem acesso pra resolver um problema grande você vai tentar/ o jovem ele tenta é:: resolver esse problema... mas se ele num tem e se ele tem acesso pra resolver um problema pequeno que é o que é mais fácil ele acaba resolvendo o problema pequeno"

[23] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #4: "É por que a gente procura melhorar o que tá mais próximo (ou então o que é mais) fácil"

partícipes, a inacessibilidade funciona como um ponto crucial que desmotiva à participação.

Dessa forma, para uma parcela de alunos, nas Instituições públicas, inclusive no IFRN, existe uma pseudo acessibilidade por meio da qual os estudantes aparentemente possuem oportunidades de diálogo e participação. Nesse sentido, existe a percepção de que são apenas ouvidos quando é interessante e conveniente aos gestores. Na ausência dessa conveniência, há uma fuga sobre os assuntos trazidos à tona.

6.3 ACESSIBILIDADE E REPRESENTATIVIDADE: OUTRAS ABORDAGENS

Porém, ainda sobre os mesmos temas acima tratados, mais especificamente no tocante à acessibilidade em participar na escola e também sobre a representação formal estudantil, houve também comentários, como aqueles a seguir transcritos, em praticamente todos os grupos focais:

> A4 do Grupo Focal #4: "Em todos os aspectos podemos participar"[24];
>
> A4 do Grupo Focal #1: "No momento em que o estudante, aqui na escola, toma parte junto à direção ou ao grêmio, por exemplo, de forma que participa efetivamente das decisões, começa a haver a percepção que participar é um direito dele, até mesmo um dever. Então, o estudante começa a pensar sobre esse papel e disseminar essa postura entre os demais. Eu vejo esse processo aqui no Instituto muito bem realizado"[25];
>
> A8 do Grupo Focal #5: "Eu acho que aqui na escola existe uma participação democrática BEM marcante. Muitas vezes, nós do coletivo precisamos conversar com a diretoria e sempre nos ouvem. Dentro da escola, mesmo que de certa forma haja hierarquia, os alunos podem estar lá EMBAIXO, mas nós sempre temos voz aqui. É um aspecto bem interessante, porque os alunos se sentem parte da Instituição"[26];

[24] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #4: "Em todos os aspectos"

[25] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #1: "- Na hora que:: aqui dentro da escola você consegue por parte de direção... por parte de grêmio ( ) que seja... você promover discussões de forma que o aluno participe efetivamente das decisões e você/ professor que seja... os que fazem claro... colocar na mente do aluno que é necessário ele refletir antes de tomar decisões que ele tem direito a participar das decisões que é direito dele... até mesmo dever participar das decisões... na hora que a própria escola já começa a fazer isso quando a pessoa volta pra casa ela já começa a disseminar mais isso... eu vejo isso muito como papel/ como papel da escola e aqui no instituto ele é bem::/ bem realizado"

[26] Transcrição linguística:
A8 do Grupo Focal #5: "– Eu acho que aqui na escola tem um/ um::: participação democrática BEM marcante... por que muitas vezes nós do coletivo precisamos conversar com a diretoria e sempre nos ouvem e nós sempre temos voz aqui dentro da escola mesmo que de certa forma haja hierarquia os alunos podem estar LÁ EMBA::IXO mas eles sempre procuram ouvir as nossas
(Continua na página seguinte)

> A3 do Grupo Focal #2: "Eu sou tesoureiro do centro acadêmico do curso superior de TADS (Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Software) e sempre tive contato direto com o diretor do Campus, professor José Arnóbio. Sempre conversei diretamente com ele e o que a gente quisesse para melhorar o curso, a gente conseguia[27]".

A partir destas conversações, foi possível perceber que, apesar de uma parcela dos membros relatar que na escola existe um acesso restrito, o que é apontado por alguns alunos como ponto chave de entrave à participação, a maior parte dos partícipes dos grupos focais trouxe à tona uma visão contrária. Segundo essa maioria, a participação dos alunos no IFRN é livre e incentivada, especialmente no que se refere aos gestores. Nesse sentido, uma parcela bastante significativa dos alunos expressa o acesso aos gestores e a relação que existe entre eles como fator positivo à participação.

Para esses, sempre que os alunos participam são bem recebidos e suas demandas ouvidas, diferentemente do que foi exposto antes.

Quando um dos tópicos foi a acessibilidade em participar da gestão pública, em nível externo, em uma realidade macro, também surgiu a seguinte abordagem:

> A7 do Grupo Focal #5: "Você não precisa ser eleito para participar. É possível ter voz ativa, para isso basta aparecer lá. Existem várias votações de lei nas quais a população pode comparecer"[28].

Percebe-se, portanto que, a respeito da liberdade participativa em uma esfera social externa, houve também quem discordasse da inacessibilidade como critério bloqueador à participação estudantil. Interessante notar que uma parte dos membros relata ainda a acessibilidade em participar diretamente com os representantes políticos, acrescentando inclusive que é permitido para a população estar junto aos eleitos durante as votações de projetos de leis. Assim, delineia-se um caminho contrário àquele manifesto por alguns partícipes, na medida em que esses apontaram

---

opiniões nossos questionamentos... acho que é um/ um/ um::: um aspecto muito interessante da escola por que os alunos se sentem parte do:::/ da instituição literalmente"

[27] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #2: "– (olha) Eu:: SOU tesoureiro do centro acadêmico de TADS... e tipo::: a gente sempre teve contato direto com Arnóbio pra o que precisasse... sempre conversei diretamente com ele... tipo:: qualquer coisa que/ que a gente pudesse melhorar pro curso a gente conseguia..."

[28] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #5: "– Através da sua participação... por exemplo... você não precisa ser eleito pra ter participação pra ter:: é:: voz ativa... se você for a/aparecer lá tem:: várias/ várias votação de lei onde a população pode ir lá"

a descrença na política, além falta de acesso aos mesmos como também aos próprios gestores, como pontos de entrave à participação estudantil, de modo geral.

Porém, nesse contraponto específico sobre a classe política, o ponto de vista oposto foi assumido por uma minoria isolada, mesmo assim exprimindo uma diversidade de posições. Sobre a questão da falta de representatividade como fator de desmotivação à participação estudantil, a próxima intervenção sublinha o seguinte:

> A6 do Grupo Focal #2: "Representação estudantil tem o problema da ausência do grêmio. Eu estudo aqui há dois anos e desde essa época não existe grêmio. E por essa ausência da representação do grêmio, a gente vai à diretoria de artes ou então fala também com o diretor Arnóbio, que é nosso professor de educação física, mas não há seguimento a esse projeto do grupo de teatro, porque eles sempre orientam a gente procurar o grêmio, que estava desativado. Então, algumas coisas dão certo, mas outras têm esse empecilho"[29].

A partir do trecho acima, percebe-se que, se por um aspecto grande parte dos estudantes relatou, nos trechos expostos anteriormente, uma ausência de identidade e falta de representatividade com os movimentos estudantes tradicionais, por outro, há quem expresse a dificuldade existente em levar à frente suas demandas pela ausência de tais representações tradicionais. Isto é, embora haja uma descrença, por parte de uma parcela significativa, nas ações estudantis que envolvem os grupos de representação oficial dos alunos, existe, de acordo com alguns, o problema de não conseguir ser atendido, quando não respaldado por tais representações. Nesse sentido, para alguns partícipes, a formalização representativa dos alunos é importante para o alcance dos pleitos.

Embora a presença desses grupos esteja para muitos associada a partidos políticos, o que para grande parte desmotiva à participação, para outros, a falta dessas representações tradicionais também dificulta o processo participativo, na medida em que gera impasses sistemáticos para o alcance de demandas.

[29] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #2: "– ( ) Representação é:: estudantil tem o problema do grêmio (eu não sou caloura) eu estudo aqui há dois anos... mas desde o meu primeiro dia nessa escola que eu TENto ir ao grêmio pra reformar o grupo de teatro pra o teatro não ser só das aulas de artes cênicas... e há dois anos que não... tem grêmio... então eu não tenho nenhum jeito de conseguir isso por que a única instrução que me dão é:: "chame os seus amigos que também querem... eu tenho um pequeno grupo que também tá atrás disso... e vão no grêmio" e não tem grêmio... aí a gente vai ali na/ na diretoria de artes a gente fala com Arnóbio que é nosso professor de educação física... só que não tem como dá segmento a esse projeto por que não tem grêmio... então algumas coisas dão certo mas outras tem esse empecilho"

É preciso pontuar que uma parte significativa dos membros que alegaram ter livre acesso à gestão para a solução dos problemas são integrantes de representações formais como centros acadêmicos, ex-gestores de grêmio, lideranças estudantis de sala e também de representantes dos coletivos (grupos autônomos criados pelos próprios alunos). Dessa forma, pode-se perceber que, associado ao contexto de representação estudantil tradicional ou não, a representação organizada dos alunos enquanto grupo favorecem o alcance dos objetivos pleiteados pelos estudantes, ao passo que a falta de uma organização representativa dos estudantes, requisito que não é contrário à diversidade, pode vir a enfraquecer o sucesso das demandas no movimento participativo.

Nota-se, portanto, que, embora tenham sido relatados como fatores bloqueadores à participação estudantil, a falta de acessibilidade e a ausência de identificação são fatores associados a discordâncias e controvérsias, o que reforça a diversidade de olhares entre os grupos juvenis. É preciso também destacar que, a partir da análise feita, ainda que não tenha sido explicitamente citado como ponto de entrave à participação, a desestruturação dos alunos enquanto grupos organizados colabora também para a não participação, já que gera dificuldades no alcance das demandas, durante o processo participativo.

6.4 CULTURA DE REPRESSÃO: A HIERARQUIA QUE (IM)PÕE O MEDO

Dando continuidade a abordagem sobre os fatores de entrave, associado às temáticas anteriores, quando perguntados os aspectos que envolvem o protagonismo juvenil na escola, alguns membros citaram a relação aluno-professor como aspecto relevante:

> A3 do Grupo Focal #3: "Quando você pensa em protagonismo juvenil na escola, muitas vezes, apesar do contexto não fluir bem com o professor, ou seja, das expectativas em relação ao trabalho dele não serem atendidas como o cumprimento do programa da disciplina, por exemplo, o estudante, que deve cobrar essa melhora, não vai à coordenação ou à direção, porque tem receio de ser perseguido depois por esse professor"[30];

[30] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #3: "Acho também... aí quando vê assim 'o protagonismo juvenil na escola' aí o aluno já as vezes... tem muitas vezes... vê que a/ a coisa não tá fluindo com o professor mas as vezes tem/ tem::/ tem medo de/ de/ de chegar à coordenação ou então à direção e dizer 'olhe! Tal professor num tá atendendo a expectativa da gente... a gente tá vendo...' isso acontece muito com a gente lá... num tá atendendo a expectativa tal tal tal... num tá cumprindo o programa da disciplina disso... por que o aluno também tem que procurar isso e as vezes a gente tem medo de ser perseguido";

> A2 do Grupo Focal #1: "É importante que o aluno possa falar com o professor numa relação bilateral. Porém, às vezes, o aluno se sente oprimido pela postura de certos professores, em algumas ocasiões, acontece muito isso"[31];
>
> A2 do Grupo Focal #2: "Esse problema da retaliação dos professores acontece, pois a diretoria informa a ele que os alunos estão tentando tirá-lo. Como essa mudança não acontece, o professor passa a retaliar os estudantes"[32];
>
> A1 do Grupo Focal #2: "Existe o risco da exposição. Quando você coloca seu nome, acaba se expondo e então, sofrerá o risco da retaliação"[33];
>
> A7 do Grupo Focal #5: "A questão é que tem professor aqui que manda mais do que a administração. Penso que muitas vezes há professores que se impõe perante a gestão da escola. Certa vez fui reclamar do horário de chegada de um professor e ouvi a seguinte frase: "Com ele é diferente. A regral geral não se aplica"[34].

Percebe-se que, para parte dos estudantes, existe o medo de represália, nas relações hierárquicas dentro da escola, especialmente quando se trata da relação aluno-professor. De acordo com os depoimentos, alguns estudantes ficam receosos de que a exposição de seu posicionamento crítico negativo sobre a atuação do professor em sala de aula venha a prejudicá-los nas atividades acadêmicas, posteriormente.

Assim, em contrapartida à liberdade e acessibilidade relatada por uma parcela expressiva de alunos, no tocante à gestão do IFRN, alguns partícipes enfatizaram que não há uma relação participativa entre os estudantes e parte dos professores. É preciso acrescentar que a postura repressora, associada a uma parcela de docentes, foi relatada, por alguns estudantes e, de acordo com eles, especialmente no tocante a alguns professores que estão na Instituição há bastante tempo.

---

[31] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #1: "– É importante que o professor se sinta numa relação é::: bilateral tipo que ele possa falar no mesmo nível com o professor por que as vezes o aluno até se sente oprimido pela postura de certos professores... as vezes acontece muito isso"

[32] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #2 "– Esse problema da reta/ retaliação dos professores eles sabem que:: a diretoria informa que:: os alunos tentaram tirar ele... e como a gente não consegue tirar ele de jeito nenhum ele se mantem lá::... ele volta com retaliação contra os alunos"

[33] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #2: "– E aí é assim a/ a gente acaba correndo um risco sabe?... se coloca em seu nome você tá se expondo para o professor... você corre o risco de sofrer alguma consequência disso"

[34] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #5: " – A questão é que tem professor aqui que manda mais do que a administração... tem professores que se impõe perante a administração... muitas vezes eu acho que eu ouvi uma frase aqui que eu nunca vou me esquecer em relação a isso... é:: que a gente foi reclamar sobre um horário de chegada de um determinado professor... e o que a gente ouviu da direção é que:: "não. Com ele é diferente... com ele a regra geral não se encaixa"... Por que?"

6.5 CULTURA DA PASSIVIDADE E FALTA DE TEMPO: A ACOMODAÇÃO DOS INCOMODADOS

Para além das particularidades que permeiam a relação dos alunos com o professor, s, alguns partícipes expressaram, durante a sessão de grupo focal aspectos relacionados a características específicas de alguns alunos:

> A3 do Grupo Focal #3: "Eu acredito que algumas questões não progridem mais, por causa da passividade da gente. Nós não buscamos nos informar e nem perseguimos nossos objetivos, em vez disso, nos acomodamos em concordar com tudo, também pela falta de tempo. Creio que é um defeito nosso, tanta passividade"[35];
>
> A7 do Grupo Focal #4: "É porque somos preguiçosas"[36].

6.6 CULTURA DE DESMOBILIZAÇÃO: QUANDO A INÉRCIA DE MUITOS DESMOTIVA A MAIORIA

Sobre esta questão, percebe-se que a ausência de ânimo de muitos, por diversos fatores relatados como falta de tempo e acesso, comodismo, não identificação com os grupos organizados, entre outros, gera uma viralização do desânimo entre a maior parte dos estudantes. Essa falta de entusiasmo coletivo provoca uma cultura de desmobilização, uma espécie de apatia que contagia e desmotiva à participação da maior parte dos estudantes. Pode-se observar essa questão nas intervenções seguintes:

> A1 do Grupo Focal #3: "Também há a questão da dificuldade de mobilização das pessoas. Essa difícil tarefa de envolver as pessoas em volta desmotiva os que gostariam de fazer algo para mudar o contexto"[37];
>
> A9 do Grupo Focal #1: "Ontem teve um Gabinete Itinerante e poucos alunos foram. Muitos reclamam, mas nas oportunidades que existem, como no planejamento interno da Instituição, só vai uma minoria"[38].

---

[35] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #3: "Eu acredito que as coisas não acontecem mais lá assim por causa disso. Por essa:: como é que se chama? Por essa passividade da gente sabe? Então tudo a gente diz amém lá... tudo é:: ( ) se a gente achar que tá errado a gente num corre atrás por essa questão que eu falei de não ter tempo mesmo... que não ter tempo de correr de ler bem direitinho de se informar daquilo que tá acontecendo... eu acho que acredito que essa é um defeito nosso ser tão passivo"

[36] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #4: "– ( ) Por que somos preguiçosas"

[37] Transcrição linguística:
A1 do Grupo focal #3: "Também tem a questão de que tipo a::/ pra você conseguir mobilizar as pessoas/ as pessoas a sua volta é uma coisa muito difícil pra poder conseguir então isso acaba fazendo muitas pessoas desistirem de tentar fazer alguma coisa pra mudar"

[38] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #1: " – Ontem teve um Gabinete Itinerante e::/ acho que foi Gabinete Itinerante e poucos alunos foram... ( ) do pessoal em si tomar é:: querer participar por que tipo muitos reclamam mas tem as oportunidades como no planejamento
(Continua na página seguinte)

Não podendo tomar este tipo de reflexão como necessariamente representativas dos estudantes, eles enunciam, contudo, sinais de uma cultura de passividade que se perpetua entre alguns estudantes. Assim, alguns acomodam-se aos contextos que se instauram, com o tempo já rotineiramente preenchido com muitas atividades. Então, segundo uma parcela dos partícipes, a falta de tempo aliada a uma cultura de acomodação gera uma dificuldade de mobilização que, por sua vez, de acordo com os relatos, desestimula parte dos alunos que são mais participativos. Assim, a passividade, a falta de tempo e a dificuldade de mobilização tornam-se pontos de obstáculo à participação estudantil.

A partir dos relatos de alguns estudantes, nos grupos focais, é possível apontar a falta de identificação, representatividade, acessibilidade, tempo, estruturação enquanto grupo, além da existência de culturas de repressão, passividade e desmobilização como fatores que contribuem para desmotivar a participação estudantil. No entanto, apesar dos obstáculos citados por parte dos estudantes, uma parcela de alunos busca caminhos alternativos e constrói suas próprias modalidades de participação.

6.7 IDENTIFICAÇÃO E INSERÇÃO EM GRUPOS AUTÔNOMOS: UMA COMBINAÇÃO FAVORÁVEL

Nos grupos focais, quando a existência dos coletivos veio à tona como subtema em discussão, houve as seguintes expressões:

> A9 do Grupo Focal #5: "Eu acredito que estamos mais bem representados pelos coletivos, porque não temos comunicação direta com partidos"[39];
>
> A4 do Grupo Focal #5: "A visibilidade de um coletivo, assim como ele falou, é bem maior porque trata-se de um grupo aberto à comunidade. Diferente de um partido, que é fechado e, se alguém quiser participar, tem que buscar informações, no coletivo não precisa. Um exemplo disso é o coletivo que ele participa e coordena"[40].

---

interno da instituição e muitos alunos reclamam mas quando tem não aparecem "ah! Vai ter ( )" beleza uma minoria acaba indo e::"

[39] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #5: "Eu acredito que tá mais bem representado pelos coletivos ...pelos grupos por que num tem é muita::/ muita comunicação com o partido direto e tal ( )"

[40] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #5: "A visibilidade de um/ de um grupo coletivo assim como ele falou é bem maior por que:: você tá num grupo que:: é mais aberto à que você tá vivendo... um partido não... é mais aquilo fechado se você quer participar você tem que buscar saber o que é... e:: num pode chegar de qualquer forma e:: tentar entrar naquele grupo... já num coletivo não... a gente pode vê assim fazendo um/ um/ dando um exemplo no coletivo que ele participa/ coordena ( )"

Assim, percebe-se que alguns estudantes se sentem mais bem representados pelos coletivos dos quais fazem parte do que pelas modalidades tradicionais de participação. Esse sentimento vem da identificação que sentem para com o grupo, já que, através dos relatos, percebe-se contextos de informalidade, autonomia e acessibilidade. Esses sentimentos de descontração e receptividade favorecem à relação social de pertencimento entre alguns desses jovens e essas comunidades criadas por eles, e por isso mesmo, surge em uma parcela deles o desejo em participar. Pode-se perceber, portanto, que a inserção nos coletivos e a identificação com esses grupos são pontos que fomentam a participação de uma parcela dos jovens estudantes.

6.8 VONTADE: UM DESEJO POR FAZER PARTE

A identificação é um tópico que está atrelado a outra vertente que permeia às estórias de vida de algumas pessoas. Nesse aspecto, durante a realização dos grupos, registaram-se afirmações como estas:

> A3 do Grupo Focal #3: "Que cada um possa realmente participar daquilo que deseja. Daquilo que você acredita."[41];
>
> A1 do Grupo Focal #1: "O motivo para você querer participar é você. É muito de você querer participar. Você não precisa ser líder nem chegar com uma opinião formada a respeito daquilo, basta querer."[42].

Sobre o trecho acima, pode-se perceber que a vontade individual estimula a participar. Assim, pode-se dizer que o desejo ou a aspiração pessoal alavanca a participação. Ou seja, esse efeito de desejar fazer parte de algo é considerado um dos pontos chave que estimula o processo participativo.

6.9 PROBLEMÁTICA: QUANTO MAIS PRÓXIMA, MAIOR A SENSIBILIZAÇÃO

Atrelada à vontade individual em fazer parte e à identificação, existe a questão da proximidade com o problema em pauta, ou seja ele precisa fazer parte do cotidiano

[41] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #3: "... Que cada um possa participar daquilo que realmente almeja daquilo que deseja... daquilo que::/ que realmente você acredita naquele ideal... Quando eu acredito naquilo eu::/ eu vou"

[42] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #1: "– O motivo pra você participar é você querer é você ir e tá ali... você num precisa ser líder você num precisa nem chegar com uma opinião formada... você pode simplesmente chegar e ouvir o que aquelas pessoas tem a dizer e formar sua própria opinião a respeito daquilo. Eu acho que é muito::/ muito de você querer participar assim e::/"

dos estudantes para que provoque neles uma sensibilização maior e os motive a participar,como percebe-se nos trechos abaixo:

> A1 do Grupo Focal #2: "Um exemplo é o grupo do IFRN no *Facebook*. Quando começam a tratar sobre partidos políticos ou movimento estudantil, a participação é pequena. No entanto, certa vez, houve uma discussão a respeito da merenda na escola e então a participação foi bem maior, porque era um assunto que fazia parte do cotidiano de todo mundo. Ou seja, o movimento estudantil está presente, mas não é evidente no dia a dia como ocorre com a questão da alimentação, exatamente por isso, não é tão impactante quanto"[43];
>
> A3 do Grupo Focal #1: "Quando a gente convive com aquele problema ou há alguém próximo nosso que sofre por isso, é mais fácil lutar em busca de melhorias para procurar mudar a sociedade. Ou então reivindicar pelo menos o direito básico. Penso que se a gente vive essa realidade mais próxima do problema, se torna mais ativo no movimento"[44];
>
> A7 do Grupo Focal #2: "É como fossem as pessoas mexendo no assunto que é seu, né"[45];
>
> A6 do Grupo Focal #5: "Quando alguma coisa incomoda você pessoalmente, você vai querer buscar aquilo. Já me convidaram para participar de algo e eu não quis, porque aquilo não ia me afetar diretamente"[46];
>
> A2 do Grupo Focal #1: "Às vezes, a partir do momento que se percebe aquilo como problema, você também parte para agir"[47].

Dessa forma, vê-se que alguns estudantes consideram a vivência do problema como critério desencadeador da participação. Segundo parte dos partícipes, quando há alguém muito próximo que sofre em razão do problema ou em situações em que o

---

[43] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #2: "É....um exemplo disso é o grupo do IFRN... é::: quando começam a tratar de política partidos políticos é:: movimento estudantil a participação é pequena.. certa vez... teve um/ uma discussão é/ a respeito da merenda escolar e aí deu/ notou-se que era uma participação bem maior porque era uma coisa que você tava notável assim que todo mundo via... era uma coisa é:: presente no cotidiano de todo mundo... o movimento estudantil ele tá presente mas num/ não é tão evidente como é a merenda... se você mexeu na merenda todo mundo vai notar... agora se mexeu no movimento estudantil fez alguma coisa ou outra quantas pessoas vão notar? Porque num/num é tão impactante"

[44] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #1: "( ) Quando a gente convive com... falando de amizade... ou a gente sofre daquilo ( ) ou conhece alguém que sofra fica mais fácil de lutar de buscar melhoria de ser mais ativo... procurar mudar mesmo a sociedade. Ou reivindicar pelo menos o direito básico. Eu acho que se a gente vive nessa realidade mais próxima do problema a gente se torna mais ativo no movimento"

[45] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #2: "É como se fosse um... as pessoas mexendo no que é seu né?"

[46] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #5: "– É... se é uma coisa que lhe incomoda pessoalmente você vai querer buscar aquilo... é:: por que assim... eu já::/ já me convidaram pra participar de alguma coisa e eu não::... tipo eu não quis ir por que achei que aquilo não ia me afetar diretamente..."

[47] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #1: "Às vezes a partir do momento que você nota que aquilo é um problema você também parte pra agir"

contexto interfere no cotidiano da própria pessoa, torna-se mais motivante a participação e o engajamento com a causa em destaque. Ou seja, é a partir da inserção na realidade problemática que o sujeito social mais frequentemente se sensibiliza e passa a lutar pela mudança, na esperança de conquistar uma transformação social. Assim, como relatado por Castells (2013b), é a indignação vivenciada pela pessoa ou por alguém próximo a ela que o estimula mais intensamente a participar. Percebe-se, então, nos trechos acima que, quanto mais próximas da realidade problemática estiverem algumas pessoas, mais facilmente elas se inserem em processos participativos.

6.10 EFEITO VIRAL: A UNIÃO DE MUITOS

No decorrer das conversações, parte dos membros dos grupos focais fez referência ao efeito viral, como uma espécie de ímpeto participativo que contagia uns aos outros, mobilizando muitos também a participar, como segue abaixo:

> A6 do Grupo Focal #4: "Quando há uma percepção de que todas as pessoas estão se unindo em torno de uma causa boa, você também se entusiasma"[48];
>
> A2 do Grupo Focal #3: "Creio que se há alguém que estimula, dissemina esse entusiasmo entre todas as pessoas amigas. Um exemplo disso é que nunca havia me interessado por jogos internos, mas uma amiga que sempre trabalhou com isso me incentivou e agora eu me sinto motivada em colaborar"[49];
>
> A3 do Grupo Focal #4: "Até quem não tem interesse quando percebe que todos estão participando, você pensa: "ah, quero ir também", então sente-se motivado a fazer o mesmo, o que acaba por acontecer"[50].

A partir dos relatos acima, percebe-se que, para alguns, o envolvimento em conjunto é um fomentador da participação. Isto é, a união de alguns gera um entusiasmo que se torna progressivamente contagiante, dando-se então um efeito viral entre as pessoas.

---

[48] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #4: "E também por que você vê todo aquele povo se unindo pra fazer algo que vai para o bem que você se empolga com isso"

[49] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #3: "Creio que se há alguém que estimula, dissemina esse entusiasmo entre todas as pessoas amigas. Um exemplo disso é que nunca havia me interessado por jogos internos, mas uma amiga que sempre trabalhou com isso me incentivou e agora eu me sinto motivada em colaborar. Mas assim eu acho que tipo se você tem uma partícula já que incentiva já contagia o resto sabe? Por exemplo um exemplo bem besta mas que eu acho que é válido... eu nunca me interessei por organização dos jogos internos NUNCA... eu nunca achei que fosse algo do meu interesse aí eu conheci uma menina fiquei amiga de uma menina que SEMPRE trabalhou organizando os jogos internos e ela me incentivou e agora eu realmente me sinto com vontade de ajudar"

[50] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #4: "– Também quem não tá interessado vê todo mundo e ("ah... eu quero também)... também acaba (indo)"

Em outras palavras, é relevante ressaltar que parte dos estudantes é influenciada pelos seus pares e esse engajamento coletivo conduz outros jovens a tornarem-se sujeitos participativos.

6.11 CIDADANIA: UM BEM QUE FAZ BEM

No tocante aos contextos motivacionais relativos à participação, alguns estudantes trouxeram para os grupos as circunstâncias do exercício da cidadania:

> A4 do Grupo Focal #2: "Buscar trocar um professor problemático para tentar melhorar o ensino demonstra preocupação com os outros, na medida em que geralmente não se consegue essa mudança para a sua própria turma. Esse tipo de impasse demora a ser solucionado, então sua atitude também expressa um agir em benefício dos demais e essa postura já é o ideal"[51];
>
> A3 do Grupo Focal #2: "A maior verdade é que você acaba se sentindo bem em fazer o bem para outras pessoas. Isso traz um sentimento de gratificação para nós mesmos"[52];
>
> A7 do Grupo Focal #4: "E depois então você se sente muito melhor"[53];

Segundo uma parcela dos alunos, um fator desencadeador da participação estudantil é a própria atitude de fazer o bem. Isto é, a participação cidadã por si só também se torna um aspecto estimulante, já que o ato de colaborar com o bem social traz uma sensação de satisfação que retroalimenta o processo. Ou seja, realizar uma boa ação fomenta a realização pessoal e o sentido de dever cumprido daquele que participou, o que, por sua vez, motiva a dar continuidade às ações participativas.

Assim, a cidadania funciona como catalisadora dela mesma, na medida em que produz no cidadão uma gratificação por contribuir para o desenvolvimento social. Nesse contexto, o exercício da cidadania é concretizado a partir da ação comunicativa e da elaboração de propostas para mudança. Essas atitudes, segundo alguns alunos,

---

[51] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #2: "Eu acho que essa busca de ir lá e tentar trocar o professor e tentar melhorar alguma coisa geralmente ( ) o fato de demonstrar preocupação com o outro por que geralmente você num vai mudar o professor pra sua turma... você resolve essas coisas demoram... você resolve pra/ pros que tão vindo depois... então... já é um::/ um::/ uma forma de/ que demonstra que há uma preocupação com o outro... ( ) já é o ideal"

[52] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #2: "É:: e é a maior verdade... você acaba se sentindo bem:: de fazer o bem pra/ pra outras pessoas"

[53] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #4: "E depois desses aspectos cê se sente muito melhor".

trazem sentimentos bons, ainda que a mudança do contexto não venha em tempo de beneficiá-los diretamente.

6.12 RESPONSABILIDADE SOCIAL: UM COMPROMISSO COLETIVO

O bem-estar comum, associado por alguns a uma sensação de gratificação quando promovido por eles, relaciona-se também a outros temas que surgiram no decorrer das conversações grupais, entre os quais, o da responsabilidade social:

> A9 do Grupo Focal #1: "A partir do momento em que você observa uma necessidade e começa a debater a respeito, se torna responsável por repassar essa ideia'[54];
>
> A9 do Grupo Focal #1: "Se eu observo que estamos precisando de algo e guardo isso para mim, não terá finalidade alguma"[55];
>
> A7 do Grupo Focal #1: "Se EU tenho conhecimento sobre um problema local, cabe a mim, e a quem mais souber desse assunto, disseminar essa questão para os outros que não possuem essa informação. É a responsabilidade de quem tem mais acesso ao conhecimento"[56].

Como pode-se perceber, a partir dos trechos expostos, uma parcela dos partícipes considera um dever social o compartilhamento de informações importantes para a coletividade. Nesse aspecto, a responsabilidade social do potencial partícipe, através da comunicação de ideias e dados sobre questões de interesse comum, é relatada como essencial no processo. Ou seja, segundo alguns relatos, há uma obrigação moral em comunicar determinados conteúdos e essa responsabilidade motiva-os a participar.

[54] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #1: "Partir do momento que você observa uma necessidade que começa a debater sobre aquilo... você se torna responsável em repassar é:: essa ideia"

[55] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #1: "Como:: já foi dito se eu observo que:: estamos necessitando disso... mas eu guardo pra mim então não vai servir de nada"

[56] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #1: "Aí EU tenho conhecimento de um problema mais local aqui... cabe a quem eu e a outros que também tiverem conhecimento do problema mais local a chegar pros outros que não tem e sair disseminando... é a responsabilidade de quem tem um pouco mais de conhecimento..."

6.13 A PARTICIPAÇÃO E O USO DAS FERRAMENTAS NO *FACEBOOK*: MODALIDADES E SIGNIFICADOS DIFERENTES

A participação comunicativa, adquiriu, através da revolução tecnológica, recursos potencializadores, particularmente no presente século, com as plataformas digitais e com as redes sociais. Assim, os encontros e discussões estudantis, que necessitavam da presença física e simultânea, em vários contextos participativos, ganharam novas possibilidades. Atualmente, uma parcela significativa de estudantes utiliza as ferramentas enquanto modalidades participativas de conversação. Esses recursos permitem diferentes modalidades de interação.

Durante as conversações dos grupos focais, o tema veio à tona e, com ele, a capacidade de repercussão que pode ser gerada através do *Facebook*:

> A2 do Grupo Focal #2: "Quando a gente fala para cinco pessoas 'a comida tá ruim', o conteúdo permanece localizado naquele contexto. Porém, quando você expõe no *Facebook*, pessoas do mundo todo visualizam e passam a pensar sobrer aquela idea. Então, assim, o movimento amplia"[57];
>
> A4 do Grupo Focal #1: "Por exemplo, movimentos sociais pequenos como o 'Salve o Parque das Dunas', que foi uma mobilização para salvar a reserva ambiental de nossa cidade, começou pequeno e depois alcançou a esfera macro. A população, de modo geral, cita muito o movimento 'Revolta do Busão', que foi a mobilização contra o aumento das passagens de ônibus (autocarro), começou com poucos e de repente transformou-se em um movimento de 100 mil porque iniciou uma discussão no *Facebook"*[58].

Durante as conversações, como visto anteriormente, um dos fatores citados como motivadores da participação foi o senso de responsabilidade social. Também através do uso do *Facebook*, alguns alunos destacaram a relevância de compartilhar conteúdos de interesse comum. Segundo esses partícipes, a troca de experiências potencializa a participação e gera um efeito multiplicador, o que permite o crescimento do movimento.

---

[57] Transcrição linguística:
A2 do Grupo focal #2: "A gente fica falando 'ah a comida tá ruim', 'a comida tá ruim' passa por cinco pessoas aí aquelas cinco pessoas se mantém lá... mas quando você coloca no *Facebook*... todo mundo vê... todo mundo se põe a pensar naquilo e tal (amplia mais o movimento)"

[58] Transcrição linguística:
A4 do Grupo focal #1: "Você já começa a estimular a pessoa a começar um pouquinho mais no macro. Esses pequenos movimentos sociais por exemplo um 'salve o Parque das Dunas' ele começou tão pequenininho e só o ato de discutir discutindo discutindo ele já aumentou... tá uma coisa macro. A:: o que o pessoal cita muito hoje com 'Revolta do Busão' começou pequenininho... então uma duas pessoas se reuniram começou a discutir virou quatro virou oito virou dez... cem... mil... pessoas pelo ato de um dois começarem a discussão. Um micro acaba virando macro por que você ali iniciou"

Esse compartilhamento de informações, quando realizado por intermédio de uma mídia social, como o *Facebook*, adquire uma intensidade viral muito maior e assim repercute socialmente, contribuindo para colocar em destaque a causa em questão. Assim, motivados pelo senso de responsabilidade social, os atores envolvidos compartilham conteúdos, gerando um efeito multiplicador. Esse movimento é ainda mais potencializado quando encontra no seu desenvolvimento outros atores que se sensibilizam com a causa, seja por se sentirem afetados pelo mesmo problema seja por conhecerem outros afetados por aquela realidade (relação proximal com a problemática). Dentro desse contexto, para além da relação proximal com a problemática, o engajamento de amigos também é um aspecto que colabora com essa viralidade que, dentro dessa mídia social se encontra geralmente favorecida.

No que concerne à instauração de processos participativos na mídia social *Facebook* e a partir dela, alguns estudantes exprimiram as suas impressões sobre a relevância da plataforma e do uso das ferramentas. Entre os aspectos enfatizados, ponderaram que há uma preocupação com a imagem, na medida em que todos, em menor ou maior intensidade somente desejam mostrar publicamente o melhor lado de si e expor apenas valores positivos. Essa apresentação do eu diante dos outros e os riscos que a envolvem, que Goffman (1993) havia proposto e que uma autora como Recuero (2014) aplicou ao caso do *Facebook* adquire no novo contexto uma acuidade muito especial. Eis alguns exemplos disso mesmo: Veja os relatos:

> A7 do Grupo Focal #2: "No *Facebook* todo mundo é feliz, ninguém é triste"[59];
>
> A1 do Grupo Focal #2: "Todo mundo é sempre perfeito no *Facebook*, sempre felizes. Estão nos lugares legais com fotos bonitas. Mas que não são as pessoas da vida real, só pessoas digitais. Há muitas pessoas que fazem questão de dizer que estão em determinado local ou com uma pessoa específica, porque é chique"[60].

Percebe-se que, para alguns, há uma espécie de representação estratégica da realidade, no *Facebook*, que não traduz fielmente, antes encena, os acontecimentos da vida. Prevalecem interesses outros que permeiam a participação na plataforma. Sobre

[59] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #2: "No *Facebook* todo mundo é feliz ninguém é triste"

[60] Transcrição linguística:
A1 do Grupo Focal #2: "Todo mundo é sempre perfeito no *Facebook*, sempre felizes. Estão nos lugares legais com fotos bonitas. Mas que não são as pessoas da vida real, só pessoas digitais. Tem muitas pessoas que fazem questão de dizer que está em tal lugar por que é chique ou se estar com tal pessoa porque é importante"

esse assunto, parte dos estudantes entende que a realidade no *Facebook* não reflete a vida como ela é, ao passo que outros têm uma visão mitigada da matéria, concordando em parte e acrescentando outras perspectivas ao contexto:

> A7 do Grupo Focal #5: "O mundo virtual é extensão do mundo real, um espelho do que as pessoas fazem. E tem aquelas pessoas que se escondem por trás de máscaras também."[61];
>
> A3 do Grupo Focal #5: "A grande diferença é que você pode expor uma ideia para o resto do mundo."[62].

A partir destes casos, nota-se que parte dos alunos enxerga na realidade *online* uma extensão e um reflexo da vida *offline*, ou seja, como referendado por Castells (2013b), não há assim dois mundos paralelos e sim um híbrido, unificado. Interessante ressaltar que, nesses mesmos relatos, houve ainda a percepção de que parte das participações no *Facebook* é resultado de um uso estratégico de "máscaras" em que os partícipes expõem para os demais apenas o conteúdo que consideram o melhor de si. Tal como Goffman (1993) tinha salientado, as pessoas agem, na relação social com os outros no cotidiano, de maneira a apresentar diante dos demais uma boa exposição de sua face, evitando os aspectos que possam denegrir essa imagem social. Outro aspecto destacado nos discursos é a capacidade de repercussão dos conteúdos públicos e o empoderamento a tal processo associado, um tema caro a um autor como Jenkins (2012), como visto na primeira parte deste estudo.

É pertinente observar que, embora possa parecer contraditória para alguns, em um olhar mais apressado, a visão do mundo *online* como reflexo e extensão do *offline*, segundo Castells (2013b), na realidade, tal visão reforça a ideia da existência de máscaras na apresentação das pessoas diante das outras. Ou seja, na vida dita real também há estratégias de apresentação que fazem parte das interações que dão vida às relações sociais. Assim, esses dois conceitos não são mutuamente exclusivos e sim

[61] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #5: "– O mundo virtual nada mais é do que a extensão do mundo real das pessoas eu acho que é simplesmente um espelho do que elas fazem... por exemplo se você cria um/ tem vários amigos que gostam de falar sobre determinado assunto na rede social vai falar sobre esse determinado assunto e tudo bem... Ah! E tem aquelas pessoas que se escondem se mascaram atrás dela mas aí já seria uma coisa a parte né? mas em relação a sociedade"

[62] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #5: "– A grande diferença é que você pode expor uma ideia que você::... sem ela/ sem internet você iria expor apenas pros amigos cê vai poder expor pro resto do mundo todinho"

complementares, na medida em que há na plataforma, como na vida social fora do *Facebook*, estratégias e riscos na exposição do *self* perante os demais.

Essas participações planejadas não tornam o ambiente menos real por isso, já que, além de refletir o comportamento das pessoas em sociedade, o processo interativo não está sob controle de um ou de outro. Isto é, ainda que o partícipe objetive gerar determinado tipo de reação positiva sobre a construção de sua imagem social, não há garantias de que fluxo participativo seguirá conforme pretendido pelo interlocutor. Isso acontece porque a participação comunicativa transforma-se continuamente, à medida que novas interações, interpretações e repercussões ocorrem durante o processo.

A participação dos sujeitos, nesse sentido, envolve então riscos potencializados, quando se leva em conta que a relação social que existe entre os atores está em um processo participativo comunicacional público. É bom enfatizar que os partícipes, em maior ou menor escala, desejam construir socialmente uma boa representação de si.

Na interação conversacional, portanto, a participação cidadã reflete também uma busca por se tornar alguém percebido pelos demais mediante a lente pública de uma imagem positiva, ou seja, um sujeito que luta por melhores condições de vida para todos. Nesse sentido, a exposição social pode favorecer a representação do sujeito como exemplo de cidadania, que participa e deseja o bem-estar social daqueles que integram a comunidade.

A participação estudantil, seja ela referente a assuntos comunitários ou não, pode ser exercida, no *Facebook*, através de várias ferramentas, e o uso delas se diversifica, embora ocorra uma certa padronização, de acordo com as motivações, intencionalidades e recursos de cada sujeito. Assim, as impressões de cada um e os fatores condicionantes da utilização dos recursos Curtir, Compartilhar, Comentar e Publicar são multifacetados.

6.14 CURTIR: A MAIS USADA E MENOS EXPRESSIVA DAS FERRAMENTAS

Sobre a ferramenta Curtir, muito embora haja divergência, de forma geral, uma parcela de estudantes relatou uma certa banalização no uso da modalidade,

manifestando inclusive que muitas vezes a utilizam de forma automática, sem sequer verificar o conteúdo que estão curtindo.

> A3 do Grupo Focal #2: "Curtir é a ferramenta mais banal do *Facebook*. A pessoa dá uma breve olhada, percebe uma foto e curte."[63];
>
> A9 do Grupo Focal #3: "Para alguns usuários, o objetivo de estar no *Facebook* é receber curtidas."[64];
>
> A5 do Grupo Focal #3: "Para alguns usuários, o *Facebook* serve para aumentar o ego das pessoas."[65];
>
> A6 do Grupo Focal #4: "Eu curto praticamente tudo o que vejo pela frente, de maneira automática, por isso às vezes sequer percebo do que se trata. Só não curto, se for algo muito absurdo. Faço isso, na expectativa de que as pessoas curtam as minhas publicações também."[66];
>
> A8 do Grupo Focal #4: "Quando são fotos dos meus amigos, eu simplesmente curto, muitas vezes nem vi, mas curto pela amizade mesmo."[67].

A utilização desse tipo de recurso surge aqui tomada como forma de manifestar gentileza com as pessoas da rede social ou mesmo associada à intenção de obter reciprocidade do amigo, para assim conseguir mais popularidade na plataforma. Em outras palavras, já que se trata da prática participativa mais frequente no *Facebook*, a utilização banal ou sem expressão pode significar uma perspectiva de que a força da participação massiva na plataforma deve ser vista com mais cautela, longe da intensidade que aparenta socialmente. Assim, a ferramenta, seria, acima de tudo, um instrumento de sociabilidade e não necessariamente de expressão reflexiva do sujeito que a utiliza.

No decorrer das conversações, houve estudantes que discordaram:

---

[63] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #2: "O curtir é a coisa mais fútil do *Facebook*. Você passa e vê uma foto de uma pessoa e curte..."

[64] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #3: "O objetivo do *Facebook* para algumas pessoas é receber curtidas"

[65] Transcrição linguística:
A5 do Grupo Focal #3: "Aumentar o ego das pessoas"

[66] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #4: "Curtir eu curto praticamente tudo que eu vejo pela frente, as vezes, nem vejo o que tem. Só não curto quando é uma coisa muito absurda. Curto na espera da troca, de que os que receberam a curtida também vão curtir minhas coisas também"

[67] Transcrição linguística:
A8 do Grupo Focal #4: "Quando é uma foto de algum amigo meu eu vou lá e CURTO, nem vi a foto mas eu já curto"

> A5 do Grupo Focal #1: "Eu curto o conteúdo que entendo e concordo. Curto o que eu gosto e compreendo. Curtir também significa apoiar."[68];
>
> A5 do Grupo Focal #4: "Eu utilizo a ferramenta Curtir quando eu gosto de algo."[69];
>
> A4 do Grupo Focal #4: "No *Facebook*, eu curto tudo o que eu gosto."[70].

Assim, alguns alunos afirmaram que o uso da ferramenta se dá como ato reflexo de uma leitura, compreensão e concordância com o conteúdo exposto. Nesse sentido, o Curtir seria uma ferramenta expressiva de que se gostou ou apoiou o conteúdo apresentado por outro interlocutor. Nesse contexto, Recuero (2014) afirma que o botão Curtir é uma ferramenta que possibilita ao ator a legitimação da "face", no sentido proposto por Goffman (1993), e o apoio ao conteúdo divulgado pelo outro.

Porém, houve ainda quem tivesse uma visão mais radical, em relação a essas duas perspectivas anteriores, a respeito dessa mesma ferramenta:

> A2 do Grupo Focal #3: "Eu acho que a ferramenta Curtir não expressa nada, por isso odeio esse recurso."[71].

Como vê-se, no trecho em destaque, há quem considere o recurso em questão como um mecanismo vazio de significado e, por isso mesmo, que não expressa conteúdo algum, portanto, sem finalidade para uso.

Discordâncias à parte, o "Curtir" é uma ferramenta muito utilizada, porém o seu peso participativo é menor, porque o uso dela é pouco autoral, com menos exposição e por isso mais difícil de ser mensurado, do ponto de vista do contributo valorativo à conversação.

Como visto no material publicado no *Facebook*, analisado no capítulo anterior, a ferramenta Curtir é a prática mais frequente na plataforma. O significado do seu uso é controverso, exatamente por tratar-se de uma modalidade participativa em que pouco

---

[68] Transcrição linguística:
A5 do Grupo Focal #1: "Eu curto o que eu concordo e que eu entendo. Aquilo que eu compreendi, que eu gostei, então eu curti"

[69] Transcrição linguística:
A5 do Grupo Focal #4: "Curtir eu uso quando eu gosto de alguma coisa"

[70] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #4: "No *Facebook*, eu curto tudo que eu gosto"

[71] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #3: "Curtir eu acho um lixo! Eu odeio essa ferramenta. Por que ela não expressa nada"

se percebe a respeito dos seus interlocutores. Por isso mesmo, ela envolve menos riscos à face.

6.15 COMPARTILHAR: UMA PARTILHA QUE VIRALIZA

Sobre a ferramenta "Compartilhar", alguns alunos dos grupos focais destacaram como principal característica a relevância do conteúdo:

> A3 do Grupo Focal #1: "Antigamente, eu compartilhava conteúdos sem relevância. Porém, hoje eu costumo olhar, ler e refletir a respeito, para decidir se merece ou não ser compartilhado. Procuro pensar se vai mudar a vida de alguém ou se ajudará a sociedade, caso contrário, prefiro não compartilhar."[72];
>
> A3 do Grupo Focal #5: "Geralmente uso Compartilhar para partilhar informações."[73];
>
> A5 do Grupo Focal #5: "Compartilhar eu uso quando creio que o conteúdo é de interesse público, portanto todos devem ficar sabendo."[74];
>
> A7 do Grupo Focal #4: "O Compartilhar eu uso quando são assuntos relevantes e que as pessoas, por isso, devem tomar conhecimento."[75].

Dessa forma percebe-se que, para muitos, a função Compartilhar está associada a uma partilha de informações consideradas importantes e úteis para a coletividade. Nesse sentido, essa modalidade participativa seria uma espécie de prestação de serviço, isto é, uma forma de disseminar uma ideia. Em outras palavras, de maneira geral, algumas pessoas compartilham aquele conteúdo que consideram relevante para os amigos de sua rede social. Então, pode-se afirmar que a ferramenta Compartilhar dialoga com o fator condicionante citado anteriormente como responsabilidade social, na medida em que o usuário se sente motivado a divulgar determinado conteúdo para os demais, cumprindo assim seu dever de informar aos demais dados relevantes para o interesse comum. Uma outra perspectiva foi trazida à tona, nos grupos focais, a respeito do recurso "Compartilhar":

---

[72] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #1: "Antigamente eu via altas besteiras, ia e compartilhava. Hoje eu olho, leio e me pergunto será que vale a pena compartilhar? Será que vai mudar alguém? Será que vai ajudar a pessoa na sociedade? Senão deixo lá quietinho"

[73] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #5: "Cada um tem sua função né? Geralmente uso compartilhar para compartilhar informação"

[74] Transcrição linguística:
A5 do Grupo Focal #5: "Compartilhar é quando eu acho que aquilo é de interesse público - assim todo mundo vai ficar sabendo"

[75] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #4: "O compartilhar eu uso para coisas importantes que as outras pessoas devem ficar sabendo"

> A5 do Grupo Focal #1: "Compartilhar é algo que alguém escreve e que publicaria, sem receio algum, consciente de que aquele conteúdo estará disponível para todos visualizarem. Ou seja, não vou compartilhar algo que eu gostaria de esconder. É preciso sempre lembrar que na minha rede social há pessoas importantes que vão ver como meu chefe, meu filho, minha irmã ou minha mãe."[76].

Embora, de maneira geral, menos autoral que as ferramentas "Comentar" e "Publicar", o recurso "Compartilhar" faz com que os usuários também se preocupem com os riscos trazidos à face, conceito goffmaniano associado à relação social, que depende do teor do conteúdo que compartilham. Esse receio acontece, pois, o compartilhamento de algo pressupõe que o usuário considera aquela mensagem relevante para a coletividade. Ou seja, na medida em que a pessoa compartilha algo, ela comunica aos seus amigos que considera aquele conteúdo, apoia alguma ideia, concorda de determinada perspectiva, lança uma campanha, entre outras possibilidades. Esse posicionamento, assumido através do compartilhamento, pode associar-se então a riscos à face, já que expressa direcionamentos ideológicos e características do perfil de quem compartilha.

Pode-se concluir então que a ferramenta "Compartilhar" está diretamente relacionada à utilidade pública, ao interesse coletivo e à relevância do assunto em pauta. Recuero (2014) enfatiza que o compartilhamento diz respeito a um tipo de participação que pode se considerar relevante para a rede social em questão. A sua utilização, no que reforça a autora, também implica na legitimação e apoio à "face", pois colabora com a reputação do compartilhado e reconhece o valor da informação originalmente difundida. Então, esse compartilhamento também se encontra condicionado por critérios específicos como identificação com o conteúdo, riscos de exposição, preocupação com as relações interpessoais, como percebe-se em alguns relatos dos grupos focais.

No material exposto no grupo do IFRN, no *Facebook*, e analisado no capítulo anterior, a ferramenta Compartilhar foi utilizada para o lançamento da campanha "Keep Calm, a Merenda é nossa". A título de exemplificação, nesse caso específico, o

[76] Transcrição linguística:
A5 do Grupo Focal #1: "Compartilhar é algo que alguém escrever e que eu também diria sem problema nenhum tendo consciência que aquilo ali tá no público disponível para todo mundo ver. Se há alguma coisa que eu quero esconder eu vou ou selecionar ou eu não vou compartilhar. Tem que ter sempre aquela lembrança de que meu chefe pode ver, meu filho pode ver, minha irmã, minha mãe"

uso desse recurso expressa para os demais do grupo características que ajudam a construir o perfil de quem postou: engajamento, liderança, iniciativa, criatividade, entre outras possíveis. Para além dessa construção social de imagem, a ferramenta foi utilizada para promover o lançamento da campanha voltada a melhorias na cantina do Campus Natal Central, expondo assim, para a comunidade, o trabalho desenvolvido pelo Coletivo Ambientalista, propositor da iniciativa. Ou seja, há na prática a prestação de um serviço para a coletividade, na medida em que o partícipe utiliza o recurso "Compartilhar" para divulgar conteúdo que considera útil e relevante para os usuários de sua rede social, no caso específico, o grupo do IFRN no *Facebook*.

Nessa construção, a função "Compartilhar" também ajudou a promover a boa apresentação da "face" do coletivo ambientalista que está à frente da campanha divulgada, na medida em que gera valores positivos de iniciativa, liderança e cidadania. Vê-se, portanto que, de maneira geral, uma das principais funções da ferramenta "Compartilhar" é a de multiplicar as formas de presença e visibilidade de uma determinada ideia, apoiando-a. Porém, houve uma minoria isolada que manifestou uma abordagem diferente, trazendo o conceito de que o recurso Compartilhar também é usado quando se repudia ou critica um conteúdo partilhado, desde que haja um comentário no compartilhamento, explicitando a visão negativa sobre a mensagem:

> A2 do Grupo Focal #1: "...eu vou colocar um comentário no *link* explicando por que o que é que tem de diferente, o que é que eu achei desprezível naquilo..."[77].

De forma geral, afirma Recuero (2014), o compartilhamento de mensagem é mais utilizado para reforçar alguma mensagem do que para críticas. Embora raro, é possível então perceber o uso da ferramenta para compartilhar um conteúdo, por exemplo, e realizar críticas negativas a respeito dele. Assim, ocorre, por vezes, a utilização do compartilhamento para refutar algo, manifestando repúdio ao *link*. No entanto, de forma geral, a ferramenta "Compartilhar" é usada expressar apoio ao conteúdo do *link*. Alguns estudantes enfatizaram uma característica bastante marcante da ferramenta "Compartilhar":

[77] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #1: "...Eu vou colocar um comentário no *link* explicando por que o que é que tem de diferente o que é que eu achei desprezível o que é que eu achei admirável naquilo..."

> A6 do Grupo Focal #5: "Como o próprio nome sugere, Compartilhar serve para partilhar aquela ideia que está exposta ali. Assim, o objetivo é repassar para amigos dos seus amigos, chegando até pessoas que nem se conhecem."[78].

É interessante perceber o efeito multiplicador da ferramenta "Compartilhar". Como expresso acima, a partilha de determinado conteúdo pode viralizar e ultrapassar a barreira da própria rede social do partícipe, comunicando assim aquele conteúdo a outras pessoas que nem mesmo conhecem aquele que iniciou o compartilhamento. Por isso mesmo, o uso dessa ferramenta está frequentemente vinculado à utilidade pública e prestação de serviço à coletividade. Assim, nota-se que a principal função do recurso é repercutir e multiplicar a divulgação de um conteúdo publicamente, seja positivamente ou não.

Então, a mesma noção de responsabilidade social que estimula os atores a participar de situações coletivas também pode influenciar os usuários para a utilização da ferramenta "Compartilhar", na medida em que este recurso está inserido também no contexto de viralização de uma ideia ou de um conteúdo que o partícipe considera relevante informar para a sociedade.

6.16 COMENTAR: MUITO ALÉM DO DISSE-ME-DISSE

A respeito da utilização da ferramenta "Comentar", alguns estudantes relataram as seguintes perspectivas:

> A2 do Grupo Focal #1: "Comento quando é para ajudar alguém, adicionando algum conteúdo à discussão. É interessante comentar"[79];
>
> A7 do Grupo Focal #5: "Comento quando desejo apoiar alguma ideia, para expressar a minha opinião sobre determinado assunto"[80].

No tocante ao uso da ferramenta "Comentar", alguns estudantes afirmaram que costumam comentar quando o conteúdo vai agregar valor à discussão e assim

[78] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #5: "Até como o próprio nome sugere compartilhar aquela ideia que tá exposta ali... por que:: tipo você vê aquela ideia no *facebook* de um amigo seu e outro amigo seu não é amigo daquela pessoa e você as vezes quer compartilhar com ela você tem a opção compartilhar"

[79] Transcrição linguística:
A2 do Grupo Focal #1: "Quando você vai ajudar uma pessoa, adiciona alguma coisa à discussão. É interessante comentar também"

[80] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #5: "Comento quando eu quero apoiar alguma ideia, quando quero expressar minha opinião sobre aquele determinado tópico"

contribuir com o grupo em questão. O comentário, na opinião de alguns, pode servir de apoio e repercussão para alguma ideia exposta e, também expressar uma opinião sobre algum assunto que esteja em foco.

No entanto, houve alguns alunos que remeteram a ferramenta "Comentar" a um significado distinto:

> A4 do Grupo Focal #4: "Comento somente fotos de amigos ou do grupo que eu gosto"[81];
>
> A6 do Grupo Focal #4: "Comento com o objetivo de dar audiência às publicações de meus amigos"[82];

Como vê-se, nos relatos de alguns alunos, uma variedade citada foi a utilização do recurso "Comentar" para prestigiar um amigo, seja comentando sobre fotos ou então a respeito de uma publicação de alguém por quem se tem apreço, de forma a manifestar apoio ao conteúdo de autoria dessa pessoa.

Uma outra modalidade de utilização da mesma ferramenta surgiu, durante a realização dos grupos focais:

> A9 do Grupo Focal #1: "Eu utilizo a ferramenta Comentar para a divulgação de eventos"[83].

Nesse caso, o comentário foi citado como mecanismo participativo para promoção de festas ou eventos. Isto é, apesar de surgir na conversação supostamente na condição de um conteúdo a mais sobre o tema da deliberação, por vezes, o recurso é utilizado com o objetivo de promover festas ou eventos entre os partícipes do processo. Isto pode se configurar como impertinência na utilização do espaço compartilhado com os demais atores.

Outros aspectos, sobre a ferramenta Comentar, surgiram, no decorrer das conversações:

---

[81] Transcrição linguística:
A4 do Grupo Focal #4: "Comento só nas fotos de amigos (rosto de perfil) ou fotos de grupo que eu gosto"

[82] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #4: "Comento coisas só dos meus amigos que é para dar IBOPE pra eles"

[83] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #1: "Uso o Comentar também para divulgar ações e eventos"

> A5 do Grupo Focal #4: "Comento apenas quando trata-se de algo muito absurdo. Porém, se inicia uma discussão sobre isso, então eu paro de comentar."[84];
>
> A3 do Grupo Focal #2: "Quando vou fazer um comentário em alguma foto, penso bastante antes de decidir, pois o *Facebook* passa a me notificar sempre que outra pessoa faz um novo comentário."[85].

Sobre a participação através da modalidade comentário, pode-se perceber então que, para além dos fatores que motivam e das intencionalidades que perfazem a utilização do recurso, há também os condicionantes que podem bloquear o uso da ferramenta. Como trata-se de uma exposição geralmente mais autoral e em destaque do que as ferramentas "Compartilhar" e "Curtir", alguns estudantes expressaram cautela e às vezes receio de tomar parte da conversação, já que há risco de haver polêmica e conflitos no grupo. Além da alta exposição, outro fator de entrave citado acima foi o recurso das notificações que o *Facebook* dispara continuamente sempre que outro membro participa da conversação em que o ator fez o comentário.

Em outras palavras, por tratar-se de um recurso que expõe bastante do partícipe e que exige dele ainda tempo, dedicação e elaboração de conteúdo, é mais fácil haver resistência a seu uso. A utilização desse recurso, por ser mais pessoal, impõe mais riscos à face do usuário e pode ser percecionada como negativa para a apresentação de alguém perante os demais, na medida em que uma repercussão negativa ou uma interpretação equivocada do comentário em questão venha a acontecer.

6.17 PUBLICAR: O COMEÇO DO PROCESSO CONVERSACIONAL

Como visto anteriormente, esta é a ferramenta mais nobre de participação no *Facebook*, já que exige do autor mais investimento, tempo de dedicação e imprime ao conteúdo maior expressão de sua personalidade, podendo vir a acrescentar ao debate contributos valorosos. A utilização do recurso Publicar, também por refletir a iniciativa do ator e a capacidade de agendamento que ele passa a ter frente a sua rede

[84] Transcrição linguística:
A5 do Grupo Focal #4: "Só comento quando é uma coisa MUITO absurda. Mas se começa a discutir aí eu paro de comentar"

[85] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #2: "Quando comento uma foto eu penso duas vezes por que o *Facebook* vai ficar mandando notificação sempre que outra pessoa também comentar"

social, adquire centralidade na participação estudantil *online*. Sobre essa funcionalidade, foi possível observar os seguintes relatos:

> A3 do Grupo Focal #2: "Postar é raro, porém acontece quando eu quero inaugurar alguma discussão específica."[86];
>
> A7 do Grupo Focal #5: "Postar é o início do compartilhamento de sua exposição."[87].

É possível perceber, portanto que, para alguns, a publicação se assemelha ao começo de um compartilhamento. No entanto, o autor assume uma posição de destaque perante os demais, na medida em que ele pode inaugurar essa repercussão. Nesse sentido, se o sujeito pensa ser importante que as pessoas reflitam sobre algo, ele tem a possibilidade de agendar os membros de sua rede social para incentivá-los à deliberação. Assim, a principal motivação contada nos grupos focais foi a viabilidade de abrir um debate sobre um tema considerado relevante.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a iniciativa pode colocar um interlocutor em comunicação vertical perante os demais. Ou seja, a atitude de abrir o debate coloca o partícipe em condição de líder de uma conversação, na medida em que ele tem a possibilidade de começar um debate e escolher, por exemplo, qual viés do assunto será discutido e o tipo de abordagem feita. Percebe-se, portanto que, na relação social, mesmo em uma mídia na qual prevalecem à partida iguais condições de participação, há circunstâncias que podem colocar uns em posições de destaque perante os outros, como também podem trazer a certos atores mais empoderamento. Nesse contexto, a ferramenta Publicar deve ser considerada como um recurso próprio e analisado como tal, por possibilitar em seu uso, condições específicas de participação aos usuários.

Nos grupos de foco, alguns estudantes relataram a importância da identificação, no que concerne a publicações:

> A9 do Grupo Focal #5: "A utilização do *Facebook* depende do que se busca, de qual é seu objetivo através do uso da rede social. Então, se há algum amigo que publica conteúdos sem sentido para mim, não preciso continuar

[86] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #2: "Postar é raro mas ocorre quando eu quero abrir uma discussão sobre algum assunto específico"

[87] Transcrição linguística:
A7 do Grupo Focal #5: "Postar é o início do compartilhamento, da sua exposição"

> acompanhando suas publicações. Dessa forma, posso desativar as notificações dele, selecionando assim o que quero ver ou não.”[88].

Então, mesmo quando o uso da ferramenta “Publicar” relaciona-se a quem recebe a publicação e não a quem posta, houve quem enfatizasse a pertinência da identificação. Dessa forma, para parte dos estudantes, igualmente com o conteúdo que se publica, também é preciso haver identificação com as postagens que se recebe. Ou seja, para alguns, a identificação é um aspecto norteador da participação do indivíduo, no tocante às duas vias da ferramenta “Publicar”. Todavia, é necessário atentar que a diversidade de opiniões é salutar e enriquecedora ao debate, nesse sentido se alguns usuários optam por não tomar conhecimento daquilo que não concordam, correm o risco de caírem em uma “armadilha”, pois segundo Bauman (2016) isso acontece quando somente desejam perceber o “eco de suas próprias vozes”. Assim, negando-se a tomar parte e conhecer o diferente, eles não desenvolvem inclusive sua capacidade crítica, tornando-se mais do mesmo.

É interessante lembrar que a identificação foi citada mais anteriormente como fator condicionante de fomento à participação e, por sua vez, a ausência dela foi trazida à tona como critério de bloqueio à participação estudantil. Nesse contexto, percebe-se a importância do quesito identificação para uma parcela dos jovens alunos, no tocante aos contextos participativos, nas mais diversas áreas da vida.

Na continuidade dos grupos focais, outras questões pertinentes foram remetidas ao uso da ferramenta “Publicar”:

> A3 do Grupo Focal #1: “Eu posto mais o que eu acho que seja sensato que não fira ninguém”[89];
>
> A6 do Grupo Focal #2: “Não gosto de publicar o meu ponto de vista sobre política nem a respeito de nada correlato, porque penso que seja muito pessoal. Esse tipo de discussão só vai gerar polêmica.”[90].

[88] Transcrição linguística:
A9 do Grupo Focal #5: “O uso do Facebook vai da ideia do que você procura, do que você deseja usando a rede social. Se eu tenho um amigo e ele posta uma coisa nada a ver, então eu não preciso estar acompanhando o que ele faz todos os dias. Posso desativar notificações dele e ir selecionando o que você quer ver ou não”

[89] Transcrição linguística:
A3 do Grupo Focal #1: “Eu posto mais o que eu acho que seja sensato que não fira ninguém”

[90] Transcrição linguística:
A6 do Grupo Focal #2: “Não gosto de postar meu ponto de vista de política e nada disso por que eu acho muito pessoal. Porque isso só vai gerar aquela história que você vai defender sua tese querendo estar certa contra a opinião dos outros”

Percebe-se aqui, portanto, a preocupação com o teor do que será postado para que não cause transtornos a outros e assim não venha a gerar mal-estar na sociedade. Esse tipo de cuidado revela a importância da relação social e os riscos que uma publicação, a depender da interpretação do outro, pode gerar à "face" e aos pormenores dessa relação. Também dentro dessa linha de pensamento, outra razão citada para cautela constante foi a presença de professores no grupo, o que acarreta mais ameaça à exposição da publicação.

Através dos relatos acima, percebe-se a importância das relações sociais nos processos participativos. E essa preocupação se reflete nos modos de utilização das ferramentas do *Facebook*, especialmente naqueles recursos mais autorais, caso das publicações. Em outras palavras, como as relações geralmente são movimentadas por fluxos de reciprocidade e hierarquias, os contextos que as envolvem influenciam diretamente na postura participativa do sujeito conversacional. Ou seja, dependendo da situação, as peculiaridades que permeiam as relações entre as pessoas podem funcionar como fatores de entrave ou incentivo à publicação, já que esta ferramenta é caracterizada por um alto nível de exposição do autor no grupo.

Percebe-se nos trechos acima expostos, a preocupação de alguns em não entrar em atrito com seus pares, mantendo, portanto, a relação social de amizade que já conquistou e evitando, assim, riscos à face. Outra questão relevante de ser observada é a relação de poder que surge em destaque, quando parte dos alunos enfatiza a preocupação em ser questionado por alguns professores, hierarquicamente superiores, que estão no grupo do *Facebook*. Esse receio de sofrer represália já havia sido citado como fator condicionante de entrave à participação, o que reforça a importância da relação social e de suas especificidades para os contextos participativos.

7. CONCLUSÃO

A partir das etapas analíticas, relativas às análises do material publicado no *Facebook* e aos grupos focais, percebe-se que, embora influenciada por fatores diversos, tanto de entrave quanto de estímulo, as molas motoras que determinam a participação estudantil na rede social investigada são a relação social e as vivências que constituem o dia a dia dos partícipes. É relevante perceber que os fatores condicionantes, seja de fomento ou de bloqueio, estão inter-relacionados uns aos outros, às problemáticas do cotidiano desses jovens e à interação social entre eles. E essa, por sua vez, desenvolve-se ou não, a depender do contexto relacional que une ou desagrega os potenciais partícipes.

Assim, pode-se concluir que, associados aos riscos à apresentação de si perante os demais, aos sentimentos de indignação e esperança, às habilidades emergentes, à racionalidade das ações comunicativas, à igualdade ou desigualdade de oportunidades em uma comunicação, às hierarquias de verticalidade e horizontalidade, entre outros aspectos teóricos abordados, estão as motivações das pessoas e o que as afeta diretamente na sua vida assim como os processos relacionais que as conectam. Esses pontos são cruciais e condicionam a configuração dos processos participativos no *Facebook*.

Em outras palavras, os processos participativos estudantis estudados nesta tese são condicionados especialmente pela configuração da vida cotidiana e pelos contextos que emergem nesse dia a dia assim como pela relação que conecta as pessoas em uma rede social, seja ela forte ou fraca, próxima ou, distante, formal ou informal, vertical ou horizontal, amistosa ou ameaçadora, estruturada ou desorganizada, ativa ou passiva, acessível ou inacessível, aberta ou fechada, identitária, oposta, entre outras possibilidades.

Percebe-se uma conexão direta entre os contextos participativos e a relação social, quando se atenta para aspectos da natureza dos fatores motivacionais citados: identificação, participação em coletivos (grupos autônomos), senso de responsabilidade social, vontade de fazer parte, união aos amigos, entre outros. No que se refere especificamente ao uso das ferramentas do *Facebook*, o desejo por inaugurar um debate relevante, o apoio a amigos, o interesse em acrescentar ou em

agregar uma informação valiosa à conversação pública, a vontade de construir uma boa imagem social de si e reforçar valores positivos para os outros etc. No contraponto dos incentivos à participação, o receio de se envolver em polêmicas, o medo das represálias de superiores e a cautela em não se expor a riscos que possam desconstruir uma imagem positiva também estão entrelaçados às relações sociais que unem as pessoas umas às outras.

Para exemplificar melhor, um fator bloqueador citado nos grupos focais, como o medo de represália dos professores, está diretamente associado à natureza da relação social que permeia esse contexto: uma relação de poder. No contraponto, um aspecto chave relatado como promotor da participação, mais especificamente o Efeito viral, em que a participação de amigos desencadeia a participação de seus pares, encontra na relação social de amizade a base estruturante em que se desenvolve o processo participativo.

Da mesma forma, vê-se que o uso da ferramenta curtir, como forma de prestigiar amigos ou mesmo a preocupação com o que os demais vão pensar a respeito de si, ao escrever um comentário, postar uma mensagem ou compartilhar um conteúdo, remete à constituição da relação social existente entre as pessoas.

Assim, é possível delinear um panorama geral em que modalidades participativas são influenciadas por fatores específicos. Nesse aspecto, há critérios que levam ao bloqueio participativo e outros que geram um estímulo à participação estudantil. Contudo, é preciso ponderar que essa influência é relativa, em menor ou maior intensidade ou de forma desigual. Os fatores que funcionam como inibidores da participação, para alguns, podem não ser para outros. Do mesmo modo, os critérios trazidos à tona por uma parcela dos estudantes como promotores dos processos participativos, não necessariamente exercem sobre os outros o mesmo tipo de influência. Essas perspectivas condicionantes vão variar, dependendo de como se configura a relação social que entrelaça os potenciais partícipes em questão.

Então, a peça chave para a participação estudantil, que se relaciona a fatores de entrave e bloqueio assim como a contextos que envolvem às interações entre os partícipes, é a relação social. Ou seja, a depender de como se constituem as relações sociais entre os sujeitos, da relevância do que está a ser ou pode ser transmitido aos

pares, da apresentação do próprio eu perante os demais e da interpretação que cada um faz individualmente dos posicionamentos assumidos pelos outros com quem se está mais ou menos conectado, é que os contextos se tornam mais ou menos participativos.

Percebe-se que a maior parte dos fatores motivacionais condicionantes assim como a maioria das formas de uso das ferramentas do *Facebook* estão diretamente associadas à relação social existente entre as pessoas envolvidas no contexto. Na prática, a relação que há funciona como uma "cola" invisível que tece as interações, tornando-as mais ou menos arriscadas, intensas, próximas, recíprocas e multiplicadoras. Dessa maneira, as participações acontecem ou não, com menor ou maior frequência, com menor ou maior distância, com menos ou mais intensidade, com menor ou maior liberdade, gerando menos ou mais riscos, mobilizando menos ou mais atores e causando menos ou mais repercussão.

Nesse sentido, percebe-se que a apresentação de cada sujeito face aos demais nas dinâmicas cotidianas expressas no *Facebook* e os riscos que a envolvem, conceitos trazidos à tona por Goffman (1993), assim como a indignação e a esperança, aspectos sublinhados por Castells (2013b) como pontos chave de mobilização para as pessoas em rede, encontram na relação social o elo balizador que condiciona os processos participativos em questão. Ou seja, é a configuração da relação social, dos atores envolvidos nos contextos, que dará condições e motivações, ou não, para que os processos participativos se instaurem e cresçam. Da mesma maneira, o agir comunicativo racional, reflexão exposta por Habermas (2012), as tipologias comunicativas propostas por Kaplún (1998) (dominadora e democrática) e a interação dialógica, referendada por Freire (1974), acontecem ou não, a depender do tipo de relação social que permeia os sujeitos sociais e de como ela se estrutura.

Mas não somente isso, é importante ressaltar que, para além dos elementos que estruturam as relações sociais e que, por sua vez, condicionam os processos participativos, existe um fator chave decisivo que é o grau de desenvolvimento do senso crítico. Assim, participar ou não depende também do apuramento do sentido crítico que, por sua vez, está condicionado às próprias interações sociais, vivências de grupo, afinidades e diferenças, se não mesmo aos conflitos que podem enriquecer e ampliar a visão do interagente. É preciso ter claro que tomar parte de um contexto

exclusivamente como forma de se fazer presente, sem que a contribuição dada pelo partícipe acrescente ao fazer conversacional é o mesmo que expressar o vazio. Nesse sentido, é preciso perceber a participação não como sinônimo de mera presença, mas como significado de relevância. Ou seja, foi possível observar a partir dos dados empíricos e da análise realizada que a participação precisa ser entendida de maneira mais aprofundada, não como artifício social de tomar parte, e sim como expressão de conteúdo realmente contributivo ao contexto em que se situa. Foi possível notar uma gradação nas formas de participação, e mesmo uma variação de relevância conteudística no uso da mesma ferramenta, em que pesam o investimento dos atores e o valor de suas contribuições ao debate.

E para participar, imprimindo importância ao que se diz, faz-se necessário possuir capacidade crítica para identificar as melhores fontes, inclusive do ponto de vista de confiabilidade e qualidade, como também para refletir, mudar de opinião ou não, argumentar, contrapor e chegar a alguma conclusão. Por isso, se torna tão necessária a educação para os *media*, nos processos participativos de jovens estudantes.

É preciso acrescentar que esse desenvolvimento de uma educomunicação ocorre mediante o uso educativo e bem direcionado das mídias, mas também a partir das relações com as pessoas, pois somente através da comunicação com os demais sujeitos sociais o apuramento do nível crítico acontece. Além desse aspecto, o próprio conteúdo mediático é resultado de expressões de atores que, por sua vez, estão condicionados e influenciados também por suas próprias relações sociais em rede e pelos contextos e problemas que se apresentam diariamente em sua vida.

Foi possível concluir assim que a participação estudantil na rede *Facebook* desenrola-se pautada por recursos e motivações que no essencial não são diversos dos da vida de todos os dias. O *Facebook* e, em geral, as mídias sociais são extensões e reflexos das vivências cotidianas, proporcionando um espaço simbólico de encontros e desencontros, iniciativas e passividades, numa paleta diversificada de posicionamentos, comportamentos e atitudes.

Desta perspectiva, o leque de ferramentas criadas para a intervenção dos sujeitos no *Facebook* são também metáforas dos diferentes graus de intensidade de presença e participação na vida cotidiana: afastamento, seguimento, apoio, iniciativa,

apresentação estratégica de si perante os demais, comentário, polêmica, repercussão, mobilização, proatividade, engajamento, concordância, discordância, conflitos, identificação e a falta dela, entre outras.

Nas redes sociais, exprime-se e fabrica-se também o todo que é a vida e as relações sociais: acomodação ao que existe, iniciativas de mudança protagonizadas em geral por minorias ou grupos organizados, e a relevância do fator proximidade (os assuntos sentidos como nossos) para o sucesso de certas mobilizações.

Nota-se também uma cultura estudantil e juvenil do IFRN – e não só, porque isso associa-se com o que se observa noutras partes – uma certa reação às formas tradicionais de organização e de militância. E, concomitantemente uma valorização de coletivos mais espontâneos e flexíveis, pautados por autonomia e flexibilidade de ação. E, no entanto, não falta quem, no meio de tudo isto, entenda sublinhar a importância do grêmio.

Esta tese foi empreendida com o objetivo de investigar as motivações associadas à participação estudantil no *Facebook* e compreender como se configurava o processo participativo na plataforma digital. Para tal, foram realizados questionamentos diversos, entre os quais: como acontece o processo participativo? Através de que modalidades ele se manifesta? Que tipos de participação podem ser observados no processo? Em que medida uma ferramenta participativa é mais intensa do que a outra? Em que sentido o conteúdo é mais valorativo à conversação do que outro? Em que medida a conversação é assimétrica ou não?

Algumas dessas perguntas não foram respondidas em sua completude por vários motivos, entre os quais, a complexidade, a amplitude e as subjetividades que envolvem as relações sociais e as vivências cotidianas sociais. A diversidade e a dificuldade em compreender mais profundamente as relações entre as pessoas e os contextos vivenciados por e entre elas restringiram o alcance de alguns destes questionamentos. As limitações deste estudo têm estreita interação com uma série de condicionalismos: a novidade dos estudos das redes sociais, na perspectiva em que são apropriadas pelos atores sociais; a pouca tradição de se ouvir os estudantes, de lhes dar a palavra – quer nas instituições quer na investigação científica; a falta de estudos que cruzem a vida nas redes com o todo da vida social e seus respectivos

contextos. Passam também por aqui, alguns dos desafios que esta tese deixa em aberto e que podem inspirar outras pesquisas no futuro.

Esta pesquisa se propõe como humilde contributo para preencher as lacunas apontadas. Por outro lado, acerca da educação para os *media* e do desenvolvimento do espírito crítico importa sublinhar que não foi um aspecto trabalhado na tese, ficando como desafio e sugestão para pesquisas futuras. Nesse sentido, a presente pesquisa constitui uma ajuda para a compreensão crítica do papel que as redes sociais podem desempenhar no desenvolvimento sociocultural e cívico dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramo, H. W. (1994). Cenas juvenis. São Paulo: Scritta.

Abramo, H. W. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED/PUC-SP, n. 05 e 06, pp. 25-36. Acesso em 20 de novembro de 2015 em http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf

Amaral, I. & Sousa, H. (2012). Redes Sociais no Twitter. In Bastos, H. e Zamith, F. *Ciberjornalismo, modelos de negócio e redes sociais*. Porto: Edições Afrontamento. pp. 149-162. Acesso em 20 de dezembro de 2015 em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29865/1/IA_HS_comunicacao.pdf

Amaral, I. (2012). Tesis Doctorial. *Redes Sociais na internet: sociabilidades emergentes.* Universidade do Minho, Braga. Acesso em 20 de dezembro de 2015 em http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19731

Bader, G. E. & Rossi, C. A. (2002). *Focus Groups: A Step-By-Step Guide.* (3ª edição) Bader Group. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.ebook-3000.com/dBader,%20G.%20E.%20&%20Ross,%20(Focus%20Groups:%20A%20Step-By-Step%20Guide%20ANO),ownload/148110-focus-groups-a-step-by-step-guide-3rd-edition-by-gloria-e-bader-catherine-a-rossi.html

Balkin, J. M. (2004). Digital Speech and Democratic Culture: a theory of freedom of expression for the information society. *New York University Law Review*, vol. 79 n. 1.

Baquero, R. V. A. (2012). Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Vol. 6, n. 1, pp. 173-187, Porto Alegre.

Barcellos, R. (2011). O Jovem do mundo contemporâneo e as Redes Sociais. In: *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Vol. XV, n. 05, t. 1, pp. 801-808, 2011. Acesso em 15 de novembro de 2015 em http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/68.pdf

Bardin, L. (2013). *Análise de Conteúdo.* Lisboa: Edições 70.

Barreiros, J. J. (2012). Democracia, Comunicação e Media. In: *Comunicação Pública*, v. 9, n. 15. Lisboa: Mundos Sociais.

Bauman, Z. (09 de 01 de 2016). Zygmunt Bauman: "As redes sociais são uma armadilha". (R. Querol , Entrevistador). Acessado em 9 de janeiro de 2016 em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html

Bennett, W. L. (2008). Changing Citizenship in the Digital Age. *Civic Life Online*. Cambridge: The MIT Press, pp. 01-24. Acessado em 20 de novembro de 2015 em https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/content/9780262524827_sch_0001.pdf

Boyd, D. (2014). It's complicated: the social lives of berworked tens. Londres: Yale University.

Boyd, D. (2007). *Social Network Sites: Public, Private, or What?* Knowledge Tree, 13. 12 de novembro de 2015 em http://www.danah.org/papers/KnowledgeTree.pdf

Brenner, A. K. & Carrano, P. (2008). Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública. *Proposta*, Rio de Janeiro, v. 32, pp. 66-71. Acessado em 15 de novembro de 2015 em http://www.justicaambiental.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_ana%20e%20paulo.pdf

Briggs, A. & Burke, P. (2004). *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Brites, M. J. & Santos, S. C. & Jorge, A. & Navio, C. (2014). Problematizar para intervir: rádio inline e educação para os media como estratégia de inclusão de jovens. In Observatório, Vol. 08, N, 01, Lisboa.

Bustamante, J. (2010). Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital. In: *Cidadania e Redes Digitais / Citizenship and digital networks* (pp. 11-36). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Cardoza, I. F. (2003). A Sociedade Pós-Moderna e o Fenômeno das Tribos Urbanas. *Lato&Sensu*. Belém, v. 04, n. 01, pp. 03-05. Acesso em 20 de novembro de 2015 em http://www.escavador.com/pessoas/5941792

Carpentier, N. (2012). The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate? *Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos*, V. 14 N. 02. Unisinos. Acesso em 20 de novembro de 2015 em file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2831-9885-1-PB%20(1).pdf

Carrano, P. C. R. & Sposito, M. P. (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, pp. 16-39. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03

Castells, M. (2013a). Entrevista Revista Época, acessada em 20 de novembro de 2015 e publicada em http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html

Castells, M. (2013b). Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar.

Castro, M. G. & Abramovay, M. (2009). Quebrando mitos: juventude, participação e políticas. *Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude*. Brasília: RITLA. Acessado em 20 de novembro de 2015 em https://registrojuventude.files.wordpress.com/2011/02/livro-quebrando-mitos.pdf

Coelho, F. D. (2010). A cidade digital e a apropriação social da inovação tecnológica. In: *Cidadania e Redes Digitais / Citizenship and digital networks* (pp. 185-208). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Colombo, F. (2011a). Broadband Society and Generational Changes. In: L. Fortunati, J. Gebhardt, J. Vincent, *Participation in Broadband Society*. Volume 5. Frankfurt: Peter Lang.

Colombo, F. (2011b). Trust and power: a Foucaultian perspective on trust and interactive media. *New Challenges and methodological innovations in European media audiences research*, Zagreb.

Costa, A. C. G. (2000). *Protagonismo Juvenil: O que é e como praticá-lo.* Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.institutoalianca.org.br/Protagonismo_Juvenil.pdf

Costa, M. E. B (2006). Grupo Focal (p. 180-192). In: Duarte, J. & Barros, A. (organizadores). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.* (2ª edição). João Pessoa: Atlas.

Cruz, R. R. (2000). *Emergencia de culturas juveniles, estrategias del desencanto*. In Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación. Buenos Aires, Norma.

Dayrell, J. & Carrano, P. C. R. (2002). Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. *Reunião Anual ANDEP*. Caxambu, pp. 01-33. Acessado em 20 de novembro de 2015 em

http://formacaoredefale.pbworks.com/f/Jovens+no+Brasil_Dif%C3%ADceis+Travessias_Paulo+Carrano.pdf

De Corte, C. (2008). Participatory and development communication: what now? *Studies in Communication Sciences*, v. 8 n. 2&3, pp. 13-25. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://sowiport.gesis.org/search/id/iz-solis-90548740

Donas, J. B. (2010). La cuarta generación de derechos humanos en las redes sociales. *Revista TELOS (Cuadernos de Comunicación e Innovación)*, Madrid, pp. 04-10. Acesso em 20 de novembro de 2015 em http://telos.fundaciontelefonica.com/url-direct/pdf-generator?tipoContenido=articuloTelos&idContenido=2010110411480001&idioma=es

Elias, N. (1994). *A Sociedade dos indivíduos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elisson, N. B. & Steinfield, C. & Lampe, C. (2007). The benefits of *Facebook* "friends": Social capital and college students' use of *online* social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12 (4), article 1. Acessado em 19 de novembro de 2015 em http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html

Fanfani, E. T. (2000). Culturas jovens e cultura escolar. *Escola Jovem - um novo olhar sobre o ensino médio.* Brasília: MEC. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EmilioTentiF.pdf

Freire, P. (1974). *Pedagogia do Oprimido* (50ª edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, M. V. & Abramo, H. W. & León, O. D. (2005). *Juventude e adolescência no Brasil:* referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa.

Gabriel, M. (2010). Marketing na Era Digital, Conceitos, Plataformas e Estratégias. São Paulo: Novatec.

Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade.* São Paulo: Unesp.

Goffman, E. (1993). *A apresentação do Eu a vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio D'água.

Goode, J. (2010). The Digital Identity Divide: How Technology Knowledge Impacts College Students, *New Media and Society*, vol. 12, no. 3, pp. 497–513. Acessado em 02 de dezembro em http://nms.sagepub.com/content/12/3/497.abstract

Habermas, J. (1984). Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Habermas, J. (2012). Teoria do Agir Comunicativo, 1: racionalidade da ação a racionalização social. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais (1999). *População Jovem no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/populacaojovem.pdf

Jenkins, H. (2009). Confronting the challenges of participatory culture: media education fot the 21st century. Londres: MIT Press.

Jenkins, H. (2012). Cultura da Convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. (2ª edição). São Paulo: Aleph.

Kaplún, M. (1998). *Una Pedagogia de la Comunicación*. Madrid: Ediciones de La Torre.

Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da Conversação: princípio e métodos.* São Paulo: Parábola Editorial.

Kotilainen, S. (2009). Promoting Youth Civic Participation with media Production: the case of youth voice editorial board. *Mapping Media Education Policies in the World*. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.unaoc.org/images//mapping_media_education_book_final_version.pdf

Lemos, A. (2002). Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina.

Lemos, A. (2007). Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na Cibercultura. In: A. S. Médola, D. Araújo, D. F. Bruno, *Imagem, visibilidade e cultura midiática* (pp. 277-293). Porto Alegre: Sulina.

Lemus, R. B. (2002). *Identidades juveniles y práxis divergente; acerca de la conceptualización de juventude.* In Dominguez, A. N., Jovenes, culturas e identidades urbanas. Cidade do México: Universidad Autônoma Metropolitana.

Levy, P. (1999). *Cibercultura.* São Paulo: Editora 34.

Liamputtong, P. (2011). *Focus Groups Methodology: principles and practice.* Londres, Sage. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/39360_978_1_84787_909_7.pdf

Lopes, J. T. (1997). Tristes Escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano. Porto: Afrontamento.

Machado Pais, J. (2005). Jovens e Cidadania. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 49, pp. 53-70. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf

Mafessoli, M. (2005). *A transfiguração do Político: a tribalização do mundo* (3ª edição). Porto Alegre: Sulina.

Marques, F. P. J. A. (2010). Participação Política, legitimidade e eficácia democrática. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 60, pp. 591-604. Acesso em 15 de novembro de 2015 em http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v23n60/v23n60a10.pdf

Martins, M. D. P. (2010). Redes Sociais e sociabilidade duvidosa: o Jovem e sua imagem pessoal no site de relacionamentos Orkut. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul. Acesso em 15 de novembro de 2015 em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0357-1.pdf

Mata, M. C. (2006). Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. *Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos*, V. VIII N. 01; pp. 5-15, Unisinos. Acesso em 20 de novembro de 2015 em http://seminariodemocratizar.eci.unc.edu.ar/files/6113-18691-1-SM-1.pdf

McLuhan, M. (1967). *The Medium is the message*: an inventory of effects. Corte Madera: Gingko Press.

Meijer, A. & Burger, N. & Ebbers, W. (2009). Citizens4Citizens: Mapping participatory practices on the internet. *Eletronic Journal of e-Government.* V. 07 N. 01, pp. 99-112. Acessado em 15 de novembro de 2015 em http://doc.utwente.nl/94543/

Melucci, A. (1997). Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED/PUC-SP, n. 05 e 06, pp. 05-14.

Mesquita, M. R. (2003). Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais, n.* 66, pp. 117-149. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/66/RCCS66-117-149-Marcos%20Mesquita.pdf

O'Reilly, T. (2006). *O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software*. Publicado em http://flaudizio.com.br/files/o-que-e-web-20.pdf

Padilla, M. A. S. & Cabero, N. M. & Parejo, S. P. & González, M. M. (2007). Approaches to participation: some neglected issues. *Fifth critical Management studies conference*, Manchester. Acesso em 15 de novembro de 2015 em http://www.mngt.waikato.ac.nz/ejrot/cmsconference/2007/proceedings/theopenstream/padilla.pdf

Park, S. (2012). Dimensions of digital media literacy and the relationship to social exclusion. *In Media Internacional Australia*, 142(1). 87-100.

Pereira, G. M. (2013). O tempo retorna*:* Mafessoli e a comunicação pós-moderna. *Revista Temática*, ano IX, n. 05. Acessada em 20 de novembro de 2015 em http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/viewFile/21893/12050

Pérez-Tornero, J. M. P. & Calrsson, U. & Tayie, S. & Jacquinot-Delanay, G. (2008) *Empowerment through media education*: an intercultural dialogue. Göteborg: Nordicom.

Pinto, M. (2008). Web 2.0 e os Media: da Alocução à Conversação. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 21, n.1, Braga. Acessado em 19 de novembro de 2015 em http://www.academia.edu/5962269/A_Web_2.0_e_os_Media-Da_Alocu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_Conversa%C3%A7%C3%A3o_Manuel_Pinto

Preti, D. & Urbano, H. (Org) (1990). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo: T. A. Queiro, FAPESP.

Primo, A. (2007). O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós* (Brasília). v. 9, pp. 1-21. Acesso em 20 de novembro de 2015 em http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf

Raggi, N. (2010). *Identidades Nômades: as tribos urbanas e o contexto escolar.* Dissertação Mestrado. Campinas: UNICAMP, Campinas. Acesso em 20 de novembro de 2015 em *http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000778717*

Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na internet.* Porto Alegre: Sulina.

Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no *Facebook*. *Verso e Reverso*, XXVIII (68): 114-124, maio-agosto. Acesso em 15 de novembro de 2015 em http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06

Ribble, M. (2011). Digital Citizenship in Schools. *ISTE*. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.digitalcitizenship.net/

Rosaldo, R. (1994). Cultural Citizenship and Educationl Democracy. In: *Cultural Anthropology*, Vol. 9, No. 3, Further Inflections: Toward Ethnographies of the Future (Aug. 1994), pp. 402-411.

Rossini, C. (2010). Aprendizagem digital, recursos educacionais abertos e cidadania. In: *Cidadania e Redes Digitais / Citizenship and digital networks* (pp. 209-234). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Sala, J. F. A. (2011). La Ciudadanía Mediática. *Perspectivas de La Comunicación*, vol 4, n1, 2011, ISSN, 0718-4867, Universidad de la Frontera – Temuco, Chile.

Sala, J. F. A. (2012). La contribuición de las redes sociales a la participación política. *Perspectivas de la Comunicatión*. Vol 5, N. 02. Chile: Universidade de La Frontera, pp.07-22. Acesso em 20 de novembro de 2015 em http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4221163.pdf

Schmidt, S. (2010). Quando "ter atitude" é ser diferente para ser igual: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. *Comunicação, Mídia e Consumo.* Vol 7, N. 19, pp. 195-210. São Paulo. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/201/199

Servaes, J. & Malikhao, P. (2010). Comunicación Participativa: El nuevo paradigma? *Redes.com* n. 04, p. 43-60. Acessado em 20 de novembro de 2015 em http://www.academia.edu/566651/Comunicaci%C3%B3n_Participativa_El_nuevo_paradigma

Silveira, S. A. (2010). Ambivalências, liberdade e controle dos ciberviventes. In: *Cidadania e Redes Digitais / Citizenship and digital networks* (pp. 63-86). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Soares, I. O. (2011). Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas.

Tavares, J. L. (2010). *A construção do Persona Digital*: nova identidade assumida pelos integrantes da Web 2.0. Acessado em 19 de novembro de 2015 em http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-tavares-judy.pdf

Toro, J. B. (2005). A construção do público: cidadania, democracia e participação. Rio de Janeiro: SENAC Rio.

Traquina, N. (2000). O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva.

ANEXOS

ANEXO 1 – POSTAGENS *FACEBOOK* – GRUPO IFRN

1.1 Postagem #1 – 31 de julho de 2013

Falante 01
31 de Julho de 2013

Há alguns anos os alunos do IFRN ZN convivem diariamente "reféns" da mesma empresa que tem o direito de explorar a venda de alimentos no campus, que além de atender com certa ignorância os alunos, não cumpre algumas cláusulas contratuais. Dia 22 de julho o IFZN sediou o 1º Encontro de Dirigentes do IFRN, onde estavam presentes o reitor, os pró-reitores, diretores gerais e acadêmicos. O que não esperávamos, era que teríamos que passar, posteriormente, por um momento de constrangimento e falta de consideração por parte da administração da cantina: fomos contrariados e instruídos a nos retirarmos das mesas, enquanto ainda almoçávamos. Motivo: deixar metade do espaço da área de convivência reservados para as autoridades acadêmicas que estavam prestes a chegar, assim, garantindo potencialmente sua expectativa de vendas para aquela tarde.
Pois bem, isso foi o estopim para nos organizarmos e montarmos um movimento pacífico, que ocorreu hoje(31) e se estenderá até amanhã(01). Abaixo temos fotos, vídeo e o link do evento, lá tem todas as nossas reivindicações. Evento: https://www.facebook.com/events/503669383034771/ Vídeo: https://www.facebook.com/photo.php?v=536773046372074



Curtir · Comentar · Compartilhar · 46 13

45 pessoas curtiram isso.

Falante 01



31 de julho de 2013 às 21:22 · Curtir · 2

Falante 01



31 de julho de 2013 às 21:22 · Curtir · 2

Falante 01



31 de julho de 2013 às 21:22 · Curtir · 2

Falante 01



31 de julho de 2013 às 21:22 · Curtir · 2

Falante 02 Esquece o reitor e libeira as cadeiras

31 de julho de 2013 às 21:22 · Curtir · 4

Falante 03 Ta na hora de fazermos isso para todos os campus.

31 de julho de 2013 às 21:31 · Curtir · 3

Falante 04 Vamo lá galera! #vemprochao

31 de julho de 2013 às 22:00 · Curtir · 1

Falante 05 Bela atitude!!!

1 de agosto de 2013 às 00:44 · Curtir

Falante 06 Valeu pessoal! Tive a oportunidade de ser professor neste campus e sempre foi assim. A falta de respeito e a má qualidade são marcas registradas deste pessoal da alimentação.

1 de agosto de 2013 às 05:18 · Curtir

Falante 07 Parabéns aos alunos pela iniciativa!

1 de agosto de 2013 às 08:48 · Curtir

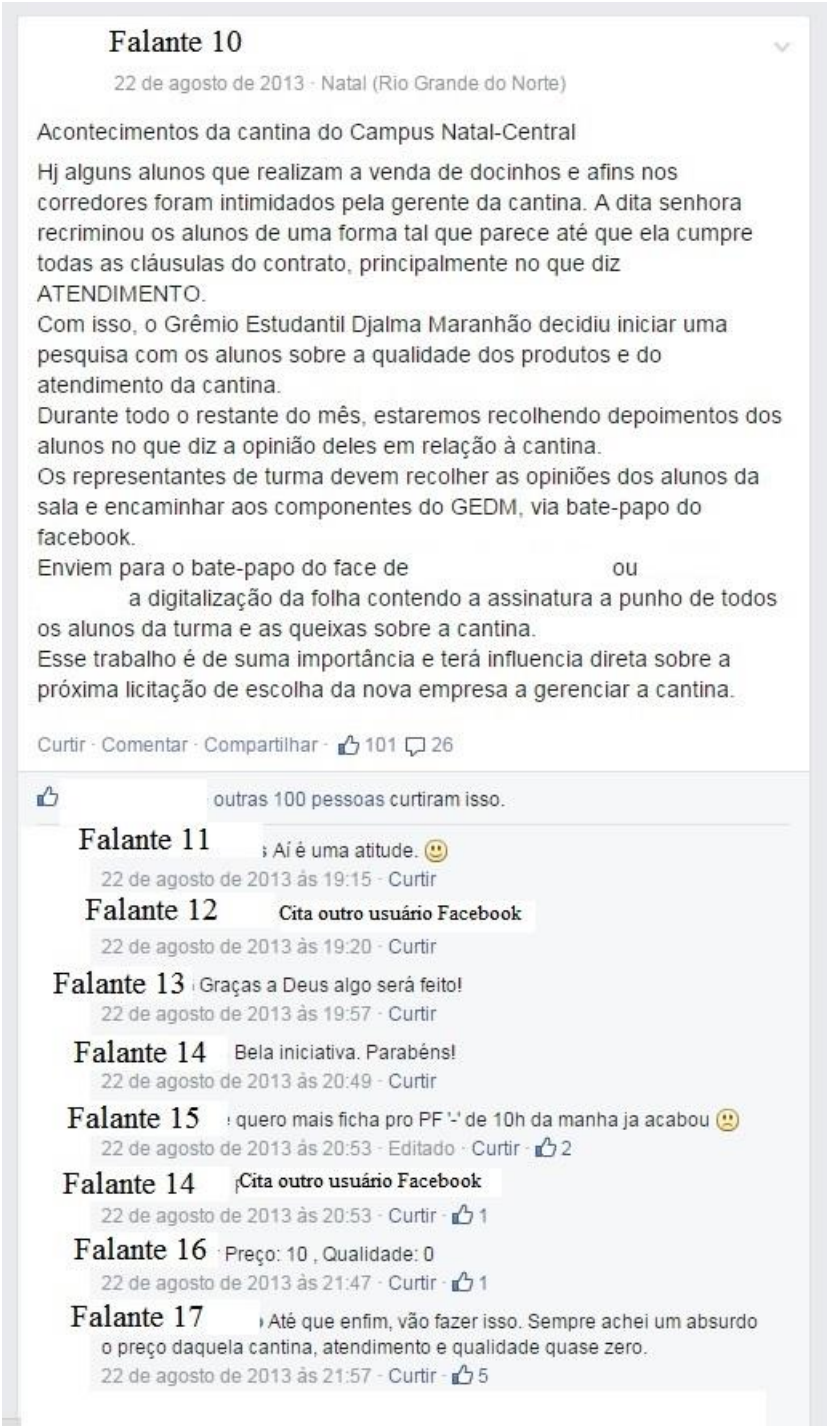
Falante 08 Engraçado que tudo isso é divulgado como uma grande e maravilhosa iniciativa mas nem senso crítico de tudo que estão fazendo os alunos/manifestantes têm. Antes de fazer um protesto ninguém pensa em fazer uma reunião e falar diretamente com os responsáveis pelo acontecido e acabam por fazer alarde antes mesmo de propor um acordo. O mais interessante é que a versão que circula é a dos alunos, ninguém parou para ouvir a versão do representante da cantina e o que ele tem a dizer a respeito das ordens que recebeu!

1 de agosto de 2013 às 12:30 · Curtir · 2

Falante 09 Que é arrogante é consenso, mas será que a ideia partiu dele mesmo? Boa pergunta, Ladymdark Mistery

1 de agosto de 2013 às 13:24 · Curtir · 1

1.2 Postagem #2 – 22 de agosto de 2013



Falante 10

22 de agosto de 2013 · Natal (Rio Grande do Norte)

Acontecimentos da cantina do Campus Natal-Central

Hj alguns alunos que realizam a venda de docinhos e afins nos corredores foram intimidados pela gerente da cantina. A dita senhora recriminou os alunos de uma forma tal que parece até que ela cumpre todas as cláusulas do contrato, principalmente no que diz ATENDIMENTO.
Com isso, o Grêmio Estudantil Djalma Maranhão decidiu iniciar uma pesquisa com os alunos sobre a qualidade dos produtos e do atendimento da cantina.
Durante todo o restante do mês, estaremos recolhendo depoimentos dos alunos no que diz a opinião deles em relação à cantina.
Os representantes de turma devem recolher as opiniões dos alunos da sala e encaminhar aos componentes do GEDM, via bate-papo do facebook.
Enviem para o bate-papo do face de ou a digitalização da folha contendo a assinatura a punho de todos os alunos da turma e as queixas sobre a cantina.
Esse trabalho é de suma importância e terá influencia direta sobre a próxima licitação de escolha da nova empresa a gerenciar a cantina.

Curtir · Comentar · Compartilhar · 101 26

outras 100 pessoas curtiram isso.

Falante 11 Aí é uma atitude.
22 de agosto de 2013 às 19:15 · Curtir

Falante 12 Cita outro usuário Facebook
22 de agosto de 2013 às 19:20 · Curtir

Falante 13 Graças a Deus algo será feito!
22 de agosto de 2013 às 19:57 · Curtir

Falante 14 Bela iniciativa. Parabéns!
22 de agosto de 2013 às 20:49 · Curtir

Falante 15 quero mais ficha pro PF '-' de 10h da manha ja acabou
22 de agosto de 2013 às 20:53 · Editado · Curtir · 2

Falante 14 Cita outro usuário Facebook
22 de agosto de 2013 às 20:53 · Curtir · 1

Falante 16 Preço: 10 , Qualidade: 0
22 de agosto de 2013 às 21:47 · Curtir · 1

Falante 17 Até que enfim, vão fazer isso. Sempre achei um absurdo o preço daquela cantina, atendimento e qualidade quase zero.
22 de agosto de 2013 às 21:57 · Curtir · 5



Falante 18 Muito bom. Contem com o apoio do Coletivo Ambientalista que, inclusive está desenvolvendo um projeto com exatamente essa ideia, já numa fase razoavelmente avançada, em parceira com o CA de TAADS e a direção. Achei q tu soubesse
22 de agosto de 2013 às 23:16 · Curtir · 4

Falante 19 Preço absurdo, péssima qualidade, péssimo atendimento.
22 de agosto de 2013 às 23:20 · Curtir · 1

Falante 10 Convoco os colegas de coletivos, DCE e demais Centros Academicos para uma reuniao na sala do gremio, segunda-feira, mei dia, para traçarmos as direçoes do movimento
Daniel Lobão, Mateus Graça e demais
22 de agosto de 2013 às 23:38 · Curtir

Falante 18 ok, já adianto q estamos na fase de conclusão do projeto e iriamos marcar uma reunião com arnóbio, tutu e TAADS pra tirar estrategia, mas já conversamos com todos. Melhor dar um prazo maior pra gnt fechar pelo menos a base desse projeto q fica mais claro pra todo mundo. Quarta?
22 de agosto de 2013 às 23:51 · Curtir

Falante 20 Péssimo atendimento, os caras ignoram na hora de receber o cupom fiscal e mandar fazer o pedido
22 de agosto de 2013 às 23:57 · Curtir

Falante 21 Preços muito altos,.
23 de agosto de 2013 às 00:12 · Curtir

Falante 10 O projeto de concerto da cantina eh outra coisa. O foco agora eh reunir reclames sobre a cantina e prosseguir o planejamento de boicote. O projeto da alimentaçao da cantina pode perfeitamente correr em paralelo as manifestaçoes, ja que o contrato ta pertinho de vencer mesmo e nova licitaçao sera realizada
23 de agosto de 2013 às 00:54 · Curtir

Falante 22 Sugestao: amanha quem puder leve qq bagana p vender ao lado da cantina! Quero ver quem vai Xiar!
23 de agosto de 2013 às 01:05 · Curtir · 3

Falante 10 Estou esperando as listas, representantes de turma!
28 de agosto de 2013 às 02:22 · Curtir

Falante 23 Revolta + desinteresse = Vou nem comentar... rsrsrs
28 de agosto de 2013 às 08:43 · Curtir

Falante 18 se revoltar no fb é facil, temos q nos mobilizar
28 de agosto de 2013 às 10:30 · Curtir · 1

Falante 12 Ngm na minha sala tem reclamações '-', ou estão com muita preguiça
28 de agosto de 2013 às 10:39 · Curtir · 1


Falante 18
só se for preguiça viu, kkk. Pq se todo mundo tiver achando essa cantina boa, tem algo estranho
28 de agosto de 2013 às 10:45 · Curtir
Falante 24
cara só a higiene das mesas aquilo la fica muito sujo quando sai alguem das mesas.
28 de agosto de 2013 às 18:32 · Curtir
Falante 23
Não só isso... Não que eu esteja dizendo que há sonegação de impostos, porém, já dizendo, mas alguém aqui por acaso já comprou um almoço no restaurante e recebeu um cupom fiscal?
29 de agosto de 2013 às 08:50 · Curtir · 1
Falante 25
Entrego a lista da minha sala segunda feira.
29 de agosto de 2013 às 09:23 · Curtir · 3
Falante 26
abra um canal de reclamações via internet, se for legal essa dica... o pouco tempo que temos, podemos reclamar rapidinho...
29 de agosto de 2013 às 09:50 · Curtir · 1
Falante 23
Precisamos das reclamações por escrito e assinadas. Eu posso abrir um canal e fazer 50 reclamações diferentes. Não tem valor comprobatório.
29 de agosto de 2013 às 11:48 · Curtir · 4
Escreva um comentário...

1.3 Postagem #3 – 03 de setembro de 2013

Falante 27 compartilhou a foto de Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto.
3 de setembro de 2013

A Merenda é Nossa!



Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto

Estourou a polêmica no IF... O episódio da repressão da cantina com estudantes que vendiam seus próprios produtos só é a ponta do iceberg da questão da nossa alimentação, especificamente da cantina e do refeitório. Mas e aí, vai ficar por isso mesmo?

Nós, do Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto, através do projeto "Merenda é Nossa", em desenvolvimento desde o início do ano, não vamos deixar barato! Depois de reuniões e debates, em parceria com o CA de TADS e a Direção, sabendo da aproximação do fim do contrato relativo às empresas prestadoras desses serviços, definimos um plano de ação. Pretendemos trabalhar na licitação e contratos, criando conselhos deliberativos compostos por membros eleitos da comunidade, que decidam, sempre consultivamente, preço, cardápio, quantidade, qualidade, horários, e fiscalize questões de higiene, destinação de resíduos, procedência da comida e atenda o usuário consumidor no que for preciso.

E para transformar a cantina e o refeitório num espaço nosso, com a nossa cara, desde a alimentação até o ambiente, precisamos que você, estudante, participe da

E para transformar a cantina e o refeitório num espaço nosso, com a nossa cara, desde a alimentação até o ambiente, precisamos que você, estudante, participe da nossa pesquisa estatística. Queremos saber o que você quer, o que você acha, afinal, A MERENDA É NOSSA!

Link da pesquisa: https://docs.google.com/
.../1p0WgujZ9zqcn8148Zk0BOak.../viewform

Curtir · Comentar · Compartilhar · 30 1

e outras 28 pessoas curtiram isso.

Falante 18 up
Ver tradução
4 de setembro de 2013 às 18:08 · Curtir

Escreva um comentário...

1.4 Postagem #4 – 26 de setembro de 2013





Falante 30 Tbm fiquei sabendo ontem!! Dizem que quem pediu isso foi o pessoal da lanchonete.
26 de setembro de 2013 às 15:06 · Curtir · 3

Falante 31 Ontem a senhorinha me falou que iria ficar vendendo no portão de entrada da Bernardo Vieira
26 de setembro de 2013 às 15:06 · Curtir · 9

Falante 32 concordo plenamente!!!!!!!!!!!
26 de setembro de 2013 às 15:06 · Curtir · 1

Falante 28 Concordo, que a comida preste e os preços sejam acessíveis!
26 de setembro de 2013 às 15:07 · Curtir · 6

Falante 28 o problema é q fica muito longe, ela tem que ficar aqui dentro do IFRN!
26 de setembro de 2013 às 15:08 · Curtir

Falante 33 Alguém tem o telefone dela?
26 de setembro de 2013 às 15:09 · Curtir · 2

Falante 34 Que absurdooo!!
26 de setembro de 2013 às 15:10 · Curtir · 2

Falante 31 um menino da minha turma pegou. Depois eu te passo.
26 de setembro de 2013 às 15:18 · Curtir

Falante 33 Valeu vou querer
26 de setembro de 2013 às 15:19 · Curtir

Falante 35 Eu acho melhor, nós consumidores das delícias da YOKO (Elza), tomarmos providências com relação a isso. EU TROCO A CANTINA POR CUPCAKES DA YOKO.
26 de setembro de 2013 às 15:24 · Editado · Curtir · 27

Falante 31 e demais, o número de dona Elza: 91715368.
26 de setembro de 2013 às 15:28 · Curtir · 3

Falante 36 é desenrolada!
26 de setembro de 2013 às 15:28 · Curtir · 1

Falante 33 Valeeeeeeeeeuuu
26 de setembro de 2013 às 15:29 · Curtir · 1

Falante 37 é lei, ninguém pode vender nada nas dependências físicas de nenhum orgao público federal. Mas como toda lei, serve para uns, não serve para outros...
26 de setembro de 2013 às 16:04 · Curtir · 2

Falante 28 pelo meu conhecimento a cantina tem um contrato com a instituição que assegura apenas eles tem o direito de vender comida e blablabla, até ai tudo bem, mais o pro é que lá as comidas não são boas e pior são muita caras. Então, ou eles mudam , ou o jeito é colocar ambulante mesmo aqui!
26 de setembro de 2013 às 16:21 · Curtir · 9



Falante 39 boicote a lanchonete 😃
26 de setembro de 2013 às 17:25 · Curtir · 4

Falante 29 A gente bem que deveria fazer o boicote mesmo, mas como sempre, vão acabar furando. Pra uns a fome é maior.
26 de setembro de 2013 às 17:30 · Curtir · 5

Falante 35 Agora eu queria saber em que canto do contrato da cantina tem dizendo que não pode ter outros pontos de venda dentro do Instituto.
26 de setembro de 2013 às 17:46 · Curtir · 4

Falante 29 O que eu mais fiquei indignada foi quando transformaram o NatalCard em deposito pra cantina.
26 de setembro de 2013 às 17:57 · Curtir · 15

Falante 14 Mais que curtido!
26 de setembro de 2013 às 18:13 · Curtir · 2

Falante 40 A senhorinha dos bolos de brigadeiro é uma empreendedora jóia, tem qualidade e preço.. Ela poderia buscar apoio na Incubadora do CNAT.
26 de setembro de 2013 às 18:26 · Curtir · 10

Falante 37 , não sou contra nem a favor, apenas citei o lance da lei que existe. Qualquer coisa, é se organizarem ai e mudem as leis. Boa sorte.
26 de setembro de 2013 às 18:36 · Curtir · 1

Falante 41 Q MERDA ISSO ...
26 de setembro de 2013 às 19:25 · Curtir · 1

Falante 42 foi o pessoal da lanchonete não. foi um professor que mandou um email pra a direção dizendo que se não proibissem ele irira denunciar. #Lesadoooo
26 de setembro de 2013 às 20:08 · Curtir · 5

Falante 43 Aquela cantina só vende porcaria. Nem o café presta. Eu tive que almoçar uma vez um PF e passei 15 dias com infecção intestinal. Os salgados são vendidos quase crus. E a atendimento nem se fala.
26 de setembro de 2013 às 20:24 · Curtir · 13

Falante 44 Só sabem proibir, comida de qualidade não vem. #VoltaYoko
26 de setembro de 2013 às 20:29 · Curtir · 5

Falante 35 Devido a inúmeros defeitos daquele estabelecimento, decidi não mais ser consumidora de lá, raras as vezes vou lá gastar minha grana com o "ouro" que eles vendem. #VOLTAYOKO
26 de setembro de 2013 às 20:31 · Curtir · 3

Falante 45 geente, isso não pode!! #VOLTAYOKO
26 de setembro de 2013 às 20:32 · Curtir · 4

Falante 46 O cupcake não 😔
26 de setembro de 2013 às 20:34 · Curtir · 4

Falante 47 como assim não pode? a unica coisa que eles poderiam proibir a venda seria a questão da higiene, nunca vi uma mosca se quer sobre os cupcakes! Já não posso falar da higiene da cantina, é a abelha, é mosca, mas não vejo em nenhum momento a diretoria dizendo que vai interditar a cantina pela falta de HIGIENE E PREÇOS ABSURDOS! #VOLTAYOKO

26 de setembro de 2013 às 20:41 · Curtir · 7

Falante 48 É um absurdo isso que estão fazendo com a senhora dos cupcake! Queremos cupcake na escola IFRN.

26 de setembro de 2013 às 20:51 · Curtir · 3

Falante Queremos cupcake .

26 de setembro de 2013 às 21:26 · Curtir · 2

Falante 50 Queremos cupcake...

26 de setembro de 2013 às 21:31 · Curtir · 1

Falante 33 Preços absurdos, comidas de péssima qualidade e o atendimento é uma tristeza. Esperar mais de 30 minutos para comer um hambúrguer(mega mal feito) é algo IMORAL.

26 de setembro de 2013 às 21:31 · Curtir · 1

Falante 51 os salgados do If são horriveis !! macete : vizinho ao call center da riachuello tem uma cigarreira que o preço do salgado tbm é 1,50 mais vale muiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiito apena !!!! o suco ja é pronto e perfeito ^^

26 de setembro de 2013 às 21:32 · Curtir · 2

Falante 52 Além de tudo que foi citado, tem o PF que vem com comida praticamente crua (Hamburguer e outros).

26 de setembro de 2013 às 21:47 · Editado · Curtir · 4

Falante 53 Isso é muuuuuuuuita injustiça ¬¬

26 de setembro de 2013 às 21:47 · Curtir · 1

Falante 18 i, item 3.6 do contrato

26 de setembro de 2013 às 21:50 · Curtir · 1

Falante 18 mas...



26 de setembro de 2013 às 21:51 · Curtir · 1

Falante 35 Conte-me mais, jovem...

26 de setembro de 2013 às 21:51 · Curtir · 1

Falante 18 Conhece o Coletivo?
26 de setembro de 2013 às 21:52 · Curtir · 1

Falante 18 amanhã abre a licitação a cantina
26 de setembro de 2013 às 22:02 · Curtir · 3

Falante 35 Esse mano manja demais das "paradas". hm
26 de setembro de 2013 às 22:03 · Curtir · 2

Falante 27 O Coletivo Ambientalisa ta analisando o contrato da cantina e a licitação que esta por vir
26 de setembro de 2013 às 22:09 · Curtir · 1

Falante 18 https://www.facebook.com/ColetivoAmbientalistaIFRN



26 de setembro de 2013 às 22:10 · Curtir · 3

Falante 29 Eu mesmo também deixei de comer muita coisa lá depois que eu achei um pedaço de plástico no salgado que eu comprei.
26 de setembro de 2013 às 22:11 · Curtir · 6

Falante 18 é, por essas e outras, muitas outras...que estamos tocando o projeto #MerendaÉNossa!"
26 de setembro de 2013 às 23:29 · Editado · Curtir · 6

Falante 54 O Coletivo é um grupo aberto, formado por estudantes, que toca alguns projetos no IF, visando uma melhor qualidade de vida para estudantes e servidores. Aí um dos projetos é o 'Merenda é nossa' que tem o objetivo de melhorar a comida em geral do IF. Ta em andamento já 😃
26 de setembro de 2013 às 22:21 · Editado · Curtir · 8

Falante 55 Carai, mentira, né? 😐
26 de setembro de 2013 às 22:33 · Curtir · 1

Falante 56 CAMPANHA #VOLTAYOKO COM TUDO!!!
26 de setembro de 2013 às 22:39 · Curtir · 4

Falante 57 #AMERENDAÉNOSSA por menos batgut aguado e mais higiêne na cantina o/
26 de setembro de 2013 às 23:12 · Curtir · 6

Falante 58 Se essa galera toda se uni-se para reivindicar a qualidade e o preço dos produtos que são vendidos na cantina, garanto que as coisas melhorariam bastante. Afinal, a merenda não é só minha, nem só de vocês, #AMERENDAÉNOSSA e a responsabilidade de pensar num if melhor também é nossa! \o/
26 de setembro de 2013 às 23:23 · Curtir · 7



Falante 59 #AMERENDAÉNOSSA #AMERENDAÉNOSSA #AMERENDAÉNOSSA que absurdo! Oferecem uma comida ruim e ainda querem monopólio!
26 de setembro de 2013 às 23:24 · Curtir · 7

Falante 57 sobre o "monopólio": tem no contrato! Mas isso não significa que nós alunos não possamos nos unir pra criar um contrato agradável a todos (incluindo mulé do cupcake e N pessoas que vendem ilegalmente - sim, ilegalmente) no instituto!
26 de setembro de 2013 às 23:28 · Curtir · 7

Falante 60 Vou sentir saudades de cruzar com a mocinha do cupcake nos corredores do if 🙁 #VOLTAYOKO
26 de setembro de 2013 às 23:30 · Curtir · 1

Falante 18 tem q regulamentar um pouquinho pelo menos né, senão esculhamba
26 de setembro de 2013 às 23:30 · Curtir · 3

Falante 61 só vou achar um pouco esquisito se começar a aparecer aqueles trailers de cachorro quente e picolé caicó kkkkkk mas como é algo mais simples e discreto,acho que nao tem muito problema
27 de setembro de 2013 às 14:25 · Curtir · 3

Falante 18 de simples e diiscreto em simples e discreto venda dorgas e tudo, kkk. Nada contra, sou antiproibicionista, mas convenhamos q tem coisa q n cabe num órgão público federal de educação.
27 de setembro de 2013 às 14:27 · Curtir · 4

Falante 61 Aí eu realmente concordo. Faca de 2 gumes.
27 de setembro de 2013 às 15:00 · Curtir · 3

Falante 55 #amerendaénossa
27 de setembro de 2013 às 21:34 · Curtir · 5

Falante 62 Deveria ter um cadastro para que os alunos pudessem vender coisas para arrecadar dinheiro para formatura. Organizaria bem mais a coisa. Até onde eu sei Elza não tem nenhuma ligação com o IFRN... Já vi um homem mal encarado vendendo até pamonha no CN. Mais um pouco e ia virar bagunça.
29 de setembro de 2013 às 22:38 · Curtir · 5

Falante 43 Cachorro quente e picolé caicó kkkkkkkkkkkkkkkkkkk
29 de setembro de 2013 às 22:59 · Curtir · 2

Falante 18 o nosso projeto, conversado com a direção é esse, pra vender o cara tem q ter um doc da direção, q pra conseguir tem q passar pelo crivo da nutrição (higiene, segurança alimentar...), nada burocrático, mas o controle mínimo necessário.
29 de setembro de 2013 às 23:17 · Curtir · 3

Falante 18 Sobre os vendedores que já são "de casa", oq pode, talvez, incluir a Yoko, poderia haver uma espécie de acordo, mas aí depende de conversar isso com a Direção tbm. Sò não dá pra ficar a feira do alecrim q tava
29 de setembro de 2013 às 23:18 · Curtir · 5


Falante 18 enfim, só n adianta revolta de face...
29 de setembro de 2013 às 23:18 · Curtir · 4
Falante 63 quero o açaí de volta
30 de setembro de 2013 às 17:11 · Curtir · 4
Falante 55 Açai acabou também? reiosse.
30 de setembro de 2013 às 17:22 · Curtir · 2
Falante 63 tiraram,passei a tarde esperando eles e NADA!
30 de setembro de 2013 às 17:24 · Curtir · 1
Falante 63 pois é... perguntei para um garoto que estava nas rosquinhas e ele que me falou, a moça do cupkake esta vendendo ainda,só que perto da faixa de pedestre fora do if
30 de setembro de 2013 às 17:37 · Curtir
Falante 18 o nosso projeto, conversado com a direção é esse, Raul, pra vender o cara tem q ter um doc da direção, q pra conseguir tem q passar pelo crivo da nutrição (higiene, segurança alimentar...), nada burocrático, mas o controle mínimo necessário. [2]
30 de setembro de 2013 às 18:25 · Curtir
Falante 64 Ontem quando eu sair do IF a senhora estava na calçada do instituto com seus cupcake!
2 de outubro de 2013 às 20:57 · Curtir · 3
Falante 33 Ela continua vendendo próximo ao IF, em direção a faixa de pedestre. Se eu não me engano a partir das 13:00 ela já tá por lá.
3 de outubro de 2013 às 12:13 · Curtir · 1
Falante 63 alguma noticia do açaí?
4 de outubro de 2013 às 13:28 · Curtir
Escreva um comentário...

1.5 Postagem #5 – 26 de setembro de 2013

Falante 18 compartilhou a foto de Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto.
26 de setembro de 2013

Pra você que é boe revolts com a Cantina...



Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto

O COLETIVO NÃO PARA!

Sexta rolou mais um reunião, dessa vez com e o pessoal do CA de TADS. Depois de uma longa conversa encaminhamos algumas coisas sobre o MERENDA É NOSSA e outros projetos. Resolvemos dividir o pessoal em equipes e cada equipe ir tocando uma parte do MERENDA É NOSSA. Se interessem pelo projeto! Irá mudar em muita coisa a sua vida no IF!! Coloque seu nome em alguma equipe e mãos a obra!

- Equipe 01 (Revisão de contratos): Essa equipe fica responsável por revisar os contratos da cantina e refeitório e analisar quais pontos devem ser melhorados, adicionados ou retirados.

. (Col. Ambientalista)
. (CAADS)
. (Col. Ambientalista)

- Equipe 02 (Discutir com nutricionistas opções saudáveis e viáveis para o cardápio): Pessoal que ficar nessa equipe fica com a função de se reunir com as nutricionistas do IF para discutirem opções saudáveis que possam de adicionadas ao cardápio da cantina, de uma forma que não tire o lucro da empresa.
. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)
. Algum membro do CAADS


. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)
. Algum membro do CAADS
. Algum membro do CAADS

- Equipe 03 (Conscientização ambiental): Iniciativa muito importante! Já tá hora de parar o desperdício de energia, água e alimentação, né? Pois então, a galera que ficar nessa equipe trabalhará na construção de ideias para intervenções em torno da conscientização ambiental dos alunos do IF.

. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)
. (Col. Ambientalista)

- Equipe 04 (Levantamento de Cooperativas/ Criação de projeto de Produção nos campi): Vimos que é necessário o levantamento de cooperativas que possam fornecer uma comida orgânica para o IF e que um projeto de produção alimentar entre os campi não seria uma má ideia. Pq não o campus de Ipanguaçu, maior campus no estado, produzir algum tipo de alimento e repassar para os demais campi? Galera dessa equipe fica responsável por fazer um levantamento de cooperativas que vendam comida orgânica no estado e pensar em um meio para que esse projeto de produção/venda entre os campi dê certo!

. (Col. Ambientalista)

LEMBRANDO QUE NOS REUNIMOS TODA SEMANA ÀS 12H NA SALA 67 DO NIT! SE CHEGUEM E VENHAM TAMBÉM CONSTRUIR ESSE COLETIVO!!

Curtir · Comentar · Compartilhar · 13 2

13 pessoas curtiram isso.

Falante 64 Essa ideia deveria circular também pelo Campus Cidade Alta. A cantina de lá... misericórdia! #oremos!
1 de outubro de 2013 às 19:05 · Curtir

Falante 18 Kkkk, a ideia é essa! O projeto foi feito pra funcionar em conjunto com outros campi. Só precisamos consolidar mais
1 de outubro de 2013 às 19:26 · Curtir · 1

Escreva um comentário...

1.6 Postagem #6 – 24 de setembro de 2013



Falante 15

24 de setembro de 2013

Estou muito triste com essa Cantina daqui do campus central. Quando consigo comprar o PF chego as 12h30 e falam pra mim que não tem mais .... Como assim não tem mais ? eu comprei ta aqui a fichinha! ...- pode pedir seu dinheiro de volta ... fui comer um salgado e o salgado com osso e o milho duro ! Fim de mês é osso rsrsrsrs senao nao faria tanta questão em comer ali

19 curtidas 22 comentários

Curtir Comentar Compartilhar Buffer

19 pessoas curtiram isso.

Falante 66
24 de setembro de 2013 às 12:58 · Curtir

Falante 15
24 de setembro de 2013 às 12:58 · Curtir

Falante 67 Tá pessimo, temos que fazer um abaixo assinado nos três turnos para melhorar essa situação, pois tem dia que é impossivel comer nessa cantina.
24 de setembro de 2013 às 12:59 · Curtir · 8

Falante 68 Mais já fizeram um abaixo assinado!
24 de setembro de 2013 às 13:04 · Curtir · 1

Falante 67 Um abaixo assinado juntando os três turnos?
24 de setembro de 2013 às 13:06 · Curtir

Falante 15 esses dias eu respondi um questionário falando exatamente do atendimento e dos produtos da cantina mais faz um tempinho e nada de respostas no que deu isso!
24 de setembro de 2013 às 13:09 · Curtir

Falante 69 Na época que eu almoçava lá quando não tinha mais PF eles deixavam comer do self-service...não sei como tá agora. Mas a cantina lá é bem ruim sim, principalmente os salgados.
24 de setembro de 2013 às 13:09 · Curtir · 3

Falante 67 Bem, eu sou aluna de graduação a noite e esse questionario não chegou ao meu conhecimento
24 de setembro de 2013 às 13:11 · Curtir · 1

Falante 68 Acho que só fizeram no turno matutino e vespertino
24 de setembro de 2013 às 13:47 · Curtir · 1

Falante 70 Tecnicamente, por lei, eles têm o dever de te providenciar a comida
24 de setembro de 2013 às 13:47 · Curtir · 2

Falante 27 O Coletivo Ambientalista Prof. Nivaldo Calixto ,juntamente com o pessoal do CA de TADS, está tocando um projeto relacionado a isso. O projeto se chama "A Merenda é Nossa!". O questionário que estava rolando pelo facebook a uns dias atrás está servindo ... Ver mais

24 de setembro de 2013 às 14:16 · Curtir · 5

Falante 71 Trazendo de casa, por que do jeito que tá ou eu morro de infecção intestinal ou fico pobre de vez!

24 de setembro de 2013 às 17:39 · Curtir · 2

Falante 72 Também acho, servem comidas de péssima qualidade, algumas vezes até estragada estão, certa vez comprei um pão de queijo recheado e o frango estava VERDE. Só vejo reclamações e abaixo assinados, mas pelo preço do aluguel que pagam a escola não toma nenh... Ver mais

24 de setembro de 2013 às 18:06 · Curtir · 2

Falante 15 eu nao ia comentar aqui mais a Nutricionista da Cantina muito estressada falou que a falta do meu almoço era por causa dos alunos que compravam as fichas e nao comiam no dia ! E ainda falou que iria falar com o Reitor sobre essa situação!!! Guilherme Portela eu nao queria discutir com ninguem ali pq eu fiquei realmente muito triste com a situação !

24 de setembro de 2013 às 22:04 · Curtir · 2

Falante 73 Organização simples assim!

25 de setembro de 2013 às 08:01 · Curtir

Falante 73 Esses fatos tem que chegar a quem pode solucionar o problema mesmo!

25 de setembro de 2013 às 08:03 · Curtir · 1

Falante 74 Eu passei quase 20 minutos para ser atendido e eu tava comprando um simples picole. So fui atendido quando agi com grosseria e gritei la perguntando se ningua ia abrir os caedados para eu pegar meu picole e olha que eu ja tinha pago.

25 de setembro de 2013 às 12:10 · Curtir · 1

Falante 15 PESSOAL EU FIZ UMA RECLAMAÇÃO ESCRITA E ENTREGUEI TANTO A DONA QUANTO A NUTRICIONISTA . A DONA DISSE QUE EU TINHA QUE TER MINHA REFEIÇÃO SIM E QUE IRIA POR MAIS 20 REFEIÇOES ... ENTAO NO TOTAL SERA 140 REFEIÇOES POR DIA

25 de setembro de 2013 às 19:45 · Curtir · 2

Falante 75 No IF de Macau é comum encontrar insetos nos salgados...

26 de setembro de 2013 às 15:18 · Curtir

Falante 15 facam como eu antes de tudo! é bom conversar com o proprietario e falar suas insatisfaçoes! Pelo menos a dona da cantina do natal-central foi muito receptiva as minhas!

26 de setembro de 2013 às 19:13 · Curtir

Falante 65 Gente, o que "gota" acontece nas cantinas dos IF's hein? que "mazela" é essa?! IFRN-Cidade Alta também é uma negação! sem contar com a simpatia que rola no atendimento...

1 de outubro de 2013 às 19:07 · Curtir

Falante 72 E agora, no CNAT, não podem mais vender coisas sem ser na cantina, estão nos obrigando a comer estas comidas horríveis.

1 de outubro de 2013 às 19:09 · Curtir · 2

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

Grupo focal 1 – tempo de gravação: 2:13:13

LEGENDA:
Alunos: A*número* Mediador: M Observador: O Todos: T

M – Então é:::/ cê bota aí pra gravar Lu? Cê bota... é:: vocês todos foram convidados né? por mim ou por Romana sabem por que tão aqui hoje... então é:: nós vamos dar início/ é:: num/ num/ o grupo focal/ a dinâmica de grupo focal é:::/ é bem/ é bem livre né? como um debate só que num debate você/ você:: tenta convencer o outro na/ no::/ no:: grupo focal não você dá sua opinião a respeito de um tema né? bem livre num tem ninguém pode julgar num tem isso. Você pode dar a sua opinião livremente.

O – E a ideia é promover também a interação entre as partes então um tá ( ) a opinião então o outro::/ é interessante que o outro concorde ou discorde e explique por que né? então assim essa/ até a discordância também é interessante. Muitas vezes a gente fica inibido de discordar do outro né? quer sempre pensar igualzinho então é interessante também a gente captar essa pluralidade de pensamentos. Então ( ) deixar bem livre pra isso.

M – Isso. E aí nós temos grandes/ grandes tópicos que/ pra vocês falarem um pouco sobre e alguns dentro desses grandes tópicos algumas perguntinhas só pra motivar mesmo vocês a falar. Os grandes tópicos são participação democrática... protagonismo juvenil na escola... cidadania e voluntariado... comunicação e redes sociais... e manifestações sociais... todo mundo aqui né? já tem um pouco do conhecimento do que seria esses grandes tópicos... então é:: nós vamos começar com participação democrática e aí vocês/ eu gostaria que vocês falassem um pouco sobre o que vocês entendem né? o que é pra vocês e::/ e::: assim de uma forma bem objetiva a participação democrática. O que seria?

A1 – Eu acho que é algo colaborativo né?

M – Sim.

A1 – Que não se constrói só. Que tem a participação de toda comunidade pra que aquilo possa ser decidido.

M – Certo. Alguém mais tem alguma/ alguma coisa a dizer? É só pensar o que seria participação né? e o que seria democracia. E aí como seria formada/ como seria adjetivada a participação democrática a partir disso.

A2 – Eu também acho que a participação democrática vai/ indo pra um senso comum seria é::: a participação de uma maioria não necessariamente o que o todo reflete o que a maioria quer ( ) todo reflete.

M – Sim.

A2 – Tipo quando você fala em participação democrática pode ser que não seja todo mundo que participe da democracia só a maioria.

M – Sim.

A3 – Desde que isso ocorra conscientemente não ( ) (que tem ocorrido nos últimos tempos).

M – Ãhn... Como assim?

A3 – (Que é uma coisa muito) manipulada (hoje em dia). A democracia tá sendo muito manipulada pela mídia... pelo governo. ( ) Pra mim a participação democrática teria que ser uma coisa mais consciente sem essa manipulação toda.

M – Certo. Mais consciente você quer dizer da própria pessoa ou da

A3 – Tanto individual quanto coletiva.

M – Unhum... Alguém tem algo mais a contribuir?

A2 – Eu... Eu concordo com ele e::/ mas por exemplo quando você fala da mídia é::: quando você por exemplo você tá na mídia e:: a mídia de massa é::: o canal de televisão ele tem geralmente uma ideologia por mais que ela não fique clara... e:: uma coisa boa pra melhorar a participação democrática seria deixar uma ideologia com uma canal mais aberto assim mais claro... me esqueci...

A3 – No caso ter uma visão mais crítica na hora de colher a informação que o canal passa depois analisar e buscar entender de forma crítica se aquilo realmente condiz com a realidade do país ou (o momento) ( ) está falando.

A2 – As vezes/ as vezes a pessoa não tem esse senso crítico e ela acaba vendo tudo que um certo veículo diz como verdade.

A3 – Justamente ela toma pra si a opinião de outros. Ela não tem ( ) formado ela se apropria de opiniões alheias que as vezes não é tão ( )

A4 – Na hora que:: aqui dentro da escola você consegue por parte de direção... por parte de grêmio ( ) que seja... você promover discussões de forma que o aluno participe efetivamente das decisões e você/ professor que seja... os que fazem claro... colocar na mente do aluno que é necessário ele refletir antes de tomar decisões que ele tem direito a participar das decisões que é direito dele... até mesmo dever participar das decisões... na hora que a própria escola já começa a fazer isso quando a pessoa volta pra casa ela já começa a disseminar mais isso... eu vejo isso muito como papel/ como papel da escola e aqui no instituto ele é bem::/ bem realizado. Que é o inserir do cidadão na decisão já torna ele um pouco mais pensante que você deixar ele alheio a decisão e que ele vai participar da decisão só::/ só no momento de decidir... na hora de construir o que vai ser decidido a pessoa não participa. Aqui se faz isso... o aluno constrói o que vai ser decidido pra depois construir/ pra depois/ pra depois decidir e isso é/ é o que ajuda a pessoa a ser um pouco mais crítica. Claro que as exposições de/ de:: o que é um pensamento crítico... a importância das disciplinas de filosofia sociologia que seja... ajuda a você ser um ser um pouco mais pensante e como/ e o que foi falado de mídia eu acho que a valorização da/ das empresas públicas de comunicação facilitam um pouco esse processo de mídia

descompromissada. É::: a gente/ quem assiste/ quem assiste e escuta as emissoras da EBC empresa brasileira de comunicação vê essa diferença em relação as outras emissoras... consegue identificar essa diferença das outras emissoras. A valorização de uma emissora pública com certeza ajuda a mudar o pensamento da população.

M – Ãnhan...

A3 – E::/ e também tem que ver que:: uma parte das empresas/ das empresas de comunicação públicas é que o conteúdo criado por elas acaba que não atinge tanto a massa quanto o::/ os outros canais de comunicação. Tipo talvez se houvesse uma reformulação do conteúdo também seria atraente. E:: outra coisa que tava falando e eu queria adicionar é que:: nesse::/ eu já esqueci o tema

M – Participação democrática

A3 – Sim... a participação democrática é:: as vezes a pessoa nem conhece direito o instrumento que ela tem que é o voto. Eu tava lendo um artigo no Medium ( ) escreveu que ela explicava como funciona o voto/ voto nulo... que o voto nulo/ e que as vezes a pessoa vota nulo e tal por que acha que vai fazer alguma coisa na/ na eleição mas na verdade ele num conta. Você tem que votar branco se você quiser que a eleição seja anulada e não nulo. E eu achei isso muito interessante que NEM EU sabia.

A4 – No nulo você tá simplesmente anulando seu voto.

A3 – É:: cê é um eleitor a menos na contagem. Isso é muito muito importante.

A4 – De repente essas disseminações de campanha vote nulo pense que tá ajudando e acaba atrapalhando a eleição.

A5 – Você não existe... você se anula né?

A4 – Você se anula. E:: eu sinceramente eu acho uma::/ já que o tema é participação democrática... eu acho uma covardia a pessoa anular o voto. Um desrespeito a quem lá nos anos setenta... início dos anos oitenta final dos anos setenta... acabou perdendo a vida/ muitos acabaram perdendo a vida pra o país/ pras pessoas o país terem a oportunidade de votar hoje... reconquistarem a possibilidade de votar... a gente passou mais de vinte anos da nossa história sem a possibilidade de votar... teve (digaí tudo bem?) e teve gente que acabou perdendo a vida pra gente poder votar e vem um... (não vou adjetivar) uma pessoa qualquer defender e anular o voto.

A2 – É:: e tipo e/ e:: como você disse que anular o voto é diferente votar branco que ( )

A3 – Quando você vota branco você tá querendo significar que nenhum candidato lhe agrada nenhum candidato segue a sua linha política.

A4 – E::: assim mesmo que você num encontre um candidato que siga a sua linha totalmente você tem a possibilidade de::/ de se posicionar... tem A e B e C ou D... uma penca de candidato que tem aí.

M – Ãnhan... Pronto. Agora vamos voltar ao tema ((risos)) Participação democrática é::: em que você/ em que vocês consideram importante essa participação? Em que nível da sociedade assim político... cultural... na educação... na saúde... é/ é:: na segurança... em quê vocês consideram mais importante a participação de vocês? Assim... onde influenciaria mais?

A4 – Rapaz... É:: tendo em vista que nós como população e nós/ nossa/ uma das mais/ maneiras mais fácil de se alterar é pelo voto você cons/ votando em bons políticos... você construindo uma política melhor... você constro/ você consegue mexer em todas as outras áreas sem necessariamente você entrar de testa pra mexer naquela área. O ato votar BEM você já/ já melhora muitas coisas... então você ter uma participação boa na política pra entrar em discussões e tendo um bom voto e se posicionando ou não se posicionando já consegue mexer nas outras áreas.

M – Ãhn... quem tem mais alguma coisa a dizer sobre?

A6 – Vou pedir desculpa que eu cheguei um pouco atrasado mas eu já entendi mais ou menos o feedback aqui ( )

((risos))

M – Certo. Como vocês/ como vocês costumam é::/ exercer a participação livre? Como vocês acham e quais são as formas que vocês consideram que são impor/ que é importante de:: exercer a participação livre e criativa? Sem ser aquela/ é:: sem ter aquela representação é:: mais formal assim institucional que seria a partir de partidos e tudo como vocês já citaram e::/ é/ é:: também pelas representações informais como a construção dos grupos... das comunidades... dos coletivos... que hoje né? tá sendo mais... vocês acham que tá sendo mais é:: constante essa criação de novas representações ou realmente as antigas né? as mais formais ainda existem com/ com tanta força?

A6 – Eu posso falar?

M – Sim.

A6 – Por que assim é:: as pessoas as vezes se apegam muito a/a:: questão institucional mas em um direcionamento só... por exemplo IFRN só... mas os movimentos sociais eles tão::/ eles tão dentro da sociedade em vários setores que a gente pode::/ que as pessoas podem atuar e/ e::/ e sem/ e sem:: por exemplo partidarizar ( ) de forma neutra... assim os movimentos sociais eles são mais antigos do quê:::/ do que o período da ditadura... tem coisa aí que é:: que tá há mais tempo do que Getúlio Vargas do que:: né? então quer dizer eles vem trabalhando pra/ pra::/ no sentido de melhorar é::: as/ a vida das pessoas a qualidade das pessoas e:: o terceiro setor também ele é um pouco visto como se fosse a::/ a questão do ( ) do Estado né? que a gente viu até na disciplina da gente que o Estado se exime do dever que tem em fazer/ formar as políticas públicas e utiliza o terceiro setor nesse sentido. Mas os movimentos sociais eles/ eles de uma certa forma eles são uma forma das pessoas militarem dentro e::/ e existem movimentos sociais que se apegam as/ as siglas partidárias mas existem movimentos sociais que num dependem de partido não...

nem::... e num dependem de você/ "não os movimentos sociais é ligado ao CHCHILA na UFRN... é ligado a num sei o quê o DEART num sei o quê... ao Centro de Convivências... ao setor de/ de Ciências Sociais da UFRN ao IFRN"... não. Tem uma galera que faz os movimentos sociais dentro das comunidades e estão muito de::/ é:: muito dignos de tá realizando esse trabalho e tão tendo retorno por que quando eles tão fazendo trabalho sem a imagem institucional... sem a imagem partidária aí que a imprensa mídia eles valorizam mais ainda esse trabalho. Por que? Por que num é que seja feio você trabalhar dentro do partido é por que a sociedade brasileira perdeu muito a credibilidade política... principalmente atualmente tá entendendo? Então assim/ de uma certa forma a forma da gente atuar num é só num lugar não a gente tem vários locais pra que todo mundo fique bem a vontade que num tem só um lugar pra atuar não a gente tem vários lugares pra atuar. A gente pensa que "não acabou tá fechado o ciclo... acabou isso aqui num sei o quê num sei o quê só tem isso aqui" não! Tem vários! Tem tanta coisa que/ tanta oportunidade que a gente como/ como cidadão pode se envolver dentro da/ das/ como ativista como... e aí com as novas mídias e tal nas redes sociais a gente vê comunidades que:: né? praticam horta urbana... num sei o quê num sei o quê... e por aí você vai né Geraldo? Você

A4 – É o/ o simples fato/ eu citei antes de você chegar/ que o papel que por exemplo aqui é desenvolvido que a escola integra muito pessoal manda construir as coisas antes de decidir... o simples fato de você::/ eu gosto muito de liderança né? o simples fato de você se colocar como uma liderança na sua comunidade... promover discussões lá no seu bairro ali na/ nas duas ruas pra cima duas ruas pro lado... o simples fato de você promover discussões ali naqueles meio... naquele ( ) e você começar a inserir um pensamento que::

[

A6 - É:: organiza e estimula

A4 – Você já começa a estimular a pessoa a começar um pouquinho mais no macro. Esses pequenos movimentos sociais por exemplo um "salve o Parque das Dunas" ele começou tão pequenininho e só o ato de discutir discutindo discutindo ele já aumentou... tá uma coisa macro. A:: o que o pessoal cita muito hoje com "Revolta do Busão" começou pequenininho... então uma duas pessoas se reuniram começou a discutir virou quatro virou oito virou dez... cem... mil... pessoas pelo ato de um dois começarem a discussão. Um micro acaba virando macro por que você ali iniciou

[

A6 - A comunicação facilita muito né? também

A4 – A comunicação facilita... você começa devagarzinho... tem até um tema mais a frente que é redes sociais né? que fala nisso... mas o ato de você começar sozinho discutir isso é::... sem querer mesmo só por tá discutindo você atrai as pessoas.

A1 – Eu acho que:: é:: Geraldo falou de liderança mas eu acho que:: o fato de você não/ não ter potencial de líder... não/ não ser líder isso num vai num/ num deve lhe inibir a participar... eu vejo muito aqui o Coletivo Ambientalista... enfim vários... o

grupo das feministas e tal... o pessoal que/ que quer participar eu acho que:: o/ a::/ o motivo pra você participar é você querer é você ir e tá ali... você num precisa ser líder você num precisa nem chegar com uma opinião formada... você pode simplesmente chegar e ouvir o que aquelas pessoas tem a dizer e formar sua própria opinião a respeito daquilo. Eu acho que é muito::/ muito de você querer participar assim e::/ isso a gente vê muito forte nos alunos daqui.

A6 – A palavra é participar né? tá muito na prática né? você querer praticar. Por que as pessoas ficam muito na/ no diálogo é:: no discurso mas quando vai botar na prática cadê a prática? Tem que ter a prática. O mundo é a prática. A gente fica muito naquele discurso "vamo fazer um mundo melhor" sim mas cadê a prática?

A4 – O pessoal elegem::/ que seja né? elegem um presidente um governador... elege o que seja e::/ e quando passa a eleição joga toda a responsabilidade em cima do cidadão. Esqueci que primeiro você elegeu o deputado que é quem/ que é quem faz a lei é o deputado... deputado estaduais federais e os senadores né? quem faz/ quem faz as leis é esse pessoal... é o poder legislativo. Presidente governador prefeito é poder executivo. Você não pode se eximir da responsabilidade. Exi/ são eles os canais de você participar da Assembleia Legislativa da Câmara dos Deputados do Senado Federal... promovendo discussões seja por... pegar o candidato "oh votei em você eu tenho tal ideia... o que é que você acha?" sugerir a pessoa... ou mesmo "eu não votei mas ( ) é quem trata muito desse negócio/ desse movimento" por exemplo cara tem alguma coisa sobre LGBT "vou procurar ( ) procurar Jean/ Jean Wyllys" embora você num tenha votado em Jean... nem é possível por que ele é candidato pelo Rio de Janeiro você chega pra ele "oh Jean eu tô::/ tenho tal pensamento. O que é que você acha?"... são eles os canais de participar e você não precisa ser o deputado. Só precisa ser cidadão. Só precisa ir ( ).

M – Sim. E vocês que tão caladinhos? O que é que vocês acham sobre isso?

A5 – É. Como ele comentou né? o discurso discurso quem quer mesmo quer participar quer praticar o que tá pensando. E:: eu sou de Controle Ambiental é muito forte isso... você protege a natureza... planta árvores... faz isso e aquilo... quer promover tudo só que tá no ônibus chupa uma bala joga o papel pelo ônibus. Isso é tremendamente fora de realidade entendeu? Eu fico constrangida a ponto de matar a pessoa... mas é complicado demais por que "não... só um lixinho" aí num vai ter trabalho pro gari. Piorou a situação esse comentário da pessoa né? Mas::

A6 – Ninguém quer morrer pra dar trabalho ao coveiro.

A5 – É:: mas

((risos))

A5 – Meio complicado isso. Então realmente como o senhor/ você disse é:: quem quer participar... quem quer praticar... num é quem só quer discutir discutir... precisa que cada pessoa faça... tem uns pra discutir outros pra praticar outros pra todo::/ toda participação do/ do:: movimento digamos... oficial ou não... o que importa é fazer o que a pessoa acredita. Que tá fazendo certo.

M – Certo. é:: esse tema era o menorzinho... curtinho e já rendeu tanta coisa... ((risos)) Que bom! O próximo é Protagonismo Juvenil na Escola... é::: talvez os que ficaram caladinhos falem mais sobre isso... é:: qual/ o que vocês é::/ entendem assim e:: como vocês veem o papel do/ do:: jovem estudante como protagonista desde/ passando é:: do papel de coadjuvante na instituição de ensino pra:: o papel de protagonista como vocês entendem isso?

A8 – Assim... eu quero pedir desculpa pelo atraso... imprevisto aí ( )... eu acho que primeiro o espaço escolar deve estar aberto pra questão... assim eu amo ( ) sabe? Por que ( ) eu sou filha/ filha do espaço público... o espaço público ( ) por que é nele que eu acho mais aberto pra ser trabalhada essa questão... certo que no privado a gente já não vê isso né? a gente já não vê um::/ um grêmio estudantil ser formado no CEI. Eu acho que pra::/ eu acho importante ver o espaço né? a escola tem que ( ) espaço pra cada coisa... os professores tem que/ tem que incentivar essa questão né? e dar apoio mesmo à juventude... eu acho que elas precisam de ( ) se articular né? e sair do:: como você colocou o::/ partir já pra coadjuvante né? sair daquele/ daquela coisa do anonimato que ( ) e passar a ser (protagonistas) né?

M – Sim:: protagonistas né?

A8 – Isso. Num sei se eu soube contribuir mas eu penso dessa forma.

M – Sim. E os outros/ os demais o que é que?

A9 – Eu acho que assim... que o estudante é:: dentro da instituição ele:: está mais presente no dia-a-dia das necessidades que:: nós passamos do que os diretores o::/ o pessoal do executivo. Então cabe a ele ter voz pra mostrar que tá acontecendo isso dentro da instituição por que as vezes o pessoal só reclama reclama e não faz nada... e:: "ah eu sou só um isso e aquilo outro... ele que tem que ver" não! Se tá vivenciando isso então você que tem que dar um jeito pra fazer eles notarem... independente de grêmio estudantil... independente de movimento algum... por que é como Geraldo falou as coisas começam com::/ de um debate a dois só... a partir do momento que você observa uma necessidade que começa a debater sobre aquilo... você se torna responsável em repassar é:: essa ideia... você::/ esse problema que você notou e a solução que você tem e abrir a outras pessoas e discutir soluções pra isso à frente... então nada vai/ como:: já foi dito se eu observo que:: estamos necessitando disso... mas eu guardo pra mim então não vai servir de nada.

A3 – Aí essa ( ) que Marcia falou... ela falou que os professores não ( ) parte executiva e institucional da escola não tem tanto consciência do que ocorre (dentro) da aula com o aluno ( ) do aluno falar exprimir opinião chegar pro professor chegar pro coordenador aquela ( ) coordenador de curso e falar "olhe... tal coisa tá acontecendo"... mesmo que não seja uma/ um (assunto) política algum tema que seja ( ) a menor coisa que seja é importante por que ele tá sendo voz ativa naquela sociedade de formação de um ambiente melhor pro ensino ele/ ele tá::/ deixou de um coadjuvante ficar só na sala sentado reclamando com os alunos e passou a ser protagonista... chegar reclamar dar uma solução ou/ um/ alguma ajuda e cobrar depois

que seja dado resposta por que ele tá sendo representante de seus direitos e seus deveres... assim como qualquer outra pessoa.

A2 – E tipo:: nesse caso que você citou de micro e tal do aluno ir falar diretamente com o professor as vezes é importante que o professor se sinta numa relação é::: bilateral tipo que ele possa falar no mesmo nível com o professor por que as vezes o aluno até se sente oprimido pela postura de certos professores... as vezes acontece muito isso.

A4 – Eu nunca tive problema em NÃO ter direito exercido por que eu sempre fui (absoluto) com as coisas pra::/ eu nunca aceitei muito (pela)/ eu nunca aceitei essa história de que o professor é mais do que eu... eu sempre tive na cabeça... sempre tive/ sempre tive na mente que::/ e sempre dizia isso quando a discussão apelava dizia "eu menino bota na cabeça que você só é funcionário público por que essa escola existe. Você poderia até ser funcionário público em outra ocasião mas em outra coisa você não seria professor. Nós somos a mola/ nós somos a mola motora da escola. A escola/ o instituto ele só existe por que existe aluno/ existe demanda. E até mesmo escola particular... ela só existe por que tem uma demanda de alguém que tem dinheiro pra pagar aquele estudo. E na escola pública alguém que não tem e corre pra escola pública. A escola só existe por que há uma demanda. E as/ e existe até menos escola do que demanda então o aluno ele precisa saber que ele tá de igual pra igual com o professor... claro num vai tratar o professor como paricero mas ele tem o direito e o dever de discutir com o professor. A de/ a situação tá errada? "professor! Eu acho que não é assim... vamo conversar aqui né? vamo aje/ arrumar um jeito aqui de melhorar a situação por que eu tô achando que o senhor tá fazendo tal coisa tal coisa tal coisa que num pode" e da mesma forma tem que aceitar também. É:: ele tem que ser protagonista mas ele num é o dono da situação também não. Professor chega "fulano! Vamo colaborar aí!" também aceitar. É:: eu acho que esse pensamento que falta. O aluno ele É a mola motora da escola. A escola só existe por que TEM o estudante pra::/ pra ocupar as vagas ocupar os bancos da escola. E ele TEM que fazer::/ fazer existir esse direito.

M – Sim.

A1 – Ah:::... eu lembro que:: quando eu fazia Produção Cultural eu paguei uma disciplina e::: foi logo depois da greve os professores tavam passando muito trabalho muita prova e a gente tava com muita coisa pra fazer... aí:: a gente chegou num dia de prova e tal "e aí? Estudou? Estudou?" e todo mundo "não::... num sei de nada" e a galera toda perdida... aí eu era líder da sala né? eu falei "gente vocês acham justo a gente fazer essa prova hoje?" aí o pessoal "boy eu num tô preparado num sei o quê" aí eu "gente então vamo conversar com a professora?" "homi::: tu é doida? Isso vai dar uma confusão danada!" eu disse "homi vamo conversar com ela?"... aí quando ela chegou eu disse "professora a gente conversou entre si e a gente viu que a GRANDE maioria da turma num tá preparada pra sala inclusive alunos que sempre foram exemplo sempre estudaram muito disseram que hoje não estavam preparados pra fazer uma prova. Cê acha mesmo que:: seria o ideal fazer essa prova hoje?" ela "ah!

Num tem outro dia num sei quê”... eu sei que a gente conversou discutiu e acabou que a gente entrou nos assuntos dos problemas que a gente passava ali dentro de sala de aula e acabou esquecendo da prova e ela foi marcada pra um outro dia. Então acho que o/ o::/ a questão é você mesmo/ mesmo que você ache que não tem espaço que o professor num vai lhe ouvir... aí você vê “ah! Eu sei chegar e buscar um diálogo de uma forma:: assim tranquila querendo resolver o problema. Eu acho que o aluno ele tem que pensar que ele/ ele pode ser um::/ um:: caminho pra resolver o problema/ uma ponte pra resolver o problema e não pra CRIAR mais problema né? Chegar e “Ah! Professor o senhor tá errado a prova num é hoje/ num vai ser hoje por que ninguém quer fazer hoje não... e a galera vai embora... tchau! Fiquei puta!”... não! Num é isso! Num é isso. É você chegar e conversar “ah! Mas se num for hoje vai ser quando? Ah! Vamo ver aqui um dia pra gente fazer e tal” é melhor você tentar resolver ao invés de criar um outro problema.

M – Unhum... É vocês acham que/ que:: atualmente há esse espaço? Você/ vocês tão na realidade IFRN né? que é uma outra/ a gente sabe que acaba sendo uma outra realidade de/ de outras escolas mas vocês acham que tanto aqui quanto em outras instituições também ainda é possível isso? Que haja essa participação do estudante na construção do/ do planejamento e do desenvolver da educação no ensino da escola?

A9 – Possível é. Agora aquela coisa... ontem teve um Gabinete Itinerante e::/ acho que foi Gabinete Itinerante e poucos alunos foram... ( ) do pessoal em si tomar é:: querer participar por que tipo muitos reclamam mas tem as oportunidades como no planejamento interno da instituição e muitos alunos reclamam mas quando tem não aparecem “ah! Vai ter ( )” beleza uma minoria acaba indo e::

[

M - É:: existe oportunidade mas

[

A9 - Mas eles não aproveitam... uma minoria acaba indo EXPONDO as necessidades que essa minoria (vai ter) mas de repente há outras necessidades que:: essas pessoas não veem que outras veem mas não são expostas. Mas eu acho que HÁ SIM essa oportunidade da gente construir junto com:: a parte executiva o melhor pra instituição.

A3 – Agora assim... temos oportunidade muita aqui no IF sim mas há outras escolas... eu falo da minha anterior

[

A1 - É sair da ditadura pra democracia.

((risos))

A3 – Em que os alunos QUEREM mudar mas há uma oposição da gestão da escola. Bate muito de frente. E as vezes é:: por ser minoria a gente não consegue mudar

muito. Nem por meio de grêmio nem conselho... foi um::/ uma grande luta pra gente conseguir implantar um grêmio na minha antiga escola e hoje ele tá morto. De

[

A6 - Depois que você saiu.

A3 – Depois que eu saí... depois que os GRANDES interessados saíram da escola ninguém quis bater de frente com a gestão que era muito opositora a isso que acha que é um problema pra escola... por que os alunos vão ter voz ativa vão poder participar mais... então

[

A6 - Ferramenta de transformação mesmo

A3 – A gente tinha a oportunidade mas as vezes a gente tem esse empecilho.

A6 – Eu assim... acho que a gente foi contemplado com o que Angelina falou mas eu sou suspeito a dizer muita coisa sobre o IFRN principalmente ali na Cidade Alta por que aquele Campus parece uma prefeitura.

((risos))

A6 – Lerson é um cara massa! Gosto dele. Ele (é meu mestre) considero ele demais. Meu amigão do peito. Mas a oposição por exemplo lá quando perdeu... quando a gente ganhou lá quando tava do lado de Lerson a gente simplesmente percebeu que eles/ eles desanimaram no processo de educação com a gente tá entendendo? De/ de dar aula corretamente... a gente percebe na forma como eles vem desanimando... tipo assim "Ah esses bicho fizeram contra a gente eu vou lá mais dar aula pra eles"... eu digo a você que num foi só eu que percebi não... várias pessoas... e falando do lado de cá de Lerson tem muito neguinho ali que precisa muito aprender o que é Produção Cultural ainda Angelina por que tem professor ali que num sabe nem dar aula de Produção Cultural... a verdade é essa tá entendendo? Por que eu digo isso por que eu venho da prática tá entendendo? Antes de entrar no curso eu trabalhava com isso tá entendendo? Aí chega gente que tá ali dentro e prefere é::/ tem interesses pessoais maiores e políticos ali dentro do quê dar aula pra gente tá entendendo? Acho que você sabe quem é que eu tô dizendo... mas fica só entre a gente. Tá entendendo? Atropelando os processos lá dentro... tá/ entendeu? E quando a gente vai questionar coisa dentro do IFRN a gente é mal visto então... tá entendendo?

A1 – Eu acho que isso que você tá colocando é uma questão interessante por que é::: são dois campos de realidade diferentes... aqui a gente tem grêmio a gente tem CA a gente tem DCE... a gente tem mecanismos pra gente participar... lá não. Lá os alunos não se sentem/ não se sentem motivados a participar... eles não tem uma representação num tem um grêmio num tem quem você procure... tipo assim o CA né? que lá é superior... cê num tem um CA pra procurar pra "poxa! Tá acontecendo isso vamo tentar resolver"... agora tem integrado lá também... não tem grêmio... então assim... o::/ a própria::/ o próprio campus ele não motiva o aluno a participar...

diferente daqui que você tem o Gabinete Itinerante você tem o planejamento interno tem::/ tem várias discussões do grêmio mesmo quando tava mais ativo.

A6 – É:: o Gabinete Itinerante mesmo quando foi lá eu perguntei a Belchior duas vezes ele não me respondeu ele tá me enrolando acho que vai até a terceira ( ) ele num me responde... aí Lerson ficou se coçando todinho né? por que Lerson fica logo agoniado. Eu disse "como é que vocês se propõem a/ a abrir edital pra projeto de extensão e num com/ e num convida a comunidade pra trabalhar dentro do projeto de extensão? Por que pra mim se a pessoa se propõe a fazer um edital dentro de um projeto de extensão é por que ela quer convidar/ a extensão ela já tá dizendo é uma coisa além da comu/ além do/ da::/ do ensino acadêmico. Pra chamar a comunidade pra dentro do campus pra gente dialogar e fazer um projeto." Aí entendeu? Quer dizer... Só quem pode dar aula é o professor na extensão tá entendendo Geraldo? Aí quer dizer os artistas que tão envolvidos dentro do/ do:: circuito da comunidade artística do centro da cidade?

( )

A6 – Aí Belchior ficou "ah:: ( )" aquela malícia dele né? na manha né? na malandragem... não por que num seu o quê num sei o quê aí eu "tá certo! só::: ligando nele" ((risos))

A1 – Não mas uma coisa que eu já percebi... da ultima vez eu só participei do Gabinete eu fiz uma reclamação a respeito dos laboratórios da minha diretoria e HOJE eu percebo que apesar de Belchior ter se escondido se esquivado a situação melhorou entendeu? Então assim pra algumas coisas a

( )

M – A sua participação foi efetiva né?

A1 – Exatamente.

( )

A4 – Na escola é essa efetivação que a gente reclama. Também já reclamei em Gabinete Itinerante... num foi assim (sas trás) resolveu mas a situação foi resolvida. A gente/ eu vejo muito (os extremos) aqui você tem um aluno participando aí a diretoria/ a coordenação de curso chega pro/ pra esse professor aí resolve o problema. Aí numa escola particular o aluno chega pro diretor pro coordenador reclama do professor no outro dia tem outro no lugar por que aquele foi demitido. Ou então o cara na escola de Diego aí que o aluno vai reclamar o diretor engole o aluno. Como no ( ) o último que houve a diretora do Miguelinho saiu em prantos com os pais dos alunos dizendo pra não deixar os menino ir por que lá só ia ter maconha e cachaça. Vê esses três extremos assim. A gente tá numa realidade até boa comparado com outras coisas aí.

A1 – Tá:: ( ) eu fui perceber isso.

A4 – Pois é.

A8 – Eu vejo assim... é:: algumas escolas ( ) entraves né? por parte da administração da escola né? eu estagiei e participei do PIBID numa escola do Estado né? e assim eu vi os alunos completamente alheios a muitas coisas né? é:: chegavam pela manhã cedo oito nove horas na escola ficavam sem aula na escola no pátio sentados né? sem aquela motivação tá entendendo?... e eu chegava e perguntava "me diga uma coisa como é que está aqui a questão dos professores? Tá tendo aula? Falta professores? E tal" "não... falta num sei o quê"... em relação a::/ aí como era do PIBID né? ( ) tal o que estão achando e tal e perguntava a questão do grêmio estudantil... "Não... faz tempo que aqui não existe e tal" num é? então assim a gente num ( ) não consegue ( ) quando você chega no IFRN aqui né? eu estou concluindo espanhol licenciatura em espanhol né? você chega aqui nas rosquinhas e vê os alunos ( ) tá entendendo? então ( ) que as realidades são diferentes né? espaço IFRN com os outros espaços... infelizmente.

M – Ãnham... você/ você acha que é:: essa/ essa participação do aluno do IFRN ser maior do que dos outros alunos né? das outras instituições tem influência de quê? A que/ assim né? do ensino que a gente/ que/ que o aluno recebe aqui... de::/ de que tipo de

A8 – Na verdade eu acredito é:: Cássia que em/ que uma parte que a gente pode ( ) é isso a questão da ( ) que alguns professores (tentam) fazer mais do que outros ( ) de licenciatura ( ) alguns professores realmente despertam essa questão/ essa:: questão da consciência crítica dos alunos né? aí evitar como eu falei no início né? que é importante SIM a instituição ( ) isso e os professores também é:: motivarem os alunos a participarem e tal né? também há muito:: é::/ eventos aqui dentro da instituição que provocam isso né? debates ( ) falando sobre política ( ) tal candidato não é legal e né? sempre ( ) os alunos aqui do IF falando sobre isso é muito bom né? eu acho que há essa influência também por parte dos professores/ por alguns professores.

M – Sim. É:: alguém aqui tem contato com alguém/ com algum aluno de campus do interior assim que tem/ que saiba como/ como é no/ em algum campus do interior?

A4 – ( ) tive contato com pessoal de Pau dos Ferros Parnamirim... onde o grêmio tá ativo a situação é melhor do que onde não está. Primeiro o seguinte nem relação a poder realizar discussões... acho que só o fato do professor e aluno quando chegarem pra assistir aula num ter que se preocupar com o espaço ele já sabe que vai chegar que vai ter tudo pronto pra assistir aula já é uma dor de cabeça a menos né? que é o contrário da escola do Estado que as vezes você num sabe nem se vai ter onde ter aula. Segundo o que tá antes... desde o início as discussões políticas aqui sempre foram muito fortes aí entra o calouro encontra um do segundo do terceiro do quarto período/ ano/ período a frente e o cara já vai convencendo ele na política e já vai acostumando... e você encontra também uma maioria de gestores e professor/ professores que também são gestores e administra/ e técnicos administrativos... cê encontra uma maioria que se não favorece mas não oprime discussão... então esse é um ambiente propicio a se::/ se desenvolver uma discussão realmente política... não

politiqueira né? politicagem é diferente... ter uma discussão política... esses fatores... esses três principalmente influenciam bastante você ter a perpetuação das discussões sobre política aqui dentro da escola.

A2 – E também é muito bom que tipo é:: (disciplinas como) história sociologia filosofia acabam ganhando um peso que em outras instituições não tem... uma atenção que é muito importante que acaba criando todo pensamento crítico que::/ que você falou ( )

A4 – É:: aqui essas três disciplinas... sociologia e filosofia são recentes (novamente) a gente ficou até dois mil e quatro se eu não me engano sem essas disciplinas (ainda um fruto) da::/de um decreto de Médici lá num sei mil novecentos e num sei quanto e ficou até dois mil e quatro ainda tava sem essas disciplinas... e depois que essas disciplinas voltaram né? os professores de filosofia e de sociologia diziam muito isso que melhorou muito... eu no meu ensino médio eu tinha minha aula de filosofia era a minha hora de dormir no ensino fundamental... (no) ano eu tive aula de filosofia era a minha hora de dormir... AQUI tinha gente que dormia mas eu não conseguia dormir por que a discussão da aula era interessante. O/ a abordagem da aula era diferente... o professor tava dando a aula... se o assunto corria pra outra discussão ele num parava "não vamo voltar a aula" não! O importante é discutir. Escutei muito isso do professor Marcos André/ Aurélio... o importante é discutir. O importante é conversar ( )... e:: na sala dele era um ou outro sem futuro que dormia na aula mas a sala inteira acordada assistindo a aula por que era interessante... o importante era

A3 – O que eu acho interessante é que você falou do ensino fundamental e do ensino médio. Meu ensino fundamental foi todo em escola particular quando você falava em política era meio que algo abolido e tipo "Afe! ( ) sobre política saia daqui!"

[

A2 - Coisa chata!

A3 – ( ) É um assunto chato ninguém gosta de tratar de falar... "(ah!) política? Eu sou novo quero saber de política não"... Chegou no IF... primeiro ano (a gente já) vê o pessoal mais politizados dos outros anos... professores falando algum assunto mais polêmico... você começa a se interessar... aula de história quando... a gente estudava história política no ensino fundamental "fulano tal presidente fez tal coisa" "tá certo" "( ) fez tal coisa ( ) direitos humanos" "cadê? Quem foi que fez isso? Num pode!" a gente começa a questionar começa a perguntar a brigar na sala discutir com professor ou com aluno... aula de sociologia? Melhor ( ) aqui dentro do IF por que você chega assim... professor fala "ah! Capitalismo... socialismo... tal coisa... tal sistema político"... "não não concordo" "por que você num concorda?" "tal assunto" aí começava a discussão e você cresce como pessoa como cidadão... você num fi/ você num fica estagnado como no seu ensino fundamental... você entra numa conclusão e pode ou mantê-la alegando várias bases e vários argumentos... ou você pode mudar por que você escuta outras pessoas... você se adequa ao ambiente... abre seus olhos com as::/ abre seus olhos pra sociedade como ela é não só sua realidade e antigamente

mas também existem outras pessoas além do seu/ da sua (qualidade) de vida assim com... qualidade de vida melhor:: ou mais pra ( ) que a sua...

A2 – E tipo:: uma coisa engraçada nessa diferença entre ( ) no ensino médio que:: acabava::/ era que tipo tinha aula de religião então tipo é:: a gente num tinha nem o conceito de Estado Laico... tipo na sexta-feira a gente tinha que ler a bíblia todo mundo. Eu estudava no Ari Parreiras aí ( ) é:: capitão Cocino só que na época de capitão Cocino ainda era menos pior que tipo chegou Jaime aí/ aí ele fez/ (tinha) os portões aí tipo ele criou uma cantina ele lucrava da cantina aí era/ era/ foi uma ditadura bem pior do que capitão Cocino... aí tipo eu/ quando eu pensei/ quando eu entrei no IF que/ que:: eu percebei que tipo eu num ia ver nada de religião foi meio impactante por que tipo eu nasci/ eu nasci em família evangélica e tal e tipo eu me acostumo/ tive que me acostumar com o conceito de Estado Laico... foi bem engraçado.

A5 – É:: ele lembrou que des/ no primeiro ano a gente ( ) que tem um choque que vê sociologia tal filosofia e tudo... eu lembro que a gente começa já com a disciplina de OE orientação educacional que num deixa de ser uma micro política micro direitos e deveres que a gente tem aqui internamente não necessariamente que todo mundo se aprofunde politicamente ( ) estadual nacional digamos... mas a política daqui de dentro a gente já vai sendo inserido a praticar nossos direitos e nossos deveres... a nossa participação já começa daí aqui a gente tem consciência disso.

M – Sei.

A3 – No nosso ano tiraram esse::/ essa disciplina de OE ( ) seminário ( ) seminário de integração ( ) seminário de integração acadêmica. Os (três) primeiros dias de aula na primeira semana a gente aprende nossos direitos e deveres... (Por que uma) pessoa ela é passiva de direito e dever... ao professor tem tais deveres... vocês tem tais direitos e deveres... vocês PODEM fazer tal coisa... vocês DEVEM fazer tais coisas... acho que muito ( ) a gente saber... por que ( ) a gente não sabe o que a gente pode ou não pode. Teoricamente isso::/ algo escrito. ( ) papel dizendo "ó vocês tem direito assistência social assistência estudantil... vocês não podem fazer tal coisa... os professores podem fazer tal coisa mas não podem fazer outras"... acho importante pra gente se politizar.

A2 – E tipo essa coisa de/ de/ de o professor também ter deveres é um conceito que as vezes em outras escolas num existe.

A3 – É::.

M – Sim. Aí você também falou uma coisa que eu achei muito interessante que é sobre a contribuição

[

A1 - Eu vou precisar sair agora pra fazer prova mas eu gostei muito de discutir com vocês foi bem interessante eu acho que se::/ se essa discussão ela pudesse ser... sair desses muros dessa sala dessas paredes seria muito/ muito produtivo pros alunos...

talvez assim na própria diretoria ou mesmo em sala de aula... cês tentassem conversar com as pessoas e colaborar com a instituição de alguma forma seria...

M – Obrigada! ... É:: então cê falou de/ de:: é:: pra ajudar né? participação e tal e aí eu achei interessante entrar já no tema de cidadania e voluntariado né? que é uma coisa também que a gente percebe muito além da participação no estudante/ no jovem como um todo né? e principalmente no jovem estudante... é:: a preocupação com o outro solidariedade... o que é que vocês tem assim... podem contribuir sobre esse tema? O envolvimento do jovem com os problemas sociais... por que é:: o jovem tem essa característica de é::... como é que eu posso dizer? Lutar a mais pelo... pelos problemas ou se envolver mais com::/ com a solidariedade voluntariado do quê talvez uma pessoa mais... né? mais adulta?

A6 – Hormônio né? ((risos))

A2 – Assim quando eu entrei no IF eu sempre tive uma (qualidade) de vida BOM... aí eu conheci outras pessoas ( ) outros ambientes e que não tinha as mesmas condições que minha família pode me dar... e eu comecei a perceber que::/ acho que todo mundo deveria pelo menos ter uma condição de vida estável... não podia ser alguém que não (recebesse) quase nada por mês... sobrevivesse... realmente sobrevivesse não vivesse... acho interessante que (agora) os jovens atua fortemente nesses pontos já por isso... pra os amigos é:: pessoas que ele conhecem que:: não tenha essa qualidade de vida tão boa... a gente quer luta pra uma mudança na sociedade pra que eles também possam alcançar melhores condições pra viver.

A2 – Talvez seja o fato deles serem mais sensíveis à situação do mundo tipo eles tem mais visibilidade do que acontece

( )

A2 – Mais aberta... tá mais receptivo a tudo.

A4 – Acho que o tempo de/ a data né? o período de formação... quando o adulto de hoje era jovem é diferente do nosso atual... é:: já estamos/ de oitenta e cinco pra cá já estamos a quase trinta anos numa democracia... é o período mais longo de democracia que nosso país já viveu né? quanto de regime democracia... o que num foi realidade na época dos pais de muitos dos que estão presentes aqui. É:: o::/ não era incentivado a participação cidadã do que realmente era cidadania que a gente vê hoje. É:: e eu torno a enfatizar o papel da escola/ dessa escola/ da realidade IFRN isso... enquanto você tem fora ( ) é:: as pessoas reprimindo os homossexuais aqui a repressão é à quem reprime... aqui o xingamento vai pra quem reprime o homossexual.

[

A3 - As minorias

A4 – É::: sempre/ e aqui acaba sendo uma minoria né? O cidadão entra aqui que vê que a diversidade é grande e se depara com “opa! Se eu disser alguma coisa aqui o negócio num vai prestar... ele já se sente constrangido. Uma vez eu tava aqui na frente aí uma senhorinha ( ) de sacola atravessar o sinal né? o pessoal muito educado

fazendo aquela ( ) aí eu fui ajudar ela a atravessar quando eu peguei no braço dela ela "AI MEU DEUS! O jovem dessa escola sempre foram muito educados. Isso é que é uma escola de verdade!"... eu acho que o fato de/ da escola promover essa/ esse pensamento de igualdade de todos são iguais... aqui todo mundo é tratado do mesmo jeito não importa se teu pai é fulano o nome dele é sicrano mas as oportunidades dentro dessa escola são as mesmas... eu acho que o fato de uma escola/ do IFRN fazer isso colabora bastante pra ir no fora você ter um pensamento solidário e um pensamento cidadão melhor... mais abrangente. E as próprias campanhas que aqui promovem/ a escola promove também/ promoveu uma recentemente aí pra festa do grêmio... tinha que trazer um quilo de alimento... ( ) todo início de ano letivo tem a semana do meio ambiente ( ) semana do meio ambiente... pessoal da::/ faz uma ação cidadã de plantio de árvore... num sei o quê... trote... o trote... as ações que a gestão da escola promove junto com o grêmio e com o DCE quando o cidadão sai daqui... num diz que o de casa vai a praça? Isso aqui acabou/ acabou virando a casa da gente durante esse tempo... então a gente acaba levando pra fora as experiências que vivencia aqui.

M – É:: e além/ além das coisas que a gente faz aqui né? que vocês fazem aqui no IF tem alguma outra coisa que vocês considerariam importante assim algum/ alguma é:: atividade cidadã ou voluntária que vocês consideram importante e que gostariam de citar alguma coisa?

A6 – Ah! Assim... acredito que o mais alto grau da/ que um ser humano pode chegar é:: em relação a ele ser um indivíduo melhor na sociedade é você poder servir os outros entendeu? Quando você tem é::/ você chega num grau de poder servir as pessoas é por que você tem um (merecimento) muito grande... se você for parar pra entender o que é a palavra socialismo... se você ler a bíblia direito você vai entender que

[

A4 – Por que Jesus foi o maior socialista que teve.

A6 – Foi o maior socialismo... inclusive ele é mais/ ele é mais posto em prática quando a pessoa tem amor ao próximo do que o próximo/ do que o próprio/ do que o próprio socialismo Marxista. Que (digo) que o marxismo na prática é uma coisa na teoria é outra. Ainda mais num país como o nosso que vive transformações aí profundas então assim as pessoas que tem o engajamento de/ de:: voluntariado de querer ajudar o próximo é por que tem algum amor ao próximo dentro do coração... guarda algum poder que Deus dá em servir as pessoas. Em ajudar. Por que o ideal do socialismo tá ligado também a Deus tá ligado a você querer ajudar as pessoas então.

A4 – Tem um professor de filosofia que ele fala "eu sou ateu mas eu dou valor a Jesus. Na minha opinião Jesus foi o maior socialista o maior comunista que já/ esse mundo já viu foi Jesus Cristo." Embora/ ele dizia que embora fosse ateu mas ele gostava da/ da:: palavra compartilhar da palavra amor da palavra servir... eu acho que é o que falta/ é o que falta na formação da juventude é o que faltou aos nossos pais

talvez... capitalismo acabou promovendo isso... a individualização das coisas você se torna tão individualista... "não... tenho que ganhar dinheiro por que tem o meu filho tem num sei o quê pra::/ pra sustentar" e num pensa no vizinho que tá precisando de alguma coisa... eu acho que:: É aí que eu sinto falta das instituições... eu tava falando da escola... a escola tem/ o IF tem essa importância... toda escola tem mas o IF coloca isso em prática. QUANDO NÃO LIGADA A ALIENAÇÃO que a gente sabe que isso é difícil a igreja também tem esse papel... quando você tem um pastor ou um padre ou um religioso que seja que não diga que o que ele tá fazendo ali é o simples ir pra dentro do templo e ficar lá orando ou rezando e coloca a juventude da igreja pra trabalhar no que seja na comunidade carente próxima é:: o pro/ o verdadeiro papel da instituição você consegue melhorar o pensamento do jovem com a solidariedade do voluntariado.

A3 – Eu faço parte a seis anos do ( ) num sei se vocês conhecem... é meio que um escotismo. Aí ( ) onze anos e desde então fui aprendendo que eu tinha que partilhar as coisas... o que eu tinha não ( ) ser só pra mim vai ser pros outros também. ( ) no natal arrecadação de alimento pra doar às famílias que não tem como fazer uma ceia e isso/ arrecadação de roupas... normalmente/ ( ) em janeiro alguns jovens passam as férias em algum/ vão pra o interior financiados pela igreja pra ajudar aquelas pessoas... e são jovens que fazem faculdade é:: direito... enfermagem... ( ) usos pra manutenção daquela comunidade... ia ser muito interessante se as pessoas se voluntariassem mais... fossem mais altruístas e trabalhassem não só em prol delas mas também em prol dos outros... não visassem só o lucro mas também o bem estar social.

A2 – Uma coisa legal sobre isso é que teve uma/ teve uma época que::/ que eu tava muito ocioso aí eu cheguei a procurar algum ( ) de voluntariado assim... e tipo eu fiz informática então acaba ( ) muito essas coisas eu fiquei procurando alguma coisa que ajudasse em dar aula de informática ( ) e eu simplesmente não achei. As vezes acontece isso de você querer voluntariar e você não tem espaço não tem um lugar pra você usar os seus conhecimentos e ajudar... ( ) muito isso.

A4 – ( ) falar hoje conselho comunitário e eu gostava muito de conselho comunitário ainda agora isso de um/ ( ) chegar pra um vereador e reclamar... mas servia pra isso pra o conselho comunitário com seu computadorzinho e a gente acabava fazer o servicinho de lan house pra quem não ( ) tinha boca de ferro pra dar anuncio... sempre tinha curso de costura entendeu? Alguém que sabia aí ia lá pra ensinar às pessoas que não sabiam e lá existia esse espaço... hoje não existe mais né? num foi perpetuado.

M – Sim. É:: e com relação a participação do jovem né? nesse/ nessas esferas vocês acham que hoje HÁ o interesse maior por participar de coisas é:: de assuntos nacionais de temas que são mais abrangentes e que tem um foco mais pra/ pra melhoria geral ou vocês também acham que o jovem se interessa em/ em::/ nos assuntos mais como algum problema no bairro... os assuntos menores né? assim que seriam mais de pertencimento da realidade dele... ele par/ gosta mais de participar/ se

interessa mais em participar dos assuntos também né? menores da realidade que ele vive ou dos dois ou... o que é que vocês tem a falar sobre isso?

A2 – Pelo que eu penso eu acho que tanto pela perpetuação de informações pelas mídias sociais eu creio que ele acaba sendo mais forçado a participar de/ de movimentos que são mais macro é:: acaba-se tendo uma digamos assim uma pressão maior por que ele acaba sendo influenciado por mais gente então tipo é:: isso.

M – Sim. Alguém mais tem alguma coisa a falar sobre isso?

A4 – ( ) isso... na realidade atual é mais nacional ( ) muito mais nacional.

M – É:: você num é questão do interesse do jovem num é questão dele ter interesse ou não é questão da repercussão

[

A4 - É o meio que acaba carregando ele pra::/ pra pensar mais no macro. Isso é histó/ isso é muito histórico do nosso/ nosso país... as vezes a::/ o micro ( ) ele não consegue ser desenvolvido mas um macro consegue ser desenvolvido pensamento maior.

A3 – Isso se dá da formação do jovem em sua própria casa também.

M – Sim.

A3 – Por que se o jovem ele recebe uma conscientização ( ) em casa ele vai conseguir pensar no micro também. Como ele falou as redes sociais... mídias sociais é:: nos força entre aspas a participar mais do macro então se a gente tiver essa conscientização a partir de casa a gente vai conseguir pensar na nossa pequena comunidade também com maior facilidade.

M – Sim.

A2 – Por que:: é:: quando você se encontra no meio das mídias sociais você acaba tendo mais conexões com gente que parece mais com você as vezes você pode ser a única pessoa engajada daquela comunidade então você não consegue criar um movimento ali naquele espaço micro... já nas mídias sociais não você acaba encontrando gente que é tão engajado quanto você em qualquer parte do país e acaba sendo uma coisa macro.

M – Sim. É:: e vocês acham que a identificação com o tema também é um ponto relevante pra participação?

T – Sim.

M – Se for um tema é:: se ele se identificar com um tema micro né? como a gente começou a definir é:: eles participam e... que é que vocês acham?

A3 – ( ) quando a gente convive com... falando de amizade... ou a gente sofre daquilo ( ) ou conhece alguém que sofra fica mais fácil de lutar de buscar melhoria de ser mais ativo... procurar mudar mesmo a sociedade. Ou reivindicar pelo menos o

direito básico. Eu acho que se a gente vive nessa realidade mais próxima do problema a gente se torna mais ativo no movimento.

A2 – As vezes a partir do momento que você nota que aquilo é um problema você também parte pra agir.

M – Sim.

A6 – É por que:: por exemplo é diferente/ é difícil você por exemplo se identifica com vários/ vários grupos de/ de:: defesa do meio ambiente por exemplo no mundo todo Greenpeace aí você:: por exemplo ser ativista do Greenpeace se num tem matança de baleia na costa do Brasil entendeu assim? Aí tem umas coisas também que tá ligada muito a nossa realidade aqui... mas a/ mas eu vejo a galera colar muito nas coisas que tão em destaque mais em termos nacionais regionais mas quando chega na realidade daqui a gente num/ num participa muito mas vai muito pelo modismo que as redes sociais jogam aquela imagem que é muito forte aí o cara "eu sou do movimento num sei o quê num sei o quê" mas as vezes nem tá atuando dentro da nossa realidade. Mesmo que a questão é essa e as redes sociais são muito fortes né? que:: é:: por exemplo da/ da um exemplo de político bem rápido pra::/ por que eu vou ter que sair também... por exemplo a mídia... a imprensa brasileira é:: ela tem o poder de desestabilizar uma campanha tá entendendo? A gente tá vendo isso na realidade... por exemplo AGORA de uns dias pra cá o que ela vem distorcendo/ ela a revista Veja O Globo de São Paulo tudo em torno da campanha de um presidenciável que eu num vou citar e pegando os caras... contratando dez mil pessoas por exemplo que até votam no outro também que eu num vou citar tá entendo? Pra fazer o quê? Pra denunciar o (bloqueio) de você que tá aqui falando a verdade dentro das redes sociais. Então assim é bom que a gente fique bem atento tá entendendo? Não que a gente sabe o que a gente quer... mas que a gente fique bem atento por que esses mecanismos aí eles tem força de modificar a realidade do país... tá entendo? Só isso.

A2 – E é muito engraçado que/ que isso acaba... engraçado não mas enfim... isso acaba é::: acabando um pouco com é::: a democracia que as redes sociais tem por que por mais que seja um ambiente democrático ainda é uma empresa privada e:::/ e tipo... dinheiro... e é::

A6 – Tudo tem um interesse mercadológico. A imprensa ela tem um mercado a internet é do mesmo jeito tá entendendo? Só que a intern et atinge mais a massa. As pessoas tem mais acesso à internet... já a TV não e também ela só bota lá no jornal o que ela quer ela é parcial (puramente) parcial... internet num é parcial é tanto que ela usa essas pessoas pra (bloquear) as outras.

A4 – Eu acho que cabe a::/ cabe a quem tem um pouquinho mais de liberdade e um pouquinho mais de informação a influenciar... a abrir a mente de quem num tem que é o que foi citado aqui... as vezes é a discussão do momento que acaba influenciando a::/ a discussão do momento é:: sei lá a matança das baleias lá na Groelândia... o cara só tem aquilo pra discutir né? só tem aquilo pra discutir entre aspas

[

A6 - É:: tô entendendo

A4 – Aí EU tenho conhecimento de um problema mais local aqui... cabe a quem eu e a outros que também tiverem conhecimento do problema mais local a chegar pros outros que não tem e sair disseminando... é a responsabilidade de quem tem um pouco mais de conhecimento... um pouco mais de conhecimento não um pouco mais de informação sobre tal tema ele tem responsabilidade de chegar pra quem num tem e esclarecer se não o cabra vai acabando ser leva/ sendo levado pela massa... "ah::! A discussão agora é essa" "ah::! A discussão é outra ali" um tem... é:::/ acaba/ o jovem acaba só indo

[

A6 – Entra dentro do processo sem querer

A4 – É ele acaba só/ ele acaba indo pro que tem.

M – Anham... e as meninas tem o quê a contribuir com o tema? Estão caladinhas.

A8 – Eu achei interessante a ( ) deles ( )

M – Sim. ((risos)) então já que tá todo mundo falando de rede social comunicação e tudo mais né? vamo vê um pouquinho das/ da relação das mídias na escola né?... na vida a gente já:: já vai falar assim sem querer querendo né? mas na escola assim no projeto/ no::/ na utilização das atividades em sala de aula e tudo vocês acham que é:: as mídias e o/ a internet e tudo é bem utilizada é/ é::/ é efetivo o uso? num é? como é que se dá esse uso?

A6 – (No IFRN) é bem né?

A4 – ( )

A6 – ( )

A2 – Isso é uma coisa muito interessante de se falar por que a internet ela acabou modificando o comportamento de::/ de quando você faz por exemplo um trabalho em grupo... por exemplo quando você ia fazer um trabalho "ah! Todo mundo tira uma tarde/ todo mundo tira uma tarde e vamo::/ vamo fazer o trabalho lá na casa de fulano".

[

A3 - Nem existe mais isso

A2 – É num existe mais isso... criar um documento lá no google docs todo mundo começa a editar... ou então vai no skype e todo mundo faz isso na sua casa é::: ou então por exemplo tipo/ tipo a pessoa ir numa biblioteca e ( ) a coisa e... é:: e tipo chat e tudo acabou modificando o comportamento de se estudar acabou tornando tudo mais acessível e aprender hoje é mais acessível... é::: a internet é uma dádiva pra o mundo acadêmico assim.

A4 – Quando bem utilizada.

A8 – Unhum... quando bem utilizada realmente... assim é por que aqui é:: quando foca aqui no IF Instituto.

[

A6 - Pessoal! Eu vou ter que ir... desculpa! Valeu aí.

A4 – Valeu!

A8 – ( ) focada pra o instituto né? Mas eu moro inclusive em Macaíba né? e eu passei uns três anos a disposição da ( ) a disposição do sindicato ( ) sindicato dos servidores públicos municipal de Macaíba certo? então lá:: eu senti uma dificuldade tremenda que é a questão da acessibilidade né? dos professores a esse mundo né? então::: a tecnologia né? então o manuseio do equipamento essa realidade não é só do município de Macaíba ( )

A4 – Macaíba ainda é bom.

A8 – Num é? ( ) há uma dificuldade muito grande né? então é difícil por que como é que os alunos da escola do município vão ter acesso se o próprio professor não (consegue) utilizar né? então fica difícil. Aqui o espaço ( ) né? por demais ( ) mas saindo daqui né? trazendo a discussão mais externa ( ) que a educação dos municípios tem muito o que avançar sim sabe? Existe um programa do Governo Federal onde eles mandam os equipamentos pras escolas ( ) não... quando a gente ia visitar a escola por que o sindicato tem que fazer isso né? ( ) então os laboratórios tavam fechados algumas máquinas simplesmente não funcionavam mais queimaram outo laboratório/ laboratórios tinham sido arrombados né? então essa é a situação... então ainda tem muito... tem que ser feito alguma coisa pra:: formação né? acho que seria um viés pra isso mas o Governo Federal tem parceria com essa questão de enviar os equipamentos junto a essa questão da formação nos municípios mas não estão acontecendo ( ) né? essa realidade existe né? infelizmente nos municípios.

A2 – Vou adicionar à palavra dela é:: na minha escola até tinha um laboratório com computadores e tal mas as vezes não tem um técnico qualificado ou alguém que possa ficar lá:: e a gente acaba sendo exclu/ excluído... não tem acesso à essa tecnologia também. As vezes é muito difícil isso. TEM vem a verba é comprado tudo direitinho mas não tem uma pessoa pra tomar conta ou hab/ ou habilitada a fazer aquilo. E o estudante não pode chegar lá é:: "eu vou usar um computador pra um trabalho ou coisa e tal" por que não tem alguém pra olhar ou pra orientar.

M – Sim.

A5 – É como um professor de química sempre diz "não vão mexer pra não quebrar"... então ele fica lá quietinho ninguém usa ninguém mexe pra não quebrar e quando mexe quebra. Então não atinge a utilidade que deveria né?

A4 – Acho que vai muito da responsabilidade de quem/ dos dois caminhos né? a gente falou do micro acaba ( ) no macro mas tem situações que:: como também citei quem sabe ir ensinar a quem num sabe... quem tem o conhecimento ir passar pra quem num tem... é::: quando/ no oitavo ano ( ) numa escolinha particular que eu

estudava essas escolinha de bairro assim aí:: que é que o professor começou a fazer? No lugar de ele imprimir o material e levar pra sala de aula ele perguntava "quem tem computador?" aí quem num tinha aí ele imprimia e dava... quem tinha computador em casa ele dizia "criei uma pasta..." na época é google drive num sei o quê num existia muito era 4shared era aquele... ele dizia "eu tenho uma conta no 4shared eu vou passar o link pra vocês" na época Orkut "pelo Orkut... coloque todo mundo aqui os nickname do Orkut" aí ele colocava lá... aí a gente olhava em casa o link clicava e tinha lá o::/ o trabalho... quando o aluno não sabia fazer aí chegava e ele ia e explicava como era que fazia pra ter acesso ao arquivo... aí ISSO é o que eu acho importante é:: aqui na escola/ AQUI que é uma realidade um pouco melhor o *Facebook* acabou tomando o lugar do acadêmico. O *Facebook* e o google/ google drive ou o... como é que é? o skydrive o outro google docs esses/ essas plataformas de você compartilhar e tal documento acabou tomando lugar do QAcadêmico né? tem professor que ainda resiste mas a maioria já cedeu. Os documentos são pelo *Facebook* pro grupo da turma... o professor já participa do grupo da turma e já vai tudo/ já vai tudo:: pelo *Facebook* mesmo pro/ pro aluno agora é isso que eu tô dizendo vá/ cabe a quem sabe... a quem tem um pouco de conhecimento que tem acesso ao equipamento ensinar a quem num sabe e dar acesso quando puder claro... a::/ a quem num tem acesso ao equipamento. É:: de repente essas escolas/ eu vi isso ( ) alguns anos em escola Estadual e eu via muito isso... o menino não podia mexer por que ia quebrar mas também num tinha quem ensinasse a mexer. Tinha que ser tudo rodado no mimeógrafo e depois xerocado por que num tinha/ o cidadão num tinha/ num tinha nem como pegar o arquivo pra imprimir na lan house... eu num tinha como pegar o professor num gerou o arquivo no computador... professor as vezes de uma certa idade aí ( ) nova o professor novo num (tinha coragem) pra ensinar. Vale a quem sabe ensinar a quem num sabe.

A2 – E tipo uma coisa que eu vou acabar fugindo do tema e você vai querer puxar minha orelha mas é::/ é que a evolução da informática evolução da tecnologia é:: ao viés da mobilidade acabou é:: tentando destruir esse tipo de ideia que ela citou aqui que é você vai mexer e acabar quebrando. É::: pelo pouco que eu leio sobre design e tal a evolução das interfaces pra é::: induzir a pessoa a tocar e/ e:::/ e aprender/ ela mesmo aprender e:: isso é uma coisa que:: tá chegando na prática agora pra tentar acabar com::/ com esse pensamento de::/ e:: é muito engraçado por que o que você mais vê na internet é vídeo de criança de dois anos usando um Ipad de um ( ) jogando e isso é incrível e uma pessoa de trinta anos tem medo por que ela tem esse pensamento que acha que vai quebrar mas na verdade num vai acontecer nada... é::: o máximo que ela vai fazer é desligar. Então:: as vezes é:: é meio que uma questão até que cultural em relação a tecnologia até que é:: acabam mistificando a tecnologia quando ela devia ser mais intrínseca no dia-a-dia.

A4 – É:: complementando aí depois eu vou entrar voltar realmente pro... alguns anos que eu passei como bolsista aqui do auditório em três oportunidades o pessoal de artes cênicas ia lá pra mostra e eu TINHA eu e Pedro a gente tinha que ensinar a mexer no som... aí eu via quando eu fui a/ fui aluno de artes cênicas eu via muito isso

“se mexer vai quebrar” eu “sim aí como é que eu vou desenvolver o som da minha peça se eu não mexer na mesa de som?”

((risos))

A4 – Um pouco:: né? complicado... aí eu comecei a ensinar e já é a terceira vez que a gente passa pro pessoal o ensinamento e vem dando certo. É esse fato de quem sabe ensinar que::/ que melhora... e voltando ao tema redes sociais ( ) na escola é o que eu tava dizendo eu vejo muito isso aqui a/ as plataformas oficiais aqui é o QAcadêmico na UFRN o Sigaa... pronto abri/ abri o *Facebook* hoje de manhã e meu coordenador postou no *Facebook* é:: que tinha algumas disciplinas que tavam sem lugar definido ainda lá na UFRN... aí ele postou no *Facebook* “as disciplinas que tavam sem lugar definido agora vai ser lá” aí “filosofia tal sala 2h1” é:: “sociologia tal sala 3” e assim foi colocando... jogou no *Facebook*... aí eu disse “Opa! Vou olhar no Sigaa” ele só jogou no Sigaa DEPOIS de jogar no *Facebook* tá entendendo? Aí vo/ aí nisso você também acaba vendo a diferença de perfil dos usuários... quando quem::/ quando quem tem o conhecimento ensina quem num tem... você tem uma formação de um grupo de amigos que posta coisas mais seletas que você (eleva seu curso).

( )

A4 – É:: leva... quando você tem um professor que::/ que usa o *Facebook* direito... compartilha... um professor de história que copia links lá da/ daquela revista História Hoje aí joga pro alunos num sei quê... você vê o perfil de amigos dele que é consequentemente amigo seu muito diferente do quê o do seu vizinho que estuda ali no Padre Miguelinho.

A8 – ( ) alguns professores (também tem que) estarem abertos a (aprender)... muitos se fecham pra ( )

A2 – É:: e::/ e uma coisa que::/ que acaba criando um laço aqui nos temas é que quando um professor ele acabra/ ele acaba fazendo esse papel de cre/ de formador de opinião nas redes sociais e postando esse tipo de link ele acaba incitando ao debate dentro da sala de aula que acaba formando um aluno que influencia que acaba virando um/ um::/ um protagonista num dos movimentos sociais da escola e:::/ e também uma coisa que é legal enfatizar é que vo/ como você disse ele postou primeiro no *Facebook* e no Sigaa mas é:: poderia ter um tipo de morde/ modernização no Sigaa ou/ ou no acadêmico pra/ pra:: acabar integrando/ integrando pra::/ pras informações ao aluno aonde o aluno tá e não o aluno ter que ir atrás da informação...

[

A4 – Ter que ir ao Sigaa.

A2 – É:: É tan/ é tan/ é tanto que você/ você as vezes é até meio/ meio uma tortura você usar o acadêmico com a interface dele é::/ é totalmente diferente do *Facebook*

A4 – ( ) nunca corresponde.

A2 – É::: ((risos))

M – Sim. Mas aí voltando né? a participação cida/ a participação do jovem né? o jovem nas redes sociais vocês acham/ pelo que eu já ouvi né? acredito que sim mas eu gostaria que os meninos que não falaram falassem mais um pouco... é::: sobre o:::/ o desenvolvimento da criticidade e da autonomia do jovem né? com re/ no/ no::/ na utilização da rede social vocês acham que é:: gerou/ aumentou mais isso e todo mundo agora tem é... como:: se desenvolver/ se desenvolve mais... melhor... como é que...

A3 – Eu acho que a internet ajuda a gente a desenvolver um pensamento mais crítico por que querendo ou não é uma rede de informação mundial que ( ) são compartilhadas nas redes sociais ( ) links que os amigos curtem compartilham a gente pela curiosidade vai abre lê... pode dar opinião aí pode ser controverso a primeira ( ) fala alguma coisa com ele... ele me responde... começa um diálogo até no grupo mesmo que criam aí começa a discutir sobre alguns temas. Acho isso muito interessantes assim eu tinha alguns preconceitos em relação a cotas aí eu fui ler um artigo que um amigo meu postou depois eu ( ) "caramba! Eu era um idiota!"

((risos))

A3 – Como era que eu falava tal coisa sobre isso? Nunca vivi essa realidade como é que eu posso (brigar)? Então a gente fica mais crítico e mais seleto nas opiniões e até que posta... hoje eu posto bem menos do que eu postava antigamente. Antigamente eu via altas besteiras ia e compartilhava ( ). Hoje eu olho assim leio... será que vale a pena compartilhar? Será que vai mudar alguém? Será que vai ajudar a pessoa na sociedade?... se não deixo lá quietinho... gostei mas tá aí pode ficar.

A2 – Eu acho

A5 – Aqui a gente fala das nossas opiniões... da nossa/ do nosso envolvimento junto com as mídias e tal... *Facebook* e tudo... é::: eu num tenho uma visão positivista nem negativista com relação às mídias sociais e toda essa questão tecnológica e internet... eu acho que é só mais um espaço que o ser humano tá lá interagindo... e do mesmo jeito ou bem parecido que ele age na vida real... digamos assim... ele vai agir também na/ na:: vida virtual nos meios e nas mídias sociais... então do mesmo jeito que/ que:: é:: você teria as::/ antigamente digamos você teria acesso as outras coisas outras informações em bibliotecas livrarias e tal... você tem mais informações COM CERTEZA mais acesso a informação pela internet agora vai depender de você de toda sua construção de pensamento de::/ como indivíduo de toda sua história... vai/ vai usar essa/ pode ser por curiosidade que ele vá acessar um link ou ele pode desprezar aquele link e não ler não mudar aquela concepção digamos assim... tudo pode acontecer... você disse que antigamente postava muita besteira... tem gente que posta besteira até hoje... num mudou... tem gente que SEMPRE postou coisas politizadas coisas bonitas literárias e hoje já mudou... então isso não é uma coisa/ eu não consigo ver que o jovem tá MAIS... usando melhor a ferramenta da info/ da informática ou PIOR... eu não consigo medir ter noção disso... já que ela perguntou do jovem em si... aqui a gente tá falando do nosso envolvimento com as mídias sociais que eu considero que é bom

[

M - Não... mas vocês são jovens vocês também podem falar como

A5 – Justo! Mas assim como uma noção geral não tem como medir... mas assim a gente é/ eu pelo menos acho que uso de uma certa forma boa com as mídias sociais tal... buscando informação tudo e:: transmitir a minha opinião.

A2 – Esse... esse pensamento dela é legal só que:: é:: por exemplo você falou que/ que:: tá tem a mesma informação que tinha na biblioteca obvio que num/ numa::/ num escala bem maior... mas... é pela facilidade de você acessar informações que a internet proporciona eu acho que acaba sendo diferente e::/ e tipo na internet você acaba tendo/ tendo liberdade por que por mais que (seja vetado) anonimato você acaba é:: conseguindo ser anônimo na internet você acaba... pode ter outras personas você... e você::/ por mais que você na realidade não seja um formador de opinião você pode juntar uma massa que::/ que concorda com você que tem a mesma linha de pensamento que você e que você vai acabar influenciando... é::: então a internet ela acaba sendo diferente é:: por exemplo quando você vai::/ e eu tenho/ tenho a empresa que:: eu tô estudando ( ) pra aumentar (público) e tal e uma grande discussão que eu tenho é se eu vou anunciar numa mídia física que é tipo outdoor é:: ou se eu vou anunciar num site normal que eu tenho total noção do público é::: então... eu acabei me perdendo... Droga! Mas então é::: como é? Caralho!... enfim... a internet é diferente da realidade era isso que eu queria dizer... BEM diferente! Talvez por que você não/ não seja tão ( ) a internet quanto eu aí você num acaba tendo essa visão mais.

M – É... tem gente que usa mais aí

A5 – Resumindo a minha opinião/ resumindo a minha opinião acho que a internet hoje o mundo com a tecnologia com a internet seja melhor ou pior

A2 – É isso aí é verdade!

A5 – Ele foi transformado! Isso aí é fato não tem como

( )

M – E aí a gente vê muito também né? na rede social principalmente mais utilizada agora é::: o/ a mistura né? a/ a relação na verdade num é nem a mistura mas a relação da vida social e da vida/ da vida privada e da vida pública né? lá tem gente que posta coisas que você não precisaria saber mas posta... e aí o que é que vocês tem a dizer a respeito disso? Vocês são assim? Vocês

A2 – É:: é muito engraçado por que isso acaba geran/ gerando aquele debate que é eterno que já gerou mortes que é o que privacidade... qual é a linha da privacidade... é:: o que é privado pra uma pessoa que é público pra outra... é:: por exemplo quando você posta uma coisa mesmo que privada a empresa vai ter acesso... por que ela tem acesso o governo deve ter acesso aquilo é:: uma série de questões e de ( ) bem delicado isso aí

M – E com relação a criatividade? Ah!

A3 – Só sobre privacidade ainda acho isso bem res/ pelo menos no meu caso bem restrito em questão... quem não é meu amigo no *Facebook* não pode visualizar meus amigos minhas fotos... ( ) quando alguém que eu conheço posta coisa/ coisas não tão agradáveis de se ver normalmente tem a opção de parar de seguir ( ) eu sempre marco tipo a parar... paro se é uma coisa que num me agrada num tem pra quê eu ficar vendo... também num tem pra quê saber o que você está fazendo nessa hora e com quem.

A2 – Meu *Facebook* é desse jeito. É só página... (tá ligado?)

M – Sim.

A8 – Assim/ assim ( ) o *Facebook* já foi muito::/ já houve muito preconceito ( ) com *Facebook* tipo assim que no *Facebook* só tem isso sabe?

( )

A8 – É e eu/ e eu acho que pode sim trazer um::/ pode ser um espaço com assim ( ) um espaço (qualificado) né? o *Facebook* agora isso (vai depender do perfil de cada um) por que quem está no meu/ quem são meus amigos? Certo? Assim tem professores aqui da graduação que publicam coisas belíssimas sabe? Traz um/ traz uma::/ uma discussão sabe? E a gente participa comenta curte compartilha... mas tem outras que é diariamente publicando coisas sabe? Que enfim ( ) coisas que eu acho que não é importante a gente saber aquilo.

M – Ah é:: a gente pode entrar na criatividade né? ((risos)) vocês acham que a criatividade aumentou com relação a/ no uso da/ da::

[

A8 - Sim. Eu acho que tem aumentado... assim o *Facebook* tem trazido essa questão também de algo mais qualificado sabe? E eu/ e eu sonho pra que a cada dia traga né? por que se não a gente termina fazendo ( ) por alguém que a gente não queria fazer mas marca tá no *Facebook* ( ) né? também tá muito voltado pra questão do perfil de cada um... os amigos que você tem lá...

M – Sim. Sim mas

[

A8 - A questão da criatividade a cada dia está aumentando sabe? E eu num sei se vocês observaram agora com esse processo da copa aí pronto... cada coisa que eu olhava falava “meu Deus!” ( ) daqui pra frente por que era tanta coisa interessante.

A2 – Foi muita coisa criativa.

A3 – O interessante é que

[

A8 - É o (debi e loide) aquela coisa né?

A3 – No meio do jogo acabou de acontecer alguma coisa você dois minutos depois já tinha uma piada na internet da copa do mundo

A8 – A acessibilidade das informações

A2 – É:: é:: muito/ muito/ muito forte o mundo de informações que tem... foi tanto que/ que:: tinha tanta piada no twitter... por que eu uso muito o twitter... aí é tanto que eu tenho as vezes uma conduta até meio anti-*Facebook* mas eu uso muito o twitter... e::: e::: é::: eu acabei criando uma página pra/ pra::: juntar tudo e tipo eu criei essa página e eu botei umas piadas lá e eu acabei desencanando aí tipo no outro dia tinha quinhentas curtidas e tinha um/ um/ um::/ uma mensagem de uma repórter do SBT pra falar comigo aí eu tipo "QUÊ?" nem eu ( ) a entrevista por que eu fiquei nervoso. Aí eu::... foi muito/ foi muito (rundon) essa copa por causa dessa explosão de informações... foi tanto que::/ que foi considerada a melhor copa assim né?

( )

A5 – Mesmo quem não tinha o ingresso tava participando de alguma forma.

A2 – Tava... parece que o mundo virou uma coisa só. E::/ e é muito/ é engraçado que só o futebol faz isso... as o/ as olimpíadas num conseguem fazer isso.

M – Sim. Vamo ver mais

A8 – ( ) mas o Brasil é ( )

((risos))

M – Num é?... aí você falou realmente dessa agilidade né? de/ de troca de informações e tudo... o que é/ o que é que vocês tem/ é:: qual é a consideração de vocês com relação a isso nas rede/ das redes sociais né? hoje você:: é:: o/ a comunicação ficou bem mais rápida né? a questão da quebra do tempo espaço... quem tá longe né? tá mais perto e quem tá perto acaba se distanciando... o que é que vocês tem a dizer a respeito disso?

A2 – É::: fale

A3 – Eu acho que tipo assim a gente tem que saber usar a internet na medida do agradável e do útil... não por exemplo a gente aqui no meio da reunião vocês falando e eu tô aqui no whatsapp por exemplo

[

A2 – Tuitando.

A3 – É:: tem que ser uma coisa mais inteligente... mais bem pensada. A pessoa não pode viver só pra internet ou deixar... cê até consegue viver sem só que ela é um meio que ajuda em muitas coisas

[

A2 – Cê acaba ficando meio inerte ao mundo as vezes que você tá fora da internet.

A3 – É:: ( ) sem contato com os amigos... sem *Facebook*... ( ) pela internet pra poder marcar pra se encontrar pessoalmente... e num ficar ( )

A2 – É muito interessante que::/ que a internet ela acabou é:: mudando a cultura de/ de::: como a gente lida com informação é::/ e também nos ajudou muito a entender como é que a gente lida com MUITA informação ao mesmo tempo... a entender muito as massas é uma coisa muito genial que a internet trouxe e::: ela também trouxe a potencializa/ potencialidade de qualquer um ser um/ um:: formador de opinião. É::: tipo Felipe Neto é o maior exemplo ele::/ tá ele num tem ótimas opiniões mas ele é formador de opinião quer queira quer num queira... aí então principal/ e::/ e isso num foi por que foi questão "ah! A internet é socialista" não é questão puramente tecnológica é:: você tem uma::/ física/ na física diz isso... se você tem um número de canais limitados na TV já o Youtube você pode criar infinitos canais... qualquer pessoa pode ter um canal... qualquer pessoa pode ter uma emissora dentro de casa e é uma coisa... então tipo qual/ todas as pessoas do mundo podem criar infinitas informações... é::: então é isso tipo a internet é:: ensinou a criar muita informação e como lidar ferramentas.

M – Anham... E sobre a/ sobre a mobilidade né? da/ também... por que hoje a gente tem internet em qualquer lugar... a gente qua/ daqui a pouco na gente a gente tem internet né?

((risos))

M – Todo lugar a gente tá lá:: tá postando... tá fazendo uso é:: principalmente das redes sociais... a gente usa internet pra tudo mas a rede social é que tá lá como grande companheira né?... o que é que vocês tem é:: a dizer sobre esse... esse acesso em tempo real da/ da internet né? da rede social.

A8 – Tenho a dizer que:: é muito importante né? E:: num sei se vocês leram mas esses movimentos que aconteceram este ano... em junho em especial por que foram mais fortes os movimentos de rua aqui no Brasil né? eu acho que foi o que ajudou muito a questão da:: ( ) estava sendo... se era um movimento que tinha nas ruas tinha um lado positivo e negativo... quem estava lá será que realmente queria aquilo né? num estou falando do movimento em si tô dizendo que a rede/ as redes sociais contribuíram muito pra mobilizar os grupos né? pra se articular... então deu essa contribuição né? e a internet... a questão::... sim... a questão da mobilidade né? então é possível/ é possível inclusive este ano né? vai haver eleições né? a gente já está vendo nos *Facebook*s da vida as campanhas políticas já começaram já faz tempo né? veio se fortalecendo inclusive agora depois da copa que a copa conseguiu engolir o São João né? tudo né?

( )

A8 – Então/ então já tá se fortalecendo a campanha política dentro... agora nas redes sociais... agora o que é preocupante nisso... inclusive ( ) não está aqui pra ouvir né? a questão da::/ da::/ das mentiras que poderão serem compartilhadas/ serem compartilhadas... por isso que é muito importante a gente ver qual é a fonte

[

A2 – Ser crítico.

A8 – Ser crítico pra poder num compartilhar

[

A2 – Saber lidar com a informação.

A8 – Por que realmente isso são muitas coisas que eles mentem né? e a mídia né? a mídia a gente sabe que a Globo tem essa função também de chegar e até fazer com que um/ um candidato perca a eleição justamente por questão das falsas publicações aí né? Então é bom... ela contribui... ajuda e muito... mas também ela pode causar um mal né? se a gente essa questão do individualismo como você colocou né? o individualismo também das/ das falsas/ das falsas postagens né? que a gente sabe.

A9 – Eu acho que hoje em dia o mundo não está preparado digamos assim pra que passasse vinte e quatro horas sem internet por que tudo está interligado... desde a NASA a um::/ a uma mera pessoa que de repente não tem internet em casa vai na lan house e acessa... mas tudo tá interligado... então essa mobilidade que:: ultimamente vem tendo em relação à internet ela é boa em todos os aspectos seja político social... acaba sim afastando as pessoas umas das outras e aproximando

[

A2 – Ao mesmo tempo

A9 – Ao mesmo tempo né? Mas o mundo ele não sobreviveria digamos assim hoje como ele está organizado a::: sem essa mobilidade por que ao mesmo tempo... eu puxei agora chegou aí no seu celular... eu acabei de clicar publicar já está aí... então essa mobilidade de eu conseguir me comunicar ao vivo digamos assim como você falou com a pessoa que está no outro extremo do planeta é:: traz/ como é que eu vou dizer? Uma agilidade maior à troca de informações que existe e como ele falou a (rede) ele torna uma pessoa que:: de repente não tem voz no seu bairro a um formador de opinião nacional.

A3 – É::

A2 – Nacional mundial

A9 – Por mais que:: ele fale... seja digamos assim atinja mais ( ) de massa digamos assim

A2 – Atinja mais o macro como a gente fala

A9 – É:: mas acaba atingindo querendo ou não acaba influenciando na decisão que você vai tomar... como ela falou e:: o rapaz falou... num sei o nome dele... em relação a política que as mídias em si independente de qual seja tem um poder é:: extremo em relação a isso... em construir ou destruir a imagem que você tem de determinada ( ) então a partir do momento que uma pessoa ela se torna formador de opinião ele tem

esse poder... seja:: discursando mesmo ou seja num simples publicar... por que a opinião dele vai desconstruir ou construir a opinião de mais pessoas.

M – Sim. Aí sobre/ justamente sobre isso/ sobre é:: essas formas de participação né? curtir... comentar... publicar... compartilhar... é::: é::: postar... tem várias coisas né? que a gente pode fazer... é:: vários/ várias coisas que a gente pode fazer e qual é/ como vocês consideram esse nível? Assim "ah! Eu curto... é um nível... eu curto só pra dizer... só por gentileza por que é meu amigo e eu quis curtir o que ele disse" "eu compartilho pra dizer que eu gostei mais do que só curtir"... como seria a intensidade dessa participação?

A3 – Curtir por gentileza eu curto fotos... tipo de amigos... mas questão de compartilhar e curtir artigos ou textos ou algo do tipo você pode ser meu melhor amigo mas se postar besteira num vou nem opinar nem comentar com você.

M – E vocês mesmo assim questão de postar e tudo

A3 – Eu posto mais o que eu acho que seja sensato que num fira ninguém que seja o que possa construir... possa agregar e não tirar valores... possa melhorar a situação da (sociedade) não derrubar mais do que já estamos.

M – Sim.

A2 – Eu acabei configurando meu *Facebook* pra ter vários níveis por exemplo tem os meus amigos aí tem o povo da escola tem os professores aí tipo dependendo do público que eu quero atingir eu acabo postando certo tipo de coisa mas a maioria dos textos eu/ eu:: posto público então tipo quando eu vou postar alguma coisa que eu acho interessante eu tipo é:: se aquilo vai refletir a minha linha ou então se eu coloco um comentário é por exemplo se eu for postar o texto e/ e:: ele não segue a minha linha de pensamento eu vou colocar um comentário no link explicando por que o que é que tem de diferente o que é que eu achei desprezível o que é que eu achei admirável naquilo... é::: tipo e isso vale tanto pro *Facebook* quanto pra o twitter mas no twitter é tudo público.

M – Unhum... vocês?

A5 – Compartilhar é algo que eu diria... que alguém escrever que é algo que eu também diria sem/ sem problema nenhum tendo consciência que aquilo ali tá no público disponível pra todo mundo ver... se há alguma coisa que eu quero esconder eu vou ou selecionar ou eu não vou compartilhar tem que ter sempre aquela lembrança de que meu chefe pode ver... meu filho pode ver... minha irmã... minha mãe... então tem que ter toda essa noção também. E curtir eu curto o que eu concordo e que eu entendo... por exemplo é:: tem umas frases de alguns escritores depressivos... eu curto... é:: num é por que eu esteja depressiva mas é por que eu entendi a intenção daquela frase a história do autor entendeu?... talvez se eu tivesse me identificado se eu dissesse eu compartilharia... mas como eu entendi a história do autor eu conheço toda a litera/ aquela literatura e tal... num é por que eu tô depressiva que eu vou compar/ é:: curtir aquilo mas eu compreendi eu gostei faz sentido? Então eu curti.

A2 – É... quando eu uso o curtir é literalmente quando eu curto alguma coisa aí eu tô lá e dou o like... quando/ quando é tipo

[

A5 – É:: é complicada aquela coisa né? fulaninho foi roubado aí você vai e curte... é complicado... é complicado.

A8 – E as vezes depende até do seu psicológico naquele dia né?

A5 – É:: também... é muito variado...

A8 – Por que eu curti isso? Mas será se amanhã eu curtiria aquilo ali entendeu? Depende muito do seu estado emocional também as vezes ( )

M – Anham... Aí vindo/ aí vindo mais assim pro grupo do IF né? que é ( ) uma participação bem/ bem interna né? de coisas que interessam a gente e que também serve pra/ pra fora... vocês podem falar tanto do grupo quanto de fora é:: a questão do comentar... por que comentar assim?

A3 – Só... assim o grupo do IF as vezes eu vejo

[

M – Ou postar no grupo

A3 – As vezes eu vejo e passo direto por que tem coisas que/ que:: se a gente comentar dá muita briga... mas normalmente eu comento algo que é mais pra:: grupo pra/ pro público em si por que tem muitos professores ( ) que postam coisas que só lhe agradem/ só lhe agradam e não vão alterar em nada a vida acadêmica (por que)/ acadêmica da gente por que querendo ou não a instituição ela é voltada ao ensino... então eu comento ou corroboro com algo né? que seja voltado aos alunos normalmente.

A2 – ( ) Quando você vai ajudar uma pessoa... vai é:: adicionar alguma coisa à discussão é interessante comentar também.

M – Unhum... aí vocês/ vocês todos participam do::/ do grupo do IF?

A3 – Sim.

M – O que motivou vocês a entrar no grupo?

A9 – Assim no grupo do IF como:: Geraldo eu acho que falou... é:: tá acontecendo essa transição do acadêmico pra o:: grupo do IF por que é onde você:: até mesmo no portal do IF a gente não tem acesso tão rápido às informações como no grupo do IF... de repente como aconteceu na greve dos ônibus é::: o pessoal da manhã alguns ainda vieram quem tinha carro e tal pra escola mas tipo a informação a gente... assim que foi lançada no portal do IF os próprios ( ) já sabiam no face nenhum dos alunos tiveram esse acesso a essa informação NO portal do IF.

A3 – No caso foi publicado antes no face tipo um dia antes por que ( ) pelo menos na minha turma na:: quarta-feira ou foi na terça

A9 – Não. Foi na terça

A3 – Na terça e na quarta vieram dois ou três da minha sala que foram aqueles que não visualizaram.

A8 – ( ) por parte dos alunos... "e aí alguém sabe dizer tal coisa?" "vai ter aula e tal?"

A3 – E:: o bom do IF é esse:: os alunos são bem ativos procuram saber mesmo num são aqueles "ah! Vou ficar aqui na minha se falarem bom se não" e eles vão lá e procuram a informação.

A2 – E é legal que tipo:: essa rapidez de informação essa divergência na rapidez de informação é pelo fato da burocracia que tem entre/ entre fazer um poste no *Facebook* e fazer um poste no portal do IF que tem todo um peso tem/ tem que ter confirmação e ver se ( ) exato! Então tem/ tem que ver isso aí também.

M – Certo. E com relação a possibilidade da/ das diferentes linguagens né? a gente hoje pode fazer uso tanto da escrita quanto de foto de vídeo e de MUITAS outras coisas né? que/ que:: é:: possa gerar uma comunicação mais/ mais eficiente ou não... o que é que vocês tem a dizer sobre isso assim o uso dessas mídias?

A3 – Normalmente ninguém lê textos muito grandes brasileiro tem esse problema... aí (acho) quando a gente posta uma imagem com uma frase de efeito grifada ( ) que chama atenção as pessoas já se interessariam em lê o texto tipo "ah!"... ou não o texto ou parágrafo mesmo de maneira bem resumida... por que por exemplo se você postar um texto a pessoa vai saturar e não vai terminar de ler... você posta um parágrafo ela pode ficar curiosa chegar em você e perguntar... aí já acontece um diálogo compra uma discussão e a pessoa entende melhor o que você queria passar.

A2 – Interessante que isso tipo que você disse é problema de brasileiro mas na verdade isso é problema da internet pela velocidade que ela tem de informação (você precisa) que a informação seja mais objetiva e rápida... e no caso pra você ser objetivo geralmente cê é curto então é:: isso é uma coisa mais intrínseca da internet do comportamento de hoje.

A3 – ( ) Problema da:: internet também com a linguagem escrita é a ambiguidade por que querendo ou não tem vezes que a gente erra algumas/ alguns pronomes alguns conectivos que dão a entender outra coisa... que você realmente queria falar que:: A e B fizeram algo e sai da internet como se A B C D e E tivessem brigado com E/ com G e H aí fica:: ( ) assim.

A2 – (Que foi que eu falei?)

M – Mas/ mas essa pluralidade de/ de linguagens midiáticas é/ é boa assim vocês consideram como uma coisa boa ou?

A3 – Sabendo usar é.

A8 – E eu acho também que tem melhorado sabe Cássia? Tem melhorado e muito a questão das publicações até por que... claro que a gente nem sempre confia né?... a

questão da escrita quando você está lá escrevendo e alguma palavra está errada fica:: destacado né? então o face dá essa possibilidade dá uma ( ) (é vai mudar) num é? então eu acho que a questão de erros... pelo menos EU imagino que o brasileiro está lendo mais até por que a própria né? num sei se é o livro mesmo o livro impresso ou por internet até por que o próprio sistema ( ) você está lá no face então muitas as informações são ( ) É:: exatamente! Né? então eu acho isso que::

( )

A8 – Eu acho que hoje tá tendo mais essa preocupação em escrever... eu por exemplo antes quando eu escrevia eu escrevia de uma vez... mas hoje é uma ( ) agora estou lendo duas três quatro vezes antes (de publicar) é por que eu sei que tem muitos professores que tão lá no meu face que podem (nos) questionar então a gente tem que ter esse (hábito)

A5 – E geralmente::

[

A8 – Os alunos/ os nossos alunos também ( )

A5 – E geralmente essa associação de linguagens faci/ facilita a compreensão por que uma imagem sozinha ela pode dar várias significados mas associada a um texto ou um vídeo a um texto pode fechar mais... é:: limitar a mensagem.

A2 – E:: tipo é:: é:: esse volume de informações multimídia acabou aumentando tanto pelo público por questões tecnológicas que hoje em dia é muito mais barato tipo ( ) que é uma qualidade muito boa... é:: banda larga é bem franco então tipo acabou sendo mais fácil produzir conteúdo em outros tipos sem ser texto.

M – Sim. Aí voltando ao grupo do IF né? quais são os fatores chaves que levam vocês a participar dentro do grupo? E:: os motivos também... os principais motivos que levam vocês a participar de alguma coisa dentro.

A3 – Velocidade das informações... maior proximidade... tipo os professores falam de ( ) os pensamentos deles... e é isso.

A8 – É::: e o IF sempre tá promovendo... eu/ eu faço parte do grupo do IF... estou saindo da instituição e saindo... por que eu tô terminando falta só terminar mesmo o TCC... mas o que me motivou a participar é que o IF sempre tá promovendo também algumas atividades extras né? pra quem é:: extra classe pra quem é::

A5 – Extensão.

A8 – É:: então isso de certa forma me::/me motiva né? muitas vezes a questão da::/ da:: do projeto de teatro né? que tem todo final de ano né? os professores fazem

[

A3 – Todo semestre

A8 – Todo semestre né? fazem aquela programação... então são peças que chamam minha atenção... eu gosto e tal... então eu fico querendo saber o que tá acontecendo dentro da instituição até por que eu num quero ( ) do IFRN tão cedo

[

A5 – É::: justamente

A8 – Num sei se quanto aluna quanto professora... num sei mas quero ( ) nesse IF por que é algo que me faz bem.

M – Anham... vamo só dá uma agilizada um pouquinho...

( )

M – Sim sim... todos com relação a isso todos podem falar? Você e você que não falaram.

A2 – Isso vai mais do interesse de cada um como ela falou na:: ela se interessa pelas peças é::: assunto de interesse de cada um mesmo... tipo:: eu me interesso mais por estar por dentro de cada situação que tá acontecendo... saber mais as informações que tá acontecendo no campus... que isso aí vai depender muito de cada um de vida de cada um mesmo.

M – Sim.

A5 – Bem eu par-ti-ci-po do grupo por que meu nome tá lá... aí geralmente quando algum amigo que eu considero que vá dar uma informação importante publica alguma coisa no grupo aí eu vou lá dou uma olhada vejo o que é:: ao mesmo tempo olho... dou uma visualizada no resto vê se tem outras coisas legais... mas só pra me manter informada mesmo... eu já saí do IF institucionalmente mas não/ não perco o elo e::/ mas só pra me manter informada dos eventos externos também e tal... só pra gente ter noção do que tá acontecendo por aqui... vê se melhorou se piorou se mantem a mesma.

((risos))

A9 – O acesso à informação do instituto... eventos é:: coisas do cotidiano mesmo é:: também são publicados pelo menos eu faço parte de dois... é... acho que são dois ou três que há um referente a trabalho... pessoal que trabalha no IF... ( ) dos alunos em si que é esse maior... são dois... e o outro dos alunos também... então é:: e:: publicam sobre estágios sobre:: eventos que vão acontecer como:: atividades de visitas técnicas essas coisas... então essas coisas me motivam a continuar no grupo.

M – Sim.

A3 – Eles sempre avisam também sobre congressos é:: eventos aca/ que não são obrigatórios mais que agregam valor ao currículo e sempre é postado.

A2 – É um canal mais democrático de acesso à informação e mais rápido também basicamente é o motivo geral em si.

M – Sim. Entendi... é::: a gente... vamo rapidinho dar uma passada pra manifestações sociais por que redes sociais internet né? é um tema que a gente sempre... que tem algo mais pra falar... é::: com relação a motivação de vocês a organiza/ pra organização de movimentos sociais... vocês costumam organizar ou participar da organização de algum movimento? Ou participar do movimento sem tá organizando? Alguma coisa assim...

A9 – Assim é::: eu falei até ontem com Romana né? ligou pra mim que:: a gente tá num processo ( ) é:: de formação de chapa em relação ao grêmio estudantil por que Geraldo já tá saindo da instituição... já era pra ter (saído) ( ) alguns problemas na::/ na chapa anterior o pessoal que tava no grêmio e:: a gente começou a observar que:: haviam coisas dentro da instituição falando aqui IFRN depois ( ) que necessitavam dessa/ desse grêmio ativo digamos mais presente por que Geraldo é::: eu admiro muito ele por que ele faz mesmo já estando saindo e:: referente aos problemas que acontecem ele dá o melhor dele pra que as coisas funcionem e deem certo... como o São João que teve a gente:: lutou e tal conseguiu fazer a festa... então a gente tá nesse processo de formação de chapa de eleição do grêmio da chapa do grêmio e:: a gente tá viajando muito... viajou agora no início do ano... provavelmente eu e mais alguém iremos pra o Rio prum congresso que vai ter justamente em relação a:: integração dos movimentos estudantis dos movimentos sociais que existem fora para dentro do IF e os que existem dentro da instituição pra abrangerem mais pessoas... então a gente constantemente tá participando de movimentos de atos nas ruas e congressos e trazendo essa visão (política) externa... como a gente tá em ano de eleição e:: levando pras nossas propostas do/ internas para fora como:: a gente tá trazendo em relação a doação de sangue arrecadação de alimentos materiais de limpeza essas coisas que:: não tem uma visão com abrangência nacional mas é:: na nossa sociedade... na nossa cidade isso traz um peso por que:: como Gabriel falou enquanto existem:: no IF nós temos dois polos... existem pessoas que tem condições que vivem bem... e tem pessoas que vivem pra sobreviver então:: uma coisa que eu admiro muito na gente alunos do IFRN é que:: a gente não se preocupa só com a gente... por mais que na sua infância mesmo no seu ensino fundamental você fosse "ah::! Só eu e pronto" mas a gente acaba com essa convivência desses quatro anos é:: tendo uma visão... mudando nossa visão de mundo... então qualquer coisa que a gente percebe que está errada ou que pode melhorar que é uma coisa que o jovem tem... mesmo ( ) ser jovem admiro em mim mesma digamos assim ((risos))... acho bonito é que a gente procura uma solução por mais que eu num consiga só mas tem ele pra me ajudar... então eu acho que o movimento estudantil se dá a isso você vê uma situação... você dum movimento social você vê um problema e:: "sozinho eu num posso".

A3 – É muito trabalho conjunto.

A9 – É. mas com um grupo maior a gente consegue fazer uma mudança e atingir maior/ um maior numero de pessoas pra ajudar.

M – Sim. E vocês é:: acreditam que realmente a::q a movimentação estudantil e juvenil gera uma mudança? Vocês acreditam nisso que realmente... vocês percebem

isso na sociedade que gera... que realmente há uma mudança e vocês transformam a gente consegue transformar mesmo?

A3 – A gente tava conversando na rosquinha agora na hora do almoço com uns amigos e alguns::/ alguns (polêmicos) enfim... (ele) tava falando que muitas coisas hoje são do jeito que são devido a como os pais foi... que Geraldo até falou aqui... como eles foram (educados) e pela forma que a gente tá se politizando os jovens de hoje isso ( ) três gerações muitas coisas que a gente faz hoje de errado não existam mais. No caso dos movimentos estuda/ sociais estudantis que os jovens estão na frente lutando vão desenvolver na sociedade/ (com) o desenvolver da sociedade pode ser que isso seja diferente ( ) mais estagnada mais parada... seja uma constante mudança e constante aperfeiçoamento. E o movimento estudantil assim uma chave uma digamos uma arma pra mudar a sociedade em si pra:: alterar alguns costumes banalizados banais que existem.

M – Unhum... É:: vocês que estão caladinhas e vocês que falaram também como é que vocês veem esse confronto é:: ativismo virtual ativismo físico é:: tem gente que par/ sabe participar muito quando é na internet... gosta de participar muito e faz as coisas e aí na hora de ir pra rua na hora de ir mesmo fisicamente acaba não sendo tão efetivo ou não né? ou acaba indo também... como é que vocês veem isso?

A2 – Uma coisa que me chegou e eu vou falar aqui que:: que a questão é

[

A8 – Prática

A2 – Prática... isso! E que:: tipo se você ficar só na internet num::/ num adianta de nada você tem que meter a cara na rua tem de ir

A8 – Ainda tem aqueles que vão fisi-presente mas escondem o rosto

((risos))

A3 – Eu acho interessante tipo assim... chega no *Facebook* a pessoa reclama e tal coisa fala textos excepcionais ( ) aí você vai vê fala sobre tal movimento... chega naquele movimento não tá na rua... depois reclama... vai no *Facebook* reclamar mas não foi brigar.

A9 – Eu acho o seguinte... eu sou uma pessoa muito presa ao discurso a/ a palavra em si e:: existem muitas pessoas que tipo até:: se manifestam compartilham pensamentos de outras e tal... no *Facebook* ou no twitter... na rede social a qual possua e que até vão pra esses movimentos que existem mas há uma grande diferença entre você "tá eu li isso achei bonito" a história da modinha que você colocou em questão... vou publico e vou participar mas é uma diferença de tipo você estar lá consciente e você ir apenas por ir... por que:: uma vez é:: aconteceu num sei onde mas foi nos protestos do ano passado... que uma minoria estava lá consciente do que queria e:: ia realmente à luta é:: por que esses movimentos se dão não em busca de briga de:: se contrapor apenas à força política a uma opressão... não mas com base em uma ideologia... então a partir do momento que você está lá reivindicando você tem que ir... ser capaz de

ouvir... e seguir aquilo que está sendo dito. E muitas pessoas já partiam logo pra agressividade o que:: nós pessoas que:: digamos assim pensamos politicamente num sei se o termo é esse mas foi o que veio aqui na mente... nós... nós buscamos mais pela política mais pelo discurso em si por que acreditamos não na força física mas na força de um conhecimento que a gente pode alcançar digamos assim o nosso objetivo através de um discurso através dum diálogo... então o movimento estudantil ele tá muito preso a isso... a essa raiz política que cada um tem.

M – Sim.

A3 – Uma coisa mais filosófica por que se ir pra rua e ir na rua falar... não você ficar ir pra rua e quebrar tudo por que no fim a gente mesmo se prejudica que a gente vai quebrar um transporte que a gente usa diariamente né? vai destruir um patrimônio cultural uma escultura que tá aqui desde mil e oitocentos que nunca mais... se conseguir ser restaurada vai ficar estranha... a gente tem que saber se impor por que a força física muitas vezes ela não vai resolver nada... ela::

[

A9 – Hoje::... Bem rapidinho... hoje em dia a força física ela não se aplica muito:: por que isso a gente deixa pra Grécia pra Roma quando ela tava começando a surgir que ela era:: utilizada digamos assim da forma correta por poucos... então os mais brutos utilizavam dessa força física pra ( )... então hoje em dia eu acho que num tem mais...

A3 – ( ) apanhou ela chorou doeu mas ela vai tá lá de novo... tipo quando você impõe fala "ah! Você vai ficar de castigo... vou tirar de você seu celular seu computador você num vai assistir mais televisão" é uma pressão psicológica bem maior do que apanhar... eu preferia mil vezes levar várias surras do que meu pai falar "ah! Vou tirar sua internet"

A2 – E:: e tipo esse negócio de/ de/ de vandalismo e tal no protesto é interessante por que por exemplo no black bloc eles/ eles acabam tendo uma ideologia por traz desse vandalismo entre aspas... é:: por exemplo eles só atacam o quê? Banco e instituições financeiras tem todo... por mais que tenham outros vândalos no meio mas o grupo black bloc eles tem essa ideologia por traz que tipo eu tava lendo e tipo achei interessante por mais que continue sendo vandalismo é:: tem esse significado

A3 – Mas tem uns black bloc que são meio ( ) divergentes do movimento por que normalmente eles tão lá pra proteger os manifestantes pacíficos da força militar.

A2 – Da força militar... também tem isso aí que é interessante.

M – Pronto você come/ você começou citando os black blocs né? que foi um grupo que surgiu o ano passado né? com o movimento passe livre começou aqui em Natal e aí repercutiu o Brasil todo né? e:: é um dos nossos temas chaves também na::/ na pesquisa é:: a mo/ a participação do jovem nesse movimento que teve na metade do ano passado. Todos aqui participaram? Se não participaram pelo menos viveram né? por que:: foi o ano passado então a gente tava presente foi uma coisa bem marcante e:: o que é que vocês tem a dizer sobre isso? Todos participaram? Todos é:: estavam/

foram pras ruas? Não foram? Ficaram só na internet na rede social? Mas participaram de alguma forma?

A2 – Foi/ foi legal... que foi tanto que eu acabei tipo conhecendo muita gente por que:: eu fiquei interessado em ir pros protestos e:: tentar informar tentar escrever... eu tentei me voluntariar num blog que era sobre o passe livre e tal... tipo não deu certo... mas::: eu lembro que eu tirei muita foto eu acabei nem usando ficou tudo no meu arquivo... tem muito vídeo também

[

M – Guarde pra história.

A2 – Exato! Eu acabei guardando muita coisa eu acho que eu tenho umas duas umas três horas de vídeo... aí:: então eu acabei:: pela/ pelo meu contato com/ com o twitter eu acabei vendo tudo que tava acontecendo em São Paulo e no Rio de Janeiro assim em tempo real eu acabei seguindo muita gente pra ter informação direta então quando/ quando teve o movimento aqui eu fui... saí pra rua sim.

M – Anham... e o que f/ o que foi que lhe motivou? Por que você QUIS sair pra rua?

A2 – Foi:: eu tava/ eu tava vendo no twitter assim o que tava acontecendo lá e::/ e tipo talvez o motivo que eu fui não foi tá pelo aumento assim... foi como/ como ( ) uns artigos é:: que acabaram/ que foram escritos assim independentes ( ) que eu li foi que os protestos de junho eles acabaram é::: juntando toda uma indignação coletiva... foi tanto que saiu aquele discurso "não é só pelos dez centavos" é:: foi acabou criando essa indignação coletiva e:: talvez um/ um dos/ por mais que eu talvez não fosse fazer muita diferença um dos maiores motivos que eu fui foi é::/ é:: essa censura que teve nos protestos assim que eu/ que eu/ que eu me senti

A3 – Represália né?

A2 – É. Represália... que eu me senti nos/ que tipo teve um dia... eu num lembro qual foi o dia exato se foi dezesseis dezessete que era o dia das copas das confederações que::/ que simplesmente a polícia pegou e prendeu um grupo de manifestantes numa praça e jogou é:: gás lacrimogêneo lá dentro com o povo preso... então tipo tava todo mundo passando mal e::/ e a polícia e:: dando gás lá dentro e tipo achei isso é::: covarde e tipo eu tava vendo aquilo em tempo real... eu vi fotos... eu tava/ eu me senti lá no local só que eu tava no meu quarto... isso foi no Rio de Janeiro... é::: e tipo acabou criando uma indignação em mim assim.

M – Anham... e aí você se sentiu motivado a

[

A2 – Me senti motivado que eu acabei

M – E vocês?

A5 – Bem... eu tentei acompanhar essa parte do/ do::/ da revolta do busão né? e vi o movimento crescendo crescendo crescendo até o dito vinte de junho que teve aquela/ a maior passeata se eu não me engano foi a mais forte... foi a que eu fui... que eu vi

que o movimento tava forte realmente que de certa forma era seguro... eu num participava/ eu num participei ativamente mas sempre tava acompanhando as discussões vi as reinvindicações que estavam sendo propostas... concordei com a maioria delas... só não concordei com passe livre total por que eu acho que isso aí é uma discussão pra mais... um mecanismo MUITO maior justamente.

A8 – Mas foi aprovado agora (pro município).

A5 – Não. Passe livre geral... passe livre geral... ( ) é:: aí::: participei desse vinte/ desse dia vinte de junho também pra "eu fui. Eu fiz minha parte"... mesmo que eu num seja ativista e esteja lá sempre compartilhando ou na frente dando a cara a tapa... mas eu participei eu tive lá:: a emoção que tava todo mundo junto cantando o hino nacional todo mundo com aquele orgulho... aí depois o gigante adormeceu né?

[

A2 – E foi/ e foi muito

[

A5 – Infelizmente.

A2 – Uma característica muito forte desse movimento foi o apartidarismo e tipo num era só um apartidarismo era tipo contra/ contra-partidário por que eu lembro que::

[

A5 – Isso isso

A2 – Fui na plenária/ na plenária desse protesto e:: uma coisa/ uma característica forte

A5 – Expulsaram

A2 – Expulsaram é:: pessoas que tavam com bandeiras de::/ de partido e só ficou quem::/ quem abaixou a bandeira... quem não abaixou a bandeira teve que ir embora... foi uma coisa/ foi uma coisa que eu achei forte.

A5 – Era do povo brasileiro nera?

A2 – É:: tipo...

A8 – Eu até respeito essa questão né? mas:: em alguns momentos né? as pessoas que estavam com bandeira né? usando/ portando bandeira durante o ato foram agredidas...

A2 – Foi foi teve...

A8 – Então assim é:::

A5 – Num pode.

A8 – É.

A2 – Contra partidário.

A8 – É contra a agressão quando os policiais vem (espancar) mas agem de forma agressiva com os ( )

A2 – (Exatamente)

A3 – O antipartidarismo é diferente do apartidarismo. O apartidarismo é sua escolha por não tomar um partido político.

A2 – E aí foi contrário.

A3 – Você tem sua ideologia... você tem... tem que ter um candidato que chegue mais:: perto do que você deseja... mas a partir do momento que você se torna contra política você acaba... você vai prali sem/ parar e exercer a sua cidadania. Por que ser cidadão é aquele... pessoa ativa ( ) democracia. E nesse caso eu acho que seria burrice digamos.

M – Alguém mais?

A8 – Eu participei de::/ de uma... de uma delas eu num lembro qual foi o dia mas... ( ) aqui foi até lá... ( ) Ponta Negra... né? então o percurso foi muito bom... passei dessa né? mas também tava acompanhando as demais pelas mídias.

M – E sua motivação? Por que você quis?

A8 – Por que eu acho que a sociedade tem que reivindicar mesmo sabe? Inclusive algumas coisas foram aprovadas em beneficio (do povo) algumas ações né? foram revistas né? então surtiu realmente efeito num é? e eu acho que tem/ que tem que haver... agora tem que ser::/ tem que ter/ tem que ter intencionalidade e organização. Num adianta você estar ali só por estar né? e eu acho que tem que mostrar ( ) mesmo... a gente tem a ditadura militar que as pessoas eram espancadas nas ruas e mostrava a cara... colocava a cara realmente pra bater... e HOJE vivemos numa sociedade

[

A2 – Livre

A8 – Livre né? É. mas que as pessoas tem medo de mostrar a cara num sei se é por que eles tem alguma intenção em esconder o rosto né? num sei... por isso que eu falei aquela hora... ainda tem aqueles que vão pro movimento/ tem aqueles que ficam em casa fazendo movimento em casa pelas redes sociais e tem aqueles que vão pro movimento/ tem aqueles que vão pro movimento e ainda mostram a cara né? Então eu acho que é assim. Acho que tem que existir mesmo sabe?

A5 – E eu escutando algumas notícias dessas de reivindica/ é:: movimentações que tão tendo ainda São Paulo Rio de Janeiro por ali... no rádio... aí eu lembrei “cara o povo de oitenta e quatro conseguiu o voto livre mas ralaram viu? Por que esses altos e baixos que a gente tá passando eles devem ter passado muito mais com certeza. Mas MUITOS mais manifestações num foi aquela passeata do/ emblemática que fun/ que resolveu tudo entendeu?

A2 – Teve muita/ teve muita briga.

A5 – A gente tem que ter paciência pra conseguir tudo que a gente tá querendo.

A2 – Precisa de muita briga.

A3 – É:: Pode falar.

M – Você... pode falar.

A3 – Bom... eu não fui pra nenhum dos protestos mas eu participei pela internet mesmo... *Facebook* twitter... por que::: tipo algumas pessoas podem me criticar mas:: é:: vendo a realidade do momento a:: toda a violência... por que tem a minoria que vai realmente pelo movimento e tem a grande massa que vai mais por/ pela modinha do momento que:: vai mais só pra bagunçar ou só pra seguir mesmo por que é bonito tirar uma foto e postar no *Facebook* ( )...

M – Fazer check in.

A3 – Que foi o que aconteceu muito.

A5 – Unhum.

A3 – Então eu preferi mais ficar em casa mesmo expressar minha opinião... exercer MEU direito de expressar minha opinião como eu achei melhor... do que participar dos movimentos.

M – Sim.

A5 – Mas nem/ nem pense/ quem tava lá:: inclusive eu... tava todo mundo assim ligado pra ver se qualquer barulhinho "pow" todo mundo já metia carreira... "Ai não passou passou num era nada" aí "pow"... foram umas três carreiras que eu dei... eu vi a morte na minha frente

((risos))

A2 – Foi nessa vibe aí.

A5 – É meu filho.

A2 – Não e teve uma hora

A5 – Aí quando começou o quebra quebra chegando no Midway aqui aí eu "pronto agora já era mesmo. O povo/ tava tudo tão bonito agora o povo bagunçou. Droga!"

A2 – E foi::/ e foi muito::

A5 – Terminando já.

A2 – Foi muito engraçado que:: nessas carreiras teve uma hora que eu/ que eu tava ali na Salgado Filho eu tive que fazer o desvio pela outra rua por que eu num tinha a menor ideia do que tava acontecendo então eu tipo "vou por aqui por que num tem ninguém"

M – É.

A2 – Aí tipo era muito foda por que tinha/ tinha a passeata e tipo nas ruas dos lado num tinha absolutamente ninguém.

A5 – Tava/ tava:: justo tava:: interditado as vias.

M – Todas as vias.

A2 – Aí você/ se você saísse dali capaz de acontecer alguma coisa de errado com você então foi muito tenso.

M – É::.

A9 – É:: o que me motivou digamos assim como ele falou não foram apenas a questão do dinheiro em si... do passe livre em si... mas eu acho que um grito que estava preso na garganta da sociedade brasileira em relação a tudo

[

A3 – Vários problemas.

A9 – É::/ é tanto que:: depois de muita luta agora em setembro a gente vai ter o plebiscito popular pra ter a reforma política no nosso país... ACHO que possa dar certo. Por que acho? Por que a sociedade brasileira eu vejo que a gente em relação a tudo que falaram e eu tava quieta aqui escutando... mas uma coisa que a gente falha muito é quando a gente tá ( ) o nosso voto por que:: a partir do momento que você nega a política do seu país que você nega a política você está negando a si próprio... por que:: a partir do momento que a gente toma consciência que somos capazes de pensar nós já somos seres políticos... por que política é isso é o (envolvimento) de pessoas em relação a tomada de decisões então quando surgiu os movimentos no ano passado em relação inicialmente ao aumento da passagem é:: não só eu mas como o pessoal da minha sala a gente começou a fazer movimentos internos dentro da escola juntando os nossos colegas de outras salas pra começar a confeccionar cartazes a compartilhar coisas no face e no twitter pra levar mais pessoas a não só às ruas mas a pensar sobre aquilo que estava sendo reivindicado... então eu acho que o ponto chave disso são as conquistas que nós tivemos sim... mas foi levar outras pessoas que outrora não pensavam sobre aquilo que foi reivindicado a serem mais politizadas. Então eu acho que o que a gente ganhou mais foi isso realmente a politização e um maior número de pessoas.

A3 – E:: tipo se eram dez esses dez politizaram trinta que agora são quarenta que vão politizar cento e vinte e sempre uma crescente no caso a sociedade vai mudando gradualmente.

A2 – E tipo isso vai refletir no futuro.

A3 – Justo.

M – Isso. Que bom que vocês todos pensam assim. É:: pra:: eu acredito que os ex alunos... a gente já tá num tempo bem apertado mas só:: bem rapidinho é::... pros ex alunos eu não sei se participaram mas os que ainda são alunos é:: eu gostaria de saber se vocês participaram também do movimento da merenda que teve aqui.

A3 – Não. Não foi no meu ano.

A9 – Pra gente... foi no ano anterior eu acho.

A3 – Foi. Foi em dois mil e doze.

M – Sim. Pra mudar/ pra mudar a cantina e tudo mais.

A2 – Eu sou de outro campus então.

O – ( ) Foi o do ano passado.

A3 – Ah! O do ano passado sim.

A9 – Da cantina no caso... o da "merenda é nossa"

M – Sim. Da cantina.

A9 – Tiveram reuniões perguntando... questionário sobre o que a gente achava por que:: no início da/ da:: empresa que tava na frente é:: digamos assim dizem que isso já é rotineiro aqui na instituição... não sei por que essa ainda tá no início... mas que a alimentação é de boa qualidade digamos assim com preço acessível por que a instituição ela paga uma parte da:: no caso eu tô falando do almoço que é o PF e:: o self servisse ela paga uma parte pra que os alunos e os servidores tenham::/ possam comer lá. Então com o passar do tempo essa alimentação digamos assim ela vem piorando a qualidade e os preços vem aumentando. Então NÓS alunos começamos a questionar por que os preços estavam subindo se a qualidade da comida não era tão boa assim que:::

A3 – Não só o valor a quantidade também

A9 – É. A quantidade também que muitas das vezes era muito melhor a gente se deslocar pra o Midway pra:: lanche gostoso pra:: os restaurantes que tem aqui perto do que comer na própria instituição. Então a gente começou a questionar isso é:: eu o ano passado era o Diretor Geral a minha sala falou com ele um dia parou a sala e tal conversou e ele disse que ia tomar providencias. Então foi feita uma pesquisa na escola sobre o que a gente achava e tal... num sei se abrangeu a todos os alunos mas grande parte abrangeu. Então foi uma coisa que a gente conseguiu. É:: mudou a empresa que atende a cantina do IF e:: eu realmente espero que não aconteça o que aconteceu com as anteriores que essa venha a dar uma assistência bem melhor a alimentação.

A2 – E aconteceu uma coisa bem parecida no meu campus que é o da Zona Norte que::/ que teve toda uma movimentação pra:: mudar o/ o:: a janta... a janta e o almoço. Que:: aí tipo por exemplo fizeram/ teve um dia que fizeram um protesto e a gente quando tava o reitor lá... acho que era o gabinete itinerante... num lembro qual era o motivo que ele tava lá... aí todo mundo sentou no chão assim principalmente por que tanto/ tanto teve problema que a qualidade do/ do:: tava aquém do que deveria ser... as vezes tinham comida estragada ou era pouco a quantidade... tanto a quantidade no prato quanto a quantidade de pratos e:: também pelo fato que/ que:: o espaço era pequeno e acredito que muita gente saiu do refeitório pra sair na::/ pra comer na área de convivência que é tipo a rosquinha e tem as mesas da cantina... e tipo não podia o/ a:: cantina chegou a expulsar muita gente das mesas por que não podia aí nesse dia todo mundo começou a comer no chão e:: deu muita foto e foi/ foi

um movimento bem sucedido por que acabou mudando a empresa que fazia a refeição e a qualidade melhorou muito.

M – Anham. Certo. Eu vou só agradecer a participação de vocês... por mim e eu acho que por vocês também a gente ficava aqui o resto da tarde por que tá muito gostosa a discussão mas realmente já passou do tempo então muito obrigada foi/ contribuiu bastante... quem precisar de declaração a gente vai...

O – ( ) A gente vai fazer um lanche e sortear um brinde.

Grupo focal 2 – tempo de gravação: 2:28:10

LEGENDA:
Alunos: A*número* Mediador: M Observador: O Todos: T

M – Oi? Pode... pode ligar brigada... então... é::... ( ) já já... é boa tarde

[

T – Boa tarde

M – Pra vocês... meu nome é Cássia é:: eu gostaria que cada um se identificasse dissesse o curso ou se for ex aluno diz se é/que é ex aluno mas o curso que fez e o ano que terminou...

A1 – Meu nome é Caio é::: sou do quarto ano faço geologia

A2 – Meu nome é Renan eu:: sou do terceiro ano faço mineração

A3 – Ãh:: Francisco Segundo último semestre de análise e desenvolvimento de sistemas

A4 – Armando do quarto ano de geologia

A5 – Eu sou Pedro Jotta terceiro ano de eletro

A6 – (Ana) Beatriz segundo ano de informática

A7 – Meu nome é Ketilene (tercer/) do quarto período de letras espanhol

A8 – Aline de segundo de edificações

M – Certo ótimo... é:: eu só queria que vocês falassem um pouquinho mais ALto certo? Pros gravadores pegarem mais a voz de vocês do que o arcondicionado e também preu ouvir e todo mundo conseguir ouvir bem e ficar mais claro... é:: o primeiro contato que a gente fez com vocês... vocês já sabem né? Porque tão aqui pra participar na:: na construção/ na produção da tese de doutorado de Romana né? Que ela tá fazendo uma pesquisa sobre as motivações da participação do jovem estudante é::: nos movimentos sociais e/ e:: na/ nos assuntos sociais como um todo... e aí é::: nós separamos alguns tópicos principais pra perguntar assim algumas coisas sobre esses tópicos... o primeiro é participação democrática... o segundo protagonismo juvenil na escola... depois cidadania e voluntariado... comunicação e redes sociais... e manifestações sociais... é::: todos esses temas estão... diretamente ligados à participação né? E a juventude... e também à comunicação/ é comunicação social que é o/ o a/ a área de doutorado dela... então sobre é:: participação democrática inicialmente é:: a gente gostaria de perguntar a vocês qual o entendimento que vocês acham que é ou pode ser o senso comum né? de vocês... sobre o que seria essa participação democrática

O – Antes deixa eu só fazer um parates/ parêntesis... é interessante que haja o diálogo... então assim... um dá uma opinião mas se o outro discodar "ah:: eu respeito a opinião mas eu discordo porque eu acho que tem"... então o interessante na

realidade é que haja esse debate independente num precisa todo mundo ter/ concordar com o outro o interessante é a diversidade de opiniões

M – Oh! Podem começar:: podem/ podem falar o que seria... o que considera por participação democrática... ninguém?

O – Vamo Pedro? Você... vai começar por você

((risos))

A5 – Por que eu?

M – É/ é só pensar assim... na/ na/ na junção das duas palavrinhas né? participação... o que seria participação... e:: democracia né?... aí faz a/ o que seria uma participação democrática... uma participação na democracia ou...

A3 – Deve ser a/ a/ o termo que é utilizado pra::... falar sobre justamente a/ a participação no/ no sistema democrático ou em relação a todo país ao que... levaram anos pra construir em relação a democracia no Brasil

M – Hum

A3 – Aí... em questão de:: a/ ainda mais essa época de eleição pára pra pensar mais pro lado de::/ de votar mesmo do ato de votar e que todo mundo pensa "ah:: mas meu voto num faz diferença" mas são milhares de votos e:: democracia ou o processo democrático todo

M – Sim:: pronto...

[

A3 – Política

M – É:: pronto como você citou né? a política é uma das áreas que você pode participar democrática/demo/ democraticamente... é::: tem outras áreas né? cultura educação saúde... vocês acham que/ que qual a área importante... qual a área... né? dentro do que vocês... já que ninguém quis falar mas aí cria uma concepção talvez de:: o que seria uma participação democrática a partir da área... ou alguma coisa assim

A1 – Ah::: participação democrática é participação de todos todos que tão envolvidos eles deveriam participar pra poder se integrar naquele meio e tomar as melhores decisões... pra todo mundo

A7 – E pra ( ) pra:: ... assim no meu ponto de vista... e (praticamente) isso ocorre como se fosse uma obrigação "não eu vou participar não por vontade tem/ (correr) com meus direitos saber o que eu quero né?"... não... é uma coisa que você é obrigado "não eu vou fazer porque é obrigado... e lá vou participar"... eu ( ) no meu ponto de vista eu vejo isso mas... pra mim é/ é:: tem que ser que todos tivessem isso na cabeça que é uma dever assim não obrigatório é que você fosse votasse corresse atrás dos seus direitos seus deveres pra fazer assim ( ) né? ter aquela opinião

A1 – É:::

M – Unrum... e vocês que não falaram?

A1 – É::: eu concordo com ela acho que isso acontece muito mas também acho que levando pro lado político da coisa eu acho que a política ela é um pouco inacessível às pessoas... é:: as pessoas elas acham que é complicado... um exemplo disso é o grupo do IFRN... é::: quando começam a tratar de política partidos políticos é:: movimento estudantil a participação é pequena... mas certa vez... teve um/ uma discussão é/ a respeito da merenda escolar e aí deu/ notou-se que era uma participação bem maior porque era uma coisa que você tava notável assim que todo mundo via... era uma coisa é:: presente no cotidiano de todo mundo... o movimento estudantil ele tá presente mas num/ não é tão evidente como é a merenda... se você mexeu na merenda todo mundo vai notar... agora se mexeu no movimento estudantil fez alguma coisa ou outra quantas pessoas vão notar? Porque num/num é tão impactante

A7 – É como se fosse um... as pessoas mexendo no que é seu né?

[

A1 – É

A7 – Ele vai sentir o que tá acontecendo... mas se um mexer só vai sentir realmente aquele que que tá alí dentro quem não tiver não vai se importar

A5 – As pessoas não se sentem integradas né? na política

[

A1 – Muitas vezes

A5 – Mas na verdade elas tão assim... algumas mais indiretamente do que outras claro... mas todas as pessoas tão integradas de forma ( )

A3 – Eu acho que ( ) vai muito de uma relação de poder também... você:: imagina "ah:: tipo..." ... quando cê/ cê/ se trata da merenda você chega no diretor do/ do IFRN e fala "véio eu quero macarrão na quinta-feira... e todo mundo quer e todo mundo aqui é maioria e quem come é a gente... então a gente quer macarrão na quinta-feira"... e quando você chega lá na/ quando você se trata de algo a nível do país do seu/ do Brasil por ser um país muito grande é extremamente complicado você dizer "não eu vou lá na presidente e vou falar véi que eu quero macarrão na quinta-feira véi

[

A1 – É:::

A3 - Lá no IFRN"... tipo você num tem como acessar uma pessoa que teoricamente tá no poder

[

A1 – É eu

A3 – E você... e:: aquele ministro ele até comentou que as pessoas não se identificam com os partidos políticos no Brasil... aí tipo:: todo mundo até chamou ele de facista sei lá:: num gostou muito da atitude dele mas é verdade é ué tipo os partidos políticos

e eu não vejo um partido que me represente... então:: acho que tem aquilo... o:::/ o partido dos estudantes pra conseguir a merenda que quer é uma coisa próxima a você então você consegue acessar... e quando se torna algo de/de nível nacional você já se torna bem inacessível pra pessoa

A1 – É... o grande problema da política que eu vejo é a questão de acesso às pessoas... por exemplo... cê vê muito em discurso político "lutar pela/ pelo proletariado!" "a revolta do/ a:: a revolução democrática!"... agora cê pergunta prum cara que mora no interior do Brasil... um cara que tem até a terceira série se ele sabe o que é proletariado se ele sabe quê que é democracia... então:: a política acaba sendo muito pouco acessível às pessoas que participam dela... eu vejo dessa forma a política aqui no Brasil... por isso muitas vezes acaba acontecendo algumas aberrações eleitorais que a gente muito vê aí... voto por saco de cimento... por ajuda na renda mensal da família...

A5 – As pessoas não tem noção da/da dimensão... do que elas são capazes de fazer... elas acham "ah:: meu voto aqui não vale nada... então vou trocar aqui pelo saco de cimento (já que você vai) ajudar na reforma da minha casa..."

A1 – É que a pessoa fica tão desacreditada na política que ela::

[

A5 – É... que acha que tanto faz

A1 – É::: e acha que a única salvação da vida dela melhorar é a religião... é:: um total (abandono) que ela tem

M – E no caso da escola né? vocês acham que aqui no IFRN existe participação democrática pelo estudante? o estudante pode participar? ele tem voz ativa aqui no/na instituição?

A1 – É::... eu num acho que/ do jeito que eu falei quando é uma coisa mais cotidiana assim do estudante... aí cê vê uma classe maior ela... aparecendo... mas quando é:: aquele movimento estudantil que é aquela coisa que sempre existiu:: a muito te::mpo... e aí todo mundo fala "ah:: esse aqui sempre votou nessa discussão... isso num vai levar em nada" e acaba que:: as pessoas que tão mais vinculadas a política que participam

A3 – (olha) Eu:: SOU tesoureiro do centro acadêmico de TADS... e tipo::: a gente sempre teve contato direto com Arnóbio pra o que precisasse... sempre conversei diretamente com ele... a gente tentou uma/ uma chap/ uma candidatura pra o DCE (mas) não fomos eleitos na época por sinal... mas tipo a gente nunca viu o DCE representar os estudantes do superior... eu não conheço nenhum membro na verdade... eles foram (eleitos) assim porque eu vi na época aí:::/ assim pra o curso de TADS a gente conseguiu/ pra dire/ pro DIATINF na verdade a gente conseguia as viagens pra campus party... tipo:: qualquer coisa que/ que a gente pudesse melhorar pro curso a gente conseguia... e tipo:: a gente chegou a mandar um::/ uma nota de repúdio à:: acho que à Rosalba na época que ela tava falando que/ que era obra do governo dela a

implantação de mais de num sei quantos IFRNs e aí ela/ ela num/ é/ é um projeto federal... e a gente recebeu resposta disso é::: explicando que... a propaganda tinha dado errado num sei que lá... e:: anyway ((risos))... aí:: e tipo todo esse tipo de coisa que a gente via que não/ não batia com o que era do interesse geral do curso o pessoal sempre teve respaldo de procurar a gente e dizer "velho a gente num tá gostando desse professor ele tá faltando não avisou" chegava na diretoria e falava "olha professor tal não botou os horários no acadêmico... tá faltando... num deu resposta... num sei que lá"... e sempre resolveu... hoje todos os professores tem os horários atualizados... inclusive aquele de tempo extra que são... trinta horas aula... são seis horas de aces/ de/ de suporte ao aluno... então... dentro da diretoria de informática a gente conseguiu faze/ mudar isso de maneira bem tranquila... hoje tipo acho/ num tem acho que pouquissimas coisas a reclamar lá... tipo:: e o problema nem é da gente na realidade... tá faltando professor de matemática que é de outra diretoria aí:: mas tipo::... aqui no IF tipo eu sempre me senti muito mais (ativo) em relação a isso pelo menos... eu sempre tive contato com o/ o diretor do campus quando a gente precisar e:: e:: num sei se por que o CA já tem uns 6 anos eu acho... aí:: já tem uma estrutura mais consolidada tem eleição anual essas coisas

M – Unrum... é:: e aí você fala a partir de uma representação estudantil né? como você mas por que você faz parte também de uma representação que é o CA..

[

A3 – Sim

M – Mas aí e os demais que

A6 – ( ) Representação é:: estudantil tem o problema do grêmio (eu não sou caloura) eu estudo aqui há dois anos... mas desde o meu primeiro dia nessa escola que eu TENto ir ao grêmio pra reformar o grupo de teatro pra o teatro não ser só das aulas de artes cênicas... e há dois anos que não... tem grêmio... então eu não tenho nenhum jeito de conseguir isso por que a única instrução que me dão é:: "chame os seus amigos que também querem... eu tenho um pequeno grupo que também tá atrás disso... e vão no grêmio" e não tem grêmio... aí a gente vai ali na/ na diretoria de artes a gente fala com Arnóbio que é nosso professor de educação física... só que não tem como dá segmento a esse projeto por que não tem grêmio... então algumas coisas dão certo mas outras tem esse impecílio

M – Unrum... sim... aí vocês/ vocês dois e os demais também podem contribuir né? com as experiências é:: de:: como seria essa participação né? de vocês aqui na escola... e:: quais as formas de exercer essa participação... através de centros acadêmicos... através de grupos teatrais de música ou né? de alguma forma que queira participar de coisas de mo/ de movi/ movimentos manifestos e:: vocês consideram essa participação livre criativa... o que vocês tem... a falar sobre... a partir das representações formais e informais... que seriam os partidos né? e as informais/ as/ as formais né? mais que a gente vê são os partidos políticos as agremiações... CA também... e aí:: a/ as representações mais informais que são pessoas que né? tentam a

partir de/ de si e de um grupo são os grupos as comunidades os coletivos... vocês acham que tem força... que num tem... que dá pra participar livremente

A3 – Isso seria a nível IFRN?

[

M – IFRN... é a nível estudante né? a nível

A1 – (Eu acho) Que dá dá né? mas não precisa/ cê precisa daquela parte informal mas também precisa da parte formal... foi como ela falou... no grêmio por exemplo tem é::/ é:: tem a:: é bancada não é:: comissão de mulheres... comissão de arte... comissão de é:::... cultura... então se/ se tem o grupo e tem a quem acessar funciona mas do jeito que ela falou... cê tem um grupo teatral aí cê tenta ter alguma melhoria fazer alguma coisa aí cê num tem a quem recorrer... aí acaba que num funciona

A6 – As pessoas elas querem ( ) não sempre... as vezes você quer substituir um professor você consegue... você quer mudar um horário você consegue... mas tem outras horas que não... eu passei um ano querendo trocar de professor... toda a minha sala ia reclamar toda semana... e eles só respondiam "a gente vai ver"

A1 – É::

A6 – E nunca foram atrás e terminou o ano o professor viajou ( ) liberou a gente seis meses antes do tempo... todo mundo passou do segundo ano sem saber nada da matéria... (a gente nunca recebeu nenhuma resposta disso)... e a gente fala com gente que é mais velha que diz que isso é normal...

A1 – É e::

A6 – ( ) A gente vai atrás de melhorias e simplesmente não dão o cabimento

A1 – Isso acontece

A5 – Aproveitando que Bia tocou no assunto... eu tenho um caso semelhante... inclusive eu não mas... metade do meu curso de eletrotécnica com um professor também que tá aí a uns três anos causando desis/ desistencia assim de dois terços das turmas que passam por ele... e aí ele simplesmente continua lá:: e (os alunos continuam) desistindo e o curso de eletrotécnica tá se extinguindo graças a esse professor

A1 – Acontece muito isso

A5 – ( ) Diretoria de industria... nada

M – Tem alguma experiência diferente ao

A4 – Também exite problema semelhante (na DIAREN)

[

A1 – Isso existe em todas as diretorias

A4 – E eu acho que isso acontece principalmente por que falta uma representação formal entre os estudantes dos cursos e a diretoria

[

A1 – Dentro da diretoria

A4 – Tudo que a gente vai fazer lá:: é fala com o/ o...

[

A1 – "Fala com a pegago::ga"

A4 – "Fala com a pedagoga"... só que que força a gente tem se a gente é uma coisa isolada é uma coisa informal... a gente fala e qual a garantia que eles ouviram

A3 – (Cara) Assim por experiência própria... a gente teve::/ a gente tinha esse problema lá no curso com um professor espefíco... tipo o material dele era de dois mil e seis acho que era ETFERN quando mudou o nome do/ do slide... tipo:: eu paguei a mesma materia com ele duas vezes e eu falei "professor esse slide tá com erro ali ó" "tá certo! eu corrijo"... no outro semestre eu "professor o erro do semestre passado..." aí ele "ah:: eu esqueci... eu corrijo" aí eu "certo!" semestre que vem é a mesma coisa mas tudo bem... aí::: a gente abriu há uns quatro meses atrás a gente abriu/ abriu um processo administrativo contra ele... tipo era umas oito páginas de descrição de alguns problemas aí em relação a gerência dele... ele era DE e tudo... dedicação exclusiva ele não poderia fazer mais nada dentro do IF e por isso ele recebia uns três mil e novecentos algo assim... uma taxa em cima do/ do coisa... a gente entrou com processo e tal e ele:: saiu do cargo de DE que ele tava... começou a receber normalmente como as outras pessoas... é:: como os outros professores doutores... ãh:: atualizou os slides... colocou os horários lá e sempre tá disponível por que a gente sempre vai lá checar

((risos))

A1 – Foram quantas páginas?

M – Então foi efetivo

A3 – Foram oito laudas... foi/ foi efetivo

A1 – Mas quantas páginas foram?

A3 – Isso foi depois de três anos mandando e-mail pra ele... aí a gente anexou cópia de e-mail tipo todas as respostas...

M – ( )

A1 – É muito trabalho... num devia ser tão trabalhoso assim... e é uma coisa muito boba... é uma coisa que se levar um representante da diretoria dentro da sala de aula e mandar ele assistir a aula ele vai perceber que aquilo tem alguma coisa errada ali

A3 – De uma forma informal seria resolvível né?

A1 – Pois é::... num precisa de tanta burocracia assim pra resolver um problema::

A3 – Não é por que tem::

A6 – ( ) Trabalho... se é pra ter um trabalho (enorme) normalmente as pessoas...

[

A1 – Por isso que as pessoas não fazem

( )

A6 – (Não tem como) resolver um problema se for toda essa burocracia

A3 – (Mas assim)

A2 – Aí é onde cai exatamente na falta de/ de respaldo por que ele aqui... ele tem o CA lá do curso dele

A3 – Não mas/ mas foi pessoal... num foi pelo CA/ o CA que mandou não... o CA assina com o seu nome mesmo... eu não assinei com nenhuma representância não

A1 – E aí é assim a/ a gente acaba correndo um risco sabe?... se coloca em seu nome você tá se expondo para o professor... você corre o risco de sofrer alguma conseqüencia disso

[

A2 – Retaliação

A1 – Uma retaliação disso

A2 – É existe... existe muito disso na minha/ na nossa diretoria é:: Daren de::: a gente reclama com pedagogas ou com o diretor do/ do Daren... mas o que eles nos dá/ nos dão como resposta é que "não! É:: Ele/ ele disse que só vai aparecer no IF tal dia tal dia tal dia e como ele é concursado ele diz que ele tem direito e é isso aí e a gente tem que aceitar"... na verdade ele já ficou/ eu já vi ela irada com um professor por que ele disse que só ia aparecer segunda e terça de tarde e se:: botassem os horários lá que ela organizasse de acordo com o que ele pudesse... Então o que aqui falta no IF acho que um dos problemas maiores de comunicação e é:: entre professor aluno e diretoria que falta muito isso

[

A7 – (E isso é o principal aqui do IF) por que talvez seja em todos os cursos que no meu aconteceu também comigo que eu inventei de pagar ((risos)) uma disciplina assim não:: que não é obrigatória a:: a mais e ele como não/ "ele viajou muito e não sei o que... não tá certo ele vai ter que ir na quinta e na sexta-feira você escolhe pagar a disciplina com ele" aí tá certo... o professor deu só quinze/ só duas semanas de aula ele deu aí a gente toda quinta-feira ele dizia "não venham na terça" a gente vinha só dá viagem perdida... aí chamou atenção da:: chamou atenção dele "professor se você não tem condições... coloca outra/ outra pessoa no seu lugar... por que assim tá pagando matéria gastando passagem em vão chegando cedo pra nada...

[

A1 – Perdendo tempo

A7 – Aí sei que esse negócio foi foi falou com a/ com a pedagoga falou com o diretor isso e vai pra cá... ele liberou a gente faltava uma semana pra terminar o semestre

[

A1 – É:::

A7 – Ele terminou... o período quer dizer né? o período que foi aí o que fez durante esse/ esses quatro meses que era pra ter aula dele e não teve... com a/ com a gente uma professora veio lá do sei aonde... que veio dá ( ) que (ele terminou em cinco meses) ela deu em um dia a gente aprendeu... e aí? Como fica a situação? ( )

[

A2 – Talvez seja... pelo menos ao meu ver... pra mim... é:: na minha é:: no meu ponto de vista é um/ uma (das falhas) mais graves de o sistema educacional do IF é:: é essa falha/ falta de::/ de fiscalização com os professores por que em tese o governo federal diz assim "não... a gente vai contratar professor de (de repente) com doutorado... em tese deveriam ser os melhores professores e que ensinassem melhor... mas os caras tem doutorado tem especialização em TUdo e não conseguem passar a informação pro aluno... não conseguem o método pedagogo num passa... e:: esse é um dos problemas a falta de fisca/ de fiscalização por eles serem concursados e meio que blindados por isso então quem sofre mais é o aluno que tem que aprender aquela matéria de um jeito ou de outro por que ele vai cobrar

A1 – O que tá mais relacionado ainda com essa pesquisa é que toda essa::/ esse trabalho que a gente tem e que NÃO chega a lugar nenhum acaba desestimulando justamente a participação política

[

A7 – Com certeza

A1 – Por que a gente vai atrás de alguma coisa... passa um tempão tentando fazer aquilo acontecer e aí a gente não consegue um resultado... então::

[

A8 – Pois é::... esse foi o caso da minha turma por que:: a gente tentou tirar o professor... fez/fez um requerimento a turma toda assinou lá... e quando foi falar com o professor não deu certo trocar e:: ficou por isso... o professor ficou vendo a gente:: né? "queriam me tirar" e depois/ e agora tem esse outro professor que ele dá aula super mal... ele é ótimo super inteligente só que ele não conseguir passar o conteúdo... e toda aula a gente reclama até as folhas dele são:: não dá pra entender nada

A3 – (Isso aí gera) muito de uma/ de uma relação com/ capitalista com o país... você se garante num/ num emprego de concursado e tipo é uma ideia ótima acho que tá garantido ali pra sempre... então você vai dar aula ali... de uma aula medíocre por que você não nasceu pra ser professor você nasceu pra trabalhar no mercado de trabalho... mas só que no mercado de trabalho você vai ser demitido... então você quer uma

[

A8 – Garantia

A3 – Ideia de garantia pra sua família e eu não tiro a razão dessas pessoas que querem essa garantia... mas...

[

A8 – (Que ter essa garantia que cumpra né?)

[

A4 – (Fica complicado pra gente)

A3 – É:: mas:: é muito estranho tem gente que não nasceu pra ser professor

((risos))

A2 – Esse problema da reta/ retaliação dos professores eles sabem que:: a diretoria informa que:: os alunos tentaram tirar ele... e como a gente não consegue tirar ele de jeito nenhum ele se mantem lá::... ele volta com retaliação contra os alunos

[

A8 – Sim é... eles ficam tudo com marcação

A2 – De aplicar prova de::... é::: e ele aplica provas de que nem ele mesmo sabe resolver aquelas questões

A8 – Verdade

A1 – Agora o que você levantou é interessante... pessoa fez o concurso e passou e começou a trabalhar por estabilidade... mas como que funciona o processo de seleção?... pelo que eu sei... o professor ele tem que dar uma aula prum corpo de professores e provar que ele sabe dar aula... e como que tá sendo feito esse/ esse:: julgamento?... Por que se ele sabe dar aula ele provou isso pros professores... e por que que ele não dá aula no dia a dia

[

A3 – Imagine::... imagine que você sab/ que você vai lecionar pra uma banca de doutores... onde os caras sabem mais que/ mais do que você... então se você chega pra eles e fala qualquer coisa ele vai entender daquilo mais do que você... só que imagine que você vai ensinar a aluno... num sabe NADA da matéria... você tem que passar tipo do/do/ do:: grão à::/ ao fruto

[

A1 – Não/ não é assim que funciona... o cara quando ele vai dar uma aula... por exemplo vai dar uma/ vai dar uma aula de informática por exemplo

[

A3 – Certo

A1 – O cara num vai falar de um sistema que é revolucionário

[

A3 – Não ele fala

A1 – Que apareceu em 2013... não ele fala ó isso aqui é um computador isso aqui é um monitor isso aqui é um teclado isso aqui é um mouse... ele começa do básico... assim que a::/ a::/ a prova que ele faz aqui... ele num pega nada elaborado não ele pega o que ele vai dar no dia a dia

M – Ãhram aí::

A2 – ( ) Que a nossa avaliação é continua então eu posso muito bem chegar/ eu posso muito bem chegar "passei num concurso" aí cê "a data tá marcada da minha aula um teste" eu posso me preparar muito bem pra essa aula explicar como eu pensaria na aula desde o começo... quando eu entro aqui depois de cinco anos eu já me acomodei eu sei que eu num vou sair e começo a dar aula de qualquer jeito

A3 – É por que os professores

[

A7 – Parece que aqui é depois de dois anos que fica fixo né?... passa no concurso

[

A3 – É:: (até ter) concurso (é uma garantia)

A7 – Aí depois de dois anos já:: aí fica garantido

M – Sim

( )

M – Vamos voltar aqui no assunto ((risos)) ( ) vamo esquecer os professores e agora vamos falar dos alunos... e aí vocês tão falando dos professores e o que vocês fizeram né? pra:: tirar professor deixar professor... como vocês percebem o protagonismo jovem na escola? O protagonismo do aluno... é::... o a/ vocês consideram que o aluno dei/ perdeu aquele papel de coadjuvante... que assiste aula ai pra casa e num faz mais nada na escola... ou vocês percebem que o aluno passou a ser mais protagonista a participar mais das coisas se envolver mais com a escola com as decisões da escola?

A1 – Não... tá claro que não... não tem grêmio... a gente vai reclamar de professor professor é:: pessoal da diretoria manda a gente embora pra casa

[

A8 – "Vamos ver"

A1 – Obviamente que não

A6 – Entra num ouvido e sai no outro então

A8 – É:::

A6 – ( ) Num tem não

A8 – É:: e tipo num tem um incentivo pra fazer... pra ( ) seus direitos né? não tem

A6 – Então assim... fica aí::

[

A2 – As pessoas aceitam

A6 – É:::... bom

M – E numa realidade mais ampla?... é:: saindo do::/ da ideia de IFRN mas pra uma ideia de escola como um todo... vocês tem um conhecimento? ou vocês

[

A2 – Depende muito também

M – Imaginam? Vocês vieram de outras escolas então vocês também tem outras experiências

[

A2 – Escolas particulares por exemplo::... é:::... a única participação que eu se/ conheço de decisão de aluno de escola particular é quando o professor é muito ruim eles vão/ todo mundo reclamar na diretoria e no outro dia o professor é demitido... é:: é o básico que eles podem fazer... mas em termos de decisão tanto de administração como de::... de qualquer coisa geralmente (nem sabem do que se trata)

O – Em relação é::

[

A8 – Escola pública::

O – Em relação a participação assim do planejamento pedagógico por exemplo vocês acham que a aula não tá boa aí como é ( ) esse diálogo com o professor... o professor acha que vocês devem dar sugestões que mudem o curso desse fazer pedagógico ou geralmente o professor é mais repressor?

A6 – Assim...

[

A1 – Aqui no IF?

A4 – São poucos

[

A8 – É:: são quase nenhum

[

A7 – Aqui no IF no meu curso são poucos... por que ele/ teve um aí a sala todinha não gostou do método dele a gente conversou com ele... num quis né? ir pra/ pra:: pedagoga (e nem pra diretoria) por que falou com ele "professor o senhor podia mudar assim o mo::do por que assim a gente num tá compreendendo o conteúdo"... entrou num ouvido e saiu no outro... aí ficou só naquele:: (e a gente) passou por passar

[

A3 – Eu acho que de modo geral no IF até os professores são::... de um modo geral... a maioria... são:: até compreensíveis... se você chega pra ele e fala que você num tá entendendo num tá conseguindo acompanhar num... não tá::/ cê lê o slide e não entende o quer dizer... eu acho que os professores correm atrás de um modo geral... tem as exceções

[

A6 – É::: tem as exceções ( )

A7 – ( ) Dos professores que ( ) só um aconteceu isso mas os outros né? e esse que não quis dar aula... mas os outros sempre que a gente falava argumentava eles sempre "não... vou fazer de outro/ vou fazer de outro modo" aí já vinham na outra aula já com uma coisa diferente já pra pessoa entender

A8 – É:::... pois é::

A2 – Mas as maiorias desse ano/ os meus professores desse ano a primeira coisa que eles falavam na::/ quando começaram a/ a aula/ primeiro dia de aula foi "se num tiverem entendendo falem comigo que a gente tenta mudar o plano pedagogo e::: foi mei/ a gente se surpreendeu assim por que:: nunca tinha acontecido isso antes mas esse ano muitos professores fizeram isso de história de biologia de matemática... inclusive o de história é/ eles começaram a fazer de outro modo invez de ser história em linha reta eles tão fazendo agora pra ir pelos temas da história e a/ colocando em várias situações várias civilizações ao mesmo tempo... como é que era em cada civilização e a::/ aí no começo a gente ficou meio perdido com isso... com essa mudança e a professora também até disse que fazia anos e anos que ela ensinava do modo tradicional e ela também ficava perdida aí a gente reclamou com ela que tava perdida aí ela conseguiu meio que:: voltar pro tradicional mas manter o plano pedagogo... então o de matemática/ a de matemática também a gente consegue decidir a aula no:: pacífico

A1 – Mas ((pigarro)) é:: em relação a pergunta que você fez é::: é engraçado... chega a ser paradoxal que com tanto problema que tem no IF com o aluno não sendo ouvido acaba::/ isso acaba despertando em muitos deles consciência política... você pode ver que a participação nos movimentos sociais quando teve no ano passado foi grande do pessoal daqui... teve alguns protestos que saiam com uma quantidade considerável assim de alunos daqui e iam até o encontro da concentração lá do/ do protesto... chega a ser paradoxal isso né?... você não ter ouvido aqui... cê tem/ cê ter/ cê não ter voz aqui e:: acaba que fora daqui cê acaba tendo uma voz tendo uma participação

A2 – A galera das outras escolas eles passam públicas estaduais a::/ os adolescentes é:: uns doze anos num se envolvem ainda nesses temas e:: a galera da escola particular como não é acostumada a lutar por nada (geralmente) tem todo aquele sistema já pronto assim pra eles... então eles meio que num se/ num se mexem com relação a isso... mas a galera aqui do IF mesmo:: com todos esses problemas como Caio falou concordo com ele há uma galera... também num sei dimensões maiores

acaba por ser::/ por ter uma participação maior nessas questões assim de:: movimento social

M – Ãhram... alguém tem mais alguma coisa a contribuir?

A7 – Eu concordo com o que eles falaram ( ) apesar de tudo isso mas com o tempo ( ) os alunos daqui eles são bem participativos

A6 – Acho que:: ele falou sobre escola particular... eu acho que esse ponto de o pessoal de escola particular não ser muito participativo... tem muita gente de escola particular que quer ser participativo mas eles não tem a abertura que o IFRN dá ao aluno que o IFRN tem uma::... é muito grande... pessoas de diversas classes sociais pessoas muito diferentes e assim você abre muito sua cabeça

A1 – É que não é uma estrutura de ensino é:::...

A6 – É... não é uma coisa muito reta

A1 – Não é rígido

A6 – Não são sempre aquelas mesmas pessoas a mesma classe social que sempre tem as mesmas conversas

A1 – Nem tem aquele coordenador de corredor aquele cara que fica lá vigiando você

( )

A6 – ( ) Liberdade de pensamento tem muita abertura muita...

[

A1 – Diversidade

A6 – Diversidade... então as pessoas eram pessoas que nunca pensaram nisso de repende conheceram pessoas que/ que são muito engajadas politicamente e caramba ( ) isso dai vamo conhecer e começa o bate-papo e aí é:: quase (pessoas que participam) nisso mas é:: também tem que comparar as dimensões e as situações... por isso que tem aquela coisa de IFRN "os alunos do IFRN são mais engajados" "os alunos do IFRN são malucos que gostam de política e vão pra protesto e vão pra num sei o que" mas é uma abertura que a escola mesmo não (dá a você)

A8 – Também tem:: por que na escola particular não é você quem faz as coisas... aqui aquilo que você quer você que faz... você vai atrás você ( )

A6 – ( )

A1 – É por que não é uma estrutura rígida igual um/ uma escola particular... na escola particular você tem aquele coordenador que tem no corredor... acontecer qualquer coisa com você liga pra sua mãe... aqui no IFRN num tem nada disso

A6 – É:::

A5 – É / é a lógica do::/ do/ do capitalismo né?... você tá lá (pagando) você passa por um momento que a escola deixa de::/ de ser o que você espera você sai da escola você num vai lutar pra mudarem a escola... você ( )

A6 – Eu num sei se você tá falando dessa visão de escola particular... por que eu vim de uma escola ela é pequena não ela é quase desconhecida praticamente ela tem um sistema diferente ela é muito constru/ construtivista e nela desde acho que do quinto ano tem grupos que você forma com... alguns professores eles se responsabilizam pelos grupos e eles são grupos como:: pequenas áreas de um grêmio por exemplo... tem grupo ambientalista tem grupo pra eventos da escola um grupo pra:: cada coisa... e aí a gente/ e:: chama-se de grupo responsabilidade... uma vez por semana todo mundo se reune com esses grupos eles debatem e tentam fazer alguma coisa pra melhoria da escola... aí eu não sei se minha visão de escola particular é assim um pouco mais próxima do IF por isso ou se:: (eu tô errada)

[

A1 – Talvez seja uma exceção mesmo essa sua escola

M – É:: uma exceção... alguém veio de escola pública e pode dizer/ dá depoimento sobre como seria a/ como é a participação numa escola estadual ou::... pode dizer

((risos))

A8 – Não cê num tem escolha pra:: pedir nada por que professores concursados e:: falta professor e::: eles não tão nem aí... é basicamente isso você num tem voz nenhuma... é do jeito que a diretora falar é isso e você tem que fazer isso e aquilo então assim... não acontece

A3 – É:::... acho que é uma ideia até muito geral de estudante de ensino médio eles tem aquele negócio de "não! São crianças... não vou ouví-los"

A1 – É::

[

A8 – É::

M – E aqui no IF o que é que motiva vocês... ãh:: já que vocês percebem que podem né?:: fazer as coisas que tem voz aqui... o que é que motiva vocês a/ ao temas assim que mais

O – As dificuldades elas desmotivam ou ela aumenta a motivação por tentar mudar?

A1 – Depende da hora

A2 – Depende da hora

((risos))

A1 – Depende do problema

A2 – Depende muito

A3 – Acho que::/ acho que quando você tem uma dificuldade as vezes é/ é/ é (coloco isso) principalmente ela vai dá raiva... depois ela vai dar ou muita vontade de conseguir só pra passar por cima do desafio... ou vai dar vontade de desistir por que:: ah:: não é tão importante

A1 – Depende com quem é o problema... se é com algum professor que você tem ódio da cara dele... aí isso vai te motivando cada vez mais

((risos))

A8 – Que nem aquele professor que pega no seu pé... então você estuda bastante pra tirar nota boa só pra descontar

A3 – É:: tem isso também

[

A1 – É:::

A3 – Eu já tirei 9.8 numa prova final por que o professor disse que eu num ia passar... ((risos)) eu disse "eu quero ver eu num passar... cê num vai fazer uma prova que nem você saiba o assunto"

((risos))

A3 – É:: e aí eu tive que estudar muito... eu tirei 98 e eu precisava de 97 na prova

((risos))

A3 – Não num era 97 não... eu precisava de::

[

A1 – Que nem o lanche da cantina

A3 – Não eu precisava de menos

A8 – Eu também:::

[

A1 – O lanche da cantina um dia

[

A2 – O lanche da cantina um dia dá motivo um dia desmotiva

((risos))

A2 – Quando a fome tá grande aí desmotiva

A1 – Exatamente

((risos))

A1 – Mas a questão é a seguinte... eu passei três meses comendo cream cracker e suco de acerola todos os dias... até que eu não aguentava mais... chegava no almoço era suco de tamarindo amargo parecia limão com água... aí:: um dia eu fiquei revoltado lá e falei com o::/ o::/ o carinha/ o nutricionista falei "cara... tira isso aqui que ninguém tá aguentando mais pô"... já já eu desmaio aqui de fome...

((risos))

A1 – Passo o dia inteiro aqui sem comer... eu como três cream cracker e um suco de acerola vou desmaiar... aí mudou... mas também já teve altos::/ altos debates no grupo

A6 – Agora não são três são seis

A1 – Pois é::... a gente acabou voltando pra::/ pra::

A3 – Eu ainda acho que o problema maior seria da própria:::... da cantina que é:: licitada que vende ( ) os preços que teoricamente ao meu ver a maioria deles são abusivos

T – São::

A8 – São caros e ruins

A3 – É:: são caros e ruins você falou e disse

A1 – Não é::: o que eu tava falando é lá do refeitório

[

A3 – Eu sei... do refeitório mas tipo a cantina também

[

M – Mas pode falar dos dois

A3 – Que é da cantina... a gente chegava lá no grupo "mermão vamo fazer uma guerra... vamo trazer melancia fruta não vamo comer nem beber nenhum lanche... não compra... mas tipo é uma necessidade da pessoa almoçar... e tipo você sair pra um/ almoçar daqui que é uns dois e oitenta... três reais não lembro tem muito tempo que eu não almoço aqui... e almoçar aqui do lado fora do/ do IF que é uns sete reais... isso acaba pesando no bolso de muita gente pro ( ) deles

A8 – Cê fala pra gente que tá aqui todo dia... num é isso?

A3 – É:::... é aquela coisa "Ah::! Trás quentinha"... eu vou esquentar aonde véi?...

((risos))

A3 – Então tipo aquela coisa a gente pensou no CA ainda em trazer microondas só que aí ia ficar um cheiro de comida desgraçado no centro acadêmico aí:::... mas enfim é muita coisa depende muito do momento e da vontade... por que por exemplo a gente já teve muita vontade de boicotar a cantina... a::/ a privada só que tipo a gente precisava do empenho de todo o IF de chegar lá sentar lá nas mesas ninguém comer nada da cantina e começar a comer as frutas... trazer qualquer coisa... um sanduíche de casa... aí tipo... e a gente não conseguiu fazer esse movimento pra que a galera parasse de comer lá... mas era uma vontade que a gente ainda tinha... eu e alguns amigos

A1 – É uma coisa que eu não consigo entender por que qualquer pessoa que venha vender qualquer outra coisa... qualquer outra::/ outro alimento dentro do IF ele acaba sendo impedido dentro de um ou dois meses por causa do pessoal da cantina... cê vai e pergunta "quê que aconteceu? Por que você parou de vender brigadeiro?" "Ah! O

pessoal da cantina brigou comigo”... “cê parou de vender açaí... quê que aconteceu?” “O pessoal da cantina brigou comigo”... “cê parou de vender cupcake... quê que aconteceu?” “O pessoal da cantina brigou comigo”...

A3 – E o egraçado é que

[

A1 – Aí o meu questionamento é o seguinte... esse pessoal da cantina tem tanto poder assim dentro do IF?

A3 – É eles tem por que é licitado

[

A2 – Licitado

A3 – E tipo eles tem o direito de venda de::

[

A2 – Dentro do campus

A3 – De alimentação dentro do campus... então teoricamente é certo mas pela lei

[

A8 – Eu acho já como eles tem todo esse poder (tem que vender) então trabalhassem melhor né? por que o atendimento é péssimo

[

A3 – Não... é só o que eu questiono... tipo o/ o pão que um aluno vendia era um pão muito bom era um real... tipo vinha recheio velho pra sempre... aí (num sei o que houve) da noite pro dia ele parou de vender por causa disso foi pra cantina a dois e cinquenta e vinha mais pão do que qualquer coisa ((risos))... aí tipo você vê como o produto ele subiu... ele subiu duzentos e cinquenta por cento o preço do produto sei lá:: trezentos por cento num sei direito e:::/ e a qualidade caiu... e tipo::/ aí eu fiquei muito:: P da vida quando isso aconteceu

A1 – Mas em relação ao refeitório... no refeitório não tem tanta confusão assim por que é de graça aí o povo fala “ah:: vou comer de graça num vou brigar né?”

A2 – Exato... é um problema

A1 – Aí de vez em quando... tem dia... teve um dia que deu muita discussão que foi o dia do PEIxe

A2 – O famoso dia do peixe

A1 – O famoso dia do peixe... provavelmente vocês devem ter visto o dia do peixe

((risos))

A6 – Eu num vi

A1 – Acho que você não tava aqui no IF ainda... mas o peixe tava cru:: aí falavam/ falaram que tinha barro no peixe que tava horrível... e o coro começou (a comer no grupo ali)

( )

A6 – ... Tem que se pensar é a lim-pe-za... quando você pega pão aí você já fica feliz que tem aquele bate-gute que tem mais água do que bate-gute aí você termina (vendo) que seu copo tá cheio de negócio peguento ( ) grudada no copo você olha "o que é isso?" "o que foi que eu acabei de beber?"

( )

A1 – Então::... tem muita coisa lá que tem que mudar... tem dia

A6 – Você chega na cantina ela tá toda molhada toda suja você num sabe se é xixi você num sabe (o que é aquilo no chão)

A1 – O forro todo sujo... aí tem dia que é paçoca farofa arroz e:::/ sei lá feijão verde e cuscuz

[

A3 – Cuscuz

A1 – Aí pra beber... por que tudo seco né? você tem que tomar alguma coisa pra descer aí você vai beber o que? BANANA

((risos))

A1 – Eles botam banana lá... aí você tem que pegar a banana pra beber... é/ é uma dureza né?

A7 – Eu almoçava aqui no IF mas depois que eu inventei de comer uma salada que eu não/ eu não como salada em casa por que é::/ já por causa disso né? num passar mal... ( ) aí inventei de comer a salada daí passei dois dias em casa... só::/ só::: é só delícia... perdi acho que uns dois quilos nessa arrumação... nunca mais comi no refeitório assim no al/ no almoço... já no/ é/ eu tinha algumas aulas a tarde aí eu jan/ tinha o direito de jantar... mas com o maior medo... comia assim... quando eu tivesse com muita fome mesmo que eu sabia que ia fi/ ia até dez hora tinha que comer... mas morrendo de medo

A2 – O problema como Caio falou da/ do/ da questão do refeitório é que tem muitas pessoas elas se veem necessitadas do serviço do refeitório... sabe que tem aquilo ali é como "é ruim mas tá garantido"... ma/ e por ser de graça elas não se percebem que elas são contribuintes... elas acham que aquilo ali é dado por que o governo é bonzinho e tá dando (os alimentos) pra ela

[

A4 – É uma ajuda

A2 – É uma ajuda do governo pra ela... e o que muita gente já peguei até briga com gente na minha sala por causa disso de tentar reclamar... a comida da cantina aqui

teve uma época que tá/ tá ruim agora mas tava pior... e:: de:: tentar lutar pra melhorar e o que o povo dizia era "ah! Cê num quer comer num coma... tá lá... Cê num quer comer não coma"... aí você olha pra cara ( )

[

A1 – Você é fresquinho

A2 – É:: isso é frescura... coma logo isso... e você olha assim como se não tivesse espaço pra melhorar em nada... como se você ( )

A3 – Tem até um espaço de entendimento lá com o nutricionista eu acho... uns colegas meus já:: acharam algumas coisas estranhas na comida aí tipo a gente levava lá e ela falava "não... escreva aqui nesse negocinho aqui ó" era um papelzinho assim que você botava lá o que foi que tinha de estranho na comida

A6 – Uma vez eu encontrei uma mosca na comida aí a moça chegou "ah:: é coentro"... ((risos))... eu já vi isso umas três vezes... encontro uma bicha e a moça "não... é coentro"

A3 – Mas tipo eu nunca vi uma resposta disso

A1 – É::

A3 – Você chega lá... escreve ali no papelzinho... cê sai... e é isso ( ) sei lá o que ela faz com o papel

( )

A1 – Quando surtiu efeito comigo eu passei e falei "cara eu já não aguento mais" aí no outro dia mudou... mas::/ é:::... papelzinho eu nunca vi não

A3 – Tem papelzinho lá... se você for na nutricionista e for com alguma coisa que ela detectar que não é o/ não é comestível no prato ((risos)) ela:: te dá um papelzinho pra você descrever o que é

A4 – Meu amigo que começou a discussão do peixe no *Facebook* ele foi chamado pra conversar com a nutricionista no dia seguinte

A1 – FOI?

A4 – Foi... e ele levou uma bronca por que supostamente ele não deveria ter feito bagunça no grupo

A8 – (Protestar pelo peixe ruim)

A1 – É:: eu não fui chamado... eu tava na bagunça também e não fui chamado

A4 – Por que foi ele que postou aquilo... fez o post

A1 – E foi recorrente teve uma::

[

M – Sabendo disso agora o que é que vocês acham dessa/ dessa atitude

A1 – Eu acho que é triste

A2 – É triste

A3 – Eu pensei que tinham chamado ele pra dizer “não:: o que foi?” ( )

M – É:::

( )

A3 – ( ) Sempre vem bom mas... incidentes acontecem... mas se você tem um problema e aí tipo “ah::

A1 – Mas aí é recorrente

A3 – O peixe toda semana tá assado teve uma semana que o forno quebrou os cara botaram pra assar e num perceberam e um é:: um peda/ uma parte tava ruim... acontece”

[

A1 – Ou um rato entrou dentro no forno e assou ele junto com o peixe

A3 – Acontece tá ligado... é acidente mas tipo você chegar e ter um problema recorrente e aí você ser... oprimido por ter chegado numa rede social e dito “meu irmão aquele peixe tava tenso hoje”

A2 – E hoje em dia

[

A1 – Não mas é por que ele também já tinha feito antes... ele pegou um biscoito aí mostrou “oh esse biscoito aqui tá mofado”... tirou uma foto e botou no *Facebook* também... e aí depois teve a história do peixe e teve outras de:: biscoito todo quebrado e::... outras

A8 – Eu num sei se vocês já viram ali::

[

M – Ele participa realmente né? do grupo

A1 – Ele faz por que:: num é/ num é/ dá pra ver que não é uma intenção política é mais indignação assim... acho que ele num tem nem noção é::

[

A2 – Do tamanho do ato

A1 – Do tamanho do ato... mas ele faz por que:: “caramba os cara colocam uma comida dessa pra eu comer? Que absurdo”

A7 – Se eu num me engano foi no meio do ano passado foi... eu tinha aula de manhã e aula a tarde aí sempre lanchava aqui quando saia das aulas... teve acho que foi dois ou três dias seguidos... eu não me lembro eu sei que no dia que eu vinha lanchar era assim... todo ( ) todo o povo ((ruido)) ((risos))... é:: a banana preta... pior foi na época:: de tangerina... a gente tava... sem brincadeira você abria assim você já via que

tava toda mofenta... até por fora você já via... aí eu disse "não... ou é porque ( )... é porque eu sempre tô comendo aqui... ou isso tá acontecendo mesmo?"

A1 – Não... pois é... mas apensar desse nosso::/ apesar de ser consenso que a comida não é boa... mas só esse nosso amigo nesses últimos tempos... nesses últimos dois ou três anos que eu vi assim... se expondo... (eu num)... falando que aconteceu alguma coisa

A8 – Por que todo mundo acha ruim mas ninguém tem coragem de

[

A1 – É::

A8 – De se expor

A1 – Eu até aproveitei a oportunidade da/ da polêmica e falei "gente a gente num tem nem pra quem recorrer por que o grêmio não existe... a gente vai atrás de quem?"

A6 – E tem muita gente que não sabe o que fazer também

A1 – É

A6 – Nuita gente não correu atra/ não/ não sabe o ( ) não corre atrás... aí eles só acham ruim... sim mas eu posso fazer o que? Qual é a abertura que a escola dá de eu resolver esse problema?

A1 – Eu vou atrás de quem?

A5 – Existe um/ uma certa repressão assim pelo::/ pelos próprios alunos mesmo que tipo:: se::... se você/ "se você precisasse mesmo dessa comida você taria comendo do jeito que tá... se você tá reclamando é por que você... não precisa dela... você poderia tá comendo em outro canto... é tipo aceita calado aí:: por que

A1 – É o mesmo que eu disse

[

A3 – Da ideia do::

[

A1 – Foi o que eu disse

A3 – Da ideia de que é gratuito e que tão te dando e não que é o seu dinheiro que tá voltando pra você

A8 – ( ) Que é um direito nosso (comer uma coisa decente)

[

A2 – E a questão do/ a questão da repressão pelo *Facebook*/ pela exposição no *Facebook* que a gente vê hoje em dia os movimentos mais rápidos de/ de/ de agrupamento... de::/ de revolta... de:: indignação (primeiro) nas redes sociais então a gente/ a gente

[

M – A gente vai falar já nisso

A2 – A tá

((risos))

M – Não pode falar ( ) conclua seu pensamento

[

A2 – ( )A gente fica falando “ah a comida tá ruim” “a comida tá ruim” passa por cinco pessoas aí aquelas cinco pessoas se mantém lá... mas quando você coloca no *Facebook*... todo mundo vê... todo mundo se põe a pensar naquilo e tal (amplia mais o movimento)

A1 – Aproveitando/ aproveitando que ele tá falando aqui já da reinvidicação... na época do::/ do ocorrido da comida no *Facebook* foi da nossa sala... minha e dele... e a turma toda se ingajou no a/ no acontecido e aí que re/resolveu... e aí ocorreu um gabinete intinerante... eu gostaria de deixar expressa essa reclamação... levaram... é o que acontece muito é que no ga/ tem... num sei se vocês sabem mas tem um gabinete intinerante que ele pergunta pros alunos quê que eles tão achando do campus quê que pode melhorar e quê que já teve melhora... e:: poucas turmas vão uma das que::/ das turmas que vai é a nossa turma... quase sempre eles tão lá... e o que acontece é que a gente levou/ a gente já levou muitas reclamações pra lá... a gente expõe reclamação pro reitor ele dá uma desculpa esfarrapada e aí a gente não tem o direito de tréplica... ele só tem a réplica dele... a gente fala assim “reitor a comida está ruim... é::: teve peixe ruim essa semana” aí ele vira e fala “não... não é isso eu fui nos outros campus durante essa semana comi lá e a comida tava hum::: uma delícia a comida do refeitório”... ou eles fazem a comida muito boa no dia que o reitor vai ou ele não come nada... ou/ ou o paladar dele é muito ruim... e aí toda vez é isso... a gente apresenta os problemas que a gente vê professor que falta professor que não dá aula aula de campo que a gente não tem e que é fundamental pro nosso curso a comida ruim... a gente expõe pra eles... eles dizem que nada disso acontece no IFRN e pronto e aí morre... e aí a gente só vai poder dar a nossa tréplica quando chegar o PRÓximo gabinete intinerante

A3 – É o lance de::/ de::/ de:: aula prática e tudo é que tem depender mui/ depende muito de professor e não muito da/ da ( )

[

A1 – Não o que alegam é falta de verba então::

A3 – É:: por/ é complicado por que:: a gente::/ a gente chegou uma vez pra::/ pra Arnóbio e falou que queria ir pra campus party e aí ele falou “não são quantos?” e a gente falou “rapaz sei não... eu quero um ônibus”... aí ele falou “um ônibus? é:: tá certo”... aí ele deu um jeito lá conseguiu ônibus na época e tal aí falou “rapaz véi a galera tá meio lisa num vai todo mundo não” ele falou “não quanto seria a ajuda de custo?” aí a gente tá... aí tipo:: ele mesmo tipo na época falou com a gente que tinha a::/ o dinheiro pra/ pras viagens pra essas coisas só que o:::/ o problema real é que

tipo você tem que fazer um orçamento anual pra viagem... então você tem que ter TODO aquele planejamento anual na mão do diretor antes que isso aconteça... a gente manda um planejamento anual do::/ de viagem do centro acadêmico pra lá e de/ de::/ de alguns eventos específicos que tem... então tipo a gente fala "não oh campus party de Recife... campus party de São Paulo... tal evento tal evento"... e aí fa/ fecha o orçamento pr'aquilo no an/ano anterior pra que ele já bote/ já ponha isso no orçamento de viagens... então tipo:: o professor tem que fazer a mesma coisa se ele quer que a::/ exista essas aulas práticas... aí:: eu acho que depende muito mais do professor tá empenhado a isso

[

A1 – Mas é complicado

A3 – Tanto que quando você tem uma turma legal... você tem uma turma divertida... quando você fala "não... vamo fazer uma viagem" e faz

A1 – Não eu entendo o que cê tá dizendo... certo... mas eu faço geologia e eu tive três viagens de campo durante o meu curso inteiro... a quarta foi nesse ano... tô no quarto ano

A3 – Rum

A1 – Armando é testemunha disso... é quatro ou é cinco?

A4 – Cinc::/... quatro

A1 – Quantas viagens de campo você já teve? Aula PRÁtica tipo sair do IF de ônibus

A3 – Eu?

A1 – É

A3 – Nenhuma

A1 – Nenhuma?

A3 – É:::... análise e desenvolvimento de sistemas

A1 – Ah::

((risos))

A3 – Minha aula prática é:: no computador

A1 – Mas tudo bem... minha namorada

[

M – Enfim... vamos

[

A1 – Minha namorada que fez controle ambiental ela fez dez viagens de campo

A8 – CARAMBA

A5 – Eu que faço eletro não saio do IF a não/ se não fosse pra:: coisas da:: a ver com o curso assim tipo:: congresso da UMES

A1 – É não mas... (vamo lá) o que eu tô levantando é que meu curso ele tem que ser no campo... onde que eu vou ver um afloramento dentro do IFRN? Um afloramento de rocha que é do tamanho de prédio? Num vai ter nenhum aqui... eu tenho que ir lá no afloramento pra poder ver ele e descrever... mas como eu não tive nenhuma viagem das quatro que eu tive três foram de geografia... então... tá meio défcitado meu curso

A2 – É eu também faço mineração e a gente viaja/ deveria viajar muito também... mas:: a gente teve duas viagens técnicas e a outra foi com o curso de geografia

[

A1 – E como ( )

A2 – E teríamos/ deve/ deveríamos ter tido quatro... só que na época foi no ano passado/ final do ano passado é::... a diretoria disse que o governo mandava o dinheiro da::/ das viagens... que era contado já o dinheiro e que eles deveriam ter feito o planejamento só que num/ o planejamento não foi feito e gastaram demais... aí uma das viagens que a gente tinha/ que o professor tinha é:: fei/ feito o requerimento não poderia se/ ser:: é:: feita por causa da falta de verba

A1 – E quando a gente pergunta ninguém responde... ninguém sabe ninguém viu

[

A3 – O dinheiro/ o dinheiro que vem ele vem assim... você planeja trinta mil pra esse mê/ pra esse ano

[

A1 – Não (num é disso que eu tô falando)

A3 – Aí che/ chega os trinta mil... no ano que vem se você planejar os mesmos trinta mil ele manda trinta e dois... se você gastar os trinta e dois no próximo ele manda trinta e quatro... então tipo funciona::/ ele vai aumentando o valor até você estagnar no valor que seria o valor que você utilizaria todo ano... se você não usa os trinta e dois você só declara que usou trinta mil... você tem que mandar os dois mil de volta e aí o governo passa mais uns quatro anos sem mandar por que PRA ELE teoricamente a verba pr'aquela atividade ela estagnou num dígito exato... então tipo:: o planejamento é muito importante... vindo do professor da diretoria sei lá::

A1 – Mas é engraçado que o::/ tem professor que não faz planejamento e gasta... e aí? Quem autoriza o gasto?... a gente quer uma resposta e ele não aparece

M – É:: vão atrás... então vamos só mudar o tópico por que senão vai render aqui até o final da noite...

((risos))

M – É:::... cidadania e voluntariado... o que vocês poderiam falar a respeito disso/ a respeito da preocupação com o outro... do jovem né?... mais espec/especificamente do jovem estudante... e:: a solidariedade ética tudo isso como ele se encaixa... como o jovem vê e participa disso?

A4 – Eu acho que essa busca de ir lá e tentar trocar o professor e tentar melhorar alguma coisa geralmente ( ) o fato de demonstrar preocupação com o outro por que geralmente você num vai mudar o professor pra sua turma... você resolve essas coisas demoram... você resolve pra/ pros que tão vindo depois... então... já é um::/ um::/ uma forma de/ que demonstra que há uma preocupação com o outro... ( ) já é o ideal

A8 – Foi isso que::/ foi isso que aconteceu na minha turma do segundo ano ano passado eles conseguiram tirar um professor e ( ) eu acho por que era o primeiro ano que ele tava com o integrado e não deu certo e todo mundo lutando pra tirar só que eles acabaram pagando todo o ano ( ) pra gente se dar bem ( ) então... foi meio que uma preocupação com a gente né? pra... melhorar

A3 – Num sei acho que o jovem acaba fazendo muita coisa por instinto e:::/ e acaba refletindo na sociedade como um todo tipo doação de sangue... ah:: vai uma galera doar sangue e tipo é uma coisa pra sociedade e tipo você vai no bolo tipo:: num sabe nem pra quem vai o sangue e tipo 250ml "tire aí pô vá ( )" e tipo:: é uma coisa mais por instinto... eu acho que vai/ vai muito da educação que a pessoa tem também... questão de:: sei lá... aqui no IF por exemplo eu vejo é::/ assim os alunos em si são/ são muito bem educados mas é aquela educação não de::/ de ah "bom dia madimosele... (como é que cê tá)" não é tipo "e aí blz?" E tal "tá precisando de ajuda aí?" caiu ajuda levanta a pessoa... e é tipo reflexo é a tendência natural do/ do::/ num sei se do brasileiro... mas:: pelo menos assim eu vejo que o mundo tá::/ o mundo o Brasil tá melhorando muito em relação a isso... em relação a educação... tipo::... tinha/ tem um semáforo em Ponta Negra que tiraram em frente ao banco/ ao banco do Brasil ali... eu não sei se foi psicologico na mente da pessoa ou se as pessoas tão ficando educadas... mas tipo você chega ali eles param na faixa pra você passar tipo já é/ já é um reflexo... a educação no trânsito tudo isso vai mudando e:::... assim... a questão de educação de/ de/ da ideia principal é que você acaba quebrando muito conceito/ preconceito que vem passando em gerações e gerações que eu sei que provavelmente todo mundo que tá aqui num vai passar nada disso pros seus filhos por que:: no momento que você num quer/ por que eu até sei que existe preconceito que eu convevi com um preconceito... mas no momento que o meu filho não souber nem o que a palavra preconceito significa ele não vai sentir::... não vai ter nem ideia do que é o preconceito tipo:: sei lá em relação a/ a cor ou a/ a relação financeira essas coisas tipo assim se ele não souber que um dia existiu uma pessoa que achava que a outra era inferior por que era negra tipo ele num vai nem questionar tipo "não... ele é negro eu sou branco ele é azul rosa amarelo e daí?" todo mundo é de uma cor véi tem que nascer com uma cor num vai ser transparente

A6 – ( ) Não necessariamente não conhecer uma coisa quer dizer que você não sente isso... tem aquela:: tipo... eu posso não conhecer o preconceito contra negros mas eu

posso ter uma coisa só minha que eu nunca dividi com alguém que quando eu vejo um negro/ num tô dizendo que sou eu... ((todos riem)) e quando eu vejo um negro na rua eu faço "que pessoa feia eu não queria ser assim eu nunca namoraria com uma pessoa negra"... isso você não sabe que é um preconceito... mas é um preconceito que tá dentro de você mesmo você não sabendo o que seja... então tem que ter uma::

[

A1 – Conhecimento

A6 – Tem que ter um conhecimento... você tem que saber que não é aquilo

A1 – Não é interessante

[

A7 – Você tem que ter um conhecimento prévio

A6 – É:::

A1 – O que os dois falaram é interessante é::... dá pra notar que o jovem... os jovens eles são inteligentes eles tão ficando cada vez mais inteligentes com o passar do tempo... eles tão estudando mais eles tão descobrindo mais a tecnologia ofecere mais informações pra ele... ele consegue ver o mundo a sua volta... um jovem de hoje sabe mais que um jovem da década de noventa... que sabia mais que um da década de oitenta... e assim por diante... e dá pra ver que:: é:: a educação a cultura a solidariedade do jovem de hoje tá muito relacionada a isso que o jovem ele tem acesso a informação ele sabe o que é certo sabe o que é errado e sabe o que pode fazer e o que deve fazer... por exemplo meu caso... eu tava atravessando a rua aqui... sempre via na televisão... atravessar a rua aí tem um velhinho aí o velhinho cê vai lá pega o velhinho e ajuda ele... aí um dia eu fui atravessar uma velhinha pegou e agarrou no meu braço e falou assim "me ajuda aqui meu filho... me ajuda a atravessar a rua" aí eu fui atravessei com ela e fiquei super feliz... aí ela falou "me leva ali na minha casa" eu deixei ela na/ na rua da casa dela e fui embora e fiquei super feliz por que eu/ por que eu tinha feito aquilo

A3 – É:: e é a maior verdade... você acaba se sentindo bem:: de fazer o bem pra/ pra outras pessoas

A1 – Pois é:: e cê sabe que cê tá fazendo o bem... e eu acho que:: a/ a questão é:: da educação é muito importante quando cê sabe o que fazer sabe? Cê sabe o que é certo cê acabo gerando um convívio social melhor

M – Alguém mais? É algo mais a acrescentar?

A7 – Eu concordo com ele (no início) por que:: assim eu tiro um exemplo na::/ muito da minha família né? minha mãe educou todo/ eu meus irmãos bem:: é direito já meus tios eles meio... os fio meio bagunçado

((risos))

A7 – Então... minha tia sempre disse que assim... acha lindo a educação que a minha deu pra/ pra gente por que mesmo que a gente não conheça a pessoa a gente chega "bom dia" "boa noite" ri num/ ela disse né pra gente num tem tempo ruim não é rindo direto... sim por que... é aquela coisa... se a gente for passar ent/ reclamar de TUdo que tiver na vida você nunca vai ir à frente como ( ) todo mundo diz que o IF é um ótimo colégio uma estrut/ estrutura boa aí tem aquelas coisas negativas... que todo mundo tem seus pontos positivos e negativos mas você tem que aproveitar o que ele pode/ pode dar e o que você POde procurar você pode também receber... aí minha tia sempre fala né? "que eu espero um dia" ela dizendo "eu espero um dia meu filho seja igual a você ( ) pegue um livro estudar vão atrás por que meu filho pelo amor de Deus... é só Deus mesmo" ... eu dig/ eu falo é:: educação... se você desse uma educação boa pro seu filho hoje claro com certeza né? estudou em colégio famoso particular ele estudou deve tá um pouco/ num emprego muito melhor do que a gente aí ele até fala que eu sou doida de tá dentro de uma faculdade federal ainda que vive estudando direto... eu disse não... é o que eu quero e eu vou correr atrás do meu futuro

A1 – É a:: própria questão do preconceito sabia? Muita gente que tem baixa escolaridade é muito preconceituosa e cê vê gente com muita escolaridade e totalmente sem preconceito

[

A3 – Tipo::

A1 – Cê vai ver a formação do conhecimento acaba derrubando os preconceitos não extinguindo é:: cê sabe que aquilo existe e sabe que aquilo é errado eu acho que a educação te mostra que aquilo é errado

M – E quanto aos problemas sociais assim o envolvimento do jovem com os problemas socias e/ e com a busca da solução desses problemas cê a/ vocês acham que aumentou? é::/ é:: tá normal? Tá como era antes? Todo mundo

[

A7 – Assim ( ) as redes sociais né? *Facebook* essas coisas... EU vi... assim... num sei né? que como ( ) nesse meios né de redes sociais... mas no meu ponto de vista eu vi mais pessoas preocupa/ é::: querendo resolver assuntos sociais... correndo atrás... querendo... fazer o bem ao próximo... eu achei que isso ajudou mais

[

A8 – Ajudou muito

A3 – Acho que o/ o::... essa relação tá acontecendo por que tá todo mundo saturando muito dos problemas... tipo:: "ah... ninguém liga pra/ ninguém gosta de política no Brasil" por que política dá trabalho há milhares de anos mas só que tipo tá acabando a paciência em relação as coisas então a/ começa aquele negócio tipo... todo dia de manhã quando você acorda tem uma coisa errada na sua cama tipo uma mola do colchão tá solta... você acorda "caramba que merda é essa?" aí cê olha "não é a política"... e tipo todo mundo começa a ficar chateado com aquilo tipo todo mundo

que chega na sua casa que deita lá tá chateado e se incomoda com aquilo... então tipo:: em rela/ nas relações sociais assim eu/ eu vejo que o jovem tem interesse médio alto de/ de/ de se envolver nisso mas ele queria ter o resultado daquilo tipo não a gente fez uma passeata enorme aqui no ano de dois mil e três num foi?

A1 – TRÊS? Treze

A3 – Dois mil e treze

A2 – Teve

A3 – Foi... teve uma passeata enorme tipo todo mundo tava naquele impacto e televisão filmando o que queria mostrar claro... pra quem assiste a Globo pra quem assiste:: os canais do Brasil na verdade por que né? e todo mundo ( ) "passeata enorme termina em pancadaria" "passeata linda termina em desastre" "pessoas explodindo banco" e tipo:: eles mostram o que querem mas quem tava lá sabe o que aconteceu... tipo sabe a:: o impacto que teve só que tipo você vê aquela passeata ENORme tal num sei quê... e no outro dia todo mundo acordou e foi trabalhar como se nada tivesse acontecido

A1 – Isso é (interessante)

[

A3 – E você num tem uma resposta do governo do tipo "não... graças a passeata tal... em vista a melhoria da população... em:: vista aos protestos foi tomada essa e essa atitude em relação a constituição será mudada algumas leis"

A6 – Tem uma coisa é::/ num sei se/ eu sou chata mas eu vejo que tem muita gente muita gente sei lá noventa por cento dos seus amigos sempre tá lá "não... tem que melhorar a política... hashtag não vai ter copa... num sei o que"... mas:: tem gente que não sabe como buscar tem gente que num faz nada... só faz reclamar lá na rede social pra ganhar curti por que tá meio que na moda... "vamos ser a/ a geração revolução" "vamos mudar esse país"... nessa história de hashtag não vai ter copa tava gritando todo dia mas todo dia tava no estádio... então tem isso... as pessoas elas/ elas falam muito fazem pouco... num tô dizendo que é errado não falar mas cê tem que ir atrás de fazer também

A8 – Eu acho que:: eles foram atrás meio tarde né? tipo::

A6 – Não esse negócio pelo amor de Deus ridículo era pra ir pro estádio mesmo... tinha que ir pro estádio

((risos))

A6 – Mas eu queria ( ) podia ( )... mas todo dia todo dia você entra numa rede social é gente reclamando "ah meu ônibus atrasou" "o ônibus tá caro" "o ônibus tá num sei o que"

A3 – Culpa da Dilma

A6 – Mas você pergunta da ( ) na passeata que tava um milhão de pessoas VOCÊ FOI? Você tentou fazer alguma coisa? Foi nas reuniões? Foi ( )?... não... tava jogando WAR em casa... então por que você tá reclamando? Por que cê num faz nada? Quer que só os outros tenham trabalho?

A3 – É:::

A8 – É tem gente tá::/

[

A6 – Tem muita gente que busca as coisas mas:: "ah:: não... faça aí por mim" é aquela coisa que sei lá num sei ( ) que só quer o lado bom das coisas mas não quer sofrer pra conseguir

A2 – Não

[

M - E quais

A2 – Eu só queria perguntar um negócio é:: quando você falou problema social... mas problema social de que tipo? Por que problema social é tão amplo pra mim que

M – Não... é pode/ todo tipo de proble/ todo tipo de coisa social que você considerar um problema entende? Saúde segurança

[

O – (Que envolva) coletividade né?

M – Sim... coletivo

A3 – É eu acho que cê levantou o lance da copa... eu acho que o::/ o:: não vai ter copa/ hashtag não vai ter copa era a ideia tipo BEM antes da copa por que cê tinha um país com sérios problemas na educação... estadual municipal whatever... com sérios problemas na/ na:: quando se trata de SUS e de saúde e dessas coisas... com sérios problemas de segurança cê tem mortes diárias acima de cinco acho aqui em Natal... cinco ou sete a média num sei... cê tem problemas em TODAS as àreas públicas do/ do país por que o país não da conta de manter a àrea que deveria PÚblica funcionando... e aí o ( ) diz "não... seguinte vai ficar do jeito que tá... vai rolar uma copa em junho... oh ladrão você se intoque suma que eu vou botar força nacional na rua"... aí tipo você via carro da polícia a cada cem metros véi... e aí eu me pergunto "onde é que esses políciais passam o resto do ano véi?"

((risos))

M – Exatamente

A3 – Por que não tem nem no/ nem/ nem/ nem na delegacia nem dentro de um prédio de cem andares você consegue colocar tanto policial véi... pra se esconder da população na rua aí tipo você bota tipo

[

A6 – Assim você vê que o Brasil ele tem estrutura pra tudo isso... essa história de "não vai ter copa" "não vai/ não devia ter copa" ia ter copa por que era empresa... eles pagaram... ia ter... não tinha como não ter... MAS:: tinha que ter os investimentos pra cidade... a vergonha que Natal passou?... no primeiro jogo quase caiu um prédio... via costeira lugar de todos os/ os hotéis caros num sei que

[

A3 – Dissolveu em água

A6 – Pra/ virou areia então lama... então que venha copa tenha copa... copa é legal todo mundo gostou de copa se divertiu viu os gringo bonito assim na rua deu tchau mandou beijo... MAS:: pode ter copa com educação... pode ter copa com saúde... por que não ( )

[

A3 – Exatamente a revolta num era contra a copa era contra os gastos que tavam sendo feitos por causa da copa... num vai ter copa véi faça lá no estádio... o estádio tá em pé véio cê quer destruir pra construir outro pra virar areia... só pra você dizer que a copa é num estádio grandão? Não véi... se vira reforma o de lá... "Fifa se vira aí num é tu que quer fazer a copa? Né tu que vai ganhar o dinheiro da entrada?" num vou ter/ tô nem cobrando imposto véio... faça faça... pode só mandar reformar... tipo você destroi dois estádios pra construir um... você com fe/ paga por exemplo a Arena Corinthians que é uma arena privatizada que vai ser do Corinthians foi (eu sou corinthiano) é:: foi paga totalmen/ noventa e sete por cento da obra foi paga pelo governo e três por cento foi paga pelo Corinthians e a obra/ e a/o estádio é do Corinthians... tipo você construiu um estádio pra um time com/ com dinheiro público... então tipo:: a revolta da população num era contra a copa era contra as más condições que o país já ia se lascando desde sempre velho

A6 – ( ) Essa revolta no final quando já tava terminando

[

A3 – Não:: começou a copa véi é nós

A6 – (Então) ( ) então ( ) totalmente essa história de que conhecimento quebra madeira quebra preconceito

[

A3 – Exatamente

A6 – ( ) E apoiar causas que eles

[

A3 – É:: um dia desse eu postei/ eu postei uma resposta pra um cara no grupo da U/ da/ do/ da UFRN que ele chegou lá e colocou um negócio "então explica isso!" e botou um tópico lá de um vereador que tinha batido numa jornalista... um ( ) alguém

tinha batido numa jornalista e o cara era do PT na época... aí eu falei "pronto... foi Dilma que deu um tapa na cara do maluco"

((risos))

A3 – Ela falou BATA... ligou pra ele e falou "se alguém lhe perguntar como foi seu dia bata"... por que ele/ foi o que ele tava querendo dizer pô... Vereador do interior de num sei onde hoje é alguma coisa do DEM/ do demo/ do dem... aí ele va/ num sei... aí eu fui lá:: pesquisei aí olhei a história tudo ele bateu na jornalista num sei que saí procurando aí tinha lá que ele depois que se tornou presidente da/ de num sei que do DEM e num sei que lá... aí eu fui lá achei a história toda aí tá atualizada até três meses atrás... aí eu fui lá copiei colei e falei "é foi culpa de Dilma ela que empurrou a mão dele" só botei isso lá no grupo o pessoal tirou onda com o ele lá

[

A1 – O importante é isso é o que hoje em dia a gente tem é:: mais acesso a educação por isso que tem é:: maior participação

[

A3 – É e é isso que eu acho muito surreal por que

A1 – A pessoa sabe o que tá acontecendo no mundo mas o problema

( )

A6 – Tem que se mobilizar com consciência

[

A2 – Exato

A6 – Não se mobilizar por que "ai meu amiguinho se mobilizou vou fazer isso pra/ pra pagar de:: engajado político aqui pra ser descolado"

A2 – Um problema é que a educação aumentou e aí todo mundo sabe que pra mudar um país tem que começar com a educação por que as pessoas se tornam esclarecidas elas vem querendo ( ) um problema... a pessoa que/ cê pega uma pessoa ignorante e uma pessoa esclarecida a pessoa ignorante ela num sabe onde é que começa um problema e num sabe como é que pode resolver aquilo... a pessoa/ A:: pessoa esclarecida SABE como é que pode resolver e sabe de onde é que ele pode começar a exigir as melhorias... e::: o prob/ mas o problema é:: do Brasil que eu vejo hoje em termo geral assim com o que eu acompanho pela internet redes sociais é que ape/ apesar de existir uma parcela muito grande de esclarecidos e de que lutam pela melhoria de fato é::/ que realmente vá mudar alguma coisa... tem outra parcela da população também que não é pequena e que apesar de ( ) com essa educação e de investimento em educação as pessoas parece que não:: não progridem e é por isso que se diz que além da educação técnica que as pessoas devem receber devem receber também a educação cultural... educação é:: que mudem a vida delas humanamente não apenas profissionalmente pro mercado de trabalho... por que também não resolve nada é:: você dá pessoa computadores ensinar/ ensinar a ela química ensinar a ela

física ensinar a ela matemática e num ensinar a ela é:: noções básicas ou de convivência e de:: democracia por exemplo de:: o que é uma democracia de fato... as pessoas exigem exigem exigem e:: ao mesmo tempo de exigir elas/ elas negam os direitos dos outros e:: isso acaba acontecendo esses conflitos sociais de apesar/ como eu disse Brasil caminha uma parcela grande tra/ é trazendo um desenvolvimento mas outra parcela também grande que trás retrocesso

A3 – Acho que muitas complicações de melhor é quando os direitos já tão escritos errados a meu ver tipo a constituição brasileira já tinha que ter dado F5 a muito tempo tá ligado?... Cê tem uma constituição que foi escrita nas coxa só pra poder acabar com a ditadura que tá aí vogando até hoje tá ligado? E aí (vão colocando coisa) extremamente cheia de falhas cê vê qualquer lei (primeiro diz que)/ nêgo num tem um conceito de quadrilha pra num ser presa véi no/ no:: congresso cê acab/ cê acaba com/ com um processo de dois anos de/ de pesquisa de trab/ imagine véi... você ministro você passa dois anos estudando ali pesquisando tudo atrás de poder prender aqueles maldito e o cara chega lá e fala "não véi cê tá me processando por que?" "por quadrilha" "a gente num é quadrilha por que quadrilha se encaixa pra pessoa pobre eu num sou pobre eu num so/ num tenho/ eu num sou quadrilha" pronto! Cê consegue mudar a/ o conceito de uma lei falha pra poder se aproveitar daquilo ta ligado?... o problema tipo se você quer fazer a lei funcionar você tem que ter uma lei que/ que:: valha pra tudo... então tem muita coisa tipo de negar direito as vezes/ as vezes eu olho uma coisa que acontece assim e digo "não tinha que MAtar esse maldito!" tá ligado? Por que não tem solução... pegar o dinheiro da conta dele transferir pro banco/ pra:: conta do Brasil e matar esse infeliz por que não tem jeito... tipo:: é negar o direito de outra pessoa tá ligado? Eu sei que isso não é certo mas tipo:: eu não vejo como a própria lei do Brasil trataria aquela pessoa por que (ela esquiva) e sai e viaja e some no mundo milionária e lasque-se quem perdeu todo o dinheiro e todos os projetos que eu disviei milhares de reais

M – Unhum... então só/ só voltando pra participação cidadã e voluntária... não deixava de ser mas enfim... é:: vocês acham que HOJE né? você e os jovens como um todo participam/ se interessam mais em participar de problemas de so/ de/ de movimentos e/ e pra solucionar problemas mais é/ é:: de pertendimento da realidade DELE né?... no caso a gente aqui:: num é solução/ se envolvi mais com problemas do IF ou a gente se preo/ o/ ou os jovens se preocupam mais com movimentos nacionais com problemas nacionais?... né? participar mais desses

[

A6 – Eu acho que inicialmente os jovens eles vão atrás/ eles buscam mais alguma coisa se eles tiverem um grupo pra ir com eles... eles normalmente não buscam as coisas sozinhos... nem com sei lá só ele e mais uma pessoa... eles primeiro buscam o apoio de pessoas próximo a eles outros jovens e aí sim que vão atrás

M – Sim... mas mais pra solucionar mais problemas é mais fácil ir pra solucionar problemas que tão aqui mais próximos da nossa realidade ou que mudarão o país? Ou/ ou pra sociedade como um todo?

A6 – Eu acho que é mais fácil você mudar uma coisa que é do seu convívio por que você tá lá e é um ambiente menor... pra mudar uma coisa em âmbito FEDEral é::

[

A4 – Cê precisa do apoio de muito mais gente ( )

A6 – Do apoio de muito mais gente é um trabalho a nível federal muito maior tem que ( )

[

M – E quanto à participação

A3 – Sinceramente

M – Mas

[

O – O que é que desperta mais interesse né? o que é que:: faz/ você se interessa mais por uma coisa que é mais estrutural como ele falou mudar a lei uma coisa que são os pilares da sociedade ou uma coisa que tipo assim um buraco na rua por que seu carro ( ) toda vez que você sai e passa pelo buraco?

A2 – Depende da polêmica ((risos))

A6 – É e depende do quanto isso afeta você e o seu

A7 – Como ele falou aqui da merenda né? por que aqui se reuniram tudinho por causa que é do convívio e é do seu interesse aí::

A6 – Depende do quanto isso alfineta sua zona de conforto por que todo mundo busca conforto se aquilo tiver te prejudicando muito você claro que vai querer ajeitar primeiro aquilo depois outra coisa

A3 – É:::

A1 – Depende muito de situação

A5 – Acho que a gente cada vez mais tá tendo mais essa consciência aí de/ de:: não necessariamente de ir atrás por que vai se beneficiar mas ir atrás por que eu acho justo por exemplo é:::... tem/ eu poderia tá/ tá... todos nós aqui poderíamos tá por exemplo agora indo na rua pra defender o passe livre pra escola municipal num é uma coisa que vai beneficiar a gente mas é algo que a gente acredita que/ que deve existir por exemplo... e::/ e:::... eu acho que/ que:: a tendência disso é aumentar as pessoas terem mais consciência do que é bem pra o bem e o que é bom pro bem público e não apenas pra si mesmo

A7 – ( ) Municipal né?

A5 – Isso

A1 – Mas eu acho que/ que depende também da pessoa por exemplo eu... eu tive uma ideia... só que minha ideia... isso é de verdade eu tive uma ideia... só que essa ideia

pra ser aplicada é:: na minha cabeça tinha que ser aplicada num emenda das leis do MEC da legislação do MEC que era pra alterar um material didático... aí eu pensei "ah! Vou tentar conseguir fazer isso" e isso me motivou bastante aí eu levei é:: pr'uma amiga que::/ que ela tem acesso ao deputado só que aí acabou que a/ ELA não teve interesse... então é:: eu acho que é uma coisa bem pessoal assim... em compensação ela tem interesse em outras coisas em escala menor... ela se interessa por política municipal... com movimentos sociais... então acho que isso dois pesos duas medidas cada pessoa tem o seu interesse por algo

A3 – A minha resposta é que o que me motiva é de interesse federal... mas:: os proble/ não deixo de lado os problemas locais por que:: assim eles não me incomodam tanto por que eu acho simples de resolver a maioria tipo nem/ queima um/ eu tenho um número de milhares de coisas em casa tipo queimou a luz d'um poste... eu tenho o número do setor da luz do poste do cara que eu sei que vai consertar já liguei pra alguns algumas várias vezes... então tipo eu já sei que aquele cara vai consertar se eu ligar pra ele então eu ligo direto pro cara as vezes... aí tipo são problemas que são pequenos que você consegue resolver no dia a dia com facilidade relativamente alta se você souber aonde atingir... aonde chegar... tipo tapar buraco... tem uma parte do/ do/ da/ de/ da coisa que você liga que eles vão te redirecionar pra outra pessoa aí essa pessoa é responsável por tapar o buraco então tipo cê fala "nessa rua aqui" tipo em menos de uma semana eles tapam... tinha um buraco numa esq/ numa curva lá de casa tipo com o que você fazia a curva de noite cê num via buraco cê num via rua cê num via mais nada depois que cê caia no buraco... aí tipo eles consertaram em três dias ou quatro... mas tipo tem orgãos responsáveis por reparar esse tipo de coisa tipo você só tem que saber pra quem ligar onde ligar e tal... se TODO mundo começar a ligar vai sobrecarregar vai começar a demorar

A1 – É não isso é/ isso é interessante/ isso é interessante por que:: por exemplo ( ) que todo mundo fica indignado com o problema da seca num é? É::: que todo mundo vê a obra do:: da transposição do rio são francisco parada a anos e acho que é um absurdo... e é parado por má gestão... só que nem todo mundo tem acesso pra protestar em relação a isso... em compensação todo mundo aqui também vê e:: e acha que é um absurdo o aumento da passagem de ônibus e todo mundo aqui vai lá e vai protestar... tem muito a ver com o acesso que é o que ele falou... o acesso a/ a/ que você tem pra resolver aquele problema... se você tem acesso pra resolver um problema grande você vai tentar/ o jovem ele tenta é:: resolver esse problema... mas se ele num tem e se ele tem acesso pra resolver um problema pequeno que é o que é mais fácil ele acaba resolvendo o problema pequeno

A3 – É eu fico indignado com muitas coisas em âmbito federal... eu penso muito em coisas (âmbito) nacional que me/ por que num adianta você começar a tapar os buracos da rua se você poderia chegar num/ e dizer "não! Você é a empresa responsável por isso aqui?" "É" "Você vai procurar o buraco pra tapar e cabou!"... e tipo são coisa que a/ você resolve o problema de/ de cima pra baixo eu acho que é

mais eficaz do que você resolver de baixo pra cima no caso... MAS:: como no Brasil num vai pra frente a gente vai dando educação à baixo pra cima ficar tranquilo

M – Exato... e você?... tem algo

((risos))

M – Tem algo a falar sobre?

A4 – Não::... e/ eu acho que eu me interesso pelo que tá mais perto de mim pelo que eu tenho possibilidade real de/ de interferir... é isso

O – E essa questão da/ que a comunicação ela tem tudo a ver com isso com a participação né? antigamente era muito comunicação só verticalizada inclusive através das mídias né? a gente é::... (recebia um recorte da realidade) e tinha que acreditar nisso hoje em dia tá ( ) a comunicação social ela é horizontalizada a gente sabe (uma informação) e de repente é uma pessoa... um anônimo (divulga outra versão lá) e você já vê outra versão do fato... e essa comunicação horizintalizada também permite o acesso digamos assim/ ou não... que é que vocês acham sobre isso assim o acesso a::/ a informação como não se tinha antes né?

A3 – Verdade... é/ é um dos/ dos principais fat/ por exemplo... eu citei a questão daquele vereador que tinha batido/ sei lá vereador/ tinha batido na reporter... eu li::: nove sites diferentes e o último que eu li era o que/ o último não o penultimo que eu li era o que tinha a notícia verdadeira... que EU acredito que seja verdadeira por que eu num tava lá... eu num tenho como chegar e dizer "não ele bateu" "ele num bateu foi montagem alguém empurrou a mão dele e ela tropeçou e se bateu nele"... é::: a informação/ quem passa a informação tem uma responsabilidade muito grande de::/ de:: passar aquilo a diante e qualquer informação tipo::... tá pegando fogo num ônibus no Midway... certo! dentro do Midway tá o ônibus que tá pegando fogo? Não... cê tem que especificar a informação por que aquilo pode ser interpretado de várias maneiras então tipo:: o fato de você já ir pesquisar pra tipo a partir de todas as histórias você convergir e tirar uma história final é muito importante... então tipo:: o que eu sinto falta é de alguma/ algum/ sei lá... alguma emp/ não empresa mas alguém que fosse responsável pela notícia que fosse alguém que fosse RESPONSÁVEL e não tipo empre::/ pessoas que manipulam informações e vão colocando de forma horizontal... aí tipo isso chega num/ num jornal saiu lá a informação um/ "pessoa foi esfaqueada em frente ao Midway" é:: e tipo outras pessoas chegam lá e falam/ cê vê na rede social/ o legal da rede social é isso tipo uma pessoa que tava lá:: vai chegar lá e dizer "não! Essa pessoa tava brigando com outra pessoa um policial tentou separar e aí rolou um esfaqueamento"... tipo aquela pessoa VIU e descreveu como ela viu... agora tem o depoimento do policial que foi separar... tem o depoimento de quem foi brigar lá quem deu a facada quem não deu... tipo a notícia ela vem de vários ângulos de visão diferentes... tipo você vai ver na câmera e num foi nada daquilo véi... pessoa tropeçou a faca voou e acertou na outra tipo foi esfaqueada... então tipo... tem que ter alguma forma da notícia chegar íntegra pra população brasileira... por que não adianta TODA notícia que você chega/ toda notícia que chega a mim eu duvido do

conteúdo... eu leio olho aí vou pesquisar em outro site vou pesquisar em um três lugares pra poder acreditar que aquilo aconteceu... por que eu num confio nos meios de comunicação do país... e tipo:: a ideia da vertica/ da horizon/ horizontalidade

[

O – Horizontalidade

A3 – Da::/ da informação é legal por isso você tem várias fontes que são do mesmo nível que você... cê vai chegar lá e outra pessoa vai escrever outra vai compartilhar e vai chegar em você

A6 – (Se você pensar assim) quem escreveu numa revista também foi uma pessoa... ela pode ter visto... tem/ tem a:: coisa do sensacionalismo e da distorção de fatos

A3 – Unhum

A6 – Mas::

A3 – Depende muito

A6 – Aí é exatamente isso/ exatamente isso no seu discurso você disse "essa pessoa VIU"

A3 – É:::

A6 – Então... é esse o problema nos discursos por que você disse que essa pessoa viu... mas o reporter pode ter visto também

A3 – Unhum

A6 – Aí quem tem o problema dos discursos... os discursos muitas vezes devem ser pensados antes... ( ) pensar antes pra não falar ( )

A1 – É do mesmo jeito que a pessoa/ um reporter pode manipular a notícia um::/ um:: transeunte também pode manipular a notícia... vai que ele num goste de negro e aí é um cara/ o assaltante era negro ele falou "ah:: ele"/ o assaltante não o:: cara lá que participou do ato era negro e ele fala "ah ele roubou ele bateu"... mas:: o bom/ o bom dessa história toda é que dá uma relativisada... se tem mais de uma fonte de informação isso pode tá seu ( ) pode dizer quê que você acha daquilo é:: se aquilo é certo ou se é errado... um exemplo que eu vejo e que eu até fiquei surpreso quando eu descobri é o jornal da TV Cultura... que é:: jornal/ no jornal da TV Cultura eles dão/ lançam uma notícia e aí tem um/ o âncora e dois comentaristas... geralmente eles pegam pessoas de ideologias diferentes... aí ele:: dá a notícia e pergunta pra cada um deles que que eles acham e dá briga/ dá briga durante o jornal... cê vê que acontece... e é interessante por que cê vê que num é uma::/ uma::... é num tem uma censura cê vai ver que o cara vai bater no::/ no PT por exemplo e o jornal da Cultura ele é do governo... ele é do/ do governo brasileiro o jornal não a TV Cultura... e cê vê que o cara num é impedido de dizer aquilo é interessante cê ter mais de um ponto de vista por que você pode ter o seu (julgo) sem ter só aquele ponto de vista do jornal nacional do jornal da Band de uma Veja de uma Carta Capital... cê só vai ver naquele (prisma)

A2 – É tem/ eu/ teve uma notícia que foi bem clara sobre essa questão de:: relativar dependendo do jornal a notícia ou não... e::: foi logo depois que o Uruguai aprovou a medida da liberação da maco/ liberação e:: o controle da maconha... um jornal conservador/ um jornal liberal noticiou é::: "violência urbana diminui depois da liberação da maconha no Uruguai"... aí chega o:: jornal conservador e fala "governo do Uruguai diz que violência diminuiu"... já "o governo do Uruguai diz" ninguém sabe se isso é certo né? cê fica naquele impasse "diminuiu ou não?"

A6 – ( ) Era a manchete... a manchete do::

[

A2 – Da Globo

A6 – O primeiro dizia logo dizia "cai a zero porcento" era um negócio assim era uma taxa minúscula ou se não era inexistente... e TODOS os outros botavam assim "MACONHA É LIBERADA" aí embaixo bem pequenininho "crimina/ criminalização diminiu"... não dizia assim taxa não dizia dado não dizia ano não dizia NADA... mas a manchete tinha que ser uma coisa que (é ruim)

[

A2 – Que é sensacionalista

A6 – Que não era pra fazer isso

A1 – É isso me lembra uma coisa também... é::: a gente muitas vezes a gente no *Facebook* a gente vê muitas pessoas que colocam noTÍcias no *Facebook*... e aí:: a notícia ( ) de algum lugar... e pessoas diferentes colocam a notícia em locais diferentes entao você consegue ter uma variedade muito grande de notícias de muita informação de DIVERSOS lugares num lugar só... cê vai ter acesso àquela informação é:: cê vai ter diversas opiniões num lugar só... cê num vai precisar sair catando escolhendo

A3 – Só tem que tomar cuidado por que muita informação também as vezes ( )

A1 – Se você ficar interessado aí cê vai mais afundo mas tipo cê já vai ter uma::/ uma pre-seleção assim alguém já vai mandar aquilo pra você aí sim você já vai ( )

A2 – (Até mesmo no) jornal você já vai com um pé atrás ou não

((risos))

M – É::... e aí já que vocês já entraram na parte de comunicação e redes sociais né?... a gente gostaria de saber um pouco sobre/ primeiro antes de entrar em redes sociais que é mais/ vai gerar uma discussão maior... é:: o/ como vocês vêem a relação das mídias no uso é em aula né? no uso acadêmico mesmo... como os professores utilizam... Se utilizam... como vocês acham que isso/ se aumentou a participação dos alunos ou diminuiu... se aumentou o interesse pelo estudo ou diminuiu... como vocês acham que... a mídia/ a/ a rede/ as redes socias/ as mídias como um todo entraram em sala de aula e qual a interferência?

A6 – Tem professor que usa mídia pra fazer aula assim mais interativa mais legal chamar atenção de aluno... mas também tem professor que utiliza pra exatamente o contrário

[

A3 – Pra dormir

A6 – Não eu posso jogar no aca/ coloco isso no acadêmico aí joga e aparece só três semanas depois... ou então "vamo passar um filminho aqui pra vocês"... eu tive aula/ tenho aula de uma matéria que eu vou ter o ano inteiro são três horários por semana... a matéria... num é nada essa matéria a gente pagou ano passado em dois meses a matéria acabou pronto todo mundo já sabe... e vai ser o ano inteiro... muitos horários... a gente já apresentou um trabalho todo mundo tirou dez aí o/ primeira aula que ia ter "vou passar um filme pra vocês"... a gente passou três horários com a sala totalmente escura o professor saiu de sala todo mundo foi dormir... então

A3 – Te/ tem/ tem

A6 – Depende de como vai ser o uso dessa

A3 – Eu acho que num depende muito do aluno depende muito da aplicação da coisa

A1 – É:::

A3 – E/ eu já tive professor de chegar na sala tá usando o coisa lá e ele falar "não... cês vão ter que fazer um sistema nessa plataforma aqui... quer ver como é legal? Ontem eu fiz um negócio legal" aí chegou lá pegou um controle de Wii/ quem anda com um controle de Wii no bolso? É:: pegou o controle de Wii colocou no:: em cima do datashow ligou é:: por bluetooth no computador aí chegou sincronizou a tela e tipo::/ num tem as telas touchscreen?... tipo ele usava um laserzinho pra transformar o aparelho em touchscreen... tipo ele ia com o laser ligava o laser com a posição e era como se ele tivesse clicado na posição por que o controle do Wii recebe a linha/ a/ o/ a:: de infravermelho... então tipo todo mundo... "caralho! É eu vou fazer... eu vou... eu juro que eu faço" voltou todo mundo na mesma hora pro pc começar a pesquisar sobre o processo na época

[

A6 – Pronto eu acho

A3 – Mas também tem aula de 2006... e o professor passando naquela sala escura e você

A6 – Uma aula de informática três horários aí você põe um filme sobre a história de vida de Bill Gates... Apaga todas as luzes e põe o arcondicionado no QUINZE... e sai de sala?... num tem nem comentário depois num tem nenhuma atividade passada pra depois é só o filme lá só pra ocupar carga horária?

A3 – Tem/ tem uma coisa que/ que a gente chegou a

[

A6 – Num tem nem um resumo um (simples) resuminho assim pra você pegar da internet nem que fosse pra isso

M – Mas/ mas e a::/ a rede social assim nenhum professor utiliza quando vocês participam assim utilizam

( )

A4 – É o único meio de comunicação

[

A6 – Só tem que saber usar

A3 – É difícil ( ) *Facebook* dos próprios professores

A7 – É :::

A4 – É bem útil é:: principalmente quando nossos professores fazem grupo no *Facebook*... que assim você/ você consegue distribuir de maneira uniforme é:: material ou aula ou o que quer que seja... e geralmente quase ninguém fica sem ( ) as coisas só que::

[

A3 – E o acadêmico é ruim pra cacete

A4 – Ãh?

A3 – O acadêmico é ruim que só

A8 – É:: péssimo ( )

A1 – É que vai direto pro público/ pro público entendeu?

M – É:::

A1 – Invez de cê deslocar trinta pessoas pra um sistema fizeram uma pessoa que é o professor (usar) o *Facebook*... e aí cê vai ter uma/ um aproveitamento máximo pra gente

A3 – Máximo não por que você vai lá baixar o material

[

A1 – Praticamente

A3 – Alguém curtiu alguma coisa você fica online aí alguém fala ... tem seus prós e contras também

((risos))

A2 – ( ) Também tem o ponto que nem todo/ (ninguém) tem *Facebook* e nem todo mundo gosta de ter *Facebook*... então o acadêmico é necessário por isso

A6 – Então o que eu acho é que é meio que tipo obrigação do professor postar no acadêmico se ele postar no *Facebook* é uma coisa extra e facilita muitas vezes... sim aí ele vai avisar de última hora cê tá no primeiro horário aí ele avisa de última hora

“gente o último horário/ a minha mãe morreu o último horário não posso dar aula” uma pessoa que tá lá no *Facebook*

[

A3 – Avisa

A6 – Vê e avisa pra todo mundo (da sala) por que você num vai tá TODA hora entrando no acadêmico pra ver se ( )

[

A3 – E tem aquela coisa no acadêmico você num fica logada no *Facebook* cê tá sempre

A1 – É:::

( )

M – Quando tem essa/ justamente quanto a essa questão

A6 – Tem algumas pessoas que chegam a você o acadêmico

M – Anham

A1 – E também num dá pra transformar o *Facebook* no acadêmico né?

T – É::

A1 – Vamos separar as coisas acadêmico é acadêmico *Facebook* é *Facebook*... *Facebook* é pra facilitar a gente num tem que transformar o *Facebook*

A8 – É por que tem professor que pega no pé mesmo... uma professora minha descobriu que não tinha aula “ei gente vamo marcar/ fazer aquilo da minha matéria... use esse horário vago”

M – E aí quanto a essa questão mesmo do tempo-espaço que::/ que:: quase não existe né? com agora com *Facebook* e com/ com todas as redes sociais que existem você tá lá:: tá na rua tá:: sei lá em qualquer lugar que você estiver você pode utilizar... isso é bom? Isso é ruim? Como é que vocês

O – Os smartphones né?

M – É

O – Quando você pode postar de qualquer lugar... a questão da mobilidade... uma quebra de paradigma muito grande de tempo-espaço

A1 – É:: o que eu acho interessante nessa discussão é que muitas vezes é/ é posto a tecnologia como vilão... a tecnologia não é um vilão não é a tecnologia que vai fazer a pessoa entrar mais ou entrar menos é a pessoa que vai acabar se submetendo a/ a tecnologia se tornando escravo... é/ é entrar no *Facebook* durante a aula tá no whatsapp durante a aula é culpa da pessoa num é bem do/ do sistema num é bem da/ da tecnologia

A2 – Mais eu acho que a tecnologia ela altera sim o modo de vida das pessoas altera a cultura das/ das pessoas e quando altera a cultura das pessoas altera a/ a pessoa faz

A1 – Faz a pessoa ficar escravo

O – Pode alterar positivamente?

A1 e A2 – Pode

A2 – É::: ampliação da educação ou questão

A1 – Comunicação

A2 – Comunicação rápida

A1 – Que principalmente

A2 – Antigamente não tinha e você tinha que mandar uma carta e esperar uma semana pra chegar aquela

A6 – O acesso é muito fácil à informação... ( ) qualquer pessoa posta uma informação assim do nada por exemplo no *Facebook* aí tem essa/ tem essa coisa de procurar se a informação é verdadeira mas também esse... sim esse negócio de você usar toda hora é uma coisa que você tem que saber dosar por que a gente tá na/ na gera/ nessa geração/ essa geração geração ( ) *Facebook* toda hora informação muito rápida aí sempre tá postando coisa na internet... só que isso se tornou tão/ tão corriqueiro tão de "é a nossa geração... nossa geração é isso" que a galera abusa a galera não pensa em (nada ao início) não pensa em sair ( )

A2 – Mas por exemplo a empresa também *Facebook* por exemplo ela quer que você use toda hora né?

A6 – Claro! Tá ganhando pra isso

A2 – Exato então ela pega um celular... celular desenvolvido aí você compra um celular novo o celular vai/ tem a notificação pode ser vibrar pode ser tocar sonzinho pode ser ver luzinha e:: você tá aí com internet em qualquer canto conecta sozinho ou então você tem 3G e:: você::/ qualquer coisa que aconteça no seu *Facebook* o celular dispara... você querendo ou não você vai olhar ((risos))

A1 – É::

A2 – Ninguém consegue "não! Vou deixar aqui daqui a pouco eu vejo"... todo mundo vai lá e olha... e:: essa facilidade de receber notificação de querer olhar na hora então as pessoas vão se acostumando assim... vão se acostumando e vão usando toda hora

A3 – Eu acho que foi uma mudança muito grande em muito pouco tempo... eu lembro/ eu:: me pergunto hoje como é que eu ia pro parque quando eu era criança... eu falava pro pessoal "ei vamo pro parque?" e a gente se encontrava no parque véi... como véi sem celular véi? Quando eu era criança com meus tipo sei lá uns oito anos... eu tenho vinte e três sei lá... ninguém tinha celular velho... vamo pro parquinho? Vamo vamo pro parque tá lá na praça de boa ia pro parque e todo mundo se

encontrava... aí hoje não cê vai pra qualquer lugar é “e aí já chegou? Tá chegando? Tá por onde? Eu tô na/ na habibs com/ com a mister pizza”

A8 – Ainda num acha

A3 – É:: e aí tipo a galera chega mas tipo antigamente você ia no tato no instinto sei lá até achar a pessoa

A2 – Cê se vê dependente daque/daquele:: instrumento

A3 – É::: tipo você num procura uma pessoa você pergunta “tá aonde véi?”... você manda uma mensagem e::/ e ela é instantanea aquela coisa

A1 – ( )

O – ( ) A separação dos grupos que tem quinhentos no whatsapp quinhentos grupos no *Facebook*

A1 – Não mas antes só pra/ só pra concluir a fala dele num é/ num é de tudo ruim tem o lado bom também... qual foi a última vez que cê:: reuniu com alguém na biblioteca pra fazer trabalho? Alguém de vocês...

A3 – Eu nunca... nunca nem fui lá na biblioteca

A1 – Pois é... a gente faz/ a gente faz trabalho de escola no *Facebook*... é muito mais fácil muito mais prático cê faz na hora que cê pode cê combina fala “oh pessoal que hora todo mundo tá no *Facebook*?” “dez horas da noite” “então vamo fazer o trabalho dez horas beleza?” “beleza” e faz o trabalho pelo *Facebook*... isso é interessante num é de tudo ruim tem o lado bom também

A5 – Eu conheço colegas que eles fazem pelo ( ) quando puder num precisa todo mundo tá online ao mesmo tempo

A1 – Pois é::

A2 – Exato

A8 – É verdade

A2 – ( ) Faz a sua parte ( )

A7 – ( ) No dia e a noite tá na faculdade né? aí quando é de madrugada a gente se reune e faz o/ o trabalho

A1 – É::/ é interessante isso... mas é/ é cê ia fazer a pergunta?

O – (Essa proliferação) dos grupos esse processo que tá se dando que tem o grupo do condomínio grupo do clube

[

A1 – Dos amigos

O – É grupo do IFRN grupo... o que é que vocês pensam sobre isso é bom isso é ruim?

A6 – É aquele VElho clicê de que as pessoas preferem tá frente de uma tela do que sair pra ver as pessoas no ar livre... Mas é por que de certa forma é uma facilidade... você acorda assim no domingo de manhã num quer sair da sua cama mas quer/ tem que resolver alguma coisa... pega o celular que tá do lado e fala... é muito mais fácil do que você ter que ir atrás da pessoa e falar com ela pessoalmente... tem todas as facilidades

A3 – Eu particularmente tenho todos os meus grupos silenciados por oito horas sem notificações e no domingo de noite acaba e eu silencio de novo

A6 – Por uma semana

A3 – Por uma semana ((risos)) por que num tem tipo... é muito complicado você se manter em vários grupos recebendo várias notificações de todos os lados você num sabe mais nem o que é o quê... tipo quando você chega na sua pasta e imagens se você deixar download automático tem um milhão de coisas você num sabe nem de onde veio... tem até medo de abrir a pasta

A1 – EXATO

A3 – Minha namorada fala "deixar eu ver seu celular?" eu... "peraí... tá tudo sussa pode olhar" por que você num sabe o que tão mandando... você num sabe o que chega a você de forma automática ou pr'aqueles grupos tipo tá tranquilo lá quando você vai olhar tem milhares de notificações... duzentas trezentas dependendo do tempo

A1 – E isso é um problema grave do whatsapp que de repente você acorda ligou o celular estou dentro de um grupo novo

((risos))

A1 – Totalmente invasivo

A8 – E quando sai eles botam de novo

A1 – Você sai e eles colocam você de novo

( )

A6 – É a tendência do ( ) normalmente isso acontece com gente que já tá meio que dependente desses

A8 – MUITO

( )

O – ( ) Essas pessoas que saem e voltam saem e voltam ( ) esse fluxo de (você não poder) se decidir se você quer ficar se você quer

A5 – Eu acho que é um pouco da/ da::/ da necessidade de/ de::/ de estar incluído mesmo por exemplo... muita gente tem::/ tem um grupo que tá lá vive (mutado) nunca vê notificação nunca entra no grupo mas não sai do grupo fica lá tá incluído nessa turma pra tá lá incluído no máximo possível

( )

A3 – (Eu fico/ eu fico) ( ) por que eu saio e os infeliz adicionam de novo é automático fica lá "você saiu" aí a pessoa vai lá "oxi saiu por que? Deve ter clicado errado" e adiciona

((risos))

A3 – Eu participo de dois grupos com o mesmo nome o mesmo contexto só que um tem duas pessoas a mais e o outro tem/ não tem essas duas pessoas

A4 – Nossa ( )

A8 – Pra falar mal

A3 – ( ) Pra falar mal das pessoas é por que todo o resto não conhece aquelas duas pessoas só que a galera tipo ( ) ou seja um grupo num acontece nada e o outro grupo é ativo ( ) deixa lá

O – ( ) A pessoa vai se chateia e sai

T – Ah:::

A3 – Não me fale! Essa época de política tipo é mais saiu e entrou em grupo do que qualquer outra coisa

A8 – Pior foi futebol reclamando né? o povo que reclama "você num sabe de nada! Vou sair" aí saiu aí depois entrava de novo

A2 – Eu já meio que desisti de discutir por redes sociais ou whastapp... por exemplo discutir no *Facebook* política ou qualquer outra coisa ganha/ dependendo do meio da pessoa dependendo dos amigos da pessoa ganha quem tiver mais like no comentário

T – É::

A2 – Então você (quis tá certa) a pessoa tá errada ( ) mais curtida por que as pessoas amigas dela pensam o mesmo que ela

A8 – Ou podem ser que tipo você tenha mais apoio dos seus amigos do que a outra pessoa

A2 – Exato

A8 – A pessoa pode tá até certa só que como a maioria está a seu favor eu acho que ela fica né?

A1 – Ah! Mas é bem legal cê tá em casa num tá fazendo nada aí diz "ah vou dá um apoio na amizade vou arrumar uma briga aqui"

A5 – Pegar uma brigazinha de leve

((risos))

A3 – ( ) Cê quer ver

A5 – ( ) Da UFRN né (pra isso não)

A3 – Cê quer ver o quão diferente você é de todo mundo? Entre no *Facebook* de uma pessoa e desça a timeline dela por cinco minutos... por que você vê "pô aquele cara é

muito meu amigo tipo a gente convive e tal" vá vê o que ele curte véi no *Facebook*... cê desce e "meu Deus do céu quê que é isso véi?" cê vai descend/ é/ é muita coisa aleatória

A6 – ( ) Quando você vai acaba sendo formador de opinião... você vai/ você/ pra você/ se for pra você brigar e arengar (com a pessoa) vai formar seu/ seu comentário né? pra defender seu ponto de vista e aí você vai pensar sobre aquilo... e você vai criar um ponto de vista sobre tal coisa... então vo/ você pensa assim ( ) eu nunca tinha pensado nisso ( )

A3 – Eu peguei... a galera fala assim mas eu ainda sou mais ( ) eu prefiro fazer isso num bar... bebendo com a galera e discutir

A6 – (Pegando a garrafa) E quebrando na cabeça de alguém? ((risos))

A3 – Não não uma discussão natural mas assim... ah::... tem uma casa de um amigo da gente Baesse ( ) tipo quando tem festa lá ele tem um balde que fica os smartphones... tem a plaquinha "smartphones"... tipo cê chega lá aí tipo você pega a senha da wifi ele "não véi! Cadê?" joga tudo lá dentro tá ligado depois cê vai procurar o seu por que ficava (inviável) cê ia pr'uma festa e ficava todo mundo daqui a pouco no celular e num sei quê e gente no mesmo grupo na mesma festa conversando pelo celular véi... mas o som num tá alto véi... pelo amor de Deus... me dá isso aqui

O – (Vocês acham que o celular) Pode aproximar quem tá distânte e ao mesmo tempo distanciar quem tá perto?

A1 – Sim

A3 – Anham

A7 – Com certeza

A3 – Com certeza tipo:: cê tá::... certo cê tem vários amigos tem várias rodas de conversa numa festa mas tipo você num vai tá conversando com uma pessoa ali do lado pelo celular se você pode falar "e aí vamo aqui pegar uma cerveja?" vai lá conversa com o cara e volta cê num vai perder o enrredo da história com isso

A1 – E a dependência que fica também tipo "ai eu tenho que olhar aqui o quê que tá acontecendo aqui no grupo" aí cê conversa "anham anham anham"... aí cê olha aqui "ah tá acontecendo isso aqui no grupo"... a pessoa fica meio louca sabe? Meio dependente... tem que sabe o que tá acontecendo sempre

A6 – Mas tem que saber por que se não souber daqui uma semana todo mundo tá aí falando alguma piada interna sobre isso você fica "por que eu não sei?" aí cê fica "vou começar a ver mais o grupo"

A3 – Meu eu:: assim acho que algumas relações do/ da/ das tecnologias atuais tão muito boas outras tem que ser mais (dosadas) tem gente que fica/ anda com o carregador no bolso véi tipo se descarregar é o fim do mundo o apocalipse vai... tipo tá descarregando? "mãe tá descarregando chego em casa beijo tchau"

A1 – É um mal uso cê vê

A3 – Não preocupa

( )

A1 – É um mal uso... a pessoa num sabe usar

A6 – É o mal uso

A3 – É o mal uso véi

A7 – Assim pront/ pra mim... eu por exemplo num tenho celular com a/ por que eu prefiro um/ antigamente né? chegar conversar e:: no shopping... eu acho tão/ acho tão melhor que você interaja você conversa... eu tenho umas colega minha que as vezes eu saio com ela eu fico chatiada por que eu tô/ ela fica assim... "não num sei que ( )"... "mulher tô falando com você"... "não!"... "mulher pelo amor de Deus tem/ fique vinte minutos pelo menos sem o seu celular você num vai morrer não... num vai cair sua mão não"... ( ) a internet é BOM:: a/ a/ a tecnologia pra resolver CERtas coisas como exemplo uma família/ uma família distância né? sem poder falar comunicar... mas:: agora... é:: pessoa assim perto eu prefiro (falar) conversar por que você tem mais intimidade... no meu ponto de vista/ meu ponto de vista tem mais (intimidade) mas ficar só no celular? Ficar falando

A3 – Sinceramente assim... só:: uma ideia tipo eu sou baiano então a minha família é toda de tipo eu tenho um grupo da família onde fica todo mundo conversando besteira o dia inteiro... é tipo:: é legal mas num é construtivo... então tipo eu olho desço o (scruw) de vez ali ( ) olho se tem algum comentário alguma coisa... hoje é aniversário da minha tia eu vou ligar pra ela por que eu num vou dar parabéns pelo whatsapp mas TODO mundo dá parabéns pelo whatsapp... então tipo você (mantem) uma proximidade assim de você saber o que tá acontecendo no dia-a-dia e tal mas tipo num é muita coisa útil então é:: por mais que tenha essa ideia de proximi/ aproximar quem tá distante eu acho que as vezes até afasta mais quem tá perto do que (atrapalha naquela questão que ela colocou)... por que você aproxima de verdade se você falar no whatsapp cê tá escrevendo num é aquela coisa de "e aí (vó) como é que tá? Melhor? Tudo bom?"

A7 – ( ) Né? ligação é prova de amor na tec/ no/ na época de whatsapp né? uma ligação

A1 – É:: verdade

A8 – E o pior que:: você conversa tanto no whatsapp que quando você vê a pessoa pessoalmente já falou tudo que cê num tem o que falar ... tá sem assunto

A1 – ( ) Eu num sei se eu posso dizer isso mas acaba mudando um padrão moral que tipo... eu por exemplo eu não gosto de tá conversando com uma pessoa e ela tá mexendo no whatsapp eu fico incomodado com isso... mas se você pega duas pessoas que tem esse costume as duas pessoas não tão importando se um/ uma tá conversando com a outra enquanto a outra tá mexendo no whatsapp... então acaba interferindo também na/ no/ no comportamento também na moral das pessoas

A8 – E também tem gente

A2 – ( )

A1 – É::

A8 – E também tem gente que:: se acostumou tanto com interagir pelas redes sociais que só sabem interagir por lá... tipo todo solto lá fala tudo e pessoalmente é::

A3 – Sim verdade

A1 – É:: é verdade

A3 – ( ) Como se você for ver pessoas que começam a jogar on/ jogos online com onze dez anos por aí as pessoas conversam no jogo velho como se não houvesse amanhã tipo tinha uma menina que (eu conheci) ela tinha uns dezoite dezenove anos (quando ela jogava tinha) uns nove dez jogava Hagnarok tipo eu conheci ela pessoalmente uma época tipo ela não falava nada no jogo ela me xingava tudo ela falava/ ela passava o dia digitando eu "meu Deus véi pare de falar eu não vou ver aquilo"

((risos))

A3 – E tipo pessoalmente ela é outra pessoa tipo ela chegava toda... tipo aquele negócio bem tri/ coisa/ tipo você ( ) muldando um pouco da/ da::

( )

O – ( ) Nem sempre o que tá lá é o que você é ou

A3 – É eu acho que/ que quando se trata de jogo assim quando é algo pessoal na verdade tipo é um personagem que você tá in/ tá manipulando ali ao seu bel prazer você pode criar a personalidade do personagem

M – Sim... mas no caso do *Facebook* ou de/ de qualquer outra rede social

[

A8 – Talvez no *Facebook* seria tipo um personagem que você gostaria que fosse tipo assim

A3 – É:: acho que é mais complicado pela questão de/ de::/ dos seus amigos de foto de:: ( )

A7 – Por que no *Facebook* todo mundo é feliz ninguém é triste num acontece nada

[

A8 – Pois é

A3 – Tem isso também

[

A1 – É verdade

A3 – Cê num vê ninguém falar do "ah meu Deus"

A6 – É por que você tá escrevendo cê só demonstra emoção ou alguma coisa se você quiser...

A8 – É verdade

A6 – Você pode demorar o quanto você quiser pra fazer uma resposta "tudo bom?" vai passar vinte minutos formulando uma resposta ali pra você fugir totalmente de como você tá... então você nem se/ você pode ou não ser verdadeiro... e sendo verdadeiro você pode mesmo assim ser uma pessoa que só consegue confiança ou ( ) se você conhece a pessoa bem se você fala muito com ela na internet... por que pessoalmente chega aquela vergonha tipo eu falo com você mas eu não te conheço eu não convivo com você então você fica meio que eu não sei conversar com você pessoalmente ( )

A4 – Eu acho que não/ se fica meio (envergonhado) por que você num sabe o que aquela pessoa tá falando ela tá falando isso de verdade você num tava escutando o tom de voz dela num tava olhando pra cara dela ( )

A8 – É tipo aquilo que eu falo ( )

A6 – Você é tão diferente/ vou falar com você na internet

A1 – E a pessoa

A4 – ( ) Falou besteira até umas hora

A1 – E a pessoa que aparece no *Facebook* nem sempre é a mesma pes/ é aquela pessoa por que... é bem uma vitrine né? *Facebook* é uma vitrine cê tá lá se expondo cê vai querer expor a melhor parte de si cê num vai querer expor seu lado ruim

A8 – Pois é

A1 – E aí a/ a pessoa acaba virando... todo mundo é sempre perfeito no *Facebook*... as pessoas sempre são perfeitas sempre são felizes sempre são/ estão nos lugares legais sempre tem fotos bonitas... acaba que não são as pessoas da vida real mas pessoas digitais e:: tem muitas pessoas também que fazem questão de ser assim que tipo vai/ vai no Camarões por exemplo restaurante super caro super chique aí faz questão de marcar "estou no Camarões"

[

A3 – Tira uma foto da comida

A1 – Aí tira uma foto da comida

((risos))

A1 – Aí tira uma foto dos amigos... aí tira "eu e o garçom"... então

( )

((risos))

A1 – Aí tem/ o negócio vai crescendo de uma forma que a pessoa deixa de ser ela mesma ela vira um personagem feliz da cabeça dela

A2 – Tem é:: falando dessa parte é::: da/ da vitrine da exposição das pessoas é:: tem um:: da/ da questão da/ do espetáculo balé das ilusões é do ilusionismo moderno... é:: tem um autor bem interessante que ele/ ele escreve um livro uma ficção mas ele no final ele para/ ele faz uma releitura da caverna de Platão... e:: ele pa/ pega a caverna de Platão com aquelas ilusões que passavam nas/ nas cavernas e aquelas ilusões é::: que ele explica no final como se/ num é real e:: ele a:: coloca no meio da sociedade tecnológica que a gente vê hoje em dia... que:: no final ele encontra no/ na caverna dessa sociedade moderna pessoas tran/ trancadas algemadas pelos pés pelas mãos né?... pelos pés pelo pescoço e que elas eram obrigadas a ficar vendo aquelas/ aquelas sombras aquela ilusões e:: ele pergunta depois falando com outra pessoa "quem são aquelas pessoas?" aí ele responde "somos nós"... ele:: quer dizer que nós estamos presos a essas/ esse:: sistema de ilusionismo de espetáculo que nós estamos presos pelas pernas pelo pescoço e estamos obrigados a ver essa/ esse espetáculo... por que tipo a gente pega whatsapp a gente fala::/ não só *Facebook* mas whatsapp a gente chega perto de uma pessoa e com essa pessoa a gente fala com outro distante a gente quando tá com a outra distante a gente fala com essa que tava perto... é bem interessante esse sistema... e:::/ e o que a gente vê hoje em dia é que com essas empresas querendo mais lucro elas influenciam elas procuram eles estudam maneiras de acelerar essa informação acelerar essa comunicação por que as pessoas querem uma coisa mais é::: uma coisa mais cap/ não... uma coisa... como é que eu posso dizer?

A1 – Rentável?

A2 – Não uma coisa que funcione rápido... as pessoas querem isso... seja/ que seja funcionável rapidamente... e:: o que a gente vê/ é:: o que a gente vê adiante é que o perigo é que a gente acabe tornando isso é:: essencial assim na nossa vida por exemplo a Google agora vai lançar o googleglass cê num precisa mais nem tirar do bolso o celular pra ver as coisas tá na sua cara já... num precisa nem mais/ mais::: mexer as mãos tá lá já cê fala com o google aí "ok google" aí liga então a gente vê

[

A3 – Googleglass

A2 – É a gente vê que as empresas elas criam também essa/ essa:: comodidade e acaba criando esse perigo pro futuro

M – Unhum

A2 – Mas ( )

M – Sim

A4 – Cê num tem mais tempo e vinte e quatro horas é pouco você/ a pessoa precisa de informação rápida como precisa e um transporte rápido como num pode perder aquela hora no ônibus (sem fazer nada) tem que tá andando pro trabalho ou falando com alguém por que num dá mais pra ficar esperando

M – Anham... aí tem/ é:: tem ferramentas né? no *Facebook* que:: nós sempre/ sempre utilizamos né? e aí eu queria saber qual/ qual o nível pra vocês e aí eu quero saber a opinião de todos né? o/ o nível de participação como vocês consideram o curtir compartilhar postar e comentar... como seria? Qual seria esse nível? o/ "Ah o curtir é/ é menos o

[

O – Se pra vocês é/ se pra vocês o compartilhar quer dizer que você é (o que luta) o que motivou você mais a participar o que motivou você a compartilhar ou não se postar significa que você tá extremamente envolvido com aquele assunto por que você suscitou um debate ou não... comentar... já curtir você curte qualquer coisa assim só pra ser gentil ou não

((risos))

( )

A3 – Eu acho que/ que a descrição ela é bem que é da realidade de muita gente na verdade... o curtir é a coisa mais fútil do *Facebook* cê passa e cê vê uma foto de uma pessoa ( )

A5 – Ela é feinha mas ficou boa na foto

((risos))

( )

A8 – Se fosse minha eu queria que curtisse

A3 – Se fosse minha foto eu postei assim... vou curtir

A6 – ( ) Mas é amigo

((risos))

A3 – Aquela coisa tipo comentar quando eu comento numa foto eu já penso duas vezes por que o *Facebook* vai ficar mandando notificação sempre que alguém comentar aí tipo aquela coisa... mas se for de alguma coisa que eu ache que

[

A8 – Interesse

A3 – Que me interesse ou que a pessoa que comentou não tenha noção muito do que comentou... então eu tento dar uma amenizada na coisa... é::: compartilhar só se/ se for realmente interessante pra mim ou algum amigo ou algum grupo por que você pode compartilhar na time/ na timeline de outra pessoa ou do grupo... e aí tipo dependendo do grupo ou da pessoa talvez eu lembre da pessoa dependendo do conteúdo geralmente é um conteúdo relevante e:: qual era o outro?

M – Postar

A3 – Ah postar é raro mas sei lá quando eu quero abrir uma discussão sobre algum assunto específico ( )

M – Ca/ Caio antes de você ir dê sua opinião

A1 – Curtir comentar e

A3 – É::

M – Postar compartilhar

[

A3 – Compartilhar e postar

A1 – Num sei acho isso muito bobo... acho tudo isso muito bobo... é::: curtir é muito bobo... compartilhar nunca compartilho... comentar... de vez em quando eu não me presto ao papel de comentar por que não é digno do meu comentário ( )... é::: eu só comento baixaria no *Facebook*... meu *Facebook* eu gosto muito de chocar as pessoas eu adoro um choque assim quando na sociedade... e acho uma/ o *Facebook* é uma vitrine boa assim pra/ pra chocar e ainda tenho pessoas que também gostam disso e aí eu uso o comentar pra isso ou então pra escrever ((voz infantil)) "ai amor você ficou tão linda nessa foto" com a namorada

((risos))

A1 – E::: quê mais? Compartilhar

[

M – Postar

A1 – Postar... raramente eu posto alguma coisa eu posto música ou alguma coisa assim... é:: tipo besteira... foto quase nunca geralmente eu sou marcado e uma coisa que eu odeio é quando eu vou em algum lugar uma pessoa vai junto comigo aí ela se marca e me marca "fala estou aqui tomando açaí na casa do chapéu" aí eu fico P da vida por que eu não coloquei por que outra pessoa pode colocar?

M – E/ sim aí no grupo do IFRN não só no *Facebook* de vocês mas no grupo do IFRN

A1 – No grupo do IF

M – Por que vocês participam (o que o motiva)?

A1 – Então tem muita gente lá que eu não concordo é:: com algumas opiniões e eu gosto de dá uma cutucada assim falar "e aí e agora?" e tipo eu adoro dá uma cutucada no grêmio e falar "e agora cadê o grêmio? Cadê o interino do grêmio?" é:: eu gosto::/ gosto de dar informações é:: teve um dia que eu coloquei lá que tinha saído o selo da carteira de estudante ninguém tinha colocado aí eu vi achei interessante e coloquei lá... e também achei interessante por que a/ a URNE tava cobrando as carteiras de::/ de identidade sabendo que ia ter o selo aí eu queria até propor essa discussão lá mas eu/ depois eu "não deixa pra lá"... então geralmente pra mim comentar é só pra/ ou pra falar ((voz infantil)) "ah amor você está tão linda" ou então pra falar... causar assim... enxer o saco de alguém... pra mim é isso

A2 – Alfinetar (alguém)

A1 – Alfinetar não esfaquear de verdade

((risos))

M – Vocês... você... vocês

A1 – Eu vou ganhar um chaverinho?

M – Só é sorteio ((risos))

A1 – Ah:: eu num vou participar do sorteio? ((voz triste))

M – É::: ((risos))

A1 – Tchau

T – Tchau

M – Sim... você

A2 – eRu… depende muito também curtir é mais besta mesmo... comentar só se interessar assim quando eu conheço a pessoa bem e geralmente é besteira só pra fazer graça mesmo... o compartilhar depende eu não gosto muito de compartilhar as coisas dos outros tipo assim se for notícia eu pego a notícia o link da notícia e compartilho eu mesmo num gosto de compartilhar de:: outras pessoas... num sei

A3 – Cê posta o próprio link

A2 – Isso... num/ num ( ) num gosto de ficar compartilhando ( )

O – E qual o motivo que leva você a participar do grupo?

A2 – É::: tem umas notícias e informações que saem mais rápidas no grupo que as vezes no ( ) no site do IFRN... polêmica também acontecem muitas polêmicas no grupo... mas é basicamente isso

O – Você acha interessante essas polêmicas que tem lá?

A2 – Tem umas polêmicas que são meio bestas assim tanto que ninguém ( ) mais tem umas que num vale a pena vê assim os comentários... mas raramente aparece alguma coisa na minha::/ no meu feed de::/ do grupo do IF só quando é uma notícia realmente (bem comentada)

M – Vocês?

A7 – (Assim) eu:: compartilhar raramente... num gosto muito de compartilhar... curtir eu só curto mais o que (coisa que) me interessa... eu curto (pouco assim) fotos de alguns amigos só ( ) engraçado besteira... mas:: curtir eu sempre:: é::: ( ) é Veja Carta Capital essas coisas assim que eu gosto... aí eu/ eu curto bastante... é::: postar raramente... é:: poucas fotos eu posto mas eu posto/ se eu postar é mais frases... é:: comentar:: só se eu conhecer pa/ BEM assim ( ) eu comento bem é raramente... e eu participo do grupo do IF como ele falou ( ) notícia mais rápido por que no site sempre demora quando num publica em cima da hora... as vezes quando teve:: a greve dos ônibus aí parou aí o IF resolveu publicar uma hora antes eu tenho aula de sete horas aí “ah hoje greve no Natal central num vai ter aula” mas no:: grupo do IF já

tinha de três horas da tarde que no IF não vai ter aula num ia dá aula... aí assim e os comentarios é:: sobre eventos também né? por que no IF as vezes tem mui/ no site não publica mas tem algumas pessoas comentando assim né? aí lá no site eles colocam pra participar... e comentários também são poucos que ( ) que tem lá/ eu nem assim nem publíco por que as vezes eu nem sei o/ a origem da conversa do/ dos comentários que eu num... prefiro só olhar se alguém souber eu pergunto assim pessoalmente eu acho melhor

M – Vocês?

A8 – É::: curtir é banal mesmo é::... comentar eu só comento pra tirar onda com o povo... gosto ( ) eu curto ( ) dos meus amigos por que eu num gosto de comentar em coisa tipo "ah eu faço ( )" comentam cada merda e eu num acho que vale a pena e o povo tira muita onda então... é:: postar eu também não gosto ( ) no povo que me marca num deixo... eu quase num posto nada se eu postar alguma coisa um pensamento uma frase uma música... e:: compartilhar eu também num gosto não

M – E no grupo?

A8 – É que nem ( ) mas pra ter informações sabe?

M – Unhum

A4 – Eu num gosto de usar *Facebook* pra discussões eu gosto pra ( ) um pouco com besteira... então eu evito entrar em:: discussões principalmente no grupo por que eu percebo cada vez mais que as pessoas sentem que é mais importante falar do que ler e se informar sobre o que tá acontecendo as vezes... mil e tantos comentários e continua gente comentando cê/ cê nem sabe o que tava falando lá em cima cê num vai ler nenhum dos comentários enormes então prefiro não me envolver nisso... as poucas vezes que aconteceu foi a coisa do peixe e ainda ( )

((risos))

M – Vocês dois

A5 – Eu:: é::: eu tenho mais ou menos um/ uns ( ) no *Facebook* tem/ tem dia que eu entro no *Facebook* mais pra (pra ser amigo) mesmo... pra sair curtindo foto dos amigos ( ) "ôh ( ) nessa foto aqui ficou arrumadinho" vou curtir aqui (por pena e pá) aí tem/ tem esse tipo de/ de interação que eu faço no *Facebook*... comentar ( ) (com alguém)... enfim alguma coisa assim... mas assim no/ no/ no (campo) mais político... de opinião eu basicamente curto (alguma coisa) que eu gosto e comento ( ) de escola... se bem que recentemente eu parei de/ de::/ de:: ( ) com pessoas que são mais chegadas assim teve uma vez que eu peguei uma briga aí com um primo discutindo a (política) e quase voou sapato lá na casa de vó

((risos))

A5 – Aí... uma briga que começou pelo *Facebook* aí ficou um negócio meio estranho assim na família ( ) super bem e tal mas foi um negócio/ foi uma experiência meio desagradável uma discussão ( ) aí eu agora não comento mais quando é uma pessoa

assim que eu não tenho muita relação e tá postando ( ) assim e eu tenho uma opinião muito bem formada sobre isso (então eu não entro) em discussão que eu não tenho muito argumento por que mais cedo ou mais tarde eu vou perder né? se eu num tiver um argumento bem construído pra sustentar minha tese pra::... e:: sobre compartilhar também só o que/ que é do meu interesse... que eu acho que devia/ devia ser visto pelos outros não qualquer besteira assim... (por que tem gente que) compartilha coisa que num é do interesse comum assim... aí cê ( ) e::: postar eu raramente posto... as vezes postar num posto muito opinião não ( )... um assunto que já é iniciado por alguém num sou de começar um assunto polêmico

M – No grupo você costuma participar?

A5 – No grupo do IF eu entrei lá por que eu era calouro tinha uns alunos veteranos eles me botaram e eu tô lá até hoje... mas eu ( ) que eu acho que gosto de pegar uma confusão com (GTA) na época que/ que ( ) do IFRN o pessoal da chapa adversária (por diversão)

((risos))

A4 – Diversão

M – Você

A6 – É:: eu acho compartilhar uma das piores funções do *Facebook*... eu não gosto de compartilhar por que você tem como postar se todo mundo postar a informação do mesmo jeito sem ter essa coisa de compartilhar e postar direto da fonte sei lá... desde que criou o compartilhar tem muita informação desnecessária circulando aí eu acho que isso é uma ( ) foi muito... aí... falta o que? Compa/ comentar... eu não gosto muito de comentar principalmente no grupo do IF ( ) pelo mesmo motivo me botaram e eu quase não entro lá... eu não gosto de comentar por que pelo que eu vejo na maioria dos comentários a galera quer defender a tese mas ninguéma aceita que pode estar errado todo mundo quer sempre estar certo então... são dois mils coment/doi mil comentários uns textos do tamanho dessa mesa com palavra bonitinha pra enfeitar e dizer que tá certo... e no final o povo para de falar por que passou três horas no *Facebook* discutindo uma coisa que não levou a nada... ( ) então ( )... é o meu argumento é sempre não/ dizer sempre a mesma coisa... e aí eu num gosto muito de comentar principalmente nesse grupo... por isso por que se num vai levar a lugar nenhum por que vou perder meu tempo? Aí eu comento só em outros grupos que partindo pra ( ) tirar dúvida... e:: comentar música ( ) foto de amigo e aí isso é besteira um texto ( )

M – Postar?

A6 – Importante... postar::... eu não gosto de postar meu ponto de vista de coisa política e nada disso por que eu acho isso é:: de cada um sabe?... vou postar lá "não! Eu não gosto do governo de tal pessoa não gosto de como tal pessoa atua" eu vou postar isso com uma intenção... com um/ uma inteção receber likes... mas provavelmente eu vou postar isso e as pessoas vão me dizer "não! Governo da::/ o trabalho de tal pessoa é bom eu gosto por isso por isso por isso" e aí vai começar

aquela história que você vai defender sua tese querendo tá certa... então eu num posto muita foto (também não)... num gosto de foto aí... e/meu uso do *Facebook* é muito pequeno eu uso só pra conversar quando eu preciso fazer alguma coisa no grupo da sala mas

A7 – É:: é bom ver assim eu tenho até o *Facebook* (por conta da) faculdade

A6 – Eu não tenho paciência na real

A7 – Como se fosse uma/ uma coisa obrigada que as vezes é::: professor né? vai fal/ dá alguma coisa um material assim na hora né?... mas se fosse pra mim assim eu mal usava

M – Unhum... é... vamo falar só rapidinho sobre os/ as manifestações sociais né? acho que todo mundo aqui vivenciou uma das maiores manifestações do/ da/ do nosso tempo então... o que leva vocês/ qual a motivação que vocês tem em participar de algum movimento social?... quan/ o que lhe motiva? A temática? É:: quem/ o pessoal que vai tá?... o que lhe motiva a participar de alguma coisa?

A7 – Pra mim

O – ( ) Do ano passado que repercutiu muito né? começou em Natal com a história do passe livre depois tomou o Brasil inteiro

A7 – Pra mim em primeiro lugar vai ser assim a/ a temática né? aí o segundo se é os ra/ se é vai mexer comigo do meu interesse ou ( ) e terceiro assim eu sei que uns já são tem as pessoas qube vão pra manifestar pra querer e tem uns que vai pra bagunçar né? fazer o ( ) então eu é::: se eu vou participar de uma manifestação... pra mim eu tenho que/ num ter/ a:: manifestação tem que/ o tema né? da manifestação tem que me agradar e se for do meu interesse... e com certeza né? se eu vou participar eu tenho que arrajar aquele grupinho que num vá pra bagunça aquele que vá manifestar pelos seus interesse

O – No ano de 2013 ano passado vocês foram/ você no caso foi? Participou?

A7 – Eu fui uma vez ( ) fui na primeira eu fui... participei... aí as outras num/ não pude ir nas outras por que eu tava dando aulas né? essas coisas por que eu dou aula ( ) acabou não podendo participar mesmo que não tivesse manifestação tivesse aula mas eu ia trabalhar... aí só consegui participar da primeira manifestação

O – Mas a rede social ajudou pra você se mobilizar na participação?

A7 – Nem tanto eu fui mais por causa dos é::/ dos meus amigos né? por que eles "vamo é nosso direito ( )"

O – Eles não chamaram pelas/ pelas redes sociais?

A7 – Não... eu vi como eles chamaram mas assim o que motivou mais foi assim a conversa não eu vou por que eles vão né? aí eu vou... mas se eu fosse sozinha eu num/ num conhecesse ninguém num teria assim tão a coragem mas me chamaram nas redes sociais teve uns amigos que/ que havia estudado me chamaram pelas redes pra participar

M – É:: sim os demais

A3 – Ãh em específico da/ da/ do ano passado eu/ eu me interessei muito em ir pela fé de que um dia ia mudar alguma coisa por que eu nunca tinha visto tanta gente com a mesma ideia na cabeça... mas::: assim como ela até falou um pouco e ele até falou tipo a gente não tem mais/ o que eu vejo que tem/ as pessoas não tem mais paciência pra discutir política por que sabe o que é que tá errado o que é que tá certo e num quer mais discutir política véi dá um jeito por que eu num vou mais discutir sobre política... Dá um jeito e pronto... e::: assim no ano passado eu fui pra acho que (umas) duas ou três manifestações... ãh:: a maior que teve acho que foi a dia 20 Brasil vai parar negócio assim... eu fui também tava muito legal muito bonito tipo a minha namorada queria ir e o::/ a mãe dela falou "não cê vai (apanhar lá) da polícia" aí o pai dela chegou pera mãe dela e falou "oxi e a gente tava apanhando da polícia há uns trinta anos atrás também fazendo isso então deixa ela ir num sei que" e tipo eles acabaram indo com a gente e tudo... foi um/ uma coisa bem legal eu tinha fé né? que ia dar em alguma coisa tipo que ia tentar mudar o mundo... eu e acho que o resto do Brasil todo tinha fé que ia acontecer alguma coisa de diferente... mas:: ( )

A2 – Do::/ do caso do movimento social que mais me interessa é primeiro temática... segundo se é/ se eu for participar eu tenho que entender do assunto saber quê que tá acontecendo o que é que/ quais são os argumentos de:::/ da atuação tenho que saber o que é que eu tô fazendo ali... e:::/ e do ano passado eu fui assim que começou com a revolta do busão com o negócio da tarifa e eu acho que a revolta do busão de muitas coisa que a gente pode aprender é que o/a revolta do busão pode ensinar a gente é ensinar a lutar por alguma coisa... e::: o que a gente aprender foi isso foi a/ pelo menos isso aprendeu a lutar por esse aumento da passagem que influencia todo mundo... é:: mas foi logo no começo e:: a/ inclusive o IF deu ônibus pra/ pra galera ir e tal... e:: depois quando começou em julho com aquela/ dia 10 eu acho e dia 10 começou a enveredar por outros caminhos depois que começou a surgir o:: movimento passe livre em várias outras cidades e depois do movimento passe livre as pessoas usando passe li/ o movimento passe livre enveredando pra outros assuntos enveredando pra outras/ outros temas NADA a ver com a luta inicial eu vi que começou a perder o senso as pessoas começo/ começaram a perder... a mídia começava a controlar a opinião pública movendo pra lá e pra cá então eu ficava em casa torcendo pra não dá merda e:::/ e::: esperando o quê que ia acontecer por que ao contrário do que eu penso de você dizer que tava todo mundo com a mesma ideia é:: eu sou totalmente contrário tava todo mundo com a própria

A5 – (Eu fiquei tentando entender) qual era a ideia do movimento que tava rolando (naquele dia 20)

A2 – Agora ainda é prova de quê "melhorar o país" mas ninguém sabe niguém sabe (como) melhorar o país

A6 – Eu acho que o erro dessa passeata é que era muita coisa

( )

A4 – ( ) E que juntou todo mundo cada um com suas ideias com um negócio ( ) muito amplo e a mídia foi/foi

( )

A4 – ( ) Por que ela percebeu que o pessoal tava lá todo mundo com as ideias misturadas e num tinha um foco definido aí ela "tá! Então tá... então a gente vai dá um foco pra isso aqui você tão lutando por isso aqui"

A2 – EXATO... e assim que começou a/ a/ a/ as lutas e começaram a falar de corrupção por que a corrupção do Brasil num sei o que... e ligaram a corrupção à Dilma como se Dilma fosse a culpada da corrupção de

[

A4 – Pois é ( ) tinha que aproveitar a grande massa de gente na rua

[

A2 – EXATO

A4 – Que não era muito bem politizada num sabia

[

A2 – Exato

( )

A3 – A ideia geral que eu tava tentando dizer é que assim todo mundo diz e você chega lá em qualquer lugar "não a culpa é de Dilma" mas quem é que diz que a culpa é de Dilma? A mídia... mas tipo você fala "ah mas o resto do Brasil num sabe disso"... você presume que o resto do Bra/ Brasil é ignorante por que com TODAS as pessoas que eu discuto a pessoa fala "não pô Dilma num tem nada a ver com essa merda" vamo discutir política de verdade

A2 – Mas o problema é esse quando se junta muita gente junta e começa/ e começa a se repetir a mesma coisa e por isso que a informação espalha... e começaram a::/ é:: "gigante acordou" é:: pintar a cara com verde e amarelo... minha gente o que é isso?

A6 – ( ) Revolta do busão quando era só revolta do busão dava tudo certo deu resultado

[

A2 – Exato

A6 – Num deu TODOS os resultados claro por que abaixou o preço mas abaixou um pouquinho ( ) abaixou um pouquinho... mas tava dando certo... quando juntou tudo melhorou educação? Melhorou saúde?

[

A2 – Saúde educação

A6 – ( ) Num parou de fazer nada... continuou é como se não tivesse acontecido nada por que as pessoas tem que se fixar a uma coisa por que ( ) o tempo todo mas quando é um monte de coisa aí você tá aqui falando de/ de saúde alguém alguém ( ) falou não ali tá educação aí foge pra educação... aí saúde?

A2 – Inclusive virou/ virou tão banal a coisa que as pessoas/ as próprias pessoas/ algumas pessoas tiravam onda da manifestação iam com um cartaz de "quero minha bolsa Luis Vitón" "quero minha num sei o que" por que cada um ali ia por interesse próprio... querendo alguma coisa... e:: se (a galera) fosse perguntar "quem é o lider da manifestação? Qual/ quem é que vai (apresentar) aqui as pautas pra gente resolver? Num tinha... num tinha nada... num tinha pauta... num tinha o/ você pega (como) o evento no *Facebook* que foi um dos meios de/ de se/ de se pro/ de se propagar a manifestação você pegava tinha o evento era a cara do Anonymus... inclusive era as pessoas com a cara do Gay Fox pedindo protesto pacífico que eu não entendi essa/ esse paradoxo... gente com a cara do/ do/ dele pedindo evento pacífico... e:::/ é:: tinha lá a/ a descrição era "vamo protestar por saúde segurança ABAIXO Brasil corrupção vamo acabar... impeachment de Dilma... num sei o que" e você vê que aquilo num tinha sens/ num tinha senso... então eu fiquei em casa torcendo pra não dar besteira de ocorrer golpe midiádico/ midiático ou golpe mesmo de oposição contra o governo... e fiquei em casa esperando e o bom foi que num aconteceu o que eu (menos) esperava/ o que eu esperava que foi esse golpe midiático ( )

( )

A2 – E no fim surtiu a proposta do/ do::/ do::/ da reforma política

( )

A2 – Inclusive a Dilma apareceu na televisão... num sabia o que fazer a coitada... com aquela massa de gente protestando por nada e:: ela apareceu e o povo ainda criticou a/ o discurso dela dizendo que ela num prometeu nada mas ela/ queria que ela fizesse o que gente? "amanhã vou apertar aqui um botão e a gente vai virar o país de primeiro mundo que todo mundo quer"... num é assim que funciona

M – Anham... e aí só pra fechar é:: eu gostaria de saber/ a gent/ nós gostaríamos de saber a opinião de vocês sobre essa/ essa::/ é/ a/ a::/ o ativismo virtual versus o ativismo físico real né? que seria no/ com relação aos movimentos sociais a participação física nos movi/ nos manifestos de ir lá nas ruas versus a:: virtual lá no *Facebook* e tal... você/ você que ficou em casa como foi? Quem foi né? o que é que vocês pensam sobre isso?

A4 – Muita gente acha que basta cê curtir lá onde você tá (dá pra resolver o problema)

[

A2 – Doar cinco centavos

A4 – ( ) E o pior e num é por que a pessoa faz isso sabendo que num tá fazendo... as vezes a pessoa acha que realmente tá ajudando por que essa é a ideia que é difundida por/ por muitos a:::... por muitas fontes de informação

A2 – O/ o/ a falta como você disse de tempo é uma das coisas principais por exemplo eu gosto muito de:: espalhar assim notícia espalhar opinião eu espalho mesmo pelo *Facebook* num tem ( )... ((risos))... e:::/ mas assim ATIVISMO físico é muito difícil pra mim por:: ter/ ser do IF ter um horário quase integral ter vinte e uma matérias pra pagar então fica difícil ativismo físico atualmente... mas por exemplo eu conheço o Kizomba que é um do/ um dos movimentos que eu conheço (achei) que cê é participante

[

A5 – Por que cê apontou pra mim? ((risos))

A2 – Você é (simpatizante) eu já vi você lá... é::: tem o Kizomba tem o movimento do DCE tem na UFRN mas não é possível não é viável pra mim um ativismo físico por que pelo menos espalhar opinião no *Facebook* é mais fácil do que::/ pra mim do que participar do movi/ do movimento físico

O – Você acha que é:: não ir aos ( ) tem a ver ( ) interesse? Tipo quando você tem interesse você um (se adapta) ( )

A2 – Tem tem interesse... por exemplo numa manifestação que teve aqui a do::/ que tão querendo aumentar e tão fazendo uma manifestação já pra não aumentar mas eu tinha prova no dia e inclusive final de bimestre agora tá ( ) eu tenho vinte matérias num tem como escapar dos horários e num dá pra::/ eu tenho interesse em ir mas eu vou ficar com zero na matéria? Num dá

A3 – É tem muita/ tem muita coisa assim por exemplo o que te afeta por exemplo:: sei lá... vai ter uma manifestação dos motoristas dos ônibus eles vão parar de rodar... aí eles pararam de rodar eles... atrapalham o seu dia a dia de certa forma e:: você não se/ você não se identifica com aquela ( ) se eles chegassem e disessem "não! Vai todo mundo passar de graça mas quem puder ficar lá no Midway a gente vai fazer uma zuada lá" e pô você tipo não:: eu ajudo tal por que é aquela coisa você... me move de X a Y todo dia tá ligado você recebe pra isso mas tipo você poderia:: facilitar a vida de todo mundo e fazer tipo "deixa eu passar de graça aí o cara ( ) vai fazer o que? Descontar quarenta mil que esse ônibus cobrou do teu salário de mil?" ele num tem como ele num pode fazer isso

A2 – Exato! E eu nem me incomodo muito quando tem paralisação de ônibus por que pelo menos num tem aula

((risos))

A2 – Ajuda... me ajuda e ajuda eles também

((risos))

A3 – É aquela coisa... professor quando faz greve... se ele tivesse outra forma de protestar eu acho que a sociedade em si apoiaria a greve do professor... chegaria fala/ faria uma passeata grande um:: movimento grande entrava na câmara dos vereadores todo mundo... seria algo grande daí cê faz uma greve deixa seus alunos sem ( ) em casa teoricamente sem estudar e você quer o apoio da sociedade pr'aquilo?... num tem como cê tem que achar uma forma de prejudicar a quem lhe prejudica e não quem é usuário do seu (sustento)

A2 – Mas eu acho que na questão da greve como ser o único meio dos professores de fazerem voz deles acredito que é válido sim e a população tem que entender que aquela luta não é só por causa que lhe apet/ apetecer ou não tem que ver o social tem que as gerações vão/ vão se beneficiar com aquilo os professores vão ter aquele salário ao longo dos anos num vai ser só pra você

A7 – É por que assim o que eu vejo que também os professores eles não assim ( ) a greve por causa de salário também num é fazer greve por causa da estrutura do... meio ambiente que ele tá convi/ trabalhando que ( ) até os próprios filhos do:: que tão lá... então... assim se:: um dia né? meu filho for estudar numa escola pública e se tiver greve eu apoio com certeza por que eu estudei em colégio é:: em colégio público e sabia a situação que o professor passava dentro do colégio... as vezes no/ o:: a gente tinha aula de uma da tarde até cinco e meia sem ventilador... professor falando é::: rouco nas alturas a gente deixava as portas abertas fazia o maior silêncio pra poder escutar o professor e com aquele calor ninguém agüentava... então eu via o professor ganhando oitocentos novecentos reais e passando por aquele sofrimento TODO DIA

A4 – Eu acho que quem tá sendo é:: prejudicado tem que entender um pouquinho o que é por um período tempo delimitado que provavelmente vai trazer mudança que vai durar por muito mais tempo

[

A7 – É:: ( )

A4 – ( )

A6 – É por que ela tem que ser... greve como Arnóbio falou na/ nessas últimas reuniões que teve quando o Sinasefe queria fazer greve... greve não é o prime/ a primeira coisa que você faz "quero melhorar o salário" greve!... tem as coisas que vem antes mas se chega ao ponto de precisar fazer uma greve... tem que ver se a greve é realmente necessária... tem que ver a situação em que essa greve tá inserida por exemplo no atraso que a gente tem na/ no nosso é:: ano letivo... e tem que ver se essa greve ela tá realmente com ideais legais... por que a última essa última greve que queria que o IF (crescesse) ( ) meu professor de matemática chegou dizendo na sala que queria greve sabe por que? Por que ele tem bacharelado só bacharelado... professor de matemática ( )... ele ganha bastante ( ) ele disse lá na sala que ganha quatro mil se a gente for no portal da transparênca tenho certeza que ele ganha muito mais... aí ele disse que queria essa greve sabe por que?... ele disse que queria greve por que precisava de greve/ do aumento pra poder comprar a nova Hilux dele

[

A2 – O que?

( )

A6 – Pra comprar roupa (Brooksfield) pros filhos

[

A8 – Arimateia

A6 – E pra viajar pra Europa com a mulher nas férias

[

A2 – Ele num tava sendo irônico não?

A6 – Não... ele falou isso sério... a gente parou e fez "( ) férias? Professor se o senhor que um salário maior por que o senhor num fez um doutorado? Num é PhD? Se fosse PhD o senhor ia ganhar mil vezes mais do que isso" ele fez "sabe por que? Por que eu não quero perder o meu tempo livre... eu quero chegar em casa e assistir futebol"

A3 – Do jeito que cê fala parece que ele falou de forma irônica por que

( )

((risos))

A6 – ( ) Por que não consegui acreditar/ eu não consegui acreditar... ele falou dois horários e ele ficou defendendo que queria greve que greve era certo por que ele queria comprar roupa da Hollister pros filhos

((risos))

A6 – EU NÃO CONSEGUI ACREDITAR... eu não consegui eu levantei eu parei na frente da sala eu olhei pra ele e saí... eu não consegui ficar na sala por que isso não pode ser verdade... como é que uma pessoa quer greve de um calendário que ficou seis meses atrasado por que quer comprar um carro novo? Um carro de luxo extremamente caro

A2 – Mas num se deve repensar também que:: pra entrar de greve o Estado tem que tirar TODAS e:: apesar do Natal central não ser tão necessário não ser tão assim... não tem tanto problema pra ter uma greve mas talvez algum campus do/ algum/ alguns campis do/ os campi do interior eles precisam dessa greve

A6 – É isso que eu tô dizendo não precisa ser uma coisa geral também é um/ é uma falha (muito grande)... num tô/ eu num sou contra greve

[

A2 – Isso é pra quem

A6 – Eu sou contra esses ideais de greve ridículos

A2 – O que é que um campus sozinho do interior por exemplo o de Caicó... qual a força que esse campus de Caicó tem?... Ou você trabalha ou a gente corta aqui teu/ teu:: salário

[

A6 – Mas (se você for) ver a greve é a única é::/ a única forma que eles tem de conseguir isso?

A2 – Aí entra com o sindicato que tem que ter ( )

[

A6 – Exatamente... por que greve... greve é pra ser na última instancia por que greve é um pedido de socorro...

( )

M – Então gente

((risos))

M – Já que fugimos totalmente do assunto ((risos))

A2 – Verdade

M – E passamos muito da hora... é:: a gente gostaria de agradecer... você quer falar?

O – Eu queria agradecer a vocês todos né? foi muito produtivo... é bom essa diversidade de opiniões né? por que a gente vai se ( ) aí a gente deixa vocês pra fazer um lanche e a gente vai sortear uns brindezinhos com vocês.

( )

Grupo focal 3 – tempo de gravação: 1:36:04

LEGENDA:
Alunos: A*número* Mediador: M Observador: O Todos: T

M – Pode pode... Sim... vocês é:: devem ter lido aqui na autorização ou não num sei... é:: a/ a pesquisa de Romana é sobre o/ o::/ as motivações né? da participação do jovem estudante em movimentos sociais em é/ é:: de forma virtual ou não né? o que motiva vocês a participar de/ de:: é:: movimentos manifestos ou a participar de coisas sociais coletivas

O – É:: discutir/ discutir as temáticas do interesse coletivo principalmente na escola né?

M – Isso. E a gente separou né? em grandes tópicos e vamo/ a gen/ vamos perguntar a vocês sobre participação democrática... protagonismo juvenil na escola... cidadania e voluntariado... comunicação e redes sociais... e manifestações sociais... e aí o que vocês po/ podem dizer sobre isso né? vamos começar com participação democrática... o que vocês entendem por participação democrática? O que vocês acham que é? assim pode ser só em uma palavrinha ou... né? como vocês poderiam descrever no senso comum de vocês o que seria participação democrática?

A1 – Na verdade eu nunca parei pra pensar numa definição.

A2 – Você tá falando participação democrática em quê?

M – Não. Participação né? você é só você pensar participação democracia... isso o que seria uma participação democrática?

A3 – É que qualquer um pode participar... a democracia acho que existe pra isso pra que cada um possa participar daquilo que realmente almeja daquilo que deseja... daquilo que::/ que realmente você acredita naquele ideal... participação democrática pra mim é isso. Quando eu acredito naquilo eu::/ eu vou.

M – Vocês.

A4 – Eu acredito na mesma coisa... eu pensei aqui na escola quando você falou de participação democrática.

M – Sim pode falar também daqui da escola.

A4 – É eu pensei na escola tipo o estudante ele tem o direito aqui na escola de ir atrás de participar também das coisas que ele quer... mesmo que a gente esteja sem grêmio agora tem alguns estudantes se articulando e é bem aberto... acho que qualquer um pode ingressar (se quiser)

A3 – E é como se diz a união faz a força né? quanto mais melhor.

M – Sim. Alguém tem mais alguma coisa a dizer sobre? E aí é:: onde vocês com/ em quê vocês consideram importante a participação? É:: no/ na área política cultural educação saúde...

A1 – Acho que todos os aspectos... todos os aspectos.

A4 – Por que tudo precisa da opinião de cada um... tipo se só um grupo que tem a mesma opinião resolver fazer uma coisa tudo vai ficar muito fechado... então se tiver uma participação realmente democrática onde todos possam opinar e lançar ideias aí as coisas vao ficar mais diversificadas de uma forma que atendam a todos.

A1 – ( ) Melhorias... pessoas tem determinadas ideias que outras não tem.

A2 – Eu num sei... eu acho isso meio complicado já esse negocio de participação democrática... eu num sei de todo mundo assim... todo mundo ter voz é bom mas eu num sei se a opinião de todo mundo valer é uma coisa boa não...

A5 – Eu acho que

A2 - Nem todo mundo tá preparado mas nem todo mundo vai tá preparado.

A3 – Isso serve até com a política.

A2 – É::: nem todo mundo tá preparado.

A3 – A política de quatro em quatro anos a gente num pode votar num candidato aí é:: num analisa aquilo tudinho aí quando tá no meio do governo ou então já no início já começam a detonar detonar detonar aí

[

A2 - Talvez se o... Ai desculpa!

A3 – Aí diz “Ai! Meu Deus olhe quem eu votei!”... talvez nem se lembra em quem votou lá.

A5 – Talvez se o voto não fosse obrigatório. As coisas iam ser diferentes... por que nem todo mundo eu acho que se sente apto a participar e é isso que o povo faz... não participa.

A1 – (Se abstém muitas vezes) ( ) Opinião.

M – Sim. E aí quais são as formas que vocês acham que pode... que o jovem principalmente na escola e fora dela pode participar? quais são os meios de participação livre e criativa?

A2 – Na escola por meio de intervenções tipo... intervenções em lugares... no sentido de tipo você ver alguma coisa que tá errada e você tentar intervir nisso com um grupo... tentar mobilizar um grupo de amigos ou a sala e tentar mudar... na... como eu vivo imersa nessa escola e aí eu praticamente não faço mais nada além dessa escola... eu não sei como é a participação fora dela mas eu imagino que seja a mesma coisa só que mais complicado.

( )

A2 – Você tem que ganhar::/ você tem que ganhar:: notoriedade pra um grupo bem maior de pessoas e você pegar pessoas dispostas a se expor pra uma cidade por exemplo participação cívica é muito mais difícil do que você pegar uns amigos e lutar

por alguma coisa na escola. E aqui na escola a gente sabe quem são os nossos lideres mais próximos né? a gente sabe a quem recorrer no::/ em:: macro escala a gente não sabe... a gente não tem noção a gente não conhece os nossos lideres.

A5 – E os cuidados são bem mais efetivos por que a gente vai ser ouvido se se mobilizar aqui.

A2 – Mas lá fora não.

A5 – É.

A3 – Já no meu campus já é totalmente diferente por que:: por não existir é:: o ensino médio ainda lá né? ensino médio num tem... dificilmente/ o turno da manhã não funciona lá só funciona expediente administrativo então essas coisas de grêmio é:: como é que chama? Centro acadêmico de tal curso assim e tal já é uma coisa BEM... já é uma coisa bem mais difícil também por se tratar de um campus que só tem curso é:: superior né? e a noite aí é:: muitas vezes as pessoas deixam de participar por que já tem tarefas diárias assim no dia a dia trabalhando o dia todo quando vai pra universidade num tem/ eu mesmo sou um dos... eu trabalho o dia todo hoje é que eu tô com o dia livre assim pra vir pra cá né? por isso que ( ) às duas horas mas eu mesmo/ eu deixo muito de participar das/ eu gosto eu sei que eu tenho o espírito de liderança... dentro de minha sala mesmo sem eu ser o líder da turma que tem né? aqui essa história de líder de turma né? em cada turma? Eu sei que eu/ eu resolvo muita coisa sem ser o líder de turma mas assim eu não me doo mais por que eu num tenho tempo... mas que assim eu gosto/ eu gosto de lutar por aquilo que eu a/ que eu acredito mas é:: no meu campus ele é assim é:: eu noto muito individualismo sabe? Vários interesses que quando ( ) ninguém se junta pra/ pra/ pra defender uma coisa... reclama reclama reclama mas num faz nada sabe? Eu... eu vi muito isso fortemente na época das eleições pra diretor de campus... eu vi que muita gente se uniu é:: parecia/ era uma guerra/ era uma guerra... tinha du/ dois candidatos era uma guerra do lado um pessoal que detonava o outro do outro detonava e assim por diante e assim sei que escolheram um candidato pra ser diretor e que::/ então ( ) todo mundo insatisfeito por que escolheu esse/ por que num escutou o outro por que ( ) Ai! É tanta questão que a gente vai/ depois vai ver assim... por isso que eu num participo mais por essa questão de não ter tempo de me dedicar mas que eu gosto eu gosto.

A1 – Também tem a questão de que tipo a::/ pra você conseguir mobilizar as pessoas/ as pessoas a sua volta é uma coisa muito difícil pra poder conseguir então isso acaba fazendo muitas pessoas desistirem de tentar fazer alguma coisa pra mudar.

A2 – Mas assim eu acho que tipo se você tem uma partícula já que incentiva já contagia o resto sabe? Por exemplo um exemplo bem besta mas que eu acho que é válido... eu nunca me interessei por organização dos jogos internos NUNCA... eu nunca achei que fosse algo do meu interesse aí eu conheci uma menina fiquei amiga de uma menina que SEMPRE trabalhou organizando os jogos internos e ela me incentivou e agora eu realmente me sinto com vontade de ajudar é:: de trabalhar ajudando a gente a fazer o desfile... Nalu também mas Nalu já era empolgada...

((risos)) eu não era empolgada... eu realmente não era mas aí essa garota começou a falar comigo e eu vi que era uma reunião de é:: uma reunião da nossa diretoria que a gente se reúne pra fazer o desfile que era uma coisa bacana de se fazer sabe? Então eu acho que a gente não pode desanimar (com alguém).

A1 – Não. Eu também acho mas acaba que acontecendo... querendo ou não.

A3 – E:: por né? como eu tava falando... por não ter essa/ essa movimentação assim dos estudantes eu acredito que as coisas não acontecem mais lá assim por causa disso. Por essa:: como é que se chama? Por essa passividade da gente sabe? Então tudo a gente diz amém lá... tudo é:: ( ) se a gente achar que tá errado a gente num corre atrás por essa questão que eu falei de não ter tempo mesmo... que não ter tempo de correr de ler bem direitinho de se informar daquilo que tá acontecendo... eu acho que acredito que essa é um defeito nosso ser tão passivo assim nessa/ nessa::...

M – É bom é:: ter pr'esse próximo tópico ter pessoas de diferentes campus por que aí vocês podem dizer é:: a opinião de vocês tanto vocês aqui nesse/ no Central quanto ele no da Cidade Alta como seria a questão do protagonismo jovem em cada campus né? de vocês... o que vocês entendem por isso e como vocês veem a diferença do jovem que era coadjuvante né? o estudante jovem que era coadjuvante ou é ainda e aí passa a ser protagonista em::/ quando participa de alguma coisa?

A3 – É:: isso aí os meninos que podem falar melhor por que aqui é mais... aqui tem grêmio aqui tem tudo e no::... nós num temos esse protagonismo todo lá no meu não.

((risos))

M – Vocês que são daqui vocês acham que o

[

A3 – ( ) Artistas de terceira linha lá

M – Os alunos tem voz? Tem... podem participar como protagonista aqui?

A4 – Eu acho que tem sim... é que tá meio desorganizado por que a gente tá sem grêmio mas sempre que tinha reuniões a respeito de greve que poderia acontecer aqui os alunos se mobilizavam muito é:: faziam reuniões nas roscas num horários que tipo todo mundo estaria meio dia... aí levava caixa de som microfone e daí todo mundo podia falar é:: todo mundo podia expor sua opinião ali naquele momento... e tipo eu acho então que a gente tem é::: uma participação assim grande até nas coisas por mais que as vezes o nosso/ não exista assim o voto da gente realmente efetivo em algumas coisas que a gente possa mudar... mas que a gente acabe incentivando e mostrando nosso lado pra quem vai votar e quem pode realmente mudar acaba sendo incentivado as vezes é:: através daquilo que a gente pensa daquilo que a gente mostre pra eles o momento... tinham professores as vezes que acompanhavam e eu acho interessante isso acho que aqui a gente tem.

A3 – Acho que lá onde eu estudo as coisas não são levadas muito a sério não... é::: por que a gente já/ eu já vi a gente já tentaram várias vezes o pessoal/ já que não tem

grêmio os CAs são muito importantes né? os Centro Acadêmicos é:: de curso né? e eu vejo que nunca é efetivado... acho que assim acho que falta um apoio da parte administrativa do próprio campus pra poder as coisas fluírem melhor né? Eu a/ eu vejo muito por essa forma assim as meninas as vezes dizem até que eu sou crítico demais mas não é por que por mais que eu num teja dentro assim como ela diz imerso ao campus assim mas eu/ eu acredi/ eu ve/ eu/ eu vejo de fora e eu consigo enxergar esse tipo de::... de desprezo.

M – Vocês que não falaram... E a relação entre professor aluno e a gestão da escola vocês acham que que o aluno ou estudante aqui tem/ po/ pode participar? tem essa liberdade com relação a hierarquia e a liberdade do estudante?

A6 – Eu acho

A3 – Como é? a relação professor e aluno?

M – Sim. A relação que você tem professor-aluno-gestão... o aluno acaba sendo coadjuvante? Ele é:: tem vez tem voz? Ele pode participar ou ele acaba sendo é/ é::/ acaba sendo desmotivado pela/ pela hierarquia ( )?

A3 – Quando a gente/ quando a gente (comunga) com o professor ainda vai por que a gente tá na terceira linha como eu digo vem a direção aí vem os professores... direção que eu digo o povo ali da administração da instituição aí vem os professores e a gente é o terceiro desse patamar aí... quando a gente/ quando um professor quando a gente acredita na mesma ideia do professor até que vai mas quando a gente é contrário a ele aí o negócio num funciona não.

A4 – É::

A1 – Fica mais complicado.

M – Aqui também é assim?

A4 – Eu acho assim a gente sempre vai ter professores assim MUITO bons não importa o lugar sempre vai ter aqueles muito bons... mas tipo tem uns que não levam é:: num é que não leve a coisa muito a sério é que já tá naquele lugar num tem ninguém ali que possa tirar ele e então ele relaxa no trabalho.

A1 – É e ( ) fica se achando superior a/ a todos.

A4 – Exatamente. Aí o que acontece? A:::/ aqui a gente tem professores que num tem do que reclamar deles mas ao mesmo tempo sempre tem aqueles que::: relaxam no trabalho e que:: os alunos tentam fazer alguma coisa tem tur/ tem turmas que se conformam e tem aquelas que não vão se conformar com a situação... se não tá achando legal a aula vão correr atrás disso... eu acho que aqui a gente tem oportunidade de::/de:: mostrar isso

[

A3 – Acho também... aí quando vê assim “o protagonismo juvenil na escola” aí o aluno já as vezes... tem muitas vezes... vê que a/ a coisa não tá fluindo com o professor mas as vezes tem/ tem::/ tem medo de/ de/ de chegar à coordenação ou

então à direção e dizer “olhe! Tal professor num tá atendendo a expectativa da gente... a gente tá vendo”... isso acontece muito com a gente lá... num tá atendendo a expectativa tal tal tal... num tá cumprindo o programa da disciplina disso... por que o aluno também tem que procurar isso e as vezes a gente tem medo de ser perseguido.

A4 – É.

A3 – O aluno tem medo de ser perseguido pelo professor.

A1 – É verdade.

A3 – Por que tem professor que persegue que eu sei.

A4 – Exatamente. A gente tinha ano passado até um professor que/ que::

A2 – Muito ruim.

A4 – Que não tava/ e era uma matéria extremamente importante na/ é:: na nossa parte técnica e que não tava atendendo de forma alguma... ele passou o ano inteiro praticamente falando mas aí teve um momento que a gente pegou e “não. Chega!”... a gente uma vez fez uma reunião pra falar só que uma parte da turma desistiu exatamente por medo... mas depois a gente viu que não tinha por que ter medo... por que o professor

[

A2 – ( ) Prejudicado de qualquer jeito.

A4 – Exatamente. A gente já saiu prejudicado de qualquer maneira... se o professor inventar de perseguir a gente mas que estaria errado era quem? Era ele.

A3 – As vezes a gente tenta comunicar a ele mesmo né? mas ele as vezes num tem/ num dá muita abertura num é?

A4 – Exatamente.

A3 – Por que pra gente chegar na instancia de direção já é::/ é por que o negócio ( )

A1 – Tipo acho que você ainda demorou muito por que a nossa turma em um mês a gente teve todo mundo já tava tipo se mobilizando pra tirar o professor da nossa turma... por que o professor só foi em duas aulas... ele tinha aula acho que era uma vez por semana... ele só foi em duas aulas e tipo... é/ é:: eu sou da turma de Controle Ambiental... aí ele chegou assim/ ele era professor de Noções de Geologia... ele chegou no primeiro dia de aula e chegou assim e disse “Eu não gosto de dar aula pra turma de Controle. Eu sou/ eu estudei e eu tô aqui pra dar aula pra turma de Mineração e pra turma de Geologia. Pra turma de Controle essa não deveria ser minha função.”

A4 – Então desanima a gente mas a gente vê que tem assim uma participação do aluno que pode chegar na diretoria e falar por que eles vão procurar resolver.

A2 – Mas eu acho que

[

A4 – Claro que a gente tem que procurar primeiro falar com o professor.

A2 – Eu acho que é complicado também.

A4 – É complicado.

A2 – Eu acho que o que ele falou tá certo que quando o professor tem o interesse parecido com o seu vai fácil fácil fácil... agora tipo um interesse que ( ) do professor eu num

[

A7 - Aí complica.

A2 – Eu num vi um caso que desse certo aqui no IF... eu não lembro de um caso... eles tinham... acho que o povo de Controle tinha problema com um professor sei lá o quê Maia.

A1 – É... É esse de Geologia.

A2 – E não tiraram né?

A1 – Nós/ pelo menos a minha turma a gente conseguiu tirar ele.

A2 – Conseguiu tirar ele?

A1 – Tiramos acho que foi depois de um mês e meio a gente conseguiu tirar.

A2 – Primeiro caso que eu escuto isso por que eu já escuto gente reclamando a muito tempo desse cara... enfim é muito difícil... a gente não conseguiu tirar o professor de Mecânica dos Solos e:: a gente ficou o ano TODO tentando.

A5 – Foi.

A4 – Não! Mas assim... a gente não conseguiu pra nossa turma mas hoje ele já num dá aula de Mecânica dos Solos pras outras.

A5 – Ele num dá mas

[

A2 – E também tinha um professor de português.

A4 – Pra::/ pra turma do segunda ano que entrou agora... então por mais que a gente não conseguiu é:: nos beneficiar mas pelo menos tiramos o professorzinho é::: que poderia dar aula pro::/ pros outros que viriam depois.

A1 – O que vai ter é um/ acho que todo final de ano parece que tem um questionário que é feito online pra você dizer o que você tá achando do curso... um negócio assim... e tipo inclusive a/ a:: acho que não foi só eu que coloquei lá pra esse professor não dar mais aula pra turma de Controle Ambiental... tipo por que as outras turmas tipo meio que veneram ele... tipo ele é um ÓTIMO professor pra/ pra:: as outras ma/ os outros cursos... mas pra Controle em si ele não dá a MÍNIMA ( )

[

A3 - É a avaliação institucional que a gente a/ é a única forma que a gente tem de/ de::/ de expor nossas opiniões mas eu vejo nunca/ nunca foi apresentado resultado pra mim... então eu num sei se isso tá resolvendo.

M – Sim. E aí é/ é:: com relação a construção do planejamento de aula né? e administração pedagógica vocês tem::/ vocês podem participar? vocês tem essa::... ou vocês se sentem motivados de alguma forma? Vocês gostariam...

A2 – Num tem participação não.

A5 – Num tem participação não.

A3 – No nível superior assim ele leva né? a ementa da disciplina e/ e/ e::/ mas sempre pergunta a gente o que é que a gente quer mudar como::/ tá isso aí a::/ isso aí eu vou dizer que a gente tem pelo menos tem essa facilidade com professor... por que por exemplo eu já/ eu/ como meu curso é da área de humanas assim é muito difícil a gente ter prova prova prova prova né? aí é::/ e as avaliações são fe/ ou feitas de forma contínua né? ou então essa questão de seminário num sei o quê lá... essas coisas assim mas a gente sempre tem essa abertura o professor sempre deixa assim essa parte assim "vocês concordam com isso tal e tal"... claro que o conteúdo continua o mesmo mas assim a forma de avaliação a forma de::/ de coisa assim é/ é:: eu acredito dá certo.

A1 – Na minha

[

M – Vocês no ensino médio.

A1 – Na minha turma tem isso também alguns professores/ não são todos claro... mas eu acho al/ alguns professores eles colocam tipo fazem todo planejamento que eles precisam fazer aí eles perguntam sobre forma de avaliação sobre determinadas aulas no período inverso tipo eles tão sempre tentando conversar pra encontrar um acordo com a gente... tá sempre tentando ajustar a/ a::

( )

M – Vocês gostariam de poder participar de::/ dessa construção?

A5 – Eu gostaria. As vezes eu acho o método de ensino e de avaliação... de ensino até que não mas de avaliação as vezes eu acho meio falido sim.

A1 – Unhum... é falho.

A2 – Os professores de matéria técnica eu acho o método de ensino também bem ruim.

A4 – Na realidade é por que assim... a matéria técnica eles não são exatamente professores... eles são profissionais da área que inventaram/ que tão ali dando aula entendeu? Mas eles são só profissionais da aula não são

[

A2 – Da área

A4 – É:::

M – Da aula.

((Risos))

M – Vá.

A4 – Da área. Eles não são professores de certamente... então eles não estudaram pra isso.

( )

A2 – A aula pode ser bem confusa.

A4 – Eles falam de uma forma muito::/ ou muito técnica que você fica:: ( ) exatamente ou muito OBRA no nosso caso que a gente é de edificações.

A2 – A gente tem um professor de Elétrica que valha... eu não...

[

A4 – É pedreirão sabe? Pedreirão mesmo. Então a gente fica meio assim aí acho que o método de ensino no ensino médio até que tá legal agora nas matérias técnicas tá meio ruinzinho... agora método de avaliação a gente não tem muita influencia não é daquele jeito e vai ser sempre daquele jeito.

A3 – Que é outra área... é totalmente diferente.

A1 – Tipo a/ com relação ao pessoal de Controle tipo no início/ no/ nos primeiros anos que eu já tô no terceiro... primeiro e no segundo ano nós tínhamos pro/ professores que realmente não eram nada legais e tal tipo a::/ só que agora no/ no terceiro todos os professores de matéria técnica tipo ensinam super bem então é::/ sabe explicar muito bem o assunto... acaba motivando o aluno a/ a:: se interessar por aquela área que ele tá ensinando... acho que depende muito do professor em questão.

A4 – Exatamente.

A1 – Não dá pra generalizar tipo todas as matérias técnicas não/ não tão sabendo administrar as aulas.

A4 – EXATAMENTE. Mas é::/ é que assim/ como a gente vê o único professor/ a gente só teve um professor realmente de matéria técnica que realmente motivava a gente foi ano passado. Aí:: ele ensinava bem... tudo a gente tinha assim... ele não falava de uma forma nem extremamente técnica nem extremamente é::

[

A1 – Popular

A4 – Obra. Exatamente popular... mas de uma forma que todo mundo entendia e que realmente aprendia agora o que tá faltando é professores nesse estilo. Que tá dificilzinho.

A1 – É por que eu não sei se eles tem algum/ algum ensino alguma coisa relacionada a pedagogia por que tipo se você tá::/ por exemplo você vai fazer um curso de licenciatura em geografia por exemplo tipo você tem as matérias normais do curso de geografia no bacharelado por exemplo mas você também paga algumas matérias especificas pra pedagogia pra dar aula... eu acho que é:: esses professores eles não tem esse treinamento.

A4 – Exatamente. Então fica difícil.

M – Sim. E com relação a::/ a cidadania e voluntariado né? vocês tanto aqui na/ na instituição quanto vocês mesmos enquanto jovens o que tem a dizer com relação a cidadania né? a preocupação com o outro solidariedade ética o envolvimento com os problemas sociais... vocês/ o que motiva vocês a::/ a participar disso ou a não participar né?

A2 – Eu acho que falta muita cidadania aqui em Natal. É uma coisa que eu raramente vejo.

M – Por parte dos jovens?

A2 – Não. Por parte da população em geral. Eu não vejo muita cidadania... eu não vejo as pessoas se importando muito com os outros cidadãos.

A3 – É por que cidadania devia fazer parte do currículo acadêmico... do currículo escolar. E num tem essa disciplina que era pra ter.

A2 – É/ é bem:: né? o povo chama de má educação mas eu acho que tem diferença sabe?

A3 – Também a cidadania ela começa dentro de casa também.

A2 – É. Se você dá o braço pra passar numa faixa de pedestre ninguém para. Você tá andando na rua você vê o povo jogando lixo no chão. Você tá num ônibus as pessoas te empurram. É uma violência que a pessoa sofre todo dia. Você fica sem vontade de fazer algo bom pelas pessoas por que você todo dia sofre violência das pessoas aí você pensa “eu vou fazer coisa boa por essas pessoas por que?” sabe? É uma coisa bem assim. Meio deprimente.

( )

A1 – Tipo é mais individualismo que meio que reina que as pessoas só/ muitas vezes só se mobilizam quando aquilo começa a atingir ela.

A2 – É.

A4 – Mas ultimamente eu vi umas campanhas legais aqui no IF. É::: doação de casacos e assim num é uma coisa muito...

[

A1 – Necessária

A4 – Muito grande mas que eu achei interessante. Tinha umas caixinhas ali no bloco onde a gente tem aula é::: pra doar casaco doar roupa de frio lençol... aí essa semana

eu vi é:: pra doar produto de limpeza pr'um asilo. Eu acho interessante por que é uma coisa assim é::: produto de limpeza é uma coisa barata e que de/ de alguma forma a gente vai tá ajudando e::: fazendo alguma coisa boa na/ no/ no nosso próprio ambiente sem precisar é::: de um esforço maior de é:: separar um tempo pr'aquilo.

A7 – São as pequenas ações que ajuda né?

A4 – Exatamente.

A5 – Eu acho também que esse tipo de coisa são exceções bem do IF mesmo tipo lá fora a gente não vê muito. As pessoas daqui provavelmente nas escolas anteriores nunca (que ia) acontecer uma coisa dessas. É:: são/ é uma exceção tipo acho que lá fora num é assim.

A1 – Muito difícil encontrar e/ a/ essas atitudes assim.

A5 – É.

M – Ãnhan. E::/ e:: o que motiva vocês a/ se vocês participam ou não. O que motiva vocês a participar?

A3 – Como a gente tava dizendo tem que acreditar. Quando se acredita motiva.

A1 – É. É verdade.

A4 – Exatamente.

A7 – Se o pessoal tá tentando mobilizar as pessoas pra fazer alguma coisa e eu acredito que aquilo não vá funcionar ou que aquilo não vá dar certo então pra mim não adianta eu tá ajudando lá se na minha mentalidade aquilo não vai dar certo entendeu?

A3 – É então também/ já que você não acredita mas tem outras pessoas que acreditam então você tem que ficar::... deixar os que acreditam pra ajudar não tentar influenciar essas pessoas...

A1 – É. Mudar. Concordo.

M – Sim. E quais são as temáticas que vocês consideram que envolvem cidadania e voluntariado?

A3 – Doação de sangue. Acho que é::... acredito que é.

M – O que mais? O que vocês...

A3 – Essa forma é:: de ajudar os desabrigados né? das chuvas né? que eles falaram aí.

M – Sim.

A1 – ( ) por que é difícil vir na cabe/ na memória.

A6 – Eu acho assim. Que:: é:: até mesmo políticas de trabalho é::: já começa ajudando. Se você numa empresa ou sei lá na escola mesmo já que a gente tá aqui começa com a política de::/ de que não só o individualismo mas:: tem/ tem momentos

que a gente precisa sempre fazer uma coisa em conjunto e procurar ajudar aqueles que precisam mais é:: que realmente precisam mais de ajuda.

A5 – Isso trabalha a cidadania...

A6 – Exatamente eu acho que já começa daí do ambiente/ se a gente tá convivendo em sociedade por que não tentar entender o outro também pra realmente ser assim uma coisa BEM social de verdade? Aí eu acho que eu/ acho que a partir do momento que a gente entende a necessidade do outro aí começa a abrir pra um espaço maior não só do/ daquele que é seu amigo mas de outra pessoa que tá precisando.

A2 – Mas é que tipo essa coisa de você ter os (princípios) de entender a cidadania tem a ver com o que ele falou de tipo por que não adianta a gente chegar (muitas vezes a gente) já velho e querer que ele/ que as pessoas entendam esse princípio tipo tem que ser desde pequeno. Depois de grande muita gente num muda mais não.

A1 – Aí tipo a gente discute muito isso principalmente nas aulas de::/ de/ de... não é uma aula/ é uma matéria técnica não tô lembrando agora o nome da matéria... ãh::/ por que tipo nós estamos estudando a::/ administração de:: Sistema de Empresas Pública é a matéria... estamos estudando é:: a questão de/ de:: administração de resíduos sólidos aí a::... esqueci o que eu ia dizer.

((risos))

A1 – O que era que você tava falando pra eu lembrar?

M – É:: sobre

( )

A1 – Sim. Exatamente por que tipo muitas atitudes que nós temos por exemplo a/ a pequena desle/ eu vou chamar de desleixo de você ir jogar lixo na rua por que tá habituado a jogar lixo na rua... a::/ tipo se for uma educação desde pequeno é o que meu amigo vive dizendo a matéria de meio ambiente assim como (concordo com você) cidadania deveria ser um/ uma coisa acadêmica desde pequeno/ desde pequenininho você estudar essa matéria por que eu acredito que quando você desde pequeno você já tem/ você já é ensinado digamos assim a ter determinadas atitudes a ter determinados valores você já vai criando uma determinada consciência.

M – Sim. Aí/ agora todo mundo né? que pode falar sobre a questão dos problemas sociais né? o envolvimento do jovem. Vocês acham que os jovens hoje em dia tem/ vocês jovens hoje em dia tem mais é:: interesse/ se motiva mais por participar dos problemas ou dos manifestos mais próximos tipo um buraco que tem na sua rua e aí vocês mobilizam a rua toda pra arrumar aquele buraco ou nos problemas mais grandes né? maiores assim é:: algum problema social ou nacional... vocês acham que:: se sentem mais interessados por qual?

A3 – Não. O jovem/ o jovem num faz isso não. O jovem é muito individualista e luta pelos interesses próprios. É muito difícil ele se mobilizar pra isso.

A8 – É. Algo que atinge diretamente geralmente é o que mais mobiliza as pessoas principalmente os jovens.

A4 – É:: uma coisa que eu achei interessante é que::

[

A3 – Se não estiver interferindo na sua vida deixa pra lá. O jovem é desse jeito.

A4 – É muito assim a maioria é a gente também num pode generalizar mas a maioria é. Num teve aqueles protestos ano passado? Olhe só! O principal tema do protesto era "não é pelos vinte centavos" se você for vê isso tá atingindo diretamente a você vinte centavos no seu bolso entendeu? Então aí teve aquela mobilização todo aquele negócio que foi/ saiu daqui de Natal e foi pro Brasil inteiro aí "ah! Os jovens são interessados por isso! Por política por isso e aquilo outro" Mas as vezes num é/ eu sei que tem uns que sim... mas tipo as vezes é só por que tá atingindo realmente diretamente mas outras coisas que eles podem fazer pra melhorar pequenas ações e que não precisa dessa::/ desse aparecimento todo dessa mídia toda as vezes não fazem.

A3 – Viu? Eu/ eu particularmente não participei de/ daqueles protestos cê tá dizendo aí ser dos vinte centavos mas:: eu/ eu vi pela televisão assim eu/ eu primeiro eu perguntei a mim mesmo "o que é que eu vou fazer num protesto desse? O quê? Vou pra rua só pra fazer massa?" Não eu num só por que é pra fazer massa eu tenho que/ que lutar por um ideal que/ que todo mundo/ é:: por que assim é como eu tava dizendo a união faz a força e eu vi que era gente com cartaz que num tinha nada a ver "não a/ a como e o nome? A cura gay! Não a num sei o que lá! Não a num sei o que lá!" a gente num via um/ num tem um foco... tá::/ aí por isso eu disse assim "o que é que eu vou fazer num negócio desse?" se o povo num tá lutando por um negócio só... será que é pelos vinte e cinco centavos? Ou vinte centavos... será que PEC? Que eu cheguei e perguntei tava na esquina assim no ultimo prote/ aquele grandão que teve eu disse "você sabe o que é a PEC?" ela fez "Não. Me deram esse cartaz eu tô aqui com ele."

A8 – Eu acho que muitos problemas desses/ dessas mobilizações eu acho que é a união entre a falta de interesse e a falta de informação correta por que assim acaba desviando muito. Eu sinceramente acho isso.

A9 – Você diz em relação a alguma época ou...

M – Não. É. Agora é no geral né? mais à frente eu vou falar sobre os manifestos de dois mil e treze e também o que ocorreu aqui no IF. Mas aí é só no final da discussão agora é mais amplo é sobre o que motiva o jovem mesmo a participar no geral.

A9 – Meu pai ele fez um/ um:: participou de um documentário sobre a época da ditadura que ele era jovem na época. É::: aí ele disse uma frase que eu acho que explica bem. Ele disse né? "quando eu era jovem a gente não podia nada e queria fazer tudo hoje em dia os jovens podem tudo e ninguém quer fazer nada." Eu acho que essa frase dele explica legal o tempo de hoje em dia por que é exatamente isso.

Antigamente sempre tinha uma motivação grande né? é:: durante a ditadura e até depois... foi uma modificação política né? depois da ditadura mas ainda assim muitos direitos continuaram privando a sociedade ainda tinha muita coisa pela qual lutar. Da década de noventa pra cá aparentemente tava tudo bem né? Constituição de oitenta e oito. Brasil é livre. É:: e tal e num sei o que. Aí de/ aparentemente tava tudo bem as pessoas num tinham uma motivação aparente pra lutar por nada. Tanto é que o movimento social o movimento estudantil ficou praticamente nulo num tinha função num tinha motivação. De dois mil e cinco mais um pouco pra cá que foi que as pessoas começaram a perceber essa inércia mais e começaram a reativar a URNE a UBES as entidades estudantis os movimentos sociais começaram a fazer movimento de base movimento de bairro enfim... de dois mil e cinco pra cá praticamente e::/ e foi aumentando esse movimento tal as pessoas perceberam que tava inércia muito grande na juventude principalmente e::/ e aí culminou com a época em que aparentemente tava todo mundo feliz e satisfeito com a política brasileira todo mundo Lula todo mundo amava Lula oitenta por cento de aprovação e tal. Aí começou a cair a aprovação popular do governo PT. Dilma entrou também caiu bastante a aprovação. E aí a mídia nesse meio tempo que ficou essa inércia a mídia acabou tomando conta da opinião pública de certa forma.

A3 – A mídia como sempre vai influenciar. A mídia sempre/ eles que/ quem eles quiserem tornar rei eles tornam rei. Mas também quem eles quiser botar na sarjeta eles botam também né? a mídia sempre é que

[

A9 – Exatamente. e como ficou esse vácuo a mídia tomou conta na verdade né? os movimentos sociais não tinham voz ninguém tinha voz... a mídia colocou a opinião pública/ de certa forma né? até por que a mídia sempre (bateu um pouco) no PT e ele se manteve por muito tempo por que comprovaram qualidade em algumas áreas outras não mas tinha aprovação popular independente da mídia. Mas depois a mídia conseguiu de certa forma... não tanto pela má qualidade do governo PT mas... governo PT eu digo por que a::/ é o/ é o que mais influencia na opinião pública né? tem o governo estadual tem o municipal e tal mas não tem tanta influencia no geral eu falou de uma forma mais ampla da juventude brasileira. Então como ficou muito tempo sempre que fica muito tempo as pessoas ficam com uma impressão de que precisa renovar. Mesmo quem tá lá renovando de certa forma as pessoas ficam com essa impressão e é um argumento que a mídia entrou forte e aí isso foi em paralelo com a rea/ os movimentos sociais reativando percebendo que tinha que mudar alguma coisa. Quê que a gente vai fazer? Pelo quê que a gente vai lutar? E:: foi isso uma coisa que eu percebi bem clara desde que eu entrei pra algum movimento pra alguma coisa e tipo comecei a fazer alguma coisa de dois mil e onze pra cá. Foi nesses quatro anos/ três anos que eu percebi a modificação nas pautas. Quando eu cheguei era pauta muito:: num sei muito solta assim "quê que é/ qual é a pauta da UBES? Ah! É:: dez por cento do PIB pra educação e num sei o que" assim num tinha muito claro. Num tinha muito debate num tinha muito amadurecido as pautas. E aí::/ aí de lá pra cá foi

um dos acontecimentos muito sérios... o governo Dilma caiu total na qualidade e na aprovação pública... é::: os IFs cresceram e/e:: mas a quali/ a educação básica continuou ruim e isso gerou um contraponto no movimento estudantil que ficou esse debate pela educação de certa forma tá ruim e de certa forma tá ruim e enfim... principalmente pela educação o movimento estudantil deu uma guinada e a mídia entrou em cima e aí ficou esse meio termo que em dois mil e treze foi a eclosão total. As pessoas não sabiam pelo que tavam lutando mas queriam lutar por alguma coisa. E até agora tá assim muita gente em dois mil e treze "ah! Que legal!" Se empolgou e tal e depois num tá nem aí ( ) nada continua/ num buscou se informar num buscou amadurecer as opiniões que adquiriu naquela época e tal e acabou que de certa forma virou modinha ser/ gostar de política e fazer alguma coisa... mas a maioria das pessoas continuam na mesma inércia e ineficiência de sempre. Maioria grande maioria. Hoje em dia se você entra em algum lugar fora da política já é bem comum do que de antes de dois mil e treze por que virou modinha aconteceu alguma coisa relevante... um milhão de pessoas na rua no mesmo dia... polícia batendo em num sei quem e prisão e num sei quê e tal... enfim agora tem motivo pras pessoas falarem de política é modinha. Mas da mesma forma como eles tavam falando é individualista do mesmo jeito ( ) não se modificou... cria a ilusão de que iria ter uma mudança de paradigma os jovens iam realmente se motivar e aconteceu de certa forma quem tava perto se aproximando de algum interesse de movimento estudantil de tal... se aproximou os movimentos cresceram de dois mil e treze pra cá mas no geral continua a maioria das pessoas vivendo ali sem muita eficiência nas ações.

A8 – É. Quando é pra provocar alguma mudança geralmente é o que chega mais perto ( ) atinge diretamente... eu vejo assim. Basicamente tudo que é movido numa causa social é o que ( ) mais perto.

M – Vocês que tão caladinhos aí... tem alguma coisa pra complementar ou a opinião mesmo? Vocês costumam se interessar mais por participar dos problemas aqui da instituição ou é/ é:: alguma coisa nacional que vocês veem assim numa mídia e "Ah! Vou participar disso" mas tá lá um negócio bem perto e vocês (não sentiram desejo)?

A1 – Sinceramente é:: de certa forma é até uma questão egoísta tipo a/ a ( ) problema nenhum e é o que eu tinha falado antes... é:: as pessoas só/ só:: ( ) só se mobilizam mesmo quando aquilo atinge de certa forma você diretamente... tipo... eu acho interessante/ eu gostaria particularmente de/ de participar ma/ mais de determinadas atitudes e tal mas se não tiver uma pessoa que me chame eu não vou lá e me ofereço entendeu?

M – Todo mundo é assim?

A4 – Eu acho que na realidade a gente tenta não ser mas acho que todo mundo no fundo é assim.

M – Ãnham... E quando tem alguém

A5 – É como se naturalmente a gente tivesse uma preguiça assim de ir atrás.

A1 – Isso.

A5 – É tipo assim... tem tanta coisa pr'eu ler... tem tanta coisa pra fazer...

( )

A5 – ( ) vou empurrar com a barriga que alguém vai lá e faz...

A3 – Ninguém sai da zona de conforto/ quer sair da zona de conforto não.

A6 – Exato. Ano passado por exemplo eu não participei desses protestos que tiveram. Eu tava lendo eu tava me informando mas preferia não ir por que eu/ eu até me sentiria um pouco hipócrita por que de certa forma num tava nem por dentro de tudo que tava acontecendo então preferi não ir.

A4 – Mas a realidade

[

A2 – A maioria num tava

A4 – É::

( )

A6 – É:: eu tava/ me sentiria errada indo pra lá

[

A3 – Só pelo movimento de massa mesmo... pela vibe né? "Tô na rua" bota a hashtag no *Facebook* "tô na rua".

A4 – Aí::

A3 – Ou "Vem pra rua" sei lá do "Tô na rua" um negócio assim.

A5 – Muita gente que:: reclamou tanto tava no Arena das Dunas nos dias de jogos... tava sendo voluntário num recebendo nada e reclamaram/ e reclamaram... não... é e ainda exatamente vaiaram Dilma nas duas vezes que ela apareceu... o que é meio ridículo.

A4 – Eu achei muito contraditório/ MUITO contraditório as coisas... movimento contra a copa e depois todo mundo ADORANDO a copa... bora pra copa...

A3 – Movimento contra a copa deveria ter sido no ano que o Brasil foi anunciado copa...

A1 – Exatamente

A3 – Aí depois que os estádios já tavam pronto lindo e maravilhoso aí eu vou/ vou querer derrubar?

( )

A4 – Teve gente que eu conheço

[

A9 – Quando o Brasil soube ninguém tava nem aí pra nada

A3 – É... todo mundo torceu... queria que fosse cidade sede

[

A5 – Foi... todo mundo ficou feliz.

( )

A3 – Eu adorei. Eu adorei a copa do mundo! Eu num vou dizer que eu num adorei por que Natal agora tá/ o MUNDO conhece Natal... então pronto. Eu adorei a copa do mundo... fui voluntário. Adorei a experiência. AMEI! Assisti todos os jogos.

((risos))

A3 – Eu amei. Natal agora é conhecido em TUDO quanto é canto do mundo.

M – Sim. Aí:: certo. Agora vamo... vamo vê assim com relação a comunicação e redes sociais. Vamos falar::/ é vocês vão falar primeiro assim com relação a/ a escola né? aqui no IFRN. Como são... como é feita a relação educação-mídias? Vocês... é::... utilizam recursos? Os professores incentivam vocês a/ a utilizar? Vocês trabalham ou estudam ou alguma coisa do tipo?

A1 – É só o que a gente faz.

A4 – A gente tem uns dez grupos eu acho de trabalho no *Facebook*.

A2 – É a gente usa muito.

[

A1 – Trabalho de português... trabalho de história

[

A4 – *Whatsapp*

A1 – Trabalho de num sei o que lá.

A4 – *Whatsapp* a gente tem grupo da sala... Tem::

[

A2 - Tem grupo com os professores

A4 – Professores na:: *Facebook*... então a gente usa bastante.

A2 – O pior que eu acho é o site do IF.

A4 – É::

( )

A4 – Eu acho que o acadêmico deveria ter um aplicativo pra Android... Eu ainda vou fazer isso. Meu Deus! Seria muito bom se tivesse.

A5 – E eu acho que a gente deveria poder fazer mais coisas com o acadêmico além de olhar só o boletim... acho que

[

A1 - É. Por que eu só uso pra olhar minha nota.

A9 – ( ) Que o SIGAA já tem né?

A3 – O SIGAA é melhor. O SIGAA é bem melhor que

[

A9 – ( ) Android se eu não me engano.

A2 – No SIGAA a galera pode conversar pelo SIGAA né?

A3 – É.

A2 – Eu acho que o IF ia ser bem melhor se o acadêmico fosse assim.

( )

A3 – A gente num tem acesso nenhum ao professor pelo acadêmico.

A4 – Exatamente.

A3 – A gente num pode mandar uma mensagem pro professor assim dizendo "professor... tal"

A4 – A gente não consegue mandar mensagem... a gente depende de pedir pros professores passarem um e-mail pessoal deles... agora e/ eu sou líder da turma da minha sala/ da turma da minha sala ((risos))... aí o que acontece? A gente fica pedindo pra os professores passarem o e-mail mas nem é todos que as vezes querem passar aí cê fica meio assim constrangido e dependendo disso... e se fosse realmente tudo no acadêmico o professor manda uma coisa e você já pudesse responder por ali seria muito melhor... acho que a gente tá atrasado quanto a isso... Mas é:: em redes sociais

[

A9 – A gente não. A escola.

A4 – É::: a escola ( )

A3 – O *Facebook* é ótimo/ o *Facebook* é ÓTIMO até é/ é quando ele torna um vício aí é que ele fica...

A2 – O *Facebook* é ótimo pra isso mas tem uma ( )

A1 – Eu num mexo em *Facebook* se não ( )

A3 – Eu mesmo estou fora ela até mandar o convite eu/ eu tava::... eu tinha aplicativo dele no meu celular né? do *Facebook* aí (de vez em quando) TIN TIN aquele negócio chegando eu disse perai eu vou apagar/ vou apagar o *Facebook* por que senão não sai minha monografia. ((risos)) Mas eu não sou/ eu não sou viciado mas é por que assim você tá no ônibus/ perai você tá no ônibus aí num tem nada o que fazer no ônibus aí você vai olhar né?... aí eu/ eu perco tanto tempo com aquilo aí pronto eu fiz/ eu gosto tanto de mudança radical ((barulho)) apaguei logo tudo e disse "num volto mais não".

M – E quanto a isso? A essa questão de você chegar e/ e:: ah o que é uma coisa que:: num sei vocês que vão me dizer se é uma coisa do jovem ou não de:: uma hora "eu

amo *Facebook*” uma hora “eu amo rede social” na outra hora “eu odeio. Não quero mais!”

[

A2 – Eu acho que e odeio sempre mas eu num consigo me soltar por que é útil pô

[

A1 – É necessário.

A2 – Eu tentei mas você precisa.

[

A1 – Acaba sendo necessário.

A2 – É uma coisa muito útil.

A3 – Aí pronto. Aí depois que eu fui olhar o *Facebook* de outro ângulo aí/ aí/ aí eu começo a sentir falta dele tem momento né? por exemplo quando

A8 – Não. Termine.

A3 – É:: ele se torna pra mim uma ferramenta muito útil quando assim/ principalmente assim noticias que eu quero/ que eu quero saber muitas... as pessoas compartilham ou então a/ algo de interessante assim que tem/ algo de interessante TEM no *Facebook*. Quando você num só usa pra botar foto né? mas assim tem/ tem muita coisa interessante por exemplo hoje eu tava lendo/ é/ é:: geralmente é quando eu tô lendo algum livro alguma coisa assim que eu acho interessante eu tenho vontade de compartilhar aquilo que eu vi/ aquilo que “Ah! Eu li tal livro tal tal” e já é uma forma de indicação por que eu mesmo já peguei filmes livros assim que alguém indicou pelo *Facebook* e/ e eu fui atrás/ corri atrás e li realmente gostei e/ e compartilhei curti tal tal... pronto eu tô lendo um livro agora bacana demais aí/ aí eu queria/ aí eu vi um negócio lá achei tão interessante queria compartilhar aí disse “eita! Mas ( ) meu *Facebook*. Eu num vou voltar só pra botar essa frase!”

((risos))

A3 – Aí pronto fiquei lá aí disse “pronto o conhecimento ele tem que ser compartilhado aí num vai ser agora”

( )

A6 – Eu acho que isso também (barra) a questão de você conversar e pedir indicação pessoalmente.

M – É.

A6 – Por exemplo eu esses meses atrás eu percebi que eu só tô com face por causa do IF por que eu só uso por causa do grupo da sala dos grupos dos professores e dos grupos de trabalho.

A2 – Eu só uso pra jogar (candy crash).

((risos))

A6 – Nem isso mais eu tava usando.

A1 – O meu nunca abre. O meu fica paralisado sete por cento e não abre mais.

A8 – Eu acho assim que o *Facebook* hoje ele meio que isola e une ao mesmo tempo. Então eu num tenho *whatsapp* e o meu grupo da minha/ a minha sala funciona basicamente pelo *whatsapp* aí:: eu tentei ficar afastada do *Facebook* mas aí eu fiquei totalmente desligada de tudo e isso é muito ruim. Me prejudiquei muito por causa disso eu "não. Vou voltar!"... mas assim eu acho que hoje você ficar longe das redes sociais é algo MUITO complicado

A2 – Um suicídio social quase.

A8 – Complicado por que/ até mesmo questão profissional tipo ( ) questão profissional acadêmica é algo que tá muito entrelaçado e é complicado sair.

A2 – A nossa vida social/ é por que a ( ) estudante aí a gente não tem vida tipo estudo separado da minha vida pessoal é tudo assim... ((faz gesto))

A6 – É:: verdade.

A2 – Eu num tenho a opção de desligar... num posso fazer isso. Eu entro no *Facebook* tá lá de solicitação da sala e conversas particulares eu fico...

A3 – Pois é... tô aqui aí meu orientador mandando mensagem pelo *whatsapp* pra mim.

((risos))

M – É::... sim. Diga.

A5 – É. que eu acho que o acadêmico podia ajudar nisso tipo se tiver só um veículo pra coisas da escola ia melhorar bastante.

A8 – Até por que ( ) menos.

( )

A4 – Não. Na realidade acho que (assim) o *Facebook* continuaria mais como uma ferramenta de distração.

A3 – É. O *Facebook* é tão

[

A6 - Mas num deixa de ser um (atraso) né?

A3 – *Facebook* é tão coisado.

( )

A6 – ( ) Da mesma forma que o Orkut (caiu).

A4 – Exatamente. Que o MSN.

( )

A3 – Não mas ele unificou tudo num foi? Skype... numa rede só/ num site só.

A6 – Mas isso é só::/ isso é só de momento o *Facebook* ainda tá no auge mas em algum momento ( ) que

A4 – Exatamente! Mas aí vai cair e vai ter outra

( )

A3 – O *whatsapp* tá mais/ tá mais utilizado do que/ do que

A1 – O Orkut... ou o *Facebook*

[

A3 – Do que o *Facebook*.

M – E com relação a criatividade de autonomia pra::/ do estudante né? vocês acham que a utilização da rede social tornou ou permitiu vocês serem mais criativos ou não? Ou... mas aí falamos com relação a

( )

A3 – Nera o que e tava dizendo? Eu tava dizendo que antigamente

[

( )

A3 – Pode dizer/ pode falar

A6 – Por que assim tem pessoas que usam o face por exemplo tem gente que desenha aí

A1 – Aí posta as imagens

A6 – Posta imagens di/ divulga um trabalho nada tão profissional mas divulga pelo face aí ( ) vão lá divulgam compartilha... tem gente que num...

A5 – De qualquer forma usando ou não o face não utiliza essa ferramenta pra isso então eu acho que depende muito num é...

( )

A3 – Muitas vezes a internet/ a internet impede a criatividade.

A4 – Na realidade é assim é:: eu e Isabela... ela... a gente tem::/ a gente participa d'um grupo de::/ de teatro. Aí a gente tem uma página no *Facebook* que ultimamente tá meio paradinha mas tipo que:: a gente vai usar essa página como ferramenta de exposição das coisas. Então eu acho que assim é:: se você não usar como ele falou só pra postar suas fotos lá é uma ferramenta muito útil pra tudo. Pra você divulgar um trabalho seu... sei lá como no nosso caso divulgar uma peça de/ de... divulgar uma arte... divulgar coisas da escola eventos que vão acontecer por que muita coisa que acontece na própria instituição... movimentos estudantis igual as reuniões que tinham nas roscas é::: a gente era todos convidados pelo *Facebook*. Criavam um evento

convidava a galera e tipo se é um/ se você sempre tá lá você sempre vai ver que você tá sendo convidado. Então eu acho que:: é:: nessa parte é uma ferramenta muito útil.

A3 – E não assim ( ) falando em criatividade (pra variar) muitas vezes a internet impede a criatividade por que tava dizendo eu sou/ eu sou de interior né? e quando num existia essa história de internet lá no interior por que chegou muito tarde... depois de muito/ depois daqui né? é:: nós tínhamos o que fazer. Nós tínhamos é:::/ pronto... num tinha computador quem tinha computador/ a maioria num tinha computador na mesma hora a gente criava alguma coisa pra fazer tal... e hoje em dia não hoje em dia você já/ você vê né? "ah ali já tá tudo prontinho vou pra li".

A5 – É.

( )

A3 – Só eu e ele/ não a/ antigamente a gente tinha mais essa coisa da interação é:: corpo a corpo né? hoje em dia não.

A2 – Eu acho que no interior isso é mais forte que aqui por que aqui já passa mais o tempo mas tipo quando eu vou no interior eu vejo isso que tipo é novo pra maioria tipo todo mundo fica no celular direto... tipo aí eu tinha

[

A3 – Mas num é só no interior não

A2 – Eu acho que é

[

A3 – Eu vou pr'uma festa de aniversário minha gente todo mundo nos celulares nos aniversários aqui em Natal.

A5 – Eu acho que é por que é muito novo pro mundo... nunca teve tanta tecnologia mas daqui há algum tempo a gente vai ter tanto que vai começar o reverso que quando tem muita coisa ela reverte.

A3 – E eu/ eu tive até/ eu entrei em pânico um dia desse por que eu tava/ eu tava/ eu tava em casa aí foi assim eu comprei meu/ meu Ipad aí chegou meu Ipad aí eu tava lá... tava o meu celular o meu computador e meu Ipad eu fiquei/ eu entrei em pânico com tanta coisa que eu tinha eu disse "meu Deus eu tenho tudo isso? Pelo amor de Deus!"

((risos))

A3 – Aí pronto. Aí acabei que/ foi eu fiquei/ até entrei em pânico por que eu vi tanta coisa na minha frente assim que eu disse "vije Maria! Tanta tecnologia aqui perto de mim!"

A1 – Pra quê eu vou usar tudo isso ao mesmo tempo?

A3 – Pra quê eu vou/ ao mesmo tempo? Aí é::: um amigo meu tava dizendo "Hugo eu num vou mais chamar você pra assistir filme não" ou é:: "eu num vou chamar você pra assistir filme não por que na hora você tá mexendo nesse negócio" eu disse "tá

bom eu sei fazer as duas coisas ao mesmo tempo" ele fez "tem não! Uma coisa você vai/ vai prestar atenção mais do que a outra" aí pega/ aí pronto agora eu me toquei com isso aí tô mais não... já até me policio demais agora sabe?

M – E os outros sofrem dessa síndrome também? Dependência...

A3 – Não. Dependência eu num

[

A1 – De certa forma sim... sim e não por que se:: tipo por exemplo eu tenho um tablet só que faz um ano que ele tá com o carregador quebrado aí tipo já que ele eu meio que substituí eu tô com um telefone (novo) que meio que supre as funções desse tablete que ele tá meio guardadinho lá... mas tipo eu sinto falta dele por que é mais fácil inclusive a tela é maior é mais confortável usar mas ao mesmo tempo não é necessário pelo mesmo por enquanto não tá sendo necessário por conta que tá sendo substituído entendeu?

A3 – Computador realmente/ um computador eu/ eu/ eu descartei um pouco eu uso mais o tablet.

A6 – No meu caso eu perdi o celular no banheiro do Midway e estou nesse momento com esse

((risos))

A6 – Que é o que tinha lá em casa e eu sinceramente não tenho sentido tanta falta... tenho entrado no *whats* quando eu tô em casa eu pego o celular da minha mãe ou de alguém se eu quiser olhar alguma coisa da sala ver o que acontece (no grupo)... mas assim eu não tô conversando com ninguém as pessoas que eu tô conversando é pessoalmente e eu sinto isso muito melhor eu num tenho necessidade de tá em casa morrendo "meu Deus me dê atenção. Converse comigo!"

( )

A8 – Eu tava com um celular eu tava MUITO apegada a ele aí eu fui roubada aí eu "não. Vou comprar outro" eu fui me adaptando e hoje sinceramente eu acho que eu tô melhor agora por que era sempre aquela coisa de ter o celular perto pra tudo e eu acabava não prestando atenção em nenhuma coisa... eu achei ( ) melhor.

A9 – De certa forma é paradoxal né? ao mesmo tempo que inibe quando você tá lá você podia tá fazendo outra coisa que podia ser muito mais interessante mais próximo mais... podia tá conversando com alguém abraçando podia tá brincando com seu irmão mais novo sei lá alguma coisa mais prazerosa mais... mais humana de certa forma por ali você tem ferramenta sem limite né? de certa forma você pode fazer comunicar/ comunicação de (nenhuma) outra forma consegue se comunicar tão bem com as pessoas de:: com tanta gente ao mesmo tempo tem várias ferramentas enfim...

[

A4 – Exatamente a minha mãe

[

A9 – Sabendo usar é melhor ainda.

A3 – Ao mesmo tempo que aproxima afasta também né?

[

A4 – Exatamente a minha mãe tava brigando comigo outro dia por que eu tava conversando com meu irmão eu no meu quarto ele no quarto dele que é quase do lado só tem um banheiro no meio pelo *whatsapp* eu mandando áudio pro meu irmão e falando com ele aí minha mãe entrou no quarto e começou/ no meu quarto pra brigar comigo e depois foi brigar com meu irmão perguntando o que é que tava acontecendo com a gente a gente tava ali na mesma casa por que que não podia sentar eu ir no quarto dele ou eu ir no dele e conversar? Por que que a gente tava no aparelho gravando áudio... então ao mesmo tempo que aproxima é:: eu tenho amigos bem longe daqui que a gente continua/ mantem contato mas afasta aqueles que tão mais próximos.

A5 – Por que saiu do controle no início era pra ser tipo quando a gente precisasse e agora tá substituindo a vida real... tipo isso saiu do controle mesmo.

A9 – ( ) carência num tem muito amigo e tal e desconta tudo no:: acha que é

( )

A1 – Tem gente que é muito envergonhado e tímido não tem coragem de conversar com uma pessoa pessoalmente aí tipo pega uma referencia que no computador ( )

A9 – É o que mais tem. O *Facebook* é cheio de corajoso ( ) chega lá xinga "ah! Num sei o quê num sei o quê!"

( )

A3 – Agora quando eu chego em casa eu já deixo na sala.

( )

A3 – Quando eu chego em casa eu já deixo na sala num levo nem pro quarto aparelho de celular. Num levo mais pro quarto não.

A9 – Essa fronteira entre o necessário o bom e o exagero num é muito fácil de identificar. Quando a gente perde por exemplo fica mais fácil a gente "ah! Nem era tão importante!" quando a gente tinha achava que era... tem coisa que...

M – E aí o que é que vocês tem só mais um pouquinho a dizer sobre realmente essa quebra né? da/ quebra não... na verdade essa diferença da vida real com a vida virtual e essa mistura dos dois? É bom é ruim?

[

A2 – Uma vez eu li... Ah! Desculpa!

M – Não... É bom é ruim?

A2 – Uma vez eu li um artigo muito interessante

[

A3 – Eu vou ter que sair

A2 – Que era um cara falando que ele tipo ele::/ eu tenho que (ler) esse artigo de novo... ele contando a experiência dele que:: ele decidiu sair ( ) e ele parou de usar internet... e ele disse que no início foi muito libertador ele começou a fazer as coisas que ele realmente queria fazer... ele começou a (ir nos lugares) que ele realmente queria ir... começou a prestar mais atenção as (relações) próximas... começou a surgir amizade... só que depois de seis meses ele falou que tava voltando e um ano depois ele tava do mesmo jeito com a internet sabe? Então tipo eu não sei se esse é realmente o grande problema. Se é o aparelho ou se é a gente mesmo.

A5 – É meio que eu acho que são as pessoas mesmo tipo o me/ o meio muda mas a essência é a mesma tipo as pessoas (continuaram as mesmas)... a tecnologia vai mudando mas a gente é os mesmos.

A2 – Tipo a gente tem mais capacidade de se comunicar no momento que a gente quiser mas a capacidade de se comunicar é a gente que adquire ao longo da nossa vida... eu acho que as pessoas continuam com déficit de comunicação. Eu num acho que culpar um aparelho sabe?

A9 – Tem um vídeo que é muito bom que é um cara explicando/ aquele vídeo pra mim explica muito bem isso. O cara tá lá no computador

[

A2 – é:::

( )

A9 – Tá no *Facebook* aí uma foto lá

[

A8 – Eu já vi esse/ já vi::

A9 – Aí ele olha a comida dele (uma) marmita ch/ chibata assim aí ele "ah! Beleza!"... aí daqui a pouco ele vai aí tira uma foto assim tá na rua correndo aí tira uma foto (running) num sei quê... aí tudo que ele faz ele dá um jeito de aparecer muito (lindo) e maravilhoso no *Facebook*... tudo é bom! E tudo é bom! E tal... aí:: aí ele "beleza!" né? aí vai fazendo isso aí aparece sempre o número de curtidas né? aí ele faz um negócio nada demais aí aparece no *Facebook* como se fosse a melhor coisa do mundo... aí todo/ altas curtidas aí ele chega em casa a namorada dele tá traindo ele aí ele ( ) aquela "finalmente solteiro!" aí a galera/ duzentas curtidas num sei quê... aí vai acontecendo e o bicho vê que tá sozinho no mundo... num tem amigo... num tem ninguém aí vai "a minha vida é um saco" aí aparece lá a galera descurtindo ele assim tipo "não quero mais... o cara só/ só reclama. Num quero mais seguir."

A5 – Mas acho que também isso faz a gente é:: achar que todo ( ) tem que ser bom e maravilhoso e::/ e legal pra tirar uma foto... mas tipo a vida não é assim sabe? Tem os momentos bons e ruins só que dá essa:::/ essa impressão que dá

[

A1 – De perfeição.

A5 – É. Dá impressão de que a gente tá bem todo tempo mas não é assim pô.

A2 – Mas o que eu fiquei complexada com essa história do cara é que tipo ele passou um ano sem internet e depois ele percebeu que a vida dele tava do mesmo jeito. Tá entendendo? Tipo ele se livrou disso.

A5 – Tá! É que a mudança tem que ser interna o meio tá aí se você não mudar você.

A1 – É... ele tinha que mudar a si mesmo. Não necessariamente ele precisa "tá eu vou deixar de mexer na internet por que isso tá causando meu mal". Não! Eu acho que o que ele tem que fazer é procurar o/ entrar na internet por quê? Qual é a função que ele tá procurando na internet? Tipo qual a utilidade que ele tá buscando ali?

A4 – Exatamente. Eu acho que as vezes a gente fica é:: jogando tempo a toa assim sabe? Eu mesma fico às vezes... sei lá (tô no) *Facebook* (aí fico descendo) lá

A9 – ( ) Vinte minutos ( )

A4 – Olhando olhando olhando olhando depois chega até trava... num dá mais pra descer

( )

A4 – Exatamente. Aí você fica "nossa! Eu poderia tá fazendo isso sei lá"

A1 – Esqueci de fazer aquele negócio e tava aqui.

A4 – EXATAMENTE. Aí a pessoa fica vendo coisa que num serviu pra nada... depois de um tempo você num vai lembrar de nada mais que viu e::: num serve pra nada aquilo a gente perde tempo... é muita coisa a toa na realidade... tem muita informação útil mas também tem muita coisa a toa que a gente tem que ter cuidado no que é útil e no que é a toa.

M – Todos aqui fazem parte do grupo do IF no *Facebook*?

A1 – Eu não sei se eu faço.

A2 – Eu faço.

A4 – Eu faço.

M – Vocês costumam é::/ você não sabe se faz... ((risos))

A1 – É. Eu não sei se eu faço. Eu sou tão (em volta) do *Facebook* que eu não sei se eu faço parte do grupo.

A5 – Tem dois ou três eu num sei qual é o oficial

( )

A4 – É por que tem o IF nacional que ( ) IFRN

M – O do IFRN

A4 – IFRN... IF nacional e acho que uns três

A9 – Eu sou de dois grupos do IF.

A2 – Ah! É dois isso.

A9 – É. e um dos dois ( )

A4 – Mas é::... os grupos do IF são muito parados assim da::/ da escola no geral... é::: a página do IF é muito parada... tanto é que tipo:: quando tava tendo greve de ônibus... a gente::/ já que ninguém divulgava nada num mandava uma mensagem no acadêmico num mandava nada no e-mail se ia ter aula ou não aí a gente esperava pelo menos que no *Facebook* ia ser uma coisa mais rápida é:: divulgassem algo... a gente dependeu de quê? De mandar e-mail pessoal pro professor é/ é::: falando pra ele que não ia dar pra gente comparecer a aula por que não tinha ônibus... mas ninguém da instituição divulgava nada na página da rede social falando que as aulas tinham sido canceladas... resolveram de última hora.

A1 – O pessoal da instituição é sempre assim. O horário da manhã foi completamente prejudicado. Quando é no meio dia eles com/ dependendo do número de alunos que vieram pro da manhã eles cancelam ou não a tarde.

A4 – Exatamente.

A2 – O que é um absurdo por que geralmente a gente vem pra (não) ter aula. Quando tem esses problemas a gente vem e o professor diz “eu vou dar aula pra cinco pessoas?” e ele dá mermo. Mas a galera sai prejudicada.

A1 – É. ou não né? tipo “ah! Vamo/ num tem como dá por que eu vou ter que repor de qualquer forma então (vamo simbora).

A2 – Os (pãezinhos) dão aí a galera que ficou em casa esperando

[

A4 – Alguém já deu?

A2 – Leonel pô! Ops!

( )

A1 – ( ) Entrei na sala e tinha o quê? Três pessoas?

A2 – Arimatéia pô.

A9 – O grupo do IF sofre como todos os outros grupos eu acho... por que no começo é muito útil e tal coisa só relacionada realmente ao IF e tal aí vai enchendo enchendo enchendo de gente

( )

A9 – ( ) Propaganda política propaganda de num sei o quê

[

A2 – Tem uma mulher que fica postando quarto pra alugar.

( )

((risos))

A2 – Vocês já viram isso?

A7 – Já!

((risos))

A9 – Tem até uns nazistas lá... um cara de vez em quando posta "Lula é comunista! Cuidado com o golpe! num sei o quê"

A5 – Aí sempre tem aquelas falando mal do PT falando ( )

A4 – E eu acho errado isso por que na hora que a gente realmente precisa saber de uma coisa que é relacionada a escola não tem.

A1 – É:::

A4 – Você não vai encontrar em lugar nenhum! E-mail no acadêmico nada!

( )

A1 – Tipo no inicio pode até tá tudo perfeito mas aí é como ( ) falou com o tempo o pessoal vai botando coisa desnecessária.

A4 – E outra coisa. É::: tem muita gente que sai do IF mas daí continua nos grupos e as vezes é só pra bagunçar.

A5 – É.

A4 – Eu fico irritada com isso as vezes da galerinha que sai "Ai acabou o IF" saia das coisas do IF meu amigo vá viver sua vida lá fora por que as vezes continua/ continua... num é... cê faz assim pra participar tentar ajudar a galera que tá lá dentro beleza... agora só pra participar "ah nem vão me encontrar lá mesmo vou bagunçar aqui". É assim. Tem coisa que irrita a pessoa... sim...

M – Sim. Aí é:: eu queria saber assim pra vocês... aí cada um fala sua opinião... qual a função das ferramentas do *Facebook*? curtir comentar postar compartilhar. Quais vocês utilizam mais ou menos e por quê? O que motiva vocês a fazer cada uma dessas coisas?

A2 – Curtir eu acho um lixo! Eu odeio essa ferramenta.

A5 – Por que?

A2 – Por que ela não expressa nada. É só curti isso.

A8 – Expressa que você curtiu.

A2 – É:: mas é muito/ é muito... tá ligado?

A4 – Não. Eu gosto.

A2 – Eu num gosto não.

( )

A9 – (Curtir é um) Parâmetro se o que você postou é uma merda ou ( )

((risos))

A8 – Verdade. Deleta que ninguém curtiu.

A2 – É um negócio (bem) assim mas... agora comentar é bacana por que tem umas discussões legais e até umas brincadeiras legais.

A9 – É (o que é) engraçado por que as vezes você coloca um negócio interessante assim tipo... é interessante realmente interessa e:: ninguém curte... duas pessoas aí você posta uma coisa uma bosta desses negócios uma piada

[

A1 – Aí cinquenta curtidas

A9 – Aí vê duzentas curtidas.

((risos))

A2 – Verdade. E curtir em foto eu acho que é o que toda pessoa quer quando posta uma foto. Por que você num posta uma foto ( )

A9 – Não. O objetivo do *Facebook* pra algumas pessoas é receber curtidas.

[

A4 – Isso é uma coisa que eu acho muito (triste)

A9 - Se você num tem (Instagram)

( )

A1 – Instagram não tem função. É uma coisa que

[

A5 – Aumentar o ego das pessoas

A4 – Eu acho o Instagram muito ( ) sério

A1 – (argh) pra quê isso gente? Eu não vejo função alguma no Instagram.

((risos))

A5 – É por que as pessoas meio que se escravizando... sei lá tipo competição pra ver quem ganha mais curtida essas coisas eu fico olhando... Meu Deus!

A8 – É::: não tipo tem gente que é fotografo mesmo e eu acho legal... mas quando é algo tipo "vou tirar foto aqui do meu almoço".

A5 – Já aconteceu de eu tá no Natal Shopping aí eu olhei assim pro lado tinha uma mulher "peraí peraí!"... ela mandou o carinha que tava com ela... acho que era namorado num sei... parar de comer aí ele fez assim ela foi lá e tirou duas fotos.

A2 – Aí dá ilusão que tipo “ai que maravilhoso!” mas foi um momento totalmente:: tá ligado? Que não tinha

[

A5 – Ela mandou ele parar de comer. Ela “peraí! Num coma não!” eu escutei assim... eu olhei eu “meu Deus do céu!”

A2 – Pra receber as curtidas.

A4 – Sim. Deixa eu falar. Continuar falando sobre as funções

[

A1 – Comentar sobre postar e qual é o outro? Compartilhar

A4 – Compartilhar. Compartilhar acho que é ( )

((muitos falam ao mesmo tempo))

A1 – Compartilhar acho que é bem interessante.

A4 - Isabela adora essa função do *Facebook*.

((risos))

A2 – Gosto.

A4 – Meu Deus do céu! Ela compartilha tudo!

A2 – Muito!

A5 – Pronto! O compartilhar também/ curtir também é uma forma de eu não compartilhar TUDO que eu vejo na minha frente.

A1 – É. Exatamente.

A5 – Por que assim eu gostei mas eu não preciso necessariamente ter que compartilhar.

( )

A9 – ( ) Precisa aprender isso.

A2 – Oi?

A9 – Você precisa aprender isso.

((risos))

A1 – Eu só não compartilho alguma coisa que eu/ que não apenas eu mas que outras pessoas ao meu redor precisam ver aquilo. Aí eu compartilho. Se eu gostei mas não achei uma coisa necessária

[

A8 – É. Por que por exemplo piada ou alguma coisa que EU achei engraçada que eu sei que é muito IDIOTA e aí ninguém vai achar

[

A2 – Eu ( ) só pra mim.

( )

A5 – É:: eu sempre curto esses negocinhos assim e fico rindo sozinha.

A4 – ( ) compartilha uma coisa que é só seu momento.

A2 – Mas também não. Você sabe agora o que é (salve Arturo)

A4 – Tá vendo! Ela fica compartilhando que nem uma doida pra salvar o Arturo. ((risos))

A9 – Eu acho importante ter mais ferramentas junto. Por exemplo tem um site chamado ( ) que eu uso bastante pra nota né? organizar ( ) notas. Você acha uma coisa legal no *Facebook* um texto massa cê vai lá ( ) o máximo que você pega ( ) mas uma semana depois você nem lembra (daquilo) mas se você tem uma outra ferramenta como o ( ) por exemplo você vai e guarda o texto num lugar certo lá e quando você tiver interesse "pô eu quero saber mais desse assunto" ao invés de você ter que pesquisar você já vai nos seus arquivos lá ( )... então o que falta eu acho que é isso. Tem gente que só usa o *Facebook* ( )

[

A1 – Pronto. Já é uma ideia pro próximo::/ próxima rede social pra desbancar o *Facebook*.

A9 – Pode ser.

A4 – Uh::: tô esperando a próxima! Não vejo a hora de ver uma coisa nova assim. Próximo milionário.

M – Sim. E postar? O que motiva vocês a postar?

A5 – Nada.

A1 – Assim postar pra mim

[

A4 – ( ) Pessoais?

M – Não. Qualquer postagem. Em grupo...

A2 – Emoções muito fortes.

( )

((todos falam ao mesmo tempo))

A8 – As pessoas precisam ver... sei lá que eu acho muito legal

[

A2 – No grupo é pra você resolver problemas... agora quando é algo pessoal são emoções muito fortes por que eu num gosto não. Só quando eu me sinto tipo assim muito

[

A1 – Eu... é muito raro eu postar alguma coisa.

A5 – Eu gosto muito de compartilhar música... coisas que eu tô escutando... coisas que eu tô fazendo que eu acho que num seria meio que inútil.

A2 – É::

A5 – Só um pouco né? um pensamento meio estranho mas você acaba compartilhando.

A2 – Sabe aquela galera

( )

A4 – Sabe uma coisa que eu acho legal? Tem/ tem hora que eu vejo um/ alguém compartilhou uma música que eu conheço mas tipo faz ANOS que eu não escuto. Eu acho tão legal quando você pega "NOSSA! ( ) peraí que eu vou escutar"... eu acho muito legal isso de compartilhar (pra) outras pessoas ali eu acho legal.

A9 – Eu acho que a maior crítica a ser feita pra rede social é a massificação das personalidades por que isso é o mais que eles querem fazer. Você TEM que gostar daquilo. Todo mundo gosta por que você num gosta? Entendeu? Você tem que gostar por que aquilo é o que tá bombando. Então as pessoas fazem isso com o objetivo de massificar como se todo mundo fosse só produto a ser comprado e ser comercializado os seus interesses são só o interesse de alguém e tal e acaba que o que você gosta o que você é realmente fica.

A6 – Cria uma ilusão de/ de:: que você neces/ da necessidade de igualdade tipo a gente não precisa ser igual mas com aquela ilusão de que todo mundo tem que gostar daquilo.

A9 – Exato.

A2 – Por que no final a gente não é igual. Ninguém é igual.

A1 – Ser igual não é/ não é uma coisa normal. Você tentar ser igual a outra pessoa é igual você (tava falando)

A4 – Eu acho que/ eu acho que a única/ a única coisa que a gente é igual a todo mundo é que a gente é diferente.

A1 – ISSO!

A4 – É a única coisa que a gente tem em comum. É ser diferente.

A9 – ( ) Uma frase no *Facebook* você ia compartilhar ( )

((risos))

A9 – É desse jeito mas por exemplo você entra no google você pesquisa uma coisa no seu computador de casa aí depois você vai no *Facebook* curte uma coisa depois você vai no twitter compartilha/ retuita um negócio... aquilo vai programando as redes e

quando você vê é::: ele/ eles tem toda leitura do seu perfil e bombeia propaganda relacionada ao que/ ao que você ( ) (do seu interesse) isso é horrível por que

[

A2 – Quem é que (abre essas propagandas)?

A9 – Você não tem liberdade de conhecer coisas novas

[

A1 – Eu nunca abro!

A9 – ( ) Eles vão fazendo/ eles guiam o que você faz na internet. Uma vez a minha namorada ela pesquisou pra/ ela se cortou com urtiga... ela pesquisou lá no botão do twitter na época que bombava o twitter é "gente urtiga o que é que eu faço?" num sei o quê... aí alguém falou pra ela um produto lá... aí ela usou e funcionou aí ela "Ah esse produto num sei o quê é muito bom". Deu dez segundos o pro/ a o twitter do/ daquele produto curtiu ela tá ligado? Seguiu ela... num sei quem tá te seguindo... aí ela ficou "pô como é que ele sabe?"

A4 – ((risos)) Como é que ele sabe? ( )

A9 – Isso é... se você pesquisar uma coisa no google no seu computador de casa vai ser uma coisa que vai aparecer... se você pesquisar aqui no do IF é outra coisa.

A2 – E quem explica ( )

A1 – Ãh?

A2 – Quem explica as propagandas "the imperad bay"?

A5 – Ah! Aquilo ali! Tem explicação não.

A1 – Ah não!

A9 – Tanto é que tão fazendo várias mídias que são mais ou menos livres disso. O ( ) aquele cara o/ que tava sendo perseguido pelos Estados Unidos... como é que é o nome dele?

A2 – Tem tantos.

A4 – É:::

A1 – O mais novo que ( )

A9 – Snow/ Snowden o nome

[

A4 – Edward Snowden

A9 – E toda hora ele coloca "oh esse site aqui é bom" e vai... tem uma galera que tá mais ligada que vai atrás... "Não usem o Google usem esse aqui... num sei o que... pra guardar seus arquivos num usem o Dropbox use num sei o quê e tal" e tá buscando (eles) que são mais livres disso.

M – Vocês acham que existe algum tipo de regra implícita né? pra o uso dessas

[

A4 – Gente eu vou ter que ir.

M – Pra o uso das redes sociais com relação a "ah! Todo mundo tem que ser bonzinho todo mundo tem que ser"...

[

A8 – Eu acho que

M – Legal... num sei

[

A8 – Isso é muito relativo... acho que depende do::/ de quem você tá interligado... tipo se for um *Facebook* que é mais ligado ao trabalho acho que tem algumas normas que já são meio implícitas.

[

A1 – Exatamente.

A8 – E tipo o *Facebook* só pra amigos acho que dá:: ( ) clara aquela formalidade/ informalidade... acho que é bem relativo. Acho que num existe uma regra pra usar o *Facebook*. Acho que é mesmo o senso comum.

[

A1 – Acho que todo mundo tem que usar o bom senso.

A2 – Mas eu acho que tipo a

[

A1 – Se bem que o bom senso é mutável.

A2 – Eu acho que::: tem essas regrinhas mesmo no *Facebook* assim implícito

[

A4 – Mas é que tem coisa que chega ao ridículo as vezes

[

A8 – Mas isso é relativo. Tipo o que é ridículo pra mim pode não ser pra você. Acho que...

[

A1 – Sei lá.

A4 – É::: sei lá. Tem vez que/ que é

[

A2 – Parecem obviamente ridículas mas não são tão obvias pra outras pessoas.

A4 – É.

A8 – É.

A1 – É aquela coisa assim/ por que depende muito do ponto de vista de cada pessoa. É muito difícil você tratar de/ de:: assuntos como esse por que cada um vai ter uma opinião. Por

[

A2 – Mas também

A1 – Por exemplo aquela/ aquela pessoa que vai achar... num sei/ sei lá... uma série boa... Meu Deus ( ) completamente fanático por isso... aí já tem outra que olha assim e diz

[

A4 – Qual a graça?

A1 – É:::/ é uma coisa extremamente relativa.

[

A2 – Mas essa questão de gostos eu num acho tão:: tipo importante eu acho mais a questão da:::

[

A1 – Da convivência?

A2 – Não. Tipo assim tem gente que se exibe demais entendeu? E tem gente que não tem noção do quanto tá se exibindo tipo

[

A1 – Hum. Sei.

A2 – É:::... Eu acho os mais velhos pô... principalmente que tipo tão/ é uma coisa mais nova eu acho/ tipo eles não/ as pessoas mais velhas não acessam tanto quanto as pessoas mais jovens aí tipo as vezes eles exibem demais. Eu acho/ não eu acho que eles realmente não tem noção

A4 – Eu acho muito engraçado *Facebook* de adulto.

A1 – De o quê?

A4 – Adulto. Ou pes/ adulto não mas que eu digo pessoas de mais idade. Parece que tipo eles não tem::

[

A8 – É muito sem noção! ((risos))

A4 – É::: Exatamente! Pra eles faz todo sentido “Oh! Tô bombando aqui! Vou fazer isso e tal!” mas tipo quando cê olha assim

[

A2 – Beijos da tia.

A4 – Qual/ beijos da tia... Qual é a necessidade tá entendendo? Eu... sei lá... comentam cada coisa na foto da pessoa... e postam cada coisa.

A1 – (E num é só elas não) por que tipo... é::... eu não cheguei a ver mas tinha um pessoal que já ficou comentando... não lembro se era Instagram ou *Facebook*... de um garoto que tirou a foto dele no vaso sanitário tipo

[

A2 – É esse tipo de coisa que eu tô falando

A1 – "Tô cagando!"

((risos))

A1 – Eu... como assim? Gente o que? Pra quê? Qual é a necessidade dessa informação entendeu?

A2 – ( ) um pai que postou com a filha "primeira menstruação está uma mocinha"

A8 – EU VI:::

((risos))

A8 – Que caramba!

( )

A8 – Tinha umas fotos de uns absorventes né? É muito ridículo!

A1 – Isso as vezes... por exemplo nesse caso causa um problema... aí superexposição até da filha dele.

A8 – Mas aí é que tá! Pra ele que postou era algo normal... "tudo bem! Vou aqui relatar minha situação da minha filha".

((risos))

M – Voltando né? ( ) os assuntos constrangedores né? vamos falar um pouquinho de manifestações sociais né? que... o que vocês quando participam/ se participam não/ não só das manifestações de dois mil e treze né? mas de QUALQUER tipo de manifestação aqui na escola ou... manifestação na sala de aula pra tirar um professor ou qualquer coisa do tipo... o que motiva vocês é:: a fazer... a participar a tá lá a frente ou::/ ou não?

A2 – Quando eu tenho certeza do foco e que vai ter efeito

[

A1 – É

A2 – Tipo quando teve/ houveram os protestos do ano passado eu num fui pra nenhum. Tipo eu acho legal que tinha gente se envolvendo mas eu num fui pra nenhum por que eu tinha certeza que tipo não/ num ia/ aqueles cartazes de/ é:: "melhor segurança" "melhor" tipo num ia ter aquelas coisas... tipo::/ e eu realmente

num concordava com nenhum tipo de protesto desses aí depois dos protestos é que eu vim concordar que eu vi realmente houveram mudanças mesmo que num foi aquela coisa toda... mas tipo teve mudanças. Aí é isso.

A8 – Acho que/ que... o que motiva pra mim acho que é essa sensação de/ de justiça sabe? Por que tem muita coisa errada e você fica ( ) "caramba tô realmente mudando alguma coisa! Tô eu tô EXERCENDO o meu poder que eu tenho como cidadão" eu acho que é basicamente isso que eu sinto.

A1 – A vontade de/ de querer alterar alguma coisa.

M – Alguém tem algo pra complementar? Vocês costumam organizar eventos? Estar a frente de alguma coisa?

A2 – Não. Mas eu espero algum dia estar a frente.

((risos))

A2 – De verdade/ de verdade... por que a gente começou agora com nosso grupo de teatro e tal aí a gente começou a se envolver em eventos aí algum/ daqui algum tempo eu espero estar administrando os eventos.

A4 – Até que

A1 – Qual o grupo?

( )

A2 – A gente começou a pouco tempo.

A9 – É mais fácil do que vocês imaginavam.

A2 – A gente

A4 – Sério?

A1 – Acho que algum/ alguém comentou e eu escutei em algum canto.

A8 – É daqui o grupo?

A2 – É. A gente vai lançar uma peça/ lançar ó em outubro.

A4 – Outubro.

A2 – Vão assistir. Aí depois eu espero estar a frente de algum projeto de incentivo à arte/ sei lá... é uma vontade que eu tenho. Acho legal.

A1 – Até tipo

A4 – E acho que aqui no IF a gente tem abertura. Hoje

[

A2 – É

A4 – Hoje vai ter o circuito que eu fiquei sabendo hoje

[

A8 – (O IF Cultural)

A4 – ( ) Mas é organizado por alunos daqui do IF tipo:: não tem

[

A1 – Tem muita coisa aqui no IF que é organizado por alunos

A4 – Exatamente! Muita coisa

A2 – É

A9 – É a gente que tá organizando do Coletivo Ambientalista

A8 – Sim foi tava falando na reunião do Grêmio agora a pouco

A9 – Inclusive eu chequei atrasado por que ( )

A2 – ((risos)) É muito gostoso tá a frente de alguma coisa eu acho

A8 – É::: a sensação que dá é legal!

M – E na rede social?

A2 – Eu num gosto. Eu num tenho jeito. Eu num tenho jeito.

A9 – É meio ruim por que você nunca sabe (quando dá pra ter noção de quantas pessoas)

A1 – Quando tá concordando... quando não.

A9 – Exato. Por que você faz um evento que tá lá quarenta mil comparecerão aí você fica assim... chega lá umas quatro né? ( ) então não dá pra ter uma noção a partir das redes mas de certa forma ajuda você... não tanto quanto as pessoas acham que ajuda, mas ajuda.

A4 – Ajuda sim.

A5 – Ajuda a divulgar mas tipo quem ( )

[

A1 – É ajuda a divulgar

A2 – Mas acaba sempre indo quem quer.

A4 – Exatamente. Na realidade é assim é só pra:: avisar os desavisados que querem ir.

A1 – Isso. Por que é

[

A4 – ( ) Por que é/ o dar opinião de que vai querer ir num é...

A1 – É muito difícil. É mais fácil no pessoal.

A9 – Sim. É muito evento legal então as pessoas “Ah! Que massa! Vou. A não eu vou.” Aí chega tipo ninguém anota na agenda e ah!

A4 – EXATAMENTE!

A1 – “EITA! ISSO FOI ONTEM?”

A9 – Geralmente acontece isso.

M – É::: com relação a participação física nos/ nos manifestos/ nos movimentos vocês acham que tem mais força do que uma participação virtual ou é a mesma coisa?

A1 – Eu acho que tem. Com certeza tem!

A9 – (O que tem de) Rebelde de *Facebook*.

A4 – Não! É exatamente a participação física tem mais força... agora assim pela questão da massa. Agora é o seguinte também tem um... tem que ter um sensozinho por que:: a participação física tem seus enormes problemas por mais que tenha os rebeldezinhos do *Facebook* mas o máximo que eles vão fazer é quebrar o computador deles num momento de raiva. Agora a/ quando é a participação física da galera sempre tem aqueles que vão pra::/ pra bagunçar. Sempre tem essas coisas e acaba prejudicando o que? Os ideais do movimento que pode ser extremamente é:: legais... interessantes mas tipo por causa daqueles que vão pra atrapalhar acaba prejudicando o movimento sim.

A9 – Mas isso você tá falando de um ato... mas num tem só uma forma de fazer.

A4 – Exatamente é.

A9 – Eu por exemplo direto tô organizando uma reunião tô organizando alguma multirão pra plantar árvore multirão pra num sei o quê... organizar alguma coisa do Coletivo ou então tinha uma época que eu fiz algum movimento mais político também mais partidário... enfim são várias formas de você ter uma ação política então

[

A4 – Mas

[

A1 – Por exemplo

[

A4 – É por que você compartilhar em uma rede social que precisa cuidar do meio ambiente... precisa salvar as árvores... todo mundo sabe disso... agora:::/ agora pegar realmente... tirar sei lá um sábado pra ir fazer isso é muito mais difícil.

A1 – Por exemplo

[

A4 – Então eu acho que as duas coisas tem que tá é::: interligadas... tanto você usar as redes pra divulgar pra chamar as pessoas pra irem mas que realmente aconteça isso de uma forma física.

A1 – Por exemplo no/ no... eu nem lembro mais se foi no primeiro ou foi no segundo ano tipo teve o/ o... eu num sei quem foi que organizou eu num/ não/ não sei disso mas eu sei que chamaram os alunos do IF quem quisesse ser voluntariamente... tipo até o colégio forneceu o transporte pra ir pra Ponta Negra tipo pra ir fazer recolhimento de lixo nas praias. Tipo eu fui com a maior vontade do mundo. Da minha sala foi só eu e mais uma pessoa

[

A6 – E olhe que é Controle Ambiental

((risos))

A1 – Controle Ambiental exatamente! Foi só eu e outra pessoa e tipo a gente pegou Ponta Negra todinha catando o/ os lixos e tal

A9 – ( )

A1 – Cê foi também?

A9 – Não ( )

A1 – É tipo eu sinto falta... por que foi só um ano? Por que não foi mais de um ano?

A9 – A gente tá fazendo isso há três anos mas como... pouca gente vai e tal aí fica/ desmotiva... eu tenho um exemplo bom de/de motivação e participação popular que é o Coletivo Ambientalista. É uma coisa que não tem uma participação (massiva) mas muita gente já passou por lá... tem (vai fazer) uns três anos ( )

A1 – Já participei (de algumas coisas)

A9 – E:: de certa forma pra pessoa se motivar como ela disse ela tem que sentir que tá (tento) alguma efetividade. Então é:: HOJE o Coletivo tem seis pessoas efetivas mais ou menos e todas elas dá/ dão o sangue pelo Coletivo fico até impressionado eu vou/ as vezes eu acordo de madrugada vou olhar duas horas da manhã o povo lá "não mas isso aqui como é que vai resolver num sei o quê" por que eles realmente veem que realmente aquilo tá::/ vai atingir a consciência de uma galera que o pessoal vai ver "ôh ( ) tão organizando eu podia tá fazendo isso também" sabe? Vamos fazer um movimento que as pessoas vão ficar sabendo desse problema... vão querer ajudar nesse problema... vamos arrumar isso aqui isso aqui podia tá melhor entendeu? Então é:: como é uma coisa efetiva muita gente passou por lá e ficou com preguiça ou com sei lá as vezes foi numa reunião que num foi tão interessante quanto o pessoal achava por que também tem reunião as vezes que é chata né? é uma coisa mais burocrática que tem que resolver e tal... aí as pessoas que não tão/ tão chegando e não tem uma motivação forte acaba "não isso é muito chato... num quero participar e tal"... mas quem já tá sabendo que aquilo é necessário por que pra você participar fazer um/ construir algum movimento... vocês que tão fazendo esse negócio de teatro sabe... precisa de muita reunião precisa de muito multirão pra (isso pra) aquilo tem que ter uma motivação você tem que ter uma base teórica pras pessoas pensarem e "óh pô isso faz sentido acho que a gente podia trabalhar mais pra isso aqui e fazer

(concentração) e tal" e o Coletivo existe há algum tempo tipo muita gente já saiu passou e saiu mas é como se ( ) se for eu tipo eu ( ) quando vou ( ) da UFRN do movimento ambientalista ( ) a pessoa tá lá já ( ) (por que é no *Facebook*) daqui ela fez parte já ( ) procurar alguma coisa pra fazer entendeu? Então o que fica num é só ( ) com a outra pessoa. É a consciência já mais trabalhada. ( ) já tem uma noção maior pra o que/ pra você construir alguma coisa no movimento social você precisa ter a motivação ( ) fazer o que tem que fazer durante algum tempo pra você ver que tem que fazer isso tem que fazer aquilo num é só por exemplo comparecer no ato isso num adianta nada só compartilhar no *Facebook* entendeu? É isso que falta as pessoas se aprofundarem mais e ter mais boa vontade. Por que por um tempo é chato mas depois você vê o prazer de ter feito uma coisa útil realmente que é muito maior do que qualquer chateação e zom

[

A1 – Tipo eu achava até que o/ o:: esse grupo já tinha se desfeito por que

[

A9 – Tá parecendo por que tá:: (faltando) renovação... a maioria é quarto ano e tá faltando calouro.

[

A8 – Pronto! Foi o que eu vi no

[

A1 – Eu

[

A8 – Na reunião do grêmio tavam reclamando justamente isso/ debatendo justamente isso. Continue.

A1 – Eu não/ eu só no primeiro/ no máximo no da/ no segundo ano foi que eu ouvi falar do/ da/ do Coletivo

[

A4 – Assim só uma pergunta... vocês investem tipo em falar com as turmas que tem MAIS::... vamos supor Controle Ambiental? Tipo chegar realmente na galera e:: divulgar? Por que é uma/ eu não/ eu num sou de Controle Ambiental mas eu num sabia da existência desse grupo. Eu acho que tipo:: sei lá pô ( ) chegar nas turmas novas e/ e:: divulgar ( ) acho que dava um incentivo legal.

A9 – A gente faz isso de certa forma ( ) mas como é pouca gente as vezes tá em aula ( ) por exemplo esse ano tem aquela/ aqueles seminários de integração a gente tentou mobilizar ( ) mas não ( ) que tinha pouca gente entendeu? Se tivesse mais gente a gente tinha conseguido. Tem várias formas. Tem a fanpage tem ( ) de vez em quando a gente passa em sala e tal... mas depende muito da boa vontade das pessoas...

a gente num pode também forçar “vamos!” por que tipo (ninguém é obrigado) só se quiser vai.

M – Assim e::/ é::... e sobre:: agora vindo mais pra nossa realidade né? o:: ( ) é::: no ano passado né? dois mil e treze a gente teve dois grandes movi/ dois grandes movimentos. Um foi o daqui né? o da merenda que teve aqui no IF...

A2 – Da merenda?

M – Sim.

A4 – Foi no cam

[

M – O da cantina

A2 e A4 – AH SIM!

A2 – A merenda é nossa.

M – Teve o “A merenda é nossa” e:::

[

A1 – Eu não lembro. Esse eu não fiquei sabendo.

M – E o de dois mil e treze né? de ( ) nacional... aí vocês é:: no daqui vocês participaram? Viram pelo *Facebook*?

A1 – Eu não fiquei sabendo.

A5 – Eu não lembro mas eu acho que eu participei.

A2 – Eu não consigo lembrar... minha memória apagou mas eu acho que eu participei. Por que eu tenho sensações nítidas quanto a isso.

A4 – Esse/ esse da merenda foi no começo do ano ( )?

A1 – É tipo foi em que época (eu não fiquei sabendo)?

M – Pronto! É:: você que organizou... o que motivou você a organizar e como/ como se deu? Você achou que foi satisfatório? Como você

[

A9 – Não foi por que faltou participação mas o movimento foi muito::/ a base tá feita certo? se tiver gente pra fazer hoje em dia tem um projeto pronto pra fazer uma grande revolução da merenda aqui do IF.

A1 – Cara! Sinceramente se vocês começarem a fazer alguma coisa vocês tem total apoio por que eu almoço aqui no colégio na diária QUASE TODO SANTO DIA eu tipo... eu não tenho costume de comprar PF e/ o/ ou ir no *selfservice* até por que/ por questão de condição e tal e acho... eu não sei... a meu ver tipo to/ quase todos os alunos são meio que obrigados pelo colégio a ficar/ a resolver alguma coisa relacionada ao colégio... então assim é meio que direito da gente ter/ ter o almoço... aí tipo a diária tá fo/ tá:: dificultando demais isso por que primeiro é/ você assinava a

lista e era chamado pelo nome na/ na hora de almoçar... aí depois você assinava a lista tinha que ir pra lá e era na ordem de chegada... aí agora tem a lista que diminuiu/ reduziu metade do número de pessoas e tem a suplência agora dividido num tipo que tá

[

A2 – Quantas pessoas na merend/ na::

A1 – Vinte pessoas na diária e vinte na suplência.

A2 – E::: mudou. A última vez que eu comi na diária era tipo quarenta a diária aí pronto você entrava

[

A1 – E tinha geral... tinha a geral que o que sobrasse da comida podia (ser pra qualquer um)

A4 – Tá piorando!

A1 – Tá piorando. Tipo tá reduzindo... por que

[

A8 – Acho que os custos também né? talvez.

A1 – Eu não sei... por que sobra MUITA comida. Sobra MUITA comida! Eu vejo não é sempre claro.

A2 – E tá sobrando? Por que antes num sobrava não.

A1 – Não é/ não é sempre. Mas sobra demais cara! Sempre sobrou. Eles levam pro/ pra:: fazer composta/ pra fazer compostagem no bosque.

A2 – SÉRIO?

A1 – Sobra bastante comida.

A9 – (Falta apoio) pra compostagem é um projeto que tá em/ tá parado praticamente.

A5 – Eu num sabia disso. Achava que não sobrava.

A8 – Eu também achava que não por que eles ficavam competindo na verdade (lá)

A2 – É por que você chegava lá só botavam farofa aí eu achava

[

A1 – Não é sempre que sobra mas quando sobra sobra demais.

A9 – Eu vou explicar mais ou menos como é que surgiu a ideia e como é que tá hoje. Por que a gente tava discutindo um/ um:: o Coletivo começou e já numa das primeiras pautas foi aquela ( ) da chapada do Apodi que é aqui no interior do Rio Grande do Norte que é uma/ é uma área que tem no Rio Grande do Norte que tinha uma plantação/ tinha uma área grande de:: agricultura familiar e orgânica... que não é::/ é ao contrario daquela de soja milhares ( ) de soja então cheio de agrotóxico não... era

pequenos agricultores tal com financiamento conseguiu fazer uma plantação orgânica e isso era um dos melhores lugares do Brasil pra ir isso era um dos movimentos mais fortes e tal... aí acabou que teve um projeto que (ia destruir tudo) pra justamente fazer uma cultura de soja e irrigada e tal e aí isso gerou uma comoção popular nacional que veio gente de vários lugares tanto que a gente fez debate com Fran/ Frei num sei o quê... gente nacional é conhecido agora é que eu num tô lembrando o nome... Frei Gilvander que é do MST e é um dos principais nomes e tal... enfim... a gente trouxe ele pra cá se/ veio UM MONTE DE GENTE da UFRN e aqui do IF ninguém nem soube sabe? A gente colocou cartaz lá ninguém se interessou na verdade por que tinha o cartaz e tal mas... enfim aí a gente fez alguns debates sobre isso e sobre é::/ alguns só sobre a/ agrotóxico é:: ( ) e tal e acabou que culminou junto com aquela::/ aquela época por que ter uma cantina ruim é ( ) não satisfaz... o problema é que tava horrível! Tava num nível deplorável assim

[

A1 – Que era muito ruim... melhorou MUITO!

A9 – Tava muito RUIM MESMO!

A1 – De uns tempos pra cá tem melhorado bastante e tipo se você for comprar PF... o PF é PIOR do que você comer na diária.

A2 – É.

A1 – A comida da diária é MUITO melhor do que a do PF.

A2 – Mas a cantina melhorou.

A5 – Foi.

A1 – Tá melhor do que

( )

A2 – ( ) Tava terrível ( ) tava gostoso até.

A9 – É. Exatamente. Aí a gente percebeu essa demanda e/ a... enfim aí a gente começou a desenvolver o projeto "a merenda é nossa" que é unindo essa questão da demanda da cantina com a do refeitório e de certa forma querendo que os alunos tivessem uma participação sabe? Né? tivesse como opinar sobre a comida sobre os preços... sobre a qualidade da alimentação sobre fila sobre num sei o quê... enfim... ter uma participação da comunidade e melhorar a qualidade do/ da alimentação e do serviço... a gente criou o projeto "a merenda é nossa" ( ) e aí a gente conseguiu avançar em alguns pontos por exemplo agora existe um conselho alimentar que é formado por estudantes principalmente... a nutricionista... alguém da cantina... alguém do refeitório e Arnóbio e Tutu que é o diretor de administração... então esse conselho quando ele começar a funcionar ele vai definir... vai fazer o ( ) vai fazer pesquisa "Óh você tá satisfeito e tal" já foi feito alguma "cê tá satisfeito com o preço? Cê tá satisfeito com a qualidade da comida? Você tá satisfeito com/ com:: as filas? Cê precisa/ cê acha que falta comida em determinado horário? você chega aqui ( ) O

quê mais você queria que tivesse?" enfim... a comunidade poder participar dessa questão da alimentação e do serviço de alimentação... ao mesmo tempo ( ) agricultura familiar e orgânica e quiser comer fruta tem suco de verdade tem enfim... não pode impedir de vender refrigerante bala ( ) os (baganeiro) existe né? mas quem quiser também ter uma alimentação saudável ter... aí o projeto diz isso

A1 – Muita gente não tem a alimentação saudável por que não tem opção.

A9 – A maioria é... então o projeto é mais ou menos isso a gente conseguiu trocar a cantina no final da/ do::/ da licitação a gente conseguiu pesquisar e tal e chegou ao melhor/ a gente conseguiu teve o diálogo lá falou... no começo ainda tava meio ruim a gente foi lá cobrou de novo "olha tá ruim hein? Vamo melhorar isso... melhora aquilo"... o preço ainda tava... aí a tendência é melhorar mas precisa funcionar o conselho pra funcionar o conselho precisa da comunidade tá sabendo que isso existe e participar.

A4 – Exatamente. Tem uma coisa aqui no IF que:: as vezes eu fico meio triste que é a rádio. A rádio do IF não divulga realmente coisa necessária. Hoje eu tava passando pelo corredor aí tinha lá o homem que fica falando do uniforme meia hora falando do uniforme.

A2 – É só o que Gomes se importa né? Por que o IF tá caindo Gomes só se importa com o uniforme. Eu acho isso absurdo!

A4 – Tá entendendo? se você... tá bom! Não precisa ficar/ ficar repetindo isso... mas tem TANTA coisa legal que deveria ser divulgada e num ter uma rádio pra isso com quinhentas caixas de som pra todo mundo escutar...

( )

A1 – A rádio pede/ perde essa função de::/ eu não entendo o que é que Gomes fala

( )

A1 – Eu não entendo sinceramente... aí é tanto que tipo quando vem outra pessoa falar lá ( ) "peraí! Como assim? Agora vou prestar atenção que agora dá pra entender o que é que tá sendo dito" mas até quando é a propaganda de uma peça ou é outra pessoa falando de alguma/ algum evento que vai ter.

A4 – Exatamente.

A2 – Outra coisa.

A4 – Eu acho que falta isso. A galera pegar e já que tem uma rádio no IF aproveitar disso. Tirar Gomes um pouquinho de lado por que ninguém entende mais o que ele fala e divulgar tudo que/ tudo/ todos os projetos que tem no IF todos os eventos... divulgar mesmo.

A2 – No IF/ Ah! Desculpe!

A9 – Não. Fale.

A2 – É por que o seguinte a::: as vezes eu acho que tem muitas atividades culturais/ muitas não na verdade. Por que ultimamente eu tô sentindo falta de mais atividades culturais no IF.

A9 – Mas tem algumas.

A1 – Tem algumas.

A2 – Tem algumas mas o que eu vejo que são/ que é o estopim das atividades culturais... amostra de arte cênicas... e o rock in rosca e outros festivais que tem tipo o Luau filosófico que AGORA tá ficando mais conhecido que antes era só os gatos pingados... e eu acho que/ eu sinto muita falta pô de ter umas coisas assim diferentes sabe? Eu num sei...

A9 – A gente tinha um projeto de colocar a rádio como se/ no controle dos estudantes... mas não deu certo por falta de apoio não da direção da própria ( ) mas acabou que não deu certo por ( ) e eu vou tentar inserir isso na/ na::/ na chapa que a gente tá fundando aí eu vou colocar isso aí.

A1 – É bem interessante mesmo.

A9 – Colocar no poder dos estudantes... eles fazem o que quiserem divulguem o que quiserem toca a música que quiser... claro que dentro de algumas diretrizes algumas regras entendeu? Mas o comando é dos estudantes... Gomes num tem nada que falar nada lá... a opinião dele/ nem a função dele aqui não é essa... lá é pra ser um espaço de divulgação dos estudantes de::/ e que se identifiquem e que façam crescer ( ).

A2 – Eu sinto falta de João Davi mostrando os trabalhos dele. Roderick... até o coral.

A1 – É::: o coral não existe mais né? foi desfeito.

A2 – É::: eu era parte do Coral e eu já entrei o coral já não tava existindo mais. Tipo a gente tem um coral na escola pô. Será que os calouros sabem?

A1 – Tipo eu só fiquei sabendo no primeiro ano por que eu pagava a matéria de artes musicais aí tipo... a primeira matéria que eu peguei foi de artes musicais então eu fiquei com/ eu fiquei sabendo que TINHA um coral e que esse coral tinha/ estava desativado... só que tipo eu queria tentar entrar... sei lá era uma nova experiência que eu gostaria de experimentar entendeu? E/ e vai morrendo as coisas... vão se criando aqui tipo vem começa aí tem seu pico aí morre desaparece... tipo por que é... eu não sei por quê que parou.

A2 – Antes de sair do IF eu quero ver uma apresentação de Roderick... eu não vi ainda apresentação da Camerata de Flautas eu quero ver uma apresentação da Camerata de Flautas.

A9 – Não existe mais. Roderick desistiu por que é ( )

M – Então tá na hora dos (novos) se motivarem se sentir motivados a... ( ) Então muito obrigada a todos pela participação a gente vai fazer um lanchinho e/ e:: fazer um sorteio dos brindes também... vocês ( )

Grupo focal 4 – tempo de gravação: 0:37:01

LEGENDA:
Alunos: A*número* Mediador: M Observador: O Todos: T

M – Tu dá play aí?

A1 – Dô::

O – Mas... só pra tranquilizar... ninguém vai ser identificado NA pesquisa ( ) (vocês) fiquem a vontade pra (dizer) o que ( )

M – Certo?... sim só pra:: é:: falar assim... essa dinâmica certo? não é um debate é um grupo focal... vocês vão só expressar opinião né? dizer o que acha num tem que ficar tentando convencer o outro da opinião não

((risos))

O – É uma conversa

[

M – É só::

O – Né? vocês vão interagir mas não precisa um convencer o outro né? cada um tem sua opinião

M – É... ((pausa longa)) é... a gente vai começar a/ separamos alguns tópicos principais que seriam participação democrática... protagonismo juvenil na escola... cidadania e voluntariado... comunicação e redes sociais... e manifestações sociais... só é/ é são muitos tópicos mas rapidinho a gente vai debater sobre eles... é... primeiro vamo começar é/ sobre o que v/ o que vocês entendem sobre/ sobre participação democrática

((risos))

A2 – (Felipe) Chegou!

A3 – Pronto

A4 – Chegou! Graças a Deus!

((risos))

M – E aí? Vocês conseguem fazer a relação entre as duas palavras é... e conseguir construir um conceito ou o que vocês acham?... participação... democracia... participação democrática

A2 – ( ) Com o contexto aqui do IF eu acho que tem a ver com o grêmio ( ) notarmos democracia

M – Hum

A2 – Todo mundo participa ((risos))

M – Sei

A3 – Democracia indireta né?

[

A2 – É::

A3 – Por que a gente elege um representante

[

A2 – Exatamente

A3 – Até por que tem muita gente num teria como... para pô... num teria como TODO mundo (ficar) falando TODAS as pessoas por que ficaria muito bagunçado então é necessário que seja uma democracia indireta a gente elege um grupo que vai representar a gente

M – Sim... os outros

A4 – (Não) consigo pensar em nada

M – Não? ... é:: quais são as formas que vocês podem participar? é:: no eixo político? Cultural?... é:: na educação? Saúde?... vocês conseguem pensar em alguma/ alguma forma de participação nesses eixos?

A5 – Aqui no IF?

M – Sim... também

A1 – No geral

M – Na escola ou no geral

A1 – Como assim? Eu num entendi a pergunta

M – Qual é/ quais são os tipos de participação né? quais vocês consideram importantes? Participação juvenil

A6 – Eu acho política muito importante por que:: acho que é a base do::/ dos movimentos... se você num tiver um movimento estudantil numa base dum movimento político num tem como ter movimento político politicagem ou democracia

A2 – Inclusive tendo uma base aqui a gente já pode levar mais (pra outro canto)

A6 – É:::

A2 – (Pra fora)

((risos))

M – Certo... aqui no IF vocês acham que vocês é:: PODEM participar? vocês tem essa liberdade de participar

A1 – Temos sim

A2 – Sim

A4 – Sim

M – Como? Em quê vocês podem participar?

( )

A4 – Em todos os aspectos

A5 – Acho que em tudo aqui cê é estimulado bastante

A2 – Inclusive isso aqui

((risos))

M – Sim... é:: vocês é:: consideram que podem participar da/ da::/ da construção do planejamento educacional e tudo mais?

A2 – Sim

A5 – Sim

M – Tem essa liberdade?

A6 – Sim

A5 – Acho que

A2 – (Uns dias atrás) teve uma reunião ( ) com o reitor do campu/ o diretor

[

A6 – É o gabinete intinerante

A2 – Isso exatamente que eles vão debater com a gente

[

A6 – Pra saber... aí os ( ) tem muita coisa que (possa) participar mas os alunos em si não vão participar tipo (esse) gabinete intinerante é uma coisa que tem pros alunos ir lá e falar o que tá precisando mas quase ninguém vai

A7 – Sabia nem que existia isso

A8 – É verdade

A1 – Nem eu

( )

A2 – ( ) No acadêmico

A6 – Foi sempre chega mensagem no academico mas ninguém nunca vai... eu fui/ acho que todo ano tem acho que eu fui dois anos só

( )

M – Sim... e vocês acham importante que haja essa participação dos alunos?

A7 – Sim

A8 – Sim

A1 – Sim

M – Em que é::/ em que influenciaria?

A1 – Muitas coisas principalmente pro futuro quando a gente sair daqui

M – Sim... e o que motiva? vocês participam de algumas coisa o que motiva vocês a participar?

( )

A2 – Exatamente ( ) a nossa participação pode ( )

A6 – Eu acho que é importante pra eles saberem o lado do aluno assim das coisas

A3 – É porque se a gente num der a nossa opinião como é que ele vai saber o que tá ruim e o que tá bom? O que tem que mudar e o que num tem?

[

A6 – (A gente) é tipo os cobaias assim

((risos))

A2 – Experiencias científicas

M – Sim... vocês acham/ vocês enquanto jovens acham que:: é:: vocês se interessam e os outros também que vocês conhecem e que veem se interessam mais por temas mais próximos? Temas como resolver problema da escola e:: algum problema do bairro... ou com temas mais AMPLOS? Como alguma coisa de LEI alguma coisa nacional?

A7 – Acho que::

A2 – Ãh:: os meus amigos eles se interessam por mais/ coisas mais nacionais digamos assim

M – Mais amplas?

A6 – Mais amplas

A7 – Eu acho

A3 – O pessoal da minha sala não paresse se interessar nem por temas amplos nem por temas mais próximos

((risos))

A3 – São pessoas individualistas e querem fazer o deles acho que é isso

A4 – (Não) na minha sala eles se interessam mais por coisas da sala mesmo

( )

A6 – Na minha sala o povo é muito individualista

A8 – Pessoal da minha sala também

( )

A2 – Os amigos de fora ( )

[

A6 – Mas os amigos assim de fora são bem:: (pensam em) tudo assim quer resolver mais perto ou mais longe ( ) eles vão atrás mesmo

M – E vocês?

A2 – Depende do contexto que eu tô

[

A6 – É

A2 – Se tiver com a sala eu vou com a sala

[

A6 – Se eu tiver/ se eu tiver alcance de ir lá resolver isso como tiver como resolver eu souber o que tá acontecendo eu vou atrás mesmo

A4 – É por que a gente procura melhorar o que tá mais próximo (ou então o que é mais) fácil

A2 – É

( )

A7 – ( ) Por que somos preguiçosas

A2 – ( ) Começar de baixo pra poder

A6 – É:::

( )

M – Sim certo... é:: vocês com relação a cidadania e voluntariado vocês costumam participar de alguma ação?... costumam

A6 – Eu sinto vontade de participar mas não participo de nada assim... só mais no meio político assim por que eu sou misturado ao pessoal do PT aí participo mais com ele assim... mas... é:: tipo::... (ajuda) voluntária não

A8 – Eu me interesso muito... inclusive eu fiz uma ação voluntária (no lar da vovozinha) ( ) mas foi... foi a única vez que eu fiz mas é por que eu não tive oportunidade

A2 – Mas eu me interesso por ( )

( )

M – É::... certo... vocês que não falaram?

A1 – Eu nunca::... eu nunca participei de

A3 – Mas é mais coisa/ essas ações sociais são mais coisa dentro da minha religião que a gente forma grupos pra ir ajudar em casas como o Lar da Vovozinha (agora) o Juvino Barreto... é mais coisa da minha religião mesmo por que se for falar aqui do IF (poucas pessoas que se interessam)

A2 – Eu já

A6 – Eu já fui no Juvino Barreto por vontade própria algumas vezes com uns amigos meus mas foi mais pra conversar com os idosos mesmo

A2 – Aqui/ aqui do IF as coisas não são ( ) as iniciativas vão mais pro lado ecológico (até) do coletivo eles sempre ( )

A8 – Eu já participei do grêmio aqui da escola no segundo ano e acho que esse foi meu único contato com política mesmo

M – Unhum... e o que motiva vocês? Vocês que foram né? e que... o que motivou vocês a fazerem

O – Falar só um pouquinho mais alto tá pra gravação

[

M – É:: falem mais alto

A2 – Só ( ) fazer o bem pras outras pessoas

A7 – E depois desses aspectos cê se sente muito melhor

A6 – Exatamente... e também por que você vê todo aquele povo se unindo pra fazer algo que vai para o bem que você se empolga com isso e::

A3 – Também quem não tá interessado vê todo mundo e (“ah... eu quero também)... também acaba (indo)

M – Hum... certo... é eu vou passar pro tema de comunicação e redes sociais... vocês par/ todos participam do grupo do IFRN?

A8 – Sim

A6 – Sim

A7 – Sim

A2 – Anham

M – Vocês PARTICIPAM ou vocês estão lá?

A6 – Não... estamos lá

((risos))

A7 – Eu participo assim

A8 – Eu participei quando eu tava no grêmio mas dá muita dor de cabeça ficar discutindo muitas coisas então eu parei

A6 – É:: eu participo de uma forma... eu mais olho assim e vejo os comentários e vejo muita coisa absurda lá aí eu (num tenho paciência aí)

((risos))

A6 – Eu/ tem gente que o pessoal não usa adequadamente a/ a/ o grupo do IF

[

M – O grupo do IF

A6 – Teve um dia lá que eu vi um doidão lá:: chegando:: botando tudo com capslok assim "a escola num presta minha nota eu reprovei por que num colocaram minha nota no acadêmico" fica xingando a direção geral... xingando quem num tem nada a ver

[

A4 – Xingando quem num tem nada a ver

A6 – E a galera lá e o pessoal se achando no direito ( )

[

A4 – E falando "(não)... sou um dos melhores da minha sala" num sei o que

A6 – ( ) Assim... tipo eu acho que:: o grupo do IF no *Facebook* não é pra isso

( )

M – Anham... é:: qual?/ como é que vocês percebem e o que é que vocês acham em sala de aula a utilização das mídias? Não só das redes sociais mas de mídia no geral

A6 – Como assim pra::

[

A8 – O acadêmico... o *Facebook*

M – Sim ( )

A6 – O acadêmico eu acho muito fraco... eu acho ( ) só entra no acadêmico quando::

[

A1 – Quando cê quer olhar a nota

[

A6 – Quando cê quer olhar sua nota

A8 – É verdade

A6 – Quando você tem ( ) nem

[

A1 – Tem muita coisa que não é funcional lá

A6 – Nem os professores/ nem os professores mandam material MESmo assim muitos professores preferem

[

A3 – Não vocês vão usar o *Facebook*

A6 – Preferem/ preferem pedir que você faça um email da turma ou tenha um grupo do *Facebook* que ele manda por lá por que

M – Sim

A6 – ( ) P suporte é fraco... é muito fraco

A2 – ( ) Materiais novo ( )

A7 – Agora grupo do *Facebook* é realmente fundamental assim

A3 – É o grupo do *Facebook* é muito importante pra sala e os professores também participam eles postam coisas

[

A6 – Do *whatsapp* também ajuda (bastante) mas no whatsapp nunca tem professor é só os alunos mesmo

A7 – Não e/ eu tenho um professor de eletrônica digital que ele participa... tem grupo lá com ele

M – E pra/ e pra o ensino assim? o/ os professores usam essas ferramentas em aula?

A2 – Bastante

[

A6 – Bastante

A3 – Bastante

A8 – Bastante... eles num praticamente... praticamente não eles não copiam... (eles sempre usam)

A6 – Acho que até ano passado tinha um ou dois professores que num usava data show essas coisas ou *Facebook*... mas esse ano todos tão usando

[

A3 – TODOS usam

M – É:: vocês acham que::/ que:: a utilização do whatsapp... *Facebook* e tudo... melhorou o envolvimento em sala de aula com professor aluno tudo?

[

A5 – Melhorou

A3 – Melhorou bastante por que aproximou bastante inclusive a turma eles são bastante/ NÓS somos bastante:: individualistas mas:: isso aproximou um pouco... só que também atrapalha tem gente que fica o tempo todo no celular na aula na hora da aula

[

A5 – É tipo

A2 – Tem gente que num sabe moderar também

[

A3 – Tem gente... é

A5 – Na minha sala por exemplo o grupo ( ) quando tá em aula ninguém fala no grupo... só quando tipo tá trocando de turma assim (sai um) "onde é que vai ser a sala?" você nunca sabe onde é a aula ((risos)) você nunca

[

A3 – ( ) Num funciona muito

A5 – Ajuda bastante... aí tipo ( ) mesmo no final de semana véspera de prova o povo vai se ajudando e ajuda bastante assim

( )

A2 – Trabalho, as datas ( )

A5 – Eu já fiquei sabendo de prova assim que ia ter por causa do whatsapp

((risos))

A8 – Todos nós eu acho

M – Ahn... e com relação a criatividade... autonomia e criticidade... vocês acham que:: é:: aumentou ou não

[

A5 – Sim... eu acho que sim por que ( ) algumas coisas com essas ferramentas

M – Sim

( )

A2 – É aumentou bastante assim ( )

((risos))

M – Anham

A8 – Eu acho que prende mais sua atenção na aula

[

A6 – É

A8 – Num fica aquela aula que você tinha que escrever era muito chato cê fica lá pensante ( )

A4 – Ou escreve ou presta atenção o professor para de explicar pra você copiar ( )

A8 – E tendo o conteúdo já disponível ( )

A6 – (Muitas vezes) eu acho também que atrapalha por que o professor passa muito datashow aí você não se importa muito em copiar... tipo por que você vai ter ( ) por que vai/ por que vai ter o slide em sua casa

A3 – Tem gente

( )

A3 – Que precisa copiar pra memorizar mas tem gente que não... eu não gosto de copiar

A1 – Também não

A3 – Se eu copiar eu não presto atenção na aula... eu não consigo

A7 – (Eu num copio não)

M – Anham... com relação a questão da exposição na rede social... é:: vida pública vida privada como vocês constumam moderar? O que vocês acham das pessoas... as pessoas conseguem

[

A6 – Eu sou muito chato em relação a isso

( )

A5 – Eu uso/ eu só uso mais o *Facebook* pra saber tipo de evento que é uma ótima ferma/ ferramenta de divulgação de evento e pra postar foto só... aí de vez em quando eu tipo tem gente que::... eu/ eu quase deleto o *Facebook* que tem aquela galera que fica postando texto gigante querendo dá lição de moral que eu acho que num tem necessidade disso por que qual/ lá ninguém leva em consideração aquilo... eu acho altamente inválido (você) fazer isso... gente que fica com:: umas piadinhas assim direto

A2 – Piadinhas (como assim)... não (indiretas)... melhor deixar pro twiter

A5 – É::

((risos))

A8 – Eu adoro o twiter gente melhor rede social

A2 – Eu não gosto do twiter

A8 – Eu uso MUITO

A5 – Eu vejo muita hipocrisia também na galera quando posta esses textos

[

A7 – É

A5 – Um amigo meu postou um dia tipo “cadê as pessoas que faziam cartas de amor pras suas amantes?” aí no outro dia o bicho tava postando uma foto com a namorada assim com um texto gigante

[

A2 – Faça uma carta

A5 – Né? então faça uma carta

((risos))

A5 – E tem gente/ e tem gente que tudo/ tudo que vai fazer::/ fritou uma carne fez almoço e coloca lá "tô cozinhando aqui" ( ) quer se amostrar é?

((risos))

A4 – ( ) É tipo você tá lá no seu prédio aí "oi galera vou aqui... cozinhar"

((risos))

A5 – O twiter é muito mais legal pra isso... no twiter eu boto tudo mermo

((risos))

M – Com relação a essa/ essa questão da/ da quebra né? de tempo espaço... agora a gente tá sempre conectado... né::? ninguém consegue depois dos celulares que

[

A8 – Eu tô sem celular

((risos))

M – É::... ( )

A8 – Há TRÊS dias

( )

M – É:: como é que vocês acham? Isso foi bom? Foi ruim? Foi

A8 – Eu tô gostando... eu tô prestando mais atenção na aula

A3 – Quando eu tenho que estudar MUITO eu fico sem *Facebook* sem whatsapp sem tudo por que senão eu não consigo

A2 – (Você) se isola do mundo

A3 – Eu não consigo ( )

A5 – Eu consigo (quando eu precisava) estudar mesmo eu consigo controlar

A1 – Eu não estudo

A6 – Eu fico com raiva... (tinha uma época que eu) tinha que estudar bastante pra umas provas eu desativei meu *Facebook*... eu:: excluí whatsapp e::/ e botei uma senha no meu notebook... minha irmã botou a senha pra eu não entrar... só que não adiantou de nada por que eu não consegui estudar... fazia TUDO menos estudar... comia... passava o dia comendo... passava o dia assistindo tv

( )

A2 – Eu acho meio dependente

A4 – MEIO?

A5 – Eu só consigo estudar agora se eu tiver com o computador ligado do lado ( ) da folha do que for

( )

A6 – Mas isso quando você começa a estudar você não consegue mais parar... tipo eu

( )

A6 – ( ) A cada vinte minutos/ quando eu estudo né?

((risos))

A6 – A cada vinte minutos aí eu pego meu celular leio uma mensagem

( )

A5 – Não... eu não consigo ficar estudando direto tem que dar uma pausa aí eu faço alguma coisa ( )

A3 – Não eu também mas quando

( )

A3 – Quando eu tenho que estudar mesmo eu passo umas três horas e eu não percebo aí paro faço alguma coisa

A5 – ( ) Nem sente o tempo passar quando cê tá estudando

A1 – É por que fico ( )

( )

A5 – E se você tiver prestado atenção na aula anterior você num precisa estudar muito você dá uma revisada

A3 – É::

M – E você falou que é:: quando tem que estudar muito sai... vocês acham que isso é normal? Isso é comum das pessoas fazerem? E o que motiva o entra e sai da rede social?

A4 – ( ) Por que tem gente que presta mais atenção quando tá com o celular que vê uma informação anterior vê o *Facebook* pesquisou alguma coisa no google (tá no celular)

[

A5 – Tipo:: quando o pessoal lá da sala tá estudando parece que tá todo mundo estudando em conjunto por que tá todo mundo entrando tirando dúvida no whatsapp

A3 – Depende da matéria isso na minha sala

( )

A5 – Quase (qualquer) matéria o povo tá estudando o povo pergunta alguma coisa no grupo assim e um vai ajudando o outro

A3 – As matérias mais difíceis sim... mas as outras não

M – Vocês acham que existe alguma/ existem né? algumas regras implícitas ou explícitas pra::/ pra o uso da rede social?

A1 – Aqui na escola?

M – Não pra/ pra vocês

A7 – No geral?

M – Sim

( )

A7 – (Num entendi a pergunta)

M – Não::... se existe alguma regra assim "ah... eu tô:: na rede social todo mundo tá me vendo eu num vou... postar palavrão... eu num vou fazer isso"

A1 – Ah:::

A4 – Sim sim existe

( )

A8 – Eu tô no quarto ano eu quero um estágio eu num vou postar qualquer coisa e num vou deixar me marcarem ( )

A1 – Por que o que você posta lá também fica aqui

A8 – Inclusive eu tenho uma análise de linha do tempo

A2 – ( ) Só com uma caretazinha

A8 – Não ( )

A2 – Ou... sei lá

A6 – É::... num ligo muito não pra isso de foto assim (se tiver feio)

A2 – Não

[

A8 – Eu tenho análise de linha do tempo

((risos))

( )

A2 – ( ) Mas tem tem certas regras ( ) mas num é tipo tem o estatuto pro adolescente ( )

((risos))

A2 – Eu acho que tem que ter consciência

A3 – Você tem que se politizar

[

A1 – É eu acho que (consciência comum mesmo)

A3 – (Ou) policiar... politizar é ótimo

A2 – É::

((risos))

A3 – Também... mas:: não nesse caso

((risos))

M – Certo... é:: eu queria que cada um falasse um pouquinho sobre as funções do *Facebook* pra vocês... o curtir... compartilhar... comentar... postar... e é isso

A2 – Hum::

A5 – Curtir eu uso quando eu gosto de alguma coisa

A7 – Fala logo Felipe

A5 – O compartilhar:: é quando tipo eu acho (ter) de interesse público assim todo mundo vai ficar sabendo aí eu vou e compartilho... e comentar eu comento muito pra brincar com os amigos assim::... é:: eu uso mais o comentar pra tirar onda com meus amigos assim fazendo alguma piadinha mas::

( )

((risos))

M – E postar?

A5 – Postar?... acho que ( ) é que nem o compartilhar por que se você tiver ( ) aquilo primeiro você posta primeiro aí os outros vão compartilhando de você

M – Unhum

A1 – É eu num sou muito de compartilhar nem posto nada não tipo eu curto alguma coisa quando eu gosto sei lá que quero lembrar e vejo depois vejo lá na minha/ meu log de atividade aí eu vejo o que eu curti pra dá uma olhada depois mas no *Facebook* eu uso mais o bate-papo mesmo

A4 – (No *Facebook*) assim eu curto tudo que eu gosto... só o que eu gosto... eu compartilho muito raramente... e:: posto muita música só... que é

[

A7 – Foto

A4 – E muita foto

( )

A4 – Eu comento só nas fotos de amigos assim de rosto de perfil... o/ ou fotos de grupo as que eu gosto só... (comento “ah muito bom”)

((risos))

A6 – Assim curtir eu curto praticamente tudo que eu vejo pela frente as vezes eu nem vejo o que tem

((risos))

A6 – Não:: é por que eu vejo por mim só (num) curto quando é uma coisa muito absurda... eu vejo por mim que eu gosto tanto quando curtem minhas coisas quanto ( )

((risos))

A6 – E que essas pessoas vão curtir minhas coisas também

((risos))

A6 – E:: compartilhar?... é? Tem gente que até se incomoda assim por que eu só compartilho coisa por exemplo alguém desaparecido ou algum carro roubado

((risos))

M – Pra ajudar

A6 – Por que se fosse comigo eu também gostaria que me ajudasse eu vejo assim

( )

A6 – Comentar... comento coisa só (completamente) dos meus amigos que é pra dar ibope pra eles

((risos))

A6 – E postar... posto quase nada só foto e

A1 – As vezes eu/ a pessoa usa o comentar também pra marcar algum amigo seu em alguma publicação tipo de algum ( ) pra você não compartilhar aí você só vai e marca seu amigo lá

A3 – Cê não precisa curtir::

A1 – É

A2 – ( ) Que todo mundo

[

A1 – Que todo mundo veja é aí você usa o comen/ aí uso é

( )

((risos))

A2 – É dos comentarios acho que é bem geral todo mundo ( ) pra tirar onda só

A3 – É::

((risos))

A2 – Curtir eu curto coisas legais bonitas

A3 – É::? Cla::ro

A2 – ( ) Compartilhar é como ele falou... coisa mais... do social mesmo ( )

A6 – Comparilhar (já tá dizendo) no *Facebook* ( )

A2 – ( ) E postar... uma foto ou outra quando é mais em grupo assim nunca posto foto sozinha... postei uma ( )

((risos))

A7 – Minhas fotos sozinhas que eu posto são as ((risos)) do perfil só

A1 – As fotos geralmente que eu posto no instagram

A7 – É:: eu num tenho instagram por que eu num gosto

A8 – Eu tô sem meu celular a três dias

((risos))

A7 – E sem whatsapp também né? eu num sei (fazer isso não)

A8 – Sem tudo ((risos))

A2 – ( ) Passando um dia voluntariamente SEM ( )

[

A7 – SEM

( )

A7 – Eu ia falar uma coisa mas eu acabei esquecendo/ SIM o curtir/ gente vou fazer uma confissão aqui:: mas eu sei que todo mundo já fez isso::... você vai no *Facebook* DAQUELA pe-sso-a

A2, A5, A7 – STALKEAR ((risos))

O – Sta o quê?

A5, A2 – Stalkear

( )

A7 – Stalkear é uma gíria que você usa pra

A2 – Fazer uma pesquisa

A7 – É que você usa pra/ o que é que a pessoa ouve e as fotos dos lugares que ela freqüenta os eventos

A5 – Aí cê vai e curte uma foto antiga da pessoa

A7 – É curte uma foto

( )

A7 – Aí se a pessoa for lá no seu perfil e curtir uma foto BEM antiga também... aí cê vai saber

A5 – Aí vai rolar

A1 – Aí tá paquerando

A8 – Só a paquerinha entendeu?

((risos))

( )

A3 – (E quem aqui já não fez isso?)

A1 – E tem a cutucada também gente

A3 – TODOS

( )

A4 – Todos já fizeram

A5 – Não mas cutucar::... eu acho cutucar como uma forma de paquera muito... muito::

A7 – Muito direto

A5 – É:: não... eu uso quando eu tô brincando... eu uso só com amigo assim

A2 – (aquela) piada interna "nunca te cutuquei... vou te cutucar" entendeu?... aí um começa

A3 – Aí fica se cutucando

( )

M – Certo... agora vamos pra ((risos)) outro tema... rede so/ rede social rende mu::ito...

((risos))

O – (Como é) ela disse curtir mas vamos continuar as outras funções

A7 – Sim o compartilhar eu uso pra:: como Beniz e Lara já disseram... quando eu acho que é uma coisa importante que as outras pessoas/ que as outras pessoas devem ficar sabendo... então quando eu vejo alguma coisa que eu acho legal... por exemplo (só isso aqui) eu vi uma artista que ela se desenhou quando ela tava sob efeito de LSD e eu achei legal compartilhei isso por que a evolução é bacana do que... enfim... e:::

O – Postar e comentar?

A7 – Eu comento só pra brincar mesmo com o pessoal pra tirar onda... e eu quase não posto

A2 – A gente tem que postar

[

A5 – É pra comentar pra discutir com alguém assim eu num cur/ eu num

A7 – ( )

A5 – Por que tem muita gente que usa o comentar pra ficar discutindo

( )

A7 – Eu acho que não/ não constroe nada

A5 – É::

A7 – Tipo eles não saem dali

A5 – Se debater por comentários não/ não é legal

M – No/ no grupo do IFRN vocês costumam comentar ou postar alguma coisa?

A7 – Não

A1 – Não

A2 – Eu só curto

A6 – Só curto

A5 – Eu curto só

A3 – Curto quando eu acho bacana

A7 – ( ) E eu achei... quando eu quero divulgar alguma coisa também

A5 – Quando é uma coisa MUITO absurda assim ou um::/ um:: assunto lá que a pessoa puxou muito absurdo aí eu tento corrigir a pessoa lá quando ela começa a discutir aí eu paro de comentar

A2 – Pra divulgar eu acho que a única coisa que eu divulguei foi quando a gente fez as peças aqui

A1 – Eu também

A2 – Aí eu tava divulgando

A1 – Pra divulgar o grupo

A5 – É pra divulgar acho que eu só usei pra::... divulgar o Rock In Rosca mesmo

A4 – Eu divulguei minha página... no:: (de poesias) lá também mas faz muito tempo

M – E o que motivou vocês a entrar no grupo?

A2 – Anh?

A5 – Me chamaram

( )

A8 – Me adicionaram... eu não pedi pra participar

A2 – Eu também não

A5 – Foi me adicionaram

A3 – Sairam adicionando todo mundo eu num sei nem quem criou esse grupo na verdade

A6 – Acho que é Lobão Daniel Lobão... de TADS que é professor agora

A2 – Eu sei quem é

M – Mas aí pra aceitar o convite houve um

[

A5 – Não mas no *Facebook*

A7 – Não

A5 – Você não aceita... a pessoa chama e logo você entra no grupo

A6 – É aí de repente

A4 – Eu acho isso muito errado

A1 – É eu acho isso errado no *Facebook*

( )

A2 – ( ) Meu Deus

((risos))

M – Mas vocês não sairam?

A5 – Não

A3 – Do do IF?

M – Do IF

A2 – Não só desses outros

A5 – Por que as vezes tem coisa lá interessante pra você saber né?

A7 – É::

A5 – ( ) Que você num vai comentar

A1 – Por que já que a gente estuda aqui né? é bom

A8 – (a nível de informação)

M – Na época do/ do::/ dos debates e tudo que teve aqui sobre a cantina e a merenda

[

A6 – Eita é mesmo

M – O ano passado vocês participaram ou

[

A1 – Participei

A3 – Eu não

A8 – Eu não participei

A5 – Eu participei

A1 – Teve uma (uma votação) eu votei gente

( )

A8 – Era o quê?

A1 – Era o que você achava da qualidade do

[

A6 – Eu lembro disso aí

A1 – Da cantina

( )

A1 – Eu botei “super ruim” ((risos))

A3 – (posteriormente) Também num iria resolver muita coisa não

A2 – Assim mas

[

A5 – E tem muita gente que num ( )

M – ( ) Houve um movimento e tudo bem intenso aqui na escola... vocês

[

A8 – Eu sei que teve na zona norte

M – Não ( )

[

A6 – ( ) Fiquei sabendo

( )

A2 – Eu soube

( )

A2 – Eu soube bem::

A6 – Eu

A1 – ( ) Só os comentários mesmo

M – Os comentários?

A1 – Foi

M – Você comentou no::?

A1 – Comentei... o que eu achava assim

M – Anham

A1 – Sobre a cantina

O – O que foi que motivou a comentar?

A1 – É:: a insatisfação com:: a cantina que tava

A8 – Sim:::... a antiga empresa

A1 – A antiga empresa

M – Mas::... em/ em movimentações mesmo assim em manifestos assim coisas sociais coletivas o que motiva vocês a participar? como um todo não só nas/ nesses últimos

A2 – É:: acho que nossa decepção com:: a condição atual

A5 – (é mais) Aquela coisa de conseguir a mudança mesmo

A3 – Tentar mudar

O – Hum::... e a rede social ela colabora nessa:: (divulgação)

A8 – Ajuda

A5 – Sim

A6 – SIM... colabora na::/ pra chamar as pessoas tipo pro ato

[

A7 – (na divulgação) ( )

A6 – Por exemplo hoje tem um ato/ hoje tem um protesto ( )

[

A1 – (aí cria um evento)

A6 – Aí criam um evento... eu só fico sabendo desse prostesto por que tem um evento no *Facebook*

A4 – É::

A5 – Eu acho que a rede social é a principal fonte agora pra chamar as pessoas ( ) de você tentar/ de você tentar tipo fazer

[

A2 – ( ) Tá no jornal nacional "vai ter um ato em Natal ( )

[

A1 – Eu acho que usar o *Facebook* como::/ como tentar mudar alguma coisa tipo/ não funciona... eu até mesmo nem presto atenção por que eu acho desnecessário

A4 – Mas pra divulgar

A6 – Mas pra divulgar eu acho altamente necessário

( )

M – E vocês costumam organizar um::/ algum evento... alguma coisa no *Facebook*?

A3 – Beniz

A5 – É::: eu fiz o Rock in Rosca tipo deu muita gente por causa do evento no *Facebook*

M – Sei... e vocês participam dos eventos que são convidados pelo::

A1 – Sim... ( ) convida e confirma lá né

A8 – Depende do evento

A1 – Assim se interessar

A8 – É::... coisas descoladas

M – Assim vocês são convidados lá e confirmam né? você vão?

A2 – Sim

A4 – Sim

A5 – É normalmente quem confirma sim mas tem muita gente que confirma pra poder

[

A7 – Tem gente que nem vê o que é

A5 – É:: e confirma por confirmar

A1 – Vou confirmar aqui

A5 – É:: eu só confirmo

( )

A8 – Voltando aqui pro curtir lá no *Facebook* quando é uma foto ( ) que ela posta ( ) tudo bem... ((risos)) quando é uma foto que ela posta quando é uma foto de algum amigo meu eu vou lá e CURTO... nem vi a foto mas eu já curto

A2 – Ah é eu também quando eu Ah!

A1 – +ela amizade

A2 – Sim voltando

[

A3 – Voltando pros eventos

M – Vocês con/ vocês consideram eficiente é:: quando vocês veem é:: um evento no *Facebook* um/ um movimento alguma coisa... vocês consideram eficiente é:: a presença física nesse/ nesses manifestos e::

A2 – Eu acho que tem uma certa margem de erro pra mais ou pra menos

[

A6 – Sim é

A2 – Dá pro ( )

[

A6 – Nunca dá todo mundo que confirma

A2 – Dá pra ter uma ideia

A6 – Tipo no/ no:: teve um protesto semana passada tinha:::... sei lá acho que uns oitocentos ou era mil confirmados no *Facebook* e quando a gente foi pra rua mesmo tinha tipo cento e vinte pessoas... cento e cinquenta... duzentos no máximo

( )

((risos))

M – E a questão do ativismo virtual e ativismo real... é:::... o que é que vocês acham?

A8 – Não é por que ativismo virtual ele só funciona quando ele tá junto com/ com::... ativismo

A2 – Real

A8 – Exatamente... por que você fica só falando falando falando num vai resolver nada se você num sai do seu canto for pra rua ou então... enfim

M – Vocês são assim? Vocês

A6 – Eu num faço o virtual

( )

A5 – Se for pra fazer o real eu também não faço o virtual

A2 – Eu faço virtual

A3 – Eu faço virtual

O – Mas vocês acham que pro real existir o virtual colabora?

A6 – Ajuda

A1 – Colabora

A2 – Colabora mas

[

A5 – Ajuda um pouco mas eu acho que aparece muito famoso coxinha né? num sabe nem o que tá fazendo e tá lá compartilhando só pra dizer que compartilhou

A4 – Pra ganhar status

A5 – É mas::

A4 – Pra ser politizado

A5 – É... tipo isso... acho que o virtual num ajuda muito não quando a pessoa for só virtual

((risos))

M – Vocês saem ( )

( )

((risos))

A1 – Não eu acho que colabora MU::ITO muito muito muito como ele disse pra/ pra chamar pessoas

M – É

( )

A1 – Acho que a maior colaboração é essa mas também tem o compartilhamento de ideias no *Facebook*

A5 – É tem

A1 – Tem o compartilhamento de ideias também no *Facebook* tipo alguém fala alguma coisa aí "Ah:: verdade isso... Ah:: vou falar também" aí começa e começa começa e acaba criando uma ideia central que foi a do manifesto e tal

O – E::/ e essa participação (por exemplo de um amigo) incentiva o outro também

A2 – Com certeza

A5 – Sim

A7 – Sim

A6 – Sim

O – ( ) Mais interessados ou propôe ideia que é do interesse coletivo isso colabora pra vocês

A6 – Sim... até por que/ a/ até por que também tem um amigo que tá muito interessado em cer/ certa ideia e quer compartilhar comigo aí chega no bate-papo ou qualquer coisa e começa a falar e esse amigo também fica interessado aí fala pra outro amigo diretamente e::

A2 – ( )

A6 – Sim sim

A2 – E sabe aí vai passando pra todo mundo cada um ( )... enfim

A1 – Grupos do *whatsapp* também

A2 – E não necessariamente na rede social

( )

M – Certo... vocês consideram as manifestações é:: eficientes? Elas realmente podem mudar alguma coisa?

A2 – Algumas

A1 – Depende

A5 – É... depende

A2 – Depende da maneira que você tá fazendo

A5 – Tá fazendo é

A2 – Por que tem gente que faz baderna mesmo

A5 – Tipo aquelas que/ aquelas do ano passado foram muito boas mas teve umas que começou a sair do controle tipo a ideia

A1 – Sem/ sempre tem os gaiatos né?

A5 – Aí tipo ia muita gente que ninguém sabia pra quê era que tava fazendo aquilo era só povo na rua lá fim da/ fim da corrupção mas fim da corrupção como? ( )

[

A4 – Como?

A5 – ( ) Que não tinha muito sentido

A1 – Sim... muita gente

[

A2 – Não tinha argumento e tal... embasamento e tal

A5 – É::... tipo o MPL o movimento passe-livre é um movimento muito grande eles tem uma base eles tem tudo né? tipo

[

A4 – É um movimento social não aquilo

A5 – Não aquilo... tipo uma galera com ABAIXO a PEC trinta e sete sei lá e o que é que é? galera num sabe nem o que era ( ) por que alguém mandou falar e o bicho ficava lá fazendo

M – Vocês participaram?

A1 – Eu fui no maior que teve

[

A7 – É:: o do ano passado

A3 – Eu fui no da passagem

A4 – Eu não fui

A8 – Eu não posso... minha mãe não deixa

( )

M – O que motivou vocês que foram a ir e o que não permitiu os que não foram?

A8 – Meus pais não deixaram... ((risos)) eu não posso sair assim não

A1 – Foi::... foi o dia que teve aula aqui no IF durante o período da manhã e eu estava aqui na manhã... eu não lembro por que mas eu estava... e minha mãe também não deixou mas eu não teve aula a tarde

[

A5 – Foi liberado todo mundo

A1 – Aí eu estudo a tarde nós fomos liberados aí eu acabei não indo pra casa... eu acabei indo pra lá

A6 – Foi saio um galerão daqui ano passado

A1 – Foi

A6 – A gente foi p lá depois voltou

O – E o que é que motivou vocês a irem?

A1 – O que me motivou... assim...

A8 – As pessoas tavam indo aí você foi ((risos))

A1 – Também... não também... por que eu sou muito influenciado mas::... por que você... eu não sei explicar

A3 – Sente lá no fundo "ai meu Deus sou um revolucionário por que eu estou lá"

((risos))

A1 – Não::... é... num sei... eu realmente não... consigo explicar assim

A6 – Acho que ( ) com o transporte público aqui de Natal né? que tipo... aument/ é sempre aquele negócio de... o::... que os empresários financiam a campanha do prefeito aí o prefeito ganha e tem que aumentar a passagem pro empresário ter o seu retorno né?

A8 – Há trinta anos já

A6 – Aí sempre é assim aí aumentam a passagem aí quem se fode é a gente aí eu acho isso que:: impulsiona

A5 – Mas é por que como é a gente que tá se dando mal a gente tem uma revolta... quem/ quem se dá mal fica revoltado sabe?

A4 – É mas as vezes as pessoas são mal informadas

A1 – Eles querem aumentar o preço da tarifa mas não tem melhorias entendeu?

A5 – É... não tem melhorias e num tem um::: tipo um:::... num divulgam... por que eles tão aumentando mesmo... falam "não... vai aumentar a passagem por que a gente tá com ( )"

A1 – Inclusive acabaram de anunciar agora vai pra dois e trinta e cinco

( )

A1 – Já vão fazer o manifesto de novo (lá)

A5 – É uma roda infinita

A2 – ( ) Um::... um site que:: mostra tudo que os governantes tão fazendo pro::/ pros::/ pro povo... eu acho que::... alguns

[

A1 – Portal da transparência

A2 – É:: portal da transparência eu acho que é isso... que:: sei lá todos deviam fazer isso por que tem uns que:: vão sonegando e tal... num é bacana ((risos))

A3 – É... insatisfação mesmo por que é

[

A2 – Essa é a palavra mesmo

A3 – É insatisfação... e a gente não sabe pra onde vai esse dinheiro... quer dizer a gente sabe né? que num volta pra gente ((risos))... eu ouvi/ eu não li nada a respeito do pensamento dele/ quer dizer eu li mas eu não sei o que e tal

A5 – Foi só pra reparar custos que eles tavam tendo... mas eles não abrem as planilhas

A3 – Eu vi::/ eu vi boatos que era que:: iam colocar mais ônibus na rua aí eu pensei "MEU DEUS mais engarrafamento né? querem dizer"

((risos))

( )

A6 – Mas eles não abrem ( ) de custo deles... eles não abrem e a gente não sabe quanto é que um empresário lá tá ganhando aí ele vai aumenta e pronto

A2 – Devia ter uma real transparência

A1 – É::

A5 – Mas também tem os impostos né?... por que/ por que eles querem ganhar cada vez mais só que o imposto não deixa eles ganharem cada vez mais por o imposto é muito alto

( )

A6 – Tirou... o ano passado naquelas revoltas tirou esse/ esses imposto tudinho aí de gasolina... tirou um bocado de coisa

A5 – Foi?

M – É::... vocês costumam participar de grêmio o/ ou alguma atividade estudantil que

A1 – Ela participou

A3 – Eu participei do grêmio em dois mil e doze e você tava na chapa oposta

A5 – É em dois mil e onze a gente teve:: campanha lá né? que foi a única::/ a única campanha né? a única eleição do grêmio aí eu participei da chapa só que a gente perdeu

M – E o que motivou vocês a participarem?

A3 – Olha sinceramente (influência) dos meus amigos

A5 – Eu acho que foi muito interesse de aprender de saber como é que era... tentar ajudar o próximo

A1 – A gente participou de um::/ de um negócio da droga também ( )

( )

A6 – Eu participei de um grupo que é o ( ) que é o Kizomba... é um grupo que se reune pra fazer esses puxa movimentos de protesto puxa:: eleição pra grêmio... discute essas coisas... se posicionar politicamente assim com partido ou a favor ou contra

A2 – A minha (influência) com o grêmio foi só no::/ na época da greve que teve esses protesto negócio verde no braço... eu fui só ajudar mesmo o pessoal

( )

M – Vocês::/ vocês acham eficiente a::... é:::... a presença do grêmio de:: coletivos e::

A4 –B

A1 – Por que o grêmio é tipo um lider né?

( )

A5 – Coletivo ajuda muito a::/ a organizar coisa ( ) coisa... sei lá... ( ) coletivo ambientalista aqui no IF

M – Unhum... certo... certo... ok nós agradecemos a presença de todos

A2 – Já?

((risos))

M – E::: ( )

Grupo focal 5 – tempo de gravação: 1:27:57

LEGENDA:
Alunos: A*número* Mediador: M Observador: O Todos: T

M – ( ) Certo? vocês falem alto pra pegar... é:: pessoal todo mundo aqui sabe né? por que tá aqui... a gente tá fazendo uma pesquisa de doutorado Romana né? eu tô ajudando ela... que é sobre a participação juvenil estudantil... e aí nós separamos alguns pontos... cinco pontos na verdade... pra discuss/ pra/pra discutir com vocês e vocês vão expressar opinião sobre cada ponto né? dizendo o que acha e (vamo ver)... é:: o primeiro ponto é participação democrática... o segundo protagonismo juvenil na escola... cidadania e voluntariado... comunicação e redes sociais... e manifestações sociais... certo?... é:: no primeiro ponto participação democrática... o que vocês entendem por participação democrática? O que vocês poderiam dizer sobre isso?

A1 – Eu entendo como se fosse tipo nossa participação na política... por que quando fala democracia pra mim eu lembro muito da:: questão política

A2 – É uma questão bem ampla mas eu acho que::... se refere a um::... um:: a (escolha) horizontal algo sem ser hie/ hierarquico... algo mais uma espécie de escolha de decissões iguais pra todos

A3 – Como democracia quer dizer::... é poder na mão do povo eu acredito que:: participação democrática é você como cidadão saber agir se portar na sociedade se envolvendo com política se/ se envolvendo com sua comunidade e propondo soluções pro meio que você vive

M – Alguém mais?

A4 – (Carol tá com cara de) Que quer falar

((risos))

M – Tá:: tá com cara de quem... pode falar

A5 – Vocês falaram tudo já

A3 – Eu deixo você falar

((risos))

A4 – +ode repetir tem problema não

M – Não... então tá é:: em que vocês consideram importante assim? Eles falaram de polícita mas vocês também consideram importante a participação é:: em cultura educação saúde segurança?... Pra cada um onde você se encaixaria melhor assim tem/ tem mais vontade de ter/ de participar? em qual/ qual eixo da sociedade?

A6 – Ambiental

((risos))

A6 – Não acho que é importante você:: é::... você se envolver um::... um pouco de cada questão que ocorre em torno de você na sociedade seja ela... em relação a cultura

de certa religião em relação a::: meio ambiente e a área sustentável... acho que é importante você tem/ sempre tentar focar um pouco em cada coisa

M – Vocês?

A7 – Eu acho que é bom também fazer um questionamento sobre o que:: realmente é democracia... por que:: muitos falam "ah democracia é abrir mão do/ do:: seu poder onde todos teriam a mesma quantidade de poder e voto igual tudo isso"... mas a palavra democracia muitas vezes ela é usada eu acho pra iludir as pessoas que::: pra dar uma certa sensação de conforto... se você for observar no mundo a fora... sei lá... até:: o nome da China é República Democrática da China aí cê vai olhar lá:: realmente existe um sistema de voto um sistema partidário mas tem quantos partidos?... aí tem um... aí você vem aqui pro Brasil ah tem vinte partidos mas qual a diferença de um partido pro outro?... A gente tá votando em quê?... muitas vezes essa democracia que nós tamos votando em alguém mas:: o quê que ela tá fazendo lá? Aí será que nós tamos sendo democráticos nossos/ nossos votos tão sendo:: na política igualitários?... acho que era um questionamento

A4 – É uma questão bem subjetiva também né::? Essa... dá aplicação realmente da teoria seja ela leal a parte social-economica

A3 – Eu num sei se::... é:: tirando um pouco da política eu num sei se cabe colocar mas é:: se eu como cidadão me proponho a tentar ajudar de alguma forma o contexto social que eu vivo... eu acredito que isso é a participação democrática que por exemplo não se refere diretamente a política mas que::... por exemplo aos domingos ALGUNS domingos eu:: dou aula voltuntária de informática numa escola no Leni Grado... daí é:::... eu acredito que::... TALVEZ tem/ existam políticos que não tem uma participação tão efetiva no contexto de uma pessoa quanto uma pessoa que se disponibiliza a ajudar assim... talvez participação democrática é de cada um passe tanto pra política mas quanto pra sua própria ação/ ação social

M – Anham... e os demais o que acham?

A8 – Eu acho que aqui na escola tem um/ um::: participação democrática BEM marcante... por que muitas vezes nós do coletivo precisamos conversar com a diretoria e sempre nos ouvem e nós sempre temos voz aqui dentro da escola mesmo que de certa forma haja hierarquia os alunos podem estar LÁ EMBA::IXO mas eles sempre procuram ouvir as nossas opiniões nossos questionamentos... acho que é um/ um/ um::: um aspecto muito interessante da escola por que os alunos se sentem parte do:::/ da instituição literalmente

A5 – E era uma coisa que devia ser voltada pra toda sociedade né? todo mundo devia se sentir fazendo parte

A8 – De tudo

[

A5 – De tudo por exemplo é::: como ela falou a gente sempre tem voz e:: consegue é::: atingir as pessoas (entre aspas) que estão acima de nós e::: na sociedade deveria

ser assim mas só que tem gente que se contenta e fica lá no seu lugar sem querer agir em prol do outro achando que o que os políticos tão fazendo é sempre bom/ é sempre bom pra gente... votam entrega a nossa vida nas mãos deles... eu acho que democracia seria mais a gente chegar e agir como ele falou

M – Muito bem... é::: como vocês acham que pode ser exercida? Na sociedade na escola? Como vocês/ qual o/ é::: como vocês podem exercer essa participação livre e criativa?

A7 – Através da::/ da própria manifestação né?... você::/ você querer fazer e não simplesmente querer... você querendo indo atrás se esforçando assim se impondo sua ideia não deixando que as pessoas tentem (disseminar) se você tem um conceito formado... acho que isso é o mais importante numa democracia você levar a (sua sementezinha) ( ) é (essa sementezinha) e até:: ou disseminar a ideia ou deixar que ela morra (realmente) mas não por falta de/ de::/ de suas tentativas

M – Unhum... vocês concordam?

((risos))

A1 – A melhor forma de conseguir isso é realmente indo atrás e:: tomando conhecimento sobre aquilo se eu quero mudar algo:: inicialmente eu tenho que saber tudo sobre aquilo e me posicionar... como vou mudar? Em que eu posso ajudar? E como eu vou conseguir isso?... é:: contribuição mesmo

A5 – É as vezes num precisa ser nem:: grandes coisas né?

A1 – É

A5 – Por exemplo tem com o pessoal da praça

[

A8 – A ecopraça eu também tava pensando nisso

A5 – É ele faz um movimento que ajuda ao pessoal local e que:: deu outras/ dá outras ideias também ou seja as ideias que eles andam/ que a gente vai buscar deles vai:: ajudar o pessoal daqui também é e aqui vai pra fora então assim vai se expandindo e isso seria o legal... que todo mundo conseguisse dar:: pequenas ideias que fossem:: se espalhando na sociedade e que ajudasse a todos

A8 – E de qual/ de toda forma tá promovendo a igualdade por que é uma forma de lazer praquele pessoal que não tem condições de pagar pra ir prum clube pra uma coisa tem aquela ecopraça que num tem nem ajuda da prefeitura nem nada e que o pessoal mesmo assim continua com todo esforço

M – Anham... é:: vocês acham que atualmente o:: o jovem né?/ vocês jovens é::: se sentem melhores representados e:: participando melhor quando é através de uma representação formal é/ é a partir de um/ de um partido político e tudo ou com representações informais né? os grupos e coletivos comunitários e:: das instituições mesmo de ensino?

A9 – Eu acredito que tá mais bem representado pelos coletivos

[

A5 – Com certeza

A9 – Pelos grupos por que num tem é muita::/ muita comunicação com o partido direto e tal ( )

A3 – Eu acredito que falta:: rep/ pelo contrário eu acredito que FALTA representatividade ao jovem... não só ao jovem mas:: ( ) eu vou frisar mas tipo... é::: se você for comparar é:: o nosso congresso treze por cento são mulheres... menos de dez por cento são jovens e:: é:: menos de dez por cento também são negros... não tem representatividade é:: em porcentagem é:: relevante LGBT por exemplo... então tudo isso mostra o quão a nossa forma de fazer política é viciada... é:: baseada em apoios de grandes empresas ( ) políticas que fizeram carreira e não tornaram aquilo algo que pudesse ser proveitoso pro povo e sim pra si mesmas... então eu acredito que o jovem atua muito mais quando ele se reune com um grupo de amigos pra agir em torno de um ( ) sustentável em torno de um plebiscito popular em torno de algo que você pode tá ajudando a construir do que em algo que já está formado que já é estigmatizado na sociedade que:: é muito difícil você desconstruir a figura de um Alves de um Maia de um Farias

A4 – A visibilidade de um/ de um grupo coletivo assim como Rodrigo falou é bem maior por que:: você tá num grupo que:: é mais aberto à comunidade que você tá vivendo... um partido não... é mais aquilo fechado se você quer participar você tem que buscar saber o que é... e:: num pode chegar de qualquer forma e:: tentar entrar naquele grupo... já num coletivo não... a gente pode vê assim fazendo um/ um/ dando um exemplo no coletivo que João Vitor participa/ coordena ( )

((risos))

A4 – João Vitor coordena na verdade

A2 – Todos coordenam!

((risos))

A4 – Ele::/ ele deixa o grupo bem exposto a/ a quem quiser participar quem quiser entrar é só procurar ir pra reunião e assim

A7 – Eu já tava com um ponto de vista acho que completamente diferente do que tá sendo exposto aqui em relação a isso... por que:: muito se fala do micro e do macro... claro que é mais fácil você entrar no micro e tentar mudar vinte trinta cinquenta cem pessoas que tão no seu redor e levar e ir diseminando... mas:::/ é::: é mais fácil ( ) acessibilidade... mas o que você vai atingir vai ser uma camada muito ínfima da sociedade... quando você entra no macro apesar de todas as dificuldades se você pensar em passar cinco anos seis anos dez anos se especializando e tentando entrar no macro... você vai ter capacidade de fazer muito mais... por que o que acontece... por exemplo... vamos supor com relação a agressão domiciliar do marido na esposa...

existe/ existe diversas/ por todos os tempos existiam grupos de/ de:: é prevenção contra isso de mulheres que sofreram... mas nunca se obteve uma grande efetividade no combate a isso... eu acho que é muito mais fácil você::/ não muito mais fácil mas muito mais efetivo apesar de ser mais difícil você tentar entrar realmente onde levar soluções e ideias pro congresso pra onde se faz as leis e tentar mudar a mente das pessoas todas de uma vez só... através da imposição através do poder de polícia através de tudo isso... outro exemplo também muito grande é quando se falava do adultério... as mulheres não podiam trair os homens também não se não iam ser presos iam ser tudo isso... cadê as pessoas que/ que ( ) todo mundo... todas as pessoas podiam é:: tentar combater isso e dizer "ah! Não vamos fazer isso" "isso é um absurdo por isso por isso por isso"... mas só basta que uma pessoa chegue lá e consiga convencer a cabecinha de dez pessoas quinze pessoas dentro do congresso pra que isso mude a cabeça de uma sociedade inteira... por que só quem se ferrava com isso literalmente eram as mulheres... nunca vi um homem falar de um homem ser acusado de adultério... ou seja... você podia criar vinte milhões de grupos cada um em uma cidadezinha ( ) cada em uma cidade mas não ia conseguir mudar... mas uma pessoa só indo no congresso tentando levar sua ideia ao extremo conseguiu mudar a cabeça do mundo por que hoje em dia depois de quê oito anos que mudou a lei eu acho que ninguém mais ouve falar que adultério é uma coisa errada da mulher que vai ser presa que vai ser espancada

A4 – Mas é:: como é que você pensa na inserção nesse macro sem a passagem pelo micro além do voto direto?

A7 – Não... eu não falei que o micro é:: deve ser deixado de lado... eu só falei que a efetividade dele é muito muito menor do que em relação ao macro... eu não falei pra você passar direto... você seguindo suas representações você pode por exemplo aqui hoje com dezoito anos eu posso é:: tá terminando minha faculdade sei lá com qualquer coisa eu ir lá pro congresso e manifestar minha vontade tem parte/ livre participação... eu provavelmente eu não vou conseguir mudar a cabeça de nenhuma pessoa lá até por que eu não tenho é::... bagagem pra isso suficiente... ou seja... é muito mais fácil eu tentar focar em me especializar em entender como funciona o sistema pra lá tentar mudar de uma vez só... como eu conversei com você naquele dia... eu conversei sobre:: muitas vezes você tenta mudar aqui TUDO... sabe de tudo do IF muda tudo... mas muitas vezes não sabe como funciona é::: a questão partidária o que é o legislativo o que é o executivo não sabe quem manda nisso qual a representação de cada um... ou seja eu acho que se você se especializar e gastar tempo em relação a isso pra:: poder influenciar todos de uma vez só é mais difícil mas é mais efetivo

A3 – Mas se você parar bem pra pensar é:: uma pessoa que vive na perifería que convive com a/ com a:::/ um contexto social em que não favorece a você ter um caminho a ser seguido que leve pra lutar por um direito... ele deveRIA naturalmente ser ouvido mas não é... existem grupos sociais que atuem que podem o acolher que

podem pegar sua causa e podem construir uma luta a partir disso... eu acho que:: por exemplo é:::

A7 – ( ) Que eu tô falando... você vai conseguir influeciar por exemplo você tem uma/ um/ um grupo sobre retirada de jovens da rua... seria um exemplo prático isso um jovem/ nem falo sobre perifería por que tem perifería/ pessoas que saem da perifería e chegam até o mais alto/ o mais alto escalão da sociedade... não mas eu tô falando de jovem/ jovem na rua que é:: eu acho que bem mais baixo do que você pensou... um jovem é::: que mora na rua sem abrigo sem nada... você pode montar o seu abrigo... você pode dedicar toda a sua vida por que você montar uma coisa dessa é tão grande que você tem que se dedicar sua vida DIRETO a isso... cê monta uma ONG basicamente cê tem que viver simplesmente pra sustentar um por que é uma coisa TÃO difícil que cê não imagina o quanto... ou seja... se você tem o seu tempo pra se dedicar a essa pessoa você vai ajudar cinquenta crianças por mês... mas num é muito mais::/ não é muito mais difícil mas num é muito mais efetivo você ir deixar essas crianças abandoná-las nesse momento é::: vamos supor isso... e::: focar é::: em formação sua em qualificação em/ em debates pra tentar e chegar e mudar a cabeça de toda uma sociedade contra a criação de ONGs apoiadas pelo governo em todas as cidades do Brasil? Você não vai só apoiar os cinquenta da sua rua vai salvar cinquenta de cada cidade

A3 – Se você parar bem pra pensar não é assim que acontece

[

A7 – SIM:::

A3 – ( ) Se eu passar a vida inteira pra fazer isso pode ser que eu nunca seja eleito... conheço muita gente que tem muita formação

[

A7 – NÃO:: você não precisa ser eleito pra/ pra

A3 – Como você vai ser ouvido se a maioria do congresso não vivencia isso?

A7 – Através da sua participação... por exemplo... você não precisa ser eleito pra ter participação pra ter:: é:: voz ativa... se você for a/aparecer lá tem:: várias/ várias votação de lei onde a população pode ir lá

A3 – Mas se quando ( )

[

A7 – Você não precisa ser qualificado... você precisa ter uma por exemplo você se qualificou em educação fez é:: um curso fez um mestrado doutorado... você fez um vamos supor dez anos se dedicando a isso só o estudo dessa/ dessa coisa você vai conseguir SIM influenciar pessoas... se você chegar a sei lá... um grande homem da/ da:: literatura brasileira você acha que uma pessoa não vai chegar e vai lhe ouvir?

A3 – Não... mas o que você tem que fazer pra ser uma grande homem da literatura?

A5 – Cê tem que começar do:::

A7 – Começar do pequeno

A3 – Então Paulo

A2 – Um exemplo claro é o coletivo... ele produz uma ação micro dentro da escola mas que produz voz também fora... a gente já cansou de ser convidado pra participar de audiências na câmara legisla/ câmara dos deputados

[

A7 – Cê não precisa ser convidado cê pode ir direto

A2 – Nós já fomos direto sim

[

A7 – Pronto então

( )

A2 – Estamos tendo uma interação direta na questão Salve o Parque das Dunas participamos na ( ) do projeto que ia apontar cinco mil obras na cidade... e a gente começou do micro... é muito importante da existencia pra que desse micro

[

A1 – Por que no micro é que a gente vai criar nome

A8 – E você tá se qualificando

( )

A8 – Como ela perguntou como era que a gente tava mais bem representado eu acho

M – É:: como é::: como vocês é::: podem participar assim... em qual/ qual eixo né? formal ou informal vocês

A8 – É:: então aí justamente

[

M – Vocês participam mais vocês

A8 – Eu acho que pra isso que você falou pra gente conseguir chegar no macro pra gente chegar no partido e conseguir influenciar mais pessoas eu concordo com ele que pra gente conseguir influenciar mais pessoas talvez a gente chegue/ tenha/ tenha que tá num:: lugar maior que::/ que a sua opinião valha mais... mas pra poder isso acontecer a gente tem que construir um histórico construir a bagagem como ele falou... aí que vem a questão... a gente assim... eu acho que como represen/ como representação eu acho que os jovens tão sendo mais bem representados pelo/ por coletivos como nós por pessoas que querem fazer mudanças... agora assim por que eu acho que faltam pessoas é:: que/ que querem alguma coisa no::/ nos:: lugares que::: deveriam::... como assim tipo um exemplo por exemplo políticos eles deveriam fazer coisas pra nós só que na verdade eles não estão tão bem preparados ou eles não

querem fazer::/ fazer isso por nós... digamos assim... então eu acho que como representação talvez os coletivos sejam melhores por que no momento estão representando melhor a opinião de jovens do que os verdadeiros políticos por que muitos dizem que faz só que na verdade é:: quando no dia a dia a gente vê muito pouco isso

A3 – Eu::

((risos))

A3 – Vá:: diga

A2 – É:::... como eles falaram essa questão de também se sentir/ de se sentir mais representado pelos coletivos grupos sindicatos talvez... é meio também por uma fase uma questão tabu que vem se criando aí no decorrer do tempo... a questão é::: de governos serem a cada gestão mais desvalorizados... mais é::: não cumprir as promessas... é:: eu já cansei de ver pessoas que:: já deixaram de participar do movimento estudantil por dizer que esse movimento era interligado a tal partido... é::: eu fiz uma viagem recente e lá era o que mais se comentava em relação a "eu não participo do grupo de fulano por que é ligado ao PT é ligado ao PSol"... grupos também de juventude ligado aos partidos como tem aqui no estado o Junts Kizomba sei lá:: é::: Anel... e esses grupos são de forma direta e indireta ligados a partidos e muitas pessoas se sentem incomodadas com isso... mas também são grupos que lutam por direitos dos jovens da::/ da população de forma geral

A7 – Mas João Vitor em relação ao formal e informal por exemplo o que você vai atingir... Beleza eu não tô em nenhum momento questionando é::: como é que eu posso dizer?... o benefício que o::/ o::: o informal que os coletivos que os representantes de pequena massa trás pra sociedade muito pelo contrário eles devem existir por que nunca vai se conseguir coisa/ alcançar a solução toda de uma vez só... NUNCA... eles são essenciais pra manutenção daquele estado eles são essenciais pra manutenção daquele determinado tempo... mas por exemplo você entra num coletivo onde você é:: planta cinco mil árvores num bosque e cria uma::/ uma::/ um campo pra:: um parque de pessoas uma coisa de/ de:: relaxar de uma sociedade mais verde... BACANA... mas se você for observar isso no geral... isso essas cinco mil árvores não representam NADA em relação ao total... o que uma coisa é muito mais importante você pode se desgastar a isso... cê pode criar as cinco mil árvores mas por exemplo

( )

((risos))

A7 – Não mas por exemplo

[

A3 – Não mas dessa forma que você tá pensando

A7 – Não mas é um exemplo rápido em relação a poluição certo?... ( ) cinco mil árvores pra quê? Pra/ pra diminuir a poluição é isso? Pra deixar uma cidade mais fria?

A2 – Não necessariamente também

A7 – Não também mas se você for pensar

M – Ninguém precisa tentar convencer ninguém

((risos))

A7 – Não é::

A8 – Nas começa do pequeno né? assim começa com cinco mil

( )

A3 – É uma maneira um pouco egoísta o jeito que você pensa

A7 – Não olhe só você plantou cinco mil árvores certo?

((risos))

A7 – Você plantou cinco mil árvores certo?

A3 – Certo

A7 – Vamos supor que pra/ pra melhorar o/ o:: o ar da sociedade o::/ manutenção do planeta... temperatura tudo isso

A2 – Você sabe que acontece certo?

A7 – Vinte por cento? O resto em águas marítimas

A2 – Acontece de forma positiva

A7 – Certo não acontece eu não tô negando ISSO... eu não tô negando!... em nenhum momento eu neguei que:: é inefetivo... até por que se eu for negar que é inefetivo você vai tentar mudar de cima?... Num é inefetivo... cada um tem efetividade

A2 – Mas é bem mais

A7 – Mais?

A2 – Difícil

A7 – Então é exatamente isso mas... você pensa que:: por exemplo mil pessoas se desgastar pra/ pra no macro e mil pessoas ir no/ no::/ no total no::/ na::/ no topo... se só uma conseguir chegar no topo e conseguir fazer diferença ela vai fazer mais diferença pra o/ pra sociedade em geral do que as mil pessoas que tão tentando de:: a no pouco... por exemplo se vim uma lei obrigando é:: a cada sociedade ter no mínimo é::: tanto determinado de árvores pra:: tanto determinado de carros de poluição?... Uma lei dessa faz com que:: o ar de uma cidade seja muito mais puro do que mil coletivos fazendo o micro entendeu?

M – Vamo mudar de tópico? Ninguém quer mais/ alguém quer mais falar alguma coisa e você tem

A3 – Eu passei minha fala

A2 – Desistiu

M – Desistiu né?

((risos))

M – Quer falar mais não? As meninas querem comentar alguma coisa?

( )

((risos))

M – Não sobre as árvores/ não sobre as árvores ((risos)) sobre as representações... ninguém?... então vamos passar

A1 – Eu quero calma!... eu acho que uma coisa (coincide) a outra tipo os micro como cê falou os menores eles tipo se a gente for agindo de forma:: é:: contínua vai acabar gerando algo maior e é uma consequencia

A5 – E tipo eu faço um pouquinho aqui você faz um pouquinho em outro canto e acaba tendo um impacto muito grande

A8 – É::

A3 – Eu acho que isso faz parte da participação social da democracia

A5 – É:::

A3 – Por que se você for tentar mudar simplesmente passando sua vida inteira pra criar uma lei você pode ter deixado de agir em muitos momentos em que só uma pequena atitude podia ter feito a diferença na comunidade

A5 – Exatamente

A3 – Que precisa de um pouco de conhecimento pra começar a mudar sua atitude

M – Na escola... é... é vou falar agora já então... mudando o tópico né? pra protagonismo juvenil... é:::... vocês se veem aqui no IF... você que é ex se via... e vocês se veem como alunos... estudantes protagonistas ou vocês ainda se entendem e acham que a escola vê vocês como coadjuvante mesmo?

A3 – Em que contexto?

M – Não... aqui na escola

A2 – Como assim?

M – De participação

A7 – Política ou não?

M – É... vocês em relação a participação... a diretoria né? as diretorias escutam vocês? Vocês tem voz aqui ou vocês acham que não, que o aluno ainda é coadjuvante?

A8 – Mariana até falou isso que a gente tem uma comunicação muito grande com a::... com os diretores e tal... sempre teve na verdade...

A2 – Eu por exemplo peguei a antiga gestão da direção do campus e atual... e a nova... e a gente consegue ver quem já participava aqui claramente a mudança... é:: desde que a nova assumiu o papo deles sempre é "ah! A minha gestão é feita principalmente por vocês" é::: e algo que a gente não conseguia ver

A5 – É democrática

A2 – É exatamente... é uma gestão totalmente democrática... também em nível de reitoria... hoje inclusive teve um gabinete itinerante... é:::

M – É:: só cortando rapidinho... vocês... é:: você disse que hoje teve um gabinete itinerante... nos outros grupos o pessoal falava "ah! O gabinete itinerante tem mas os alunos não vão"... hoje teve?

A3 – Teve muito

M – Tinha? Todo mundo participou e tudo?

A2 – Inclusive foi o que mais rendeu e extrapolou a hora

A3 – Extrapolou por que todo mundo quis colocar

A7 – Eu acho que aqui no IF uma questão modelo de isso acho que pra qualquer outro lugar da sociedade... por que se for olhar em outras instituições mesmo na UFRN é:: acessibilidade pra você falar basicamente é nula... cê pode ter ali um professor ou até um/ uma pessoa de baixa patente na administração que vai lhe ouvir... mas se você quiser realmente por exemplo eu me lembro que quando assim que eu entrei lá... antes de eu ir pra direito... tinha uns problema nos laboratórios que só era permitido a partir de agora entrar de calça e tudo isso... uma questão pequena assim de ( ) os alunos... mas pra:: aqui no IF eu acho que seria bem mais fácil saber como isso aconteceu e explicar por que não poderia... mas se você for lá... não vai ter explicação por que não pode... é simplesmente "é isso e acabou" você não vai saber quem foi que quis isso por que... não tem isso... aqui não... chega uma pessoa ele fala "oh por isso... pra melhor manutenção"... na UNP também que deveria ter uma atenção maior pros alunos também basicamente isso não existe... chega uma pessoa e fala uma coisa aí no outro dia vai outra e fala outra coisa... não existe essa:: assistência e essa informação de forma efetiva pros alunos... isso aqui é um exemplo...

M – Sim...

A2 – É... só um::/ um relato também... a questão da participação ativa que o aluno tem aqui na instituição na gestão da instituição... é que o IF acabou de adquirir alguns painéis solares e a gente conversa com Arnóbio e com Tutu nosso diretor de administração... eles falaram que muito desse esforço que eles tiveram em trazer esses painéis pra cá foi por perceber o que a gente faz pela escola... o coletivo ambientalista faz... nossa preocupação com a área ambiental e que eles tinham até como outra prioridade esse gasto pra fazer outra coisa que::/ mas que eles ( ) essa verba...

A4 – ( )

A2 – Oi?

A4 – Sentiram necessidade.

A2 – É. isso isso... eles viram essa percepção

( )

A2 – É::... é uma necessidade. O campus gasta cento e vinte mil reais de energia por mês... é mais de um milhão anualmente e existe essa necessidade também... e é uma preocupação que é enxergar a parte do estudante a preocupação em transformar o IFRN em um campus mais sustentável...

A5 – Eu vejo muito na minha diretoria a pedagoga Silvana e:: tipo assim muitas pessoas não a conhecem... mas também muitas pessoas a conhecem por que na minha opinião a peda/ o setor pedagógico do:: DIAREN ele:: gosta muito de receber os alunos... eu sempre recebo e-mails dela perguntando se minha turma tá passando por alguma dificuldade... se a gente tá tendo algum problema de:: com professores se as notas estão bem... e:: ela sempre conversa comigo... sempre com... sempre tem reunião com os lideres de turma... eu acho que essa comunicação entre peda/ a pedagoga e os alunos também é importante pra gente é... se sentir como parte da escola como eu falei antes... acho isso muito interessante por que eu tinha estudado em escolas anteriores e nunca ninguém chegou pra perguntar "o que é que você tá achando? Você acha que a gente pode melhorar nisso nisso?" entendeu? Acho que muito interessante aqui na escola...

A6 – E não só isso também ela aconselha para a vida

A5 – É:: exatamente

A3 – Tudo isso é a função do::/ do IF tá até no projeto politico pedagógico que é formar técnico cidadão. Não só apenas técnico mas principalmente a questão cidadã

A7 – Na época que eu desisti teve muita gente que desistiu comigo e a Fátima que é da DIATINF ela teve uma preocupação:: ( ) mas ela teve uma preocupação gigante em relação a perguntar "não... tem certeza? Quer cancelar? Não... vamos fazer mais um semestre?" então eu acho que isso é uma... muita coisa diferenciada aqui.

M – A relação... vocês é::: professor-aluno-gestão vocês acham que é efetiva? Assim vocês conseguem é:: participar bem? Vocês... todo mundo escuta vocês e tudo ou a tem as vezes alguma coisa que...

A5 – Nem todos

A3 – É bem mais acho que a::/ a relação entre aluno-gestão-direção é bem mais favorável do que aluno-professor.

A7 – Concordam?

A5 – Concordo.

A3 – É por que as vezes o professor ele/ ele quer se impor mais (sobre) o aluno

((risos))

A3 – E::/ e se você num vai na direção na secre/ até na secretaria... na sua secretaria... na sua diretoria eles vão procurar saber por que aconteceu aquilo... você vai ter o poder de se explicar... o professor também... é mais um... a relação aluno-professor ela é:: ( ) ele/ ele/ ele tá numa hierarquia acima da sua e ele vai querer se impor sobre sua opinião.

A7 – A questão é que tem professor aqui que manda mais do que a administração... tem professores que se impõe perante a administração... muitas vezes eu acho que eu ouvi uma frase aqui que eu nunca vou me esquecer em relação a isso... é:: que a gente foi reclamar sobre um horário de chegada de um determinado professor... e o que a gente ouviu da direção é que:: "não. Com ele é diferente... com ele a regra geral não se encaixa"... Por que?

A8 – Eu sei de que professor (você tá falando)

((risos))

A8 – Eu passei pela mesma coisa.

A7 – Por que? Então...

A1 – É... eu acho que a falta de comunicação direta com os professores vem dos professores mais antigos da escola.

A3 – Sim.

A1 – Não está/ não estão acostumados com essa:: linha direta de comunicação mas os professores

A2 – Essa democracia

A1 – Exato. Mas os professores que estão aqui na escola mais recentes né? eles já compreendem que é importante haver esse diálogo... essa abertura... mas eu tive professores que eles são mais antigos na escola mas que a comunicação com eles é zero... não tem como entrar num acordo.

M – Todo mundo concorda?

((risos))

A4 – Sim...

A2 – Eu concordo muito.

M – E com relação a hierarquia e liberdade vocês acham que:: é:: nessa hierarquia... nessa linha de gestão-professor-aluno é:: vocês tem liberdade de participação né? acho que a gente já perguntou né? e vocês consideram né? É:: e a participação no planejamento? Vocês tem? Vocês conseguem participar?

A6 – Planejamento da escola?

M – Sim. Da escola e das aulas também... o professor é::/ é aberto a mudanças? Geralmente/ geralmente vocês... os professores tem...

((risos))

A8 – É tem professores que acabam (aceitando) as opiniões da gente... pergunta “ah! Cês tão gostando disso ou não? Agora tem aqueles que (entregam) o plano de aula e ( )

A6 – É... acho que essa questão/ essa questão que falaram do tempo de serviço principalmente conta muito pra essa questão de um planejamento de aula por exemplo... se o professor ele::/ ele tem muito tempo na instituição e ele dá aquela aula desse jeito e certa turma não gostou do tipo de aula dele... ele não vai mudar aquele tipo de aula por causa de uma turma... e:: o argumento dele vai ser que ele já deu aquela aula várias vezes a várias turmas e:: todo mundo/ ninguém reclamou e por que alguém reclamou ele não vai mudar... mas assim... tem professor realmente é:: ele é muito aberto pra essa questão... ele procura sempre favorecer o aluno... dá prioridade ao aluno... aí tem muita diversidade... pelo menos aqui dentro... pelo menos na minha turma também já aconteceu diversos casos assim.

M – Sim.

A2 – É como já foi dito né? ( ) questão aluno-professor e aluno-gestão... a relação aluno-professor nem sempre é muito amigável... é a::/ acho que no meu caso nunca houve uma mudança de cronograma do professor em relação/ a pedidos do aluno

A3 – Houve gente.

((risos))

A2 – Não... houve raros casos mas na maioria não... mas em relação a::/ a nível do IFRN no estadual recentemente teve o PDI que é o Plano de Desenvolvimento Institucional em que:: é:: o aluno teve::/ teve voz pra ir lá no Suap “Oh eu quero isso e isso”... que é um::/ um plano que vai ser utilizado acho que é nos próximos cinco anos na escola...

A3 – Eu acho que a maioria inclusive não soube disso.

A2 – Ah... Já foi encerrado

A8 – Não soube

A1 – De quê? Desculpe...

A2 – É o Plano de Desenvolvimento Institucional que é tipo o programa da escola nos próximos acho que é cinco anos... e que o aluno ou servidor... técnico administrativo... professor... docente... seja quem for teve total liberdade pra sugerir e pra que aí seja é:: escutado pra reitoria a nível direção geral.

A8 – Acho que eu vi no site e no acadêmico.

A6 – Eu sou retrasado... eu sou retrasado... ((risos))

A2 – É... e o coletivo... num sei nem ( ) alguém ficou de fazer que era pra questão de implementação de viveiros em cada campus do estado.

A6 – Acho que foi feito.

A2 – Eu espero que sim.

((risos))

M – É... vamos mudar um pouquinho do tópico pra cidadania e voluntariado... vocês costumam participar de alguma ação voluntaria ou...?

A3 – Eu sim.

A2 – Acho que todo mundo que participa do coletivo produz uma ação voluntaria.

M – Sim. E qual o envolvimento de vocês com::/ com os problemas sociais assim... o que faz/ o que motiva vocês a participar de coisas de::/ de coisas sociais né? De coisas pro bem coletivo?

A4 – É uma questão também de...

A3 – Pessoal... é mais pessoal eu acho...

A6 – É... se é uma coisa que lhe incomoda pessoalmente você vai querer buscar aquilo... é:: por que assim... eu já::/ já me convidaram pra participar de alguma coisa e eu não::... tipo eu não quis ir por que achei que aquilo não ia me afetar diretamente... mas também::/ mas também não (critico a atitude) de quem tá fazendo aquilo e acho até interessante mas... sei lá... ((risos))

A8 – Eu acho que o voluntariado pra ser efetivo você precisa se colocar na::/ na situação de quem tá ajudando por que realmente se isso não se colocar ele não vai ser efetivo... não vai ser feito de forma correta você não vai... assim o que eu vejo muito em relação ao meu curso... fugindo um pouco daqui... em relação ao voluntariado... existe um voluntariado obrigatório quando se fala do estágio sabe? Que basicamente é pra você ir lá e::/ e fazer uma ati/ um::/ um programa voluntário pra atender a população carente... o que eu vejo muito são pessoas que não se colocam no lugar e basicamente... ao invés de ajudar... acaba atrapalhando muitas vezes aquela mãe que precisa de uma pensão alimentícia... tudo isso... ou seja voluntario pra ser efetivo literalmente você precisa se colocar naquele lugar e querer fazer realmente... acho/ eu acho que a regra básica é essa.

M – Certo. Vocês.

A6 – É questão...

( )

M – Pensar nas temáticas... vocês vão... quais são as temáticas que vocês acham que::/ é:: assim... que vocês se envolvem mais?

A5 – Coletivo...

((risos))

A5 – Meio ambiente... tem também...

A3 – Serve participar do grupo da igreja?

A5 – É:::... da igreja tem... Pra ser uma ação voluntaria...assim não precisa ser a ação... aquela enorme ação que você precisa fazer enormes coisas... por exemplo na

igreja quando tá fazendo sopão como muitas pessoas fazem... ou você ter aquele monte de roupa no seu guarda-roupa você junta e manda pro interior

( )

A8 – Você pedir doações

[

A5 – Justamente... eu acho que tem certas coisas que você pode fazer que pode fazer diferença... então é:: não precisa ser O voluntariado... não precisa fazer aquele bazar e ganhar muito dinheiro pra ajudar uma instituição ou algo assim mas são coisas que você pode fazer

[

A7 – Eu já acho que tem que ter

A5 - Que pode ajudar outras pessoas...

A3 – Na UFRN a gente::/ eu ( ) teve a primeira turma de (veteranos) agora e a gente vai propor um trote voluntário... tipo a gente não vai deixar de/ de:: a gente não vai deixar de ir pra uma festa fazer churrasco um negocio mas ao mesmo tempo pretende recolher alimentos recolher roupas pra distribuir por que a gente sabe que a desigualdade social é gritante.

A1 – Por que o que pra gente pode ser mínimo pra pessoa que recebe isso é um::/ um gesto imenso... eu no Salesiano tinha sempre a:: acho... num lembro como era o nome mas tinha um fim de semana pegavam ex-alunos que::/ por exemplo médicos advogados que eles iam lá pra:: é:: tentar atender a comunidade próxima de lá.

A3 – Passo da pátria.

A1 – É... O pessoal do Passo da pátria... e eles... pessoal que recebia a ajuda ficava (muito feliz)

A3 – É tipo carta de:: natal... sei lá... que as vezes a pessoa pede uma bola uma boneca... você dá

A8 – Uma coisa super besta (tipo)

A3 – Uma vez eu fui eu mesmo entregar e tipo:: me perdi dentro de uma comunidade e quando eu me encontrei eu me toquei que eu reclamava de muitas coisas que não existiam motivo pra reclamar... tipo::/ aí quando eu entreguei era uma bola... tinha pedido uma bola sendo que é:: como minha mãe sempre me falou de educação... num sei o quê... eu levei uma bola um kit escolar e um pouquinho de roupa... e::: quando:: a::/ a criança pegou logo a bola ficou feliz... mas a mãe quando viu aquilo foi uma reação assim que você não imagina o quão grande foi aquilo pra ela.

A2 – E a ação voluntária também as vezes... nem sempre:: é:: teve um resultado ( ) eu acho que um apoio psicológico apoio moral também é sempre bem válido... Como Rodrigo vem fazendo... Explique um pouco a sua::/ sua caminhada.

A3 – Eu::/ eu sou espírita kardecista e eu frequento centro espírita que é:: possibilita você a ajudar pessoas de várias comunidades... daí eles receberam um prêmio como é:: melhor grupo que não recebe dinheiro governa/ não é uma ONG mas é tipo isso... e eles receberam uma quantia considerável e eles foram no Leningrado que é uma comunidade muito pobre perto de Cidade Satélite e eles construíram uma escola e com professores voluntários em todas as áreas que eles podiam... e montaram um laboratório de computadores e::: como o conhecimento era mínimo eu me disponibilizei prontamente em ter tipo... eles não sabiam/ tinha gente que não sabia o que era uma escova de dente quem dera um computador... de fato eu conheci pessoas que não sabiam o que era uma escova de dente... o que pra mim é uma coisa essencial... existe/ existem pessoas que nem ouvem falar... e:: a partir desse momento que eu comecei a vivenciar essa realidade alguma/ algumas::: formas de visão minha mudaram e eu acabei me inteirando um pouco mais da comunidade e é uma troca recíproca né? você... tem coisa que eu aprendo lá que eu não aprendo com um pós-doutor na UFRN e que não valeria a mesma coisa... então eu dou::/ eu num digo nem que eu dou aula... tipo:: eu mostro o que são as coisas eu ligo o computador com eles eu::/ sei lá:: abro um paint pra fazer desenho... essas coisas e::/ ao/ eu acredito que isso tira um pouco eles da rotina e eles colocam no contexto de:: mostrar um pouco mais como é a vida como eles podem crescer progredir... melhorar a dita melhora de vida ( ) social então...

M – É::: vocês acham que a juventude atualmente se interessa mais em participar de coisas mais amplas? É:: no caso... num sei de participar de uma mudança de lei ou de uma coisa MAIOR ou se interessa mais por é:: ajudar mais o que tá mais próximo?

A8 – Os dois.

A3 – Os dois.

A5 – Eu acredito que os dois.

M – Mas com relação a participação mais efetiva assim vocês acham que participam mais de um ou outro?

A3 – Ó agora tá com uma campanha do plebiscito popular... é uma coisa que é:: uma mudança proposta das manifestações de junho de dois mil e treze e que tão sendo colocadas em prática agora... é:: oitocentos comitês por todo Brasil já foram formados na sua maioria de juventude... ao mesmo tempo/ eu tô ajudando o comitê aqui do IF... ao mesmo tempo eu participo do coletivo que luta pela causa ambiental... que eu dou uma aula de informática pra uma comunidade carente... eu tô lutando por uma coisa macro também que é a mudança da reforma política... uma constituindo pruma reforma política... que é uma coisa que pode... se rolar... alterar o Brasil inteiro.

A7 – Constituinte de quê? É por que isso?

A3 – É uma::/ é um plebiscito popular... ou seja... pessoas clamando por uma constituinte soberana e exclusiva pra reforma política... que:: tá sendo proposto que é:: se recolham assinaturas é:: acredita-se que se recolher alguns milhões de

assinaturas que sejam levadas pro congresso... por que apenas o congresso tem o poder de puxar um plebiscito de verdade naquela (urna)

A7 – Aí como eu falo em relação a isso... o desgaste pra você conseguir isso é imenso... pra você conseguir uma::/ um projeto de lei através do voto popular se eu não me engano são cinco por cento da população nacional. Você sabe o que é cinco por cento do Brasil?

A3 – Não. Mas o que a gente

[

A7 – Não. Mas o que eu tô dizendo é assim... você sabe o que é cinco por cento do Brasil? Você sabe quantas cabeças tem que convencer? Aí o que eu/ o que eu acho que:: é mais difícil leva mais tempo mas é mais efetivo em relação aquela discussão você só precisa convencer UM político... UM!

A3 – Não é assim. Dois terços do congresso precisaria aceitar

[

A7 – Não. Não calma aí! Pra você iniciar um projeto de lei você precisa de cinco por cento só pra entrar... só pra entrar:: depois tem que passar por todas as comissões... por todas as análises... por todas as votações... depois dois quintos do congresso... depois a ( ) nacional... as câmaras...

A3 – Sim.

A7 – O que é muito mais fácil? Você só precisa convencer UMA pessoa através de:: uma representação mais efetiva de uma participação mais efetiva de você tá dentro realmente da/ da::/ daquele ciclo de participação política... só precisa que uma pessoa vai lhe introduzir ali dentro e ali a parte vai ser analisada (através de todas) comissões... olhe sinceramente você pode tentar a vida toda conseguir esses cinco por cento... vai ser uma forma nobre de conseguir? É... mas sinceramente do fundo do seu coração você acha que vai conseguir cinco por cento pra conseguir um projeto de lei pra alterar uma emenda constitucional?

A3 – O que eu/ o que a gente tá fazendo não é isso. É::

A7 – Você falou que era uma constituinte

[

A3 – Não. Entenda. É a pressão é popular por que a gente espera que políticos se deem conta de que milhões de pessoas querem essa mudança e quando a pressão é concreta existem como na época teve aquela PEC37 ( ) eles mudaram... então a pressão é que o congresso chame o plebiscito... não é pra fazer uma lei nem nada é pra que eles chamem O plebiscito.

A7 – Pra exatamente o quê?

A2 – É um super abaixo-assinado que tá ocorrendo.

A7 – Mas pra o quê? É isso que eu tô perguntando.

A3 – O plebiscito será “você é a favor de uma constituinte soberana e exclusiva? Sim ou não?” A mai/ mais de cinquenta por cento respondendo SIM será criada uma constituinte... com deputados constituintes que serão eleitos é:: além dos que já estão eleitos na legislativa atual...

[

A7 – É isso que eu falo poxa! É muito

A3 – Não não é difícil

( )

A7 – Você quer alterar a constituição certo?

A3 – Não. Não é alterar a constituição.

A7 – Você falou nova constituinte nova... olha só... olha é isso que eu tô falando

A3 – Em dois mil e um foi (puxada) uma constituinte pro Brasil não entrar na ALCA... essa constituinte foi puxada com pouco mais de cinco milhões de assinaturas e o governo PSDBista queria que o governo/ que o Brasil entrasse na ALCA... que era um bloco político liderado pelos Estados Unidos de extremo neoliberalismo e povo cinco milhões de pessoas assinaram... cada um assinou sua cédula botou pressão... fizeram o plebiscito... povo não quis cabou... é a mesma coisa nesse caso.

A7 – Não. Mas sabe o que você falou... o que você falou foi que isso essa nova votação esse novo abai/ super abaixo-assinado é pra formação de uma nova constituinte com novos deputados da constituinte originários... a dificuldade disso... você tá tentando/ não é sério... você tá tentando mexer no macro... perfeito através de vários... mas a questão é você não vai conseguir nunca conseguir uma nova constituinte... a dificuldade disso é tremenda pô

A5 – Ele tá entrando em contradição!

A7 – NÃO!

( )

A7 – Olhe só... você tem que mexer o que eu creio sinceramente é que você deve tentar mexer em coisas específicas onde se tenha maior necessidade no momento... por exemplo

[

A3 – Não existe isso! Você não vai conseguir mudar um sistema político de

A7 – Não! Olhe só...

A6 – Discuta com Rodrigo depois!

( )

A2 – Só pra dar um informe em relação a isso é:: tão sendo criados/ já tem oitocentos e trinta comitês...

A3 – Quase novecentos comitês por todo Brasil.

A2 – Aqui no IF tem um... são quase novecentos microgrupos pra uma ação macro... e amanhã aqui no IF tá::/ vai tá ocorrendo algumas ações do comitê daqui

A3 – De conscientização ( )

A2 – Aí a gente vai montar uma tenda::... vai fazer uns negocinhos pro pessoal tirar foto... vai divulgar no *Facebook*

A3 – Ficar registrada a luta da juventude pelo plebiscito popular.

( )

((risos))

A7 – Mas é isso que eu falo falta ( ) mas falta especialização...

M – Ei! Mas vocês meninos... os meninos que não tão falando é::/ vocês acham/ vocês participam e vocês acham que é melhor no macro ou no micro? Que/ que é melhor não... mas vocês sentem mais interesse de participação e acham que tem mais afetividade quando participam?

A5 – O micro leva ao macro. Você começa dali do pequeno... você vai se especializando você vai juntando mais gente e você chega onde você quer. Eu acho assim.

A8 – É:: você ( ) como é que se diz? Com Julia ( ) uma coisa assim... pra discutir problemas da sociedade... aí eu ia... chegava sentava na cadeira lá escutava eles falando o pessoal se apresentando e:: em momento algum eu ou algum jovem era convidado a falar e a discutir sobre o que tava/ sobre aquilo que tava acontecendo... você ia lá só pra assistir... então assim eu acho muito mais fácil você conseguir chegar e impor... pelo menos pra mim... é muito mais fácil chegar aqui e poder dar minha opinião do que lá eu ter que ( ) das pessoas poder falar o que eu tô pensando ( )

A1 – Quando você tem... tipo você tem um grupo e todo/ todo mundo desse grupo ele quer uma única coisa... se juntar esse pessoal e por exemplo numa reunião dessa for esse pessoal esse grupo lá vai ter uma voz muito maior... por que todos querem uma única coisa então pode ( ) são representantes mas eles se movem... então o micro

[

A7 – Mas isso já é o macro não?

A1 – Não. É um grupo.

A3 – Se eu for lá defender o/ o Parque das Dunas? É o Coletivo Ambientalista micro lutando por uma coisa macro... é do micro pro macro.

A8 – Tinha até o que você falou pra convencer um político... A ação que eles tão fazendo do pe/ ple/ PLE-BIS-CI-TO do comitê/ desses comitês e tal é pra você mudar pra você convencer um

A3 – É

A8 – Uma pessoa

A3 – É uma massa tentando convencer uma pessoa e não um só

A7 – Então mas o que eu falo

((risos))

( )

A7 – ( ) Pra acabar isso o que eu falo é de especialização e saber realmente o que você tá querendo... (você falou de uma reforma duma constituinte) da assinatura... Pra quê? É isso que eu tô falando.

A3 – Existe já

A7 – Não. Não olha só. Pra quê?

A3 – Por um financiamento público de campanha... por um tempo igualitário ( )

[

A7 – Tem certeza que precisa de uma constituinte pra isso?

A2 – Próximo tópico.

( )

M – É::... Comunicação e redes sociais... eu acho que vai... né? melhor... vai fluir melhor... mais pacífico... é:::

( )

((risos))

M – Como vocês veem a relação de vocês com as mídias? Não só com internet mas com todas as mídias... é:: ninguém... na escola né? vocês utilizam? Vocês...

A6 – (Utiliza).

((risos))

A7 – As mídias sociais são as... as mídias sociais

[

A3 – acho que ninguém discorda que::

[

A7 – As mídias sociais são... é a real democracia da sociedade... eu acho... que através

[

M – Não não... eu tô querendo dizer assim as mídias é::... o uso/ o uso de equipamentos na escola né? é::... o uso de equipamentos de mídia na escola

A1 – Se favorece ou não?

M – Sim. Se vocês acham que é:: que ficou melhor assim...

A4 – Com certeza.

M – Por que antigamente o ensino era quadro professor e acabou... e hoje que tem outras milhões de coisas

A2 – Existe uma interatividade muito maior

A5 – Com certeza.

A7 – Ele manda o slide pelo/ pelo/ pelo *Facebook* do grupo

[

A5 – Vídeos

A7 – Vídeo... fala assim ( ) pessoas sem essa acessibilidade vinham pra aula num dia aula professor faltou... hoje em dia meia hora antes manda um::... um *whatsapp* ninguém sai de casa... então isso cresce muito a qualidade de vida... as pessoas quererem também se dedicar a estudar... então isso::

[

A5 – E gera até uma comunicação maior

[

A8 – Facilita tudo

A5 – ( )

((risos))

M – Assim se houve envolvimento né? se com isso vocês acharam que a sala de aula/ a turma mesmo se envolve mais... se agora é mais unida assim... o que é que vocês acham?

A5 – A gente que é caloura... antes de entrar todo mundo já se conhecia por causa disso das redes sociais

A8 – Ninguém me adicionou em nada ((bate na mesa)) Fui excluída!

((risos))

A5 – Bichinha! Tipo *Facebook* grupo do whatsapp foi criado antes de começar as aulas e todo mundo de certa forma já sabia quem era quem... é bem melhor.

M – Vocês acham que isso é bom?

A5 – Seria ruim se tipo a gente distanciasse a relação por conta disso... mas não... todo mundo é mais próximo por conta disso.

M – E::... o uso das redes sociais né? na verdade é:: vocês acham que aumentou a criticidade e autonomia participativa de vocês ou vocês conseguiram desenvolver melhor um senso crítico?

A8 – Sim.

M – Com a utilização...

A8 – Tem muitas vezes

[

A6 – Se você/ se você... se:: procura aquilo você vai conseguir desenvolver né? basta também... tem...

A4 – Interesse

A6 – É:: vai também da vontade da pessoa em conhecer mais.

A4 – Agora eu acho que tá o problema por que do mesmo jeito que você pode dá sua opinião é:: existe muita informação então eu acho que muita gente acha que tá muito bem informada e sai todo mundo dando qualquer informação... todo mundo achando que é certo sobre tudo.

A3 – Curti.

((risos))

A4 – Então eu acho que (produz) muitos problemas essas coisas assim... é:: então é isso ao mesmo tempo que é bom pra juntar o pessoal ( ) e tudo mais é:: o fato de ter muita informação faz com que muitas pessoas achem que tão dominando todo conteúdo.

A7 – Mas acho que até::/ até o lado ruim que seria esse hoje em dia já é bom... por que causa uma sensação da população uma:: deixar de lado essa confiança de cem por cento... por que por exemplo (o que acontecia com os livros) você pegava um livro aquilo era verdade absoluta você não tinha como::... e aí? Isso tá errado?

A3 – Comparar.

A7 – Comparar... hoje em dia causa a sensação na população de você pegar um livro muitas vezes e mesmo assim você querer pegar outra fonte pra confirmar se aquilo é verdade... ou seja eu acho que até esse lado ruim que se poderia destacar faz com que as pessoas pensem duas vezes mais atentos a questionar... então acho que isso é um lado positivo.

A5 – O problema é a segunda fonte que as pessoas vão procurar né? por que as vezes por exemplo a *Wikipédia* é um/ um:: canal que todo mundo usa pra fazer pesquisa... muitas pessoas... só que aquilo ali é:: é formado por pessoas como nós assim que tem um conhecimento básico sobre alguma coisa e vai e coloca... aí pra maioria das pessoas terem esse conhecimento? aí você lê aquilo ali achando que tá dominando tudo e na verdade não tá por que aquilo nem aquela pessoa que

[

A7 – Aí você não se preocupou em buscar outras fontes você buscou na primeira fonte imediata

A5 – É aí o problema é esse

[

A6 – Causa comodismo

A5 – Enquanto você/ enquanto você procura uma duas três quatro cinco fontes tem gente que se contenta com aquilo aí depois sai por aí espalhando uma opinião que na verdade nem era certo.

A2 – Mas o avanço dessas tecnologias da informação e comunicação em sociedade são acho que de forma positiva BEM maior do que o lado negativo... tem que existir essa questão do filtro sim... mas a gente vê desde a rádio de Gomes até o site do IF o quanto facilita a questão da comunicação é:: grupo em *whatsapp* em *Facebook* pra divulgar informações e a questão do estudo a questão de filtragem vai de cada um também... na questão da educação de cada um da::/ do senso crítico desenvolvido durante a vida... enfim.

M – Mais alguém? É::... com relação a exposição da vida privada?

A2 – E:::... Isso foi debatido hoje durante uma hora e meia.

M – Não... vamos ser um pouco mais ( )

A7 – Eu acho que não... sinceramente as pessoas muito reclamam disso não sei o que aconteceu na discussão de vocês mas::... em relação a isso eu acho que existe um pudor extremamente conservador que muitas vezes as pessoas usam dele pra se ( ) de outras coisas... por exemplo um::/ um artista ele muitas vezes ele quis chegar até ali ele quis ter aquela exposição mas muitas vezes fica de saco cheio por causa daquela exposição... será que ele num sabia daquilo? Da sua vida pessoal no *Facebook*... não... a sua vida pessoal no *Facebook* num é exposição na mídia? Você muitas vezes reclama "Ah! Por que rolou uma foto minha que eu não queria e as pessoas criticaram"... mas foi livre sua espontânea de tirar aquela foto ou de fazer aquele ato... então eu acho que existe um pudor muito grande das pessoas em relação a isso... acho que deveria ser mais livre isso.

A6 – Eu acho também que em relação a questão da internet da expo/ da exposição na mídia da sua vida privada na internet é:: tem vários modos de você evitar isso... e até mesmo os canais que você usa eles dão suporte pra você publicar aquilo só pra quem você quiser... cabe a cada um ter uma:: é:: de não se acomodar/ é um conhecimento maior

[

A7 – ( ) Se tu faz algo e tem vergonha do que tu fez eu acho que você

M – Não... mas muitas vezes até a própria pessoa se expõe...

( )

A7 – A própria pessoa se expondo?

M – É::... muitas vezes a própria pessoa ( )

A7 – Então não tem problema nenhum você se expor

( )

A7 – Não você se expõe eu olho se eu quiser... então eu não vejo isso problema nenhum em relação a isso.

A5 – Mas as vezes as pessoas que fazem isso tem falta de conhecimento por isso que fazem isso... não sabem que isso pode causar na vida dela um problema que pode acontecer...

A8 – A consequência de tudo... ou pensam "Ah! Isso acontece com os outros não vai acontecer comigo"

A5 – É::

A7 – Mas o que poderia acontecer com os outros que você faz

((risos))

A7 – Olha só eu penso assim/ eu penso o que é que os outros fazem que você quer fazer mas num quer que ninguém saiba?

M – A exposição

((risos))

A3 – Próximo tópico.

((risos))

A7 – É sério... o que é que você quer fazer e não quer que ninguém saiba? Eu acho que num existe

A6 – Oh... existe!

A1 – Diversas coisas!

A6 – ( ) Existe sim. Agora assim... você fazendo uma coisa que você quer que ninguém saiba e expor eu acho que é muita loucura da pessoa fazer isso... a não ser que:: é:: uma pessoa/ um terceiro exponha por você algo que você não queria expor e aí sim causa um problema... mas aí também tem a questão do::/ da punição que a pessoa pode receber... claro que a punição ela não vai tipo diminui o dano que aquilo causou pra você mas::...

A7 – Mas se você não tivesse feito alguma coisa de errado não teria nenhuma repercussão negativa.

A6 – Sim mas aí... cada um tá exposto a

( )

M – Não mas/ mas a questão... a questão é assim

[

A1 – Aqui no caso/ o caso que foi discutido hoje no gabinete foi o seguinte... uma menina foi gravada tomando banho trocando de roupa... alguma coisa do tipo... e filmaram... ela tá fazendo/ num tá fazendo nada errado mas uma outra pessoa filmou e expos... ela num fez nada errado.

A5 – Só que isso poderia causar uma repercussão negativa na vida dela se tivesse sido exposto.

A3 – Poderia não. Causou.

A5 – É.

A7 – Não mas isso já é um crime. É um crime.

A5 – Exato.

M – ( ) Em rede social? Existe punição pra...

A7 – Existe! Claro que existe!

A3 – Tem toda uma investigação

A7 – Existe uma punição...

( )

A3 – Apesar de que surgiu a questão de que no *whatsapp* você não pode descobrir quem foi o primeiro emissor daquele arquivo... então a/ independente de qualquer coisa eu acredito que o dano vai ser irrefutável... calma!

A7 – Irreparável.

A3 – Irreparável é... por que:: quando você/ independente da pessoa ser presa ou não as fotos já vazaram as pessoas já comentaram.

A5 – Exatamente. Não tem como voltar.

( )

A7 – Eu tava falando em relação a pensar a exposição na mídia dos seus atos voluntários... se isso ( ) isso já é um crime que... não... isso já é um crime que independentemente se fosse pela internet ou não é um crime que seria já de invasão de privacidade libidinagem honra

M – Mas e aquelas pessoas assim... por que na verdade esse tópico é so/ seria mais pras pessoas que::

A7 – Que fazem...

M – É:: vocês acham que são mais jovens são mais... é:: qual/ o que motiva uma pessoa a chegar e ir lá postar que tá no hospital que tá no banheiro ou que tá almoçando e postar foto do almoço... o que vocês acham que motiva isso?

A6 – Carência.

((risos))

A8 – Eu acho que é do amadurecimento da pessoa na sociedade por que eu vejo... tenho primas de onze anos que elas fazem coisas que pra mim não são certas... mas se eu pensar eu já fiz coisas parecidas com elas antes mas eu amadureci e eu aprendi que aquilo não era certo que não deveria fazer... e agora eu sei o que é certo... acho que vai da/ da::/ do amadurecimento da educação que você recebe também que parte de casa.

A5 – E o impacto que isso tem não é só da imagem da pessoa de me expor e agora coisa mas tipo as crianças hoje tudo com *Facebook* aí acabam postando que vão pra tal canto fazer isso... aí acontece sequestro uma pessoa esperando pra fazer uma maldade entendeu? E eles não tem conhecimento disso por que são crianças.

A1 – É::

( )

A5 – Não é sempre ligado à imagem da pessoa não tem isso também

A9 – Cada vez mais cedo é criança que não tem maturidade pra nada já tem em mãos um grande veículo de com/ é:: de comunicação que pode atingir o mundo todo aí imagine aí isso na cabecinha de uma criança nas mãos de uma pessoa que num tem nem noção da grandiosidade daquilo vai postar o que quer sem ter nem noção... é só inocência num sabe que tem muita gente maldosa que pode

A7 – É se uma pessoa... se ela num é absolutamente capaz cabe aos pais também julgar isso... se os pais abrem mão totalmente os pais acham que aquilo é certo.. então acho que é já um...

M – É:: com relação/ com relação à utilização das mídias e a quebra né? do tempo-espaço... hoje a gente pode fazer::/ pode utilizar a internet e:: *Facebook whatsapp* a hora que quiser onde quiser não existe mais nada que impeça né? a gente de utilizar alguma mídia alguma rede social... vocês acham que isso é ruim? Ou que isso é bom? Ou que agilizou a vida? Ou que melhorou?... o que foi que...

A6 – Isso aí eu acho que/ que::

M – Pode falar.

A6 – Pode? É uma questão ética... é... por exemplo se você tá numa sala de aula e você tá usando a rede social é::: tipo... você quer fazer aquilo mas você tem que ter consciência de que o professor ele tá lá pra dar a aula dele e você não vai poder atrapalhar... eu tenho um professor por exemplo que não se incomoda... se você tiver no celular na aula dele ele num tá nem aí você tá perdendo o assunto ele tá dando a aula dele você tá fazendo aquilo por que quer... mas cabe a você também é:: ver que aquilo é errado... se você quer tá usando a mídia social você num/ num vá pra aula... simplesmente fique ali fora da sala de aula usando... acho que isso atrapalha muito por que:: hoje com celular na mão e com internet por exemplo aqui no campus você tem internet sem fio você usa a internet aonde você quiser simplesmente acaba atrapalhando a/ as outras coisas né? que você tá fazendo.

M – Vocês.

A1 – Por que assim... tem o lado bom e tem o lado ruim como tudo/ todas as coisas da vida né? mas eu acho que agora no momento as mídias elas nos influenciam MUITO a gente acaba entrando num vício que você tem que tá olhando o celular a cada vinte minutos e eu já caí nesse vício... então tem um lado bom... tem um lado bom... mas tem um lado ruim também a gente tem que ponderar... será que isso/ essa é a hora de eu tá mexendo aqui? Entendeu? Vai da consciência e a consciência de uma pessoa é construída ao andar da sua vida... dos valores que você recebe tanto na escola quanto em casa tanto até num::/ num circulo de amigos entendeu? Vai muito da consciência da pessoa.

M – Alguém mais? Vocês acham que existem regras pra utilização das mídias ou... que na verdade são implícitas né? mas se existem quais são essas regras? Vocês podem dar algum exemplo?

A2 – Acho que é a mesma do mundo real é um código de ética que deve ser ( ) também nas redes sociais... acho que denegrir a imagem do próximo...

A5 – É:: é o respeito...

A1 – E que vai também de pessoa pra pessoa né?

A7 – O mundo virtual nada mais é do que a extensão do mundo real das pessoas eu acho que é simplesmente um espelho do que elas fazem... por exemplo se você cria um/ tem vários amigos que gostam de falar sobre determinado assunto na rede social vai falar sobre esse determinado assunto e tudo bem... Ah! E tem aquelas pessoas que se escondem se mascaram atrás dela mas aí já seria uma coisa a parte né? mas em relação a sociedade

A3 – A grande diferença é que você pode expor uma ideia que você::... sem ela/ sem internet você iria expor apenas pros amigos cê vai poder expor pro resto do mundo todinho.

A9 – Ela amplia! Amplia o::/ é a extensão do mundo real que amplia.

A7 – É uma arma cabe você saber usa-la de forma correta ou não.

M – Unhum... E::: todo mundo aqui faz parte do grupo do IF no face?

A5 – Acho que sim.

A1 – Acredito que sim.

A2 – Sim. Sim.

M – Acho que sim ou seja não participo... estou lá mas não participo.

A5 – Eu nem entro.

A3 – Ah! Participar de ser ativo?

M – Sim. Está lá e participa...

[

A3 – Não... eu entrei numa discussão uma vez

[

A2 – É:: eu tento fugir daquele grupo... por que eu sempre compartilho as coisas lá e mando o pessoal compartilhar as vezes.

M – É::: mas/ se/ pra quem participa né? pra quem tá lá e já participou ativamente... o que motivou vocês a...?

A2 – A história do grupo do:: (na verdade) são dois grupos do IF... existia um que acabou virando

A7 – Um chat de::

A2 – Um debate político... um debate (desnecessário) um estresse lá... e acabou criando-se outro grupo... é:::... ele funciona muito como uma ferramenta pra mim é um::/ meio que um site do IF de uma maneira mais informal... questão de divulgar informação as vezes de promover alguns debates... atualmente ele tá virando um cenário (totalmente) político só se vê postagens políticas lá... mas acho...

A7 – É um espelho dos alunos do IF também.

A2 – É::: serve pra divulgar trabalhos... sei lá:: uma apresentação ( ) aqui a gente usa bastante pra divulgar o Coletivo lá... eventos que vão ocorrer...

A6 – Até mesmo é:: negócio de:: da peça de Artes...

A4 – É os grupos de teatro.

A5 – É::: Da vez que eu usei esse grupo foi pra saber se tinha aula que tava

((risos))

A5 – É sério. Quando tava::/ foi voltar do recesso aí os ônibus estavam em greve e tipo todo mundo querendo saber se tinha aula ou não... aí ajudou bastante pessoas que não tinham conhecimento maior né?

M – Sim. É::: aí eu queria que todo mundo falasse é:: sobre as funções do *Facebook* curtir compartilhar postar e comentar... o que leva vocês... o que motiva a fazer cada um desses e qual opinião vocês tem por cada ferramenta dessa?

((risos))

A3 – Cada um tem sua função né? por exemplo eu geralmente uso compartilhar pra compartilhar informação...

( )

M – É o porquê você utiliza cada um não é pra que ela serve... é por que você utiliza.

A7 – Eu acho que eu uso quando eu quero::... é:: quando eu ( ) apoiar alguma ideia... comentar quando eu quero expressar minha opinião sobre aquele determinado tópico compartilhar muitas vezes quando eu quero iniciar uma discussão divulgar

uma informação... quando eu quero informar ( ) seja pessoal minha da minha vida ou quando seja alguma coisa que eu esteja participando...

A6 – Até como o próprio nome sugere compartilhar aquela ideia que tá exposta ali... por que:: tipo você vê aquela ideia no *Facebook* de um amigo seu e outro amigo seu não é amigo daquela pessoa e você as vezes quer compartilhar com ela você tem a opção compartilhar

( )

M – E o postar? Vocês costumam postar muito?

A7 – Pra iniciar o::

[

A3 – É o inicio do compartilhamento

A7 – É:: o inicio do compartilhamento... da sua exposição

A9 – Se você quiser expor alguma ideia você vai lá e posta.

A6 – Mas também aí:: tipo num é nem sempre o que você posta é algo intelectual e tal... você ( )

M – Mas isso é exigido?

A6 – Não... é.

( )

A5 – A maioria ( ) o que você queira compartilhar com as pessoas... a maioria das pessoas ( )

A7 – Num precisa ser só sobre política sobre religião sobre ciência... pode ser um assunto da sua vida

A5 – Algo que você tá...

( )

A6 – Tem uma lanchonete nova...

A5 – Inventaram um negocio agora que é o que estou assistindo... isso é mais futilidade ainda.

A1 – Por que as pessoas fazem isso?

A5 – Estou comendo num sei o que... assistindo num sei o que... aí o *Facebook* agora tem mais postagem fútil por causa disso

A7 – Deixar você feliz poxa.

A3 – É... mas aí eu gostei

[

A5 – Não! Nada contra mas eu acho que ninguém precisa saber nem ninguém quer saber né? e o povo comenta

A6 – Mas tem gente que quer saber tem gente que se incomoda que curte que...

A5 – Sim. Mas isso não significa que a pessoa quer saber... eu acho/ as vezes eu acho interessante saber se/ não saber se aquela pessoa ( ) mas tem gente que coloca "Ah! Eu tô ouvindo essa música"

A9 – Uma dica

A3 - Pronto

A5 - "tô lendo esse livro"

A1 – Não claro!

A5 - Ou "tô nesse restaurante"... eu não sabia que existia isso... não sabia que tinha aquilo e eu acho interessante é:: tipo ganhar conhecimento sobre:: não sobre aquela pessoa mas sobre é:: aquilo que ela faz que as vezes também me interessa e eu não tinha conhecimento daquilo.

M – Certo. Alguém quer falar mais alguma coisa sobre isso?

A9 – Eu acho que o uso do *Facebook* vai também da ideia do que você procura... do que você deseja usando a rede social por que por exemplo se eu tenho um amigo e ele posta uma coisa nada a ver então eu não preciso tá acompanhando o que ele faz todos os dias... eu posso desativar notificação essas coisas e vai/ daí você vai vendo é:: selecionando o que você quer ver ou não.

A3 – Eu acho interessante

A1 – Tornar tudo que você tem interesse tá ali

M – E as *hashtags*?

A5 – A meu Deus! Não! ((risos))

A2 – Não vejo muito sentido no uso também não.

A5 – Acho uma (grelha)

((risos))

A4 – Eu nunca vi

[

A2 – Tem uma função mas

[

A4 – A função da *hashtag*

A2 – A função é você clicar lá e ver todas as postagens que tiver aquela marcação.

A5 – Eu acho que é legal pra você pronto ir divulgar uma campanha

A3 – É:::

A5 – ( ) Da constituinte aí eu faço uma *hashtag* da constituinte aí eu vejo tudo sobre aquele tema

( )

A2 – Na época da ( ) Não vai ter greve... você clicava lá e tinha lá (cê tinha que) postar aquela marcação aquela *tag*

A5 – Agora tem gente que posta frases que posta uma frase... ((risos)) posta uma foto aí na legenda posta uma frase como *hashtag* que num tem nada a ver ter aquela *hashtag* ali aí você fica... é um negocio modinha mesmo.

A2 – É mesmo.

A6 – É::: virou de::/ dessa noção de compartilhar ideia também virou a questão de moda mesmo também

( )

A6 – É::

M – É:: sobre as manifestações sociais... vocês são do Coletivo né? então provavelmente participam de coisas de movimentos e tudo mais... é:: com relação ao/ a::/ ao movimento da merenda o ano passado aqui no IF que é:: teve repercussão pelo grupo no face né? e eu acho que aqui também... Vocês participaram? Vocês...

A5 – A gente não estudava aqui.

A2 – Acho que eu Mariana e Matheus... é::: com relação a essa questão a gente do Coletivo percebeu que existia uma grande insatisfação em relação a comunidade estudantil referente a alimentação... e::/ e a gente tentou de alguma forma... tá tentando ainda melhorar isso... é a cantina passava por outra gestão e na hora que a gente começou a ( ) essa campanha que a gente chamou de a merenda é nossa... a gente fez até alguns slogans que era *keep calm que a merenda é nossa*... é:: foi bem no intervalo que tava ocorrendo a troca da licitação da cantina pra outra. E paralelo a isso também é:: eu e mais o pessoal que não tava aqui/ que não tá aqui a gente teve a oportunidade de realizar uma pesquisa pela matéria de matemática é:: a professora uniu é:: esta/ a matéria de estatística com as pesquisas e a gente lançou essa pesquisa da merenda é nossa aliada a nossa matéria de matemática... a gente preparou um questionário com algumas perguntas pelo google docs pra não gastar papel é::: eu acho que foi respondida por mais de quatrocentas pessoas e a gente fez o levantamento disso com sugestões criticas tudo mais... fez todo levantamento levou pra direção e começou a iniciar o diálogo e desse diálogo a gente retirou a criação de um conselho na alimentação aqui da escola... esse conselho infelizmente atualmente tá meio sem funcionar por que só eu ainda tô na escola... tem mais três pessoas eu acho que acabaram saindo... é::: mas acho que o principal foco é realmente essa (criada) desse conselho aqui:: o conselho é formado por estudantes servidores e que essa comunidade possa fiscalizar de perto a alimentação seja do refeitório ou da cantina possa escutar sugestões de alunos e professores levar diretamente ao fiscal do contrato que é nossa nutricionista ou levar ao dono da cantina é::: enfim é fazer com que a merenda realmente seja nossa.

A9 – É como eu falei... quando/ a partir do momento que você tem uma abertura maior na escola pra ser ouvido você começa a pensar em outras questões e eu acho que a merenda tem muito disso... a partir do momento que João Vitor e::/ e::: ( ) perceberam que a direção tava atendendo a/ às questões dos estudantes eles resolveram pesquisar saber o que as pessoas realmente pensavam e:: o pessoal antes que não se sentia abraçado pela escola agora sim sente mais por que movimentos como esse estão sendo levados a sério... Eu acho que os mo/ as:: manifestações daqui da escola são muito importantes por que mesmo que nem todos saibam o que é o Coletivo mas saibam que é o projeto já dá pra ter a consciência de que você pode/ também pode criar um projeto pra tentar melhorar as condições da escola... e a merenda é uma coisa que quando eu entrei na escola eu nunca pensaria que poderia acontecer que nós poderíamos influenciar na cantina da escola por que sempre foi uma coisa que estava longe das minhas mãos entendeu? E o movimento social que é o Coletivo me proporcionou um debate maior a cerca desse assunto.

A3 – Isso passa também pela gestão democrática que o nosso campus vivencia é::/ a:: teve semana que o lanche do refeitório tá ruim teve outras que tava melhor... quando tá::/ começa a tomar uma certa frequência desse lanche ruim a gente vai diretamente ao nosso diretor de administração à nossa nutricionista e diz "oh, tem que melhorar isso isso e isso" e eles tentam o que tiver ao alcance deles fazer com que isso melhore.

( )

((risos))

M – É:: e o que motiva vocês a organização de movimentos? A organização de::/ de algum tipo de/ de:: manifestação social? Ou a participação sem ser organização... mas o que motiva vocês? Vocês participam de alguma coisa? Vocês participaram do daqui né? do da merenda... no de dois mil e treze que teve aquele/ aqueles né? em junho julho de dois mil e treze vocês participaram?

A5 – Eu fui... pra um dos últimos...

( )

M – Aquela passeata que teve imensa.

A1 – Eu acho que foi que tinha muitos ( ) que a gente até não ficou até o final por conta disso.

M – Vocês.

A5 – É quando a gente tipo sente na pele mesmo pronto protesto quando é a passagem do ônibus... quem anda de carro num tá nem aí mas a gente que paga todo dia que sente que pesa no bolso aquele valor a gente tá lá... num acho que a questão muito pessoal.

A6 – É questão de compartilhar necessidade que você tem com outras pessoas.

A9 – E tipo não afeta a gente mas pra eles você tem uma empregada e você vai pagar a passagem dela então lhe afeta por que você vai pagar mais direta ou indiretamente.

A7 – Sei lá... eu queria fazer um questionamento... queria fazer um questionamento em relação a isso... na época eu participei e tal por que eu/ eu acho que é uma causa válida e eu acho sim que é o começo pra muitas coisas... mas até eu tava na tua casa um dia tu foi lá em relação a::/ comecei aí sobre... não é serio por que ninguém vai fazer e sobre outras coisas que também existe um aumento excessivo e as pessoas não pensam... beleza os estudantes foram lá e reivindicaram as passagens conseguiram baixar... eu acho super válido mas será que o preço da carne num vale mais a pena lutar do que o::/ do que a passagem? Se você for pensar na questão financeira realmente o::/ a passagem aumentando vinte centavos por dia num significa nada em relação ao aumento de um determinado quesito que é obrigatório você se alimentar e as pessoas não pensam isso... acho que valeria também as pessoas pensarem que não só aquilo que lhe afeta ali diretamente mas aquele que lhe afeta ao seu redor por que você é obrigatório tá vivendo acho que era legal pensar sobre isso.

A5 – E cabe também tipo assim avaliar a situação por que a passagem subiu de novo né? quinze centavos aí "Ah! Num sei o que... vamos protestar!"... por que num protesta pra melhora/ pra me-lho-rar a qualidade do serviço? Por que é uma coisa ( )

A7 – Também acho

( )

A7 – Não! Não é. Não é.

A5 – Mas o foco

( )

A7 – É por que as pessoas falam hipocritamente. É igual falar/ teve uma greve aqui no IFRN é igual falar que os professores tão fazendo greve por melhoria na educação. É basicamente falar isso.

A5 – Não. Não é.

A7 – Não. É. Não. É isso. Mas é aquela coisa maquiada... se você for pegar realmente do coração dos professores que tão fazendo isso são poucos que tão fazendo... mas aquela coisa maquiado por que é aquela coisa bonita "Ah! Vamos lutar pela passagem!"... não. Mas muitas vezes é muito mais importante lutar pelo salário do funcionário pela/ pela qualidade do serviço.

A5 – E tipo eu penso essa questão do ônibus é tudo::/ tudo aumenta... essa caneta um dia foi bem mais barata do que você compra hoje... a passagem vai aumentar só que tipo você não deve protestar pra baixar o preço por que é:: o mundo é assim as coisas vão ficando mais caras com o passar do tempo.

A7 – E o salário vai aumentando ou seja...

A1 – Mas eu acho que protesto com o valor tá subentendido de que a qualidade não condiz com o que você paga entendeu?

A5 – É por que as pessoas botam foco nisso... no preço ( ) mas foca mais no serviço "ah! Por que os cobradores num sei o que"

( )

A6 – Depois que o movimento começa é:: o foco ele se distorce muito.

A1 – Verdade.

A5 – É::

A6 – Um exemplo foi esse aumento da passagem ano passado... no início todo mundo tava em prol daquilo... aí depois você ia... ia no/ no/ no protesto e via diversas placas uma protestando de uma coisa outra protestando de outra.

A7 – Eu acho uma coisa boa isso. Eu já acho uma coisa boa entendeu?

A6 – Mas se você... por que não colocar aquela ideia pra outro protesto.

A7 – Pra outro protesto. Pronto (isso tá bom) mas eu só acho difícil as pessoas quererem lutar realmente por aquilo entendeu? As pessoas não querem.

A9 – Essa coisa do gigante acordou começou por isso né? pela questão da passagem acabou que abordou tudo ali nesse ( ) eu acho interessante.

A7 – É.

M – Ãnham... e vocês organizam é:: eventos ou participam quando são convidados de/ de:: alguma coisa de algum evento pela/ pela rede social assim quando você/ quando vocês são convidados pelo *Facebook* pra algum evento vocês vão/ vocês vão lá e participam ou vocês criam algum evento?

A1 – Depende se for...

( )

M – Não. É se for coletivo. Alguma coisa coletiva né? não churrasco lá em casa.

((risos))

A7 – Mas tem o Luau do Natiruts é também uma coisa coletiva.

((risos))

A2 – Eu acho que essa participação na rede social

[

A7 – Não. Não. Não.

( )

((risos))

A5 – Poxa!

( )

A5 – Bichinho.

A2 – Sobre eventos.

A5 – Eventos.

A7 – Eu acho que...

M – Não mas é:: participação de eventos na rede social.

A7 – Acho que não é tão utilizado pra isso... acho que

[

A5 – É:: pra divulgar mais coisa privada.

A7 – Privada é::...

M – É:: e vocês/ mas vocês consideram eficientes é:: nos movimentos a part/ a presença física nas manifestações?

A1 – Com certeza.

A5 – Sim:::

A6 – Principalmente.

M – Qual é a relação que vocês fazem com a presença física nas manifestações e aquela pessoa que participa só virtualmente?

A6 – Acho que participar virtualmente tem um impacto claro... mas ele não vai ser::/ ele não vai ser tão bem visto e não vai ser também:: não vai chegar a uma escala tão grande ( )

A7 – Mas muitas vezes só chegou àquela escala é:: tão grande por que começou no virtual com aquela pessoa que não quer se expor de forma alguma e muitas vezes é:: as pessoas não saem da sua casa mas por exemplo tão lá na varandazinha grava alguma coisa do protesto e realmente é aquilo aquela coisa errada que/ que gravou que se dissemina e que gera realmente uma... ou seja uma coisa leva à outra... virtual leva ao presencial ao físico e o físico leva ao virtual e vai fazendo ciclos ou seja uma coisa ligada à outra.

A6 – Não. Com certeza o virtual ele é que vai puxar o físico só que no físico o impacto é bem maior... se você::/ você

[

A5 – A visibilidade maior

A6 – Do momento que você vai por exemplo alguém lhe convida prum evento prum protesto... aí você confirma no face aí você vai lá e comenta e dá::/ dá a sua opinião e a galera curte... aí você não vai pro protesto ou seja ( )

A7 - Em casa você divulga um vídeo do protesto entendeu? Eu acho que o físico em si por si só não tem poder basicamente imagina aí mil pess/ um milhão de pessoas saem pra rua... beleza ninguém falou mais nada ninguém fala mais nada depois aí as mil pessoas vão lá caminhar chegaram em casa aí acabou entendeu?

A6 – Mas você::

A7 – Não vai ter

( )

A5 – Por exemplo quando (ocorreram) os protestos depois começou aquela (ruma) de violência e tinha (jovens) que não podiam ir... os pais não deixavam e tudo mais

A7 – Tem as contribuições

A5 – Aí eles ajudavam em casa ( ) forma de dar força por exemplo se você tá lá numa luta e você tá fazendo aquela luta sozinho e não tem ninguém pra dizer/ pra dizer assim "não! Vamos lá você vai conseguir! É:: o objetivo vai ser alcançado" num vai adiantar então é sempre bom ter alguém pra incentivar e o::/ a::/ as redes sociais podem ser uma coisa um incentivo.

A6 – Agora assim... vai de caso pra caso né? Se você::

A1 – Ficar SÓ nas redes sociais

A6 – É:: se você realmente acredita que::/ se você realmente quer na verdade mudar aquilo a sua presença é de fato importante se você quer ser da liderança naquilo entendeu? Você::

A5 – Tem que ter os dois

A6 – É::

A5 – Por que é assim não pode existir o movimento ( ) por que muitos encontros foram marcados pelas redes sociais... então ele estava lá pra dizer "Olhe! vai ser aqui... tal hora" então isso foi fundamental... por exemplo eu não fui pra nenhum... também não pude ir mas eu/ eu vi... eu participei eu conversei com fulano eu incentivei outros a ir... outras pessoas que podiam... então eu acho que eu dei muita força/ muita força pra esse movimento e eu acho que eu fiz parte desse momento mesmo sem estar lá... agora fulano... pronto você foi com sei pai você também deu muito incentivo por que você estava participando daquilo... então eu acho que uma coisa se junta com a outra é um casamento assim.

M – E vocês acham é:: que as manifestações podem mudar? São eficientes?

A1 – Claro.

A9 – Com certeza.

A3 – O plebiscito é resultado das manifestações do ano passado.

A9 – E:: o coisa das passagens também.

A5 – É:: baixou de fato... o preço abaixou.

M – Certo. Alguém tem mais alguma coisa pra falar? Quer comentar alguma coisa?

A7 – Em relação àquela discussão

((risos))

A2 – No caminho de casa... no caminho de casa vocês vão conversando...

A6 – Vocês deixem pra conversar em casa

M – Então é:: eu vou encerrar... muito obrigada pela opinião de vocês certo?